



Allan
KARDEC

O CÉU
E O INFERNO

O Céu e o Inferno

O Céu e o Inferno

ou
A Justiça divina segundo
o Espiritismo

Contém

O EXAME COMPARADO DAS DOCTRINAS SOBRE A PASSAGEM DA VIDA CORPÓREA À VIDA ESPIRITUAL, AS PENALIDADES E RECOMPENSAS FUTURAS, OS ANJOS E OS DEMÔNIOS, AS PENAS ETERNAS ETC., SEGUIDO DE NUMEROSOS EXEMPLOS DA SITUAÇÃO REAL DA ALMA DURANTE E DEPOIS DA MORTE.

por

Allan Kardec



“Juro por mim mesmo — disse o Senhor Deus — que não quero a morte do ímpio, e sim que ele se converta, que deixe o mau caminho e que viva.” (EZEQUIEL, 33:11.)

Tradução de Evandro Noleto Bezerra



Copyright © 2009 by
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB

2ª edição – 1ª impressão – 30 mil exemplares – 7/2013

ISBN 978-85-7328-755-4

Título do original francês:
Le Ciel et l'enfer ou La Justice divine selon le spiritisme

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do *copyright*.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB
Av. L2 Norte – Q. 603 – Conjunto F (SGAN)
70830-030 – Brasília (DF) – Brasil
www.feblivraria.com.br
editorial@febnet.org.br
+55 61 2101 6198

Pedidos de livros à FEB – Departamento Editorial
Tel.: (21) 2187-8282 / Fax: (21) 2187-8298

Texto revisado conforme o Novo Acordo Ortográfico.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Federação Espírita Brasileira – Biblioteca de Obras Raras)

K18c Kardec, Allan, 1804–1869.

O céu e o inferno, ou, a justiça divina segundo o espiritismo: exame comparado das doutrinas sobre a passagem da vida corpórea à vida espiritual, as penalidades e recompensas futuras, os anjos e os demônios, as penas eternas etc. Seguido de numerosos exemplos da situação real da alma durante e depois da morte / por Allan Kardec; [tradução de Evandro Noleto Bezerra a partir da 4ª edição francesa de 1869]. – 2. ed. 1. ed. – Brasília: FEB, 2013.

411 p.; 23 cm

Tradução de: *Le Ciel et l'enfer ou La Justice divine selon le spiritisme*

ISBN 978-85-7328-755-4

1. Espiritismo. 2. Justiça divina – Interpretações Espíritas. I. Bezerra, Evandro Noleto, 1949–. II. Federação Espírita Brasileira. III. Título.

CDD 133.9
CDU 133.7
CDE 00.06.01

Sumário

Prefácio	9
----------------	---

PRIMEIRA PARTE

Doutrina

Capítulo I – O porvir e o nada	17
Capítulo II – Temor da morte	25
Causas do temor da morte: 25; Por que os espíritas não temem a morte: 29.	
Capítulo III – O céu	31
Capítulo IV – O inferno	43
Intuição das penas futuras: 43; O inferno cristão imitado do inferno pagão: 44; Os limbos: 46; Quadro do inferno pagão: 47; Descrição do inferno cristão: 54.	
Capítulo V – O purgatório	63
Capítulo VI – Doutrina das penas eternas	69
Origem da doutrina das penas eternas: 69; Argumentos a favor das penas eternas: 74; Impossibilidade material das penas eternas: 78; A doutrina das penas eternas fez sua época: 80; Ezequiel contra a eternidade das penas e o pecado original: 82.	
Capítulo VII – As penas futuras segundo o Espiritismo	85
A carne é fraca: 85; Princípios da Doutrina Espírita sobre as penas futuras: 87; Código penal da vida futura: 88.	
Capítulo VIII – Os anjos	99
Os anjos segundo a Igreja: 99; Refutação: 103; Os anjos segundo o Espiritismo: 108.	
Capítulo IX – Os demônios	111
Origem da crença nos demônios: 111; Os demônios segundo a Igreja: 114; Os demônios segundo o Espiritismo: 124.	

Capítulo X – Intervenção dos demônios nas modernas manifestações.....	127
Capítulo XI – É proibido evocar os mortos?	143

SEGUNDA PARTE

Exemplos

Capítulo I – A passagem.....	155
Capítulo II – Espíritos felizes	163
Sanson: 163; Jobard: 172; Samuel Philippe: 176; Van Durst: 180; Sixdeniers: 181; Dr. Demeure: 184; Viúva Foulon (Wollis, quando solteira): 188; Um médico russo: 196; Bernardin: 199; Condessa Paula: 200; Jean Reynaud: 203; Antoine Costeau: 206; Emma Livry: 209; Dr. Vignal: 211; Victor Lebuffe: 213; Anaïs Gourdon: 215; Maurice Gontran: 216.	
Capítulo III – Espíritos em condições medianas.....	219
Joseph Bré: 219; Hélène Michel: 220; Marquês de Saint-Paul: 222; Dr. Cardon, médico: 223; Eric Stanislas: 227; Anna Belleville: 229.	
Capítulo IV – Espíritos sofredores.....	235
O castigo: 235; Novel: 237; Auguste Michel: 238; Exprobrações de um boêmio: 240; Lisbeth: 241; Príncipe Ouran: 244; Pascal Lavic: 246; Ferdinand Bertin: 248; François Riquier: 251; Claire: 252.	
Capítulo V – Suicidas.....	261
O suicida da Samaritana: 261; O pai e o conscrito: 263; François-Simon Louvet: 265; Mãe e filho: 267; Duplo suicídio, por amor e por dever: 270; Luís e a pespontadeira de botinas: 273; Um ateu: 275; Félicien: 281; Antoine Bell: 284.	
Capítulo VI – Criminosos arrependidos	289
Verger: 289; Lemaire: 292; Benoist: 295; O Espírito de Castelnaudary: 297; Jacques Latour: 303.	
Capítulo VII – Espíritos endurecidos.....	317
Lapommeray: 317; Angèle, nulidade sobre a Terra: 322; Um Espírito aborrecido: 324; A rainha de Oude: 326; Xumène: 328.	

Capítulo VIII – Expições terrestres	331
Marcel, o menino do nº 4: 331; Szymel Slizgol: 334; Julienne-Marie, a mendiga: 339; Max, o mendigo: 343; História de um criado: 345; Antonio B...: 347; Letil: 350; Um cientista ambicioso: 352; Charles de Saint-G..., deficiente mental: 354; Adélaïde-Marguerite Gosse: 358; Clara Rivier: 360; Françoise Vernhes: 362; Anna Bitter: 364; Joseph Maître, o cego: 367.	
Nota Explicativa.....	371
Índice Geral	377

PREFÁCIO¹

O título desta obra indica claramente o seu objetivo. Nela reunimos todos os elementos destinados a esclarecer o homem quanto ao seu destino. Como em nossas publicações anteriores sobre a Doutrina Espírita, nada colocamos neste livro que seja produto de um sistema preconcebido ou de concepção pessoal, que, aliás, não teria nenhuma autoridade. Tudo foi deduzido da observação e da concordância dos fatos.

O livro dos espíritos contém as bases fundamentais do Espiritismo; é a pedra angular do edifício. Todos os princípios da Doutrina aí se acham expostos, até mesmo os que constituem o seu coroaamento. Entretanto, era preciso dar-lhes maiores desenvolvimentos e deduzir todas as suas consequências e aplicações, à medida que tais bases se desdobrassem pelo ensino complementar dos Espíritos e mediante novas observações. Foi o que fizemos em relação a *O livro dos médiuns* e com *O evangelho segundo o espiritismo*, no tocante a pontos de vista especiais; é o que fazemos nesta obra, sobre outro ponto de vista, e é o que faremos sucessivamente nas demais obras que nos restam publicar e que virão a seu tempo.

As novas ideias só frutificam quando a terra está preparada para recebê-las. Ora, por terra preparada não se deve entender algumas inteligências precoces, que apenas dariam frutos isolados, mas um certo conjunto na predisposição geral, a fim de que não só dê frutos mais abundantes, senão que a ideia, ao encontrar maior número de pontos de apoio, também encontre menos oposição e seja, assim, mais forte para resistir

¹ N.T.: Este *Prefácio* não fazia parte da 4ª edição francesa [1869] de *O céu e o inferno* — edição definitiva — que serviu de base para esta tradução. Apareceu na 1ª edição do livro, publicada em agosto de 1865. Ao inseri-lo aqui, tivemos em vista resgatar para as novas gerações estes escritos quase desconhecidos do Codificador do Espiritismo e oferecê-los aos estudiosos da Doutrina Espírita.

aos seus antagonistas. *O evangelho segundo o espiritismo* já era um passo à frente; *O céu e o inferno* é um passo a mais, cujo alcance será facilmente compreendido, porque toca profundamente em certas questões; contudo, não poderia ter vindo mais cedo.

Se considerarmos a época em que surgiu o Espiritismo, facilmente reconheceremos que ele chegou na hora exata, nem mais cedo, nem mais tarde. Mais cedo, teria abortado, porque, não sendo numerosas as simpatias, teria sucumbido sob os golpes dos adversários. Mais tarde, teria perdido a ocasião favorável para eclodir; as ideias poderiam tomar outro rumo, do qual seria difícil desviá-las. Era preciso deixar ao tempo o cuidado de consumir as velhas ideias e provar a sua insuficiência, antes de apresentar outras mais novas.

As ideias prematuras costumam malograr porque as criaturas não estão maduras para as compreenderem, nem sentem por ora a necessidade de uma mudança de posição. Hoje, é inegável para todo mundo que um grande movimento se manifesta na opinião geral; que uma reação formidável se opera progressivamente contra o espírito estacionário ou retrógrado da rotina; que os satisfeitos da véspera são os impacientes do dia seguinte. A humanidade está em processo de gestação; existe alguma coisa no ar, uma força irresistível a impele para frente, à semelhança de um jovem, mal saído da adolescência e que entrevê novos horizontes, embora não os possa definir, e que se desfaz das fraldas da infância. O homem quer coisa melhor: alimentos mais sólidos para a razão. Esse desejo do melhor, porém, ainda não está bem definido. Buscam-no sem cessar, todos trabalham para isso, desde o crente até o incrédulo, desde o lavrador até o sábio. O universo é um vasto canteiro de obras; uns demolem, outros constroem; cada um talha sua pedra para o novo edifício, cujo plano definitivo é prerrogativa do Grande Arquiteto e cuja economia só será compreensível quando suas formas começarem a delinear-se acima da superfície do solo. E foi justamente este o momento escolhido pela Soberana Sabedoria para o advento do Espiritismo.

Os Espíritos que presidem ao grande movimento regenerador agem, pois, com grande sabedoria e previdência, coisa que os homens não podem fazer, porque aqueles abrangem a marcha geral dos acontecimentos, enquanto nós outros não vemos senão o círculo limitado do nosso horizonte. Tendo chegado os tempos da renovação, consoante os decretos divinos, era

necessário que, no meio das ruínas do velho edifício, o homem vislumbras-se, para não ser tolhido pelo desânimo, as bases da nova ordem de coisas que iria estabelecer-se; era preciso que o marinheiro pudesse perceber a estrela polar que o haveria de guiar ao porto.

A sabedoria dos Espíritos, que o aparecimento do Espiritismo tornou patente e que foi revelada quase instantaneamente por toda a Terra e na época mais propícia, não é menos evidente na ordem e na gradação lógicas das revelações complementares sucessivas. Não está no poder de ninguém constringer a vontade deles quanto a isto, visto que eles não regulam os seus ensinamentos de acordo com a impaciência dos homens. Não nos basta dizer: “Gostaríamos de ter tal coisa”, para que ela nos seja concedida; e, menos ainda, dizer a Deus: “Julgamos que é chegada a hora para que nos dê tal coisa, pois nos julgamos bastante adiantados para recebê-la”, o que equivaleria a dizer: “Sabemos melhor que vós o que convém fazer.” Aos impacientes, os Espíritos respondem: “Começai primeiro por saber bem, compreender bem e, sobretudo, praticar bem o que já sabeis, a fim de que Deus vos julgue dignos de vos trazer mais conhecimentos. Depois, quando chegar o momento, saberemos agir e escolheremos os nossos instrumentos.”

A primeira parte desta obra, chamada *Doutrina*, contém o exame comparado das diversas crenças sobre o céu e o inferno, os anjos e os demônios, as penas e as recompensas futuras. O dogma das penas eternas é aí tratado de maneira especial e refutado por argumentos colhidos das próprias leis da natureza, leis que demonstram, não só o seu lado ilógico, centenas de vezes já assinalado, como a sua impossibilidade material. Com as penas eternas, caem naturalmente as consequências que se acreditavam tirar de tal doutrina.

A segunda parte encerra numerosos exemplos que sustentam a teoria, ou melhor, que serviram para o seu estabelecimento. A autoridade deles se baseia na diversidade dos tempos e dos lugares onde foram obtidos, porquanto, se emanassem de uma fonte única, poder-se-ia considerá-los como produto de uma mesma influência; baseia-se, além disso, na sua concordância com o que se obtém todos os dias, seja onde for que as pessoas se ocupem das manifestações espíritas, encaradas sob um ponto de vista sério e filosófico. Tais exemplos poderiam ser multiplicados ao infinito, visto que não há Centro Espírita que não possa fornecer um notável contingente deles.

Para evitarmos repetições cansativas, tivemos de fazer uma escolha criteriosa entre os exemplos mais instrutivos. Cada um deles é um estudo, em que todas as palavras têm o devido alcance para quantos desejem meditá-los com atenção, visto que de cada ponto jorra uma nova luz sobre a situação da alma após a morte e sobre a passagem, até agora tão obscura e temida, da vida corpórea à vida espiritual. É o guia do viajante, antes de adentrar em país novo. Aí a vida de além-túmulo se desdobra em todos os seus aspectos, como um vasto panorama, de modo que todos poderão haurir, neste livro, novos motivos de esperança e de consolação e novas bases para o fortalecimento da fé no futuro e na Justiça de Deus.

Nesses exemplos, tomados em sua maioria dos fatos contemporâneos, dissimulamos os nomes próprios toda vez que julgamos útil fazê-lo, em razão de conveniências facilmente compreensíveis. Quem se interessar por eles os reconhecerá sem dificuldade. Para o público, nomes mais ou menos conhecidos e mesmo obscuros não teriam acrescentado coisa alguma à instrução que deles se podem tirar.

As mesmas razões que nos fizeram omitir os nomes dos médiuns em *O evangelho segundo o espiritismo*, levaram-nos a omiti-los também nesta obra, tendo em vista mais o futuro do que o presente. A importância dos médiuns é pequena, já que não se poderia atribuir-lhes nenhum mérito por uma coisa em que o espírito deles não teve qualquer participação. Além disso, a mediunidade não é uma prerrogativa de tal ou qual indivíduo, mas uma faculdade fugaz, subordinada à vontade dos Espíritos que querem comunicar-se, que se possui hoje e pode faltar amanhã e que nunca é aplicável a todos os Espíritos indistintamente, não constituindo, por isso mesmo, nenhum mérito pessoal, como seria um talento conquistado pelo trabalho e pelos esforços da inteligência. Os médiuns sinceros, os que compreendem a gravidade da missão que desempenham, consideram-se como instrumentos, que a vontade de Deus pode aniquilar quando bem o entender, caso não atuem segundo os seus desígnios. São felizes por possuírem uma faculdade que lhes permite serem úteis, mas da qual não podem envaidecer-se. Aliás, nós nos conformamos, acerca deste ponto, aos conselhos dos nossos guias espirituais.

Quis a Providência que a nova revelação não fosse privilégio de pessoa alguma, mas que tivesse seus órgãos por toda a Terra, em todas as famílias, entre os grandes como entre os pequenos, conforme estas palavras do

Evangelho, de que os médiuns de hoje são o cumprimento: “Nos últimos tempos, diz o Senhor, derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e filhas profetizarão, vossos jovens terão visões e vossos velhos sonharão. Naqueles dias, derramarei o meu Espírito sobre os meus servos e servas, e eles profetizarão.” (ATOS, 2:17 e 18.)

Mas o Senhor também disse: “Haverá falsos cristos e falsos profetas.” (Veja-se *O evangelho segundo o espiritismo*, capítulo XXI.) Ora, esses últimos tempos são chegados. Não se trata do fim do mundo material, como a princípio julgaram, mas do fim do mundo moral, isto é, da era da regeneração.

ALLAN KARDEC

Primeira Parte



Doutrina

- | | |
|---------------|--------------------------------------------------------|
| Capítulo I | O porvir e o nada |
| Capítulo II | Temor da morte |
| Capítulo III | O céu |
| Capítulo IV | O inferno |
| Capítulo V | O purgatório |
| Capítulo VI | Doutrina das penas eternas |
| Capítulo VII | As penas futuras segundo o Espiritismo |
| Capítulo VIII | Os anjos |
| Capítulo IX | Os demônios |
| Capítulo X | Intervenção dos demônios nas
modernas manifestações |
| Capítulo XI | É proibido evocar os mortos? |

CAPÍTULO I



O porvir e o nada

1. Vivemos, pensamos e agimos: eis o que é positivo. E morremos, o que não é menos certo. No entanto, deixando a Terra, para onde vamos? Que seremos após a morte? Estaremos melhor ou pior? Existiremos ou não? *Ser ou não ser*, tal a alternativa. Para sempre ou para nunca mais; ou tudo ou nada; ou vivemos eternamente ou tudo se aniquilará para todo o sempre. Vale a pena pensarmos nisto.

Todo homem experimenta a necessidade de viver, de gozar, de amar, de ser feliz. Dizei ao moribundo que ele viverá ainda, que a sua hora é retardada; dizei-lhe sobretudo que será mais feliz do que porventura o tenha sido e seu coração palpitará de alegria. Mas para que servirão essas aspirações de felicidade se um leve sopro é capaz de dissipá-las?

Haverá algo mais desesperador do que essa ideia da destruição absoluta? Afeições caras, inteligência, progresso, saber laboriosamente adquirido, tudo despedaçado, tudo perdido! De nada nos serviria, portanto, qualquer esforço para nos tornarmos melhores, para reprimirmos as nossas paixões, para ilustrarmos os nossos espíritos, desde que nada aproveitássemos de tudo isso, considerando-se a opinião de que amanhã, talvez, isso já não nos serviria para coisa alguma! Se fosse assim, a sorte do homem seria cem vezes pior que a do animal, porque este vive inteiramente do presente, com vistas à satisfação dos seus apetites materiais, sem aspiração para o futuro. Uma secreta intuição, porém, nos diz que isso não é possível.

2. Pela crença no nada o homem concentra, forçosamente, todos os seus pensamentos na vida presente. Não faria sentido, é lógico, preocupar-se com um futuro do qual nada se espera. Esta preocupação exclusiva do presente leva o homem naturalmente a pensar em si, de preferência a tudo;

é, pois, o mais poderoso estimulante do egoísmo e o incrédulo é coerente consigo mesmo quando chega à seguinte conclusão: gozemos enquanto estamos aqui; gozemos o mais possível, pois com a morte tudo se acaba; gozemos depressa, porque não sabemos por quanto tempo estaremos vivos. É coerente também com esta outra conclusão, muito mais grave ainda para a sociedade: gozemos apesar de tudo, gozemos de qualquer modo, cada qual por si; a felicidade, neste mundo, é do mais astuto.

Se o respeito humano retém algumas pessoas, que freio haverá para os que nada temem? Estes últimos acreditam que as leis humanas só alcançam os tolos e assim empregam todo o seu talento no melhor meio de se esquivarem a elas. Se há uma doutrina *insensata* e *antissocial*, é, seguramente, o *niilismo*, porque rompe os verdadeiros laços de solidariedade e fraternidade, em que se fundam as relações sociais.

3. Suponhamos que, por uma circunstância qualquer, todo um povo adquire a certeza de que em oito dias, num mês ou num ano será aniquilado; que nem um só indivíduo sobreviverá, nem restará traço algum de sua existência após a morte. Que fará esse povo durante esse tempo? Trabalhará pela sua melhoria, pela sua instrução? Entregar-se-á ao trabalho para viver? Respeitará os direitos, os bens, a vida do seu semelhante? Submeter-se-á a qualquer lei ou autoridade por mais legítima que seja, mesmo a paterna? Haverá para ele um dever qualquer? Certo que não. Pois bem! O que não se dá coletivamente, a doutrina do niilismo realiza todos os dias individualmente. Se as consequências não são tão desastrosas quanto poderiam ser, é, em primeiro lugar, porque na maioria dos incrédulos há mais bravata que verdadeira incredulidade, mais dúvida que convicção, possuindo eles mais medo do nada do que pretendem aparentar, já que o qualificativo de espíritos fortes lisonjeia-lhes o amor-próprio; em segundo lugar, porque os incrédulos absolutos se contam por ínfima minoria; sujeitam-se, a contragosto, ao ascendente da opinião contrária e são mantidos por uma força material. Se a incredulidade absoluta se tornasse maioria, a sociedade entraria em dissolução. Eis aonde nos leva a doutrina do niilismo.²

² Nota de Allan Kardec: Um jovem de 18 anos estava afetado por uma enfermidade do coração considerada incurável. A Ciência havia dito: “Ele pode morrer dentro de oito dias ou de dois anos, mas não irá além.” Sabedor do fato, o rapaz logo abandonou os estudos e entregou-se a excessos de todo o gênero. Quando lhe advertiam que, dada a sua situação, uma vida desregrada era perigosa para a sua saúde, respondia: “Que me importa, já que só tenho dois anos de vida? De que me serviria fatigar o espírito? Gozo o pouco que me resta e quero divertir-me até o fim.” — Eis a consequência lógica do niilismo.

Fossem quais fossem, porém, as suas consequências, se o niilismo fosse uma verdade, seria preciso aceitá-la de qualquer modo, pois nem sistemas contrários, nem a ideia dos males que daí pudessem resultar seriam capazes de impedir-lhe a existência. Ora, não há como negar que o ceticismo, a dúvida e a indiferença ganham terreno dia a dia, apesar dos esforços da religião; isto é positivo. Se a religião é impotente contra a incredulidade, é que lhe falta alguma coisa para combatê-la, e caso se condenasse à imobilidade, em pouco tempo estaria infalivelmente ultrapassada. O que lhe falta neste século de positivismo, em que se procura compreender antes de crer, é a sanção de suas doutrinas por meio de fatos positivos; é também a concordância de certas doutrinas com os dados positivos da Ciência. Dizendo ela ser branco o que os fatos dizem ser negro, é preciso optar entre a evidência e a fé cega.

4. É nestas circunstâncias que o Espiritismo vem opor um dique à invasão da incredulidade, não somente pelo raciocínio e pela perspectiva dos perigos que ela acarreta, mas pelos fatos materiais, tornando visíveis e tangíveis a alma e a vida futura. Certamente todos somos livres na escolha das nossas crenças; podemos crer em alguma coisa ou não crer em coisa alguma, mas aqueles que procuram fazer prevalecer no espírito das massas, principalmente da juventude, a negação do futuro, apoiando-se na autoridade do seu saber e no ascendente da sua posição, semeiam na sociedade os germes de perturbação e dissolução, incorrendo em grande responsabilidade.

5. Há uma outra doutrina que se defende do epíteto de materialista, porque admite a existência de um princípio inteligente fora da matéria: é a da *absorção no Todo Universal*. Segundo esta doutrina, cada indivíduo assimila ao nascer uma parcela desse princípio, que constitui sua alma e lhe dá a vida, a inteligência e o sentimento. Pela morte, esta alma volta ao foco comum e se perde no infinito, qual gota d'água no oceano.

Sem dúvida esta doutrina é um passo adiante sobre o materialismo puro, visto como admite alguma coisa, ao passo que este nada admite.

Se esse moço fosse espírita, provavelmente teria dito: "A morte só destruirá o corpo, que deixarei como roupa usada, mas o meu Espírito viverá sempre. Serei na vida futura aquilo que eu próprio houver feito de mim nesta vida; nada do que nela puder adquirir em qualidades morais e intelectuais será perdido; ao contrário, será outro tanto de ganho para o meu adiantamento; toda imperfeição de que me livrar será um passo a mais para a felicidade. A minha ventura ou infelicidade depende da utilidade ou inutilidade da presente existência. É, portanto, de meu interesse aproveitar o pouco tempo que me resta, e evitar tudo que possa diminuir minhas forças."

Qual destas doutrinas é preferível?

Contudo, as consequências são exatamente as mesmas. Ser o homem imerso no nada ou no reservatório comum, é para ele a mesma coisa. Se, no primeiro caso, ele é aniquilado, no segundo perde a sua individualidade; logo, é como se não existisse, visto que as relações sociais nem por isso deixam de romper-se, e para sempre. O que é essencial para o homem é a conservação do seu *eu*; sem este, que lhe importa se subsistirá ou não? O futuro se lhe afigura sempre nulo, e a vida presente é a única coisa que o interessa e preocupa. Sob o ponto de vista das consequências morais, esta doutrina é tão perversa, tão desesperadora e estimula de tal modo o egoísmo quanto o materialismo propriamente dito.

6. Pode-se, além disso, fazer esta objeção: todas as gotas de água tomadas ao oceano se assemelham e possuem idênticas propriedades como partes de um mesmo todo. Por que, então, as almas, tomadas ao grande oceano da inteligência universal assemelham-se tão pouco? Por que o gênio ao lado da estupidez, as mais sublimes virtudes convivendo com os vícios mais ignóbeis? Por que a bondade, a doçura, a mansuetude ao lado da maldade, da crueldade, da barbaria? Como podem ser tão diferentes entre si as partes de um mesmo todo homogêneo? Dir-se-á que é a educação que a modifica? Mas então de onde vêm as qualidades inatas, as inteligências precoces, os instintos bons e maus, independentes de toda educação e tantas vezes em desarmonia com o meio no qual se desenvolvem?

É fora de dúvida que a educação modifica as qualidades intelectuais e morais da alma. Aqui, porém, se apresenta outra dificuldade. Quem dá à alma a educação para fazê-la progredir? Outras almas, que por sua origem comum não devem ser mais adiantadas. Por outro lado, tornando a alma a entrar no Todo Universal, de onde havia saído, e havendo progredido durante a vida, leva-lhe um elemento mais perfeito. Daí se deduz que esse Todo, com o passar do tempo, se encontraria profundamente modificado e melhorado. Assim, como se explica saírem incessantemente dele almas ignorantes e perversas?

7. Nesta doutrina, a fonte universal de inteligência que abastece as almas humanas é independente da Divindade; não é precisamente o *panteísmo*. O *panteísmo* propriamente dito considera o princípio universal de vida e de inteligência como constituindo a Divindade. Deus é ao mesmo tempo espírito e matéria; todos os seres, todos os corpos da natureza compõem a Divindade, da qual são as moléculas e os elementos constitutivos.

Deus é o conjunto de todas as inteligências reunidas; cada indivíduo, sendo uma parte do todo, é também Deus; nenhum ser superior e independente rege o conjunto, de modo que o universo é uma imensa república sem chefe, ou melhor, onde cada qual é chefe com poder absoluto.

8. A este sistema podem opor-se numerosas objeções, das quais são estas as principais: não se podendo conceber a Divindade sem o infinito das perfeições, pergunta-se como um todo perfeito pode ser formado de partes tão imperfeitas, tendo necessidade de progredir? Devendo cada parte ser submetida à lei do progresso, conclui-se que o próprio Deus deve progredir; e se Ele progride incessantemente, deveria ter sido, na origem dos tempos, muito imperfeito. Ora, como admitir que um ser imperfeito, formado de vontades e ideias tão divergentes, tenha sido capaz de conceber leis tão harmoniosas, tão admiráveis de unidade, de sabedoria e providência quais as que regem o universo? Se todas as almas são porções da Divindade, todas concorreram para as leis da natureza. Como se explica, pois, que elas murmurem sem cessar contra essas leis que são obra sua? *Uma teoria não pode ser aceita como verdadeira senão com a condição de satisfazer a razão e dar conta de todos os fatos que abrange. Se um único fato lhe trouxer um desmentido, é que não contém a verdade absoluta.*

9. Do ponto de vista moral, as consequências são igualmente ilógicas. Em primeiro lugar é para as almas, tal como no sistema precedente, a absorção num todo e a perda da individualidade. Caso se admita, de acordo com a opinião de alguns panteístas, que as almas conservem essa individualidade, Deus deixaria de ter vontade única para ser um misto de vontades divergentes. Além disso, sendo cada alma parte integrante da Divindade, nenhuma é dominada por um poder superior; não incorre, por conseguinte, em responsabilidade por seus atos bons ou maus. Visto que é soberana, a alma não tem interesse algum na prática do bem e pode praticar o mal impunemente.

10. Além do fato de que esses sistemas não satisfazem nem a razão nem as aspirações do homem, deles decorrem, como se vê, dificuldades insuperáveis, pois são impotentes para resolver de fato todas as questões que levantam. *O homem tem, pois, três alternativas: o nada, a absorção, ou a individualidade da alma antes e depois da morte.* É para esta última crença que a lógica nos impele irresistivelmente, crença que tem formado a base de todas as religiões desde que o mundo existe.

Se a lógica nos conduz à individualidade da alma, também nos aponta esta outra consequência: a sorte de cada alma deve depender das suas qualidades pessoais, pois seria irracional admitir que a alma atrasada do selvagem, como a do homem perverso, estivesse no mesmo nível da do cientista e do homem de bem. Segundo os princípios de justiça, as almas devem ter a responsabilidade dos seus atos, mas para que sejam responsáveis, é preciso que elas sejam livres na escolha do bem e do mal. Sem o livre-arbítrio há fatalidade, e com a fatalidade não poderia haver responsabilidade.

11. Todas as religiões admitiram igualmente o princípio da felicidade ou infelicidade da alma após a morte, ou, por outra, as penas e gozos futuros, que se resumem na doutrina do céu e do inferno encontrada em toda parte. Porém, no que elas diferem essencialmente, é quanto à natureza dessas penas e gozos, *principalmente* sobre as condições determinantes de umas e de outras. Daí os pontos de fé contraditórios dando origem a cultos diferentes, e os deveres particulares impostos por estes para honrar a Deus e, por esse meio, ganhar o céu e evitar o inferno.

12. Todas as religiões tiveram que se conformar, em sua origem, com o grau de adiantamento moral e intelectual dos homens; estes, excessivamente dominados pela matéria para compreenderem o mérito das coisas puramente espirituais, fizeram consistir a maior parte dos deveres religiosos no cumprimento de fórmulas exteriores. Por muito tempo essas fórmulas lhes satisfizeram a razão. Mais tarde, porém, porque a luz se fizesse em seu espírito e porque sentissem o vácuo dessas fórmulas, vácuo que a Religião não preenchia, abandonaram-na e se tornaram filósofos.

13. *Se a religião, apropriada no princípio aos conhecimentos limitados dos homens, tivesse acompanhado sempre o movimento progressivo do espírito humano, não haveria incrédulos, porque está na própria natureza do homem a necessidade de crer, e ele crerá desde que receba o alimento espiritual em harmonia com as suas necessidades intelectuais.* O homem quer saber de onde veio e para onde vai. Se lhe mostrarem um fim que não corresponda às suas aspirações nem à ideia que ele faz de Deus, nem aos dados positivos que a Ciência lhe fornece; se, além disso, para atingir o seu objetivo, impõem-lhe condições que sua razão contesta, ele tudo rejeita. O materialismo e o panteísmo parecem-lhe ainda mais racionais, porque com eles ao menos se raciocina e se discute; raciocínio falso, é verdade, mas o homem prefere raciocinar em falso a não raciocinar absolutamente.

Se, contudo, lhe apresentarem um futuro lógico, digno em tudo da grandeza, da justiça e da infinita bondade de Deus, ele repudiará o materialismo e o panteísmo, cujo vácuo sente em seu foro íntimo, e que só havia aceitado em falta de crença melhor. O Espiritismo dá coisa melhor; por isso é acolhido sem demora por todos os atormentados pela dúvida pungente da incerteza, os que não encontram nem nas crenças nem nas filosofias vulgares o que procuram. O Espiritismo tem a seu favor a lógica do raciocínio e a sanção dos fatos, e é por isso que o têm combatido em vão.

14. Instintivamente o homem acredita no futuro, mas não possuindo até agora uma base certa para o definir, a sua imaginação há concebido sistemas que originaram a diversidade de crenças. A Doutrina Espírita sobre o futuro, não sendo uma obra de imaginação mais ou menos arquitetada engenhosamente, porém o resultado da observação de fatos materiais que se desdobram hoje à nossa vista congregará, como já está acontecendo, as opiniões divergentes ou vacilantes e trará gradualmente, pela força das coisas, a unidade de crenças sobre esse ponto, crença que já não se baseará em simples hipótese, mas na certeza. *A unificação feita relativamente à sorte futura das almas será o primeiro ponto de contato entre os diversos cultos, um passo imenso para a tolerância religiosa em primeiro lugar e, mais tarde, para a completa fusão.*

CAPÍTULO II



Temor da morte

- Causas do temor da morte • Por que os espíritas não temem a morte

Causas do temor da morte

1. O homem, seja qual for a escala a que pertença, desde a fase selvagem tem o sentimento inato do futuro. Diz-lhe a intuição que a morte não é o último termo da existência e que aqueles cuja perda lamentamos não estão perdidos para sempre. A crença no porvir é intuitiva e muito mais generalizada do que a do nada. Como é possível que, entre os que acreditam na imortalidade da alma, tantos ainda se achem apegados às coisas da Terra e sintam tamanho temor da morte?

2. O temor da morte é um efeito da sabedoria da Providência e uma consequência do instinto de conservação comum a todos os seres vivos. Ele é necessário enquanto o homem não estiver suficientemente esclarecido sobre as condições da vida futura, como contrapeso ao arrastamento que, sem esse freio, o levaria a deixar prematuramente a vida terrena e a negligenciar o trabalho que deve servir ao seu próprio adiantamento. É por isso que, nos povos primitivos, o futuro não passa de vaga intuição, mais tarde tornada simples esperança e, finalmente, uma certeza, embora de certo modo neutralizada por secreto apego à vida corpórea.

3. À medida que o homem compreende melhor a vida futura, o temor da morte diminui; compreendendo melhor a sua missão terrena, aguarda-lhe o fim com mais calma, resignação e serenidade. A certeza da vida futura dá-lhe outro curso às ideias, outro objetivo aos seus

trabalhos; antes de ter essa certeza ele só cuida da vida atual; depois de adquiri-la, trabalha com vistas ao futuro sem negligenciar o presente, porque sabe que o porvir depende da boa ou da má direção que der à vida atual. A certeza de reencontrar os amigos depois da morte, de reatar as relações que tivera na Terra, *de não perder um só fruto do seu trabalho*, de engrandecer-se incessantemente em inteligência e perfeição, dá-lhe paciência para esperar e coragem para suportar as fadigas momentâneas da vida terrena. A solidariedade que ele vê estabelecer-se entre vivos e mortos faz-lhe compreender a que deve existir na Terra, entre os vivos; a fraternidade e a caridade têm desde então um fim e uma razão de ser, no presente como no futuro.

4. Para libertar-se do temor da morte é preciso que o homem a encare sob o seu verdadeiro ponto de vista, isto é, que tenha penetrado pelo pensamento no mundo espiritual, fazendo dele uma ideia tão exata quanto possível, o que denota da parte do Espírito encarnado um certo desenvolvimento e aptidão para desprender-se da matéria. Naqueles que não progrediram suficientemente, a vida material prevalece sobre a espiritual. Como se apegam às aparências, o homem não distingue a vida além do corpo, embora na alma esteja a vida real. Aniquilado o corpo, tudo se lhe afigura perdido, desesperador. Se, ao contrário, em vez de concentrar o pensamento no corpo ele se reportasse à alma, fonte da vida, ser real que sobrevive a tudo, lastimaria menos a perda da vestimenta carnal, fonte de tantas misérias e de tantas dores. Para isso, porém, o Espírito necessita de uma força que só pode adquirir com a maturidade.

O temor da morte decorre, portanto, da noção insuficiente da vida futura, embora denote também a necessidade de viver e o receio de que a destruição do corpo seja a destruição total; é, assim, provocado pelo secreto desejo da sobrevivência da alma, velado ainda pela incerteza. Esse temor decresce à medida que a certeza aumenta, e desaparece quando esta é completa.

Eis aí o lado providencial da questão. Não seria conveniente delumbrar o homem com tal ideia, cuja razão não estivesse ainda bastante forte para suportar a perspectiva muito positiva e sedutora de um futuro melhor, já que ele poderia negligenciar o presente, necessário ao seu adiantamento material e intelectual.

5. Este estado de coisas é alimentado e prolongado por causas puramente humanas, que o progresso fará desaparecer. O primeiro é o aspecto sob o qual é apresentada a vida futura, aspecto que poderia contentar as inteligências pouco desenvolvidas, mas que não conseguiria satisfazer as exigências da razão dos homens que refletem. Assim, eles dizem: “Desde que nos apresentam como verdades absolutas princípios contestados pela lógica e pelos dados positivos da Ciência, é que eles não são verdades.” Daí, a incredulidade de alguns e a crença vacilante de muitos outros. Para estes a vida futura é uma ideia vaga, constituindo mais uma probabilidade do que uma certeza; acreditam nela, desejariam que assim fosse, mas apesar disso exclamam: “E se não for assim? O presente é positivo, ocupemo-nos dele primeiro, que o futuro virá por sua vez.”

E, depois, acrescentam: “Afim de contas, que é a alma? Um ponto, um átomo, uma faísca, uma chama? Como se sente, vê ou percebe?” É que a alma não lhes parece uma realidade efetiva, mas uma abstração. Os seres que lhes são caros, reduzidos ao estado de átomo no seu modo de pensar, estão por assim dizer perdidos para eles, e não têm mais a seus olhos as qualidades pelas quais se lhes fizeram amados; não podem compreender o amor de uma faísca nem o que a ela possamos ter; eles mesmos ficam mediocrementemente satisfeitos de se transformarem em mônadas. Daí o retorno ao positivismo da vida terrena, que possui algo de mais substancial, sendo considerável o número de criaturas dominadas por este pensamento.

6. Outra causa de apego às coisas terrenas, mesmo nos que mais firmemente creem na vida futura, é a impressão que eles conservam do ensino que relativamente a ela lhes tem sido dado desde a infância. Convenhamos que o quadro inventado pela religião, sobre o assunto, é pouco sedutor e não tem nada de consolador.

Senão, vejamos. De um lado, contorções de condenados a expiarem em torturas e chamas eternas os erros de uma vida efêmera e passageira. Os séculos sucedem-se aos séculos, sem qualquer perspectiva de abrandamento das penas, sem qualquer piedade; e, o que é mais atroz ainda, o arrependimento não tem nenhum proveito para eles. De outro lado, as almas combalidas e atormentadas do purgatório aguardam a sua libertação mediante a intercessão dos vivos, que orarão ou farão que orem por elas, e não dos esforços que fizerem para progredir.

Estas duas categorias compõem a imensa maioria da população de além-túmulo. Acima delas paira a limitada classe dos eleitos, gozando, por toda a eternidade, da beatitude contemplativa. Esta inutilidade eterna, preferível sem dúvida ao nada, não deixa de ser de fastidiosa monotonia. É por isso que se vê, nas pinturas que retratam os bem-aventurados, figuras angélicas em que mais transparece o tédio do que a verdadeira felicidade.

Este estado não satisfaz nem as aspirações nem a ideia instintiva de progresso, única que parece compatível com a felicidade absoluta. Custa crer que, só por haver recebido o batismo, o selvagem ignorante, cujo senso moral é tão obtuso, esteja no mesmo nível do homem que atingiu, após longos anos de trabalho, o mais alto grau de ciência e de moralidade práticas. É ainda menos concebível que uma criança, morta em tenra idade, antes, portanto, de ter consciência de seus atos, goze dos mesmos privilégios somente por força de uma cerimônia — o batismo — na qual a sua vontade não tomou parte alguma. Estas reflexões não deixam de preocupar os mais fervorosos crentes, por pouco que meditem.

7. Como não acreditam que a felicidade futura depende do trabalho progressivo na Terra, os homens dão aos gozos do mundo o melhor valor, já que acreditam conquistar facilmente essa felicidade por meio de algumas práticas exteriores, mesmo a possibilidade de comprá-la a dinheiro, sem regeneração de caráter e costumes.

Consideram alguns crentes, em seu foro íntimo, que, uma vez assegurado o seu futuro pelo preenchimento de certas fórmulas, ou por doações póstumas que de nada os privam, seria supérfluo impor-se sacrifícios ou quaisquer incômodos em benefício dos outros, visto que se consegue a salvação trabalhando cada qual por si.

Seguramente, nem todos pensam assim, pois há grandes e honrosas exceções; mas não se poderia negar que assim pensa o maior número, sobretudo das massas pouco esclarecidas, e que a ideia que fazem das condições de felicidade no outro mundo não entretenha o apego aos bens deste e, por conseguinte, o egoísmo.

8. Acrescentemos ainda o fato de que tudo nos costumes tem concorrido para que se lamente a perda da vida terrena e se tema a passagem da Terra ao céu. A morte é cercada de cerimônias lúgubres, que mais infundem terror do que provocam a esperança. Se descrevem a morte, é

sempre com aspecto repelente e nunca como sono de transição; todos os seus emblemas lembram a destruição do corpo, mostrando-o hediondo e descarnado; nenhum simboliza a alma se desembaraçando radiosa dos grilhões terrenos. A partida para esse mundo mais feliz só se faz acompanhar do lamento dos sobreviventes, como se imensa desgraça houvesse atingido os que partem; dizem-lhes eternos adeuses como se jamais devessem revê-los. O que se lastima por eles é a perda dos gozos mundanos, como se não fossem encontrar maiores gozos no além-túmulo. Que desgraça, dizem, morrer tão jovem, rico e feliz, tendo diante de si a perspectiva de um futuro brilhante! A ideia de um futuro melhor apenas toca de leve o pensamento, porque não tem nele raízes. Tudo concorre, assim, para inspirar o terror da morte, em vez de inspirar esperança. Por certo será preciso muito tempo ainda para que o homem se desfaça desses preconceitos, o que acabará se dando à proporção que a sua fé se for firmando e à medida que ele conceber uma ideia mais sensata da vida espiritual.

9. Além disso, a crença vulgar coloca as almas em regiões apenas acessíveis ao pensamento, onde se tornam de alguma sorte estranhas aos sobreviventes. A própria Igreja põe entre umas e outras uma barreira insuperável, declarando rotas todas as relações e impossível qualquer comunicação. Se as almas estão no inferno, toda a esperança de as rever é perdida para sempre, a menos que para lá também se vá; se estão entre os eleitos, vivem completamente absortas em beatitude contemplativa. Tudo isso interpõe entre mortos e vivos uma distância tal que se considera a separação como eterna, razão por que muitos preferem ter junto de si, embora sofram, os entes queridos, a vê-los partir, ainda mesmo que para o céu. Ora, a alma que estiver no céu será realmente feliz vendo, por exemplo, arder eternamente *seu filho, seu pai, sua mãe ou seus amigos?*

Por que os espíritas não temem a morte

10. A Doutrina Espírita modifica completamente a maneira de encarar o futuro. A vida futura deixa de ser uma hipótese para ser realidade. O estado das almas depois da morte não é mais um sistema, porém o resultado da observação. Ergueu-se o véu; o mundo espiritual aparece-nos na plenitude de sua realidade prática; não foram os homens

que o descobriram pelo esforço de uma concepção engenhosa, são os próprios habitantes desse mundo que nos vêm descrever a sua situação. Aí os vemos em todos os graus da escala espiritual, em todas as fases da felicidade e da infelicidade, assistindo, enfim, a todas as peripécias da vida de além-túmulo. É por isso que os espíritas encaram a morte calmamente e se mostram serenos nos seus últimos momentos sobre a Terra. Já não é apenas a esperança que os conforta, mas a certeza; sabem que a vida futura é a continuação da vida presente em melhores condições e aguardam-na com a mesma confiança com que aguardariam o nascer do Sol após uma noite de tempestade. Os motivos dessa confiança decorrem dos fatos testemunhados e da concordância desses fatos com a lógica, a justiça e a bondade de Deus, correspondendo às íntimas aspirações do homem.

Para os espíritas, a alma não é mais uma abstração; tem um corpo etéreo, que dela faz um ser definido, capaz de ser concebido pelo pensamento, o que já é muito para fixar as ideias sobre a sua individualidade, aptidões e percepções. A lembrança dos que nos são caros repousa sobre alguma coisa de real. Não os representamos mais como chamas fugazes que nada falam ao pensamento, porém sob uma forma concreta que antes no-los mostra como seres viventes. Além disso, em vez de perdidos nas profundezas do espaço, estão à nossa volta; o mundo corpóreo e o mundo espiritual identificam-se em perpétuas relações, assistindo-se mutuamente. Como se vê, o temor da morte perde a sua razão de ser, por não ser mais permitida qualquer dúvida sobre o futuro, de modo que o espírita encara a sua aproximação a sangue-frio, como quem aguarda a libertação pela porta da vida e não do nada.

CAPÍTULO III



O céu

1. Em geral, a palavra *céu* designa o espaço indefinido que circunda a Terra, e mais particularmente a parte que está acima do nosso horizonte. Vem do latim *cœelum*, formado do grego *coïlos*, côncavo, porque o céu parece uma imensa concavidade. Os Antigos acreditavam na existência de muitos céus superpostos, de matéria sólida e transparente, formando esferas concêntricas e tendo a Terra por centro. Girando em torno da Terra, essas esferas arrastavam consigo os astros que se achavam em seu circuito.

Essa ideia, oriunda da deficiência dos conhecimentos astronômicos, foi a de todas as teogonias, que fizeram dos céus, assim escalonados, os diversos graus da bem-aventurança. O último deles era a morada da suprema felicidade. Segundo a opinião mais comum, havia sete céus e daí a expressão — *estar no sétimo céu* — para exprimir perfeita felicidade. Os muçulmanos admitem nove céus,³ em cada um dos quais se aumenta a felicidade dos crentes. O astrônomo Ptolomeu⁴ contava onze e denominava ao último Empíreo,⁵ por causa da luz brilhante que nele reina. É este ainda hoje um nome poético dado ao lugar da glória eterna. A teologia cristã reconhece três céus: o primeiro é o da região do ar e das nuvens; o segundo, o Espaço em que se movem os astros; o terceiro, para além deste, é a morada do Altíssimo, a região dos que o contemplam

³ N.E.: Conforme pesquisa realizada no *Alcorão*, livro considerado sagrado pelos muçulmanos, e em várias suratas (capítulos) foi constatada a crença em sete céus e não em nove como o descrito acima.

⁴ Nota de Allan Kardec: Ptolomeu viveu em Alexandria, Egito, no segundo século da Era Cristã.

⁵ Nota de Allan Kardec: Do grego *pur* ou *pyr*, fogo.

face a face, ou seja, a dos eleitos. É de conformidade com esta crença que Paulo foi arrebatado ao terceiro céu.

2. As diferentes doutrinas sobre a mansão dos bem-aventurados baseiam-se todas no duplo erro de considerar a Terra como centro do universo, e limitada a região dos astros. É além desse limite imaginário que todas têm colocado esse local afortunado e a morada do Todo-Poderoso. Singular anomalia que coloca o autor de todas as coisas, aquele que as governa, nos confins da Criação, em vez de situá-lo no centro, de onde o seu pensamento, irradiante, poderia abranger tudo!

3. A Ciência, com a lógica inexorável da observação e dos fatos, levou a sua luz até as profundezas do Espaço e mostrou a nulidade de todas essas teorias. A Terra não é mais o eixo do universo, mas um dos menores astros que rolam na imensidade; o próprio Sol não passa de centro de um turbilhão planetário; as estrelas são outros tantos e inumeráveis sois, em torno dos quais circulam mundos sem conta, separados por distâncias apenas acessíveis ao pensamento, embora pareçam tocar-se. Neste conjunto grandioso, regido por leis eternas, em que se revelam a sabedoria e a onipotência do Criador, a Terra não é mais que um ponto imperceptível e um dos planetas menos favorecidos quanto à habitabilidade. Sendo assim, é lícito perguntar-se por que Deus faria da Terra a única sede da vida e nela houvesse relegado as suas criaturas prediletas? Tudo, ao contrário, anuncia a vida por toda parte e a humanidade é infinita como o universo. Como a Ciência já nos revelou mundos semelhantes aos nossos, Deus não podia tê-los criado sem objetivo, antes deve tê-los povoado de seres capazes de os governar.

4. As ideias do homem estão na razão do que ele sabe. Como todas as descobertas importantes, a da constituição dos mundos deveria imprimir-lhes outro curso. Sob a influência desses conhecimentos novos, as crenças se modificaram: o céu foi deslocado; a região estelar, sendo ilimitada, não mais lhe pode servir. Onde está ele, pois? Diante desta questão todas as religiões emudecem.

O Espiritismo vem resolvê-la demonstrando o verdadeiro destino do homem. Tomando-se por base a natureza deste último e os atributos de Deus, chega-se a uma conclusão; isto quer dizer que partindo do conhecido alcança-se o desconhecido por uma dedução lógica, sem falar das observações diretas que o Espiritismo faculta.

5. O homem compõe-se de corpo e Espírito; o Espírito é o ser principal, racional, inteligente; o corpo é o envoltório material que reveste o Espírito temporariamente, para o cumprimento de sua missão na Terra e a execução do trabalho necessário ao seu adiantamento. O corpo, gasto, se destrói e o Espírito sobrevive à sua destruição. Sem o Espírito, o corpo não passa de matéria inerte, qual instrumento privado da mola que o faz agir; sem o corpo, o Espírito é tudo: a vida, a inteligência. Ao deixar o corpo, retorna ao mundo espiritual, de onde havia saído para reencarnar.

Existem, portanto, dois mundos: o *mundo corpóreo*, composto de Espíritos encarnados, e o *mundo espiritual*, formado de Espíritos desencarnados. Os seres do mundo corpóreo, devido mesmo à materialidade do seu envoltório, estão ligados à Terra ou a um globo qualquer; o mundo espiritual ostenta-se por toda parte, em redor de nós como no Espaço, não lhe sendo assinalado nenhum limite. Em virtude da natureza fluídica de seu envoltório, os seres que o compõem, em vez de se arrastarem penosamente sobre o solo, transpõem as distâncias com a rapidez do pensamento. A morte do corpo é a ruptura dos laços que os retinham cativos.

6. Os Espíritos são criados simples e ignorantes, mas dotados de aptidão para tudo conhecerem e progredirem, em virtude do seu livre-arbítrio. Pelo progresso adquirem novos conhecimentos, novas faculdades, novas percepções e, por conseguinte, novos gozos desconhecidos dos Espíritos inferiores; eles veem, ouvem, sentem e compreendem o que os Espíritos atrasados não podem ver, nem ouvir, nem sentir ou compreender. *A felicidade está na razão direta do progresso realizado, de sorte que, de dois Espíritos, um pode não ser tão feliz quanto o outro, unicamente por não possuir o mesmo adiantamento intelectual e moral, sem que por isso precisem estar, cada qual, em lugar distinto.* Mesmo juntos, pode um estar em trevas, ao passo que tudo resplandece em volta do outro, tal como um cego e um vidente que se dão as mãos: este percebe a luz da qual aquele não recebe a mínima impressão. *Sendo a felicidade dos Espíritos inerente às qualidades que possuem, eles a colhem em toda parte em que se encontram, seja na superfície da Terra, no meio dos encarnados ou no Espaço.*

Uma comparação vulgar fará compreender melhor ainda esta situação. Caso se encontrem em um concerto dois homens, um deles bom

músico, de ouvido apurado, e outro que desconheça a música, de sentido auditivo pouco delicado, o primeiro experimentará sensação de felicidade, enquanto o segundo permanecerá insensível, porque um compreende e percebe o que no outro não produz nenhuma impressão. Assim sucede com relação a todos os gozos dos Espíritos, que estão na razão da sua sensibilidade. *O mundo espiritual tem esplendores por toda parte, harmonias e sensações que os Espíritos inferiores, ainda submetidos à influência da matéria, nem sequer entreveem, e que somente são acessíveis aos Espíritos depurados.*

7. O progresso nos Espíritos é fruto do seu próprio trabalho; mas, como são livres, trabalham pelo seu próprio adiantamento com maior ou menor atividade, com mais ou menos negligência, segundo a vontade deles; desse modo, aceleram ou retardam o progresso e, por conseguinte, a própria felicidade. Enquanto uns avançam rapidamente, outros permanecem estagnados por longos séculos nas fileiras inferiores. São eles, pois, os próprios artífices da sua situação, feliz ou infeliz, conforme esta frase do Cristo: “A cada um segundo as suas obras.” Desse modo, todo Espírito que se atrasa não pode queixar-se senão de si mesmo, assim como o que se adianta tem o mérito exclusivo do seu esforço, dando por isso maior apreço à felicidade conquistada.

A suprema felicidade só é partilhada pelos Espíritos perfeitos, ou, por outra, pelos Espíritos puros, que só a conseguem depois de terem progredido em inteligência e moralidade. O progresso intelectual e o progresso moral raramente marcham juntos, mas o que o Espírito não consegue em dado tempo, alcança em outro, de sorte que os dois progressos acabam por atingir o mesmo nível. É por isso que se veem muitas vezes homens inteligentes e instruídos pouco adiantados moralmente, e vice-versa.

8. A encarnação é necessária ao duplo progresso moral e intelectual do Espírito: ao progresso intelectual pela atividade obrigatória do trabalho; ao progresso moral pela necessidade que os homens têm uns dos outros. *A vida social é a pedra de toque das boas ou más qualidades.* A bondade, a maldade, a doçura, a violência, a benevolência, a caridade, o egoísmo, a avareza, o orgulho, a humildade, a sinceridade, a franqueza, a lealdade, a má-fé, a hipocrisia, em suma, tudo o que constitui o homem de bem ou o homem perverso tem por móvel, por alvo e por estímulo as

relações do homem com os seus semelhantes. *Para o homem que vivesse isolado não haveria vícios nem virtudes. Se, pelo isolamento, ele se preserva do mal, por outro lado o bem se anularia.*

9. Uma só existência corpórea é claramente insuficiente para que o Espírito possa adquirir todo o bem que lhe falta e de se desfazer de todo o mal que traz em si. Como poderia o selvagem, por exemplo, numa única encarnação, alcançar o nível moral e intelectual do mais adiantado europeu? É materialmente impossível. Deve ele, pois, permanecer eternamente na ignorância e barbaria, privado dos gozos que só o desenvolvimento das faculdades pode proporcionar-lhe? O simples bom senso repele tal suposição, que seria não somente a negação da justiça e da bondade divinas, mas das próprias leis progressivas da natureza. É por isso que Deus, que é soberanamente justo e bom, concede ao Espírito do homem tantas existências quantas forem necessárias para atingir o seu objetivo, que é a perfeição.

Para cada nova existência, o Espírito traz consigo o que adquiriu nas anteriores, em aptidões, conhecimentos intuitivos, inteligência e moralidade. Cada existência é assim um passo adiante no caminho do progresso.⁶

A encarnação é inerente à inferioridade dos Espíritos. Deixa de ser necessária quando estes, transpondo-lhe os limites, progrediram no estado espiritual, ou nas existências corpóreas de mundos superiores, que nada mais têm da materialidade terrena. Da parte destes a encarnação é voluntária, tendo por fim exercer sobre os encarnados uma ação mais direta para o cumprimento da missão de que estão encarregados junto a eles. Nesse caso, é por devotamento que aceitam as vicissitudes e os sofrimentos que tais encarnações acarretam.

10. No intervalo das existências corpóreas o Espírito torna a entrar no mundo espiritual por um tempo mais ou menos longo, onde é feliz ou infeliz conforme o bem ou o mal que haja feito. O estado espiritual é o estado normal do Espírito; é o seu estado definitivo; o corpo espiritual não morre. O estado corpóreo é transitório e passageiro. É no estado espiritual sobretudo que o Espírito colhe os frutos do progresso realizado pelo seu trabalho na encarnação; é também nesse estado que se prepara

⁶ Nota de Allan Kardec: Veja-se Primeira Parte, capítulo I, item 3, nota de rodapé nº 2.

para novas lutas e toma as resoluções que se esforçará por colocar em prática na sua volta à humanidade.

O Espírito também progride na erraticidade,⁷ adquirindo conhecimentos especiais que não poderia obter na Terra, e modificando as suas ideias. O estado corpóreo e o estado espiritual constituem a fonte de dois gêneros de progresso, solidários entre si, pelos quais o Espírito tem de passar alternadamente, nas existências peculiares a cada uma dessas duas variedades de existência.

11. A reencarnação pode ocorrer na Terra ou em outros mundos. Há entre os mundos alguns mais adiantados do que outros, onde a existência se exerce em condições menos penosas que na Terra, física e moralmente, mas onde só são admitidos Espíritos chegados a um grau de perfeição relativo ao estado desses mundos.

A vida nos mundos superiores já é uma recompensa, visto nos acharmos isentos, aí, dos males e vicissitudes de que somos vítimas na Terra. Os corpos, menos materiais, quase fluídicos, não mais estão sujeitos às moléstias, às enfermidades, nem às mesmas necessidades do nosso planeta. Como deles estão excluídos os Espíritos maus, os homens vivem em paz, sem outra preocupação que a de se adiantarem pelo trabalho intelectual. Em tais mundos reina a verdadeira fraternidade, porque não há egoísmo; a verdadeira igualdade, porque não há orgulho; e a verdadeira liberdade por não haver desordens a reprimir, nem ambiciosos que procurem oprimir o fraco. Comparados à Terra, esses mundos são verdadeiros paraísos; são etapas no caminho do progresso que conduzem ao estado definitivo. Sendo a Terra um mundo inferior destinado à depuração dos Espíritos imperfeitos, fica patente a razão do mal que aí predomina, até que praza a Deus fazer dela morada de Espíritos mais adiantados.

É assim que o Espírito, progredindo gradualmente à medida que se desenvolve, chega ao apogeu da felicidade; porém, antes de ter atingido o ponto culminante da perfeição, goza de uma felicidade relativa ao seu progresso. A criança também frui os prazeres da infância, mais tarde os da juventude, e finalmente os mais sólidos, da maturidade.

⁷ N.E.: Não é um lugar determinado no Espaço, mas o estado em que ficam os Espíritos desencarnados, ou errantes, durante os intervalos de suas diversas existências corporais. Ver em *O livro dos espíritos*, a questão 223 e as seguintes.

12. A felicidade dos Espíritos bem-aventurados não consiste na ociosidade contemplativa, que seria, como temos dito tantas vezes, uma eterna e fastidiosa inutilidade. A vida espiritual em todos os seus graus é, ao contrário, uma constante atividade, mas atividade isenta de fadigas. A suprema felicidade consiste no gozo de todos os esplendores da Criação, que nenhuma linguagem humana poderia descrever, que a imaginação mais fecunda não seria capaz de conceber. Consiste também no conhecimento e na penetração de todas as coisas, na ausência de sofrimentos físicos e morais, numa satisfação íntima, numa imperturbável serenidade de alma, no amor puro que envolve todos os seres, por causa da ausência de atrito devido ao contato dos maus e, acima de tudo, na contemplação de Deus e na compreensão dos seus mistérios revelados aos mais dignos. A felicidade também existe nas tarefas cujo encargo nos faz felizes. Os Espíritos puros são os messias ou mensageiros de Deus para a transmissão e execução das suas vontades. Executam as grandes missões, presidem à formação dos mundos e à harmonia geral do universo, tarefa gloriosa a que não se chega senão pela perfeição. Os da ordem mais elevada são os únicos a possuírem os segredos de Deus, inspirando-se no seu pensamento, de que são os representantes diretos.

13. As atribuições dos Espíritos são proporcionais ao seu progresso, às luzes que possuem, às suas capacidades, experiência e grau de confiança que inspiram ao soberano Senhor. Aí, nada de privilégios, nada de favores que não sejam o prêmio ao mérito; tudo é medido e pesado na balança da estrita justiça. As missões mais importantes são confiadas àqueles que Deus julga capazes de as cumprir e incapazes de falhar ou de comprometê-las. Enquanto os mais dignos compõem o supremo conselho, sob as vistas de Deus, é atribuída a chefes superiores a direção de turbilhões planetários, e a outros conferida a de mundos especiais. Vêm, depois, pela ordem de adiantamento e subordinação hierárquica, as atribuições mais restritas dos prepostos aos progressos dos povos, à proteção das famílias e indivíduos, ao impulso de cada ramo de progresso, às diversas operações da natureza até os mais ínfimos detalhes da Criação. Neste vasto e harmonioso conjunto há ocupações para todas as capacidades, aptidões e esforços de boa vontade; ocupações que são aceitas com júbilo, solicitadas com ardor, por serem um meio de adiantamento para os Espíritos que aspiram a elevar-se.

14. Ao lado das grandes missões confiadas aos Espíritos superiores, há outras de importância relativa em todos os graus, concedidas a Espíritos de todas as categorias, o que nos leva a afirmar que cada encarnado tem a sua, isto é, deveres a cumprir a bem dos seus semelhantes, desde o pai de família, a quem incumbe o progresso dos filhos, até o homem de gênio que lança na sociedade novos elementos de progresso. É nessas missões secundárias que se verificam desfalecimentos, prevaricações e renúncias que, embora prejudicando o indivíduo, não chegam a afetar o todo.

15. Todas as inteligências concorrem, pois, para a obra geral, qualquer que seja o grau atingido, e cada uma na medida das suas forças, seja no estado de encarnação, seja no estado de espírito. Existe atividade em toda parte, desde a base até o ápice da escala, onde todos se instruem, auxiliam-se mutuamente e se dão as mãos para alcançarem o ponto culminante.

Assim se estabelece a solidariedade entre o mundo espiritual e o mundo corpóreo, ou, em outras palavras, entre os homens e os Espíritos, entre os Espíritos libertos e os cativos. Assim se perpetuam e consolidam, pela depuração e continuidade de relações, as verdadeiras simpatias, as mais santas afeições.

Por toda parte, a vida e o movimento; nenhum recanto do infinito é despovoado, nenhuma região que não seja incessantemente percorrida por legiões inumeráveis de seres radiantes, invisíveis aos sentidos grosseiros dos encarnados, mas cuja vista deslumbra de alegria e admiração as almas libertas da matéria. Por toda parte, enfim, há uma felicidade relativa a todos os progressos, a todos os deveres cumpridos; cada um traz consigo os elementos de sua felicidade, em virtude da categoria em que se coloca pelo seu grau de adiantamento.

A felicidade depende das qualidades próprias dos indivíduos, e não do estado material do meio em que se encontram; pode existir, portanto, em qualquer parte onde haja Espíritos capazes de a gozar. Nenhum lugar lhe é circunscrito no universo. Onde quer que se encontrem, os Espíritos puros podem contemplar a majestade divina, porque Deus está em toda parte.

16. Entretanto, a felicidade não é pessoal. Se a possuíssemos somente em nós mesmos e não pudéssemos partilhá-la com os outros, ela

seria egoísta e triste. Também a encontramos na comunhão de pensamentos que une os seres simpáticos. Os Espíritos felizes, atraindo-se pela similitude de ideias, gostos e sentimentos, formam vastos agrupamentos ou famílias homogêneas, no seio das quais cada individualidade irradia suas próprias qualidades e satura-se dos eflúvios serenos e benéficos emanados do conjunto. Os membros deste, ora se dispersam para se consagrarem à sua missão, ora se reúnem em dado ponto do Espaço para se prestarem contas do trabalho realizado, ora se congregam em torno de um Espírito mais elevado para receberem instruções e conselhos.

17. Embora os Espíritos estejam por toda parte, os mundos são de preferência os locais onde eles se reúnem, em virtude da analogia existente entre eles e os que os habitam. Em torno dos mundos adiantados abundam Espíritos superiores, como em torno dos mundos atrasados pululam Espíritos inferiores. A Terra ainda faz parte dos mundos atrasados. Cada globo tem, de alguma sorte, sua população própria de Espíritos encarnados e desencarnados, alimentada em sua maioria pela encarnação e desencarnação dos mesmos. Esta população é mais estável nos mundos inferiores, pelo apego deles à matéria, e mais flutuante nos mundos superiores. Destes últimos, porém, verdadeiros focos de luz e felicidade, Espíritos se destacam para mundos inferiores a fim de neles semear os germes do progresso, levar-lhes consolação, esperança e levantar os ânimos abatidos pelas provações da vida. Algumas vezes também encarnam para cumprir com mais eficácia a sua missão.

18. Nessa imensidade sem limites, onde está o céu? Em toda parte. Nada o cerca nem lhe traça limites. Os mundos felizes são as últimas estações do caminho que a ele conduz, cujo acesso as virtudes franqueiam e os vícios interditam.

Ante este quadro grandioso, que povoa todos os recantos do universo, que dá a todas as coisas da Criação um fim e uma razão de ser, quanto é pequena e mesquinha a doutrina que circunscreve a humanidade a um ponto imperceptível do Espaço, que no-la mostra começando em dado instante para acabar um dia igualmente com o mundo que a contém, não abrangendo mais que um minuto na Eternidade! Como é triste, fria e glacial essa doutrina quando nos mostra o resto do universo, antes, durante e depois da humanidade terrena, sem vida, nem movimento, qual imenso deserto mergulhado no silêncio! Como é desesperadora

a perspectiva dos eleitos votados à contemplação perpétua, enquanto a maioria das criaturas é condenada a sofrimentos sem-fim! Como é doloroso, para os corações que amam, a ideia dessa barreira entre mortos e vivos! As almas felizes, dizem, só pensam na sua felicidade, como as infelizes, nas suas dores. Logo, é de admirar que o egoísmo reine na Terra quando no-lo mostram no céu? Oh! quão acanhada nos parece essa ideia da grandeza, do poder e da bondade de Deus!

Como é sublime, ao contrário, a ideia que o Espiritismo nos permite fazer do céu! Quanto a sua doutrina engrandece as ideias e amplia o pensamento! — Mas quem diz que ela é verdadeira? A razão primeiro, a revelação depois e, finalmente, a sua concordância com os progressos da Ciência. Entre duas doutrinas, das quais uma amesquinha e a outra exalta os atributos de Deus; uma está em desacordo e a outra em harmonia com o progresso; uma se deixa ficar na retaguarda enquanto a outra marcha para frente, o bom senso diz de que lado está a verdade. Que, pois, ao confrontá-las, cada um consulte a consciência e uma voz íntima lhe falará por ela. As aspirações são a voz de Deus, que não pode enganar os homens.

19. Mas replicarão, por que Deus não lhes revelou desde o princípio toda a verdade? Pela mesma razão por que não se ensina à infância o que se ensina aos de idade madura. A revelação limitada foi suficiente a certo período da humanidade e Deus a proporciona gradativamente segundo os progressos do Espírito. Os que recebem hoje uma revelação mais completa são *os mesmos Espíritos* que já receberam parte dela em outros tempos e que desde então se engrandeceram em inteligência.

Antes que a Ciência tivesse revelado aos homens as forças vivas da natureza, a constituição dos astros, o verdadeiro papel da Terra e sua formação, poderiam eles compreender a imensidade do Espaço, a pluralidade dos mundos? Antes que a Geologia comprovasse a formação da Terra, poderiam os homens tirar-lhe o inferno das entranhas e compreender o sentido alegórico dos seis dias da Criação? Antes que a Astronomia descobrisse as leis que regem o universo, poderiam compreender que não há alto nem baixo no Espaço, que o céu não está acima das nuvens nem limitado pelas estrelas? Antes dos progressos da ciência psicológica poderiam as criaturas identificar-se com a vida espiritual? Seriam capazes de conceber, depois da morte, uma vida feliz ou infeliz, a não ser

em lugar circunscrito e sob uma forma material? Não; compreendendo mais pelos sentidos do que pelo pensamento, o universo era muito vasto para o cérebro deles; era preciso restringi-lo ao seu ponto de vista para alargá-lo mais tarde. Uma revelação parcial tinha sua utilidade; embora adequada para aquele tempo, não satisfaria hoje. O erro provém dos que, não se dando conta do progresso das ideias, pretendem poder governar homens maduros, quais se fossem crianças. (Veja-se *O evangelho segundo o espiritismo*, cap. III.)⁸

⁸ N.T.: Após o item 18, Kardec repetiu o número 17, já desenvolvido anteriormente. Preferimos atribuir-lhe, por uma questão de lógica, o número 19, e não o número 17, como consta no original francês que serviu de base para esta tradução.

CAPÍTULO IV



O inferno

• Intuição das penas futuras • O inferno cristão imitado do inferno pagão • Os limbos • Quadro do inferno pagão • Descrição do inferno cristão

Intuição das penas futuras

1. Desde todas as épocas o homem acreditou, por intuição, que a vida futura seria feliz ou infeliz, conforme o bem ou o mal praticado neste mundo. A ideia, porém, que ele tem feito dessa vida está em relação com o desenvolvimento de seu senso moral e com as noções mais ou menos justas do bem e do mal. As penas e recompensas são o reflexo dos instintos predominantes. É assim, por exemplo, que os povos guerreiros fazem consistir a suprema felicidade nas honras conferidas à bravura; os caçadores, na abundância da caça; os sensuais, nas delícias da voluptuosidade. Enquanto o homem for dominado pela matéria, não poderá compreender senão imperfeitamente a espiritualidade, razão pela qual imagina para as penas e gozos futuros um quadro mais material que espiritual; acredita que deve comer e beber no outro mundo, porém mais e melhor que na Terra.⁹ Mais tarde já se encontra nas crenças sobre a vida futura um misto de espiritualismo e materialismo, de modo que ao lado da beatitude contemplativa ele coloca um inferno com torturas físicas.

2. Não podendo compreender senão o que vê, o homem primitivo naturalmente moldou o seu futuro pelo presente. Para compreender

⁹ Nota de Allan Kardec: Um pequeno saboiano, a quem o seu cura fazia a descrição sedutora da vida futura, perguntou-lhe se todo mundo lá comia pão branco, como em Paris.

outros tipos, além dos que tinha à vista, precisava de um desenvolvimento intelectual que só o tempo deveria completar. Por isso o quadro por ele idealizado das penas futuras não passa de um reflexo dos males da humanidade, em mais vasta proporção. Aí foram reunidas todas as torturas, todos os suplícios, todas as aflições que achou na Terra. Nos climas abrasadores imaginou um inferno de fogo, e nas regiões boreais um inferno de gelo. Não estando ainda desenvolvido o sentido que mais tarde o levaria a compreender o mundo espiritual, não podia conceber senão penas materiais. É assim que, com pequenas diferenças de forma, os infernos de todas as religiões se assemelham.

O inferno cristão imitado do inferno pagão

3. O inferno pagão, descrito e dramatizado pelos poetas, foi o modelo mais grandioso do gênero, perpetuando-se no inferno dos cristãos, onde, por sua vez, também houve poetas e cantores. Comparando-os, encontram-se neles, salvo os nomes e algumas variações nos detalhes, numerosas analogias; ambos têm o fogo material por base de tormentos, como símbolo dos sofrimentos mais atrozes. Mas coisa estranha! os cristãos superaram em muitos pontos o inferno dos pagãos. Se estes últimos tinham o tonel das Danaides,¹⁰ a roda de Íxion,¹¹ o rochedo de Sísifo,¹² eram estes suplícios individuais; os cristãos, ao contrário, têm para todos, sem distinção, caldeiras ferventes, cujos tampos os anjos levantam para ver as contorções dos condenados;¹³ e Deus, sem a menor piedade, a lhes ouvir os gemidos por toda a eternidade! Jamais os pagãos figuraram os habitantes dos Campos Elíseos¹⁴ deleitando a vista nos suplícios do Tártaro.¹⁵

¹⁰ N.E.: Danaides era o nome das 50 filhas de Dânaos (rei do Egito e mais tarde de Argos) que, com exceção de uma delas, mataram os esposos na noite de núpcias.

¹¹ N.E.: Roda em chamas a qual Íxion foi amarrado e ficou girando eternamente.

¹² N.E.: Sísifo, rei de Corinto, era um criminoso obstinado que, após a sua morte, foi condenado a empurrar eternamente, encosta acima, uma enorme pedra que caía sempre antes de atingir o cume da montanha.

¹³ Nota de Allan Kardec: Sermão pregado em Montpelier em 1860.

¹⁴ N.E.: Lugar de repouso e de felicidade eterna dos heróis e homens virtuosos, após a morte.

¹⁵ Nota de Allan Kardec: “Os bem-aventurados, sem deixarem o lugar que ocupam, poderão afastar-se de certo modo em razão do seu dom de inteligência e da vista distinta, a fim de considerarem as torturas dos condenados. Ao vê-los, não somente serão *insensíveis à dor*, mas até *ficarão repletos de alegria* e renderão graças a Deus por sua própria felicidade, assistindo à inefável calamidade dos ímpios.” (São Tomás de Aquino.)

4. Assim como os pagãos, os cristãos têm o seu rei dos infernos — Satã — com a diferença, porém, de que Plutão¹⁶ se limitava a governar o sombrio império que lhe coubera em partilha, mas não era mau; retinha em seus domínios os que haviam praticado o mal, porque essa era a sua missão, mas não induzia os homens ao pecado para desfrutar, tripudiar dos seus sofrimentos. Satã, no entanto, recruta vítimas por toda parte e se alegra ao atormentá-las com uma legião de demônios armados de forcados para revolvê-las no fogo. Já se tem discutido seriamente sobre a natureza desse fogo que queima sem jamais consumir suas vítimas. Tem-se mesmo perguntado se não seria um fogo de betume.¹⁷ O inferno cristão, portanto, nada fica a dever ao inferno pagão.

5. As mesmas considerações que, entre os antigos, haviam feito localizar o reino da felicidade, fizeram circunscrever igualmente o lugar dos suplícios. Tendo os homens colocado o primeiro nas regiões superiores, era natural reservar ao segundo os lugares inferiores, isto é, o centro da Terra, acreditando-se que certas cavidades sombrias, de aspecto terrível, lhes serviam de entrada. Os cristãos também colocaram ali, por muito tempo, a morada dos condenados. Mas esta não é a única analogia existente entre o inferno pagão e o inferno cristão. Senão, vejamos:

O inferno dos pagãos continha de um lado os Campos Elíseos e do outro o Tártaro; o Olimpo, morada dos deuses e dos homens divinizados, ficava nas regiões superiores. Segundo a *letra* do Evangelho, Jesus desceu aos infernos, isto é, *aos lugares baixos* para deles tirar as almas dos justos que aguardavam sua vinda. Os infernos não eram, pois, um lugar unicamente de suplício; estavam, tal como para os pagãos, nos *lugares baixos*. A morada dos anjos e dos santos, assim como o Olimpo, ficava nos lugares elevados. Colocaram-na para além do céu estelar, que se julgava limitado.

6. Essa mistura de ideias pagãs e cristãs nada tem que deva surpreender. Jesus não podia, de uma hora para outra, destruir crenças arraigadas, pois faltava ao homem conhecimentos necessários para conceber a infinidade do Espaço e o número infinito dos mundos; para eles a Terra era o centro do universo; não lhe conheciam a forma nem a estrutura interna; tudo se limitava ao seu ponto de vista: as noções do futuro não podiam ir além dos seus

¹⁶ N.E.: Rei dos Infernos e deus dos mortos, filho de Saturno e Reia, irmão de Júpiter e Netuno, esposo de Proserpina. Foi identificado com o Hades grego.

¹⁷ Nota de Allan Kardec: Sermão pregado em Paris em 1861.

conhecimentos. Jesus encontrava-se, pois, impossibilitado de os iniciar no verdadeiro estado das coisas; mas, por outro lado, não querendo com a sua autoridade sancionar os preconceitos dominantes, absteve-se de os retificar, deixando ao tempo essa missão. Limitou-se a falar vagamente da vida bem-aventurada e dos castigos reservados aos culpados, sem se referir jamais nos seus ensinamentos a castigos e suplícios corporais, que constituíram para os cristãos um artigo de fé.

Eis aí como as ideias do inferno pagão se perpetuaram até os nossos dias. Foi preciso a difusão das luzes dos tempos modernos e o desenvolvimento geral da inteligência humana para lhe fazer justiça. Como, porém, nada de positivo houvesse substituído aquelas velhas concepções; ao longo período de uma crença cega sucedeu, transitoriamente, o período da incredulidade a que vem pôr termo a Nova Revelação. Era preciso demolir antes de reconstruir, já que é mais fácil incutir ideias justas aos que em nada creem, por sentirem que algo lhes falta, do que fazê-lo pelos que possuem uma fé sólida, ainda que absurda.

7. Localizados o céu e o inferno, as seitas cristãs foram levadas a não admitir para as almas senão duas situações extremas: a felicidade perfeita e o sofrimento absoluto. O purgatório não passa de uma posição intermediária e passageira, ao sair da qual as almas passam diretamente à mansão dos justos. E nem poderia ser de outro modo, considerando-se a crença na sorte definitiva da alma após a morte. Se não há mais de duas moradas, a dos eleitos e a dos condenados, não se podem admitir muitos graus em cada uma sem admitir a possibilidade de os franquear e, por conseguinte, o progresso. Ora, se há progresso, não há sorte definitiva, e se há sorte definitiva, não há progresso. Jesus resolveu a questão quando disse: “Há muitas moradas na casa de meu Pai.”¹⁸

Os limbos¹⁹

8. É verdade que a Igreja admite uma posição especial em alguns casos particulares. As crianças falecidas em tenra idade, por não terem feito mal algum, não podem ser condenadas ao fogo eterno; mas, por outro lado, não tendo feito o bem, também não lhes cabe direito à felicidade suprema.

¹⁸ Nota de Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*, capítulo III.

¹⁹ N.T.: Em 2007, sob o pontificado do papa Bento XVI, a Igreja extinguiu o conceito teológico de limbo, “por refletir uma visão excessivamente restritiva da salvação”.

Diz a Igreja que elas ficam nos *limbos*, situação mista jamais definida, na qual, se não sofrem, também não gozam da bem-aventurança. Já que a sorte delas é fixada irrevogavelmente, ficam privadas da felicidade por toda a eternidade. Tal privação equivale, então, a *um suplício eterno e imerecido*, visto não haver dependido dessas almas que as coisas assim sucedessem. O mesmo se dá quanto ao selvagem que, não tendo recebido a graça do batismo e as luzes da religião, peca por ignorância, entregue aos instintos naturais, não lhe cabendo nem a responsabilidade, nem o mérito daqueles que agem com conhecimento de causa. A simples lógica repele semelhante doutrina em nome da Justiça de Deus, que se contém integralmente nestas palavras do Cristo: “A cada um segundo as suas obras.” Obras sim, boas ou más, porém, praticadas livremente, voluntariamente, únicas que implicam responsabilidade; não é o caso da criança, do selvagem, nem, muito menos, daquele que não teve oportunidade de ser esclarecido.

Quadro do inferno pagão

9. O conhecimento do inferno pagão nos é fornecido quase exclusivamente pela narrativa dos poetas. Homero²⁰ e Virgílio²¹ deram dele a mais completa descrição, devendo-se, contudo, levar em conta as necessidades poéticas impostas à forma. A descrição de Fénelon,²² no seu livro *As aventuras de Telêmaco*, embora colhida na mesma fonte quanto às crenças fundamentais, tem a simplicidade mais concisa da prosa. Descrevendo o aspecto lúgubre dos lugares, preocupa-se principalmente em realçar o gênero de sofrimento dos culpados, estendendo-se bastante sobre a sorte dos maus reis, com vistas à instrução do seu régio discípulo. Por mais popular que seja esta obra, nem todos guardam essa descrição na memória, ou não meditaram sobre ela de modo a estabelecer comparação. Por isso, julgamos por bem reproduzir as partes que mais diretamente interessam ao nosso assunto, isto é, as que se referem mais especialmente às penas individuais.

²⁰ N.E.: Poeta épico grego, dos século IX a.C., considerado o autor da *Ilíada* e da *Odisseia*.

²¹ N. E.: Publius Virgilius Maro, o mais célebre dos poetas latinos, nasceu nas proximidades de Mantua em 71 a.C. e morreu em Brindisi em 19 a.C.; autor das *Bucólicas*, das *Geórgicas* e da *Eneida*, esta ele não terminou por ter falecido.

²² N. E.: François de Salignac de La Mothe: prelado e escritor francês (1651-1715); suas obras são: *Tratado da educação das moças*, *Fábulas*, *Diálogo dos mortos* e *As aventuras de Telêmaco*.

10. “Ao entrar, Telêmaco²³ ouviu gemidos de uma sombra inconsolável. — Qual é — perguntava-lhe ele — a vossa desgraça? Quem fostes na Terra? — Nabofarzan — responde a sombra — rei da soberba Babilônia; só de ouvirem o meu nome, todos os povos do Oriente tremiam; fazia-me adorar pelos babilônios num templo de mármore, representado por uma estátua de ouro, a cujos pés se queimavam noite e dia os preciosos perfumes da Etiópia; jamais alguém ousou contradizer-me sem ser logo punido; inventavam-se diariamente prazeres novos para tornar-me a vida mais e mais deliciosa. Moço e robusto, oh! quantos prazeres me restavam ainda por usufruir no trono! Mas certa mulher, a quem eu amava e que não me correspondia, fez-me sentir que eu não era um deus: envenenou-me, e... nada mais sou. As minhas cinzas foram ontem encerradas com pompa em uma urna de ouro; choraram, arrancaram cabelos; fingiram atirar-se às chamas da minha fogueira, a fim de morrerem comigo; vão ainda gemer junto do túmulo das minhas cinzas, mas ninguém me deplora; a minha memória horroriza a própria família, enquanto aqui embaixo já sofro horríveis suplícios.

“Comovido diante de tal espetáculo, diz-lhe Telêmaco: — Éreis verdadeiramente feliz durante o vosso reinado? Sentíeis porventura essa doce paz sem a qual o coração se conserva oprimido e abatido em meio das delícias? — Não — respondeu o babilônio —, não sei mesmo o que quereis dizer. Os sábios exaltam essa paz como bem único; quanto a mim, nunca a senti; meu coração agitava-se continuamente por novos desejos de temor e de esperança. Procurava aturdir-me com o abalo das próprias paixões, tendo o cuidado de entreter essa embriaguez para torná-la permanente, contínua; o menor intervalo de razão, de calma, ser-me-ia muito amargo. Eis a paz que fruí; qualquer outra me parece antes uma fábula, um sonho. São esses os bens cuja perda deploro.

“Assim falando, o babilônio chorava como um homem pusilânime, que se deixou debilitar pelas prosperidades, desabituaado de suportar resignadamente uma desgraça. Havia junto dele alguns escravos que mandaram matar para honrar seus funerais. Mercúrio²⁴ os entregara a Caronte²⁵ com o

²³ N.E.: Filho de Penélope e de Ulisses, este foi rei de Ítaca, uma das ilhas situadas ao longo da costa oeste da Grécia.

²⁴ N.E.: Deus romano do comércio, dos ladrões e dos viajantes, identificado com Hermes, dos gregos. Filho de Júpiter.

²⁵ N.E.: Barqueiro do inferno que, em sua barca, levava de uma para a outra margem do Estige (rio do inferno) as almas dos mortos, em troca de um óbolo, condição para que elas não ficassem vagando cem anos pela margem do rio.

seu rei, concedendo-lhes poder absoluto sobre esse rei, a quem tinham servido na Terra. *Essas sombras de escravos não temiam a sombra de Nabofarzan, que retinham encadeada, infligindo-lhe as mais cruéis afrontas.* Uma lhe dizia: — Não éramos homens iguais a ti? Como pudeste ser tão insensato a ponto de te julgares um deus, esquecendo tua origem comum a todos os homens? — Outra sombra, para insultá-lo, dizia: — Tinhas razão em não querer que te tomassem por homem, porque na verdade eras um monstro desumano. — Outra, ainda, lhe dizia: — Então?! onde estão agora os teus bajuladores? nada mais tens a dar, infeliz! Não podes nem mesmo fazer o mal, como antes; eis-te reduzido a escravo dos teus escravos. A justiça dos deuses tarda, mas não falha.

“A essas frases duras Nabofarzan se lançava por terra, arrancando os cabelos em acesso de raiva e desespero, mas Caronte dizia aos escravos: — Arrastem-no pela corrente, levantem-no contra a vontade; *ele não terá nem mesmo o consolo de esconder a sua vergonha; é preciso que todas as sombras do Estige*²⁶ *a testemunhem* como justificativa aos deuses, que por tanto tempo sofreram enquanto esse ímpio reinava na Terra.

“E ele avista logo, bem perto de si, o negro Tártaro,²⁷ de onde saía escura e espessa fumaça, cujo odor empestado provocaria a morte, caso se espalhasse pela morada dos vivos. Essa fumaça cobria um rio de fogo, um turbilhão de chamas, cujo ruído, semelhante às torrentes mais caudalosas quando se precipitam de altos rochedos em profundos abismos, concorria para que nada se ouvisse nesses lugares tenebrosos.

“Secretamente animado por Minerva,²⁸ Telêmaco entra sem medo nesse abismo. Viu primeiramente um grande número de homens que tinham vivido nas mais humildes condições e que eram punidos por haverem procurado riquezas por meio de fraudes, traições e crueldades. Aí notou muitos ímpios hipócritas que, simulando amar a religião, dela se tinham servido como de um belo pretexto para satisfazerem ambições e zombarem das pessoas crédulas. Tais homens, que haviam abusado da própria virtude, o maior dom dos deuses, eram punidos como os mais celerados de todos os homens. Os filhos que haviam degolado seus pais; as esposas que

²⁶ N.E.: Rio que contornava sete vezes o inferno e cujas águas tornavam invulnerável quem neles se banhasse.

²⁷ N.E.: Região mais profunda do inferno.

²⁸ N.E.: Deusa latina da sabedoria e dos artesãos, assimilada pelos romanos à Atena dos gregos.

mancharam as mãos no sangue dos maridos; os traidores que venderam a pátria, violando todos os juramentos, sofriam penas menos cruéis do que aqueles hipócritas. Os três juízes infernais assim o queriam, por esta razão: os hipócritas não se contentam em ser maus como os demais ímpios, porém querem passar por bons e concorrem, por sua falsa virtude, para que os homens não ousem mais confiar na verdade. Os deuses, que eles zombaram e desprezaram diante dos homens, empregam com prazer todo o seu poderio para se vingarem de tais insultos.

“Perto destes, aparecem outros homens, que as pessoas comuns julgam pouco ou nada culpados, mas que a vingança dos deuses persegue impiedosamente: são os ingratos, os mentirosos, os adutores que louvaram o vício, os críticos perversos que procuraram manchar a mais pura virtude; enfim aqueles que, julgando temerariamente as coisas, sem as conhecer a fundo, prejudicaram por isso a reputação dos inocentes.

“Telêmaco, vendo os três juízes sentados a condenarem um homem, ousou perguntar-lhes quais eram os seus crimes. O condenado, tomando a palavra, logo bradou: — Nunca fiz mal algum; todo o meu prazer consistia em praticar o bem; fui sempre generoso, liberal, justo e compassivo; de que podem, pois, censurar-me? — Minos²⁹ então lhe disse: — Não te fazemos nenhuma acusação quanto aos homens, porém, não devias menos a eles do que aos deuses? Que justiça, pois, é essa de que te vanglorias? Para com os homens, que nada são, não faltaste jamais a qualquer dever; foste virtuoso, é certo, mas só atribuíste essa virtude a ti próprio, e não aos deuses, virtude que eles te deram porque querias gozar do fruto de tua própria virtude e te fechar em ti mesmo: *foste a tua divindade*. Mas os deuses, que tudo fizeram, e o fizeram apenas para si, não podem renunciar aos seus direitos; tu os esqueceste e eles também te esqueceram; eles te entregarão a ti mesmo, pois quiseste pertencer-te e não a eles. *Procura agora, se podes, o consolo em teu próprio coração*. Eis-te agora para sempre separado dos homens, aos quais querias agradar; eis-te só contigo, tu que eras o teu ídolo; fica sabendo que não há verdadeira virtude sem respeito e amor aos deuses, a quem tudo é devido. A tua falsa virtude, que por muito tempo deslumbrou os homens ingênuos, vai ser confundida. Os homens, por não julgarem o vício e a virtude senão pelo que lhes agrada ou incomoda, são cegos quanto ao bem e quanto ao mal. Aqui, uma luz divina

²⁹ N.E.: Rei lendário da Creta, filho de Europa e de Zeus. Era juiz do inferno com Éaco e Radamanto.

derroga seus julgamentos superficiais, condenando muita vez o que eles admiram, e outras vezes justificando o que condenam.

“A estas palavras, o filósofo, como que fulminado por um raio, mal podia suster-se. A complacência que tivera outrora em rever a sua moderação, a coragem, as inclinações generosas, transformavam-se em desespero. A visão do próprio coração, inimigo dos deuses, promove-lhe suplícios; vê, e não pode deixar de se ver; vê a vaidade dos julgamentos humanos, aos quais buscava lisonjear em todas as suas ações. Opera-se uma revolução radical em todo o seu íntimo, como se lhe revolvessem todas as entranhas; já não é o mesmo; não encontra apoio no coração; sua consciência, cujo testemunho lhe fora tão agradável, revolta-se contra ele, censurando-lhe amargamente o desvario, a ilusão de todas as virtudes, que não tiveram por princípio e por fim o culto da divindade; está perturbado, consternado, preso da vergonha, do remorso, do desespero. *As Fúrias*³⁰ não o atormentam, porque lhes basta o terem entregado a si próprio, para que expie pelo coração a vingança dos deuses desprezados. Procura os lugares mais sombrios para se ocultar dos outros mortos, mas é incapaz de esconder-se de si mesmo. *Procura as trevas e não as pode encontrar; uma luz importuna o segue por toda parte*; de todos os lados os raios penetrantes vingam a verdade que ele desdenhou seguir. Tudo que amava se lhe torna odioso como fonte dos seus males infindáveis. Murmura consigo: — Ó insensato! Não conheci, pois, nem os deuses, nem os homens, nem a mim mesmo! Não; porque jamais amei o verdadeiro e único bem; todos os meus passos foram tresloucados; a minha sabedoria não passava de loucura; a minha virtude mais não era que o orgulho impiedoso e cego: eu era, enfim, o meu próprio ídolo!

“Finalmente Telêmaco avistou os reis condenados por abuso de poder. De um lado, vingadora Fúria *apresentava-lhes um espelho que lhes mostrava toda a monstruosidade de seus vícios*; aí viam, sem poder desviar os olhos, a vaidade grosseira e ávida de ridículos louvores; a crueldade para com os homens, a quem deveriam ter feito felizes; a insensibilidade para com as virtudes, o temor da verdade, a predileção pelos covardes e bajuladores, a falta de aplicação, a inércia, a indolência; a desconfiança ilimitada; o fausto e a magnificência excessivos calcados sobre a ruína dos povos; a ambição de glórias vãs à custa do sangue dos concidadãos; a crueldade, enfim,

³⁰ N.E.: Fúrias ou Eríneas ou Emênides: deusas da vingança, que os romanos chamavam Fúrias. Eram três: Alecto, Tisífone e Megera, e tinham por missão punir os crimes dos homens.

que procura a cada dia novas delícias nas lágrimas e no desespero de tantos infelizes. Esses reis reviam-se constantemente nesse espelho, achando-se mais monstruosos e horrendos que a própria Quimera³¹ vencida pelo Belerofonte,³² que a Hidra de Lerna³³ abatida por Hércules e que o próprio Cérbero³⁴ vomitando por suas três goelas um sangue negro e venenoso, capaz de empestar toda a raça de mortais que vivem sobre a Terra.

“De outro lado, outra Fúria lhes repetia injuriosamente todos os louvores que os lisonjeiros lhes dispensavam em vida e mostrava-lhes ainda outro espelho em que se viam tais como a lisonja os havia pintado. *Da antítese dos dois quadros tão contrários brotava o suplício do amor-próprio.* Notava-se que os piores dentre esses reis foram os que tiveram maiores e mais fulgentes louvores durante a vida, porque os maus são mais temidos que os bons e exigem sem pudor as vis adulações dos poetas e oradores do seu tempo.

“Seus gemidos são ouvidos nas profundezas dessas trevas, onde só se veem insultos e escárnios. Nada os cerca que não os repila, contradiga e confunda em contraste ao que supunham na vida, zombando dos homens e convictos de que tudo era feito para servi-los. No Tártaro, entregues a todos os caprichos de certos escravos, os quais, por sua vez, lhes faz provar a mais cruel servidão; humilhados dolorosamente, não lhes resta esperança alguma de modificar ou abrandar o cativo. Qual bigorna sob as marteladas dos Ciclopes,³⁵ quando Vulcano³⁶ os encoraja nas fornalhas incandescentes do Monte Etna,³⁷ assim permanecem, mercê das pancadas desses escravos transformados em verdugos.

“Aí, Telêmaco viu pálidos semblantes, hediondos e consternados. Terrível tristeza que consome estes criminosos, horrorizados de si próprios, sem poderem dela desligar-se como da própria natureza; *não precisam de outro castigo às suas faltas senão as mesmas faltas; veem incessantemente toda a sua enormidade, apresentando-se a eles sob a forma de espectros horríveis que os*

³¹ N.E.: Monstro cujo corpo era metade leão, metade cabra; tinha cauda de dragão e vomitava chamas. Foi morto por Belerofonte.

³² N.E.: Herói mitológico grego, montado no cavalo Pégaso realizou grandes proezas, entre elas matar Quimera. Belerofonte era filho de Posêidon, deus dos mares.

³³ N.E.: Serpente de sete cabeças do pântano de Lerna, na Argólia. Suas cabeças renasciam se não fossem cortadas de uma só vez. Foi morta por Hércules.

³⁴ N.E.: Cão monstruoso de três cabeças, guardião do inferno.

³⁵ N.E.: Gigantes ferreiros que tinham um único olho no meio da testa e que habitavam sob o Monte Etna.

³⁶ N.E.: Deus romano do fogo e dos trabalhos em metais, era filho de Júpiter e de Juno (deusa do casamento).

³⁷ N.E.: Local onde está situado o Etna, vulcão ativo do nordeste da Sicília, ilha italiana no Mar Mediterrâneo.

perseguem. Procurando livrar-se dessa perseguição, buscam morte mais potente do que a que os separou do corpo. No desespero em que se acham, invocam uma morte capaz de lhes extinguir a consciência; pedem aos abismos que os absorvam, a fim de se furtarem aos raios vingadores da verdade que os persegue, mas continuam votados à vingança que sobre eles destila gota a gota e que jamais estancará. *A verdade que temem ver lhes constitui o suplício*; veem-na, contudo, e só têm olhos para vê-la erguer-se contra eles, ferindo-os, despedaçando-os, arrancando-os de si mesmos, tal como o raio que, sem nada lhes destruir exteriormente, penetra-lhes o âmago das entranhas.

“Entre os seres que lhe eriçavam os cabelos, Telêmaco viu vários reis, antigos reis da Lídia³⁸ punidos por haverem preferido ao trabalho as delícias de uma vida inativa, quando aquele deve ser o consolo dos povos, inseparável da realeza.

“Esses reis lastimavam-se reciprocamente a cegueira. Um dizia a outro, que fora seu filho: — Não vos tinha eu recomendado tantas vezes durante a vida e antes da morte que reparásseis os males ocorridos por negligência minha? — Ah! infeliz pai! — dizia o filho — fostes vós que me perdestes! Foi o vosso exemplo que me inspirou o fausto, o orgulho, a voluptuosidade e a crueldade para com os homens! Vendo-vos governar com tanta incúria, cercado de aduladores infames, habituei-me a prezar a lisonja e os prazeres. Acreditei que os homens eram para os reis o que os cavalos e outros animais de carga são para os homens, isto é, animais que só se consideram enquanto proporcionam serviços e comodidades. Acreditei-o e fostes vós que mo fizestes crer; sofro agora tantos males por vos haver imitado.

“A estas recriminações aliavam as mais acerbas blasfêmias, como que possuídos de raiva suficiente para se despedaçarem mutuamente. Quais notívagos mochos,³⁹ em torno desses reis corvejavam as suspeitas cruéis, os vãos receios e desconfiças que vingam os povos da dureza de seus reis, a ganância insaciável das riquezas, a falsa glória sempre tirânica e a moleza displicente que redobra os sofrimentos sem a compensação de prazeres duráveis. Viam-se muitos desses reis severamente punidos, não por males que tivessem feito, *mas por terem negligenciado o bem que poderiam e deveriam fazer*. Todos os crimes dos povos, provenientes da desídia na observância das leis eram imputados aos reis, que não devem reinar senão para que as

³⁸ N.E.: Antiga região da Ásia menor, no Mar Egeu, entre a Mísia e a Cária.

³⁹ N.E.: Designação vulgar dada às corujas.

leis exerçam seu ministério. A eles se imputavam também todas as desordens oriundas do fausto, do luxo e dos demais excessos que impelem os homens à violência e à tentação de desprezar as leis para a aquisição de bens. O rigor recaía principalmente sobre os reis que, em vez de serem bons e vigilantes pastores dos povos, só cuidavam de devastar o rebanho, quais lobos rapaces.

“O que mais consternou Telêmaco, porém, foi ver nesse abismo de trevas e males um grande número de reis que, tendo passado na Terra como os melhores, condenaram-se às penas do Tártaro por se terem deixado guiar por homens ardilosos e maus. *Eram punidos pelos males que tinham deixado que outros praticassem em nome da sua autoridade.* Além disso, a maior parte desses reis não foram nem bons nem maus, tal a sua fraqueza; não os atemorizava a ignorância da verdade; como não experimentaram o prazer da virtude, jamais poderiam fazê-lo consistir na prática do bem.”

Descrição do inferno cristão

11. A opinião dos teólogos sobre o inferno resume-se nas seguintes citações.⁴⁰ Esta descrição, sendo colhida dos autores sagrados e da vida dos santos, pode ser considerada como expressão da fé ortodoxa na matéria, porque é reproduzida a cada instante, com pequenas variantes, nos sermões do púlpito evangélico e nas instruções pastorais.

12. “Os demônios são Espíritos puros, e os condenados, presente-mente no inferno, podem também ser considerados Espíritos puros, visto que só a alma aí desce, já que os restos mortais, entregues à terra, se transformam em ervas, plantas, frutos, minerais, líquidos, sofrendo inconscientemente as metamorfoses constantes da matéria. Mas os condenados, assim como os santos, devem ressuscitar no dia do juízo final, retomando, para não mais deixá-los, os mesmos corpos carnis que os revestiam e sob os quais eram conhecidos quando viviam na Terra. Os eleitos ressuscitarão, porém, em corpos depurados e radiosos, e os condenados em corpos maculados e desfigurados pelo pecado. Isto os distinguirá. Portanto, não haverá no inferno somente Espíritos puros, mas homens como nós. Consequentemente, o inferno é um lugar físico, geográfico, material, visto que será povoado por criaturas terrenas, dotadas de pés, mãos, boca, língua,

⁴⁰ Nota de Allan Kardec: Estas citações são tiradas da obra intitulada *O inferno*, de Auguste Callet.

dentes, ouvidos, olhos semelhantes aos nossos, sangue nas veias e nervos sensíveis à dor.

Onde estará situado esse inferno? Alguns doutores o têm colocado nas próprias entranhas do nosso globo; outros, não sabemos em que planeta; a questão, contudo, ainda não foi resolvida por nenhum concílio. Estamos, pois, quanto a este ponto, reduzidos a meras hipóteses; a única coisa positiva é que esse inferno, onde quer que se encontre, é um mundo composto de elementos materiais, embora sem Sol, sem Lua, sem estrelas, mais triste e inóspito do que a Terra, desprovido de todo germe e das aparências benéficas que porventura se encontram ainda nas regiões mais áridas deste mundo em que pecamos.

Os teólogos mais reservados não se atrevem, à semelhança dos egípcios, dos hindus e dos gregos, a descrever todos os horrores dessa morada, limitando-se a no-la apresentar como amostra do pouco que dela fala a Escritura, o lago de fogo e enxofre do Apocalipse e os vermes de Isaías, esses vermes que formigam eternamente sobre os cadáveres do Tofel, e os demônios atormentando os homens aos quais eles perderam, e os homens a chorarem, rangendo os dentes, segundo a expressão dos evangelistas.

Santo Agostinho não concorda que esses sofrimentos físicos sejam apenas reflexos de sofrimentos morais e vê, num verdadeiro lago de enxofre, vermes e verdadeiras serpentes saciando-se em todas as partes do corpo dos condenados, associando suas picadas às do fogo. Ele pretende mais, segundo um versículo de Marcos, que esse fogo estranho, embora material como o nosso e atuando sobre corpos materiais, os conservará como o sal conserva a carne das vítimas. Os condenados sentirão a tortura desse fogo que queima sem consumir, *penetrando-lhes a pele*; serão embebidos dele e saturados em todos os seus membros, na medula dos ossos, na pupila dos olhos e nas fibras mais ocultas e sensíveis do seu ser. A cratera de um vulcão, se aí pudessem submergir, ser-lhes-ia lugar de refrigério e repouso.

Assim falam com toda a segurança os teólogos mais tímidos, discretos e comedidos; não negam que haja no inferno outros suplícios corporais, mas dizem que para afirmá-lo lhes falta suficiente conhecimento, pelo menos tão positivo como o que lhes foi dado sobre o terrível suplício do fogo e dos vermes. Há, contudo, teólogos mais ousados ou mais esclarecidos que dão do inferno descrições mais detalhadas, variadas e completas. E embora não se saiba em que lugar do Espaço está situado esse inferno, há

santos que o viram. Eles não foram lá com a lira na mão, como Orfeu,⁴¹ ou de espada em punho, como Ulisses,⁴² mas transportados em Espírito.

Santa Teresa⁴³ é desse número. De acordo com a narrativa da santa, haveria cidades no inferno; ela aí viu, pelo menos, uma espécie de viela longa e estreita como essas que existem em velhas cidades; percorreu-a horrorizada, caminhando sobre terreno lodoso e fétido, no qual pululavam monstruosos répteis. Foi, porém, detida em sua marcha por uma muralha que interceptava a viela; abrigou-se num nicho da muralha, sem saber explicar a ocorrência. Era, diz ela, o lugar que lhe destinavam se abusasse, em vida, das graças concedidas por Deus em sua cela de Ávila.

Apesar da facilidade maravilhosa que tivera em penetrar esse nicho de pedra, não podia sentar-se, ou deitar-se, nem se manter de pé. Tampouco podia sair. Essas paredes horríveis, abaixando-se sobre ela, envolviam-na, apertavam-na como se fossem animadas de movimento próprio. Parecia-lhe que a afogavam, estrangulando-a, ao mesmo tempo que a esfolavam viva e a retalhavam em pedaços. Ao sentir queimar-se, experimentou, igualmente, toda sorte de angústias. Sem esperança de socorro, tudo era trevas à sua volta, embora percebesse não sem pavor, através dessas trevas, a hedionda viela em que se achava, com a sua imunda vizinhança. Este espetáculo era-lhe tão intolerável quanto os apertos da prisão.⁴⁴

Esse não passava, certamente, de um pequeno recanto do inferno. Outros viajantes espirituais foram mais favorecidos. Viram grandes cidades no inferno completamente tomadas pelo fogo: Babilônia e Nínive, a própria Roma, com seus palácios e templos incendiados e seus habitantes acorrentados. Viram também traficantes em suas bancas, sacerdotes reunidos com cortesãos em salas de festim, chumbados às suas cadeiras e levando aos lábios, em gritos desesperados, rubras taças chamejantes; criados genuflexos em cloacas⁴⁵ ferventes, braços distendidos, e príncipes de cujas mãos escorria em lava devoradora o ouro derretido. Outros viram no inferno planícies

⁴¹ N.E.: Filho de Apolo e da musa Calíope, recebeu de seu pai, como presente, uma lira e aprendeu a tocar com tal perfeição que nada podia resistir ao encanto de sua música.

⁴² N.E.: Filho de Laerte (ou de Sísifo) e de Anticleia, marido de Penélope, pai de Telêmaco, era rei de duas ilhas do mar Jônio, Ítaca e Dulíquio. Elaborou o estratagema do cavalo de Troia.

⁴³ N.E.: Teresa d'Ávila, (1515-1582). Realizou a reforma da Ordem das Carmelitas. Teresa d'Ávila viveu muitas vezes o fenômeno da levitação.

⁴⁴ Nota de Allan Kardec: Nesta visão se reconhecem todas as características dos pesadelos, sendo provável que fosse deste gênero de fenômenos o acontecido a Santa Teresa.

⁴⁵ N.E.: Lugar imundo, cheio de matérias fecais.

sem-fim, cultivadas por camponeses famintos, que, nada colhendo desses campos fumegantes, dessas sementes estéreis, se entredevoravam, dispersando-se em seguida, tão numerosos como antes, magros, vorazes e em bando, indo procurar ao longe, em vão, terras mais felizes, sendo logo substituídos por outras colônias errantes de condenados. Há também os que viram no inferno montanhas repletas de precipícios, florestas que gemiam, poços secos, fontes alimentadas de lágrimas, rios de sangue, turbilhões de neve em desertos de gelo, barcas tripuladas por desesperados, singrando mares onde a terra nunca surgia. Em suma, viram tudo o que viam os pagãos: um lúgubre reflexo da Terra, com suas misérias grandemente aumentadas, seus sofrimentos naturais eternizados, e até calabouços, patíbulos e instrumentos de tortura forjados por nossas próprias mãos.

Há, realmente, demônios que, para melhor atormentarem os homens em seus corpos, também tomam corpos. Uns têm asas de morcegos, chifres, couraças de escama, patas armadas de garras, dentes pontiagudos, a manejarem espadas, tenazes, pinças, grelhas, serras, foles, tudo ardente, não exercendo outro ofício por toda a eternidade, em relação à carne humana, senão o de carneiros e cozinheiros; outros, transformados em leões ou víboras enormes, arrastam suas presas para cavernas isoladas; alguns se transformam em corvos para arrancar os olhos de certos culpados, enquanto outros se convertem em dragões volantes, prontos a se lançarem sobre o dorso das vítimas, arbatando-as assustadiças, ensanguentadas, aos gritos, através de espaços tenebrosos, para arremessá-las por fim em tanques de enxofre. Aqui, nuvens de gafanhotos, de escorpiões gigantescos, cuja vista produz náuseas e calafrios e cujo contato provoca convulsões; além, monstros policéfalos, escancarando goelas vorazes, a sacudirem sobre suas cabeças disformes as suas crinas de serpentes venenosas, triturando os condenados com sangrentas mandíbulas para vomitá-los mastigados, porém vivos, porque são imortais.

Estes demônios em forma humana, que lembram tão visivelmente os deuses do Amenti⁴⁶ e do Tártaro, bem como os ídolos adorados pelos fenícios, moabitas e outros gentios vizinhos da Judeia, não agem ao acaso, tendo cada um a sua função, o seu papel. O mal que fizeram no inferno guarda estreita relação com o mal que inspiraram e levaram os homens a

⁴⁶ N.E.: Nome dado pelos egípcios ao lugar em que, depois da morte, as almas se reuniam para serem julgadas por Osíris, protetor dos mortos.

praticar na Terra.⁴⁷ Os condenados são punidos em todos os seus órgãos e sentidos, porque também ofenderam a Deus por todos os órgãos e sentidos. Os delinquentes da gula são castigados pelos demônios da glotonaria, os preguiçosos pelos da preguiça, os luxuriosos pelos da devassidão, e assim por diante, numa variedade tão grande como a dos pecados. Mesmo queimando sentirão frio; mesmo congelados sentirão calor, sempre ávidos de movimento e de repouso, sempre sedentos e famintos, mil vezes mais fatigados que escravo ao fim da jornada, mais doentes que os moribundos, mais aquebrados e cobertos de chagas que os mártires, e isso para todo o sempre!

Nenhum demônio se esquiva, nem se esquivará jamais ao desempenho sinistro da sua tarefa, perfeitamente disciplinados e fiéis quanto à execução das *vingativas ordens que receberam*. Sem isso, aliás, que seria o inferno? Os condenados repousariam se os algozes discutissem, polemizassem ou se enfadassem. Mas nada de repouso para uns, nada de disputas para outros. Por piores que sejam e por maior a sua quantidade, eles se entendem de um extremo a outro do abismo e jamais se viu sobre a Terra súditos mais dóceis aos seus príncipes, exércitos mais obedientes aos chefes, comunidades monásticas mais humildes e submissas aos seus superiores.⁴⁸

Quase nada se conhece da ralé de demônios, desses vis Espíritos que compõem as legiões de vampiros, sapos, escorpiões, corvos, hidras, salamandras e outros animais imundos que constituem a fauna das regiões infernais. Conhecem-se, porém, os nomes de muitos dos príncipes que comandam tais legiões, entre os quais Belfegor, o demônio da luxúria; Abaddon ou Apolion, do homicídio; Belzebu, dos desejos impuros, ou senhor das moscas responsáveis pela corrupção; Mammon, o da avareza; Moloch, Belial, Baalgad, Astarot e muitos outros, sem falar do seu chefe supremo, o sombrio arcanjo que no céu se chamava Lúcifer e no inferno se chama Satanás.”

⁴⁷ Nota de Allan Kardec: Singular punição, na verdade, esta de poder continuar em maior escala a prática de mal menor feito na Terra. Seria mais racional que os próprios malfetores sofressem as consequências desse mal, em vez de se darem ao prazer de fazê-lo aos outros.

⁴⁸ Nota de Allan Kardec: Esses mesmos demônios, rebeldes a Deus quanto ao bem, são de uma docilidade exemplar quanto à prática do mal. Nenhum deles recua ou diminui o fervor durante toda a eternidade. Que estranha metamorfose operou-se neles, que haviam sido criados puros e perfeitos como os anjos! Não é de admirar vê-los dar exemplos de harmonia, de concórdia inalterável, quando os homens nem sequer sabem viver em paz e se estraçalham na Terra? Vendo-se o requinte dos castigos reservados aos condenados e comparando a situação deles à dos demônios, não é caso de perguntar quais os mais dignos de lástima, se as vítimas ou os algozes?

Eis em resumo a ideia que nos dão do inferno, sob o ponto de vista da sua natureza física e também das penas físicas que aí sofrem. Compulsai os escritos dos pais da Igreja e dos antigos doutores; interrogai as lendas piedosas; observai as esculturas e painéis das nossas igrejas; atentai no que dizem dos púlpitos e sabereis ainda mais.

13. O autor acompanha esse quadro das seguintes reflexões, cujo alcance todos compreenderão:

“A ressurreição dos corpos é um milagre, mas Deus faz ainda um segundo milagre, dando a esses corpos mortais, já uma vez usados pelas passageiras provas da vida e já uma vez aniquilados, a virtude de subsistirem sem se dissolverem numa fornalha, onde se volatilizariam os próprios metais. Que se diga que a alma é o seu próprio algoz, que Deus não a persegue e apenas a abandona no estado infeliz por ela escolhido — embora esse abandono eterno de um ser extraviado e sofredor pareça incompatível com a Bondade divina — isso se pode até conceber; entretanto, o que se diz da alma e das penas espirituais, não se pode de modo algum dizer dos corpos e das penas corporais, para a perpetuação das quais já não basta que Deus se conserve impassível, mas, ao contrário, que intervenha e atue, sem o que todos os corpos sucumbiriam.

Os teólogos supõem, portanto, que Deus opera efetivamente, após a ressurreição dos corpos, esse segundo milagre de que falamos. Que em primeiro lugar Ele tira dos sepulcros que os devoravam os nossos corpos de barro; retira-os tais como aí baixaram, com suas enfermidades originais e as degradações sucessivas da idade, das moléstias e dos vícios; restitui-nos a esse estado, decrépitos, friorentos, gotosos, cheios de necessidades, sensíveis a uma picada de abelha, cobertos pelas feridas que a vida e a morte nos impuseram, e está feito o primeiro milagre; depois, a esses corpos raquíticos, prontos a voltarem ao pó de onde saíram, Deus outorga propriedades que nunca tiveram, completando o segundo milagre — a imortalidade, esse dom que, em sua cólera (dizei antes em sua misericórdia), Ele havia retirado de Adão ao sair do Éden. Adão, quando imortal, era invulnerável, e deixando de ser invulnerável tornou-se mortal. A morte seguia de perto a dor.

“A ressurreição não nos restabelece, pois, nem nas condições físicas do homem inocente, nem nas do culpado, sendo antes uma ressurreição das nossas misérias, mas com um acréscimo de misérias novas, infinitamente mais horrorosas. É, de algum modo, uma verdadeira criação, e a

mais maliciosa que a imaginação porventura ousou conceber. Deus muda de parecer e, para ajuntar aos tormentos espirituais dos pecadores tormentos carnis que possam durar eternamente, transforma de súbito, por efeito do seu poder, as leis e propriedades por Ele mesmo estabelecidas desde o começo dos tempos aos compostos materiais, ressuscita carnes enfermas e corrompidas e, reunindo por um nó indestrutível esses elementos que tendem por si mesmos a separar-se, mantém e perpetua, contra a ordem natural, essa podridão viva, lançando-a ao fogo, não para purificá-la, mas para conservá-la tal qual é, sensível, sofredora, em chamas, horrível e, tal como a quer, imortal.

Por esse milagre Deus se transforma num dos algozes do inferno, pois se os condenados não podem atribuir seus males espirituais senão a si mesmos, em compensação só a Deus poderão imputar os outros. Era pouco demais, após a morte, abandoná-los à tristeza, ao arrependimento e a todas as angústias de uma alma que sente haver perdido o bem supremo. Segundo os teólogos, Deus irá buscá-las nessa noite, no fundo desse abismo, chamando-as momentaneamente à vida, não para as consolar, mas para as revestir de um corpo horrendo, chamejante, imperecível, mais empestado que a túnica de Dejanira,⁴⁹ para, em seguida, abandoná-las para sempre.

Ainda assim esse abandono não será absoluto, visto como o céu e a Terra não subsistem senão por ato permanente da vontade divina, sempre ativa, e considerando-se que tudo se dissiparia se Ele deixasse de os sustentar. Deus terá, portanto, sem cessar, esses condenados à mão, para impedir que o fogo se extinga em seus corpos e os consuma, querendo que contribuam perenemente por seus suplícios eternos para a edificação dos escolhidos.”

14. Dissemos, e com razão, que o inferno dos cristãos havia superado o dos pagãos. De fato, no Tártaro veem-se culpados torturados pelo remorso, ante suas vítimas e seus crimes, acabrunhados por aqueles que espezinharam na vida terrestre; vemo-los fugirem à luz que os penetra, procurando em vão escaparem aos olhares que os perseguem; aí o orgulho é abatido e humilhado; todos trazem o estigma do seu passado, todos são punidos pelas próprias faltas, a tal ponto que, para alguns, basta entregá-los a si mesmos sem ser preciso aumentar-lhes os castigos. Contudo, são *sombras*, isto é, *almas com corpos fluídicos, imagens da sua vida terrestre*; lá não se vê os

⁴⁹ N.E.: Esposa de Hércules, de cuja morte foi a causadora fazendo-o vestir a túnica envenenada que lhe fora entregue pelo centauro Nesso.

homens retomarem o corpo carnal para sofrer materialmente, nem o fogo a penetrar-lhes a pele, saturando-os até a medula dos ossos. Tampouco se vê o requinte das torturas que constituem o fundo do inferno cristão. Juízes inflexíveis, porém justos, proferem a sentença de acordo com o delito, ao passo que no império de Satã todos são confundidos nas mesmas torturas, com a materialidade por base, e banida toda e qualquer equidade.

Hoje não se nega a existência, no próprio seio da Igreja, de muitos homens sensatos que não admitem essas coisas à risca, vendo nelas simples alegorias cujo sentido convém interpretar. Estas opiniões, no entanto, são individuais e não fazem lei, de modo que a crença no inferno material, com todas as suas consequências, ainda constitui um artigo de fé.

15. É de perguntar-se como alguns homens foram capazes de ver essas coisas em estado de êxtase, quando elas de fato não existem. Não cabe aqui explicar a origem das imagens fantásticas, tantas vezes reproduzidas com todas as aparências de realidade. Diremos apenas ser preciso considerar, em princípio, que o êxtase é a menos segura de todas as revelações⁵⁰ porque o estado de superexcitação nem sempre implica um desprendimento tão completo da alma que se imponha à crença absoluta, denunciando muitas vezes o reflexo de preocupações da véspera.

As ideias com que o Espírito se nutre e das quais o cérebro, ou melhor, o envoltório perispiritual que a este corresponde, conserva a forma ou a estampa, se reproduzem amplificadas como em uma miragem, sob formas vaporosas que se cruzam, se confundem e compõem um todo extravagante. Os extáticos de todos os cultos sempre viram coisas relacionadas com a fé que possuíam. Nada há, pois, de extraordinário que Santa Teresa e outros, tanto quanto ela saturados de ideias infernais pelas descrições, verbais ou escritas, hajam tido visões, que não são, propriamente falando, mais que reproduções por efeito de um pesadelo. Um pagão fanatizado teria antes visto o Tártaro e as Fúrias, ou Júpiter, no Olimpo, empunhando o raio.

⁵⁰ Nota de Allan Kardec: Veja-se *O livro dos espíritos*, questões 443 e 444.

CAPÍTULO V



O purgatório

1. O Evangelho não faz menção alguma do purgatório, que só foi admitido pela Igreja no ano 593. É incontestavelmente um dogma mais racional e mais conforme à vontade de Deus do que o do inferno, porque estabelece penas menos rigorosas e resgatáveis para as faltas de mediana gravidade.

O princípio do purgatório funda-se, pois, na equidade, porque, comparado à justiça humana, é a detenção temporária a par da condenação perpétua. Que diríamos de um país que só tivesse a pena de morte para os crimes hediondos e os delitos mais simples? Sem o purgatório, só há para as almas duas alternativas extremas: a felicidade absoluta ou o suplício eterno. Nessa hipótese, que seria das almas somente culpadas de ligeiras faltas? Ou compartilhariam da felicidade dos eleitos, ainda quando imperfeitas, ou sofreriam o castigo imposto aos maiores criminosos, mesmo quando não houvessem praticado muito mal, o que não seria nem justo, nem racional.

2. A noção de purgatório, entretanto, deveria ser necessariamente incompleta, porque apenas conhecendo a penalidade do fogo os homens fizeram dele um inferno menos tenebroso, visto que as almas aí também ardem, embora em fogo mais brando. Sendo o dogma das penas eternas incompatível com o progresso, as almas do purgatório não se livram dele por efeito do seu adiantamento, mas em virtude das preces que se dizem ou que se mandam dizer em sua intenção. Se o primeiro pensamento foi bom, o mesmo não se pode dizer das consequências que dele decorrem, pelos abusos a que deram causa. As preces pagas transformaram o purgatório em mina mais rendosa que o inferno.⁵¹

⁵¹ Nota de Allan Kardec: O purgatório deu origem ao comércio escandaloso das indulgências, por intermédio do qual se vendia a entrada no céu. Este abuso foi a causa principal da Reforma, levando Lutero a rejeitar o purgatório.

3. O local do purgatório e a natureza das penas aí sofridas nunca foram determinados e definidos claramente. Estava reservado à Nova Revelação o preenchimento dessa lacuna, ao nos explicar as causas das misérias da vida terrena, das quais só a pluralidade das existências poderia mostrar-nos a justiça. Essas misérias decorrem necessariamente das imperfeições da alma, pois se ela fosse perfeita não cometeria faltas nem teria de sofrer-lhe as conseqüências.

O homem que na Terra fosse sóbrio e moderado em tudo, por exemplo, não padeceria enfermidades oriundas dos excessos. Na maior parte das vezes ele é infeliz por sua própria culpa; porém, se é imperfeito, é porque já o era antes de vir à Terra, expiando não somente faltas atuais, mas faltas anteriores não reparadas. Sofre em uma vida de provações o que fez sofrer a outrem em anterior existência. As vicissitudes que experimenta são, ao mesmo tempo, uma correção temporária e uma advertência quanto às imperfeições que lhe cumpre eliminar de si, a fim de evitar males futuros e progredir para o bem. São para a alma lições da experiência, rudes às vezes, mas tanto mais proveitosas para o porvir quanto profundas as impressões que deixam. Essas vicissitudes provocam lutas incessantes que desenvolvem suas forças e suas faculdades intelectuais e morais. Por essas lutas a alma se retempera no bem, triunfando sempre que tiver coragem para mantê-las até o fim. O prêmio da vitória está na vida espiritual, onde a alma entra radiosa e triunfante, como o soldado que sai da refrega para receber a palma gloriosa.

4. Cada existência é uma oportunidade para a alma dar um passo à frente. Depende da sua vontade a maior ou menor extensão desse passo, seja franqueando muitos degraus, seja permanecendo no mesmo ponto. Neste último caso, de nada lhe aproveita o sofrimento; e, porque cedo ou tarde se impõe sempre o pagamento de suas dívidas, terá de recomeçar nova existência em condições ainda mais penosas, porque outra mancha virá juntar-se a uma mancha não apagada.

É, pois, nas sucessivas encarnações que a alma se despoja pouco a pouco das suas imperfeições, que se *purga*, até que esteja bastante pura para poder deixar os mundos de expiação, por mundos mais venturosos e, mais tarde, para fruir em outros a suprema felicidade. Assim, o *purgatório* não constitui uma ideia vaga e incerta. É uma realidade material que vemos, tocamos e sofremos; existe nos mundos de expiação, e a Terra é um desses

mundos; nela os homens expiam o passado e o presente, em proveito do futuro. Contrariamente, porém, à ideia que deles se faz, depende de cada um prolongar ou abreviar a sua permanência, segundo o grau de adiantamento e pureza atingido pelo próprio esforço sobre si mesmo. Daí só se sai por mérito próprio, e não por conclusão de tempo ou pelos méritos alheios, consoante estas palavras do Cristo: *A cada um segundo as suas obras*, palavras que resumem integralmente a Justiça de Deus.

5. Aquele, pois, que sofre nesta vida deve convencer-se de que assim sucede porque não se depurou suficientemente em sua existência anterior e que, se não o fizer nesta, deverá sofrer ainda mais na seguinte. Isto é ao mesmo tempo equitativo e lógico. Sendo o sofrimento inerente à imperfeição, tanto mais tempo se sofrerá quanto mais imperfeito se for, da mesma forma que uma enfermidade persistirá por mais tempo quanto maior for a demora em tratá-la. É por isso que, enquanto o homem for orgulhoso e egoísta, sofrerá as consequências do orgulho e do egoísmo.

6. Devido às suas imperfeições, o Espírito culpado sofre primeiro na vida espiritual, sendo-lhe depois concedida a vida corpórea como meio de reparação. É por isso que nessa nova existência ele se achará em relação com as pessoas a quem ofendeu, ou em meios semelhantes àquelas em que praticou o mal, ou ainda em situações opostas à sua vida precedente, como na miséria ou numa condição humilhante, por exemplo, se foi mau rico ou orgulhoso.

A expiação no mundo dos Espíritos e na Terra não constitui duplo castigo para o Espírito, mas um complemento, um desdobramento do trabalho efetivo com vistas a lhe facilitar o progresso. Depende dele aproveitá-lo. Não será preferível que o Espírito volte à Terra, com a possibilidade de alcançar o céu, a ser condenado sem remissão se a deixar definitivamente? A concessão dessa liberdade é uma prova da sabedoria, da bondade e da Justiça de Deus, que quer que *o homem deva tudo aos próprios esforços e seja o responsável pelo seu futuro*. Se for infeliz por mais ou menos tempo, não poderá queixar-se senão de si mesmo, visto que a rota do progresso lhe estará sempre aberta.

7. Considerando-se como é grande o sofrimento de certos Espíritos culpados no mundo invisível, quão terrível e penosa é a situação de outros, agravada ainda mais pela impotência de preverem o termo desses sofrimentos, poder-se-ia dizer que se acham no *inferno*, desde que tal vocábulo não

implicasse a ideia de um castigo eterno e material. Graças, porém, à revelação dos Espíritos e aos exemplos que nos oferecem, sabemos que *a duração da expiação está subordinada ao melhoramento do culpado.*

8. O Espiritismo não vem, pois, negar as penas futuras; vem, ao contrário, confirmá-las. O que ele destrói é o inferno localizado com suas fornalhas e penas irremissíveis. Também não nega o purgatório, pois prova que nele nos achamos. Ao defini-lo precisamente e ao explicar a causa das misérias terrenas, conduz à crença aqueles mesmos que o negam. Repele as preces pelos mortos? Ao contrário, visto que os Espíritos sofredores as solicitam; eleva-as a um dever de caridade e demonstra a sua eficácia para os *conduzir ao bem* e, por esse meio, abreviar os seus tormentos.⁵² Falando à inteligência, tem levado a fé a muitos incrédulos, incutindo a prece no ânimo dos que a escarneciam. O que o Espiritismo afirma é que o valor da prece está no pensamento, e não nas palavras; que as melhores preces são as do coração, e não as dos lábios; aquelas que cada um faz pessoalmente, e não as que se mandam dizer por dinheiro. Quem, pois, ousaria censurá-lo?

9. Seja qual for a duração do castigo e onde quer que ocorra, na vida espiritual ou na Terra, terá sempre um termo, próximo ou remoto. Na realidade não há para o Espírito mais que duas alternativas, a saber: *punição* temporária e proporcional à culpa, e *recompensa graduada segundo o mérito*. O Espiritismo repele a terceira alternativa, a da condenação eterna. O inferno reduz-se a figura simbólica dos maiores sofrimentos, cujo termo é desconhecido. O purgatório, sim, é a realidade.

A palavra *purgatório* sugere a ideia de um lugar circunscrito, aplicando-se, por isso mesmo e mais naturalmente à Terra, considerada como local de expiação, do que ao Espaço infinito onde erram os Espíritos sofredores, sobretudo porque a natureza da expiação terrena tem todas as características da verdadeira expiação.

Quando os homens se melhorarem, não fornecirão ao mundo invisível senão Espíritos bons, de modo que estes, ao encarnarem, só fornecirão à humanidade corpórea elementos aperfeiçoados. Então a Terra deixará de ser um mundo de expiação e os homens não sofrerão mais as misérias decorrentes das suas imperfeições. É por esta transformação, que

⁵² Nota de Allan Kardec: Veja-se *O evangelho segundo o espiritismo*, capítulo XXVII, item Ação da prece. [Transmissão do pensamento.]

neste momento se opera, que a Terra se elevará na hierarquia dos mundos. (Veja-se *O evangelho segundo o espiritismo*, cap. III.)

10. Por que, então, o Cristo não falou do purgatório? É que, não existindo a ideia, não havia palavra que a representasse. Ele se serviu da palavra *inferno*, a única usada, como termo genérico, para designar sem distinção as penas futuras. Se houvesse colocado, ao lado da palavra *inferno*, uma equivalente a *purgatório*, não poderia precisar-lhe o verdadeiro sentido sem ferir uma questão reservada ao futuro; teria, enfim, de consagrar a existência de dois lugares especiais de castigo. O inferno, em sua concepção genérica, despertando a ideia de punição, encerrava, implicitamente, a do *purgatório*, que não passa de um modo de penalidade.

Estava reservado ao futuro esclarecer os homens sobre a natureza das penas e, por isso mesmo, reduzir o inferno ao seu justo valor. E já que a Igreja, após seis séculos, houve por bem suprir o silêncio de Jesus quanto ao purgatório, decretando-lhe a existência, é porque julgou que o Mestre não havia dito tudo. E por que não haveria de dar-se sobre outros pontos o com que este se deu?

CAPÍTULO VI



Doutrina das penas eternas

• Origem da doutrina das penas eternas • Argumentos a favor das penas eternas • Impossibilidade material das penas eternas • A doutrina das penas eternas fez sua época • Ezequiel contra a eternidade das penas e o pecado original

Origem da doutrina das penas eternas

1. A crença na eternidade das penas perde diariamente tanto terreno que, sem ser profeta, é possível prever-se para breve o seu fim. Tem sido combatida por meio de argumentos tão poderosos e tão categóricos que, de agora em diante, nos parece quase supérfluo ocuparmo-nos de tal doutrina, deixando que se extinga por si mesma. Entretanto, não se pode contestar que, mesmo caduca, ainda constitui o argumento principal utilizado pelos adversários das ideias novas, o ponto que defendem com mais obstinação, por ser um dos lados mais vulneráveis que ela apresenta, e porque preveem as consequências dessa queda. Por este lado, a questão merece sério exame.

2. A doutrina das penas eternas teve a sua razão de ser, como a do inferno material, enquanto o temor podia constituir um freio para os homens pouco adiantados intelectual e moralmente. Impossibilitados que estavam de captarem as nuances tantas vezes delicadas do bem e do mal, bem como o valor relativo das circunstâncias atenuantes e agravantes, os homens não se impressionariam, a não ser pouco ou mesmo nada, com

a ideia das penas morais; tampouco compreenderiam a temporalidade dessas penas e a justiça decorrente das suas gradações e proporções.

3. Quanto mais próximo do estado primitivo, mais material é o homem. O senso moral é o que mais tardiamente se desenvolve nele, razão pela qual não pode fazer de Deus, dos seus atributos e da vida futura, senão uma ideia muito vaga e imperfeita. Assimilando-o à sua própria natureza, Deus não passa para ele de um soberano absoluto, tanto mais terrível quanto invisível, como um rei despótico que, fechado no seu palácio, jamais se mostrasse aos súditos. Sem compreenderem o seu poder moral, só o aceitam pela força material, e não o veem senão armado com o raio, ou no meio de relâmpagos e tempestades, semeando de passagem a ruína e a desolação, tal como fazem os guerreiros invencíveis. Um Deus de mansuetude e misericórdia não seria um Deus, mas um ser fraco a quem seria impossível obedecer. A vingança implacável, os castigos terríveis, eternos, nada tinham de incompatíveis com a ideia que se fazia de Deus, nada que lhes repugnassem à razão. Como eles mesmos fossem implacáveis nos seus ressentimentos, cruéis com os inimigos e inexoráveis com os vencidos, Deus, que lhes era superior, deveria ser ainda mais terrível.

Para tais homens havia necessidade de crenças religiosas compatíveis com a sua natureza ainda rústica. Uma religião exclusivamente espiritual, toda amor e caridade, não podia aliar-se à brutalidade dos costumes e das paixões, de modo que não se deve censurar a legislação draconiana⁵³ de Moisés, que apenas podia conter seu povo indócil, nem o fato de haver feito de Deus um Deus vingativo. A época assim o exigia, sem o que a doutrina de Jesus não teria encontrado eco e até mesmo se anularia.

4. À medida que o Espírito se desenvolvia, o véu material pouco a pouco se dissipava e os homens se tornavam mais aptos para compreender as coisas espirituais, o que só aconteceu lenta e gradualmente. Por ocasião de sua vinda, Jesus já pôde proclamar um Deus clemente, falando de seu reino, que não é deste mundo, e dizer aos homens: “Amai-vos uns aos outros e fazei o bem aos que vos odeiam”, enquanto os antigos diziam: “Olho por olho, dente por dente.”

⁵³ N.E.: Relativo a Drácon, legislador de Atenas (séc. VII a.c.), famoso pela dureza cruel das leis a ele atribuídas; excessivamente rigoroso; cruelmente severo.

Ora, quais eram os homens que viviam no tempo de Jesus? Seriam almas novamente criadas e encarnadas? Se assim fosse, teria Deus criado almas mais adiantadas no tempo de Jesus do que no tempo de Moisés? Mas então em que se teriam tornado estas últimas? Consumir-se-iam por toda a eternidade no embrutecimento? O simples bom senso repele tal suposição. Não; essas almas eram as mesmas que viviam sob o império das leis mosaicas e que tinham adquirido, em várias existências sucessivas, desenvolvimento suficiente à compreensão de uma doutrina mais elevada, assim como hoje se encontram mais adiantadas para receber um ensino ainda mais completo.

5. Todavia, o Cristo não pôde revelar aos seus contemporâneos todos os mistérios do futuro. Ele próprio o disse: “Muitas coisas ainda vos diria se as pudésseis compreender, e é por isso que vos falo em parábolas.” Mas o Cristo foi muito explícito sobretudo no que diz respeito à moral, porque, tocando na corda sensível da vida material, sabia fazer-se compreender. Quanto aos outros pontos, limitou-se a semear sob a forma alegórica os germes que deveriam ser desenvolvidos mais tarde.

A doutrina das penas e recompensas futuras pertence a esta última ordem de ideias. Sobretudo em relação às penas, Ele não poderia romper bruscamente com as ideias preconcebidas. Vindo traçar aos homens novos deveres, substituir o ódio e a vingança pelo amor do próximo e pela caridade, o egoísmo pela abnegação, já era muito; além disso, não podia racionalmente enfraquecer o temor do castigo reservado aos prevaricadores, sem enfraquecer ao mesmo tempo a ideia do dever.

Se prometia o reino dos céus aos bons, esse reino estaria interdito aos maus; para onde iriam estes? Precisava de uma compensação capaz de impressionar inteligências ainda muito rudimentares, de modo que pudessem identificar-se com a vida espiritual, visto que Jesus se dirigia ao povo, à parte menos esclarecida da sociedade, para a qual havia necessidade de imagens de algum modo palpáveis, e não de ideias sutis. Foi esta a razão por que Jesus não entrou em minúcias supérfluas a este respeito; naquela época, bastava-lhe opor uma punição à recompensa.

6. Se Jesus ameaçou os culpados com o fogo eterno, também os ameaçou de serem lançados na *geena*. Ora, que vem a ser a *geena*? Um lugar nos arredores de Jerusalém, um monturo onde se despejavam as imundícies da cidade. Dever-se-ia interpretar isso também ao pé da letra?

Entretanto, era uma dessas figuras enérgicas de que Ele se servia para impressionar as massas. O mesmo se dá com o fogo eterno. E se tal não tivesse sido o seu pensamento, Ele estaria em contradição consigo mesmo ao exaltar a clemência e a misericórdia de Deus, pois clemência e inexorabilidade são sentimentos antagônicos que se anulam. Seria, pois, equivocar-se singularmente sobre o sentido das palavras de Jesus, atribuindo-lhes a sanção do dogma das penas eternas, quando todo o seu ensino vem proclamar a mansidão do Criador.

No *Pai-nosso* Jesus nos ensina a dizer: “Perdoai, Senhor, as nossas faltas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores.” Se o culpado não devesse esperar algum perdão, seria inútil pedi-lo. Esse perdão, porém, é incondicional? É uma graça, é uma remissão pura e simples da pena em que se incorreu? Não; a medida desse perdão subordina-se ao modo pelo qual se haja perdoado, o que equivale dizer que não seremos perdoados se, por nosso lado, não perdoarmos aos outros. Ao fazer do esquecimento das ofensas uma condição absoluta, Deus não podia exigir do homem fraco o que Ele, onipotente, não fizesse. O *Pai-nosso* é um protesto cotidiano contra a eterna vingança de Deus.

7. Para homens que só possuíam da espiritualidade da alma uma ideia confusa, o fogo material nada tinha que chocasse, até porque já fazia parte da crença comum, haurida no inferno dos pagãos, quase universalmente espalhada. Do mesmo modo, a eternidade das penas nada apresentava que pudesse repugnar a homens desde muitos séculos submetidos à legislação do terrível Jeová. No pensamento de Jesus, portanto, o fogo eterno não passaria de simples figura, pouco lhe importando que essa figura fosse tomada ao pé da letra, desde que servisse de freio às paixões humanas. Além disso, Ele sabia que o tempo e o progresso se incumbiriam de explicar o sentido alegórico, considerando-se ainda, segundo a sua predição, que o *Espírito de Verdade* viria esclarecer os homens sobre todas as coisas.

O caráter essencial das penas irrevogáveis é a *ineficácia do arrependimento*. Ora, Jesus nunca disse que o arrependimento não encontraria graça diante do Pai. Ao contrário, sempre que se lhe apresentou oportunidade, Ele no-lo mostrou como um Deus clemente, misericordioso, pronto a receber o filho pródigo que voltasse ao lar paterno; inflexível, sim, para o pecador obstinado, porém sempre disposto a trocar o castigo

pelo perdão do culpado sinceramente arrependido. Este não é, por certo, o caráter de um Deus sem piedade. Também convém assinalar que Jesus nunca pronunciou contra quem quer que fosse, mesmo contra os maiores culpados, a condenação irremissível.

8. Todas as religiões primitivas, refletindo o caráter dos povos, tiveram deuses guerreiros que combatiam à frente dos exércitos. O Jeová dos hebreus facultava-lhes mil modos de exterminar os inimigos; recompensava-os com a vitória ou punia-os com a derrota. A ideia que faziam de Deus os levava a honrá-lo ou apaziguá-lo com o sangue de animais ou de homens, e daí os sacrifícios sangrentos que representavam papel tão importante em todas as religiões da antiguidade. Os judeus já tinham abolido os sacrifícios humanos; os cristãos, apesar dos ensinamentos do Cristo, por muito tempo julgaram honrar o Criador, entregando, aos milhares, às chamas e às torturas, os que denominavam hereges, o que não deixava de ser, sob outra forma, verdadeiros sacrifícios humanos, visto que os promoviam para *maior glória de Deus*, e com acompanhamento de cerimônias religiosas. Hoje, ainda invocam o *Deus dos exércitos* antes do combate e o glorificam após a vitória, muitas vezes pelas causas mais injustas e anticristãs.

9. Como o homem é vagaroso em desfazer-se dos seus hábitos, preconceitos e ideias primitivas! Quarenta séculos nos separam de Moisés, e a nossa geração cristã ainda vê traços de antigos usos bárbaros, se não consagrados, ao menos aprovados pela religião atual! Foi preciso a poderosa opinião dos *não-ortodoxos*, dos que são considerados heréticos, para acabar com a fogueira e fazer que se compreendesse a verdadeira grandeza de Deus. À em falta de fogueiras, porém, prevalecem ainda as perseguições materiais e morais, tão radicada está no homem a ideia de um Deus cruel. Nutrido por sentimentos que lhe são apregoados desde a infância, poderá o homem estranhar que o Deus que lhe apresentam, lisonjeado por atos bárbaros, condene a torturas eternas e veja sem piedade o sofrimento dos culpados?

Sim, foram justamente os filósofos, os ímpios como querem alguns, que se escandalizaram vendo o nome de Deus profanado por atos indignos da sua magnanimidade. Foram eles que o mostraram aos homens na plenitude da sua grandeza, despojando-o das paixões e baixezas humanas, atribuídas por uma crença menos esclarecida. Neste ponto a

religião ganhou em dignidade o que tem perdido em prestígio exterior, porque se ainda existem homens apegados à forma, bem maior é o número dos sinceramente religiosos pelo sentimento e pelo coração.

Ao lado destes, porém, quantos se detiveram na superfície e foram levados, sem mais reflexão, a negarem toda a Providência! Por não ter sido capaz de *conciliar* as crenças religiosas com o progresso da razão humana, a religião levou muita gente ao deísmo e à incredulidade absoluta, sem esquecermos o panteísmo, isto é, o homem fazendo-se deus ele próprio, à falta de um ser mais perfeito.

Argumentos a favor das penas eternas

10. Voltemos ao dogma das penas eternas, que tem, como principal argumento invocado em seu favor, o seguinte: “É ponto pacífico entre os homens que a gravidade da ofensa é proporcional à qualidade do ofendido. O crime perpetrado contra um soberano, por exemplo, sendo considerado mais grave do que o cometido contra qualquer súdito é, por isso mesmo, punido com maior severidade. E sendo Deus muito mais que um soberano, pois é infinito, a ofensa a Ele deve ser infinita, como infinito deve ser o respectivo castigo, isto é, eterno.”

REFUTAÇÃO – Toda refutação é um raciocínio que deve ter seu ponto de partida, uma base sobre a qual se apoie, premissas, enfim. Tomemos essas premissas aos próprios atributos de Deus: — único, eterno, imutável, imaterial, onipotente, soberanamente justo e bom, infinito em todas as perfeições.

É impossível conceber Deus de outra maneira, visto que, sem a infinita perfeição, poder-se-ia conceber outro ser que lhe fosse superior. Para que seja único acima de todos os seres, é absolutamente necessário que ninguém possa excedê-lo ou sequer igualá-lo no que quer que seja. Logo, é preciso que seja infinito em tudo.

Por serem infinitos, os atributos divinos não podem sofrer aumento nem diminuição, sem o que não seriam infinitos nem Deus seria perfeito. Se se tirasse a menor parcela de um só dos seus atributos, já não haveria Deus, visto que poderia coexistir um ser mais perfeito do que Ele. O infinito de uma qualidade exclui a possibilidade da existência de outra qualidade contrária que pudesse diminuí-la e anulá-la. Um ser

infinitamente bom não pode ter a menor parcela de maldade, nem o ser *infinitamente mau* pode ter a menor parcela de bondade. Assim também um objeto não seria absolutamente negro com a mais leve nuança de branco e vice-versa. Estabelecido este ponto de partida, oporemos aos argumentos citados os seguintes:

11. Só um ser infinito pode fazer algo infinito. Sendo limitado nas virtudes, nos conhecimentos, no poderio, nas aptidões e na existência terrena, o homem não pode produzir senão coisas limitadas. Se pudesse ser infinito no mal que faz, ele o seria igualmente no bem, igualando-se, então, a Deus. Se o homem, porém, fosse infinito no bem não praticaria o mal, já que o bem absoluto é a exclusão de todo o mal.

Admitindo-se que uma ofensa temporária à Divindade pudesse ser absoluta, Deus, vingando-se por um castigo *infinito*, seria *infinitamente vingativo*; e sendo Deus infinitamente vingativo não pode ser infinitamente bom e misericordioso, visto que um desses atributos é a negação do outro. Se não for infinitamente bom não é perfeito; e se não for perfeito deixa de ser Deus.

Se Deus é inexorável para o culpado que se arrepende, não é misericordioso; e se não é misericordioso, deixa de ser infinitamente bom. Por que, então, Deus outorgaria aos homens uma lei de perdão, se Ele próprio não perdoasse? Resultaria daí que o homem que perdoa aos seus inimigos e lhes retribui o mal com o bem seria melhor que Deus, surdo ao arrependimento dos que o ofendem, negando-lhes por *todo o sempre* o mais ligeiro consolo.

Achando-se em toda parte e tudo vendo, Deus deve ver também as torturas dos condenados; e se Ele se mantém insensível aos gemidos deles por toda a eternidade, será eternamente impiedoso. Logo, se não tem piedade, não é infinitamente bom.

12. A isto replicam que o pecador que se arrepende antes de morrer tem a misericórdia de Deus, e que mesmo o maior culpado pode receber essa graça. Quanto a isto não há dúvida, e compreende-se que Deus só perdoe ao arrependido, mantendo-se inflexível para com os obstinados; mas se Ele é todo misericordioso para a alma que se arrepende antes de deixar o corpo, por que deixará de sê-lo para a que se arrepende depois da morte? Por que o arrependimento só seria eficaz durante a vida, que não passa de um breve instante, e não na eternidade, que não tem fim? Se a

bondade e a misericórdia divinas fossem circunscritas *a um dado tempo*, teriam limites e Deus não seria infinitamente bom.

13. Deus é soberanamente justo. A soberana justiça não é inexorável de forma alguma, nem tão complacente a ponto de deixar impunes todas as faltas; ao contrário, leva em conta rigorosamente o bem e o mal, recompensando um e punindo o outro equitativa e proporcionalmente, sem se enganar jamais na sua aplicação.

Se, por uma falta passageira, resultante sempre da natureza imperfeita do homem e muitas vezes do meio em que vive, a alma pode ser punida eternamente, sem esperança de clemência ou de perdão, não há proporção entre a falta e o castigo e, portanto, não há justiça. Reconciliando-se com Deus, arrependendo-se e pedindo para reparar o mal praticado, o culpado estará retornando ao bem, aos bons sentimentos. Se, porém, o castigo é irrevogável, esse retorno ao bem em nada lhe aproveita, e um bem não considerado significa injustiça. Entre os homens, o condenado que se corrige tem a pena comutada e, algumas vezes, até perdoada. Não haveria, nesse caso, mais equidade na justiça humana do que na divina?

Se a condenação é irrevogável, o arrependimento é inútil. Nada tendo de esperar do seu retorno ao bem, o culpado persiste no mal, de modo que Deus não só o condena a sofrer perpetuamente, mas ainda a permanecer no mal por toda a eternidade. Nisso não há nem bondade nem justiça.

14. Sendo infinito em tudo, Deus deve conhecer tudo, tanto o passado quanto o futuro; deve saber, ao criar uma alma, se ela virá a falir de forma tão grave a ponto de ser condenada eternamente. Se não o souber, a sua sabedoria não é infinita; logo, Ele deixa de ser Deus. Sabendo-o, cria voluntariamente um ser votado desde a formação a torturas sem-fim e, nesse caso, deixa de ser bom. Uma vez, porém, que Deus pode estender a sua misericórdia ao pecador arrependido e *tirá-lo do inferno*, deixam de existir penas eternas, e o juízo dos homens está revogado.

15. Por conseguinte, a doutrina das penas eternas absolutas conduz forçosamente à negação, ou, pelo menos, ao enfraquecimento de alguns atributos de Deus, sendo, portanto, inconciliável com a perfeição infinita. Estamos, assim, diante de um dilema: ou Deus é perfeito e não há penas eternas ou há penas eternas e Deus não é perfeito.

16. Também se invoca em favor do dogma da eternidade das penas o seguinte argumento: “A recompensa conferida aos bons, sendo eterna, deve ter por corolário a eterna punição. É justo proporcionar a punição à recompensa.”

REFUTAÇÃO – Deus criou a alma para fazê-la feliz ou infeliz? Evidentemente, a felicidade da criatura deve ser o objetivo do Criador, pois, de outro modo, Ele não seria bom. A alma alcança a felicidade pelo próprio mérito que, uma vez adquirido, não mais o perde. O contrário seria a sua degenerescência. A felicidade eterna é, pois, a consequência da sua imortalidade.

Antes, porém, de chegar à perfeição, tem lutas a sustentar, combates a travar com as más paixões. Não tendo sido criada perfeita, mas *suscetível de o ser*, a fim de que tenha o mérito de suas obras, a alma pode cair em faltas. Suas quedas são a consequência da sua natural fraqueza. E se devesse ser punida eternamente em virtude de uma queda, não seria o caso de perguntar por que Deus não a criou mais forte? A punição que ela sofre é uma advertência do mal que praticou, devendo ter por fim reconduzi-la ao bom caminho. Se a pena fosse irremissível, o desejo de melhorar seria supérfluo; nem mesmo o fim da Criação seria alcançado, porque haveria seres predestinados à felicidade e outros à desgraça. Se uma alma culpada se arrepende, pode regenerar-se, e podendo regenerar-se pode aspirar à felicidade. Ora, Deus seria justo se lhe recusasse os meios para isso?

Sendo o bem o fim supremo da Criação, a felicidade, que é o seu prêmio, deve ser eterna, como temporário deve ser o castigo, que é o meio de alcançá-la. Mesmo entre os homens, a mais vulgar noção de justiça prescreve que não se pode castigar perpetuamente quem se mostra desejoso de praticar o bem.

17. Um último argumento a favor das penas eternas é este: “O temor das penas eternas é um freio; se fosse anulado, o homem, por nada temer, entregar-se-ia a todos os excessos.”

REFUTAÇÃO – Esse raciocínio seria justo se a não-eternidade das penas provocasse a supressão de toda sanção penal. A felicidade ou infelicidade futura é consequência rigorosa da Justiça de Deus, visto que a identidade de condições para o homem bom e para o perverso seria a negação da justiça. Mas pelo fato de não ser eterno, nem por isso o castigo

deixa de ser menos penoso. Ele se torna tanto mais temível quanto mais nele se crê, e tanto mais aceitável quando mais racional. Uma penalidade em que não se crê não pode ser um freio e a eternidade das penas está nesse caso.

A crença nas penas eternas, como já dissemos, teve a sua utilidade, a sua razão de ser em certa época; hoje, não somente deixa de impressionar os ânimos, como até produz descrentes. Antes de proclamá-la como uma necessidade, seria preciso demonstrar a sua realidade. Além disso, seria preciso observar a sua eficácia junto àqueles que a preconizam e se esforçam por demonstrá-la. Infelizmente, entre esses, muitos provam pelos atos que nada temem das penas eternas. Ora, se ela é impotente para reprimir o mal entre aqueles mesmos que dizem acreditar nela, que domínio poderá exercer sobre os descrentes e refratários?

Impossibilidade material das penas eternas

18. Até aqui, só temos combatido o dogma das penas eternas com o raciocínio. Vamos demonstrá-lo agora em contradição com os fatos positivos que observamos e provar, desse modo, a sua impossibilidade.

Segundo esse dogma, a sorte das almas após a morte está fixada de forma irrevogável e, por conseguinte, vetado definitivamente o seu progresso. Ora, a alma progride ou não? Eis a questão. Se progride, a eternidade das penas é impossível.

Pode-se duvidar desse progresso, quando se vê a enorme variedade de aptidões morais e intelectuais existentes na Terra, desde o selvagem até o homem civilizado? Quando se vê a diferença apresentada por um mesmo povo de um século a outro? Se admitirmos que não são mais as mesmas almas, é preciso então admitir que Deus criou almas em todos os graus de adiantamento, segundo os tempos e lugares, favorecendo umas e destinando outras à perpétua inferioridade, o que seria incompatível com a justiça, que deve ser igual para todas as criaturas.

19. É incontestável que a alma atrasada moral e intelectualmente, como a dos povos bárbaros, não pode ter os mesmos elementos de felicidade, as mesmas aptidões para gozar dos esplendores do infinito, como a alma cujas faculdades estão amplamente desenvolvidas. Se, portanto, estas almas não progredirem, não poderão, em condições mais favoráveis,

gozar na eternidade senão de uma felicidade muito limitada. Para estar de acordo com a rigorosa justiça, chegaremos, pois, à conclusão de que as almas mais adiantadas são as mesmas que antes se apresentavam como atrasadas e que depois progrediram. Mas aqui nos deparamos com a questão da *pluralidade das existências*, único meio racional para resolver a dificuldade. Não obstante, vamos deixá-la de lado e considerar a alma sob o ponto de vista de uma única existência.

20. Imaginemos um rapaz de 20 anos, como tantos que existem, ignorante, viciado por índole, negando sua alma e Deus, entregue à desordem e cometendo toda sorte de malvadeza. Encontrando-se depois num meio favorável, esse rapaz instrui-se, corrige-se gradualmente e acaba por tornar-se crente e piedoso. Não é esse um exemplo palpável do progresso da alma durante a vida, exemplo que se reproduz todos os dias? Esse homem morre em idade avançada, como um santo, e certamente a sua salvação está assegurada. Qual, no entanto, seria a sua sorte se um acidente o levasse à morte 40 ou 50 anos mais cedo? Ele estava nas condições exigidas para ser condenado e, se o fosse, todo progresso se lhe tornaria impossível. Eis, pois, segundo a doutrina das penas eternas, um homem salvo somente pela circunstância de ter vivido mais tempo, circunstância, aliás, muito frágil, visto que um acidente qualquer poderia interromper bem mais cedo a sua vida. Desde que sua alma pôde progredir em dado tempo, por que razão não mais poderia progredir depois da morte, se uma causa alheia à sua vontade a tivesse impedido de fazê-lo durante a vida? Por que Deus lhe recusaria tais meios? Neste caso, o arrependimento veio, embora tardio. Mas se desde o momento da morte se impusesse a ele uma condenação irrevogável, esse arrependimento seria infrutífero por toda a eternidade e sua aptidão para progredir estaria anulada para sempre.

21. O dogma da eternidade absoluta das penas é, portanto, incompatível com o progresso das almas, ao qual opõe uma barreira insuperável. Esses dois princípios anulam-se mutuamente, isto é, a condição da existência de um implica forçosamente o aniquilamento do outro. Qual dos dois existe de fato? A lei do progresso é clara: não é uma teoria, mas um fato confirmado pela experiência; é uma Lei da natureza, Lei divina, imprescritível. E, pois, já que esta lei existe e não pode conciliar-se com a outra, é porque a outra não existe. Se o dogma das penas eternas fosse

uma verdade, Santo Agostinho, Paulo e tantos outros jamais teriam visto o céu, caso morressem antes de realizar o progresso que lhes trouxe a conversão.

A este último argumento, respondem que a conversão desses santos personagens não é um resultado do progresso da alma, mas da graça que lhes foi concedida e pela qual foram tocados. Porém, isto é simples jogo de palavras. Se esses santos praticaram o mal e depois o bem, é que melhoraram; logo, progrediram. Por que Deus lhes teria concedido como especial favor a graça de se corrigirem? Sim, por que a eles e não a outros? Sempre a doutrina dos privilégios, incompatível com a Justiça de Deus e com o amor que Ele dispensa igualmente a todas as criaturas.

Segundo a Doutrina Espírita, de acordo mesmo com as palavras do Evangelho, com a lógica e com a mais rigorosa justiça, o homem é filho de suas obras, durante esta vida e depois da morte, nada devendo ao favoritismo: Deus o recompensa pelos esforços que faz e o castiga pela negligência, por tanto tempo quanto nela persistir.

A doutrina das penas eternas fez sua época

22. A crença na eternidade das penas materiais prevaleceu como crença salutar enquanto os homens não tiveram ao seu alcance a compreensão do poder moral. É o que acontece com as crianças durante certo tempo, contidas pela ameaça de seres quiméricos com os quais são intimidadas. Chegadas, porém, ao período do raciocínio, repelem por si mesmas essas quimeras da infância, tornando-se absurdo querer governá-las por tais meios. Se os que as dirigem persistirem em afirmar-lhes que tais fábulas são verdadeiras e que, portanto, devem ser tomadas ao pé da letra, por certo perderão a sua confiança. É isso que se dá hoje com a humanidade, saindo da infância e abandonando, por assim dizer, as fraldas que a envolviam. O homem não é mais esse instrumento passivo vergado à força material, nem aquele crédulo de outrora, que aceitava tudo de olhos fechados.

23. A crença é um ato de entendimento e, por isso mesmo, não pode ser imposta. Se, durante certo período da humanidade, o dogma das penas eternas se manteve inofensivo, salutar mesmo, chegou o momento em que se torna perigoso. Com efeito, a partir do momento em

que é imposto como verdade absoluta, quando a própria razão o repele, podem acontecer duas coisas: ou o homem quer acreditar e procura uma crença mais racional, se afastando dos que o professam, ou, então, descrê absolutamente de tudo. Quem quer que estude o assunto, calmamente, verá que, em nossos dias, o dogma da eternidade das penas tem feito mais ateus e materialistas do que todos os filósofos.

As ideias seguem um curso incessantemente progressivo, de modo que não se pode governar os homens desviando-se desse curso. Pretender contê-los, retroceder ou simplesmente parar enquanto ele avança, é condenar-se. Seguir ou deixar de seguir essa evolução é uma questão de vida ou de morte para as religiões como para os governos. Esse fatalismo é um bem ou um mal? Certamente é um mal para os que, vivendo do passado, o veem aniquilar-se; mas para os que vivem pelo futuro é uma lei do progresso, ou seja, uma Lei de Deus. E contra uma Lei divina é inútil toda revolta, impossível toda luta.

Por que, então, querer a todo custo uma crença que cai em desuso e que, afinal, causa mais danos que benefícios à religião? Ah! é triste dizê-lo, mas uma questão material domina aqui a questão religiosa. Essa crença tem sido grandemente explorada pela ideia de que com dinheiro se abrem as portas do céu e se fecham as do inferno. As quantias arrecadadas por estes meios, outrora e ainda hoje, são incalculáveis; é o imposto adiantado que se paga pelo temor da eternidade. E, sendo ele facultativo, a renda é sempre proporcional à crença; se a crença deixar de existir, nula será a renda. A criança cede de boa vontade o seu pedaço de bolo a quem lhe promete afugentar o lobisomem; contudo, se já não acreditar em lobisomem, guardará o bolo.

24. A Nova Revelação, dando noções mais sensatas da vida futura e provando que cada um de nós pode alcançar a salvação pelas próprias obras, deve encontrar grande oposição, tanto mais viva por estancar uma das mais rendosas fontes de receita. Assim tem ocorrido, sempre que uma nova descoberta ou invento abala costumes inveterados e preestabelecidos. Quem vive de velhos e custosos processos nunca deixa de lhes enaltecer a superioridade e excelência e de desacreditar os novos, mais econômicos. Acreditar-se-ia, por exemplo, que a imprensa, apesar dos benefícios prestados à humanidade, tenha sido aclamada pela numerosa classe dos copistas? Não; por certo eles a detestavam. Deu-se a mesma

coisa com o invento de máquinas, com as estradas de ferro e com centenas de outras coisas.

Aos olhos dos incrédulos, o dogma das penas eternas é uma questão fútil da qual se riem; para o filósofo, esse dogma tem uma gravidade social pelos abusos que provoca. O homem verdadeiramente religioso tem interesse em destruir tais abusos e, conseqüentemente, suas causas, em benefício da própria dignidade da religião.

Ezequiel contra a eternidade das penas e o pecado original

25. Aos que pretendem encontrar na *Bíblia* a justificação da eternidade das penas, pode-se opor os textos contrários, que a tal respeito não permitem nenhuma dúvida. As seguintes palavras de Ezequiel são a mais explícita negação, não somente das penas irremissíveis, mas da responsabilidade que a falta do pai do gênero humano teria acarretado à sua raça:⁵⁴

1. O Senhor novamente me falou e disse: 2. Por que vos servis desta parábola, consagrada proverbialmente em Israel: Os pais, dizeis, comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos ficaram estragados? 3. Juro por mim mesmo — disse o Senhor Deus — que essa parábola não passará mais entre vós, como provérbio em Israel; 4. Pois todas as almas me pertencem; a do filho está comigo como a do pai; a alma que tiver pecado morrerá ela própria.

5. Se um homem for justo, se proceder segundo a equidade e a justiça; 7. Se não magoar nem oprimir ninguém; se entregar ao seu devedor o penhor que este lhe houver dado; se não tomar nada do bem de outrem por violência; se der o seu pão a quem tem fome; se vestir os que estão nus; 8. Se não se prestar à usura e não receber mais do que tem dado; se desviar sua mão da iniquidade e promover um juízo conciliatório entre dois homens que se altercam; 9. Se caminhar segundo os meus preceitos e observar as minhas ordens para agir conforme a verdade, esse homem é justo e viverá mui certamente — disse o Senhor Deus.

⁵⁴ N.T.: Todas as citações bíblicas encontradas nesta obra foram extraídas da versão francesa de Lemaistre de Sacy.

10. Se esse homem tem um filho que seja ladrão e derrame sangue, ou que cometa algumas destas faltas; 13. Esse filho morrerá mui certamente, pois tem praticado todas essas ações detestáveis, e seu sangue permanecerá sobre ele.

14. Se esse homem tem um filho que, vendo todos os crimes cometidos por seu pai, se aterrorize e evite imitá-lo; 17. Este não morrerá por causa da iniquidade de seu pai, mas viverá mui certamente. 18. Seu pai, que tinha oprimido os outros por calúnias e que tinha praticado ações criminosas no meio do seu povo, morreu por causa da sua própria iniquidade.

19. Se dizes: Por que o filho não leva a iniquidade do pai? É porque o filho tem agido segundo a equidade e a justiça; tem guardado todos os meus preceitos e os tem praticado; por isso viverá mui certamente.

20. A alma que tem pecado morrerá ela mesma: *o filho não sofrerá pela iniquidade do pai e o pai não sofrerá pela iniquidade do filho*; a justiça do justo cairá sobre ele mesmo, e a impiedade do ímpio cairá sobre ele.

21. Se o ímpio fez penitência de todos os pecados que tem cometido, se observou todos os meus preceitos, se procede segundo a equidade e a justiça, ele viverá certamente e não morrerá. 22. *Eu não me lembrarei mais de todas as iniquidades que ele haja cometido; viverá nas obras de justiça que houver praticado.*

23. Porventura desejo a morte do ímpio? — disse o Senhor Deus. — Não; prefiro que ele se converta, que se desgarre do mau caminho e que viva. (EZEQUIEL, 18:1 a 5; 7 a 10; 13 e 14; 17 a 23.)

Dizei-lhes estas palavras: Juro por mim mesmo — disse o Senhor Deus — que não quero a morte do ímpio, mas sim que ele se converta, que deixe o mau caminho e que viva. (EZEQUIEL, 33:11.)



As penas futuras segundo o Espiritismo

- A carne é fraca • Princípios da Doutrina Espírita sobre as penas futuras • Código penal da vida futura

A carne é fraca⁵⁵

Há tendências viciosas que são evidentemente inerentes ao Espírito, porque se prendem mais ao moral do que ao físico. Outras parecem mais dependentes do organismo e, por esse motivo, os que a possuem são julgados menos responsáveis: tais a predisposição à cólera, à preguiça, à sensualidade etc.

Hoje, está plenamente reconhecido pelos filósofos espiritualistas que os órgãos cerebrais correspondentes às diversas aptidões devem o seu desenvolvimento à atividade do Espírito, sendo, pois, esse desenvolvimento um efeito, e não uma causa. Um homem não é músico porque tenha a *bossa* da música, mas tem a *bossa* da música porque o seu Espírito é músico.

Se a atividade do Espírito reage sobre o cérebro, deve reagir também sobre as outras partes do organismo. O Espírito é, desse modo, o artífice do próprio corpo, que ele modela, por assim dizer, à feição das suas necessidades e à manifestação das suas tendências. Dessa forma, a

⁵⁵ N.E.: Ver *Nota Explicativa*, p. 361.

perfeição das raças adiantadas deixa de ser produto de criações distintas para ser o resultado do trabalho do Espírito, que aperfeiçoa o seu instrumento material à medida que suas faculdades aumentam.

Por uma consequência natural desse princípio, as disposições morais do Espírito devem modificar as qualidades do sangue, dar-lhe maior ou menor atividade, provocar uma secreção mais ou menos abundante de bílis ou de quaisquer outros fluidos. É assim, por exemplo, que o glutão enche a boca de saliva diante de um prato apetitoso. Não é o alimento em si que excita o órgão do paladar, visto que não tem contato com ele; é, pois, o Espírito, cuja sensibilidade foi despertada, que atua sobre aquele órgão pelo pensamento, pois a visão da mesma iguaria não produz nenhum efeito sobre outra pessoa. É ainda pela mesma razão que a pessoa sensível derrama lágrimas facilmente. Não é a abundância das lágrimas que dá sensibilidade ao Espírito, mas a sensibilidade do Espírito é que provoca a secreção abundante de lágrimas. Sob a influência da sensibilidade, o organismo se adaptou a essa disposição normal do Espírito, como a do glutão se adaptou à disposição do seu Espírito.

Seguindo esta ordem de ideias, compreende-se que um Espírito irascível deve estimular um temperamento bilioso; assim, um homem não é colérico porque é bilioso, mas é bilioso porque é colérico. O mesmo se dá em relação a todas as outras disposições instintivas: um Espírito indolente e fraco deixará o organismo em estado de atonia relativo ao seu caráter, ao passo que, ativo e enérgico, dará ao sangue e aos nervos qualidades completamente diferentes. A ação do Espírito sobre o físico é tão evidente que não raro vemos graves desordens orgânicas se produzirem por efeito de violentas comoções morais. A expressão vulgar: *a emoção transtornou-lhe o sangue*, não é tão destituída de sentido quanto se poderia supor. Ora, que poderia transtornar o sangue, senão as disposições morais do Espírito?

Pode-se, pois, admitir, ao menos em parte, que o temperamento é determinado pela natureza do Espírito, que é causa, e não efeito. Dizemos em parte porque há casos em que o físico influi evidentemente sobre o moral, tais como um estado mórbido ou anormal determinado por uma causa externa, acidental, independente do Espírito, como a temperatura, o clima, os defeitos físicos congênitos, um mal-estar passageiro etc. Nesses casos, o moral do Espírito pode ser afetado em suas manifestações

pelo estado patológico do indivíduo, sem que a sua natureza intrínseca seja modificada.

Desculpar-se de seus erros por fraqueza da carne não passa de sofisma para escapar à responsabilidade. *A carne só é fraca porque o Espírito é fraco*, o que inverte a questão e deixa ao Espírito a responsabilidade de todos os seus atos. A carne, que não tem nem pensamento nem vontade, não pode prevalecer jamais sobre o Espírito, que é o ser *pensante* e dotado de *vontade*. É o Espírito quem dá à carne as qualidades correspondentes ao seu instinto, tal como o artista que imprime à sua obra material a marca do seu gênio. Liberto dos instintos da bestialidade, o Espírito modela um corpo que não é mais um tirano de suas aspirações para a espiritualização do seu ser, e é então que o homem passa a comer para viver, porque viver é uma necessidade, não vivendo mais para comer.

A responsabilidade moral dos atos da vida fica, portanto, intacta; mas a razão nos diz que as consequências dessa responsabilidade devem ser proporcionais ao desenvolvimento intelectual do Espírito: quanto mais esclarecido ele for, menos desculpável será, considerando-se que com a inteligência e o senso moral nascem as noções do bem e do mal, do justo e do injusto.

Essa lei explica o insucesso da Medicina em certos casos. Desde que o temperamento é um efeito, e não uma causa, todos os esforços para modificá-lo são necessariamente anulados pelas disposições morais do Espírito, que opõe uma resistência inconsciente e neutraliza a ação terapêutica. É, pois, sobre a causa primordial que se deve atuar.

Dai, se puderdes, coragem ao medroso, e vereis para logo cessados os efeitos fisiológicos do medo. Isto prova uma vez mais a necessidade, para a arte de curar, de levar em conta a ação do elemento espiritual sobre o organismo. (*Revista espírita*, março de 1869.)

Princípios da Doutrina Espírita sobre as penas futuras

No que respeita às penas futuras, assim como sucede nos seus demais pontos, a Doutrina Espírita não se baseia sobre uma teoria preconcebida. Não é um sistema substituindo outro sistema: em tudo ela se apoia nas observações, e é isso que faz a sua autoridade. Ninguém jamais

imaginou que as almas, depois da morte, se encontrariam em tal ou qual situação; são elas, essas mesmas almas que partiram da Terra, que hoje nos vêm iniciar nos mistérios da vida futura, descrever-nos sua posição feliz ou desventurada, suas impressões e a transformação por que passaram pela morte do corpo. Numa palavra, vêm completar os ensinamentos do Cristo sobre este ponto.

Não se trata aqui das revelações de um único Espírito, que poderia ver as coisas do seu ponto de vista, sob um só aspecto, ou ser ainda dominado pelos preconceitos da vida terrena; tampouco se trata de uma revelação feita exclusivamente a um indivíduo que pudesse deixar-se levar pelas aparências, ou de uma *visão extática*, que se presta a ilusões e que não passa, muitas vezes, de reflexo de uma imaginação exaltada.⁵⁶

Trata-se, sim, de inúmeros exemplos fornecidos por Espíritos de todas as categorias, desde os mais elevados até os mais inferiores da escala, por meio de outros tantos intermediários disseminados em todos os pontos da Terra, de sorte que a revelação não é privilégio de *pessoa alguma*, pois todos podem ver e observar e ninguém é obrigado a crer pela crença dos outros.

Código penal da vida futura

O Espiritismo não vem, pois, com a sua autoridade particular, formular um código de fantasia; a sua lei, no que respeita ao futuro da alma, deduzida da observação dos fatos, pode resumir-se nos seguintes pontos:

1º) A alma ou Espírito sofre na vida espiritual as consequências de todas as imperfeições de que não se libertou durante a vida corpórea. O seu estado, feliz ou infeliz, é inerente ao seu grau de depuração ou de imperfeição.

2º) A felicidade perfeita é inerente à perfeição, isto é, à completa depuração do Espírito. Toda imperfeição é, ao mesmo tempo, causa de sofrimento e de privação de gozo, do mesmo modo que toda qualidade adquirida é fonte de gozo e de atenuação dos sofrimentos.

3º) *Não há uma única imperfeição da alma que não acarrete consequências funestas e inevitáveis, como não há uma só qualidade boa que não seja fonte de um gozo.* A soma das penas é assim proporcional à soma das

⁵⁶ Nota de Allan Kardec: Veja-se o capítulo VI, item 7, e *O livro dos espíritos*, questões 443 e 444.

imperfeições, como a dos gozos é proporcional à soma das qualidades. A alma que tem dez imperfeições, por exemplo, sofre mais do que a que só tem três ou quatro; quando dessas dez imperfeições não lhe restar mais que metade ou um quarto, sofrerá menos; e quando extintas por completo, não sofrerá mais e será perfeitamente feliz. O mesmo se dá na Terra: quem tem muitas moléstias sofre mais do que quem tem apenas uma ou nenhuma. Pela mesma razão, a alma que possui dez qualidades tem mais gozos do que outra menos rica de boas qualidades.

4º) Em virtude da lei do progresso que dá a toda alma a possibilidade de adquirir o bem que lhe falta, como de despojar-se do que tem de mau, conforme sua vontade e seus esforços, resulta que o futuro é aberto a todas as criaturas. Deus não repudia nenhum de seus filhos. Ele os recebe em seu seio à medida que alcançam a perfeição, deixando assim a cada um o mérito das suas obras.

5º) Sendo o sofrimento inerente à imperfeição, como o gozo à perfeição, a alma traz em si mesma o próprio castigo ou prêmio, onde quer que se encontre, sem necessidade de lugar circunscrito. O inferno está por toda parte em que haja almas sofredoras, como o céu se acha por toda parte onde existam almas felizes.

6º) O bem e o mal que fazemos resultam das qualidades que possuímos. Não fazer o bem quando podemos é, portanto, o resultado de uma imperfeição. Se toda imperfeição é fonte de sofrimento, o Espírito deve sofrer não somente pelo mal que fez, como por todo o bem que poderia ter feito, mas não fez na vida terrena.

7º) O Espírito sofre pelo mal que fez, de maneira que, *sendo a sua atenção constantemente dirigida para as consequências desse mal*, melhor compreende os seus inconvenientes e trata de corrigir-se.

8º) Sendo infinita a Justiça de Deus, o bem e o mal são rigorosamente considerados, não havendo uma só ação, um só pensamento mau que não tenha consequências fatais, como não há uma única ação meritória, um só bom impulso da alma que se perca, *mesmo para os mais perversos, visto que tais ações constituem um começo de progresso*.

9º) Toda falta cometida, todo mal realizado é uma dívida contraída que deverá ser paga; se não o for em uma existência, sê-lo-á na seguinte ou seguintes, porque todas as existências são solidárias entre si. Aquele

que se quita numa existência não terá necessidade de pagar uma segunda vez.

10^o) O Espírito sofre, quer no mundo corpóreo, quer no espiritual, a consequência das suas imperfeições. Todas as misérias, todas as vicissitudes padecidas na vida corpórea, são oriundas das nossas imperfeições, são expiações de faltas cometidas na presente ou em anteriores existências. Pela natureza dos sofrimentos e vicissitudes da vida corpórea, pode-se julgar a natureza das faltas cometidas em anterior existência, bem como das imperfeições que lhes deram causa.

11^o) A expiação varia segundo a natureza e gravidade da falta, podendo, portanto, a mesma falta determinar expiações diversas, conforme as circunstâncias, atenuantes ou agravantes, nas quais foi cometida.

12^o) Não há regra absoluta nem uniforme quanto à natureza e duração do castigo; a única lei geral é que toda falta terá punição e todo ato meritório será recompensado, *segundo o seu valor*.

13^o) A duração do castigo está subordinada à melhoria do Espírito culpado. Nenhuma condenação por tempo determinado lhe é prescrita. O que Deus exige para pôr termo aos sofrimentos é um melhoramento sério, efetivo, sincero, de volta ao bem.

Deste modo, o Espírito é sempre o árbitro da própria sorte, podendo prolongar os sofrimentos pela persistência no mal, ou suavizá-los e abreviá-los pela prática do bem. Uma condenação por tempo determinado teria o duplo inconveniente de fazer o Espírito continuar sofrendo inutilmente depois de melhorado, ou de libertá-lo do sofrimento quando ainda permanecesse no mal. Deus, que é justo, só pune o mal *quando existe*, e deixa de o punir *quando não existe mais*.⁵⁷ Ou, se quisermos, sendo o mal moral a própria causa de sofrimento, este persistirá somente enquanto aquele subsistir, ou diminuirá de intensidade à medida que o mal for desaparecendo.

14^o) Como a duração do castigo depende da melhoria do Espírito, o culpado que nunca melhorasse sofreria sempre e, para ele, a pena seria eterna.

⁵⁷ Nota de Allan Kardec: Veja-se o capítulo VI, item 25, citação de Ezequiel.

15^a) Uma condição inerente à inferioridade dos Espíritos é não entreverem o termo da situação em que se acham e acreditarem que sofrerão para sempre, o que faz que tais castigos lhes pareçam eterno.⁵⁸

16^a) O *arrependimento* é o primeiro passo para a regeneração, mas não é suficiente, sendo necessárias ainda a *expição* e a *reparação*.

Arrependimento, expiação e reparação são as três condições necessárias para apagar os traços de uma falta e suas consequências. O arrependimento suaviza as dores da expiação, abrindo pela esperança o caminho da reabilitação; só a reparação, contudo, pode anular o efeito destruindo-lhe a causa. Do contrário, *o perdão seria uma graça, e não uma anulação das faltas cometidas*.

17^a) O arrependimento pode dar-se por toda parte e em qualquer tempo; se for tardio, o culpado sofrerá por muito mais tempo.

A expiação consiste nos sofrimentos físicos e morais que são a consequência da falta cometida, seja na vida atual, seja na vida espiritual após a morte, ou ainda em nova existência corpórea, até que os últimos vestígios da falta tenham desaparecido.

A reparação consiste em fazer o bem a quem se havia feito o mal. Quem não repara os seus erros nesta vida, por fraqueza ou má vontade, achar-se-á numa existência posterior em contato com as mesmas pessoas a quem prejudicou, e em condições voluntariamente escolhidas, de modo a demonstrar-lhes o seu devotamento e fazer-lhes tanto bem quanto mal lhes tenha feito.

Nem todas as faltas acarretam prejuízo direto e efetivo. Em tais casos a reparação se opera fazendo-se o que se deveria fazer e não foi feito; cumprindo os deveres desprezados, as missões não executadas; praticando o bem em compensação ao mal praticado, isto é, tornando-se humilde se foi orgulhoso, amável se foi austero, caridoso se foi egoísta, benevolente se foi perverso, laborioso se foi ocioso, útil se foi inútil, moderado se foi dissoluto, exemplar se foi mau etc. É assim que o Espírito progride, aproveitando-se do próprio passado.⁵⁹

⁵⁸ Nota de Allan Kardec: *Perpétuo* é sinônimo de *eterno*. Diz-se: o limite das neves perpétuas; o eterno gelo dos polos; também se diz: o secretário perpétuo da Academia, o que não significa que o seja para sempre, mas unicamente por tempo *ilimitado*. *Eterno* e *perpétuo* se empregam, pois, no sentido de *indeterminado*. Nesta acepção, pode-se dizer que as penas são eternas, para exprimir que não têm duração limitada. São eternas para o Espírito que não lhes vê o termo.

⁵⁹ Nota de Allan Kardec: A necessidade da reparação é um princípio de rigorosa justiça, que se pode

18^a) Os Espíritos imperfeitos são excluídos dos mundos felizes, cuja harmonia perturbariam. Ficam nos mundos inferiores a expiarem suas faltas pelas tribulações da vida, e se depurando das imperfeições até que mereçam encarnar em mundos mais adiantados moral e fisicamente. Se se pode conceber um lugar circunscrito de castigo, tal lugar é, sem dúvida, nesses mundos de expiação, em torno dos quais pululam Espíritos imperfeitos desencarnados, à espera de novas existências que lhes permitam reparar o mal que fizeram e os auxiliem a progredir.

19^a) Como o Espírito tem sempre o livre-arbítrio, seu progresso por vezes é lento, e tenaz a sua obstinação no mal. Nesse estado pode persistir anos e séculos; entretanto, chega por fim um momento em que a sua teimosia se modifica pelo sofrimento e, a despeito da sua bazófia, reconhece o poder superior que o domina. Então, desde que se manifestam os primeiros clarões de arrependimento, Deus lhe faz entrever a esperança. Nenhum Espírito está condenado a não progredir, seja quando for; de outro modo, estaria fatalmente destinado à eterna inferioridade e escaparia da lei do progresso, que rege providencialmente todas as criaturas.

20^a) Sejam quais forem a inferioridade e a perversidade dos Espíritos, *Deus jamais os abandona*. Todos têm seu anjo da guarda que por eles vela, que lhes espreitam os movimentos da alma e se esforçam por suscitar-lhes bons pensamentos, desejos de progredir e de reparar em nova existência o mal que praticaram. Contudo, a interferência desse guia protetor faz-se quase sempre de maneira oculta, sem exercer qualquer pressão, pois o Espírito deve progredir por *impulso da própria vontade*, e não por um constrangimento qualquer. Agirá bem ou mal em virtude do seu livre-arbítrio, mas sem ser *fatalmente* impelido num sentido ou em outro. Se persistir no mal, sofrerá as conseqüências por tanto tempo

considerar como a verdadeira lei de reabilitação moral dos Espíritos. Entretanto, até agora é uma doutrina que religião alguma proclamou. Algumas pessoas a repelem porque acham mais cômodo se quitarem das más ações por um simples arrependimento, mediante algumas fórmulas que não custam mais que palavras. Crendo-se quites com isso, só mais tarde verão que não bastava apenas o arrependimento. Nós poderíamos lhes perguntar se esse princípio não é consagrado pela lei humana e se a Justiça divina pode ser inferior à dos homens. E mais, se essas leis se dariam por desafiadas, desde que o indivíduo que as transgredisse, por abuso de confiança, se limitasse a dizer que as respeita infinitamente. Por que recuariam diante da obrigação que todo homem honesto se impõe como dever, segundo o grau de suas forças? Quando esta perspectiva de reparação for inculcada na crença das massas, será um outro freio aos seus desmandos, e bem mais poderoso que o inferno e as penas eternas, porque interessa à vida em sua plena atualidade, podendo o homem compreender a procedência das circunstâncias que a tornam penosa ou a sua verdadeira situação.

quanto durar essa persistência; desde, porém, que dê um passo em direção ao bem, sentirá imediatamente os seus efeitos benéficos.

OBSERVAÇÃO – Seria erro supor que, em virtude da lei de progresso, a certeza de atingir mais cedo ou mais tarde a perfeição e a felicidade pode estimular o homem a perseverar no mal, contanto que se arrependa depois: primeiro porque o Espírito inferior não divisa o termo da sua situação; e segundo porque, sendo ele o autor da própria infelicidade, acaba por compreender que depende de si fazê-la cessar; que será tanto mais infeliz quanto maior for o tempo em que perseverar no mal; finalmente, que o sofrimento nunca cessará se ele próprio não lhe der fim. Seria, pois, um cálculo equivocados, cujas consequências o Espírito seria o primeiro a reconhecer. Com o dogma das penas irremissíveis é que se verifica, precisamente, essa hipótese, já que lhe é interdita para sempre toda ideia de esperança, não tendo, pois, o homem qualquer interesse em converter-se ao bem, para ele sem proveito.

Diante dessa lei cai a objeção tirada da presciência divina. De fato Deus sabe, ao criar uma alma, se ela tomará ou não o bom caminho, pois que dispõe do seu livre-arbítrio; sabe que será punida se fizer o mal; mas sabe também que tal castigo temporário é *um meio* de fazê-la compreender o erro e de levá-la ao bom caminho, onde entrará mais cedo ou mais tarde. Segundo a doutrina das penas eternas, Deus sabe que essa alma falirá e, portanto, que está previamente condenada a torturas sem-fim.

21ª) Cada criatura só é responsável pelas próprias faltas. Ninguém sofre por erros alheios, a não ser que os tenha gerado, quer provocando-os pelo exemplo, quer não os impedindo quando poderia fazê-lo. Assim, por exemplo, o suicida é sempre punido; mas aquele que maldosamente impele alguém ao desespero e o leva a suicidar-se, esse sofre ainda maior pena.

22ª) Embora a diversidade de punições seja infinita, existem algumas que são inerentes à inferioridade dos Espíritos, e cujas consequências, salvo pormenores, são mais ou menos idênticas.

A punição mais imediata, sobretudo aos que se acham apegados à vida material com prejuízo do progresso espiritual, consiste na lentidão do desprendimento da alma, nas angústias que acompanham a morte e o despertar na outra vida e na consequente perturbação que pode

estender-se por meses e anos. Naqueles, ao contrário, que têm pura a consciência, e que desde a vida material já se haviam identificado com a vida espiritual e desligado das coisas materiais, a separação é rápida e sem abalos, o despertar é pacífico e a turbação por que passam é quase nula.

23^o) Um fenômeno muito frequente entre os Espíritos de certa inferioridade moral consiste em se acreditarem ainda vivos, podendo esta ilusão se prolongar por muitos anos, durante os quais eles experimentarão todas as necessidades, todos os tormentos e todas as perplexidades da vida.

24^o) Para o criminoso, a presença incessante de suas vítimas e das circunstâncias do crime é um suplício cruel.

25^o) Alguns Espíritos estão mergulhados em densas trevas; outros se encontram em absoluto isolamento no Espaço, atormentados pela ignorância de sua posição, como da sorte que os aguarda. Os mais culpados sofrem torturas muito mais pungentes por não lhes entreverem um termo. Muitos são privados de ver os seres amados, e todos, geralmente, suportam com intensidade relativa os males, as dores e as privações que causaram aos outros, até que o *arrependimento* e o desejo de *reparação* lhes suavize os tormentos e os faça entrever a possibilidade de, *por eles mesmos*, pôr um termo a essa situação.

26^o) Para o orgulhoso é um suplício ver colocados acima dele, cheios de glória e cercados de todas as atenções, os que na Terra havia desprezado, enquanto ele é relegado aos últimos lugares. O hipócrita vê desvendados, penetrados e lidos por todo o mundo os seus mais secretos pensamentos, sem que os possa ocultar ou dissimular. O sensual é presa de todas as tentações, de todos os desejos, sem poder saciá-los; o avaro vê o seu ouro dilapidado e não pode retê-lo. O egoísta se vê desamparado por todos e sofre as consequências da sua atitude terrena: terá sede e fome, mas ninguém lhe dará de beber, nem de comer; nenhuma mão amiga virá apertar a sua, nenhuma voz compassiva virá consolá-lo, pois *só pensou em si durante a vida, de modo que ninguém agora pensa nele nem o lamenta após a morte*.

27^o) O único meio de evitar ou atenuar as consequências futuras de uma falta é desfazer-se o mais possível dos seus defeitos na vida presente, reparando aqui mesmo o mal praticado para não ter de repará-lo mais tarde e de maneira mais terrível. Quanto mais demormos em combater

os nossos defeitos, tanto mais rigorosas e penosas serão as consequências e a reparação que tivermos de fazer.

28ª) A situação do Espírito, desde a sua entrada no mundo espiritual, não é outra senão a que ele mesmo preparou para si na vida corpórea. Mais tarde lhe será concedida outra encarnação para novas provas de expiação e reparação, com maior ou menor proveito, o que vai depender do seu livre-arbítrio; se não souber aproveitá-la, terá de recomeçar outras, cada vez em condições mais penosas, de sorte que se pode dizer que *aquele que muito sofre na Terra, tinha muito a expiar*; e os que gozam uma felicidade aparente, a despeito dos seus vícios e inutilidades, haverão de pagá-la muito caro numa existência posterior. Foi nesse sentido que Jesus falou: “Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados.” (*O evangelho segundo o espiritismo*, cap. V.)

29ª) Certamente a misericórdia de Deus é infinita, mas não é cega. O culpado que ela perdoou não fica dispensado de reparar suas faltas e, enquanto não houver satisfeito à justiça, sofre as consequências dos seus erros. Por infinita misericórdia devemos entender que Deus não é inexorável, pois deixa sempre aberto ao culpado o caminho da redenção.

30ª) Por serem temporárias e subordinadas ao arrependimento e à reparação, que dependem da vontade humana, as penas constituem, ao mesmo tempo, castigos e *remédios* que auxiliam a curar as chagas do mal. Os Espíritos em prova não são, pois, quais galés, condenados a trabalhos forçados, devendo, ao contrário, ser vistos como doentes de hospital. Como estes, padecem de enfermidades que muitas vezes resultam da própria incúria, reclamando meios curativos mais ou menos dolorosos. A cura será tanto mais rápida quanto mais estritamente observadas forem as prescrições do médico assistente. Se os doentes, pelo próprio descuido de si mesmos, deixarem que a enfermidade se prolongue, o médico nada terá a ver com isso.

31ª) Às penas que o Espírito sofre na vida espiritual vêm somar-se as da vida corpórea, que são consequentes às imperfeições do homem, às suas paixões, ao mau uso das suas faculdades e à expiação de faltas presentes e passadas. É na vida corpórea que o Espírito repara o mal praticado em existências anteriores, pondo em prática resoluções tomadas na vida espiritual. Assim se explicam as misérias e vicissitudes mundanas que, à primeira vista, parecem não ter razão de ser, quando na verdade

são justas, já que foram determinadas no passado e servem para o nosso adiantamento.⁶⁰

32ª) Deus, pergunta-se, não daria maior prova de amor por suas criaturas se as tivesse criado infalíveis e, por conseguinte, isentas das vicissitudes inerentes à imperfeição? Para tanto, seria preciso que Ele criasse seres perfeitos, nada mais tendo a adquirir, quer em conhecimentos, quer em moralidade. É fora de dúvida que Deus poderia fazê-lo, e se não o fez é que em sua sabedoria quis que o progresso constituísse lei geral. Os homens são imperfeitos e, como tais, sujeitos a vicissitudes mais ou menos penosas. Esse é um fato que temos de aceitar, já que existe. Concluir por isso que Deus não é bom nem justo, seria revoltar-se contra a sua Lei.

Haveria injustiça se Ele houvesse criado seres privilegiados, mais ou menos favorecidos, fruindo gozos sem qualquer esforço, que outros não atingem senão pelo trabalho ou que jamais pudessem atingir. Ao contrário, a Justiça divina patenteia-se na igualdade absoluta que preside à criação de todos os Espíritos; todos têm o mesmo ponto de partida e ninguém se distingue em sua formação por ser mais favorecido do que outro; nenhum cuja marcha progressiva se facilite por exceção: os que chegam ao fim têm passado, como os demais, pelas fases da inferioridade e respectivas provas.

Admitindo-se isso, nada mais justo que a liberdade de ação concedida a cada um. O caminho da felicidade se abre para todos, o objetivo de todos é o mesmo, as condições para atingi-lo são as mesmas, e a lei, gravada em todas as consciências, é ensinada a todos. Deus fez da felicidade *o prêmio do trabalho, e não do favoritismo*, para que cada um tivesse seu mérito. Todos são livres para trabalhar ou nada fazer em favor do seu progresso; aquele que trabalha muito e depressa recebe a recompensa mais cedo; quem se desgarrar ou perde tempo no caminho retarda a chegada e não pode queixar-se senão de si mesmo. O bem e o mal são voluntários e facultativos; sendo livre, o homem não é fatalmente impelido nem para um, nem para outro.

⁶⁰ Nota de Allan Kardec: Veja-se Primeira Parte, cap. V, *O purgatório*, item 3 e seguintes e, mais adiante, na Segunda Parte, cap. VIII, *Expições terrestres*. Veja-se também *O evangelho segundo o espiritismo*, cap. V, *Bem-aventurados os aflitos*.

33^o) Apesar da diversidade de gêneros e graus de sofrimentos dos Espíritos, o código penal da vida futura pode resumir-se nestes três princípios:

1. O sofrimento é inerente à imperfeição.

2. Toda imperfeição, assim como toda falta que dela resulta, traz consigo o próprio castigo em suas consequências naturais e inevitáveis. Assim a doença decorre dos excessos e o tédio da ociosidade, sem que haja necessidade de uma condenação especial para cada falta ou indivíduo.

3. Como todo homem pode libertar-se das imperfeições, desde que o queira, pode igualmente anular os males consequentes e assegurar a sua felicidade futura.

A cada um segundo as suas obras, no Céu como na Terra — tal é a lei da Justiça divina.

CAPÍTULO VIII



Os anjos

• Os anjos segundo a Igreja • Refutação • Os anjos segundo o Espiritismo

Os anjos segundo a Igreja

1. Todas as religiões têm tido anjos sob vários nomes, isto é, seres superiores à humanidade, intermediários entre Deus e os homens. Por negar toda a existência espiritual fora da vida orgânica, o materialismo naturalmente classificou os anjos entre as ficções e alegorias. A crença nos anjos é parte essencial dos dogmas da Igreja. Eis como ela os define:⁶¹

2. “Acreditamos firmemente”, diz um concílio geral e ecumênico,⁶² “que só há um Deus verdadeiro, eterno e infinito, que *no começo dos tempos* tirou *conjuntamente* do nada as duas criaturas, a espiritual e a corpórea, a angélica e a mundana, tendo formado depois, como elo entre as duas, a natureza humana, composta de corpo e espírito.”

Tal é, segundo a lei, o plano divino na obra da Criação, plano majestoso e completo como convinha à Eterna sabedoria. Assim concebido, ele oferece aos nossos pensamentos o ser em todos os graus e condições. Na esfera mais elevada aparecem a existência e a vida puramente espirituais; na última ordem, a existência e a vida puramente materiais e,

⁶¹ Nota de Allan Kardec: Extraímos este resumo da pastoral de monsenhor Gousset, cardeal-arcebispo de Reims, para a quaresma de 1864. Por ele podemos pois considerar os anjos, assim como os *demônios*, cujo resumo tiramos da mesma fonte e citamos no capítulo seguinte, como última expressão do dogma da Igreja sobre este ponto.

⁶² Nota de Allan Kardec: Concílio de Latrão.

nas esferas intermediárias, uma união maravilhosa das duas substâncias, uma vida ao mesmo tempo comum ao espírito inteligente e ao corpo organizado.

Nossa alma é de natureza simples e indivisível, porém limitada em suas faculdades. A ideia que temos da perfeição nos faz compreender que pode haver outros seres simples quanto ela, e superiores por suas qualidades e privilégios. A alma é grande e nobre, mas está associada à matéria, servida por órgãos frágeis, limitada no poder e na ação. Por que não haveria outras naturezas ainda mais nobres, libertas dessa escravidão e desses entraves, dotadas de uma força maior e de uma atividade incomparável? Antes que Deus houvesse colocado o homem na Terra para conhecê-lo, amá-lo e servi-lo, não teria já chamado outras criaturas, a fim de compor-lhe a corte celeste e adorá-lo na mansão de sua glória? Deus, enfim, recebe das mãos do homem os tributos de honra e homenagem deste universo; é, portanto, de admirar que receba das mãos dos anjos o incenso e as orações do homem? Se, pois, os anjos não existissem, a grande obra da Criação não teria o acabamento e a perfeição que lhe são peculiares; este mundo, que atesta a sua onipotência, não seria mais a obra-prima da sabedoria. Nesse caso a nossa razão, embora fraca, poderia facilmente conceber um Deus mais completo e consumado.

Em cada página dos livros sagrados do Antigo e do Novo Testamentos se faz menção dessas inteligências sublimes, seja em invocações piedosas, seja em referências históricas. A sua intervenção aparece claramente na vida dos patriarcas e dos profetas. Deus se serve de tal ministério, ora para transmitir a sua vontade, ora para anunciar futuros acontecimentos, fazendo dos anjos, quase sempre, órgãos de sua justiça e misericórdia. A presença deles ressalta das circunstâncias que acompanharam o nascimento, a vida e a paixão do Salvador; a sua lembrança é inseparável da dos grandes homens, como dos fatos mais importantes da antiguidade religiosa. A crença nos anjos existe até no seio do politeísmo e nas fábulas da mitologia, porque essa crença é tão antiga e universal quanto o mundo. O culto que os pagãos prestavam aos gênios bons e maus não passava de falsa aplicação da verdade, de um resquício degenerado do dogma primitivo.

As palavras do santo concílio de Latrão contêm uma distinção fundamental entre os anjos e os homens, ensinando-nos que os primeiros

são Espíritos puros, ao passo que os segundos se compõem de um corpo e de uma alma, isto é, que a natureza angélica subsiste por si mesma não só sem mistura como dissociada da matéria, por mais vaporosa e sutil que se suponha, ao passo que a nossa alma, igualmente espiritual, associa-se ao corpo de modo a formar com ele uma só e mesma pessoa, sendo *tal e essencialmente o seu destino*.

Enquanto perdure essa ligação tão íntima da alma com o corpo, as duas substâncias têm vida comum e se exercem recíproca influência; daí não poder a alma libertar-se completamente das imperfeições de tal condição: as ideias lhe chegam pelos sentidos, pela comparação dos objetos externos e sempre debaixo de imagens mais ou menos aparentes. Eis por que a alma não pode contemplar-se a si mesma, nem conceber Deus e os anjos sem atribuir-lhes forma visível e palpável. O mesmo sucede com os anjos, que para se manifestarem aos santos e aos profetas deverão revestir formas visíveis e palpáveis. Essas formas, porém, não passavam de corpos aéreos que faziam mover-se e identificar-se com eles, ou de atributos simbólicos condizentes com a missão de que estavam encarregados.

Seu ser e movimentos não são localizados nem circunscritos a um ponto fixo e limitado do Espaço. Não sendo ligados a corpo algum, não podem ser tolhidos nem limitados por outros corpos, como sucede com o homem, e não ocupam qualquer espaço no vácuo; mas assim como a nossa alma está toda inteira no nosso corpo e em cada uma de suas partes, assim também os anjos estão, e quase que simultaneamente, em todos os pontos e partes do mundo. Mais rápidos que o pensamento, podem agir em toda parte num piscar de olhos, operando por si mesmos e sem outros obstáculos aos seus desígnios senão os da vontade de Deus e os da liberdade humana.

Enquanto somos condenados a ver as coisas externas gradativamente e numa certa medida; enquanto as verdades sobrenaturais nos aparecem como enigmas num espelho, conforme a expressão do apóstolo Paulo, os anjos veem sem esforço o que lhes importa saber, e estão sempre em relação imediata com o objeto de seus pensamentos. *Seus conhecimentos não resultam da indução nem do raciocínio*, mas dessa intuição clara e profunda que abrange de uma só vez o gênero e as espécies deles derivados, os princípios e as consequências daí decorrentes. A distância

das épocas, a diferença de lugares e a multiplicidade de objetos não são capazes de produzir nenhuma confusão em seus espíritos.

Sendo infinita, a essência divina é incompreensível; tem mistérios e profundezas que os anjos não podem penetrar. Os desígnios particulares da Providência lhes são ocultos, porém ela lhes desvenda quando, em certas circunstâncias, eles são encarregados de os anunciarem aos homens. As comunicações de Deus com os anjos e destes entre si não se fazem como entre nós por meio de sons articulados e de outros sinais ostensivos. As inteligências puras não necessitam de olhos para ver, nem de ouvidos para ouvir; nem mesmo possuem órgão vocal para manifestar seus pensamentos. Esse instrumento usual de nossas relações não lhes é necessário, pois comunicam seus sentimentos de modo peculiar, que só eles entendem, isto é, todo espiritual. Basta-lhes querer para se compreenderem.

Só Deus conhece o número dos anjos. Este número não é, certamente, infinito, nem poderia sê-lo; porém, segundo os autores sagrados e os santos doutores, é bastante considerável, verdadeiramente prodigioso. Se é natural proporcionar o número dos habitantes de uma cidade à sua grandeza e extensão, e sendo a Terra apenas um átomo comparada ao firmamento e às imensas regiões do Espaço, forçoso é admitir que o número dos habitantes do ar e do céu é muito superior ao dos homens.

Os pais da Igreja e os teólogos ensinam geralmente que os anjos se dividem em três grandes hierarquias ou principados, subdividindo-se cada hierarquia, por sua vez, em três companhias ou coros.

Os da primeira e mais alta hierarquia são designados de acordo com as funções que exercem no céu. Uns são chamados *serafins*, por serem como que abrasados perante Deus pelos ardores da caridade; outros são conhecidos como *querubins*, por refletirem a luminosidade da divina Sabedoria; e finalmente os *tronos*, porque proclamam a grandeza do Criador, cujo brilho fazem resplandecer.

Os anjos da segunda hierarquia recebem nomes condizentes com as atividades que lhes são atribuídas no governo geral do universo, e são: as *dominações*, que determinam aos anjos de classes inferiores suas missões e deveres; as *virtudes*, que promovem os prodígios reclamados pelos grandes interesses da Igreja e do gênero humano; e as *potências*, que protegem por sua força e vigilância as leis que regem o mundo físico e moral.

Os da terceira hierarquia têm por missão a direção das sociedades e das pessoas, e são: os *principados*, encarregados de reinos, províncias e dioceses; os *arcânjos*, que transmitem as mensagens de alta importância, e os *anjos da guarda*, que acompanham as criaturas a fim de velarem pela sua segurança e santificação.”

Refutação

3. O princípio geral resultante dessa doutrina é que os anjos são seres puramente espirituais, anteriores e superiores à humanidade, *criaturas privilegiadas e predestinadas à felicidade suprema e eterna desde a sua formação* e dotadas, por sua própria natureza, de todas as virtudes e conhecimentos, sem que nada tenham feito para adquiri-las. Estão, por assim dizer, no primeiro plano da obra da Criação. No último plano a vida é toda material, e entre os dois existe a humanidade, isto é, as almas, seres espirituais inferiores aos anjos e ligados a corpos materiais.

Várias dificuldades capitais resultam desse sistema. Em primeiro lugar, que vida é essa puramente material? Trata-se da matéria bruta? Mas a matéria bruta é inanimada e não tem vida por si mesma. Porventura querem se referir aos animais e às plantas? Seria então admitir uma quarta ordem na Criação, pois não se pode negar, no animal inteligente, a existência de algo que a planta não possui, e nesta, de alguma coisa que não existe na pedra. Quanto à alma humana, que estabelece a transição, essa fica unida diretamente a um corpo, ou seja, à matéria bruta, porque sem alma o corpo não passa de um punhado de terra.

Essa divisão peca evidentemente por falta de clareza e não condiz com a observação; assemelha-se à teoria dos quatro elementos, que não resistiu aos progressos da Ciência. Admitamos, entretanto, estes três termos: a criatura espiritual, a criatura humana e a criatura corpórea. Esse é, dizem, o plano divino, plano majestoso e completo como convém à eterna Sabedoria. Notemos, antes de tudo, que não há ligação alguma necessária entre esses três termos; são três criações distintas e formadas sucessivamente, ao passo que tudo se encadeia na natureza, tudo nos mostra uma lei de unidade admirável, cujos elementos, nada mais sendo que transformações uns dos outros, estão ligados entre si. Essa teoria, embora verdadeira em relação à existência dos três termos, não deixa de

ser incompleta, pois lhe faltam os pontos de contato desses termos, como é fácil demonstrar.

4. Diz a Igreja que esses três pontos culminantes da Criação são necessários à harmonia do conjunto; que, se faltasse um só deles, a obra estaria incompleta e não corresponderia ao que se espera da Sabedoria eterna. Entretanto, um dos dogmas fundamentais da religião diz que a Terra, os animais, as plantas, o Sol, as estrelas e até a luz foram criados do *nada*, há seis mil anos. Antes dessa época não havia, portanto, nem criatura humana nem corpórea, o que equivale dizer que no decurso da eternidade a obra divina permanecia imperfeita. A criação do universo há seis mil anos é artigo de fé tão importante que até poucos anos atrás a Ciência ainda era anatematizada por destruir a cronologia bíblica, ao provar, com as suas investigações, a ancianidade da Terra e de seus habitantes.

Apesar disso, o concílio de Latrão, concílio ecumênico que dita lei em matéria de doutrina, diz: “*Acreditamos firmemente* num Deus único e verdadeiro, eterno e infinito, que *no começo dos tempos* tirou *conjuntamente* do nada as duas criaturas, a espiritual e a corpórea.” Por *começo dos tempos* só podemos compreender a eternidade transcorrida, visto que o tempo é infinito como o Espaço, sem começo nem fim. Esta expressão, *começo dos tempos*, é antes uma figura que implica a ideia de uma anterioridade ilimitada. O concílio de Latrão acredita, pois, *firmemente*, que as criaturas espirituais e as corpóreas foram simultaneamente formadas e tiradas *em conjunto* do nada, numa época indeterminada no passado. A que fica reduzido, assim, o texto bíblico, que data a criação de seis mil dos nossos anos? Mesmo admitindo que seja o começo do universo visível, esse não é seguramente o começo dos tempos. — E agora? Devemos crer no concílio ou na *Bíblia*?

5. O mesmo concílio formula uma estranha proposição: “Nossa alma”, diz, “igualmente espiritual, é associada ao corpo de maneira a não formar com ele senão uma pessoa, e *tal é, essencialmente, o seu destino*”. Ora, se o destino *essencial* da alma é estar unida ao corpo, esta união constitui o seu estado normal, seu objetivo, o fim, visto que tal é o seu *destino*. Entretanto, a alma é imortal e o corpo não; sua união com o corpo só se realiza uma vez, segundo a Igreja, e ainda que durasse um século, nada seria em relação à eternidade. E sendo apenas de algumas horas

para muitos, que utilidade teria para a alma uma união tão efêmera? Mas mesmo que essa união se prolongue tanto quanto se pode prolongar uma existência terrena, ainda assim se poderá afirmar que o *seu destino é estar essencialmente ligada ao corpo*? Não; essa união não passa, na realidade, de mero acidente, de um estágio na vida da alma, e nunca do seu estado essencial.

Se o destino essencial da alma é estar ligada a um corpo material; se, por sua natureza e segundo o fim providencial da sua criação, essa união é necessária às manifestações das suas faculdades, forçoso é concluir que *a alma, sem o corpo, é um ser incompleto*. Ora, para que a alma cumpra os seus desígnios, é preciso que, depois de deixar um corpo ela tome outro, o que nos conduz forçosamente à pluralidade das existências, ou, em outras palavras, à reencarnação, à perpetuidade. É realmente muito estranho que um concílio, tido por uma das luzes da Igreja, tenha a tal ponto identificado os seres espiritual e material, de modo a não poderem existir um sem o outro, visto que a condição essencial de sua criação é estarem unidos.

6. O quadro hierárquico dos anjos nos mostra que várias ordens têm, nas suas atribuições, o governo do mundo físico e da humanidade, para cujo fim foram criados. Mas, segundo o *Gênesis*, o mundo físico e a humanidade não existem senão há seis mil anos; e o que faziam, pois, tais anjos, anteriormente a essa era, durante a eternidade, quando não existia o objetivo das suas ocupações? Os anjos não foram criados desde toda a eternidade? Assim deve ser, já que servem à glorificação do Altíssimo. Se Deus os tivesse criado numa época qualquer determinada, teria ficado até então, isto é, durante uma eternidade, sem adoradores.

7. Diz ainda o concílio: “*Enquanto* dura esta união tão íntima da alma com o corpo.” Há, por conseguinte, um momento em que a união se desfaz? Esta proposição contradiz a que sustenta a essencialidade dessa união. E diz mais o concílio: “As ideias lhes chegam pelos sentidos, pela comparação dos objetos exteriores.” Eis aí uma doutrina filosófica em parte verdadeira, mas não em sentido absoluto. Segundo o eminente teólogo, receber as ideias pelos sentidos é uma condição inerente à natureza da alma; mas ele esquece as ideias inatas, as faculdades por vezes tão transcendentas, a intuição das coisas que a criança traz ao nascer e que não resultam de nenhuma instrução. Por meio de quais sentidos

esses jovens pastores, naturais calculistas que causam admiração aos sábios, adquirem ideias necessárias à resolução quase instantânea dos mais complicados problemas? Outro tanto se pode dizer de certos músicos, pintores e linguistas precoces.

“Os conhecimentos dos anjos não resultam da indução e do raciocínio.” Eles sabem porque são anjos, sem necessidade de aprendê-los, pois assim foram criados por Deus; a alma, ao contrário, deve aprender. Mas se a alma só recebe as ideias por meio dos órgãos corpóreos, que ideias pode ter a alma de uma criança morta ao fim de alguns dias de vida, se admitirmos com a Igreja que essa alma não renasce?

8. Aqui se apresenta uma questão vital, a de saber se a alma pode adquirir conhecimentos após a morte do corpo. Se, uma vez liberta do corpo, ela não pode adquirir novos conhecimentos, a alma da criança, do selvagem, do imbecil, do idiota, do ignorante permanecerá tal qual era no momento da morte, condenada à nulidade por toda a eternidade. Mas se, ao contrário, ela adquire novos conhecimentos depois da vida atual, é que pode progredir.

Sem o progresso posterior da alma, chega-se a consequências absurdas; com o progresso, chega-se à negação de todos os dogmas fundados sobre o estacionamento, a sorte irrevogável, as penas eternas etc. E se a alma progride, qual o limite desse progresso? Não há razão alguma para não atingir o grau dos anjos ou dos Espíritos puros. Ora, com tal possibilidade, não se justificaria a criação de seres especiais e privilegiados, isentos de qualquer labor, gozando a felicidade eterna sem nada terem feito para conquistá-la, ao passo que outros seres menos favorecidos só obtêm essa felicidade suprema à custa de longos e cruéis sofrimentos e rudes provas. É fora de dúvida que Deus poderia ter assim determinado, mas, admitindo-se o infinito de suas perfeições, sem as quais Ele não seria Deus há que se admitir também que Ele nada fez de inútil, nada que desmint a soberana justiça e a soberana bondade.

9. “Considerando-se que a majestade de um rei pode ser medida pelo número de seus súditos, servos e oficiais, que haverá de mais apropriado para nos dar ideia da majestade do Rei dos reis do que essa multidão inumerável de anjos que povoam o céu e a Terra, mar e abismos, e a dignidade dos que permanecem *continuamente prostrados ou de pé* diante do seu trono?”

Não será rebaixar a Divindade confrontar a sua glória com o fausto dos soberanos da Terra? Essa ideia, inculcada no espírito das massas ignorantes, falseia a opinião que se faz da sua verdadeira grandeza. Sempre Deus reduzido às mesquinhas proporções da humanidade. Atribuir-lhe, como necessidade, milhões de adoradores, *continuamente prostrados* ou de pé diante do seu trono é emprestar-lhe vaidade e fraqueza próprias dos orgulhosos déspotas do Oriente! O que engrandece os soberanos verdadeiramente grandes? É o número e o brilho dos cortesãos? Não; é a bondade, é a justiça, é o título merecido de pais do seu povo. Perguntareis se haverá algo mais apropriado a dar-nos a ideia da grandeza e majestade de Deus do que a multidão de anjos que lhe compõem a corte... Sim, certamente que há, e essa coisa melhor consiste em representá-lo às suas criaturas soberanamente bom, justo e misericordioso, e não como um Deus encolerizado, ciumento, vingativo, inexorável, exterminador, parcial, criando para sua própria glória esses seres privilegiados, favorecidos com todos os dons e nascidos para a felicidade eterna, enquanto a outros impõe condições penosas para alcançá-la, punindo, além disso, erros momentâneos com eternos suplícios...

10. A respeito da união da alma com o corpo, o Espiritismo professa uma doutrina infinitamente mais *espiritualista*, para não dizer *menos materialista*, tendo ainda a seu favor a conformidade com a observação e o destino da alma. Ele nos ensina que a alma é independente do corpo, constituindo este apenas um envoltório temporário; *a espiritualidade é a sua essência, e a sua vida normal é a vida espiritual*. O corpo não passa de um instrumento para o exercício de suas faculdades nas relações com o mundo material; separada do corpo, a alma goza dessas faculdades com mais ampla liberdade.

11. Embora a união da alma com o corpo seja necessária aos seus primeiros progressos, só se verifica no período que podemos classificar como da sua infância e adolescência; quando, porém, a alma atinge certo grau de perfeição e desmaterialização, essa união não é mais necessária, passando o progresso a fazer-se na sua vida de Espírito. Além disso, por mais numerosas que sejam as existências corpóreas, elas são forçosamente limitadas à existência do corpo, e a sua soma total não compreende, em todos os casos, senão uma parte imperceptível da vida espiritual, que é ilimitada.

Os anjos segundo o Espiritismo

12. Não se pode pôr em dúvida a existência de seres dotados de todas as qualidades atribuídas aos anjos. Neste ponto, a revelação espírita confirma a crença de todos os povos, fazendo-nos conhecer, ao mesmo tempo, a origem e a natureza de tais seres.

As almas ou Espíritos são criados simples e ignorantes, isto é, sem conhecimento nem consciência do bem e do mal, porém aptos para adquirir o que lhes falta. O trabalho é o meio de aquisição, e o fim, que é a perfeição, é o mesmo para todos. Alcançam-no mais ou menos rapidamente em virtude do livre-arbítrio e na razão direta dos seus esforços; todos têm os mesmos degraus a transpor, o mesmo trabalho a concluir. Deus não contempla melhor uns que outros, já que todos são seus filhos e porque, sendo justo, não tem preferência por criatura alguma. Ele lhes diz: “Eis a lei que deve constituir a vossa regra de conduta; só ela pode vos levar ao fim; tudo que lhe for conforme é o bem; tudo que lhe for contrário é o mal. Tendes inteira liberdade de observar ou infringir esta lei, e assim sereis os árbitros da vossa própria sorte.” Consequentemente, Deus não criou o mal; todas as suas leis são para o bem; foi o próprio homem que criou esse mal ao transgredir as leis divinas, porquanto, se as observasse escrupulosamente, jamais se desviaria do bom caminho.

13. Nas primeiras fases de sua existência, a alma é qual criança, isto é, inexperiente e, portanto, falível. Deus não lhe dá essa experiência, mas dá-lhe meios de adquiri-la. Cada passo em falso na senda do mal é um atraso para a alma que, sofrendo-lhe as consequências, aprende à sua custa o que deve evitar. É assim que, pouco a pouco, se desenvolve, aperfeiçoa e avança na hierarquia espiritual, até chegar ao estado de *Espírito puro* ou *anjo*. Os anjos são, pois, as almas dos homens chegados ao grau de perfeição que a criatura comporta, gozando, em sua plenitude, da felicidade prometida. Antes, porém, de atingir o grau supremo, desfrutam de uma felicidade relativa ao seu adiantamento, felicidade que consiste, não na ociosidade, mas nas funções que apraz a Deus confiar-lhes, e por cujo desempenho se sentem felizes, visto que tais ocupações representam para eles um meio de progresso. (Veja-se a Primeira Parte desta obra, cap. III, *O céu*.)

14. A humanidade não se restringe à Terra: habita os inúmeros mundos que circulam no Espaço, já habitou os desaparecidos e habitará os que se formarem. Tendo-a criado de toda a eternidade, Deus jamais cessa de criá-la. Muito antes que a Terra existisse e por mais remota que imaginemos a sua criação, já havia outros mundos, nos quais Espíritos encarnados percorreram as mesmas fases que ora percorremos, atingindo seu fim antes mesmo que tivéssemos saído das mãos do Criador. Há, portanto, desde toda a eternidade, Espíritos puros ou anjos; como, porém, sua existência humana se passou num pretérito remotíssimo, para nós é como se tivessem sido sempre anjos desde todos os tempos.

15. Realiza-se assim a grande lei de unidade da Criação. Deus nunca esteve inativo e sempre contou com o auxílio de Espíritos puros, experimentados e esclarecidos, para transmissão de suas ordens e direção do universo, desde o governo dos mundos até os mais ínfimos detalhes. Não teve, portanto, necessidade de criar seres privilegiados, isentos de obrigações; todos, antigos e novos, conquistaram suas posições na luta e por mérito próprio; todos, enfim, são filhos de suas obras. E assim se cumpre a soberana Justiça de Deus.

CAPÍTULO IX



Os demônios

- Origem da crença nos demônios • Os demônios segundo a Igreja • Os demônios segundo o Espiritismo

Origem da crença nos demônios

1. Em todos os tempos os demônios representaram papel de destaque nas diversas teogonias. Embora bastante desacreditados no conceito geral, a importância que ainda hoje se atribui a eles confere certa gravidade à questão, por tocar o próprio fundo das crenças religiosas. Eis por que é útil examiná-la, com os desdobramentos que o assunto comporta.

A crença num poder superior é instintiva no homem. Encontramo-la, sob diferentes formas, em todas as épocas do mundo. Se, no entanto, ainda hoje se discute sobre a natureza e os atributos desse poder, apesar do grau de cultura atingido pelo homem, quão mais imperfeitas não deveriam ser as noções que eles tinham a respeito na infância da humanidade!

2. O quadro com que nos apresentam a infância dos povos primitivos, extasiados ante as belezas da natureza e admirando nela a bondade do Criador é, sem dúvida, muito poético, mas pouco real. De fato, quanto mais se aproxima do estado de natureza, mais o homem se escraviza ao instinto, como acontece ainda hoje entre os povos bárbaros e selvagens. O que mais o preocupa, ou melhor, o que o preocupa exclusivamente é a satisfação das necessidades materiais, até porque não tem outras. O único sentido que pode torná-lo acessível aos gozos puramente morais não se desenvolve senão lentamente, gradualmente. A alma tem também a sua

infância, a sua adolescência e virilidade, como o corpo humano; mas para alcançar a virilidade que a tornará capaz de compreender as coisas abstratas, quantas evoluções não tem ela de experimentar na humanidade! Por quantas existências não deve passar!

Sem remontarmos aos tempos primitivos, olhemos à nossa volta a gente do campo e perscrutemos os sentimentos de admiração que nela despertam o esplendor do sol nascente, a abóbada estrelada do firmamento, o gorjeio dos pássaros, o murmúrio das ondas cristalinas, as campinas cobertas de flores. Para tais pessoas o Sol nasce por hábito e, contanto que forneça suficiente calor para sazonar as colheitas, sem as queimar, nada mais exigem dele; se olham o céu, é para saber se o tempo será bom ou não no dia seguinte; tanto faz que os pássaros cantem ou deixem de cantar, desde que não lhes destruam a lavoura; preferem o cacarejar das galinhas e o grunhido dos porcos ao canto do rouxinol; o que desejam dos regatos cristalinos, ou lamacentos, é que não sequem nem inundem; dos prados, que produzam boa erva, com ou sem flores. É tudo o que desejam; dizemos mais: é tudo o que assimilam da natureza, apesar de já muito distanciados dos homens primitivos.

3. Se nos reportarmos a estes últimos, então, vê-los-emos preocupados exclusivamente com a satisfação das necessidades materiais, resumindo o bem e o mal neste mundo à satisfação ou prejuízo dessas necessidades. Acreditam num poder extra-humano; entretanto, como o prejuízo material é o que mais de perto os incomoda, atribuem-no a esse poder, do qual fazem, aliás, uma ideia muito vaga. Incapazes de conceber qualquer coisa fora do mundo visível e tangível, eles o imaginam e o identificam nos seres e coisas que o prejudicam. Os animais nocivos não passam para eles de representantes naturais e diretos desse poder. Pela mesma razão, veem nas coisas úteis a personificação do bem, o que explica o culto prestado a certas plantas, a certos animais e mesmo a objetos inanimados. Mas o homem é geralmente mais sensível ao mal que ao bem; este lhe parece natural, ao passo que o mal o afeta com mais intensidade. É por isso que nos cultos primitivos as cerimônias em homenagem ao poder maléfico sempre foram mais numerosas, visto que o temor suplantara o reconhecimento.

Durante muito tempo o homem não compreendeu senão o bem e o mal físicos. Só mais tarde os sentimentos morais vieram marcar o progresso da inteligência humana, fazendo-lhe entrever na espiritualidade

um poder extra-humano fora do mundo visível e das coisas materiais. Tal progresso foi obra de algumas inteligências de escol, mas que não puderam exceder certos limites.

4. Como se vê, havia uma luta incessante entre o bem e o mal e este muitas vezes triunfava sobre aquele. Por outro lado, não se podendo racionalmente admitir que o mal fosse obra de um poder benfazejo, concluiu-se pela existência de dois poderes rivais no governo do mundo. Daí nasceu a doutrina dos dois princípios, o do bem e o do mal, doutrina lógica, aliás, numa certa época, porque o homem ainda não era capaz de conceber outra, nem de penetrar a essência do Ser Supremo. Como, então, haveria de compreender que o mal não passa de estado transitório do qual pode resultar o bem, conduzindo-o à felicidade pelo sofrimento e auxiliando-lhe o progresso? Os limites do seu horizonte moral não lhe permitiam ver coisa alguma fora da vida presente, nem no passado nem no futuro; também não podia compreender que já houvesse progredido, que progrediria ainda individualmente e, muito menos, que as vicissitudes da vida resultavam das imperfeições do ser espiritual que nele reside, o qual preexiste e sobrevive ao corpo, depurando-se numa série de existências até atingir a perfeição. Ora, para compreender o bem que pode resultar do mal, é preciso levar em conta não uma, mas várias existências; é necessário abranger o conjunto, pois só então se tornam claras as verdadeiras causas e seus efeitos.

5. Durante muitos séculos e sob vários nomes, o duplo princípio do bem e do mal foi a base de todas as crenças religiosas. Foi personificado em *Oromase* e *Arimane* entre os persas, em *Jeová* e *Satã* entre os hebreus. Todavia, como todo soberano deve ter ministros, as religiões geralmente admittiram poderes secundários ou gênios bons e maus. Os pagãos fizeram deles individualidades com a denominação genérica de deuses e deram-lhes atribuições especiais para o bem e para o mal, para os vícios e para as virtudes. Os cristãos e os muçulmanos herdaram dos hebreus os anjos e os demônios.

6. A doutrina dos demônios tem, pois, sua origem na antiga crença dos dois princípios, do bem e do mal. Não nos compete examiná-la aqui senão do ponto de vista cristão, para ver se está de acordo com as noções mais exatas que possuímos hoje dos atributos da Divindade. Esses atributos são o ponto de partida, a base de todas as doutrinas religiosas; os dogmas, os cultos, as cerimônias, os usos e a moral, tudo é relativo à ideia mais ou menos justa, mais ou menos elevada que se forma de Deus, desde

o fetichismo até o Cristianismo. Se a essência íntima de Deus continua a ser um mistério para a nossa inteligência, compreendemo-la, no entanto, melhor que nunca, graças aos ensinamentos do Cristo.

De fato, o Cristianismo nos ensina racionalmente que *Deus é único, eterno, imutável, imaterial, onipotente, soberanamente justo e bom, infinito em todas as perfeições*, razão pela qual dissemos em outro lugar (Primeira Parte, cap. VI, *Doutrina das penas eternas*), que “se se tirasse a menor parcela de um só dos atributos de Deus, não haveria mais Deus, visto que poderia coexistir um ser mais perfeito”. Esses atributos, na sua plenitude absoluta, são, pois, o critério de todas as religiões, a medida da verdade de cada um dos princípios que ensinam. E, para que qualquer desses princípios seja verdadeiro, é indispensável que não encerrem um atentado às perfeições divinas. Vejamos se assim é, realmente, na doutrina vulgar dos demônios.

Os demônios segundo a Igreja

7. Segundo a Igreja, *Satã*, o chefe ou o rei dos demônios, não é uma personificação alegórica do mal, mas um *ser real*, a praticar exclusivamente o mal, enquanto Deus pratica exclusivamente o bem. Tomemo-lo, pois, qual no-lo representam.

Satanás existe de toda a eternidade, como Deus, ou ser-lhe-á posterior? Se existe de toda a eternidade é *incriado* e, por conseguinte, igual a Deus. Logo, Deus deixará de ser único, pois haverá um deus do bem e um deus do mal. Mas e se lhe for posterior? Neste caso passa a ser uma criatura de Deus. Visto que só pratica o mal, que é incapaz de fazer o bem e de arrepender-se, Deus teria criado um ser votado exclusivamente, eternamente ao mal. Não sendo o mal obra de Deus, seria contudo de uma das suas criaturas, e nem por isso deixava Deus de ser o autor, e então Ele não seria infinitamente bom. O mesmo se dá em relação a todos os seres maus chamados demônios.

8. Tal foi, por muito tempo, a crença sobre este ponto. Hoje dizem:⁶³

“Deus, que é a bondade e a santidade por excelência, não os havia criado perversos e maus. Sua mão paternal, que se apraz imprimir em todas

⁶³ Nota de Allan Kardec: As citações seguintes são extraídas da pastoral de monsenhor Gousset, cardeal-arcebispo de Reims, para a quaresma de 1865. Graças ao mérito pessoal e à posição do autor, podemos considerá-las a última expressão da Igreja sobre a doutrina dos demônios.

as suas obras a marca de suas perfeições infinitas, cumulara-os de magníficos predicados. Às qualidades eminentíssimas de sua natureza, Ele juntara as liberalidades da sua graça; em tudo os fizera iguais aos Espíritos sublimes de glória e felicidade; subdivididos por todas as suas ordens e ocupando todas as classes, eles tinham o mesmo fim e idênticos destinos. Seu chefe foi o mais belo dos arcanjos. Eles poderiam até ter alcançado a confirmação de justos para todo o sempre, e serem admitidos ao gozo da bem-aventurança dos céus. Este último favor, que deverá ser o complemento de todos os outros, constituía o prêmio da sua docilidade, mas dele se tornaram indignos por meio de uma revolta audaciosa e insensata.

Qual foi o escolho da sua perseverança? Que verdade desconhecera? Que ato de fé e adoração recusaram a Deus? *A Igreja e os anais das Santas Escrituras não o dizem positivamente*, mas parece certo que não aquiesceram à mediação do Filho de Deus, nem à exaltação da natureza humana em Jesus Cristo.

O Verbo divino, criador de todas as coisas, é também o único mediador e salvador, na Terra como no Céu. O fim sobrenatural não foi dado aos anjos e aos homens senão como previsão de sua encarnação e de seus méritos, pois não há proporção alguma entre a obra dos Espíritos mais eminentes e a recompensa, senão o próprio Deus. Nenhuma criatura poderia alcançar tal fim, sem esta maravilhosa e sublime intervenção da caridade. Ora, para preencher a distância infinita que separa a essência divina das obras feitas por suas mãos, seria preciso que reunisse à sua pessoa os dois extremos, e que associasse à sua divindade a natureza do anjo ou a do homem. E Ele preferiu a natureza humana.

Concebido desde toda a eternidade, esse plano foi manifestado nos anjos muito antes da sua execução: o Homem-Deus foi-lhes mostrado como aquele que, futuramente, deveria confirmá-los na graça e guiá-los à glória, sob a condição de o adorarem na Terra durante a sua missão, e para todo o sempre no céu. Revelação inesperada, visão encantadora para os corações generosos e gratos, mas — profundo mistério! — arrasador para os Espíritos soberbos. Esse fim sobrenatural, essa glória imensa que lhes propunham não seria unicamente a recompensa de seus méritos pessoais! Nunca poderiam atribuir a si próprios os títulos dessa glória! Um mediador entre Deus e eles! Que injúria à sua dignidade! E a preferência espontânea pela natureza humana? Que injustiça, que afronta aos seus

direitos! E chegarão eles um dia a ver esta humanidade, que lhes é tão inferior, deificada pela união com o Verbo, sentada à direita de Deus em trono resplandecente? Consentirão enfim que ela ofereça a Deus, eternamente, a homenagem da sua adoração?

Lúcifer e a terça parte dos anjos sucumbiram a tais pensamentos de inveja e de orgulho. São Miguel e com ele muitos outros exclamaram: ‘Quem é semelhante a Deus? Ele é o dono de seus dons, o soberano Senhor de todas as coisas. Glória a Deus e ao Cordeiro, que será imolado para a salvação do mundo’. Mas o chefe dos rebeldes, esquecido de que devia ao Criador a sua nobreza e as suas prerrogativas, e dando ouvidos apenas à sua temeridade, disse: ‘Sou eu mesmo quem subirá ao céu; fixarei residência acima dos astros; sentar-me-ei sobre o monte da aliança, nos flancos do *Aquilão*; dominarei as nuvens mais elevadas e serei semelhante ao Altíssimo’. Os que partilharam de tais sentimentos acolheram essas palavras com murmúrios de aprovação, havendo partidários em todas as hierarquias. A sua multidão, contudo, não os preserva do castigo.”

9. Esta doutrina suscita várias objeções:

1ª) Se Satã e os demônios eram anjos, eles eram perfeitos. Como, sendo perfeitos, puderam falar a ponto de desconhecer a autoridade de Deus, em cuja presença se encontravam? Se ao menos tivessem conquistado tal eminência gradualmente, depois de haver percorrido a escala da perfeição, poderíamos até conceber um triste retrocesso; contudo, o que torna a coisa mais incompreensível é o modo pelo qual no-los apresentam, isto é, criados perfeitos desde a origem.

A consequência dessa teoria é esta: Deus quis criar seres perfeitos, já que os favorecera com todos os dons, mas se enganou; logo, segundo a Igreja, Deus não é infalível.⁶⁴

2ª) Visto que nem a Igreja e nem os anais da história sagrada explicam a causa da rebelião dos anjos contra Deus e apenas dão como *quase certa* que se deveu à relutância no reconhecimento da futura missão do Cristo, perguntamos que valor pode ter o quadro tão preciso e detalhado da cena

⁶⁴ Nota de Allan Kardec: Esta doutrina monstruosa é confirmada por Moisés, quando diz (GÊNESIS, 6:6 e 7): “Ele se arrependeu de haver criado o homem na Terra e, sendo tocado pela mais íntima dor, disse: ‘Exterminarei o homem da face da Terra; exterminarei tudo, desde o homem até os animais, desde os que rastejam sobre a terra até os pássaros do céu, porque *me arrependo* de os ter criado.” Ora, um Deus que se arrepende do que fez não é perfeito nem infalível; por conseguinte, não é Deus. E são estas as palavras que a Igreja proclama como santas verdades. Também não se percebe o que poderia haver de comum entre os animais e a perversidade dos homens, para que merecessem tal extermínio.

que então aconteceu? A que fonte recorreram para colher palavras tão claras e até simples colóquios? De duas uma: ou a cena é verdadeira ou não é. No primeiro caso, não havendo dúvida alguma, por que a Igreja não decide a questão? Se a Igreja e a História se calam, se somente a causa *parece* certa, é que não passa de hipótese e a cena descritiva é mero fruto da imaginação.⁶⁵

3ª) As palavras atribuídas a Lúcifer revelam uma ignorância admirável num arcanjo que, por sua própria natureza e pelo grau alcançado, não deve participar, quanto à organização do universo, dos erros e prejuízos que os homens têm professado, até serem esclarecidos pela Ciência. Como, pois, poderia dizer que fixaria residência acima dos astros, dominando as mais elevadas nuvens? É sempre a velha crença da Terra como centro do universo, do céu como que formado de nuvens estendendo-se às estrelas, e da limitada região destas, que a Astronomia nos mostra disseminadas ao infinito no espaço infinito. Como hoje já se sabe que as nuvens não se elevam a mais de duas léguas da superfície terrena, seria preciso, para dizer que Lúcifer dominará as nuvens mais elevadas, referindo-se a montanhas, que a cena se passasse na superfície da Terra e que nela se localizasse a morada dos anjos. Por outro lado, se tal morada se localiza em região superior, é inútil dizer que ela se elevará acima das nuvens. Atribuir aos anjos uma linguagem marcada pela ignorância é confessar que os homens contemporâneos são mais sábios do que os anjos. A Igreja sempre tem se equivocado ao não levar em conta os progressos da Ciência.

10. A resposta à primeira objeção acha-se na seguinte passagem:

“A Escritura e a tradição denominam céu o lugar no qual se haviam colocado os anjos, no momento da sua criação. Mas esse não era o céu

⁶⁵ Nota de Allan Kardec: Encontra-se em ISAÍAS, 14:11 e seguintes: “Teu orgulho foi precipitado nos infernos; teu corpo morto caiu no chão; tua cama exalará podridão e tuas vestes se cobrirão de vermes. Como caíste do céu, Lúcifer, tu que parecias tão brilhante ao romper do dia? Como foste arrojado sobre a Terra, tu que ferias as nações com teus golpes; que dizias *de coração*: Subirei aos céus, estabelecerei meu trono acima dos astros de Deus, sobre a montanha da aliança, nos flancos de Aquilão; sentar-me-ei acima das nuvens mais altas e serei igual ao Altíssimo! E, todavia, foste precipitado dessa glória no inferno, até o mais profundo dos abismos. Os que te virem, aproximando-se, encarar-te-ão, dizendo: Será *este o homem* que apavorou a Terra, que aterrou seus reinos, que fez do mundo um deserto, que destruiu cidades e reteve acorrentados todos os que aprisionou?”

Estas palavras do Profeta não se referem à revolta dos anjos; é uma alusão ao orgulho e à queda do rei da Babilônia, que retinha os judeus em cativo, como atestam os últimos versículos. O rei da Babilônia é alegoricamente designado por Lúcifer, mas não se faz aí nenhuma menção da cena descrita. Essas palavras são do rei que as tinha no *coração* e se colocava por orgulho acima de Deus, cujo povo escravizara. A profecia da libertação do povo judeu, da ruína da Babilônia e da derrota dos assírios é, aliás, o assunto exclusivo desse capítulo.

dos céus, o céu da visão beatífica, onde Deus se mostra face a face aos seus eleitos, que o contemplam claramente e sem esforço, porque aí não há mais possibilidade nem perigo de pecado; a tentação e a dúvida são aí desconhecidas; a justiça, a paz e a alegria reinam imutáveis; a santidade e a glória são imperecíveis. Era, portanto, outra região celeste, uma esfera luminosa e afortunada, em que essas nobres criaturas, largamente favorecidas pelas comunicações divinas, deveriam recebê-las e a elas aderir com fé e humildade, antes de serem admitidas a ver claramente a sua realidade na essência do próprio Deus.”

Do que acaba de ser dito podemos deduzir que os anjos decaídos pertenciam a uma categoria menos elevada, menos perfeita, não havendo ainda alcançado o lugar supremo em que o erro é impossível. Tudo bem, mas, então, há manifesta contradição, visto que o texto também sustenta que “Deus os criara *em tudo semelhantes aos Espíritos sublimes* que, subdivididos em todas as ordens e misturados em todas as classes, tinham o mesmo fim e o mesmo destino, sendo o seu chefe o mais belo dos arcanjos”. Ora, se foram feitos em tudo semelhantes aos outros, não lhes seriam inferiores em natureza, e se estavam misturados em todas as classes, não podiam permanecer em um lugar especial. A objeção, portanto, subsiste inteiramente.

11. E ainda há outra objeção, incontestavelmente mais grave e mais séria. Dizem: “Este plano (a mediação do Cristo), concebido *desde toda a eternidade*, foi revelado aos anjos muito antes da sua execução.” Deus sabia, pois, e de toda a eternidade, que os anjos, assim como os homens, teriam necessidade dessa mediação. Sabia, também, que alguns anjos viriam a falir; que essa queda lhes acarretaria a eterna condenação, sem esperança de retorno; que eles seriam destinados a tentar os homens e que os que se deixassem seduzir teriam a mesma sorte. Ora, se Deus sabia de tudo isso, então condenou alguns anjos à maldição eterna desde a sua criação, bem como a maior parte do gênero humano. Com tal doutrina, é impossível conciliar a criação dos anjos e do gênero humano com a soberana bondade de Deus. Se Ele nada sabia, não era onisciente nem onipotente. Num e noutro caso temos a negação de dois atributos sem a plenitude dos quais Deus não seria Deus.

12. Admitindo a falibilidade dos anjos, como a dos homens, a punição é consequência justa e natural da falta; mas se admitirmos ao mesmo tempo a possibilidade do resgate, a regeneração, a graça, após o arrependimento e a

expição, tudo se esclarece e se conforma com a bondade de Deus. De fato, Ele sabia que errariam, que seriam punidos, mas sabia também que tal castigo temporário seria um meio de lhes fazer compreender o erro, revertendo, portanto, em benefício deles. Cumpriam-se, assim, estas palavras do profeta Ezequiel: “Deus não quer a morte, mas a salvação do pecador.”⁶⁶ O que seria a negação da bondade de Deus é a inutilidade do arrependimento e a impossibilidade de regeneração. Nesta hipótese, seria rigorosamente exato dizer-se que “esses anjos, desde a sua criação, visto que Deus não o podia ignorar, foram votados ao mal por toda a eternidade e predestinados a se tornarem demônios, a fim de arrastarem os homens ao mal”.

13. Vejamos agora qual a sorte de tais anjos e o que fazem:

“Tão logo se manifestou a revolta na linguagem dos Espíritos, isto é, nos arroubos dos seus pensamentos, foram eles banidos da mansão celestial e precipitados no abismo.

Por estas palavras, entendemos que foram arremessados a um lugar de suplícios no qual sofrem a pena do fogo, conforme o texto do Evangelho, tal como saiu da boca do Salvador: ‘Ide malditos, ao fogo eterno preparado pelo demônio e seus anjos’. Pedro diz expressamente que Deus os prendeu às cadeias e torturas infernais, embora nem todos lá estejam eternamente, visto como só no fim do mundo serão para sempre enclausurados com os réprobos. Presentemente, Deus ainda permite que ocupem lugar nesta criação, à qual pertencem, na ordem das coisas atinentes à sua existência, nas relações enfim que deviam ter com o homem, e das quais fazem o mais pernicioso abuso. Enquanto uns ficam na tenebrosa morada, servindo de instrumento da Justiça divina *contra as almas infelizes que seduziram*, uma infinidade de outros formam legiões invisíveis sob o comando de seus chefes, residindo nas camadas inferiores da nossa atmosfera e percorrendo todas as partes do globo. Envolvem-se em tudo o que aqui se passa, tomando mesmo parte muito ativa nos acontecimentos terrenos.”

Quanto ao que diz respeito às palavras do Cristo sobre o suplício do fogo eterno, veja-se a nossa explanação no capítulo IV, intitulado *O inferno*.

14. Conforme esta doutrina, apenas uma parte dos demônios está no inferno; a outra vagueia em liberdade, envolvendo-se em tudo o que

⁶⁶ Nota de Allan Kardec: Veja-se a Primeira Parte, cap. VI, item 25, citação de Ezequiel.

aqui se passa, dando-se ao prazer de praticar o mal e isso até o fim do mundo, cuja época indeterminada não chegará tão cedo. Por que, pois, essa diferença? Serão os últimos menos culpados? Certo que não, a menos que se revezem nos seus papéis, como se pode deduzir desta passagem: “Enquanto uns ficam na tenebrosa morada, servindo de instrumento da Justiça divina contra as almas infelizes que seduziram.”

Suas ocupações consistem, pois, em atormentar *as almas que seduziram*. Assim, não se encarregam de punir as que são culpadas de faltas livres e voluntariamente cometidas, mas das que eles próprios provocaram. São ao mesmo tempo *a causa do erro e o instrumento do castigo*. O que causa mais admiração, contudo, e que a justiça humana, por mais imperfeita que seja, jamais admitiria, é o fato de a vítima, ao sucumbir por fraqueza e em circunstâncias alheias à sua vontade, ser punida tão severamente quanto o agente provocador, que emprega astúcia e artifício, e até com mais severidade, porque vai ao inferno ao deixar a Terra para daí não sair nunca mais, sofrendo eternamente, sem trégua nem compaixão, enquanto o causador da sua primeira falta, o agente provocador, permanece em liberdade até o fim do mundo! Ora, porventura a Justiça de Deus seria menos perfeita que a dos homens?

15. Isto, porém, ainda não é tudo: “Deus permite que eles ocupem lugar nesta criação, nas relações que deviam ter com os homens e das quais abusam da maneira mais pernicioso.” Deus podia ignorar o abuso que fariam da liberdade que Ele próprio lhes daria? Então, por que a concedeu? Mas nesse caso é com conhecimento de causa que Deus abandona suas criaturas à mercê delas mesmas, sabendo, já que é onipotente, que vão sucumbir e que terão a sorte dos demônios. Não serão elas por si mesmas bastante fracas para falirem, sem a provocação de um inimigo tanto mais perigoso porque invisível? Se ao menos o castigo fosse temporário e o culpado pudesse remir-se pela reparação!... Mas não: a condenação é irrevogável, eterna! Arrependimento, regeneração, lamentos, tudo supérfluo!

Os demônios não passam, portanto, de agentes provocadores, predestinados a recrutar almas para o inferno, e isto com a permissão de Deus, que antevia, ao criar essas almas, a sorte que lhes estava reservada. Que se diria na Terra de um juiz que recorresse a tal expediente para lotar as prisões? Estranha ideia que nos dão da Divindade, de um Deus cujos atributos essenciais são: justiça e bondade soberanas! E dizer-se que é em nome

de Jesus, daquele que só pregou amor, perdão e caridade, que tais doutrinas são ensinadas! Houve um tempo em que essas anomalias passavam despercebidas, porque não eram compreendidas nem sentidas; o homem, curvado ao jugo do despotismo, submetia-se à fé cega, abdicava da razão. Hoje, porém, que a hora da emancipação já soou, esse homem compreende a justiça e a deseja tanto na vida quanto na morte. É por isso que exclama: “Não é, não pode ser assim, ou Deus não é Deus!”

16. O castigo segue por toda parte os seres decaídos: o inferno está nelas e com eles; nem paz nem repouso. As próprias doçuras da esperança foram transformadas para eles em amarguras. A esperança lhes é odiosa. A mão de Deus os feriu no ato mesmo de pecarem, e sua vontade obstinou-se no mal. Tornados perversos, teimam em o ser e sê-lo-ão para sempre.

Esses seres decaídos são, depois do pecado, o que é o homem depois da morte. *A reabilitação deles torna-se também impossível*; a sua perda é, a partir de então, irreparável, mantendo-se eles no seu orgulho perante Deus, no seu ódio contra o Cristo, na sua inveja contra a humanidade.

Não tendo podido conquistar a glória celeste, pela ambição desmedida, esforçam-se por implantar seu império na Terra, banindo dela o reino de Deus. O Verbo encarnado cumpriu, apesar disso, os seus desígnios para salvação e glória da Humanidade. Também por isso procuram por todos os meios promover a perda das almas resgatadas pelo Cristo: a astúcia e a importunação, a mentira e a sedução, tudo põem em jogo para arrastá-las ao mal e à ruína completa.

Com tais inimigos, a vida do homem é uma luta sem tréguas, desde o berço até o túmulo, visto que são poderosos e infatigáveis.

Efetivamente, esses inimigos são os mesmos que, depois de terem introduzido o mal no mundo, chegaram a cobri-lo com as espessas trevas do erro e do vício; os mesmos que, por longos séculos, se fizeram adorar como deuses e que reinaram em absoluto sobre os povos da Antiguidade; os mesmos, enfim, que ainda hoje exercem influência tirânica nas regiões idólatras, fomentando a desordem e o escândalo até no seio das sociedades cristãs.

Para compreender todos os recursos de que dispõem a serviço da malvadez, basta notar que *nada perderam das prodigiosas faculdades que são o apanágio da natureza angélica*. Por certo, o futuro e sobretudo a ordem natural têm mistérios que Deus reservou para si e que eles não podem penetrar; mas a sua inteligência é bem superior à nossa, porque percebem,

num simples piscar de olhos, os efeitos nas causas e vice-versa. Essa percepção lhes permite predizer acontecimentos futuros que escapam às nossas conjeturas. A distância e a variedade dos lugares desaparecem ante a sua agilidade. Mais rápidos que o raio e o pensamento, acham-se quase instantaneamente sobre diversos pontos do globo, e são capazes de descrever, a distância, os acontecimentos na mesma hora em que ocorrem.

As leis gerais pelas quais Deus rege e governa o universo não lhes são acessíveis, razão por que não podem derogá-las e, por conseguinte, predizer ou operar verdadeiros milagres; possuem, no entanto, a arte de imitar e falsificar, dentro de certos limites, as obras divinas; sabem quais os fenômenos resultantes da combinação dos elementos, predizendo com maior ou menor êxito os que sobrevêm naturalmente, assim como os que eles mesmos podem produzir. Daí os numerosos oráculos, as extraordinárias profecias que os livros sagrados e profanos recolheram, e que têm servido de base e de alimento para todas as superstições.

A substância simples e imaterial que os compõe escapa às nossas vistas; permanecem ao nosso lado sem que os vejamos; tocam a nossa alma sem nos tocar o ouvido. Acreditamos obedecer aos nossos pensamentos, quando, na verdade, sofremos as suas tentações e a sua funesta influência. As nossas disposições, ao contrário, lhes são conhecidas pelas impressões que delas transparecem em nós, e nos atacam geralmente pelo lado mais fraco. Para nos seduzirem com mais segurança costumam apresentar-nos ideias e sugestões de acordo com as nossas inclinações. Modificam a ação segundo as circunstâncias e os traços característicos de cada temperamento. Contudo, suas armas favoritas são a hipocrisia e a mentira.

17. Dizem que o castigo os segue por toda parte; que eles não têm paz nem repouso. Isto não invalida de modo algum a observação que fizemos sobre o privilégio dos que estão fora do inferno, privilégio tanto mais injustificado, porquanto, estando fora dele, podem fazer muito mais mal. Com toda certeza eles não são felizes como os anjos bons, mas não se deve levar em consideração a sua relativa liberdade? Se não têm a felicidade moral que a virtude confere, são incontestavelmente mais felizes que os seus comparsas que padecem nas chamas. Depois, para os maus, há sempre um certo gozo na liberdade que desfrutam para praticar o mal. Perguntai ao criminoso o que prefere: se ficar na prisão, ou percorrer livremente os campos, agindo à vontade? Pois o caso é exatamente o mesmo.

O remorso, afirmam, os persegue sem tréguas nem piedade. Mas esquecem que o remorso é o precursor imediato do arrependimento, quando não é o próprio arrependimento. Dizem: “Tornados perversos, *obstinam-se na perversidade e serão malvados para sempre.*” Mas desde que se obstinam em ser perversos é que não têm remorsos; se tivessem o menor sentimento de pesar, renunciariam ao mal e pediriam perdão. Logo, o remorso não constitui para eles nenhum castigo.

18. “Eles são, depois do pecado, o que é o homem depois da morte. A reabilitação dos que caíram torna-se, portanto, impossível.” Ora, de onde provém essa impossibilidade? Não se compreende que seja a consequência de sua similitude com o homem depois da morte, proposição que, aliás, não é muito clara. Porventura essa impossibilidade proviria da própria vontade dos demônios? Ou da vontade de Deus? No primeiro caso a pertinácia denota uma extrema perversidade, um endurecimento absoluto no mal, não se compreendendo que seres tão profundamente perversos pudessem algum dia ter sido *anjos de virtude* e que, durante o tempo *indefinido* que passaram entre estes últimos, não tenham deixado perceber nem um sinal de sua maldade natural. No segundo caso, ainda menos se compreende que Deus inflija como castigo a impossibilidade da reparação, após uma primeira falta. O Evangelho nada diz de semelhante.

19. E acrescentam: “A sua perda é desde então irreparável, mantendo-se eles no seu orgulho perante Deus.” Aliás, de que lhes serviria não manterem tal orgulho, uma vez que todo arrependimento é inútil? Se ao menos tivessem uma esperança de reabilitação, fosse qual fosse o seu preço, o bem teria um objetivo para eles. Assim não acontece, porém; se perseveram no mal é porque lhes trancaram a porta da esperança. Mas por que Deus lhes trancaria essa porta? Para se vingar da ofensa decorrente da sua insubmissão. E assim, para saciar o seu ressentimento contra alguns culpados, Deus prefere não somente vê-los sofrer, mas agravar o mal com mal maior; impelir à perdição eterna todas as criaturas do gênero humano, quando por um simples ato de clemência podia evitar tão grande desastre, aliás previsto, de toda a eternidade!

Trata-se, neste caso, de um ato de clemência, de uma graça pura e simples que pudesse transformar-se em estímulo ao mal? Não; mas de um perdão condicional, subordinado a sincero retorno ao bem. Em vez de uma palavra de esperança e misericórdia, é como se Deus dissesse:

Pereça toda a raça humana antes que minha vingança! E com semelhante doutrina muita gente ainda se admira de que haja incrédulos e ateus! É assim que Jesus nos representa seu Pai? Ele que nos deu a lei expressa do esquecimento e do perdão das ofensas, que nos mandou pagar o mal com o bem, que prescreveu o amor aos inimigos como a primeira das virtudes que nos conduzem ao céu, pretenderia desse modo que os homens fossem melhores, mais justos e mais indulgentes que o próprio Deus?

Os demônios segundo o Espiritismo

20. Segundo o Espiritismo, nem os anjos nem os demônios são seres à parte, já que a criação de seres inteligentes é uma só. Unidos a corpos materiais, esses seres constituem a Humanidade que povoa a Terra e as outras esferas habitadas; uma vez libertos do corpo material, constituem o mundo espiritual ou dos Espíritos, que povoam os espaços. Deus os criou *perfectíveis* e deu-lhes por meta a perfeição, com a felicidade que dela resulta, mas *não lhes deu a perfeição*. Quis que a obtivessem por seu próprio esforço, a fim de que tivessem o mérito. Desde o momento da sua criação que os seres progridem, quer encarnados, quer no estado espiritual. Chegados ao apogeu, tornam-se *Espíritos puros* ou *anjos* segundo a expressão vulgar, de sorte que, a partir do embrião do ser inteligente até o anjo, há uma cadeia ininterrupta na qual cada um dos elos assinala um grau de progresso.

Disso resulta que há Espíritos em todos os graus de adiantamento, moral e intelectual, conforme a posição em que se acham na escala do progresso. Por conseguinte, em todos os graus existe saber e ignorância, bondade e maldade. Nas classes inferiores destacam-se Espíritos ainda profundamente propensos ao mal e que nele se comprazem. A estes se pode denominar *demônios*, caso se queira, pois são capazes de todos os malefícios atribuídos aos últimos. O Espiritismo não lhes dá tal nome porque o termo *demônio* se prende à ideia de uma criação distinta do gênero humano, como seres de natureza essencialmente perversa, votados ao mal eternamente e incapazes de progredir para o bem.

21. Segundo a doutrina da Igreja os demônios foram criados bons e se tornaram maus por sua desobediência: são anjos decaídos, colocados primitivamente por Deus no topo da escala, de onde caíram. Segundo o

Espiritismo os demônios são Espíritos imperfeitos, mas que se melhoram; ainda estão na base da escala, mas subirão um dia.

Os Espíritos que, por apatia, negligência, obstinação ou má vontade persistirem em ficar, por mais tempo, nas classes inferiores, sofrem as conseqüências dessa atitude, e o hábito do mal lhes dificulta a regeneração. Um dia, porém, chega-lhes a fadiga dessa vida penosa e das suas respectivas conseqüências; comparam a sua situação à dos Espíritos bons e compreendem que o seu interesse está no bem, procurando então se melhorarem, mas por ato de espontânea vontade, sem que haja nisto o menor constrangimento. *Submetidos à lei geral do progresso, em virtude da sua aptidão para progredir, ainda assim não progridem contra a vontade.* Deus lhes fornece constantemente esses meios, mas eles são livres para os aceitar ou recusar. Se o progresso fosse obrigatório não haveria mérito e Deus quer que todos tenham o mérito de suas obras. Ninguém é colocado em primeiro lugar por privilégio, mas o primeiro lugar é franqueado a todos, à custa do esforço próprio. Os anjos mais elevados conquistaram a sua graduação, passando, como os demais, pela rota comum.

22. Chegados a certo grau de pureza, os Espíritos têm missões adequadas ao seu progresso; desempenham assim todas as funções atribuídas aos anjos de diferentes categorias. E como Deus criou de toda a eternidade, segue-se que de toda a eternidade houve número suficiente para satisfazer a todas as necessidades do governo do universo. Deste modo, uma só espécie de seres inteligentes, submetida à lei do progresso, satisfaz todos os fins da Criação. Esta unidade na Criação, aliada à ideia de uma origem comum, tendo o mesmo ponto de partida e a mesma rota a percorrer, elevando-se a criatura pelo próprio mérito, corresponde melhor à Justiça de Deus do que a criação de espécies diferentes, mais ou menos favorecidas de dotes naturais, que seriam outros tantos privilégios.

23. A doutrina comum sobre a natureza dos anjos, dos demônios e das almas humanas, não admitindo a lei do progresso, mas vendo todavia seres de diversos graus, concluiu que seriam produto de outras tantas criações especiais. Chega assim a fazer de Deus um pai parcial, tudo concedendo a alguns de seus filhos, e impondo a outros o mais rude trabalho. Não é de admirar que por muito tempo os homens nada tenham visto de chocante nessas preferências, já que eles procediam do mesmo modo em relação aos próprios filhos, ao estabelecerem direitos de primogenitura e

outros privilégios de nascimento. *Podiam tais homens pensar que erravam mais do que Deus?*

Hoje, porém, alargou-se o círculo das ideias; o homem vê mais claro e tem noções mais exatas da justiça. Desejando-a para si e nem sempre a encontrando na Terra, quer pelo menos encontrá-la mais perfeita no céu. É por isso que toda e qualquer doutrina, na qual a Justiça divina não lhes apareça na plenitude integral da sua pureza, repugna-lhes à razão.

CAPÍTULO X



Intervenção dos demônios nas modernas manifestações

1. Os fenômenos espíritas modernos têm atraído a atenção sobre fatos análogos ocorridos em todos os tempos, e nunca a História foi tão compulsada neste sentido como ultimamente. Pela semelhança dos efeitos, concluiu-se pela identidade da causa. Como sempre acontece relativamente a fatos extraordinários que o senso comum desconhece, o vulgo viu nos fenômenos espíritas uma causa sobrenatural e a superstição os exagerou, ajuntando-lhes absurdas credences. Provém daí uma infinidade de lendas que, na sua maioria, são uma mistura de poucas verdades e muitas mentiras.

2. As doutrinas sobre o demônio, que por tanto tempo prevaleceram, haviam de tal maneira exagerado o seu poder que fizeram, por assim dizer, que Deus fosse esquecido; por toda parte surgia o dedo de Satanás, bastando para tanto que o fato observado ultrapassasse os limites do poder humano. Até as coisas melhores, as descobertas mais úteis, sobretudo as que pudessem tirar o homem da ignorância e alargar o círculo de suas ideias, foram consideradas muitas vezes como obras diabólicas. Os fenômenos espíritas de nossos dias, mais generalizados e mais bem observados à luz da razão e com o auxílio da Ciência, confirmaram, é verdade, a intervenção de inteligências ocultas, mas agindo dentro de leis naturais e revelando, por sua ação, uma nova força e leis até então desconhecidas. A questão reduz-se, portanto, em saber de que ordem são essas inteligências.

Enquanto não se possuía do mundo espiritual senão noções incertas e sistemáticas, os equívocos eram possíveis; mas hoje, que observações rigorosas

e estudos experimentais esclareceram a natureza, a origem e o destino dos Espíritos, bem como o seu modo de ação e o papel que desempenham no universo, a questão se resolve por fatos. Sabemos, agora, que essas inteligências ocultas são as almas dos que viveram na Terra. Sabemos também que as diversas categorias de Espíritos bons e maus não constituem seres de espécies diferentes, assinalando apenas os seus *diversos graus de adiantamento*. Segundo a posição que ocupam em virtude do desenvolvimento intelectual e moral, os seres que se manifestam apresentam os mais vivos contrastes, o que não os impede de terem saído da grande família humana, do mesmo modo que o selvagem, o bárbaro e o homem civilizado.

3. Sobre este ponto, como sobre muitos outros, a Igreja mantém suas velhas crenças a respeito do demônio. Diz ela: “Temos princípios que não variam há dezoito séculos porque são imutáveis.” O seu erro consiste justamente em não levar em conta o progresso das ideias; é supor Deus muito pouco sábio para não proporcionar a revelação ao desenvolvimento das inteligências; é, em suma, falar aos contemporâneos a mesma linguagem do passado. Se, a despeito do progresso da Humanidade, a religião persiste em agarrar-se aos velhos erros do passado, tanto em matéria espiritual como em assuntos científicos, mais dia menos dia será ultrapassada pela incredulidade.

4. Eis como a Igreja explica a intervenção exclusiva dos demônios nas manifestações modernas.⁶⁷

“Nas suas intervenções exteriores os demônios procuram dissimular a sua presença, a fim de afastar suspeitas. Sempre astutos e pérfidos, seduzem o homem com ciladas antes de algemá-lo na opressão do servilismo. Aqui, lhe aguçam a curiosidade com fenômenos e brincadeiras pueris; além, despertam-lhe a admiração e subjugam-no pelo encanto do maravilhoso. Se o sobrenatural aparece, se o seu poder os desmascara, então se acalmam, extinguem quaisquer apreensões, solicitam confiança e provocam familiaridade. Ora se apresentam como divindades e bons gênios, ora assimilam os nomes e até os traços de homens que deixaram a Terra. Com o auxílio de tais fraudes dignas da antiga serpente, falam e são ouvidos; dogmatizam e são acreditados; misturam com suas mentiras algumas verdades e inculcam o erro debaixo de todas as formas. É nisso que consiste as pretensas revelações

⁶⁷ Nota de Allan Kardec: As citações deste capítulo são extraídas da mesma pastoral indicada no capítulo precedente, sendo a sua sequência e tendo, por conseguinte, a mesma autoridade.

de além-túmulo. E é para a obtenção de tal resultado que a madeira e a pedra, as florestas e as fontes, o santuário dos ídolos, os pés das mesas e as mãos das crianças se tornam oráculos; é por isso que a pitonisa profetiza em delírio e que o ignorante, num sono misterioso, torna-se de repente um doutor da Ciência. Enganar e perverter, tal é, em toda parte e de todos os tempos, o objetivo final dessas estranhas manifestações.

Os resultados surpreendentes dessas práticas ou atos, em sua maioria fantásticos e ridículos, não podendo proceder da sua virtude intrínseca, nem da *ordem estabelecida por Deus*, só podem ser atribuídos ao concurso das potências ocultas. Tais são, notadamente, os fenômenos extraordinários obtidos em nossos dias pelos processos aparentemente inofensivos do magnetismo e das mesas falantes. Por meio dessas operações da magia moderna, vemos a reprodução entre nós das evocações e dos oráculos, as consultas aos mortos, as *curas* e sortilégios que ilustraram os templos dos ídolos e os antros das sibilas. Como outrora, interroga-se a madeira e ela responde; manda-se e ela obedece, e isto em todas as línguas e sobre todos os assuntos; achamo-nos em presença de seres invisíveis a usurparem os nomes dos mortos, e cujas pretensas revelações têm o cunho da contradição e da mentira; formas inconsistentes e leves, dotadas de força sobre-humana, aparecem e desaparecem de repente.

Quais são os agentes secretos desses fenômenos, os verdadeiros atores dessas cenas inexplicáveis? Os anjos não aceitariam esses papéis indignos, nem se prestariam a todos os caprichos da curiosidade. As almas dos mortos, que Deus proíbe evocar, permanecem no lugar que a sua justiça lhes designa, e não podem, sem a sua permissão, colocar-se às ordens dos vivos. Assim, os seres misteriosos que atendem ao primeiro chamado do *herege*, do ímpio ou do *crente*, o que importa dizer da inocência ou do crime, não são enviados de Deus, nem apóstolos da verdade e da salvação, mas promotores do erro e agentes do inferno. Apesar do cuidado com que se ocultam sob os mais veneráveis nomes, eles se traem pela nulidade de suas doutrinas, pela baixeza dos atos e pela incoerência das palavras. Procuram apagar do símbolo religioso os dogmas do pecado original, da ressurreição do corpo, da *eternidade das penas*, como de toda a revelação divina, a fim de subtrair às leis a sua verdadeira sanção e abrir ao vício todas as barreiras. Se as suas sugestões pudessem prevalecer, acabariam por formar uma religião cômoda para uso do socialismo e de todos a quem importuna a noção

do dever e da consciência. A incredulidade do nosso século facilitou-lhes o caminho. Possam assim as sociedades cristãs, por uma sincera dedicação à fé católica, escapar ao perigo desta nova e terrível invasão!”

5. Toda essa teoria resulta do princípio de que os anjos e os demônios são seres distintos das almas humanas, sendo estas antes o produto de uma criação especial, aliás inferiores aos demônios em inteligência, em conhecimento e em toda espécie de faculdade. Ela conclui pela intervenção exclusiva dos anjos maus, tanto nas antigas como nas modernas manifestações atribuídas aos Espíritos dos mortos.

A possibilidade das almas se comunicarem com os vivos é uma questão de fato, é o resultado de observações e experiências que não vêm ao caso discutir aqui. Contudo, admitamos como hipótese a doutrina citada, e vejamos se ela não se destrói por si mesma com os seus próprios argumentos.

6. Das três categorias de anjos segundo a Igreja, a primeira ocupa-se exclusivamente do Céu; a segunda do governo do universo; e a terceira, da Terra. É nesta última que se encontram os anjos da guarda, encarregados da proteção de cada indivíduo. Somente uma parte dos anjos desta última categoria é que tomou parte na revolta e foi transformada em demônios. Ora, se Deus lhes permitiu induzir os homens em erro, por meio de sugestões ocultas e manifestações ostensivas, por que razão lhes teria Ele, já que é soberanamente justo e bom, concedido o imenso poder e a liberdade de que desfrutam, sem pelo menos atenuar os males de tão odiosa concessão, permitindo também a manifestação dos anjos bons?

Admitamos que Deus tenha concedido igual poder aos anjos bons e maus, o que já seria um favor exorbitante em proveito destes últimos; neste caso o homem teria, pelo menos, a liberdade de escolha. Contudo, ao dar aos anjos maus o monopólio da tentação, com poderes amplos de simular o bem para melhor seduzir e, ao mesmo tempo, vedando toda e qualquer intervenção dos bons, é como se Deus estendesse aos homens uma armadilha, aproveitando-se da sua inexperiência e boa-fé. Dizemos mais: é supor da parte de Deus um abuso de confiança pela fé que nos merece. A razão se recusa a admitir tanta parcialidade em proveito do mal. Vejamos, porém, os fatos.

7. Concedem-se aos demônios faculdades transcendentais; eles nada perderam de sua natureza angélica. Possuem o saber, a perspicácia, a providência e a clarividência dos anjos, além de astúcia, sagacidade e manha

no mais alto grau. O objetivo que os move é desviar os homens do bem e, sobretudo, afastá-los de Deus e arrastá-los ao inferno, do qual são provedores e recrutadores.

Compreende-se assim que eles se dirijam de preferência aos que estão no bom caminho e nele persistem; compreende-se o emprego das seduções e simulacros do bem para atraí-los e perdê-los; mas o que não se compreende é que se dirijam aos que já lhes pertencem de corpo e alma, para os reconduzir a Deus e ao caminho do bem. Ora, quem mais estará nas garras do demônio do que aquele que blasfema contra Deus e o renega, mergulhado no vício e na desordem das paixões? Esse já não estará no caminho do inferno? Porventura se compreenderá que, seguro de sua presa, o demônio a exorte a rogar a Deus, a submeter-se à sua vontade, a renunciar ao mal? Como se haverá de compreender que exalte aos seus olhos a vida deliciosa dos Espíritos bons e que lhe descreva com horror a posição dos maus? Acaso já se viu negociante elogiar a mercadoria do vizinho em prejuízo da sua, aconselhando seus fregueses a comprar a do outro? Um recrutador de soldados falar mal da vida militar e louvar o repouso da vida doméstica? Poderá dizer aos recrutas que terão vida de trabalhos e provações com dez probabilidades contra uma de morrerem ou, pelo menos, de perderem os braços e as pernas durante os exercícios militares?

Entretanto, é justamente este o papel estúpido que atribuem ao demônio, visto ser fato notório que as instruções emanadas do mundo invisível têm regenerado incrédulos e ateus, insuflando-lhes na alma um fervor e uma crença nunca vistos. Ainda sob influência dessas manifestações têm-se visto incrédulos e ateus orando a Deus diariamente, o que jamais haviam feito; pessoas viciosas trabalhando com ardor para se tornarem melhores. Ora, atribuir ao demônio tão benéfica propaganda e salutar resultado, é conferir-lhe diploma de *toló*. Não se trata aqui de mera suposição, mas de fato experimental contra o qual não há argumento possível, salvo se concluirmos que o demônio é um desastrado de primeira ordem, ou que não é tão astuto e mau como se pretende e, por conseguinte, tão temível quanto dizem, já que trabalha contra seus próprios interesses; ou, então, que nem todas as manifestações partem dele.

8. “Eles apregoam o erro sob todas as formas, e é para obter esse resultado que a madeira, a pedra, as florestas, as fontes, os santuários dos ídolos, os pés das mesas e as *mãos das crianças* se tornam oráculos.”

Sendo assim, que valor terão estas palavras do Evangelho: “Nos últimos dias, diz o Senhor, derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e filhas profetizarão, vossos jovens terão visões e vossos velhos sonharão; o meu Espírito será derramado sobre os meus servidores e servidoras, e eles profetizarão?” (ATOS DOS APÓSTOLOS, 2:17 e 18.) Não estará nessas palavras a predição tácita da mediunidade dos nossos dias, concedida a todos, mesmo às crianças? Porventura os apóstolos anatematizaram essa faculdade? Não; eles a apregoam como graça divina, e não como obra do demônio. Terão os teólogos de hoje mais autoridade que os apóstolos? Por que não ver antes o dedo de Deus na realização daquelas palavras?

9. “Por meio dessas operações da *magia moderna* vemos reproduzirem-se entre nós as evocações e os oráculos, as consultas aos mortos, *as curas* e os sortilégios que ilustraram os templos dos ídolos e os antros das sibilas.”

Que há de comum entre as operações da magia e as evocações espíritas? Houve tempo em que se podia crer na eficácia de tais operações, mas hoje elas são ridículas. Ninguém as toma a sério, e o Espiritismo as condena. Na época em que florescera a magia, era imperfeita a noção que se tinha sobre a natureza dos Espíritos, geralmente tidos por seres dotados de poder sobre-humano. Ninguém os evocava senão para obter, mesmo à custa da própria alma, os favores da sorte e da fortuna, a descoberta de tesouros, a revelação do futuro ou os filtros.⁶⁸ A magia com seus sinais, fórmulas e práticas cabalísticas tinha a fama de fornecer segredos para operar prodígios, constranger Espíritos a ficarem às ordens dos homens e satisfazer-lhes os desejos. Hoje sabemos que os Espíritos são as almas dos mortos e não os evocamos senão para receber conselhos dos bons, moralizar os maus e continuar as relações com os seres que nos são caros. Eis o que diz o Espiritismo a tal respeito:

10. Não há nenhum meio de se obrigar um Espírito a atender a uma evocação contra a sua vontade, desde que ele seja, do ponto de vista moral, igual ou superior à pessoa que o evoca, caso em que esta não terá nenhuma autoridade sobre ele. Porém, se o Espírito lhe for inferior, o evocador pode consegui-lo, *desde que seja para o bem do Espírito evocado*, porque, nesse caso, outros Espíritos o ajudarão. (*O livro dos médiuns*, Segunda parte, cap. XXV, item 282, pergunta 10.)

⁶⁸ N.E.: Beberagem com que se pretende despertar o amor ; m.q. amavio.

Para as evocações, a mais essencial de todas as disposições é o recolhimento, quando se pretende lidar com Espíritos sérios. Com *fé e com o desejo do bem*, tem-se mais força para evocar os Espíritos superiores. Elevando sua alma por alguns instantes de recolhimento, no momento da evocação, o evocador se identifica com os Espíritos bons e os predispõe a virem. (*O livro dos médiuns*, Segunda parte, cap. XXV, item 282, pergunta 12.)

Nenhum objeto, medalha ou talismã tem a propriedade de atrair ou repelir Espíritos, pois a matéria não exerce qualquer ação sobre eles. Jamais um Espírito bom aconselhará tais absurdos. A virtude dos talismãs nunca existiu, a não ser na imaginação das pessoas demasiado crédulas. (*O livro dos médiuns*, Segunda parte, cap. XXV, item 282, pergunta 17.)

Não há nenhuma fórmula sacramental para a evocação dos Espíritos. Quem quer que pretenda indicar alguma pode ser tachado, sem receio, de impostor, visto que a forma não tem nenhum valor para os Espíritos. Contudo, a evocação deve sempre ser feita em nome de Deus. (*O livro dos médiuns*, Segunda parte, cap. XVII, item 203.)

Os Espíritos que marcam encontros em lugares lúgubres e em horas inconvenientes são Espíritos que se divertem à custa dos que lhes dão ouvidos. É sempre inútil e quase sempre perigoso ceder a tais sugestões. Inútil porque nada absolutamente se ganha em ser mistificado; perigoso, não pelo mal que os Espíritos possam fazer, mas pela influência que isso pode ter sobre cérebros fracos. (*O livro dos médiuns*, Segunda parte, cap. XXV, item 282, pergunta 18.)

Não há dias nem horas especialmente mais favoráveis às evocações. Para os Espíritos, isso é completamente indiferente, como tudo o que é material e seria *superstição* acreditar-se na influência dos dias e das horas. Os momentos mais propícios são aqueles em que o evocador possa estar menos distraído pelas suas ocupações habituais; aqueles em que se ache mais calmo de corpo e de espírito. (*O livro dos médiuns*, Segunda parte, cap. XXV, item 282, pergunta 19.)

A crítica malévola apraz-se em representar as comunicações espíritas revestidas das práticas ridículas e supersticiosas da magia e da necromancia. Entretanto, se os que falam do Espiritismo, sem conhecê-lo, procurassem estudá-lo, poupariam trabalhos de imaginação e alegações que só servem para demonstrar a sua ignorância e má vontade. Para conhecimento das pessoas estranhas à ciência espírita, diremos que não há

horas mais apropriadas, umas que outras, como não há dias nem lugares, para comunicar com os Espíritos; que não há fórmulas nem palavras sacramentais ou cabalísticas para evocá-los; que não há necessidade alguma de preparo ou iniciação; que é inútil o emprego de qualquer sinal ou objeto material para atraí-los ou repeli-los, bastando para tanto o pensamento; e, finalmente, que os médiuns recebem deles as comunicações sem sair do seu estado normal, tão simples e naturalmente como se tais comunicações fossem ditadas por uma pessoa viva. Só o charlatanismo poderia emprestar às comunicações espíritas formas excêntricas e adicionar-lhes acessórios ridículos. (*O que é o espiritismo*, cap. II, item 49.)

Em princípio, o futuro é oculto ao homem e somente em casos raros e excepcionais Deus permite que seja revelado. Se o homem conhecesse o futuro negligenciaria o presente e não agiria com a mesma liberdade, porque seria dominado pela ideia de que, se uma coisa tem que acontecer, não adianta ocupar-se com ela, ou então tentaria impedir que acontecesse. Deus não quis que assim fosse, a fim de que cada um concorra para a realização das coisas, até daquelas a que desejaria opor-se. Deus permite a revelação quando esse conhecimento prévio deve facilitar a realização de alguma coisa, em vez de dificultá-la, induzindo o homem a agir de modo diverso do que faria, caso não tivesse esse conhecimento. (*O livro dos espíritos*, Livro III, cap. X, questões 868 a 870.)

Os Espíritos não podem guiar os homens nas descobertas, nem nas pesquisas científicas. A ciência é obra do gênio. Só deve ser adquirida pelo trabalho, pois é somente pelo trabalho que o homem se adianta no seu caminho. Que mérito teria ele, se não lhe bastasse senão interrogar os Espíritos para tudo saber? A esse preço, qualquer imbecil poderia tornar-se sábio. O mesmo se dá com as invenções e descobertas industriais.

Quando chega o tempo de uma descoberta, os Espíritos encarregados de dirigir sua marcha procuram o homem capaz de levá-la a bom termo e lhe inspiram as ideias necessárias, mas de maneira a lhe deixarem todo o mérito, pois é preciso que ele elabore essas ideias e as ponha em execução. O mesmo se dá com todos os grandes trabalhos da inteligência humana. Os Espíritos deixam cada homem na sua própria esfera; aquele que só é capaz de cavar a terra não será feito depositário dos segredos de Deus; mas sabem *tirar da obscuridade* aquele que seja capaz de lhes secundar os desígnios. Não vos deixeis, pois, arrastar pela curiosidade ou pela

ambição, por um caminho *que não corresponda aos fins do Espiritismo* e que vos conduziria às mais ridículas mistificações. (*O livro dos médiuns*, Segunda parte, cap. XXVI, item 294, perguntas 28 e 29.)

Os Espíritos não podem concorrer para a descoberta de tesouros ocultos. Os superiores não se ocupam com essas coisas; mas os Espíritos zombeteiros muitas vezes indicam tesouros que não existem, ou se comparam em apontá-los num lugar, quando se acham em lugar oposto. Isto tem a sua utilidade: mostrar que a verdadeira riqueza está no trabalho. Se a Providência destina tesouros ocultos a alguém, esse os achará naturalmente; de outra forma, não. (*O livro dos médiuns*, Segunda parte, cap. XXVI, item 295, pergunta 30.)

Esclarecendo-nos sobre as propriedades dos fluidos, que são os agentes e os meios de ação do mundo invisível, e que constituem uma das forças e uma das potências da natureza, o Espiritismo nos dá a chave de uma infinidade de coisas inexplicadas e inexplicáveis por qualquer outro meio e que, à falta de explicação, passaram por prodígio nos tempos antigos. Do mesmo modo que o magnetismo, ele nos revela uma lei, se não desconhecida, pelo menos mal compreendida; ou, melhor dizendo, de uma lei que não se conhecia, embora se conhecessem os seus efeitos, visto que estes sempre se produziram em todos os tempos, tendo a ignorância da lei gerado a superstição. Conhecida essa lei, o maravilhoso desaparece e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais. Eis por que os espíritas, ao fazerem que uma mesa se mova, ou que os mortos escrevam, não operam maior milagre do que opera o médico que restitui a vida ao moribundo, ou o físico que faz cair o raio. Aquele que pretendesse, com o auxílio desta ciência, *fazer milagres*, ou seria ignorante do assunto, ou trapaceiro. (*O livro dos médiuns*, Primeira parte, cap. II, item 15, parágrafo final.)

Certas pessoas fazem uma ideia muito falsa das evocações; algumas creem que elas consistem em fazer que os mortos saiam do túmulo com todo o seu aparato lúgubre. Somente nos romances, nos contos fantásticos de almas do outro mundo e no teatro é que se veem os mortos aparecerem descarnados, saindo dos sepulcros envoltos em mortalhas e fazendo chocalhar os ossos. O Espiritismo, que nunca fez milagres, também não produz esse, pois que jamais fez reviver um corpo morto. Quando o corpo baixa à sepultura, não sairá mais dela; porém, o ser espiritual, fluídico e inteligente aí não permanece com o seu envoltório grosseiro. Separa-se dele no

momento da morte, nada mais havendo de comum entre eles. (*O que é o espiritismo*, cap. II, item 48.)

11. Estendemo-nos um tanto sobre estas citações para mostrar que os princípios do Espiritismo não têm relação alguma com os da magia. Assim, nada de Espíritos às ordens dos homens; nada de meios para os constringer; nada de sinais ou fórmulas cabalísticas; nada de descobertas de tesouros ou processos para enriquecer; nada de milagres ou prodígios, adivinhações e aparições fantásticas; nada, finalmente, que constitua o objetivo e os elementos essenciais da magia. O Espiritismo não só reprova tais coisas como demonstra a impossibilidade e ineficácia delas. Não há, pois, qualquer analogia entre os processos e fins da magia e os do Espiritismo. Querer confundi-los só pode atestar ignorância ou má-fé; e como os princípios do Espiritismo nada têm de secreto, estando formulados em termos claros e sem equívoco, tal erro jamais poderia prevalecer.

Quanto às curas, reconhecidas como reais na pastoral precitada, o exemplo foi mal escolhido para afastar as pessoas das relações com os Espíritos. Essas curas constituem outros tantos benefícios que tocam de perto as pessoas e que todas podem apreciar. Pouca gente estará disposta a renunciar a elas, sobretudo depois de haver esgotado outros recursos antes de recorrer ao diabo. Ora, se o diabo cura, forçoso é confessar que pratica uma boa ação.⁶⁹

12. “Quais são os agentes secretos de tais fenômenos, os verdadeiros autores dessas cenas inexplicáveis? Os anjos não aceitariam desempenhar esses papéis indignos, nem se prestariam a todos os caprichos da curiosidade.”

O autor quer falar das manifestações físicas dos Espíritos, no número das quais existem algumas que são evidentemente pouco dignas de Espíritos superiores. Nós lhe pediremos, contudo, que substitua o vocábulo *anjo* pela expressão *Espíritos puros* ou *Espíritos superiores*, pois assim teremos exatamente o que diz o Espiritismo. Mas não se poderia considerar indignas dos Espíritos bons uma infinidade de comunicações dadas pela escrita, pela palavra, pela audição ou por quaisquer outros meios, pois que tais comunicações seriam e são dignas dos homens mais eminentes da Terra. O mesmo se pode dizer quanto às curas, aparições e um sem-número de fatos que os livros santos citam em profusão como obra de anjos ou de santos. Se, pois,

⁶⁹ Nota de Allan Kardec: Querendo convencer as pessoas curadas pelos Espíritos de que o foram pelo diabo, grande número delas se desligou radicalmente da Igreja, sem que até então jamais pensassem fazê-lo.

os anjos e os santos produziram outrora fenômenos semelhantes, por que não os produzirão hoje? Por que os mesmos fatos seriam hoje obra do demônio, nas mãos de certas pessoas, enquanto nas mãos de outros são reputados santos milagres? Sustentar semelhante tese é renunciar a toda lógica.

O autor da pastoral incorre em erro quando afirma que tais fenômenos são inexplicáveis. Ao contrário, hoje esses fenômenos são perfeitamente explicados, tanto que não se consideram mais como maravilhosos e sobrenaturais. Porém, mesmo que não fossem explicados, atribuí-los hoje ao diabo seria tão ilógico quanto conferir a este, em outros tempos, as honras de todos os fenômenos naturais cuja causa então se desconhecia.

Por papéis indignos devemos entender os que visam o mal e o ridículo, a menos que queiramos qualificar como indigna a obra salutar dos Espíritos bons, que promovem o bem, encaminhando os homens para Deus, pela virtude. Ora, o Espiritismo diz *expressamente* que os papéis indignos não cabem aos Espíritos superiores, como se deduz dos seguintes preceitos:

13. Reconhece-se a qualidade dos Espíritos por sua linguagem: a dos Espíritos verdadeiramente bons e superiores é sempre digna, nobre, lógica, isenta de contradições; nela transpira a sabedoria, a benevolência, a modéstia e a mais pura moral; é concisa e sem palavras inúteis. Na dos Espíritos inferiores, ignorantes ou orgulhosos, o vácuo das ideias é quase sempre preenchido pela abundância de palavras. Todo pensamento evidentemente falso, toda máxima contrária à sã moral, todo conselho ridículo, toda expressão grosseira, trivial ou simplesmente frívola, enfim, toda manifestação de malevolência, de presunção ou arrogância, são sinais incontestáveis da inferioridade de um Espírito.

Os Espíritos superiores não se ocupam senão de comunicações inteligentes, tendo em vista a nossa instrução. As manifestações físicas ou puramente materiais são, mais especialmente, obra dos Espíritos inferiores, vulgarmente designados sob o nome de *Espíritos batedores*, como, entre nós, as proezas admiráveis são executadas pelos saltimbancos, e não pelos cientistas. *Seria absurdo supor que um Espírito, por pouco elevado que seja, se exhibisse para divertir os outros.* (*O que é o espiritismo*, capítulo II, itens 37 a 40 e 60. Veja-se, também, *O livro dos espíritos*, Livro II, cap. I, itens Diferentes ordens de Espíritos; e Escala espírita; e *O livro dos médiuns*, Segunda parte, cap. XXIV, *Identidade dos Espíritos*; item Distinção entre os Espíritos bons e maus.)

Qual é o homem de boa-fé que poderia ver nestes preceitos um papel indigno atribuído aos Espíritos elevados? Não apenas o Espiritismo não confunde os Espíritos, como constata, pela observação dos fatos, que os Espíritos inferiores são mais ou menos ignorantes, limitado o seu horizonte e restrita a sua perspicácia, ao passo que a Igreja atribui aos demônios uma inteligência idêntica à dos anjos. Constata, também, que os Espíritos inferiores fazem das coisas uma ideia falsa e incompleta, que são incapazes de resolver certas questões e, por conseguinte, de fazer tudo quanto se atribui aos demônios.

14. “As almas dos mortos, que Deus proíbe evocar, permanecem no lugar designado pela sua justiça, e não podem, sem a sua permissão, *colocar-se à disposição dos vivos.*”

O Espiritismo diz também que as almas não podem manifestar-se sem a permissão de Deus. É, contudo, bem mais rigoroso do que a religião oficial, pois afirma que nenhum Espírito, bom ou mau, pode comunicar-se sem essa permissão, enquanto a Igreja atribui aos demônios o poder de dispensá-la. Vai ainda mais longe o Espiritismo, ao dizer que os Espíritos, mesmo com essa permissão, *não se põem à disposição dos vivos* quando atendem ao chamado que lhes é feito.

O Espírito evocado vem voluntariamente ou é constrangido a manifestar-se? — *Ele obedece à vontade de Deus*, isto é, à lei geral que rege o universo; julga da utilidade ou inutilidade da sua manifestação. Ainda aí exerce o livre-arbítrio. O Espírito superior vem sempre que chamado com um fim útil; não se nega a responder, senão a pessoas pouco sérias ou que tratam essas coisas como brincadeira. (*O livro dos médiuns*, Segunda parte, cap. XXV, item 282, pergunta 8.)

O Espírito evocado pode negar-se a atender ao chamado que lhe é dirigido? — Perfeitamente. Onde estaria o seu livre-arbítrio, se assim não fosse? Pensais que todos os seres do universo estão às vossas ordens? Vós mesmos vos considerais obrigados a responder a todos os que vos pronunciam os nomes? Quando digo que o Espírito pode recusar-se, refiro-me *ao pedido do evocador*, visto que um Espírito inferior pode ser constrangido a vir, por um Espírito superior. (*O livro dos médiuns*, Segunda parte, cap. XXV, item 282, pergunta 9.)

Os espíritas estão de tal forma convencidos de que não têm nenhum poder direto sobre os Espíritos, e de nada poderem obter deles sem a

permissão de Deus, que dizem, quando evocam: *Rogo a Deus Todo-Poderoso que permita a um Espírito bom vir comunicar-se comigo; rogo também ao meu anjo da guarda que me assista e afaste os Espíritos maus.* E em se tratando da evocação de um Espírito determinado: *Rogamos a Deus Todo-Poderoso permitir que tal Espírito se comunique conosco.* (O livro dos médiuns, Segunda parte, cap. XVII, item 203.)

15. As acusações da Igreja contra a prática das evocações não atingem, portanto, o Espiritismo, mas as práticas da magia, com a qual este nada tem de comum. O Espiritismo condena, tanto quanto a Igreja, as referidas práticas, ao mesmo tempo que não confere aos Espíritos bons um papel indigno deles; enfim, nada pergunta ou pretende obter sem a permissão de Deus.

Certamente pode haver quem abuse das evocações, quem delas faça um jogo, quem lhes desnature o caráter providencial em proveito de interesses pessoais, ou ainda quem, por ignorância, leviandade, orgulho ou ambição se afaste dos verdadeiros princípios da Doutrina; porém, o verdadeiro Espiritismo, o Espiritismo sério os condena, tanto quanto a verdadeira religião condena os falsos devotos e os excessos do fanatismo. Portanto, não é lógico nem racional imputar ao Espiritismo abusos que ele é o primeiro a condenar, bem como os erros daqueles que não o compreendem. Antes de formular qualquer acusação, convém saber se é justa. Assim diremos: a censura da Igreja recai nos charlatães, nos especuladores, nos praticantes de magia e sortilégio, e com razão. Quando a crítica religiosa ou cética castiga os abusos e estigmatiza o charlatanismo, não faz mais que realçar a pureza da sã doutrina, auxiliando-a no expurgo de maus elementos e facilitando-nos a tarefa. O erro da crítica está em confundir o bem e o mal, o que muitas vezes sucede pela má-fé de alguns e pela ignorância do maior número, mas a distinção que uma tal crítica não faz, outros a fazem. Seja como for, a censura aplicada ao mal, e à qual todo espírito sincero e reto se associa, essa não prejudica nem afeta a Doutrina Espírita.

16. “Assim, os seres misteriosos que atendem ao primeiro apelo *do herético, do ímpio e do crente*, o que importa dizer, da inocência ou do crime, não são nem enviados de Deus, nem apóstolos da verdade, mas promotores do erro e agentes do inferno.”

Segundo tais palavras, Deus não permite ao ímpio nem ao criminoso que os Espíritos bons venham desviá-los do erro para os salvar da perdição

eterna! Só lhes envia os agentes do inferno, para mergulhá-los ainda mais no lodaçal! E, o que é pior, segundo a Igreja, Deus não envia à inocência senão seres perversos para seduzi-la! Não se encontraria então, entre os anjos, essas criaturas privilegiadas de Deus, um ser bastante compassivo que venha em socorro dessas almas perdidas? Para que servem, pois, as brilhantes qualidades de que são dotados? Apenas para seu gozo pessoal? Serão eles realmente bons, quando, extasiados pelas delícias da contemplação, veem tantas almas no caminho do inferno sem que procurem desviá-las? Não será isso a imagem do rico egoísta que, impiedoso na farta opulência, deixa morrer de fome o mendigo que lhe bate à porta? É muito mais ainda: é o próprio egoísmo transformado em virtude e colocado aos pés do Criador!

Admirai-vos de que os Espíritos bons socorram o herege e o ímpio, certamente porque vos esquecestes destas palavras do Cristo: “Não é o homem sadio que precisa de médico.” Então não tendes um ponto de vista mais elevado que o dos fariseus daquele tempo? E vós mesmos, acaso vos recusareis a mostrar o bom caminho ao descrente que vos chamasse? Pois bem: os Espíritos bons fazem o que faríeis; dirigem-se ao ímpio para dar-lhe bons conselhos. Oh! em vez de condenardes as comunicações de além-túmulo, deveríeis, ao contrário, bendizer os desígnios do Senhor, admirando-lhe a onipotência e a bondade infinitas.

17. Dirão que há anjos da guarda; mas quando não podem insinuar-se pela voz misteriosa da consciência ou da inspiração, por que não empregarem meios de ação mais diretos e materiais, capazes de ferir os sentidos, uma vez que tais meios existem? Já que tudo provém de Deus e nada ocorre sem a sua permissão, podemos admitir que Ele faculte tais meios aos Espíritos maus e os recuse aos bons? Nesse caso, é preciso confessar que Deus dispensa mais poderes ao demônio, para perder os homens, do que aos anjos da guarda para salvá-los!

Pois bem! o que os anjos da guarda, segundo a Igreja, não podem fazer, os demônios fazem por eles. Por meio dessas mesmas comunicações, ditas infernais, eles reconduzem a Deus os que o renegavam e ao bem os que estavam mergulhados no mal. Esses demônios fazem mais: dão-nos o estranho espetáculo de milhões de homens acreditando em Deus pela intercessão da sua potência diabólica, ao passo que a Igreja era impotente para convertê-los. Homens que jamais oraram, fazem-no hoje com fervor, graças às instruções desses demônios! Quantos orgulhosos, egoístas e

devassos se tornaram humildes, caridosos e menos sensuais! E ainda dizem que isso é obra do demônio! Se assim for, é preciso convir que o demônio tem prestado a essa gente melhor serviço e guarda que os próprios anjos. É necessário, porém, formar bem triste opinião do senso humano dos nossos tempos, para crer que os homens aceitem cegamente tais ideias. *Uma religião que faz de semelhante doutrina a sua pedra angular, que se declara minada em suas bases se lhe tirarmos os demônios, o seu inferno, as suas penas eternas e o seu Deus impiedoso, é uma religião que se suicida.*

18. Dizem que Deus enviou o Cristo, seu filho, para salvar os homens, provando assim o seu amor pelas criaturas. Não há dúvida de que Jesus é o Messias divino enviado aos homens para ensinar-lhes a verdade e mostrar-lhes o caminho da salvação. Mas contai — e somente após a sua vinda — quantos não puderam ouvir-lhe a palavra de verdade, quantos morreram e morrerão sem conhecê-la, e quantos, finalmente, dos que a conhecem, a põem em prática! Por que então Deus, sempre solícito na salvação de suas criaturas, não lhes enviaria outros mensageiros que, chegando a todos os recantos da Terra, entre grandes e pequenos, ignorantes e sábios, incrédulos e crentes, ensinassem a verdade aos que a desconhecem, tornando-a compreensível aos que não a compreendem e suprimindo, pelo ensinamento *direto e múltiplo*, a deficiência na propagação do Evangelho, de modo a abreviar o advento do reino de Deus? Ora, quando esses mensageiros, a exemplo de Jesus, chegam em hostes inumeráveis, abrindo os olhos aos cegos, convertendo os ímpios, curando os enfermos e consolando os aflitos, que fazeis vós, como o recebeis? Ah! vós os repudiais, repeli o bem que fazem e clamaís que são demônios! Outra não era a linguagem dos fariseus em relação a Jesus, porque eles também diziam que o Cristo fazia o bem pelo poder do diabo. Que lhes respondeu o Mestre? “Reconhecei a árvore por seu fruto; uma árvore má não pode dar bons frutos.”

Para os fariseus, os frutos produzidos por Jesus eram maus, porque Ele vinha destruir o abuso e proclamar a liberdade que lhes arruinaria a autoridade. Se em vez disso Jesus tivesse vindo lisonjear-lhes o orgulho, sancionar os seus erros e sustentar-lhes o poder, então, sim, Ele seria o esperado Messias dos judeus. Mas o Cristo era só, pobre e fraco: decretaram-lhe a morte julgando extinguir-lhe a palavra; mas a sua palavra sobreviveu-lhe, porque era divina. Todavia, só lentamente ela se foi propagando pelo mundo, de modo que, passados dezoito séculos, apenas a décima parte do gênero humano a

conhece, sem falar dos numerosos cismas que rebentaram no seio da cristandade. Diante desse quadro, Deus, em sua misericórdia, envia agora os Espíritos para confirmá-la, completá-la, pô-la ao alcance de todos e difundi-la por toda a Terra. Os Espíritos, contudo, não estão encarnados num só homem, cuja voz seria limitada: eles são inumeráveis, andam por toda parte e ninguém os pode deter, sendo esta a razão por que o seu ensino se espalha com a rapidez do relâmpago. E, porque falam ao coração e à razão, são compreendidos pelos mais humildes.

19. “Não é indigno de mensageiros celestes” — dizeis — “que suas instruções sejam transmitidas por meio tão vulgar qual o das mesas falantes? Não é ultrajá-los supor que se divertem com frivolidades, deixando a mansão de luz em que residem para se porem à disposição do primeiro curioso que aparece?”

Jesus não deixou a morada do Pai para nascer num estábulo? E quem vos disse que o Espiritismo já atribuiu práticas triviais aos Espíritos superiores? Não; o Espiritismo afirma justamente o contrário, isto é, que as coisas vulgares são próprias de Espíritos vulgares. Não obstante, dessas vulgaridades resulta um benefício, qual o de abalar muitas imaginações, provando a existência do mundo espiritual e demonstrando que esse mundo era muito diferente do que se julgava. Era apenas o princípio, e esse princípio era tão simples como tudo que começa, mas nem por germinar de minúscula semente a árvore deixa um dia de estender ao longe a sua ramagem.

Quem acreditaria que da misérrima manjedoura de Belém pudesse sair a palavra que havia de transformar o mundo? Sim! O Cristo é bem o Messias divino. A sua palavra é bem a palavra da verdade, e a religião fundada nessa verdade se torna inabalável, desde que siga e pratique os sublimes ensinamentos que ela contém e não faça do Deus justo e bom, que nela reconhecemos, um Deus parcial, vingativo e cruel.

CAPÍTULO XI



É proibido evocar os mortos?

1. A Igreja não nega de modo algum a realidade das manifestações espíritas. Ao contrário, como vimos nas citações precedentes, ela as admite totalmente, atribuindo-as, no entanto, à exclusiva intervenção dos demônios. É um erro invocar-se os Evangelhos, como fazem algumas pessoas, para justificar a sua interdição, visto que os Evangelhos nada dizem a tal respeito. O supremo argumento que prevalece é a suposta proibição de Moisés.

Eis em que termos se refere ao assunto a mesma pastoral que citamos nos capítulos anteriores:

“Não é permitido entreter relações com os Espíritos, seja diretamente, seja por intermédio dos que os invocam e interrogam. A lei mosaica punia com a morte essas práticas detestáveis, em uso entre os gentios. Diz o *Levítico*: Não procureis os mágicos, nem desejeis saber coisa alguma dos adivinhos, a fim de não vos contaminardes com eles. (19:31.) Se um homem ou uma mulher tiver um Espírito de Píton ou de adivinhação, que sejam punidos com a morte; sejam apedrejados e sobre eles recaia seu sangue. (20:27.) O *Deuteronomio* diz: Nunca exista entre vós quem consulte adivinhos, quem observe sonhos e agouros, quem use de malefícios, sortilégios, encantamentos, ou consulte o Espírito de Píton, nem quem pratique a adivinhação ou interroge os mortos para saber a verdade. O Senhor abomina todas essas coisas e destruirá, à vossa entrada, as nações que cometem tais crimes”. (18:10 a 12.)

2. É útil, para melhor compreensão do verdadeiro sentido das palavras de Moisés, reproduzir por completo o texto um tanto abreviado dessas citações:

“Não vos desvieis do vosso Deus para procurar mágicos, nem consulteis os adivinhos, a fim de não vos contaminardes ao dirigir-vos a eles. Eu sou o Senhor vosso Deus.” (LEVÍTICO, 19:31.) “Sejam punidos de morte o homem ou a mulher que tiver Espírito de Píton ou de adivinho. Eles serão apedrejados e o seu sangue recairá sobre eles.” (LEVÍTICO, 20:27.) “Quando houverdes entrado na terra que o Senhor vosso Deus vos dará, tomai cuidado em não imitar as abominações de tais povos. Que não haja ninguém entre vós que pretenda *purificar filho ou filha passando-os pelo fogo*; que consulte os adivinhos ou observem sonhos e augúrios; que use de malefícios, sortilégios e encantamentos; ou que consulte os que têm o Espírito de Píton e se propõem adivinhar, interrogando os mortos para saber a verdade. O Senhor abominará todas essas coisas e exterminará todos esses povos, à vossa entrada, por causa dos crimes que têm cometido.” (DEUTERONÔMIO, 18:9 a 12.)

3. Se a lei de Moisés deve ser tão rigorosamente observada neste ponto, deve sê-lo igualmente em todos os outros. Por que seria ela boa no tocante às evocações e má em outras de suas partes? É preciso ser conseqüente. Desde que se reconhece que a lei mosaica não está mais de acordo com a nossa época e costumes em certos casos, não há razão para que também não o esteja em relação à proibição de que tratamos.

É preciso que se leve em conta os motivos que justificavam essa proibição e que hoje não existem mais. O legislador hebreu queria que o seu povo abandonasse todos os costumes adquiridos no Egito, onde as evocações estavam em uso e facilitavam abusos, como o provam estas palavras de Isaías: “O Espírito do Egito se aniquilará por si mesmo e eu precipitarei seu conselho; eles consultarão seus ídolos, seus adivinhos, seus pítons e seus mágicos”. (19:3.)

Além disso, os israelitas não deviam contrair nenhuma aliança com as nações estrangeiras. Iam encontrar as mesmas práticas entre esses povos a que se dirigiam e que deviam combater. Moisés viu-se obrigado, por razões políticas, a inspirar no povo hebreu aversão a todos os costumes que pudessem ter semelhanças e pontos de contato com o inimigo. Para justificar essa aversão, era preciso que apresentasse tais práticas como reprovadas pelo próprio Deus, e daí estas palavras: “O Senhor abomina todas essas coisas e destruirá, à vossa chegada, as nações que cometem tais crimes”.

4. A proibição de Moisés tinha a sua razão de ser, porque a evocação dos mortos não se originava nos sentimentos de respeito, afeição ou piedade para com eles, sendo antes um meio de adivinhações, tal como nos augúrios e presságios explorados pelo charlatanismo e pela superstição. Essas práticas, ao que parece, também eram objeto de negócio, e Moisés, por mais que fizesse, não conseguiu desentranhá-las dos costumes populares, como atestam as seguintes passagens do mesmo profeta:

“Quando vos disserem: Consultai os mágicos e adivinhos que balbuciam encantamentos, respondei: Cada povo não consulta o seu Deus? E aos mortos se fala do que compete aos vivos?” (ISAÍAS, 8:19.) “Sou eu quem aponta a falsidade dos prodígios mágicos; quem enlouquece os que se propõem adivinhar; quem transtorna o espírito dos sábios e confunde a sua ciência vã.” (44:25.)

“Que esses adivinhos, que estudam o céu, contemplam os astros e contam os meses para fazer predições, dizendo revelar-vos o futuro, venham agora vos salvar. Eles se tornaram como a palha, e o fogo os devorou; não poderão livrar suas almas do fogo ardente; não restarão das chamas que soltarem, nem carvões que possam aquecer, nem fogo ao qual se possam sentar. Eis a que ficarão reduzidas todas essas coisas das quais vos tendes ocupado com tanto afincamento: os *traficantes* que convosco traficam desde a infância foram-se, cada qual para seu lado, sem que um só deles se encontre que vos tire os vossos males.” (47:13 a 15.)

Nesse capítulo Isaías dirige-se aos babilônios sob a figura alegórica da “virgem filha da Babilônia, filha de caldeus”. (Versículo 1.) Diz ele que os adivinhos não impedirão a ruína da monarquia. No capítulo seguinte ele se dirige diretamente aos israelitas:

“Vinde aqui vós outros, filhos de uma agoureira, raça de um homem adúltero e de uma mulher prostituída. — De quem vos rides vós? Contra quem abristes a boca e mostrastes ferinas línguas? Não sois vós filhos perversos de bastarda raça — vós que procurais conforto em vossos deuses debaixo de todas as frentes, *sacrificando-lhes os tenros filhinhos* nas torrentes, sob os rochedos sobranceiros? Depositastes a vossa confiança nas pedras da torrente, espalhastes e bebestes licores em sua honra, oferecestes sacrifícios. Depois disso, como não se acender a minha indignação?” (57:3 a 6.)

Estas palavras não deixam qualquer equívoco e provam claramente que nesse tempo as evocações tinham por fim a adivinhação, ao mesmo

tempo que constituíam comércio, associadas às práticas da magia e do sortilégio, acompanhadas até de sacrifícios humanos. Moisés tinha razão, portanto, ao proibir tais coisas e afirmar que Deus as abominava. Essas práticas supersticiosas perpetuaram-se até a Idade Média, mas hoje a razão predomina e o Espiritismo veio mostrar o fim exclusivamente moral, consolador e religioso das relações de além-túmulo.

Uma vez, porém, que os espíritas “não sacrificam criancinhas nem fazem libações para honrar deuses”; já que não interrogam astros, mortos e adivinhos para conhecerem o futuro que Deus, em sua sabedoria, ocultou aos homens; desde que repudiam traficar com a faculdade de comunicar com os Espíritos; e considerando-se que não os move a curiosidade nem a cupidez, mas um sentimento de piedade, um desejo de instruir-se e melhorar-se, aliviando as almas sofredoras, a proibição de Moisés não se aplica a eles. Se os que invocam a lei de Moisés contra os espíritas se tivessem dado ao trabalho de aprofundar o sentido das palavras bíblicas, teriam reconhecido que não existe qualquer analogia entre o que se passava entre os hebreus naquela época e os princípios do Espiritismo. Mais ainda: saberiam que o Espiritismo condena tudo que motivou a interdição de Moisés. Na verdade, os seus adversários, na ânsia de encontrar argumentos com que rebatam as novas ideias, nem sequer se dão conta de que tais argumentos são negativos, por serem completamente falsos.

A lei civil contemporânea pune todos os abusos que Moisés tinha em vista reprimir. Contudo, se o profeta pronunciou a pena máxima contra os delinquentes, é que lhe faltavam meios mais brandos para governar um povo tão indisciplinado, sendo esta a razão por que a pena de morte era tão utilizada na sua legislação. Aliás, não havia muito a escolher quanto aos meios de repressão. Sem prisões nem casas de correção no deserto, Moisés não podia graduar a penalidade como se faz em nossos dias; além disso, o seu povo não se aterrorizaria com penas puramente disciplinares. Não têm, pois, razão os que se apoiam na severidade do castigo para provar o grau de culpabilidade da evocação dos mortos. Conviria, por respeito à lei de Moisés, manter a pena capital em todos os casos em que ele a aplicava? Por que, então, reviver com tanta insistência este artigo, silenciando ao mesmo tempo o princípio do capítulo que proíbe *aos sacerdotes a posse de bens terrenos e partilhar de qualquer herança, porque o Senhor é a sua própria herança?* (DEUTERONÔMIO, 18:1 e 2.)

5. Há duas partes distintas na lei de Moisés: a Lei de Deus propriamente dita, promulgada no monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, apropriada aos costumes e ao caráter do povo. A primeira é invariável, ao passo que a segunda se modifica com o tempo, não passando pela cabeça de ninguém que possamos ser governados pelos mesmos meios por que o foram os judeus no deserto; do mesmo modo, os decretos de Carlos Magno não podem aplicar-se à França do nosso século. Quem pensaria hoje, por exemplo, em reviver este artigo da lei mosaica: “Se um boi chifrar um homem ou uma mulher, que venham a morrer em consequência, o boi será apedrejado até a morte e ninguém deverá comer de sua carne; mas o dono do boi será julgado inocente”. (ÊXODO, 21:28 e seguintes.)

Esse artigo, que nos parece tão absurdo, não tinha, no entanto, outro objetivo senão o de punir o boi e inocentar o dono, equivalendo simplesmente à confiscação do animal, causa do acidente, para obrigar o proprietário a maior vigilância. A perda do boi era a punição para o seu proprietário, que devia ser bem sensível para um povo de pastores, a ponto de dispensar outra qualquer. Entretanto, ninguém devia aproveitar-se dessa perda, razão por que Moisés proibiu que se comesse a carne do animal. Outros artigos, porém, prescrevem o caso em que o dono do boi é responsável.

Tudo tinha sua razão de ser na legislação de Moisés, porque tudo nela estava previsto em seus mínimos detalhes, mas a forma, bem como o fundo, adaptavam-se às circunstâncias ocasionais. Se Moisés voltasse em nossos dias para legislar sobre uma nação civilizada da Europa, decerto não lhe daria um código igual ao dos hebreus.

6. A esta objeção, respondem que todas as leis de Moisés foram ditadas em nome de Deus, assim como a do Sinai, mas, julgando-as todas de fonte divina, por que os mandamentos se limitam ao Decálogo? Qual a razão de ser da diferença? Se todas emanam de Deus não devem ser igualmente obrigatórias? E por que não conservam a circuncisão, à qual Jesus se submeteu e não aboliu? Esquecem que todos os legisladores antigos, para darem mais autoridade às suas leis, atribuíam a todas uma origem divina. Moisés, mais que nenhum outro, necessitava desse recurso, tendo em vista o caráter do seu povo. Se, apesar de tudo isso, ele teve dificuldade em se fazer obedecer, que não sucederia se as leis fossem promulgadas em seu próprio nome!

Não veio Jesus modificar a lei mosaica, fazendo da sua lei o código dos cristãos? Não disse Ele: “Sabeis o que foi dito aos antigos, tal e tal coisa,

e Eu vos digo tal outra coisa?”. Entretanto, Jesus não proscreeu, antes sancionou a lei do Sinai, da qual toda a sua doutrina moral é um desdobramento. Ora, Jesus nunca se referiu, em parte alguma dos Evangelhos, à proibição de evocar os mortos, quando este era um assunto bastante grave para ser omitido nas suas prédicas, principalmente se levarmos em conta que Ele tratou de outros assuntos secundários.

7. Finalmente, convém saber se a Igreja coloca a lei mosaica acima da evangélica; em outras palavras, se é mais judia que cristã. Convém também notar que, de todas as religiões, a judia é justamente a que faz menos oposição ao Espiritismo, visto não invocar a lei de Moisés contra as relações com os mortos, como fazem as seitas cristãs.

8. Outra contradição: se Moisés proibiu evocar o Espírito dos mortos, é que estes podiam vir, pois do contrário seria inútil a proibição. Ora, se os mortos podiam vir naqueles tempos, também o podem hoje, e se são Espíritos de mortos os que vêm, é que não são exclusivamente demônios. Aliás, Moisés não fala de modo algum nestes últimos.

É, pois, evidente que não se pode aceitar logicamente a lei de Moisés nessa circunstância, pelo duplo motivo de que ela não rege o Cristianismo, nem é apropriada aos costumes da nossa época. Mesmo supondo que ela tenha toda a autoridade que alguns lhe atribuem, não poderá, como vimos, aplicar-se ao Espiritismo.

É verdade que Moisés engloba, na sua proibição, a interrogação dos mortos, porém de modo secundário, como acessório às práticas da feitiçaria. O próprio vocábulo *interrogar*, junto aos de adivinho e agoureiro, prova que entre os hebreus as evocações eram um meio de adivinhar. Entretanto, os espíritas não evocam os mortos para obter revelações ilícitas, mas para receber sábios conselhos e proporcionar alívio aos que sofrem. Certamente, se os hebreus não se tivessem servido das comunicações de além-túmulo com essa finalidade, Moisés, longe de as proibir, tê-las-ia estimulado, porque teriam tornado mais dócil e mais obediente o seu povo.

9. Se alguns críticos brincalhões ou mal-intencionados apresentam as reuniões espíritas como assembleias de feitiçeiros e necromantes, e os médiuns como ledores de sorte; se alguns charlatães associam o nome do Espiritismo a práticas ridículas que este desaprova, muita gente, em compensação, faz justiça e testemunha o caráter essencialmente moral e grave das reuniões sérias. Além disso, a Doutrina, exposta em livros ao alcance

de todos, protesta bem alto contra os abusos de todos os gêneros, para que a calúnia recaia sobre quem merece.

10. Dizem que a evocação é uma falta de respeito pelos mortos, cujas cinzas não devem ser perturbadas. Mas quem é que diz isso? São os antagonistas de dois campos opostos, que se dão as mãos, isto é, os incrédulos, *que não creem nas almas*, e os crentes, que pretendem que *só os demônios, e não as almas, é que podem vir*.

Quando a evocação é feita religiosamente e com recolhimento; quando os Espíritos são chamados, não por curiosidade, mas por um sentimento de afeição e simpatia, com desejo sincero de instrução e progresso, não vemos nada que denote falta de respeito em apelar-se para as *peessoas mortas, como se fazia quando estavam entre nós*. Há, porém, outra resposta categórica a essa objeção: é que os Espíritos se apresentam espontaneamente, sem constrangimento, muitas vezes mesmo sem que sejam chamados. Eles também dão testemunho da satisfação que experimentam por comunicar-se com os homens, e se queixam às vezes do esquecimento a que são relegados. Se os Espíritos se perturbassem ou se agastassem com os nossos chamados, certamente o diriam ou não atenderiam ao chamado. Já que são livres, quando se manifestam, é porque isso lhes convém.

11. Alegam ainda outra razão: “As almas permanecem na morada que a Justiça divina lhes assinala, o que significa dizer no inferno ou no paraíso”. Assim, as que estão no inferno, de lá não podem sair, embora tal prerrogativa seja concedida aos demônios. As do paraíso, inteiramente entregues à sua beatitude, estão muito superiores aos mortais para deles se ocuparem e são bastante felizes para não voltarem a esta terra de misé-rias, no interesse de parentes e amigos que aqui deixaram. Tais almas se assemelham a certos milionários que, não querendo perturbar a digestão, desviam a vista dos pobres. Mas se fosse assim elas se mostrariam pouco dignas da felicidade suprema, que seria, por sua vez, o prêmio do egoísmo!

Restam ainda as almas do purgatório. Estas, porém, sofredoras como devem ser, devem cuidar, antes de qualquer outra coisa, da própria salvação. Deste modo, não podendo nem as almas do céu, nem as do inferno, nem as do purgatório corresponder ao nosso apelo, somente o diabo se apresenta em seu lugar. Ora, se as almas não podem vir, não há de que temer pela perturbação do seu repouso.

12. Mas aqui se apresenta outra dificuldade. Se as almas bem-aventuradas não podem deixar a mansão gloriosa para socorrer os mortais, por que a Igreja invoca a assistência dos santos, que devem gozar ainda de maior soma de beatitude? Por que aconselha aos fiéis invocá-los em casos de moléstia, de aflição, de flagelos? Por que razão e segundo essa mesma Igreja os santos aparecem aos homens e fazem milagres? Se estes podem deixar o céu para baixar à Terra, por que os Espíritos menos elevados não o podem fazer?

13. Até se compreende que os incrédulos neguem a manifestação das almas, visto que não acreditam nelas. Todavia, o que mais se estranha é ver *obstinar-se contra os meios de provar a sua existência, esforçando-se por demonstrar a impossibilidade desses meios*, aqueles mesmos cujas crenças repousam na existência e no futuro das almas! Parece que seria mais natural, ao contrário, acolherem com alegria e como benefício da Providência os meios de confundir os cétricos com provas irrecusáveis, pois que são os negadores da própria religião. Os que têm interesse na existência da alma deploram constantemente a invasão da incredulidade que dizima o rebanho de fiéis; entretanto, quando se lhes apresenta o meio mais poderoso de combatê-la, recusam-no com tanta ou mais tenacidade que os próprios incrédulos. Depois, quando as provas avultam de modo a não deixar dúvidas, eis que procuram como recurso de supremo argumento a interdição do assunto, buscando, para justificá-la, um artigo da lei mosaica, do qual até então ninguém pensara, emprestando-lhe, à força, um sentido e aplicação inexistentes. E tão felizes se julgam com a descoberta, que não percebem que esse artigo é ainda uma justificativa da Doutrina Espírita.

14. Todas as razões alegadas para condenar as relações com os Espíritos não resistem a um exame sério. Pelo ardor com que se combate essas relações é fácil deduzir o grande interesse ligado ao assunto. Daí a insistência. Ao ver esta cruzada de todos os cultos contra as manifestações espíritas, dir-se-ia que *estão com medo delas*. O verdadeiro motivo bem poderia ser o receio de que os Espíritos muito esclarecidos viessem instruir os homens sobre pontos que se pretende deixar na sombra, dando-lhes conhecimento, ao mesmo tempo, da certeza de um outro mundo, bem como das *verdadeiras condições para neles serem felizes ou infelizes*. A mesma razão que leva alguém a dizer a uma criança: “Não vá lá, que há lobisomens”, leva outra pessoa a dizer ao homem: “Não chameis os Espíritos; são o diabo”. Entretanto, por mais que façam, proibindo os homens de evocar os Espíritos,

jamais impedirão que estes venham aos homens para levantar a lâmpada de sob o alqueire. Ora, o culto que estiver com a verdade nada terá que temer da luz, pois a luz faz brilhar a verdade e o demônio não pode prevalecer contra a verdade.

15. Repelir as comunicações de além-túmulo é rejeitar o meio mais poderoso de instruir-se, seja pela iniciação nos conhecimentos da vida futura, seja pelos exemplos que tais comunicações nos fornecem. A experiência nos ensina, além disso, o bem que podemos fazer, desviando do mal os Espíritos imperfeitos, ajudando os que sofrem a se desprenderem da matéria e a se aperfeiçoarem. Interdizer as comunicações é, portanto, privar as almas sofredoras da assistência que lhes podemos e devemos dispensar. As seguintes palavras de um Espírito resumem admiravelmente as consequências da evocação, quando praticada com fim caritativo:

“Todo Espírito sofredor e angustiado vos contará a causa da sua queda, os arrastamentos a que sucumbiu; falará sobre as suas esperanças, combates, terrores, remorsos, dores e desesperos; mostrará Deus justamente irritado a punir o culpado com toda a severidade da sua justiça. Ao ouvi-lo, sereis movidos de compaixão por ele e de temor por vós mesmos. E se o seguides nos seus queixumes, vereis então que Deus jamais o perde de vista, esperando o pecador arrependido e estendendo-lhe os braços logo que procure regenerar-se. Vereis os progressos do culpado, para os quais tereis a felicidade e a glória de contribuir, com a solícitude e o carinho do cirurgião acompanhando a cicatrização da ferida que ele cuida diariamente.” (Bordeaux, 1861.)

Segunda Parte



Exemplos

Capítulo I	A passagem
Capítulo II	Espíritos felizes
Capítulo III	Espíritos em condições medianas
Capítulo IV	Espíritos sofredores
Capítulo V	Suicidas
Capítulo VI	Criminosos arrependidos
Capítulo VII	Espíritos endurecidos
Capítulo VIII	Expições terrestres

CAPÍTULO I



A passagem

1. A confiança na vida futura não exclui os temores quanto à passagem desta para a outra vida. Muitas pessoas não temem a morte em si mesma, mas o momento da transição. Sofre-se ou não nessa passagem? É por isso que se inquietam, e com razão, visto que ninguém foge à lei fatal dessa transição. Podemos dispensar-nos de uma viagem neste mundo, menos essa. Ricos e pobres, todos devem fazê-la, e, por mais dolorosa que seja, nem posição nem fortuna poderiam suavizá-la.

2. Vendo-se a calma de alguns moribundos e a agonia e as convulsões terríveis de outros, pode-se previamente julgar que as sensações experimentadas nem sempre são as mesmas. Quem, no entanto, poderá esclarecer-nos a tal respeito? Quem nos descreverá o fenômeno fisiológico da separação entre a alma e o corpo? Quem nos contará as impressões desse instante supremo, quando a Ciência e a Religião se calam? E se calam porque lhes falta o conhecimento das leis que regem as relações do Espírito com a matéria. Uma se detém no limiar da vida espiritual e a outra nos limites da vida material. O Espiritismo é o traço de união entre as duas, e só ele pode dizer-nos como se opera a transição, quer pelas noções mais positivas que ele nos oferece da natureza da alma, quer pela descrição dos que deixaram este mundo. O conhecimento do laço fluídico que une a alma ao corpo é a chave desse e de muitos outros fenômenos.

3. A insensibilidade da matéria inerte é um fato, e só a alma experimenta sensações de dor e prazer. Durante a vida, toda desagregação da matéria repercute na alma, que por este motivo recebe uma impressão mais ou menos dolorosa. É a alma quem sofre, e não o corpo; este não passa de um instrumento da dor: a alma é o paciente. Após a morte, estando a alma

separada do corpo, este pode ser impunemente mutilado que nada sentirá. Em compensação a alma, quando isolada do corpo, nada experimentará da destruição orgânica deste último. A alma tem sensações próprias cuja fonte não reside na matéria tangível. O perispírito é o envoltório fluídico da alma e não se separa dela nem antes nem depois da morte. Ele não forma com ela mais que uma só entidade, de modo que não se pode conceber uma sem o outro. Durante a vida, o fluido perispíritico penetra o corpo em todas as suas partes e serve de veículo às sensações físicas da alma. É também por seu intermédio que a alma atua sobre o corpo e lhe dirige os movimentos.

4. A extinção da vida orgânica resulta na separação da alma em consequência da ruptura do laço fluídico que a une ao corpo. Essa separação, contudo, nunca é brusca; o fluido perispíritico só pouco a pouco se desprende de todos os órgãos, de sorte que a separação só é completa e absoluta quando não reste mais nem um átomo do perispírito ligado à molécula do corpo. *A sensação dolorosa que a alma experimenta no momento da morte é diretamente proporcional à soma dos pontos de contato existentes entre o corpo e o perispírito e, por conseguinte, também à maior ou menor dificuldade que apresenta o rompimento.* Assim, não há razão para dissimular que, conforme as circunstâncias, a morte pode ser mais ou menos penosa. São essas diferentes circunstâncias que nos cumpre examinar.

5. Estabeleçamos em primeiro lugar, e como princípio, os quatro seguintes casos, que podemos considerar como situações extremas, dentro de cujos limites há uma infinidade de variantes:

1º) Se no momento em que se extingue a vida orgânica o desprendimento do perispírito fosse completo, a alma não sentiria absolutamente nada.

2º) Se nesse momento a coesão dos dois elementos estiver no auge de sua força, produz-se uma espécie de ruptura que reage dolorosamente sobre a alma.

3º) Se a coesão for fraca, a separação torna-se fácil e opera-se sem abalo.

4º) Se após a cessação completa da vida orgânica existirem ainda numerosos pontos de contato entre o corpo e o perispírito, a alma poderá ressentir-se dos efeitos da decomposição do corpo até que esse laço se desfaça inteiramente.

Daí resulta que o sofrimento que acompanha a morte está subordinado à força adesiva que une o corpo ao perispírito; que tudo o que puder atenuar essa força e acelerar a rapidez do desprendimento, torna a passagem

menos penosa; e, finalmente, que se o desprendimento se operar sem dificuldade, a alma não experimentará nenhuma sensação desagradável.

6. Na passagem da vida corpórea para a espiritual produz-se ainda um outro fenômeno de importância capital — a perturbação. Nesse instante a alma experimenta um torpor que paralisa momentaneamente as suas faculdades, neutralizando, ao menos em parte, as sensações. É como se estivesse num estado de catalepsia, de modo que a alma quase nunca testemunha conscientemente o derradeiro suspiro. Dizemos *quase nunca* porque há casos em que a alma pode contemplar conscientemente o desprendimento, como em breve veremos. A perturbação pode, pois, ser considerada o estado normal no instante da morte; sua duração é indeterminada, variando de algumas horas a alguns anos. À proporção que se liberta, a alma encontra-se numa situação comparável à de um homem que desperta de profundo sono; as ideias são confusas, vagas, incertas; vê como que através de um nevoeiro, aclarando-se a vista pouco a pouco e lhe despertando a memória e o conhecimento de si mesma. Esse despertar, contudo, é bem diverso, conforme os indivíduos; nuns é calmo e cheio de sensações deliciosas; noutros é repleto de terrores e de ansiedades, qual se fora horrível pesadelo.

7. O último suspiro quase nunca é doloroso, porque, ordinariamente, ocorre em momento de inconsciência, mas a alma sofre antes dele a desagregação da matéria, durante as convulsões da agonia e, depois, as angústias da perturbação. É bom destacar logo que esse estado não é geral, porquanto, como já dissemos, a intensidade e duração do sofrimento estão na razão direta da afinidade existente entre corpo e perispírito. Assim, quanto maior for essa afinidade, tanto mais penosos e prolongados serão os esforços da alma para desprender-se. Há pessoas nas quais a coesão é tão fraca que o desprendimento se opera por si mesmo, com a maior naturalidade. O Espírito se separa do corpo como um fruto maduro que se desprende do seu caule. É o caso das mortes calmas e de despertar pacífico.

8. O estado moral da alma é a causa principal da maior ou menor facilidade de desprendimento. A afinidade entre o corpo e o perispírito é proporcional ao apego à matéria, atingindo o seu máximo no homem cujas preocupações se concentram exclusivamente na vida terrena e nos gozos materiais. Tal afinidade é quase nula naqueles cujas almas, já depuradas,

identificam-se por antecipação com a vida espiritual. E uma vez que a lentidão e a dificuldade do desprendimento estão na razão do grau de pureza e desmaterialização da alma, depende de cada um de nós tornar fácil ou penoso, agradável ou doloroso, esse desprendimento.

Estabelecido isto, quer como teoria, quer como resultado de observações, resta-nos examinar a influência do gênero de morte sobre as sensações da alma no último momento de sua vida na Terra.

9. Na morte natural — a que resulta da extinção das forças vitais por velhice ou doença — o desprendimento opera-se gradualmente. Para o homem cuja alma se desmaterializou e cujos pensamentos se elevam acima das coisas terrenas, o desprendimento quase se completa antes da morte real, isto é, enquanto o corpo ainda tem vida orgânica, o Espírito já penetra a vida espiritual, apenas ligado por elo tão frágil que se rompe com a última pancada do coração. Nesta situação o Espírito pode já ter recuperado a sua lucidez, de forma a tornar-se testemunha consciente da extinção da vida do corpo, do qual se sente feliz por tê-lo deixado. Para esse a perturbação é quase nula, ou antes, não passa de ligeiro sono calmo, do qual desperta com indizível impressão de esperança e felicidade.

No homem material e sensual, que mais viveu para o corpo do que para as coisas espirituais, para quem a vida espiritual nada representa e nem sequer lhe toca o pensamento, tudo contribui para *estreitar* os laços materiais e, quando a morte se aproxima, o desprendimento, embora se opere gradualmente, demanda contínuos esforços. As convulsões da agonia são indícios da luta do Espírito, que às vezes procura romper os elos resistentes, e de outras se agarra ao corpo do qual uma força irresistível o arrebata com violência, molécula por molécula.

10. Quanto menos o Espírito divisa além da vida corpórea, tanto mais se apega a ela; sente que a vida lhe escapa e quer retê-la a todo custo; em vez de se abandonar ao movimento que o empolga, resiste com todas as forças e pode mesmo prolongar a luta por dias, semanas e meses inteiros. É claro que, nesse momento, o Espírito não goza de toda a lucidez, visto que a perturbação se antecipou bastante à morte; mas nem por isso sofre menos, e o vácuo em que se acha, bem como a incerteza do que lhe sucederá, agravam-lhe as angústias. Quando a morte chega, nem tudo está terminado; a perturbação continua, ele sente que vive, mas não define se material, se espiritualmente; luta ainda, até que as últimas ligações do perispírito se tenham

completamente rompido. A morte pôs termo à moléstia efetiva, porém, não lhe sustou as conseqüências e, enquanto existirem pontos de contato entre o corpo e o perispírito, o Espírito ressent-se e sofre com as suas impressões.

11. Bem diferente é a situação do Espírito desmaterializado, mesmo nas enfermidades mais cruéis. Os laços fluídicos que o prendem ao corpo, por serem muito frágeis, rompem-se suavemente; depois, a confiança do futuro entrevisto em pensamento ou na realidade, como sucede algumas vezes, faz que ele encare a morte como uma libertação e os seus males como prova, advindo-lhe daí uma calma moral e uma resignação que lhe amenizam o sofrimento. Após a morte, rotos os laços, nenhuma reação dolorosa o afeta; sente-se livre ao despertar, disposto, aliviado de um grande peso e muito feliz por não sofrer mais.

12. Na morte violenta as condições não são exatamente as mesmas. Como não houve nenhuma desagregação parcial capaz de levar a uma separação antecipada entre o corpo e o perispírito, a vida orgânica é subitamente aniquilada no auge da sua exuberância. Nestas condições, o desprendimento só começa depois da morte e não pode completar-se rapidamente. O Espírito, colhido de improviso, fica como que aturdido; sente, pensa e acredita-se vivo, prolongando-se esta ilusão até que compreenda a sua posição. Este estado intermediário entre a vida corpórea e a espiritual é um dos mais interessantes para ser estudado, porque apresenta o espetáculo singular de um Espírito, que julga material o seu corpo fluídico, experimentando ao mesmo tempo todas as sensações da vida orgânica. Esse caso também oferece uma série infinita de modalidades que variam segundo os conhecimentos e progressos morais do Espírito. Para aqueles cuja alma está depurada, a situação dura pouco, porque neles já havia um desprendimento antecipado, cujo termo a morte mais súbita não fez mais que apressar. Em outros, a situação se prolonga por anos inteiros. Tal situação é muito frequente, mesmo nos casos de morte comum que, nada tendo de penosa para Espíritos adiantados, se torna horrível para os atrasados. É principalmente nos casos de suicídio que essa situação é mais afitiva. Preso ao corpo por todas as suas fibras, o perispírito faz repercutir na alma todas as sensações daquele, com atrozes sofrimentos.

13. O estado do Espírito por ocasião da morte pode resumir-se assim: o sofrimento é tanto maior, quanto mais lento for o desprendimento do perispírito; a rapidez desse desprendimento está na razão direta do

adiantamento moral do Espírito; para o Espírito desmaterializado, de consciência pura, a morte é um sono de alguns instantes, isento de todo sofrimento, cujo despertar é suavíssimo.

14. Para que alguém possa trabalhar pela sua depuração, reprimir as más tendências, dominar as paixões, é preciso que renuncie às vantagens imediatas *em prol do futuro*, visto como, para identificar-se com a vida espiritual, encaminhando para ela todas as aspirações e preferi-la à vida terrena, não basta crer, mas compreender. É preciso considerá-la também sob um ponto de vista que satisfaça ao mesmo tempo à razão, à lógica, ao bom senso e à ideia que fazemos da grandeza, da bondade e da Justiça de Deus. Sob esse aspecto o Espiritismo, pela fé inabalável que proporciona, é, dentre todas as doutrinas filosóficas, a que exerce a mais poderosa influência.

O espírito *sério* não se limita a crer, *porque compreende*, e compreende porque raciocina. A vida futura é uma realidade que se desdobra incessantemente a seus olhos, realidade que ele toca e vê, por assim dizer, a cada passo, de modo que a dúvida não tem guarida na sua alma. A vida corpórea, tão limitada, se apaga diante da vida espiritual, que é a verdadeira vida. Daí a pouca importância que atribui aos incidentes da jornada e a resignação nas vicissitudes que enfrenta, cujas causas e utilidade compreende perfeitamente. Sua alma se eleva pelas relações que mantém com o mundo invisível; os laços fluídicos que o ligam à matéria enfraquecem-se, operando-se por antecipação um desprendimento parcial que facilita a passagem para a outra vida. A perturbação, inseparável da transição, é de curta duração, porque, uma vez franqueado o passo, ele logo se reconhece, nada estranhando e se dando conta imediatamente da nova situação em que se encontra.

15. O Espiritismo, certamente, não é indispensável para que se chegue a esse resultado; por isso não tem a pretensão de ser o meio exclusivo, a garantia única de salvação para as almas. Contudo, pelos conhecimentos que fornece, pelos sentimentos que inspira e pelas condições em que coloca o Espírito, fazendo-lhe compreender a necessidade de melhorar-se, facilita enormemente a salvação. Além disso, ele dá a cada um os meios de auxiliar o desprendimento *dos outros Espíritos* no momento de deixarem o envoltório material, abreviando-lhes a duração da perturbação pela evocação e pela prece. Pela prece sincera, que é uma magnetização espiritual,

provoca-se a desagregação mais rápida do fluido perispirítico; pela evocação conduzida com sabedoria e prudência, com palavras de benevolência e de estímulo, combate-se o entorpecimento do Espírito, ajudando-o a reconhecer-se mais cedo e, se é sofredor, inculcando-lhe o arrependimento, que é o único meio de abreviar os seus sofrimentos.⁷⁰

⁷⁰ Nota de Allan Kardec: Os exemplos que vamos citar nos capítulos seguintes apresentam os Espíritos nas diferentes fases de felicidade e infelicidade da vida espiritual. Não fomos procurá-los nas personagens mais ou menos ilustres da Antiguidade, cuja situação pode ter mudado consideravelmente depois da existência que lhes conhecemos, e por isto não ofereceriam provas suficientes de autenticidade. Ao contrário, tomamos esses exemplos nas circunstâncias mais ordinárias da vida contemporânea, porque são aquelas em que cada criatura pode encontrar mais similitudes e tirar, pela comparação, as mais proveitosas instruções. Quanto mais próxima de nós está a existência terrestre dos Espíritos, quer pela posição social, quer por laços de parentesco ou de meras relações, tanto mais nos interessamos por eles, tornando-se mais fácil averiguar-lhes a identidade. As posições vulgares são as mais comuns, as de maior número, podendo cada qual aplicá-las em si, de modo a se tornarem úteis, ao passo que as posições excepcionais comovem menos, porque saem da esfera dos nossos hábitos. Não foram, pois, as sumidades que procuramos e, se nesses exemplos se encontram algumas personagens conhecidas, a maioria delas é composta de nomes obscuros. Nomes retumbantes nada acrescentariam à instrução que visamos, podendo ainda ferir susceptibilidades.

Não nos dirigimos aos curiosos, nem aos amadores de escândalo, mas tão somente aos que pretendem instruir-se. Esses exemplos poderiam ser multiplicados infinitamente, porém, forçados a limitar-lhes o número, escolhemos os que pudessem melhor esclarecer o mundo espiritual e seu estado, quer pela situação dos Espíritos, quer pelas explicações que estavam no caso de fornecer. A maior parte destes exemplos são inéditos e apenas alguns poucos já foram publicados na *Revista Espírita*. Destes, suprimimos os detalhes supérfluos, conservando apenas o essencial ao fim que nos propusemos, ajustando-lhes as instruções complementares que poderão suscitar posteriormente.

CAPÍTULO II



Espíritos felizes

• Sanson • Jobard • Samuel Philippe • Van Durst • Sixdeniers • Dr. Demeure • Viúva Foulon (Wollis, quando solteira) • Um médico russo • Bernardin • Condessa Paula • Jean Reynaud • Antoine Costeau • Emma Livry • Dr. Vignal • Victor Lebuffe • Anaïs Gourdon • Maurice Gontran

Sanson

Antigo membro da Sociedade Espírita de Paris, o Sr. Sanson faleceu a 21 de abril de 1862, depois de um ano de cruéis sofrimentos. Prevendo a morte, havia dirigido ao presidente da Sociedade uma carta com a seguinte passagem:

“Caso minha alma se separe do corpo de um momento para outro, venho reiterar-vos um pedido que vos fiz há cerca de um ano, no sentido de evocardes o meu Espírito o mais breve possível e sempre que julgardes conveniente, a fim de poder, como membro bastante inútil da nossa Sociedade, prestar-lhe para alguma coisa depois de morto, esclarecendo fase por fase as circunstâncias decorrentes do que o vulgo chama morte, e que para nós outros, os espíritas, não passa de uma transformação, segundo os desígnios insondáveis de Deus, mas sempre útil ao fim que Ele se propõe. Além deste pedido, que é uma autorização para me honrardes com essa autópsia espiritual, talvez de pouca utilidade em razão do meu quase nulo adiantamento, e que a vossa sabedoria não consentirá ir além de um certo número de ensaios, ousou pedir pessoalmente a vós, bem como a todos os

colegas, que supliquem ao Todo-Poderoso a assistência dos Espíritos bons, com os seus conselhos benevolentes, e a São Luís, nosso presidente espiritual, em particular, que me guie na escolha e sobre a época de uma nova encarnação, ideia que há muito tempo me preocupa. Temo confiar demais nas minhas forças espirituais, rogando a Deus, muito cedo e presunçosamente, um estado corpóreo no qual eu não possa justificar a Bondade divina, e que, em vez de servir ao meu adiantamento, prolongue a minha estação na Terra ou em qualquer outra parte, caso venha a fracassar.”

Para satisfazer-lhe o desejo, evocando-o o mais breve possível após a morte, dirigimo-nos com alguns membros da Sociedade à câmara mortuária, onde, em presença do seu corpo, se passou o seguinte colóquio, uma hora antes do respectivo enterro. O nosso objetivo era duplo: íamos cumprir a última vontade do morto e observar, ainda uma vez, a situação de uma alma em momento tão imediato à morte, sem falar que se tratava de um homem eminentemente esclarecido, inteligente e profundamente convicto das verdades espíritas. Íamos, enfim, constatar a influência de tais crenças sobre o estado do Espírito, de modo a captarmos suas primeiras impressões. E não nos iludimos na expectativa, porquanto o Sr. Sanson descreveu com perfeita lucidez o instante da transição, vendo-se morrer e renascer, o que é uma circunstância pouco comum e só devida à elevação do seu Espírito.

I

(Câmara mortuária, 23 de abril de 1862.)

1. **EVOCÇÃO** – Atendo ao vosso chamado para cumprir a minha promessa.

2. *Meu caro Sr. Sanson, cumprimos com satisfação o dever de vos evocar o mais cedo possível depois da vossa morte, como era do vosso desejo.* – R. É uma graça especial que Deus me concede para que possa manifestar-me; agradeço a vossa boa vontade, mas estou fraco e trêmulo.

3. *Fostes tão sofredor que podemos, penso eu, perguntar como vos achais agora. Sentis ainda as vossas dores? Comparando a situação de hoje com a de dois dias atrás, que sensações experimentais?* – R. A minha situação é bem afortunada, pois nada mais sinto das antigas dores. Acho-me regenerado, renovado, como se diz entre vós. A passagem da vida terrena para a dos Espíritos

deixou-me a princípio num estado incompreensível, porque, algumas vezes, ficamos privados de lucidez por muitos dias. No entanto, antes de morrer, pedi a Deus para permitir-me falar aos que estimo, e Deus me ouviu.

4. *Ao fim de quanto tempo recobrades a lucidez das ideias?* – R. Ao fim de oito horas. Deus, repito, deu-me uma prova de sua bondade, julgando-me mais digno do que eu o merecia, de modo que não sei como lhe agradecer.

5. *Estais bem certo de não pertencerdes mais ao nosso mundo? Em caso afirmativo, como constatais a vossa situação?* – R. Oh! certamente, eu não sou mais desse mundo, porém estarei sempre ao vosso lado para vos proteger e sustentar, a fim de pregardes a caridade e a abnegação, que foram os guias da minha vida. Depois, ensinarei a verdadeira fé, a fé espírita, que deve elevar a crença do bom e do justo; estou forte, bastante forte, transformado, em suma. Em mim não reconheceréis mais o velho enfermo que tudo devia esquecer, fugindo de todo prazer e alegria. Sou Espírito e a minha pátria é o Espaço, o meu futuro é Deus, que irradia na imensidade. Gostaria de falar a meus filhos, ensinar aquilo mesmo que sempre desdenharam acreditar.

6. *Que efeito vos causa a visão do vosso corpo aqui ao lado?* – R. Meu corpo! pobre e mísero despojo... deves voltar ao pó, enquanto eu guardo a lembrança de todos os que me estimaram. Vejo essa pobre carne deformada, habitação do meu Espírito, provação de tantos anos! Obrigado, meu pobre corpo! depuraste o meu Espírito! O meu sofrimento, dez vezes bendito, deu-me um lugar bem merecido, visto que tão depressa posso comunicar-me convosco.

7. *Conservastes as ideias até o último instante?* – R. Sim. O meu Espírito conservou as suas faculdades; embora não visse, eu pressentia. Toda a minha existência se desdobrou na memória e o meu último pensamento, a última prece, foi para que pudesse comunicar-me convosco, como o faço agora; em seguida pedi a Deus que vos protegesse, a fim de que o sonho da minha vida fosse realizado.

8. *Tivestes consciência do momento em que o corpo exalou o último suspiro? Que se passou convosco nesse momento?* – R. A vida se parte e a vista, ou melhor, a vista do Espírito se extingue; encontra-se o vácuo, o desconhecido, e arrastada por não sei que poder, a gente se encontra num mundo de alegria e grandeza! Eu não sentia mais, nada compreendia e, no entanto, uma felicidade inefável enchia todo o meu ser; estava livre da opressão e da dor.

9. *Tendes ciência... do que pretendo ler sobre o vosso túmulo?*

Apenas pronunciadas as primeiras palavras sobre o assunto, o Espírito respondeu antes que eu terminasse. E fez mais: respondeu, sem interrogação alguma, a certa controvérsia suscitada entre os assistentes, sobre se seria oportuno ler esta comunicação no cemitério, achando-se presentes pessoas que poderiam não compartilhar das nossas opiniões.

– R. Oh! sim, meu amigo; e sei, porque tanto vos via ontem como hoje; minha satisfação é grande!... Obrigado! obrigado! Falai para que me compreendam e vos estimem; nada tendes a temer, pois que se respeita a morte... falai, pois, para que os incrédulos tenham fé. Adeus; falai; coragem e confiança... e tomara que meus filhos possam converter-se a uma crença tão venerada!

J. Sanson

Durante a cerimônia do cemitério, ele ditou as palavras seguintes: “Não vos deixeis atemorizar pela morte, meus amigos: ela é uma etapa da vida, se bem souberdes viver; é uma felicidade, se bem a merecerdes e melhor cumprirdes as vossas provações. Repito: coragem e boa vontade! Não deis aos bens terrenos mais que medíocre valor, e sereis recompensados. *Não se pode gozar muito, sem tirar o bem-estar dos outros e sem fazer moralmente um grande, um imenso mal. Que a terra me seja leve!*”

II

(Sociedade Espírita de Paris, 25 de abril de 1862.)

1. *EVOCÇÃO* – R. Estou perto de vós, meus amigos.

2. *Ficamos muito felizes pela entrevista que tivemos no dia do vosso enterro e, já que o permitis, ficaremos ainda mais felizes em completá-la para nossa instrução.* – R. Estou pronto, e sinto-me feliz por pensardes em mim.

3. *Tudo quanto possa esclarecer-nos sobre as condições do mundo invisível e nos leve a compreendê-lo, será para nós da mais alta importância, visto que é a ideia falsa que se faz do mundo invisível que, na maioria das vezes, conduz à incredulidade. Não vos surpreendam, portanto,*

as perguntas que porventura vos fizermos. – R. Não me surpreenderei e espero as vossas perguntas.

4. *Descrevestes com luminosa clareza a passagem para a outra vida; dissestes que, no momento de o corpo exalar o último suspiro, a vida se parte e a vista se extingue. Esse momento é seguido de alguma sensação penosa, dolorosa?* – R. Sem dúvida que sim, pois a vida não passa de uma série contínua de dores, sendo a morte o seu complemento. Daí uma ruptura violenta, como se o Espírito tivesse de fazer um esforço sobre-humano para escapar-se do seu envoltório, esforço que absorve todo o ser, fazendo-lhe perder o conhecimento do seu destino.

Esta regra não se aplica a todos os casos, pois a experiência tem provado que muitos Espíritos perdem a consciência antes de expirar, e que o desprendimento se opera sem esforço nos que atingiram certo grau de desmaterialização.

5. *Sabeis se há Espíritos para os quais o momento extremo seja mais doloroso? Será mais doloroso para o materialista, por exemplo, isto é, para aquele que acredita que tudo se acaba para ele?* – R. Sem dúvida, porque o Espírito preparado já esqueceu, ou melhor, já se habituou com ele e a calma com que encara a morte o impede de sofrer duplamente, porque sabe o que o aguarda. O sofrimento moral é mais forte e a sua ausência, por ocasião da morte, constitui por si um grande alívio. Aquele que não crê assemelha-se ao condenado à pena de morte, cujo pensamento só divisa o cutelo e o desconhecido. Há similitude entre essa morte e a do ateu.

6. *Haverá materialistas bastante endurecidos para acreditarem seriamente, nesse momento supremo, que vão ser mergulhados no nada?* – R. Sim, eles acreditam no nada até a última hora, porém, no momento da separação, o Espírito recua, a dúvida o empolga e tortura; pergunta-se a si mesmo o que vai ser, quer captar alguma coisa e não consegue. O desprendimento não pode completar-se sem esta impressão.

Em outra ocasião, um Espírito nos fez a seguinte descrição da morte de um incrédulo: “O incrédulo endurecido experimenta nos últimos instantes as angústias desses pesadelos terríveis em que se vê à beira de um abismo, prestes a precipitar-se nele; quer fugir e não pode; procura agarrar-se a qualquer coisa, mas não encontra apoio e sente deslizar para as profundezas; quer clamar, gritar e nem sequer um som conseguem articular; é então que os vemos a se contorcere, crisparem as mãos, darem gritos sufocados, sintomas certos do pesadelo de que

são vítimas. No pesadelo ordinário, do sonho, o despertar vos tira a inquietação e vos sentis aliviados pela compreensão de que sonháveis; mas o pesadelo da morte muitas vezes se prolonga por longo tempo, por anos mesmo, e o que torna a sensação ainda mais penosa para o Espírito são as trevas em que se encontra imerso.”

7. *Dissestes que no momento de expirar nada vîeis, porém pressentíeis. Compreende-se que nada vîsseis corporalmente, mas antes que a vida se extinguisse já não entrevíeis as claridades do mundo espiritual?* – R. Foi o que eu disse precedentemente: o instante da morte dá clarividência ao Espírito; os olhos não veem mais, porém o Espírito, que possui uma vista bem mais profunda, descobre instantaneamente um mundo desconhecido, e a verdade, brilhando de súbito, lhe dá momentaneamente uma imensa alegria ou uma mágoa inexprimível, conforme o estado de consciência e a lembrança da vida passada.

Trata-se do instante que precede a morte, isto é, daquele em que o Espírito perde a consciência, o que explica o emprego da palavra *momentaneamente*, pois as impressões agradáveis ou penosas, quaisquer que sejam, continuam após o despertar.

8. *Podeis dizer-nos o que vos impressionou, o que vistes no momento em que os vossos olhos se abriram à luz? Podeis descrever-nos, se for possível, o aspecto das coisas com que vos deparastes?* – R. Quando pude voltar a mim e ver o que tinha diante dos olhos, fiquei como que ofuscado, sem poder compreender, porque a lucidez não volta repentinamente. Deus, porém, que me deu uma prova exuberante da sua bondade, permitiu que eu recuperasse as faculdades. Vi-me então cercado de numerosos e fiéis amigos. Todos os Espíritos protetores que nos assistem rodeavam-me sorrindo; uma felicidade sem par irradiava-lhes do semblante e também eu, forte e animado, podia sem esforço percorrer os espaços. O que eu vi não tem nome na linguagem humana. Voltarei depois para falar-vos mais amplamente das minhas venturas, sem, contudo, ultrapassar o limite traçado por Deus. Sabei que a felicidade, tal como a entendeis, é uma ficção. Vivei sabiamente, santamente, no espírito de caridade e de amor, e tereis feito jus a impressões que o maior dos poetas seria incapaz de descrever.

Os contos de fadas estão cheios de coisas absurdas. Entretanto, não seriam, em alguns pontos, a descrição do que se passa no mundo dos Espíritos? O relato do

Sr. Sanson não se assemelha ao de um homem que, adormecido numa choupana, desperta em palácio esplêndido, em meio a uma corte brilhante?

III

9. *Sob que aspecto os Espíritos se vos apresentaram? Sob a forma humana?* – R. Sim, meu caro amigo; os Espíritos nos ensinam aí na Terra que conservam no Além a forma transitória que possuíam nesse mundo, e é verdade. Mas que diferença entre a máquina informe, que aí se arrasta penosamente com o seu cortejo de misérias, e a fluidez maravilhosa do corpo espiritual! A fealdade não mais existe, porque os traços perderam a dureza da expressão que forma o caráter distintivo da raça humana. Deus beatificou esses corpos graciosos que se movem com todas as elegâncias da forma; a linguagem tem modulações intraduzíveis para vós e o olhar a profundidade de uma estrela. Tentai, pelo pensamento, imaginar o que Deus pode fazer na sua onipotência, Ele, o arquiteto dos arquitetos, e tereis feito uma pálida ideia da forma dos Espíritos.

10. *Quanto a vós, como vedes? Reconheceis em vós uma forma limitada, circunscrita, embora fluídica? Sentis em vós mesmos uma cabeça, um tronco, braços, pernas?* – R. O Espírito, conservando a sua forma humana idealizada, divinizada, pode, sem sombra de dúvida, possuir todos os membros de que falais. Sinto perfeitamente as pernas e os dedos, pois podemos, à vontade, aparecer-vos e apertar-vos as mãos. Estou perto de vós e já apertei a mão de todos os meus amigos, sem que disso se apercebessem. Nossa fluidez nos faculta estar em toda parte sem ocupar o espaço ou produzir quaisquer sensações, se assim o desejarmos. Neste momento, tendes as mãos cruzadas e tenho as minhas nas vossas. Digo-vos, por exemplo, que vos estimo, porém meu corpo não ocupa qualquer espaço, a luz o atravessa e o que chamaríeis milagre, se acaso vísseis, não passa para o Espírito de ação contínua de todos os instantes.

“A vista dos Espíritos não tem a menor relação com a vista humana, do mesmo modo que seu corpo não tem quaisquer semelhanças reais; para eles, tudo se transforma na essência, como no conjunto. Repito-vos que o Espírito tem uma perspicácia divina que abrange tudo, visto que pode adivinhar até o vosso pensamento; também pode tomar a forma que melhor lhe convenha para tornar-se conhecido. Nesse aspecto porém, o Espírito

superior que concluiu suas provas prefere a forma que o conduziu para perto de Deus.”

11. *Os Espíritos não têm sexo; entretanto, como até poucos dias atrás éreis um homem, desejamos saber se no vosso novo estado tendes mais da natureza masculina ou da feminina? E o mesmo que se dá convosco poder-se-á aplicar ao Espírito desencarnado há muito tempo?* – R. Não temos motivo para ser de natureza masculina ou feminina: os Espíritos não se reproduzem. Deus os criou como quis e, tendo que lhes dar a encarnação sobre a Terra, segundo seus maravilhosos desígnios, subordinou-os às leis de reprodução das espécies por meio das condições peculiares ao macho e à fêmea. Contudo, deveis sentir, mesmo sem maiores explicações, que os Espíritos não podem ter sexo.

Sempre foi dito que os Espíritos não têm sexo, sendo este apenas necessário à reprodução dos corpos. Como não se reproduzem, o sexo lhes seria completamente inútil. A nossa pergunta não visava confirmar o fato, mas saber, visto que o Sr. Sanson desencarnara recentemente, as impressões que guardava do seu estado terreno. Os Espíritos depurados compreendem perfeitamente a sua natureza, porém, entre os inferiores, não desmaterializados, muitos acreditam que ainda estão na Terra e conservam as mesmas paixões e os mesmos desejos. Assim, pensam eles que continuam a ser os mesmos que foram, isto é, homem ou mulher, o que tem levado alguns à suposição de que realmente têm sexo. As contradições a tal respeito provêm dos diferentes graus de adiantamento dos Espíritos que se manifestam. O erro não é deles, mas de quem os interroga sem se dar ao trabalho de aprofundar as questões.

12. *Como considerais a nossa sessão? O seu aspecto é o mesmo de quando éreis vivo? As pessoas têm para vós a mesma aparência? Será tudo tão claro e tão nítido como antes?* – R. Muito mais claro, porquanto posso ler o pensamento de todos vós. Sinto-me muito feliz pela benéfica impressão que me causa a boa vontade de todos os Espíritos aqui reunidos. Desejo que essa mesma compreensão possa existir não só em Paris, na reunião de todos os grupos, mas também em toda a França, onde há grupos que se dispersam e se invejam reciprocamente, dominados por Espíritos turbulentos que se comparam na desordem, quando o Espiritismo deve incutir o esquecimento completo e absoluto do eu.

13. *Dissestes que podeis ler no nosso pensamento. Seríeis capaz de explicar-nos como se opera essa transmissão de pensamento?* – R. Isto não é

fácil. Para vos descrever, para vos explicar esse estranho prodígio da nossa visão, seria preciso lançar mão de todo um arsenal de agentes novos que, aliás, teria pouca valia para vós, uma vez que tendes as faculdades limitadas pela matéria. Paciência! tornai-vos bons e tudo conseguireis. Atualmente só podeis ter o que Deus vos concede, mas com a esperança de progredir continuamente; mais tarde sereis como nós. Tratai de morrer bem para saberdes muito. A curiosidade, estímulo do homem que pensa, conduzir-vos-á tranquilamente para a morte, reservando-vos a satisfação de todas as curiosidades passadas, presentes e futuras. Enquanto esperais, direi para responder, ainda que mal, à vossa pergunta: o ar que vos envolve, impalpável como nós, reproduz fielmente o vosso pensamento; o sopro que exalais é, a bem dizer, a página escrita dos vossos pensamentos, páginas lidas e comentadas pelos Espíritos que constantemente se acercam de vós. São eles os mensageiros de uma telegrafia divina à qual nada escapa.

A morte do justo

Em seguida à primeira evocação do Sr. Sanson, feita na Sociedade de Paris, um Espírito transmitiu, sob o título acima, a comunicação seguinte:

“Foi a de um justo a morte desse homem de quem neste momento vos ocupais, isto é, esperançosa e calma. Como o dia sucede naturalmente à aurora, a vida espiritual sucedeu para ele à vida terrena, sem rompimento nem abalo, e o seu último suspiro foi exalado num verdadeiro hino de reconhecimento e de amor. Quão poucos os que atravessam assim a rude transição! E como são poucos os que após a confusão e o desespero da vida concebem o ritmo harmonioso das esferas! Assim como o homem saudável, quando mutilado por uma bala, continua a sentir dor nos membros que foram amputados, também a alma do homem que morre sem fé e sem esperança, separada do corpo, se despedaça e se precipita no Espaço, inconsciente de si mesma.

Orai por essas almas perturbadas; orai por todos os sofredores, pois a caridade não se restringe à humanidade visível: ela também socorre e consola os seres que povoam o Espaço. Tivestes a prova evidente disto na súbita conversão desse Espírito tocado pelas preces espíritas sobre o túmulo do homem de bem que vindes interrogar e que deseja fazer-vos progredir

no bom caminho.⁷¹ O amor não tem limites; enche o Espaço e dá e recebe mutuamente as suas divinas consolações. O mar se desdobra numa perspectiva infinita, cujo espetáculo deslumbra o espírito, parecendo confundir-se no seu limite com os céus. São duas grandezas que se extremam. Pois bem: assim é o amor; mais profundo que as ondas, mais infinito que o Espaço, deve reunir todos vós, encarnados e desencarnados, na santa comunhão da caridade, operando a admirável fusão do que é finito e do que é eterno.”

Georges

Jobard

(Diretor do Museu da Indústria de Bruxelas, nascido em Baissey [Haute-Marne] e falecido em Bruxelas, de apoplexia fulminante, no dia 27 de outubro de 1861, com 69 anos.)

O Sr. Jobard era presidente honorário da Sociedade Espírita de Paris. Pensávamos em evocá-lo na sessão de 8 de novembro, quando, antecipando-se ao nosso desejo, deu espontaneamente a seguinte comunicação:

“Aqui estou, eu a quem íeis evocar, manifestando-me por este médium que até agora tenho solicitado sem sucesso. Desejo, antes de tudo, descrever as minhas impressões por ocasião do meu desprendimento: senti um abalo indescritível; lembrei-me instantaneamente do meu nascimento, da minha juventude, da minha velhice; toda a minha vida se retratou nitidamente na minha memória. Eu sentia apenas o piedoso desejo de me achar nas regiões reveladas pela nossa crença. Depois, o tumulto serenou. Eu estava livre e meu corpo jazia inerte. Ah! meus caros amigos, que prazer se experimenta sem o peso do corpo! Que encanto poder abranger o Espaço! Não creiais, no entanto, que de repente eu tenha me tornado um eleito do Senhor! Não, eu estou entre os Espíritos que, tendo aprendido um pouco, muito devem aprender ainda. Não tardou muito que me lembrasse de vós, *irmãos de exílio*, e asseguro-vos toda a minha simpatia, todos os meus votos vos cercam.

Quereis saber quais foram os Espíritos que me receberam? Quais as minhas impressões? Pois bem, meus amigos, foram todos os que evocamos,

⁷¹ Nota de Allan Kardec: Alusão ao Espírito Bernard, que se manifestou espontaneamente no dia das exéquias do Sr. Sanson. (Veja-se a *Revista espírita* de maio de 1862.)

todos os irmãos que compartilharam dos nossos trabalhos. Eu vi o esplendor, mas não posso descrevê-lo. Apliquei-me a discernir o que era verdadeiro nas comunicações, pronto a rejeitar tudo que fosse errôneo, pronto a ser o cavaleiro da verdade no outro mundo, tal como o fui no vosso.”

Jobard

1. *Quando vivíeis na Terra, recomendastes que vos evocássemos. É o que ora fazemos, não só para satisfazer àquele desejo, mas para testemunhar-vos ainda uma vez a nossa sincera e viva simpatia, instruindo-nos ao mesmo tempo, visto que ninguém melhor do que vós pode dar-nos esclarecimentos precisos sobre esse mundo em que hoje vos encontrais. Ficaremos muito satisfeitos se vos dignardes responder às nossas perguntas.* – R. No momento o que mais importa é a vossa instrução. Quanto à vossa simpatia, entrevejo-a e tenho a prova dela tão só pelo que ouço, o que já constitui um grande progresso.

2. *Para fixarmos ideias e não divagar, perguntaríamos inicialmente em que lugar vos achais aqui, e como vos veríamos caso isto nos fosse permitido?* – R. Estou junto do médium, com a aparência do mesmo Jobard que se sentava à vossa mesa, visto que os vossos olhos mortais, ainda vendados, não podem ver os Espíritos senão sob a sua forma mortal.

3. *Podéreis tornar-vos visível? Em caso contrário, qual a dificuldade?* – R. A disposição que vos é própria. Um médium vidente me veria, os outros não.

4. *O vosso lugar aqui é o mesmo de quando assistíeis encarnado às nossas sessões e que vos reservamos? Aqueles, pois, que vos viram em tais condições poderão supor que aí estais tal qual éreis então, visto que não envergaís o corpo material de antes, mas o corpo fluídico de agora, que tem a mesma forma daquele. Se não vos vemos com os olhos do corpo, vemos-vos com o pensamento; se não podeis comunicar pela palavra, podeis fazê-lo pela escrita, com o auxílio de um médium. Assim, as nossas relações não se romperam de forma alguma com a vossa morte e podemos conversar convosco tão fácil e completamente como outrora. É assim mesmo que se passam as coisas?* – R. Sim, e já sabeis disso há muito tempo. Ocuparei este lugar muitas vezes, mesmo sem o saberdes, porque o meu Espírito habitará entre vós.

Chamamos a atenção para esta última frase: “O meu Espírito habitará entre vós.” Nas atuais circunstâncias, isto não é uma simples figura, mas a realidade. Pelo conhecimento que o Espiritismo nos faculta sobre a natureza dos Espíritos,

sabemos que qualquer um pode achar-se entre nós, não só pelo pensamento, mas *pessoalmente*, com o auxílio de seu corpo etéreo, que o torna uma individualidade distinta. Por conseguinte, um Espírito tanto pode habitar entre nós depois de morto como quando vivo, ou, por outra, melhor ainda depois de morto, uma vez que pode ir e vir quando bem lhe aprouver. Temos assim uma imensidade de comensais invisíveis, indiferentes uns, outros atraídos por afeição. É sobretudo a estes últimos que se aplica esta sentença: “Eles habitam entre nós”, que se poderá interpretar assim: Eles nos assistem, inspiram e protegem.

5. *Não faz muito tempo que vínheis sentar nesse mesmo lugar. As condições nas quais o fazeis agora vos parecem estranhas? Que efeito essa modificação produziu em vós?* – R. Essas condições atuais não me parecem estranhas, porque o meu Espírito desencarnado goza de lucidez suficiente para não deixar insolúveis quaisquer questões que considere.

6. *Lembraí-vos de haver estado nas mesmas condições anteriormente à última existência? Alguma coisa teria mudado?* – R. Recordo-me das existências anteriores e sinto que melhorei. Agora vejo e compreendo em toda a extensão o que estou vendo, ao passo que, perturbado nas precedentes existências, só atinava com as faltas terrenas.

7. *Lembraí-vos da penúltima encarnação, da que precedeu a existência do Sr. Jobard?* – R. Na minha penúltima existência fui um operário mecânico atormentado pela miséria e pelo desejo de aperfeiçoar a minha arte. *Como Jobard, realizei os sonhos do pobre operário*, e dou graças a Deus cuja bondade infinita fez germinar a semente que Ele havia depositado em meu cérebro.

8. *Já vos comunicastes em outra parte?* – R. Pouco me tenho comunicado. Em muitos lugares um Espírito tomou o meu nome; algumas vezes eu estava perto dele sem que pudesse comunicar-me diretamente. Minha morte é tão recente que participo ainda de certas influências terrestres. É preciso que haja perfeita simpatia para poder exprimir o meu pensamento. Logo poderei agir indistintamente em relação aos médiuns, mas por enquanto, repito, não posso fazê-lo. Quando morre um homem um tanto conhecido, é chamado de todos os lados e inúmeros Espíritos se dão pressa de apossar-se da sua individualidade. Foi o que aconteceu comigo em muitas circunstâncias. Asseguro-vos que poucos Espíritos podem comunicar-se logo após o desprendimento, mesmo por um médium de sua preferência.

9. *Vedes os Espíritos que aqui estão conosco?* – R. Vejo, principalmente *Lázaro e Erasto*; depois, mais afastado, o *Espírito de Verdade* pairando no

espaço; e vejo também uma multidão de Espíritos que vos cercam, solícitos e benévolos. Sede felizes, amigos, pois benéficas influências vos defendem das calamidades do erro.

10. *Quando encarnado compartilháveis da opinião emitida sobre a formação da Terra pela incrustação de quatro planetas que se teriam unido. Conservais a mesma opinião?* – R. É um erro. As novas descobertas geológicas provam as convulsões da Terra e sua formação gradual e sucessiva. A Terra, como os outros planetas, teve sua vida própria, e Deus não precisou lançar mão da grande desordem que seria essa agregação de planetas. A água e o fogo são os únicos elementos orgânicos da Terra.

11. *Admitteis também que os homens pudessem cair em estado cataleptico por tempo ilimitado, e que o gênero humano tivesse assim aparecido na Terra?* – R. Ilusão da minha imaginação, que ultrapassava sempre o seu fim. A catalepsia pode ser longa, mas não indeterminada. Tradições, lendas exageradas pela imaginação oriental. Meus amigos, muito tenho sofrido com as ilusões que alimentaram o meu espírito; não vos iludais a tal respeito. Muito aprendi e posso hoje dizer-vos que a minha inteligência, apta para assimilar diversos e vastos estudos, havia guardado de minha última encarnação o amor pelo maravilhoso e pelo místico, hauridos nas imaginações populares. Por ora pouco me tenho ocupado com as questões puramente intelectuais, no sentido em que as julgais. E como poderia fazê-lo, deslumbrado e aturdido pelo maravilhoso espetáculo que me cerca? Só o vínculo com o Espiritismo, tão poderoso, ó homens, que não podeis compreender, é capaz de atrair-me a esta terra que abandono, não direi com alegria, pois que isto seria uma impiedade, mas com o profundo reconhecimento da libertação.

Quando a Sociedade abriu uma subscrição em favor dos operários de Lyon, em fevereiro de 1862, um de seus membros subscreveu 50 francos, sendo 25 por si e 25 em nome do Sr. Jobard, que, então, deu a tal respeito a comunicação seguinte:

“Sinto-me honrado e agradecido por não ter sido olvidado entre os meus irmãos espíritas. Agradeço ao coração generoso que vos trouxe o óbolo que eu daria se habitasse ainda o vosso mundo. Naquele em que agora me encontro não temos necessidade de dinheiro, de modo que me foi preciso recorrer à bolsa da amizade para provar materialmente que também a mim me comoveu o infortúnio dos irmãos de Lyon. Bravos trabalhadores,

que ardentemente cultivais a vinha do Senhor, muito deveis convencer-vos de que a caridade não é uma palavra vã, pois grandes e pequenos vos demonstraram simpatia e fraternidade. Estais na grande via humanitária do progresso. Que Deus vos possa conservar nela, e que possais ser mais felizes. Os Espíritos amigos vos sustentarão e triunfareis!

“Começo a viver espiritualmente, mais calmo, menos perturbado pelas evocações constantes que de todo lado choviam sobre mim. A moda também atua sobre os Espíritos; quando a moda Jobard for substituída por outra e eu tiver caído no esquecimento humano, então pedirei aos meus amigos sérios que me evoquem. Aprofundaremos então questões tratadas superficialmente, e o vosso Jobard, completamente transfigurado, poderá ser útil, como deseja de todo o coração.”

Jobard

Passados os primeiros tempos consagrados a tranquilizar os seus amigos, o Sr. Jobard tomou lugar entre os Espíritos que trabalham ativamente pela renovação social, enquanto espera o seu próximo retorno entre os vivos, para agir de forma mais direta nesse movimento. Desde então, ele tem dado à Sociedade de Paris, onde continua como cooperador, comunicações de incontestável superioridade, sem se afastar da originalidade e do espirituoso bom humor que constituíam o fundo do seu caráter, a ponto de se fazer reconhecer mesmo antes de assinar o nome.

Samuel Philippe

Samuel Philippe era um homem de bem na verdadeira acepção da palavra. Ninguém se lembrava de o ter visto cometer uma ação má ou errar voluntariamente no que quer que fosse. De um devotamento extremo pelos amigos, estava sempre pronto a prestar favores aos outros, ainda que contrários ao seu próprio interesse. Trabalhos, fadigas, sacrifícios, nada o impedia de ser útil, e ele o fazia sem afetação, naturalmente, admirando-se quando lhe atribuíam mérito por estes predicados. Jamais desprezou os que lhe fizeram mal; antes se dava pressa em servi-los como se lhe houvessem feito bem semelhante. Quando lidava com ingratos, dizia: “Não é a mim, mas a eles que se deve lastimar.” Embora muito inteligente e dotado de natural vivacidade, teve na Terra uma vida obscura, laboriosa e cheia

de rudes provações. Era uma dessas naturezas de escol que florescem nas sombras, das quais o mundo não fala e cujo brilho não se reflete na Terra. Adquirira, pelo conhecimento do Espiritismo, uma fé ardente na vida futura e uma grande resignação para todos os males da existência terrena. Faleceu em dezembro de 1862, com a idade de 50 anos, em consequência de dolorosa moléstia, tendo sua morte sensibilizado bastante a família e os amigos. Nós o evocamos vários meses depois:

P. *Lembraí-vos com clareza dos vossos últimos instantes na Terra?* – R. Perfeitamente. Essa lembrança me veio pouco a pouco, porquanto, naquele momento, minhas ideias ainda eram confusas.

P. *Podéreis, a bem da nossa instrução e do interesse que nos inspira a vossa vida exemplar, descrever como ocorreu a vossa passagem da vida corpórea para a vida espiritual, assim como a situação em que vos encontráeis no mundo espiritual?* – R. De bom grado, pois esta narrativa não aproveitará somente a vós, mas também a mim. Ao dirigir meus pensamentos para a Terra, a comparação faz-me apreciar melhor ainda a bondade do Criador.

Sabeis de quantas tribulações foi cheia a minha vida; entretanto, jamais me faltou coragem na adversidade, e hoje dou graças a Deus! Quantas coisas eu teria perdido se tivesse cedido ao desânimo! Tremo só ao pensar que tudo quanto sofri se anularia caso desfalecesse, tendo de recomeçar novamente as provações! Ah! meus amigos, compenetrai-vos firmemente desta verdade, pois nela reside a vossa felicidade futura. Não é, por certo, comprar caro essa felicidade por alguns anos de sofrimento! Se soubésseis o que são alguns anos comparados ao infinito!

Se de fato a minha existência teve algum mérito aos vossos olhos, outro tanto não diríeis das que a precederam. Somente à custa de grande esforço sobre mim mesmo me tornei o que ora sou. Para apagar os últimos traços das faltas anteriores, era-me preciso sofrer as últimas provas que voluntariamente aceitei. Foi na firmeza das minhas resoluções que hauri resignação, a fim de sofrer sem me queixar. Hoje bendigo essas provações; graças a elas rompi com o passado, simples recordação agora que me permite contemplar com legítima satisfação o caminho percorrido.

Oh! vós que me fizestes padecer na Terra; que fostes cruéis e malévolos para comigo, que me humilhastes e me afligistes; vós cuja má-fé tantas vezes me levou a duras privações, não somente vos perdoo, mas até vos agradeço. Querendo prejudicar-me, não suspeitáveis do bem que esse mal

me proporcionaria. A vós, portanto, devo grande parte da felicidade de que gozo, visto que me facultastes ocasião para perdoar e pagar o mal com o bem. Deus vos colocou em meu caminho para testar a minha paciência e exercitar-me na prática da mais difícil caridade: a de amar os inimigos.

Não vos impacientes com esta divagação, pois logo responderei à vossa pergunta. Embora sofresse cruelmente com a moléstia que me vitimou, quase não tive agonia; a morte me sobreveio como um sono, sem lutas nem abalos. Sem temor pelo futuro, não me apeguei à vida e não tive, por conseguinte, de me debater nos últimos momentos. A separação completou-se sem dor, nem esforço, sem que eu mesmo me apercebesse. Ignoro quanto tempo durou o sono, que foi curto aliás. Meu calmo despertar contrastava com meu estado precedente; não sentia mais dores e exultava de alegria; queria levantar-me, caminhar, mas um torpor nada desagradável, que chegava mesmo a ter um certo charme, me prendia, e eu me abandonava a ele prazerosamente, sem compreender a minha situação, embora não duvidasse já ter deixado a Terra. Tudo o que me cercava assemelhava-se a um sonho. Vi minha mulher e alguns amigos ajoelhados no meu quarto, chorando, e considerei que me julgavam morto. Quis então desenganá-los, mas não consegui articular uma palavra, concluindo daí que sonhava. O fato de me ver cercado de pessoas caras, falecidas há muito tempo, e ainda de outras que à primeira vista não podia reconhecer, fortalecia em mim essa ideia de um sonho, em que tais seres velassem por mim.

Esse estado foi alternado com momentos de lucidez e de sonolência, durante os quais eu recobrava e perdia a consciência do meu *eu*. Pouco a pouco as minhas ideias adquiriram mais clareza; a luz que eu entrevia por entre denso nevoeiro fez-se mais brilhante; então comecei a reconhecer-me e compreendi que não mais pertencia à Terra. Certamente, se eu não conhecesse o Espiritismo, a ilusão perduraria por muito mais tempo. Os meus despojos mortais ainda estavam por enterrar e eu já o olhava com piedade, felicitando-me por me ter desembaraçado dele. Sentia-me tão feliz por estar livre! Respirava livremente como quem sai de uma atmosfera repugnante; indizível sensação de bem-estar penetrava todo o meu ser; a presença dos que amara alegrava-me sem me surpreender, antes me parecendo natural, como se os encontrasse depois de longa viagem. Uma coisa me admirou logo: nós nos compreendíamos sem articular uma palavra!

Os nossos pensamentos transmitiam-se somente pelo olhar, como que por efeito de uma penetração fluídica.

Entretanto, eu não estava completamente livre das preocupações terrenas; a lembrança do que padecera me ocorria de vez em quando à memória, como para realçar ainda mais a nova situação. Eu havia sofrido corporalmente, sobretudo moralmente, fui alvo da malevolência, dessas infinitas preocupações mais acerbadas talvez que as desgraças reais, porque degeneraram em perpétua ansiedade. Mal se desvaneciam tais impressões e eu já interrogava a mim mesmo se de fato me libertara delas, parecendo-me ouvir ainda algumas vozes desagradáveis. Reconsiderando as dificuldades que tantas vezes me atormentavam, eu tremia e procurava, por assim dizer, reconhecer-me, assegurar-me de que não era joguete de um sonho. E quando cheguei à conclusão, à realidade dessa nova situação, foi como se me aliviasse de um peso enorme.

É bem verdade, dizia a mim mesmo, que me libertei desses cuidados que fazem o tormento da vida! Graças a Deus! Assemelhava-me a um pobre, repentinamente enriquecido, duvidando da realidade da sua fortuna e alimentando por algum tempo as apreensões da pobreza. Ah! se os homens compreendessem a vida futura, quanta força, quanta coragem esta convicção não lhes daria na adversidade! Que não fariam, enquanto estão na Terra, para garantir a felicidade que Deus reserva aos filhos dóceis e submissos! Logo veriam que os gozos tão ambicionados e invejados se tornarão mesquinhos em relação aos que eles desprezam!

P. Esse mundo tão novo para vós, perto do qual o nosso vale tão pouco, bem como os numerosos amigos que nele reencontrastes, vos fizeram esquecer a família e os amigos encarnados? – R. Se eu os tivesse esquecido seria indigno da felicidade de que desfruto. Deus não recompensa o egoísmo, pune-o. O mundo em que estou pode fazer com que desdenhe a Terra, mas não os Espíritos nela encarnados. Somente entre os homens é que a prosperidade faz esquecer os companheiros de infortúnio. Muitas vezes venho visitar os que me são caros; sinto-me feliz pela recordação que guardaram de mim; assisto às suas diversões e, atraído por seus pensamentos, gozo se gozam ou sofro se sofrem. O meu sofrimento é, porém, relativo e não se pode comparar ao sofrimento humano, uma vez que compreendo o alcance, a necessidade e o caráter transitório das provações. Regozijo-me em pensar que um dia eles virão a esta mansão afortunada onde a dor não existe. Para torná-los dignos

dela é que me esforço por sugerir-lhes bons pensamentos e sobretudo a resignação que tive, consoante a vontade de Deus. O meu grande pesar é vê-los retardar esse momento por falta de coragem, queixumes, dúvida quanto ao futuro e principalmente por um ato reprovável qualquer. Procuro, então, desviá-los do mau caminho e, se o consigo, é uma felicidade não só para mim, como para outros Espíritos; quando, ao contrário, os meus propósitos fracassam, exclamo com pesar: Mais um momento de atraso. Consolo-me, no entanto, com a ideia de que nada se perde irremissivelmente.

Van Durst

(Antigo funcionário falecido em Antuérpia, em 1863, com 80 anos.)

Pouco tempo depois de sua morte, tendo um médium perguntado ao seu guia espiritual se poderia evocá-lo, foi-lhe respondido: “Este Espírito se refaz lentamente da perturbação em que se encontra e, embora possa responder-vos imediatamente, tal comunicação lhe custaria muitos dissabores. Peço-vos que espereis mais uns quatro dias, pois até lá ele saberá das boas intenções manifestadas a seu respeito e virá até vós com reconhecimento e na condição de amigo.”

Quatro dias mais tarde o Espírito ditou a seguinte comunicação:

“Meu amigo, minha vida teve pouco peso na balança da eternidade e, no entanto, estou bem longe de ser infeliz. A minha condição humilde e relativamente feliz é de quem não fez o mal, sem que por isso visasse à perfeição. Se pode haver pessoas felizes numa esfera limitada, eu sou desse número. Só lamento não ter conhecido o que hoje conheceis; minha provação teria sido menos longa e menos dolorosa. De fato ela foi grande; viver e não viver, estar rudemente preso ao corpo sem poder servir-se dele, ver os que nos foram caros, sentindo extinguir-se o pensamento que a eles nos prende. Oh! que momento cruel esse em que o aturdimento nos empolga e constrange, para desfazer-se em trevas logo após! Sentir tudo, para estar um momento depois aniquilado! Querer ter a consciência do seu *eu*, sem encontrá-la; não existir e sentir que se existe!

“Perturbação profunda! Depois, transcorrido um tempo incalculável de angústias contidas, sem forças para senti-las, depois desse tempo que parece interminável, renasce lentamente a existência, o despertar em um

novo mundo! Nada de corpo material, nada de vida terrestre! Vida, sim, mas imortal! Não mais homens carnis, mas formas diáfanas, Espíritos que deslizam, que surgem de todos os lados, que vos cercam e que não podeis abranger com a vista, porque é no infinito que flutuam! Ter o Espaço diante de si e poder transpô-lo à vontade! Comunicar-se pelo pensamento com tudo que vos envolve! Que vida nova, meu amigo, brilhante e cheia de ventura! Salve, oh! salve, eternidade que me contém em teu seio!... Adeus, Terra que por tanto tempo me retiveste afastado do elemento natural da minha alma! Não, eu nada mais queria de ti, porque és a terra do exílio, e a maior das felicidades que dispensas nada vale! Se eu soubesse o que sabeis, como me teria sido mais fácil a iniciação na vida espiritual! Saberla antes de morrer o que só mais tarde tive que aprender, no momento da separação, de forma a desprender-me facilmente. Vós outros estais no caminho, mas jamais, jamais ireis tão longe! Dizei-o a meu filho tantas vezes quantas forem necessárias para que se instrua e creia, porque, então, ao chegar aqui, não ficaremos separados.

“Amigos, adeus a todos, adeus; espero por vós. Enquanto estiverdes na Terra virei muitas vezes instruir-me convosco, uma vez que sei menos ainda que muitos dentre vós. Aqui onde estou, sem velhice que me enfraqueça e sem entraves de qualquer espécie, aprenderei mais depressa. Aqui se vive intensamente, caminhando com desassombro, tendo ante os olhos horizontes tão belos que nos sentimos ansiosos por abrangê-los. Adeus, vou deixá-los; adeus.”

Sixdeniers

(Homem de bem, morto por acidente e conhecido
do médium, quando encarnado.)
(Bordeaux, 11 de fevereiro de 1861)

P. *Podeis dar-nos alguns detalhes sobre a vossa morte?* – R. Depois de afogar-me, sim.

P. *E por que não antes?* – R. Porque já os conheceis. (De fato, o médium os conhecia.)

P. *Quereis então descrever as vossas sensações depois da morte?* – R. Fiquei muito tempo sem me reconhecer, mas com a graça de Deus e o auxílio dos

que me cercavam, quando a luz se fez, inundou-me. Esperai e encontrareis sempre mais do que pensais. Nada existe aqui de material; tudo fere os sentidos ocultos sem auxílio da vista ou do tato. Compreendeis o que digo? É uma surpresa espiritual que ultrapassa o vosso entendimento, porque não há palavras que a expliquem. Só a alma pode percebê-la. O meu despertar foi bem feliz. A vida é um desses sonhos que, apesar da ideia grosseira ligada a essa palavra, só pode ser qualificada de medonho pesadelo. Imaginai que estais encerrado em calabouço infecto, onde o vosso corpo, corroído pelos vermes até a medula dos ossos, é suspenso sobre uma fornalha ardente; que a vossa boca ressequida não encontra sequer o ar para refrescá-la; que o vosso Espírito aterrorizado só vê ao seu redor monstros prestes a devorá-lo; imaginai, enfim, tudo quanto um sonho fantástico pode engendrar de hediondo, de mais terrível, e transportai-vos depois e repentinamente a delicioso Éden. Despertai cercado de todos os que amastes e chorastes; vede, rodeando-vos, semblantes adorados a sorrirem de felicidade; respirai os mais suaves perfumes; refrescai a garganta ressequida na fonte de água viva; senti o corpo pairando no Espaço infinito que o suporta e balança, qual a flor que se destaca da fronde aos impulsos da brisa; julgai-vos envolto no amor de Deus qual recém-nascido aconchegado pelo amor materno e não fareis senão ideia imperfeita dessa transição. Procurei explicar-vos a felicidade da vida que aguarda o homem depois da morte do corpo, mas não consegui. Será possível explicar o infinito àquele que tem os olhos fechados à luz e que não pode sair do estreito círculo em que se acha encerrado? Para explicar-vos a eterna felicidade, dir-vos-ei apenas isto: amai, pois só o amor permite que ela seja pressentida, e quem diz amor diz ausência de egoísmo.

P. *A vossa posição foi feliz tão logo entrastes no mundo dos Espíritos?* – R. Não; tive de pagar a dívida humana. Meu coração pressentira o futuro do Espírito, mas faltava-me a fé. Tive que expiar a indiferença para com o Criador, porém a sua misericórdia levou-me em conta o bem insignificante que pude fazer, as dores que resignado padeci, apesar dos sofrimentos, e a sua justiça, cuja balança os homens jamais compreenderão, pesou o bem com tanta bondade e amor, que o mal prontamente se extinguiu.

P. *Podereis dar-nos notícias da vossa filha?* (morta quatro ou cinco anos antes.) – R. Está em missão na Terra.

P. *Ela se sente feliz como encarnada? Receio fazer perguntas indiscretas.* – R. Sei. Será que eu não veria o vosso pensamento como *um quadro*

ante meus olhos? Não; minha filha não é feliz como criatura, antes, pelo contrário, deverá provar todas as misérias terrenas, pregando pelo exemplo as grandes virtudes que alardeais, mas não praticais. Terá a minha ajuda: velarei por ela. No entanto, não lhe será penoso superar os obstáculos, pois está na Terra *em missão, e não em expiação*. Tranquilizai-vos por ela, e obrigado pela lembrança.

Nesse momento, o médium sentiu dificuldade para escrever e disse:

P. Se for um Espírito sofredor que me atrapalha, peço-lhe que escreva seu nome. – R. Uma infeliz.

P. *Não queres dizer o teu nome?* – R. Valéria.

P. *Poderás dizer-me o motivo do teu sofrimento?* – R. Não.

P. *Estás arrependida das tuas faltas?* – R. Bem vês que sim.

P. *Quem te trouxe aqui?* – R. Sixdeniers.

P. *Com que objetivo?* – R. A fim de me ajudares.

P. *Foste tu que há pouco me impediste de escrever?* – R. Sixdeniers me colocou em seu lugar.

P. *Que relação há entre vós?* – R. Ele me guia.

P. *Pedi a ele que nos acompanhe na prece.* (Depois da prece, Sixdeniers retoma a palavra, dizendo: – Obrigado por ela. Já compreendestes. Não vos esquecerei; pensai nela.)

P. [A Sixdeniers.] *Tendes muitos Espíritos sofredores a guiar?* – R. Não; entretanto, tão logo regeneramos algum, buscamos outro e assim por diante, sem ter, com isso, de abandonar os primeiros.

P. *Como podeis dar conta de uma vigilância que deverá multiplicar-se ao infinito no decurso dos séculos?* – R. Os que regeneramos purificam-se e progredem. Assim, não nos dão mais trabalho; além disso, nós também progredimos e, à proporção que subimos, as faculdades e os poderes se dilatam, na razão direta da nossa pureza.

OBSERVAÇÃO – Pelo que vemos, os Espíritos inferiores são assistidos por Espíritos bons com a missão de os guiar, tarefa essa que não é exclusivamente delegada aos encarnados, os quais nem por isso ficam desobrigados de auxiliá-la, visto que também isso constitui para eles meio de progresso. Nem sempre é com boa intenção que um Espírito inferior interrompe uma boa comunicação, como no caso presente, mas é certo que o fazem algumas vezes com a permissão dos Espíritos bons, seja como prova, seja com o intuito de obter daquele a quem se dirige o

auxílio necessário ao seu progresso. É verdade que a persistência, em tais casos, pode degenerar em obsessão, porém, quanto maior for a tenacidade, tanto mais provará a necessidade de assistência. É, pois, um erro repelirmos tais Espíritos, que devemos encarar quais mendigos a pedirem esmola. Digamos antes: é um Espírito infeliz que os bons me enviam para o educar. Se o conseguirmos, teremos a alegria de haver encaminhado uma alma ao bem, abreviando-lhe os sofrimentos. Muitas vezes essa tarefa é penosa e melhor seria, por certo, receber continuamente belas comunicações e não conversar senão com Espíritos selecionados; mas não é buscando a nossa própria satisfação, nem repudiando as ocasiões que se nos oferecem para praticar o bem, que havemos de atrair a proteção dos Espíritos bons.

Dr. Demeure⁷²

(Falecido em Albi [Tarn], em 25 de janeiro de 1865.)

O Dr. Demeure era um médico homeopata muito distinto. Seu caráter, assim como o saber, haviam-lhe conquistado a estima e a veneração dos seus concidadãos. Sua bondade e caridade eram inesgotáveis e, a despeito da idade avançada, não se afadigava quando se tratava de socorrer doentes pobres. O preço das visitas era o que menos o preocupava e de preferência sacrificava as suas comodidades ao pobre, dizendo que os ricos, em sua falta, bem podiam recorrer a outro médico. Aos primeiros, não só dava os remédios gratuitamente, como muitas vezes provia às suas necessidades materiais, no caso de serem mais úteis que o próprio medicamento. Dele se pode dizer que foi o Cura d’Ars da Medicina. Demeure abraçou com ardor a Doutrina Espírita, na qual encontrou a chave dos mais graves problemas, cuja solução pedira inutilmente à Ciência e a todas as filosofias. Seu espírito profundo e investigador fez-lhe compreender subitamente todo o alcance do Espiritismo, de modo que ele se tornou um de seus mais dedicados propagadores.

Relações de mútua e viva simpatia se haviam estabelecido entre nós por meio da correspondência. Soubemos da sua morte no dia 30 de janeiro, e o nosso primeiro pensamento foi evocá-lo. Eis a comunicação que ele nos deu naquele mesmo dia:

⁷² N.T.: Veja-se na *Revista espírita* dos meses de março e abril de 1865 outros detalhes acerca da morte, do caráter e da ação do Dr. Demeure.

“Aqui estou. Ainda vivo, assumi o compromisso de manifestar-me desde que me fosse possível, a fim de apertar a mão do meu caro mestre e amigo Allan Kardec.

“A morte dera à minha alma esse pesado sono que se chama letargia; mas o pensamento velava. Sacudi esse torpor funesto, que prolonga a perturbação que se segue à morte, despertei e, de um salto, fiz a viagem.

“Como estou feliz! Já não sou velho nem enfermo; meu corpo era apenas um disfarce imposto; sou jovem e belo, belo dessa eterna juventude dos Espíritos, cujas rugas não mais sulcam o rosto, cujos cabelos não embranquecem sob a ação do tempo. Sou leve como o pássaro que em voo rápido atravessa o horizonte do vosso céu nebuloso; admiro, contemplo, bendigo, amo e me inclino, átomo que sou, ante a grandeza, a sabedoria, a ciência de nosso Criador, ante a grandeza das maravilhas que me cercam.

“Sou feliz; estou na glória! Oh! quem poderia jamais descrever as esplêndidas belezas da terra dos eleitos: os céus, os mundos, os sóis, seu papel no grande concerto da harmonia universal? Pois bem! eu tentarei meu mestre! Vou fazer o seu estudo e virei depor junto a vós a homenagem de meus trabalhos de Espírito, que antecipadamente vos dedico. Até logo.”

Demeure

As duas comunicações seguintes, dadas em 1^a e 2 de fevereiro, são relativas à doença de que fomos acometidos na ocasião. Embora sejam pessoais, nós as publicamos porque provam que o Dr. Demeure é tão bom como Espírito quanto o fora como homem.

“Meu bom amigo, tende confiança em nós e muita coragem. Esta crise, não obstante fatigante e dolorosa, não será longa e, com os cuidados prescritos, podereis, conforme os vossos desejos, completar a obra, de que a vossa existência foi o principal objetivo. No entanto, sou aquele que está sempre junto de vós, com o *Espírito de Verdade* que me permite tomar a palavra, como o último de vossos amigos vindos entre os Espíritos! Eles me dão as honras das boas-vindas. Caro mestre, como estou feliz por ter morrido a tempo para estar com eles neste momento! Se tivesse morrido mais cedo, talvez vos pudesse ter evitado esta crise que eu não previa; havia pouquíssimo tempo que estava desencarnado para me ocupar de outra coisa que não fosse o espiritual. Mas agora velarei por vós, caro mestre.

Aqui estou para, feliz como Espírito, ao vosso lado, prestar serviços. Conheceis o provérbio: ‘Ajuda-te, e o céu te ajudará’. Ajudai, pois, os Espíritos bons nos cuidados que vos dispensam, submetendo-vos estritamente às suas prescrições. Faz muito calor aqui; este carvão é fatigante. Enquanto estiveres doente, não o queimeis; ele continua a aumentar a vossa opressão; os gases que dele se desprendem são deletérios.”

Vosso amigo, Demeure

“Sou eu, Demeure, o amigo do Sr. Kardec. Venho dizer-lhe que estava ao seu lado quando lhe ocorreu o acidente, que poderia ter sido funesto sem uma intervenção eficaz, para a qual tive a felicidade de contribuir. Segundo minhas próprias observações e informações que colhi em boa fonte, para mim é evidente que, quanto mais cedo se der a sua desencarnação, tanto mais cedo se dará a sua reencarnação, a fim de poder completar a sua obra. Contudo, é preciso que ele dê, antes de partir, uma última demão nas obras que devem completar a teoria doutrinária, da qual é o iniciador; e ele se tornará culpado de homicídio voluntário se, por excesso de trabalho, contribuir para a falência de seu organismo, que o ameaça de uma súbita partida para os nossos mundos. Não se deve temer dizer-lhe toda a verdade, para que se previna e siga rigorosamente as nossas prescrições.”

Demeure

A comunicação seguinte foi obtida em Montauban, no dia 26 de janeiro, no círculo dos amigos espíritas que ele tinha naquela cidade:

“Antoine Demeure. Não estou morto para vós, meus bons amigos, mas para aqueles que não conhecem a santa doutrina que reúne os que se amaram e tiveram na Terra os mesmos pensamentos e os mesmos sentimentos de amor e caridade. Sou feliz; mais feliz do que podia esperar, porquanto gozo de rara lucidez entre os Espíritos desprendidos da matéria há tão pouco tempo. Tende coragem, meus bons amigos; doravante estarei junto a vós e não deixarei de vos instruir sobre muitas coisas que ignoramos quando ligados à nossa pobre matéria, que nos oculta tantas magnificências e tantos prazeres. Orai pelos que estão privados dessa felicidade, pois não sabem o mal que fazem a si mesmos.

“Hoje não me demorarei muito, mas vos direi que não me acho completamente estranho neste mundo dos invisíveis. A mim parece que

sempre o habitei. Aqui estou feliz porque vejo os meus amigos e posso comunicar-me com eles sempre que o deseje. Não choreis, meus amigos; faríeis que lamentasse vos haver conhecido. Deixai correr o tempo e Deus vos conduzirá a esta morada, onde todos devemos nos reunir. Boa noite, meus amigos: que Deus vos console; aqui estou junto de vós.”

Demeure

Outra carta de Montauban contém o relato seguinte:

“Tínhamos ocultado à Sra. G..., médium vidente e sonâmbula muito lúcida, a morte do Dr. Demeure, a fim de poupar a sua extrema sensibilidade, e o bom doutor, por certo nos penetrando o pensamento, evitara manifestar-se a ela. No dia 10 de fevereiro último estávamos reunidos a convite dos nossos guias que, diziam, queriam aliviar a Sra. G... de uma entorse da qual muito sofria desde a véspera. Não sabíamos mais que isto e estávamos longe de aguardar a surpresa que nos reservavam. Tão logo caiu em sonambulismo, a dama soltou gritos lancinantes, mostrando o pé. Eis o que se passava:

“A Sra. G... via um Espírito curvado sobre sua perna, mas cuja fisionomia ficava oculta; realizava fricções e massagens, exercendo de vez em quando uma tração longitudinal sobre a parte doente, absolutamente como teria feito um médico. A manobra era tão dolorosa que a paciente por vezes vociferava, fazendo movimentos desordenados. Mas a crise não durou muito; ao cabo de dez minutos toda a marca de entorse havia desaparecido, assim como o edema, retomando o pé a sua aparência normal. A Sra. G... estava curada.

“Entretanto, o Espírito continuava incógnito para a médium, persistindo em não mostrar as suas feições; dava mesmo a impressão de querer fugir, quando, de um salto só, nossa doente, que não podia dar um passo, se lança no meio do quarto para pegar e apertar a mão de seu médico espiritual. Dessa vez o Espírito virou-se para ela, deixando sua mão na dela. Neste momento a Sra. G... solta um grito e cai desfalecida no assoalho: acabava de reconhecer o Dr. Demeure no Espírito curador. Durante a síncope recebeu os cuidados diligentes de vários Espíritos simpáticos. Enfim, readquirida a lucidez sonambúlica, conversou com os Espíritos, trocando com eles calorosos apertos de mão, notadamente com o Espírito do doutor, que respondia a seus testemunhos de afeição penetrando-a de um fluido reparador.

“Não é uma cena impressionante e dramática? Dir-se-ia que todas as personagens representavam seu papel na vida humana. Não é uma prova

entre mil de que os Espíritos são seres perfeitamente reais, tendo um corpo e agindo como faziam na Terra? Estávamos felizes por encontrar nosso amigo espiritualizado, com seu excelente coração e sua delicada solicitude. Durante a vida ele tinha sido médico da médium; conhecia sua extrema sensibilidade e a tinha conduzido como se fora a própria filha. Esta prova de identidade, dada àqueles a quem o Espírito amava, não é admirável e capaz de fazer encarar a vida futura sob seu aspecto mais consolador?”

OBSERVAÇÃO – A situação do Dr. Demeure, como Espírito, é bem a que podia deixar pressentir sua vida tão dignamente e utilmente empregada. Mas um outro fato não menos instrutivo ressalta de suas comunicações: é a atividade que ele demonstra, quase imediatamente depois da morte, para ser útil. Por sua alta inteligência e por suas qualidades morais, pertence à ordem dos Espíritos muito adiantados; ele é muito feliz, mas sua felicidade não está na inação. Há poucos dias, cuidava dos doentes como médico e, tão logo desencarnado, desvela-se em vir cuidá-los como Espírito. Algumas pessoas perguntarão: Que se ganha em estar no outro mundo, se ali não se goza de repouso? A isto lhes perguntaremos, para começar, se nada significa não mais ter preocupações, nem necessidades, nem as enfermidades da vida, ser livre e poder, sem afadigar-se, percorrer o Espaço com a rapidez do pensamento, ter com os amigos a qualquer hora, seja qual for a distância em que se encontrem? Depois acrescentamos: Quando estiverdes no outro mundo, nada vos forçará a fazer seja o que for; sereis perfeitamente livres para ficar numa ociosidade beata, tanto tempo quanto quiserdes; mas logo vos cansareis dessa felicidade egoísta e pedireis uma ocupação. Então vos será respondido: se vos aborreceis por nada fazerdes, buscai vós mesmos algo fazer; as ocasiões de ser útil não faltam no mundo dos Espíritos, como não faltam entre os homens. É assim que a atividade espiritual não é um constrangimento; é uma necessidade, uma satisfação para os Espíritos que procuram as ocupações segundo seus gostos e aptidões, e escolhem de preferência as que possam contribuir para o seu adiantamento.

Viúva Foulon

(Wollis, quando solteira)

A Sra. Foulon, falecida em Antibes a 3 de fevereiro de 1865, residiu por muito tempo no Havre, onde conquistou a reputação de hábil

miniaturista. De notável talento, aproveitou-o primeiro como simples amadora, mas, quando lhe sobrevieram as necessidades, fez da sua arte proveitosa fonte de receita. O que sobretudo a fazia amada e estimada, o que tornava sua memória cara a todos os que a conheceram, é a amenidade de seu caráter; são suas qualidades privadas, cuja extensão só podiam apreciar os que conheciam sua vida íntima. Porque, como todos aqueles nos quais é inato o sentimento do bem, ela não os ostentava e nem mesmo suspeitava deles. Se há alguém sobre quem o egoísmo não tinha domínio, era ela, sem dúvida; talvez jamais o sentimento de abnegação pessoal fosse levado mais longe. Sempre pronta a sacrificar o repouso, a saúde e os interesses por aqueles a quem podia ser útil, sua vida foi uma longa série de dedicações, assim como foi, desde a juventude, um longo rosário de rudes e cruéis provas, diante das quais sua coragem, resignação e perseverança jamais faliram. Reveses da fortuna só lhe deixaram o talento como único recurso; foi somente com os pincéis, dando lições ou fazendo retratos, que educou uma numerosa família e assegurou honrosa posição a todos os seus filhos. É preciso ter conhecido sua vida íntima para saber tudo o que suportou de fadigas e privações, todas as dificuldades contra as quais teve de lutar para atingir o seu objetivo. Mas ah! sua vista fatigada pelo trabalho cativante da miniatura, extinguiu-se dia a dia; mais algum tempo e a cegueira, já muito avançada, teria sido completa.

Quando a Sra. Foulon tomou conhecimento da Doutrina Espírita, alguns anos atrás, para ela foi como um rastro de luz. Pareceu-lhe que um véu se levantava de sobre algo que não lhe era desconhecido, mas de que tinha apenas vaga intuição. Então o estudou com ardor, mas ao mesmo tempo com essa lucidez de espírito, essa justeza de apreciação que era peculiar à sua alta inteligência. É preciso conhecer todas as perplexidades de sua vida, perplexidades que tinham sempre por móvel, não ela própria, mas os seres que lhe eram caros, para compreender todas as consolações que hauriu nesta sublime revelação, que lhe dava uma fé inabalável no futuro e lhe mostrava a nulidade das coisas terrenas. Sua morte foi digna da sua vida. Viu sua chegada sem nenhum temor penoso; para ela era a libertação dos laços terrenos, que devia abrir-lhe essa vida espiritual bem-aventurada, com a qual se havia identificado pelo estudo do Espiritismo.

Morreu com calma, porque tinha consciência de ter cumprido a missão que havia aceitado ao vir à Terra, de ter cumprido escrupulosamente

seus deveres de esposa e de mãe de família. Porque também tinha, durante a vida, abjurado todo ressentimento contra aqueles dos quais podia lastimar-se e que a tinham pago com ingratidão; que sempre havia pago o mal com o bem, perdoando-os ao deixar a vida, confiando na bondade e na Justiça de Deus. Enfim, morreu com a serenidade que dá uma consciência pura, e a certeza de estar menos separada de seus filhos que durante a vida corpórea, já que poderá, de agora em diante, estar com eles em Espírito, ajudá-los com seus conselhos e cobri-los com a sua proteção, seja qual for o ponto do globo em que se encontrem.

Logo que soubemos da morte da Sra. Foulon, nosso primeiro desejo foi o de evocá-la. As relações de amizade e simpatia, que a Doutrina Espírita estabelecera entre nós, explicam algumas das suas palavras e justificam a familiaridade da linguagem.

I

(Paris, 6 de fevereiro de 1865, três dias após a morte.)

“Estava certa de que havíeis de evocar-me logo depois da minha morte e pronta me achava para vos responder, pois não conheci a perturbação. Só os que têm medo são envolvidos por suas trevas espessas.

“Pois bem, meu amigo, agora estou feliz. Estes pobres olhos que se haviam enfraquecido e só me deixavam a lembrança dos prismas que tinham colorido minha juventude com seu brilho cintilante, abriram-se aqui e reencontram os esplêndidos horizontes que alguns de vossos grandes artistas idealizam em suas vagas reproduções, mas cuja realidade majestosa, severa e, contudo, cheia de encantos, é moldada na mais completa realidade.

“Apenas há três dias estou morta, e sinto que sou artista. Minhas aspirações para o ideal da beleza na arte mais não eram que a intuição de uma faculdade que eu tinha estudado e adquirido em outras existências e que se desenvolveram na última. Que devo fazer, porém, para reproduzir uma obra-prima digna da cena que comove o Espírito, quando se chega na região da luz? Pincéis! pincéis! Provarei ao mundo que a arte espírita é o coroamento da arte pagã, da arte cristã que periclita, e que só ao Espiritismo está reservada a glória de fazê-la reviver com todo o seu brilho no vosso mundo deserdado.

“Basta para a artista. Agora é a vez da amiga.

“Por que, boa amiga (Sra. Allan Kardec), vos afetar assim pela minha morte? Sobretudo vós, que conheceis as decepções e as amarguras de minha vida, deveríeis, ao contrário, alegrar-vos por ver que agora não mais devo beber a taça amarga das dores terrenas, que esvaziei até o fim. Crede-me: os mortos são mais felizes que os vivos; pranteá-los é duvidar da veracidade do Espiritismo. Tende certeza de que me vereis novamente; parti primeiro, porque minha tarefa na Terra havia terminado; cada um tem a sua a cumprir aí e, quando a vossa estiver acabada, vireis repousar um pouco junto a mim, para recomeçar em seguida, se necessário, levando-se em conta que não está na natureza ficar inativo. Cada um tem suas tendências e a elas obedece; é uma lei suprema que prova o poder do livre-arbítrio. Assim, boa amiga, indulgência e caridade, pois todos necessitamos, reciprocamente, seja no mundo visível, seja no invisível. Com esta divisa, tudo vai bem.

“Não me mandastes parar; sabeis que converso longamente pela primeira vez! Mas eu vos deixo; é a vez do meu excelente amigo, Sr. Kardec. Quero agradecer-lhe as afetuosas palavras que dirigiu à amiga que o precedeu no túmulo; porque nós quase partimos juntos para o mundo onde me encontro, meu amigo! (Alusão à moléstia de que falara o Dr. Demeure.) Que diria então a companheira dos vossos dias, se os Espíritos bons nisto não tivessem posto boa ordem? Teria chorado e gemido, o que até certo ponto compreendo. Mas também é preciso que ela vele para que não vos exponhais novamente a novo perigo, antes que tenhais acabado o vosso trabalho de iniciação espírita, sem o que vos arriscais a chegar cedo demais entre nós e, como Moisés, só ver a Terra Prometida de longe. Mantende-vos em guarda, pois é uma amiga quem vos previne.

“Agora vou embora. Volto para junto de meus caros filhos; depois vou ver, além dos mares, se minha ovelha viajante finalmente chegou ao porto, ou se é joguete da tempestade. (Refere-se a uma das filhas que residia na América.) Que os Espíritos bons a protejam; vou juntar-me a eles para isto. Voltarei a conversar convosco, pois, como lembrais, sou uma faladora infatigável. Adeus, bons e caros amigos. Até breve!”

Viúva Foulon

II

(8 de fevereiro de 1865.)

P. *Cara Sra. Foulon, estou muito contente com a comunicação que destes outro dia, e com a promessa de continuar nossas conversas. Reconheci-vos perfeitamente na comunicação; ali faláveis de coisas ignoradas do médium, e que não podiam vir senão de vós; depois, vossa linguagem afetuosa a nosso respeito é bem a de vossa alma amorosa. Mas há em vossa linguagem uma segurança, um aprumo, uma firmeza que não conhecia em vossa vida. Sabeis que a este respeito eu me permiti fazer-vos mais de uma advertência em certas e determinadas circunstâncias.*

R. É verdade e, porém, desde que me vi gravemente doente, recobrei a firmeza de espírito, perdida pelos desgostos e vicissitudes que por vezes me tinham tornado medrosa quando encarnada. Disse de mim para mim: tu és espírita; esquece a Terra; prepara-te para a transformação de teu ser e antevê, pelo pensamento, a senda luminosa que tua alma deve seguir ao deixar o corpo, e que a conduzirá, feliz e liberta, às esferas celestes onde viverás de agora em diante. Dir-me-eis que era um tanto presunçoso da minha parte contar com a felicidade perfeita ao deixar a Terra; mas eu tinha sofrido tanto que devia ter expiado minhas faltas desta existência e das precedentes. Esta intuição não me havia enganado; foi ela quem me deu coragem, calma e firmeza nos últimos instantes. Essa firmeza naturalmente aumentou quando vi, depois de morta, a realização das minhas esperanças.

P. *Tende a bondade de descrever agora vossa passagem, o despertar e as primeiras impressões sentidas.*

R. Sofri, mas o meu Espírito foi mais forte do que o sofrimento material, que o desprendimento o fazia experimentar. Encontrei-me, *após o último suspiro*, em estado de síncope, sem a menor consciência de minha situação, não pensando em nada e numa vaga sonolência, que não era o sono do corpo nem o despertar da alma. Fiquei assim bastante tempo; depois, como se saísse de um longo desfalecimento, despertei pouco a pouco entre irmãos que não conhecia. Eles me dispensaram cuidados e atenções; mostraram-me um ponto no Espaço que parecia uma estrela brilhante e me disseram: “É para lá que vais conosco; não pertences mais à Terra.” Então recobrei a memória; apoiei-me neles e, como um grupo gracioso

que se lança para esferas desconhecidas, mas com a certeza de lá encontrar a felicidade, subimos, subimos, à proporção que a estrela crescia. Era um mundo feliz, um mundo superior, no qual a vossa boa amiga vai, enfim, encontrar o repouso. Quero dizer o repouso em relação às fadigas corporais que suportei e às vicissitudes da vida terrena, mas não a indolência do Espírito, porque a atividade do Espírito é um prazer.

P. Deixastes definitivamente a Terra?

R. Deixo aqui muitos seres que me são caros para abandoná-la definitivamente. A ela voltarei, portanto, mas como Espírito, pois tenho uma missão a cumprir junto aos meus netos. Aliás, sabeis perfeitamente que nenhum obstáculo se opõe a que os Espíritos que estacionam nos mundos superiores à Terra venham visitá-la.

P. Parece que a posição em que estais pode enfraquecer vossas relações com os que deixastes aqui.

R. Não, meu amigo; o amor aproxima as almas. Crede-me, pode-se estar na Terra mais próximo dos que atingiram a perfeição do que daqueles que por sua inferioridade e egoísmo gravitam ao redor da esfera terrestre. A caridade e o amor são dois motores de poderosa atração. São o laço que cimenta a união das almas ligadas entre si, laços persistentes, apesar da distância e dos lugares. A distância só existe para os corpos materiais, nunca para os Espíritos.

P. Que ideia fazeis agora de meus trabalhos sobre o Espiritismo?

P. Acho que estais encarregado de cuidar de almas e que o fardo é difícil de suportar; mas vejo o objetivo e sei que o atingireis. Ajudar-vos-ei, se possível, com meus conselhos de Espírito, a fim de que possais superar as dificuldades que vos serão suscitadas, induzindo-vos a tomar certas medidas adequadas a ativar, enquanto viverdes, o movimento renovador ao qual o Espiritismo conduz. Vosso amigo Demeure, unido ao Espírito de Verdade, vos prestará um concurso mais útil ainda; ele é mais sábio e mais ponderado do que eu; mas como sei que a assistência dos Espíritos bons vos fortalece e sustenta em vosso labor, crede que o meu concurso vos será assegurado sempre e em toda parte.

P. Poder-se-ia deduzir de algumas de vossas palavras que não me dareis uma cooperação muito ativa na propagação do Espiritismo?

R. Enganai-vos. Mas vejo tantos outros Espíritos mais capazes do que eu para tratar desta importante questão, que um invencível sentimento

de timidez me impede, agora, de vos responder conforme o vosso desejo. Talvez isto aconteça; terei mais coragem e ousadia, mas antes é preciso que os conheça melhor. Morri há somente quatro dias; ainda estou sob o efeito do deslumbramento que me rodeia. Não compreendeis, meu amigo? Não consigo expressar as novas sensações que experimento. Tive de violentar-me para subtrair-me da fascinação que sobre o meu ser exercem as maravilhas que admiro. Não posso senão bendizer e adorar a Deus em suas obras. Mas isso passará: os Espíritos me asseguram que logo estarei acostumada com todas essas magnificências, e que então poderei, com minha lucidez de Espírito, tratar de todas as questões relativas à renovação terrestre. Depois pensai, sobretudo neste momento, que tenho uma família para consolar. Adeus e até breve. De vossa boa amiga, que vos ama e sempre vos amará, pois é a vós, mestre, que ela deve a única consolação durável e verdadeira que experimentou na Terra.

Viúva Foulon

III

A comunicação seguinte foi destinada a seus filhos em data de 9 de fevereiro de 1865:

“Meus amantíssimos filhos. Deus tirou-me de junto de vós, mas a recompensa que se dignou conceder-me é bem maior que o pouco que fiz na Terra. Resignai-vos, queridos filhos, às vontades do Altíssimo; tirai, de tudo quanto vos permitiu receberdes, a força para suportar as provações da vida. Tende firme no coração a crença que tanto me facilitou a passagem da vida terrena para aquela que nos aguarda quando saímos desse mundo. Depois da morte, Deus estendeu sobre mim, tal como já o havia feito na Terra, o manto da sua misericórdia infinita. Agradecei-lhe por todos os bens que vos concede. Abençoai-o, meus filhos, bendizei-o sempre, a todo instante. Não percais nunca de vista o objetivo que vos foi indicado, nem o caminho que tendes de trilhar. Meditai sobre a aplicação do tempo que Deus vos concede na Terra. Aí sereis felizes, meus bem-amados, felizes uns pelos outros, desde que a união reine entre vós. Felizes ainda com vossos filhos, se os educardes no bom caminho, naquele que Deus permitiu que vos fosse revelado. Não me podeis ver, é certo; mas convém que saibais que

os elos que aí nos ligavam não se romperam pela morte do corpo, já que não era o envoltório, mas o Espírito que nos unia. É assim que me será possível, pela bondade do Todo-Poderoso, vos guiar e encorajar na vossa jornada, a fim de que mais tarde nos possamos juntar novamente.

“Caros filhos, cultivai carinhosamente esta crença sublime; belos dias serão reservados a vós, que credes. Já vos disseram isso, porém a mim não estava reservado ver esses dias aí na Terra. Será do Alto, pois, que julgarei os belos tempos prometidos pelo Deus de bondade, justiça e misericórdia. Não choreis, meus filhos. Que estas comunicações possam fortalecer a vossa fé, o amor a Deus, esse Deus que tantos benefícios nos dispensou, que tantas e tantas vezes socorreu vossa mãe. Orai sempre: a prece fortalece. Conformai-vos com as prescrições que segui com tanto ardor, quando vivia encarnada entre vós. Voltarei, meus filhos, mas antes é preciso consolar minha pobre filha, que ainda precisa tanto de mim. Adeus, até breve. Crede na bondade do Todo-Poderoso. Oro por vós. Adeus.”

Vivva Foulon

OBSERVAÇÃO – Todo espírita sério e esclarecido facilmente tirará destas comunicações os ensinamentos que delas ressaltam. Só chamaremos a atenção para dois pontos. O primeiro é que este exemplo mostra a possibilidade de não mais se encarnar na Terra e passar daqui a um mundo superior, sem ser por isto separado dos seres afeiçoados que aqui deixamos. Aqueles, pois, que temem a reencarnação, por causa das misérias da vida, podem destas se libertar, fazendo o que é preciso, isto é, trabalhando pelo seu melhoramento. Quem não quiser vegetar nas classes inferiores, deve instruir-se e trabalhar para subir de grau.

O segundo ponto é a confirmação desta verdade: depois da morte estamos menos separados dos seres que nos são caros do que durante a vida. Há alguns dias apenas a Sra. Foulon, retida pela idade e pela enfermidade numa pequena cidade do Sul, não tinha a seu lado senão uma parte da família. Como a maioria dos filhos e dos amigos estava longe, obstáculos materiais se opunham a que os pudesse ver tão frequentemente quanto uns e outros teriam desejado. O grande afastamento tornava mesmo a correspondência rara e difícil para alguns. Tão logo desembaraçada de seu pesado envoltório vai ao encontro de cada um e, sem afadigar-se, transpõe distâncias com a rapidez da eletricidade, os vê, assiste às suas reuniões íntimas, envolve-os com a sua proteção e pode, por meio da mediunidade, entreter-se com

eles a cada instante, como quando viva. E dizer que a este pensamento consolador há gente que prefira a ideia de uma eterna separação!

Um médico russo

O Sr. P..., de Moscovo, era um médico tão eminente pelo saber como pelas qualidades morais. Quem o evocou apenas o conhecia pela fama que o seu nome inspirava, não tendo tido com ele senão relações indiretas. A comunicação original foi dada em idioma russo.

P. (Depois da evocação.) *Estais presente?* – R. Sim. No dia da minha morte vos persegui com a minha presença, mas resististes a todas as tentativas que fiz para escreverdes. As palavras que dissestes a meu respeito levaram-me a vos reconhecer, e daí o desejo de conversar convosco para vos ser útil.

P. *Por que sofrestes tanto, já que éreis tão bom?* – R. Foi uma graça do Senhor, que dessa maneira quis que eu sentisse duplamente o preço da minha libertação e, ao mesmo tempo, progredisse na Terra tanto quanto possível.

P. *A ideia da morte vos causou terror?* – R. Não; eu tinha bastante fé em Deus para que assim não sucedesse.

P. *O desprendimento foi doloroso?* – R. Não. O que denominais de últimos momentos nada é. Senti apenas um rápido abalo, para em seguida encontrar-me feliz por me haver libertado da mísera carcaça.

P. *E que aconteceu depois?* – R. Vi inúmeros amigos aproximando-se de mim, sobretudo os que tive a satisfação de ajudar, dando-me todos as boas-vindas.

P. *Que região habitais? Algum planeta?* – R. Tudo que não seja planeta constitui o que chamais Espaço. É aí que me encontro. Mas quantas graças existem nessa imensidade, das quais o homem não pode fazer ideia! Quantos degraus nessa escada de Jacó que vai da Terra ao Céu, isto é, do aviltamento da encarnação em mundo inferior, como o vosso, até a depuração completa da alma! Aqui onde ora me encontro só se chega depois de uma série enorme de provas, ou seja, depois de muitas encarnações.

P. *Sendo assim, deveis ter tido muitas existências?* – R. Como poderia ser de outro modo? Não há exceções na ordem imutável estabelecida por Deus. A recompensa só pode vir depois da luta vencida. Quanto maior a recompensa, maior a luta, mas a vida humana é tão curta que a luta

apenas se trava por intervalos, que são as diferentes existências sucessivas. Ora, se me encontro num lugar elevado, é porque o alcancei depois de uma série de combates, nos quais Deus me permitiu que saísse vitorioso algumas vezes.

P. *Em que consiste a vossa felicidade?* – R. Isso é mais difícil de vos fazer compreender. A felicidade que desfruto é uma espécie de contentamento extremo de mim mesmo, não pelos meus méritos, o que seria orgulho e marca de Espíritos atrasados, mas um contentamento, por assim dizer, imerso no amor de Deus, no reconhecimento da sua bondade infinita. Em suma, é a alegria que nos infunde o bem, de poder dizer: talvez eu tenha contribuído para o progresso de algumas criaturas que se elevaram ao Senhor. Ficamos como que identificados com o bem-estar, que é uma espécie de fusão do Espírito com a bondade divina. Temos o dom de ver os Espíritos mais adiantados, de compreender-lhes a missão, que também alcançaremos o nível deles; entrevemos, no infinito incomensurável, a região em que mais resplandece o fogo divino, a ponto de deslumbrar-nos, mesmo através do véu que as envolve. Mas que digo? Compreendeis as minhas palavras? Acreditais que esse fogo a que me refiro é comparável ao Sol, por exemplo? Não, não. É uma coisa impossível de dizer ao homem, uma vez que as palavras só exprimem para ele os objetos, as coisas físicas ou metafísicas que conhece de memória ou intuitivamente. Já que o homem não pode guardar na memória o que absolutamente desconhece, não dispõe de termos que possam levar a essa compreensão. Ficai, porém, ciente de que já é uma grande ventura pensar na possibilidade de progredir infinitamente.

P. *Dissestes que queríeis ser útil a mim. Em que, por favor?* – R. Posso ajudar nos vossos desfalecimentos, fortalecer-vos nos momentos de desânimo, consolar nas vossas aflições. Se a vossa fé se abalar e alguma comoção vos perturbar, evocai-me, porque Deus me lembrará do compromisso de vos reconduzir a Ele. Se vos sentirdes prestes a sucumbir sob o peso das más tendências de que vos reconheceis culpados, chamai-me ainda, porque eu vos ajudarei a carregar a vossa cruz, como outrora Jesus foi auxiliado a carregar a sua, aquela que tão solenemente devia proclamar a verdade e a caridade. Se vacilardes ao peso dos próprios dissabores e o desespero se apoderar de vós, ainda uma vez chamai-me para que venha arrancar-vos do abismo, falando-vos espiritualmente, lembrando

deveres impostos, não por considerações sociais ou materiais, mas pelo amor que vos transfundirei na alma, amor que Deus me concedeu em favor dos que por Ele podem salvar-se.

Por certo tendes amigos na Terra, os quais, compartilhando das vossas angústias, talvez já vos tenham socorrido alguma vez. Não os procurais nos momentos de aflição, levando a eles os vossos lamentos e lágrimas, e deles recebendo conselhos, apoio e carícias como provas de afeição? Pois bem! Ficai certo de que no Espaço também podeis ter amigos úteis e prestimosos. É uma consolação poder dizer: quando eu morrer, meus amigos da Terra estarão à minha cabeceira, orando e chorando por mim, enquanto no limiar da vida meus amigos do Espaço irão conduzir-me jubilosamente ao lugar determinado pelos meus méritos e virtudes.

P. *Por que faço jus a essa proteção que quereis dispensar-me?* – R. É porque me afeiçoei a vós desde o dia da minha morte. Eu vos vi como espírita, bom médium e adepto sincero. E como dentre tantos que aí deixei, fostes vós que vi primeiramente, logo me propus contribuir para o vosso progresso. O proveito não é apenas vosso, mas também dos que deveis instruir no conhecimento da verdade. Como vedes, Deus vos ama a ponto de vos fazer missionário. Ao vosso derredor, todos vão partilhando pouco a pouco das vossas crenças. Os mais rebeldes não deixam de vos ouvir e um dia vereis que vos aceitam. Jamais desanimeis; caminhai sempre, apesar dos pedregulhos. Tomai-me por apoio nos momentos de desânimo.

P. *Não me julgo digno de tão grande favor.* –R. Certamente estais bem longe da perfeição. Não obstante, o vosso ardor em propagar as sãs doutrinas; o cuidado em manter a fé dos que vos ouvem; os conselhos que dais sobre a prática da caridade, da bondade e da benevolência, mesmo para os que se conduzem mal convosco; vossa resistência em não se encolerizar, quando seria tão fácil despejar sobre os outros o vosso rancor; tudo isso atenua a maldade que ainda possuí. Convém que o diga: o perdão das ofensas é um dos mais poderosos atenuantes do mal. Deus vos cumula de graças pela faculdade que vos concedeu, e que deveis desenvolver pelo esforço próprio, a fim de cooperardes na salvação do próximo. Vou deixar-vos, porém contaí sempre comigo. Tratai de moderar as ideias terrenas, vivendo o mais possível com os amigos do Espaço.

P..

Bernardin

(Bordeaux, abril de 1862.)

Sou um Espírito esquecido há muitos séculos. Na Terra vivi no opróbrio e na miséria, trabalhando incessantemente para dar à família um pedaço de pão. Amava, porém, o verdadeiro Senhor, e quando o que me oprimia na Terra sobrecarregava o fardo das minhas dores, eu dizia: “Meu Deus, dai-me a força de suportar-lhe o peso sem queixumes.” Expiava, meus amigos. No entanto, ao sair da rude provação, o Senhor recebeu-me na sua santa paz e o meu mais caro voto foi reunir-vos a todos, irmãos e filhos, dizendo: “Por mais cara que a julgueis, a felicidade que vos espera há de suplantar o seu preço.” Filho de numerosa família, jamais tive posição e servi a quem melhor podia auxiliar-me a suportar a existência. Nascido em época de servidão cruel, suportei todas as injustiças, todos os trabalhos penosos, todos os dissabores que os subalternos do Senhor me impuseram. Vi minha mulher ser ultrajada e as filhas raptadas e repudiadas em seguida, tudo sem poder queixar-me; vi levarem meus filhos às guerras de pilhagens e de crimes, para os enforcarem depois por faltas não cometidas. Ah! se soubésseis, pobres amigos, o que padeci na minha longa existência! Eu esperava, contudo, e o Senhor concedeu-me essa felicidade que não existe na Terra. A todos vós, portanto, coragem, paciência e resignação. Tu, meu filho, guarda o que te dei e que é um ensinamento prático. Quem aconselha é sempre mais acatado quando pode dizer: Suportei mais que vós, e suportei sem me queixar.

P. *Em que época vivestes?* – R. De 1400 a 1460.

P. *E tiveste outra existência depois?* – R. Vivi ainda entre vós como missionário da fé, porém da fé pura, verdadeira, provinda de Deus, e não da fé manipulada pelos homens.

P. *E agora, como Espírito, ainda tendes ocupações?* – R. Acreditaríeis então que os Espíritos ficassem inativos? A inação, a inutilidade ser-nos-ia um suplício. A minha missão consiste em guiar centros espíritas, aos quais inspiro bons pensamentos, ao mesmo tempo que me esforço por neutralizar os que são sugeridos pelos Espíritos maus.

Bernardin

Condessa Paula

Bela, jovem, rica e de família ilustre, a condessa Paula era também perfeito modelo de qualidades intelectuais e morais. Faleceu em 1851, com 36 anos. Seu necrológio é daqueles que podem resumir-se nestas palavras, repetidas em todas as bocas: “Por que Deus retira tão cedo essas pessoas da Terra?” Felizes os que assim fazem abençoada a sua memória! Ela era boa, meiga e indulgente, sempre pronta a desculpar ou atenuar o mal, em vez de aumentá-lo. Jamais a maledicência lhe maculara os lábios. Sem arrogância nem austeridade, era, ao contrário, com benevolência e delicada familiaridade que tratava os que lhe eram inferiores, sem quaisquer aparências de superioridade ou de humilhante proteção. Compreendendo que as pessoas que vivem do trabalho não são rendeiros e que, por conseguinte, precisam do dinheiro que se lhes deve, seja pela sua condição, seja para se manterem, jamais reteve o pagamento de um salário. A simples ideia de que alguém pudesse experimentar uma privação, por sua causa, ser-lhe-ia um remorso de consciência. Ela não pertencia ao número dos que sempre encontram dinheiro para satisfazer as fantasias, sem pagarem as próprias dívidas; não podia compreender que houvesse prazer para o rico em ter dívidas, e se julgaria humilhada se lhe dissessem que seus fornecedores eram constrangidos a fazer-lhe adiantamentos. Por isso, só houve pesares por ocasião da sua morte e nenhuma reclamação.

A sua beneficência era inesgotável, mas não essa beneficência convencional que se ostenta à luz do dia. Exercia a caridade do coração, e não a que busca os aplausos do mundo. Só Deus sabe as lágrimas que ela enxugou e os desesperos que acalmou, pois tais virtudes só tinham por testemunhas os infelizes que assistia. Sabia, como ninguém, descobrir os infortúnios ocultos, que são os mais dolorosos, socorrendo-os com aquela delicadeza que eleva o moral em vez de o rebaixar.

Sua posição na sociedade e as altas funções do marido obrigavam-na a lidar com onerosos encargos domésticos, aos quais não podia eximir-se. Satisfazendo plenamente às exigências de sua posição, ela o fazia, contudo, sem avareza e com método, evitando desperdícios e superfluidades, a tal ponto que lhe bastava a metade do que a outrem seria preciso para se desincumbir da mesma tarefa.

E desse modo ela podia reservar uma parte maior da sua fortuna para assistir os necessitados, já que as economias que fazia na administração da

casa lhe permitiam destinar parte dessa fortuna exclusivamente para tal fim, que considerava sagrado. Encontrara, assim, meios de conciliar os seus deveres para com a sociedade e para com os infortúnios.⁷³ Um dos seus parentes, iniciado no Espiritismo, evocou-a doze anos depois de falecida, obtendo a seguinte comunicação em resposta a diversas perguntas:⁷⁴

“Tendes razão, meu amigo, em pensar que sou feliz. Realmente sou feliz, muito mais do que a linguagem pode exprimir, embora ainda esteja longe de atingir o último grau. Estive na Terra entre os felizes, pois não me lembro de aí haver experimentado um só desgosto real. Juventude, saúde, fortuna, consideração, eu tinha tudo o que entre vós constitui a felicidade. O que é, no entanto, essa felicidade, comparada à que desfruto aqui? O que são essas festas esplêndidas, em que na Terra se exibem as mais belas joias, comparadas a estas assembleias de Espíritos resplendentes de brilho que as vossas vistas não suportariam, brilho que é atributo da sua pureza? Que são os vossos palácios e salões dourados comparados a estas moradas aéreas, vastas regiões do Espaço matizadas de cores que ofuscariam o próprio arco-íris? A que se reduzem os vossos passeios nos parques, comparados aos percursos da imensidade, mais rápidos que o relâmpago? E que dizer desses horizontes nebulosos e limitados, comparados ao espetáculo de mundos a se moverem no universo infinito ao influxo do Altíssimo? Como são monótonos os vossos concertos mais harmoniosos em relação à suave melodia que faz vibrar os fluidos do éter e todas as fibras da alma! E como são tristes e insípidas as vossas maiores alegrias comparadas à sensação inefável de felicidade que nos satura todo o ser como um eflúvio benéfico, sem mescla de inquietação, de apreensão, de sofrimento?! Aqui tudo transpira amor, confiança, sinceridade; por toda parte corações amantes, amigos por toda parte! Em parte alguma invejosos e ciumentos! É este o mundo em que me encontro, meu amigo, e ao qual chegareis infalivelmente, se seguiredes o reto caminho da vida.

“Entretanto, a felicidade uniforme logo fatigaria; não acrediteis, pois, que a nossa seja isenta de peripécias: nem concerto perene, nem festa interminável, nem beatífica contemplação por toda a eternidade, mas o

⁷³ Nota de Allan Kardec: Pode-se dizer que essa senhora era o retrato vivo da mulher caridosa referida em *O evangelho segundo o espiritismo*, capítulo XIII, item 4, Os infortúnios ocultos.

⁷⁴ Nota de Allan Kardec: Desta comunicação, cujo original é em alemão, extraímos os tópicos que interessam ao assunto de que nos ocupamos, suprimindo os detalhes de natureza exclusivamente familiar.

movimento, a vida, a atividade. As ocupações, embora livres de fadiga, apresentam incessante variedade de aspectos e emoções pelos mil e um incidentes que se lhes associam. Cada qual tem sua missão a cumprir, protegidos a velar, amigos terrenos a visitar, mecanismos da natureza a dirigir, almas sofredoras a consolar; é um vaivém contínuo, não de uma rua a outra, porém de um a outro mundo; reunimo-nos, separamo-nos para novamente nos juntarmos; encontramos-nos aqui e ali, conversamos sobre o que fizemos, felicitamo-nos pelos êxitos obtidos; ajustamo-nos, assistimo-nos mutuamente nos casos difíceis. Finalmente, asseguro-vos que ninguém tem tempo para enfadar-se por um segundo que seja.

“Neste momento, a Terra é a nossa grande preocupação. Quanto movimento entre os Espíritos! Quão numerosas são as falanges que aí afluem, a fim de lhe auxiliarem o progresso e a evolução! Dir-se-ia uma nuvem de trabalhadores ocupados em destrinçar uma floresta, sob as ordens de chefes experimentados; uns abatem troncos seculares e lhes arrancam as raízes profundas; outros desbravam o terreno, cultivam terra e edificam a nova cidade sobre as ruínas carcomidas do Velho Mundo. Durante esse tempo, os chefes se reúnem e transmitem suas ordens por intermédio de mensageiros, em todas as direções. A Terra deve regenerar-se em dado tempo, pois é preciso que os desígnios da Providência se realizem. É por isso que cada um toma parte na grande obra. Não me julgueis simples expectadora desta grande empresa; eu teria vergonha de permanecer inativa, quando tanta gente nela trabalha. Importante missão me foi confiada e me esforço por cumpri-la da melhor forma possível.

“Não foi sem luta que alcancei a posição que ora ocupo na vida espiritual; e ficai certo de que a minha última existência, por mais meritória que vos pareça, não era por si só bastante para tanto. Durante várias existências passei por provas de trabalho e miséria que voluntariamente havia escolhido para fortalecer e depurar a minha alma; tive a felicidade de sair vitoriosa dessas provas, mas restava uma, de todas a mais perigosa: a da fortuna e do bem-estar material, *um bem-estar sem sombras de desgosto*. Nisso consistia o perigo. Antes de o tentar eu quis sentir-me bastante forte para não succumbir. Deus levou em conta as minhas boas intenções e concedeu-me a graça do seu auxílio. Muitos outros Espíritos, seduzidos pelas aparências, apressam-se por escolher essa prova, mas, fracos para afrontar-lhe os perigos, deixam que as seduções do mundo triunfem sobre a sua inexperiência.

“Trabalhadores! Estou nas vossas fileiras: eu, a dama nobre, ganhei o pão, assim como vós, com o suor do meu rosto; passei privações, sofri reveses e foi isso que me retemperou as forças da alma; do contrário eu teria falido na última prova, o que me teria deixado para trás na minha carreira. Como eu, também tereis a vossa prova da riqueza, mas não vos apresseis em pedi-la cedo demais. E vós, que sois ricos, tende sempre em mente que a verdadeira fortuna, a fortuna imperecível, não existe na Terra; procurai antes saber o preço pelo qual podeis alcançar os benefícios do Todo-Poderoso.”

Paula, na Terra Condessa de...

Jean Reynaud

(Sociedade Espírita de Paris – Comunicação espontânea.)

“Meus amigos, como é magnífica esta nova vida! Semelhante a luminosa torrente, arrasta no seu curso imenso as almas sequiosas do infinito! Após a ruptura dos laços carnis, meus olhos abarcaram os novos horizontes que me cercam e pude fruir das esplêndidas maravilhas do infinito! Passei das sombras da matéria à aurora deslumbrante que anuncia o Todo-Poderoso. Estou salvo, não pelo mérito de minhas obras, mas pelo conhecimento do princípio eterno, que me fez evitar as máculas impressas pela ignorância na própria humanidade. Minha morte foi abençoada; meus biógrafos a julgaram prematura. Ah! os cegos! Lamentarão alguns escritos nascidos da poeira e não compreenderão o quanto é útil, para a santa causa do Espiritismo, o pouco ruído que se faz em torno do meu túmulo recém-fechado. Minha obra estava terminada; meus antecessores abriram o caminho; eu havia alcançado este ponto culminante em que o homem deu o que tinha de melhor e onde não faz mais que recomeçar. Minha morte desperta a atração dos letrados sobre a minha obra capital, que interessa à grande questão espírita, que eles fingem desconhecer, mas que muito em breve os empolgará. Glória a Deus! Ajudado pelos Espíritos superiores, que protegem a nova doutrina, serei um dos batedores que assinalam a vossa estrada.”

Jean Reynaud

(Paris; reunião familiar. Outra comunicação espontânea.)

O Espírito responde a uma reflexão sobre sua morte inesperada, em idade pouco avançada, o que surpreendeu a muita gente:

“Quem me diz que a minha morte não foi um benefício para o Espiritismo, para o seu futuro, para as suas conseqüências? Notastes, meu amigo, a marcha que segue o progresso, o caminho que toma a fé espírita? Deus, primeiramente, deu provas materiais: dança das mesas, batidas e toda sorte de fenômenos; era para chamar a atenção; era um preâmbulo divertido. Para crer, os homens necessitam de provas palpáveis. Agora a coisa é completamente diferente. Após os fatos materiais, Deus fala à inteligência, ao bom senso, à razão fria; já não se trata de manifestações de força, mas de coisas racionais, que devem convencer e até congregar os incrédulos mais obstinados. E isto é apenas o começo. Notai bem o que vos digo: toda uma série de fatos inteligentes, irrefutáveis vão seguir-se, e o número dos adeptos da fé espírita, já tão grande, vai aumentar ainda mais. Deus vai conquistar as inteligências de escol, as sumidades do espírito, do talento e do saber. Será um raio luminoso a espalhar-se por toda a Terra, como um fluido magnético irresistível, impelindo os mais recalcitrantes à busca do infinito, ao estudo dessa admirável ciência, que nos ensina máximas tão sublimes. Todos vão agrupar-se em torno de vós e, abstração feita do diploma de gênio que lhes havia sido dado, vão fazer-se humildes e pequenos, para que aprendam e se convençam. Depois, mais tarde, quando estiverem bem instruídos e bem convencidos, servir-se-ão de sua autoridade e da fama de seus nomes para levar mais longe ainda, aos seus últimos limites, a meta a que todos vos propusestes: a regeneração da espécie humana pelo conhecimento raciocinado e aprofundado das existências passadas e futuras. Eis a minha sincera opinião sobre o estado atual do Espiritismo.”

(Bordeaux)

EVOCACÃO – Atendo com prazer ao vosso apelo, senhora. Sim, tendes razão: a bem dizer, a perturbação espiritual não existiu para mim (isso correspondia ao pensamento do médium). Exilado voluntariamente em

vossa Terra, onde deveria lançar a primeira semente séria das grandes verdades, que atualmente envolvem o mundo, sempre tive consciência da pátria e logo me reconheci em meio aos meus irmãos.

P. Agradeço-vos por terdes vindo. Mas não acreditava que meu desejo de conversar tivesse alguma influência sobre vós. Deve haver, necessariamente, tão grande diferença entre nós, que só penso nisto com respeito.

R. Obrigado, minha filha, por este bom pensamento. Mas deveis saber também, seja qual for a distância que entre nós se possa estabelecer quanto às provas acabadas, mais ou menos prontamente, mais ou menos felizes, que há sempre um laço poderoso a nos unir: a simpatia; e este laço vós o apertastes pelo vosso pensamento constante.

P. Apesar de muitos Espíritos terem explicado suas primeiras sensações ao despertar, teríeis a bondade de me dizer o que experimentastes ao vos reconhecer, e como se operou a separação entre o Espírito e o corpo?

R. Do mesmo modo que para todas as pessoas. Senti o momento da separação aproximar-se; contudo, mais feliz que muitos, não me causou angústia, posto que lhe conhecia os resultados, embora fossem ainda maiores do que eu pensava. O corpo é um entrave às faculdades espirituais e, sejam quais forem as luzes que se tenha conservado, são sempre mais ou menos abafadas pelo contato da matéria. Adormeci esperando um despertar feliz; o sono foi curto, a admiração imensa! Desdobrados aos meus olhos, os esplendores celestes brilhavam com toda a sua magnificência. Meu olhar maravilhado mergulhava nas imensidades desses mundos, cuja existência e habitabilidade eu afirmara. Era uma miragem que me confirmava a verdade de meus sentimentos. Por mais seguro que se julgue o homem ao falar, às vezes tem no fundo do coração momentos de dúvida, de incerteza; desconfia, se não da verdade que proclama, pelo menos dos meios imperfeitos que emprega para a demonstrar. Convencido da verdade que queria que admitissem, muitas vezes tive de combater contra mim mesmo, contra o desânimo de ver, de tocar, por assim dizer, a verdade, e de não poder torná-la palpável aos que teriam tanta necessidade de nela crer para marchar com segurança na estrada que devem seguir.

P. Em vida professáveis o Espiritismo?

R. Entre professar e praticar há grande diferença. Muita gente professa uma doutrina que não pratica; eu praticava e não professava. Assim como todo homem que segue as leis do Cristo é cristão, ainda que não as

conhecesse, também todo homem pode ser espírita, contanto que creia em sua alma imortal, em suas preexistências, em sua marcha progressiva incessante, em suas provas terrestres e nas abluções necessárias para se depurar. Eu acreditava nisto; era, pois, espírita. Compreendi a erraticidade, este laço intermediário entre as encarnações, esse purgatório onde o Espírito culpado se despoja de suas vestes sujas para se revestir de uma outra, em que o Espírito em progresso *tece* com cuidado a túnica que vai usar novamente e que deseja conservar pura. Como vos disse, compreendi e, sem professar, continuei a praticar.

OBSERVAÇÃO – Estas três comunicações foram obtidas por três médiuns diferentes, completamente estranhos entre si. Não temos nenhuma prova material da identidade do Espírito que se manifestou, porém, pela analogia dos pensamentos, pela forma da linguagem, podemos admitir, ao menos, a presunção de identidade. A expressão *tece com cuidado a túnica que vai usar novamente* é uma encantadora figura que pinta a solicitude com a qual o Espírito em progresso prepara a nova existência que o deve fazer progredir. Os Espíritos atrasados são menos cautelosos e, por vezes, fazem escolhas infelizes que os forcem a recomeçar.

Antoine Costeau

Membro da Sociedade Espírita de Paris, sepultado em 12 de setembro de 1863 no cemitério de Montmartre, em vala comum. Era um homem de coração que o Espiritismo reconduzia a Deus. Sua fé no futuro era completa, sincera e profunda. Simples calceteiro,⁷⁵ praticava a caridade por pensamentos, palavras e obras, consoante os poucos recursos de que dispunha, pois sempre achava meios de assistir os que tinham menos do que ele. Se a Sociedade de Paris não lhe adquiriu uma sepultura particular, foi porque lhe pareceu dever antes empregar mais utilmente o dinheiro em benefício dos vivos do que em vãs satisfações do amor-próprio, além de que nós, os espíritas, sabemos melhor que ninguém que a vala comum é, tanto quanto os mais suntuosos mausoléus, uma porta aberta para o céu.

O Sr. Canu, secretário da Sociedade, outrora profundo materialista, pronunciou sobre o túmulo a seguinte alocução:

⁷⁵ N.E.: Trabalhador que calça ruas e outros caminhos com pedras ou paralelepípedos, ou que reveste calçadas com as chamadas pedras portuguesas.

“Caro irmão Costeau, há apenas alguns anos, muitos de nós, e confesso que eu era o primeiro, não teríamos visto ante esta cova aberta senão o fim das misérias humanas e, depois, o nada, o terrível nada, isto é, nada de alma para merecer ou expiar e, conseqüentemente, nada de Deus para recompensar, castigar ou perdoar. Hoje, graças à nossa divina doutrina, aqui vemos o fim das provas, e para vós, caro irmão, cujos despojos mortais restituímos à Terra, o triunfo de vossos labores e o começo da merecida recompensa pela vossa coragem, pela vossa resignação, pela vossa caridade, numa palavra, pelas vossas virtudes e, acima de tudo, vemos a glorificação de um Deus sábio, Todo-Poderoso, justo e bom. Levai, pois, caro irmão, nossas ações de graças aos pés do Eterno, que se dignou dissipar à nossa volta as trevas do erro e da incredulidade, porque, ainda pouco tempo atrás, nesta circunstância, nós vos teríamos dito, com a fronte abatida e o coração desalentado: Adeus, amigo, para sempre. Hoje vos dizemos, com a fronte erguida e radiante de esperança, o coração cheio de coragem e amor: Caro irmão, até mais ver; orai por nós.”⁷⁶

Um dos médiuns da Sociedade obteve ali mesmo sobre a sepultura, ainda entreaberta, a seguinte comunicação, ouvida por todos os presentes, inclusive os coveiros, de *cabeça descoberta* e com profunda emoção. Era, realmente, um espetáculo novo e surpreendente esse de ouvir palavras de um morto, recolhidas do seio do próprio túmulo:

“Obrigado, meus amigos, obrigado. Minha sepultura ainda não está fechada e, no entanto, mais um segundo e a terra vai cobrir meus despojos. Mas vós o sabeis, sob esta poeira minha alma não será enterrada: vai planar no Espaço para subir a Deus! Assim, como é consolador poder dizer ainda, apesar do invólucro partido: Oh! não, não estou morto! Vivo a verdadeira vida, a vida eterna!

“O enterro do pobre não tem grandes cortejos. Orgulhosas manifestações não correm sobre o seu túmulo; e, contudo, amigos, crede-me, *imensa multidão aqui não falta* e os Espíritos bons seguiram convosco e com essas mulheres piedosas o corpo que aí jaz estendido! Pelo menos todos acreditais e amais o bom Deus!

“Oh! certo que não! Não morremos só porque o nosso corpo se aniquila, esposa bem-amada! Doravante estarei sempre ao teu lado, para te

⁷⁶ Nota de Allan Kardec: Para mais detalhes, e outros discursos, veja-se a *Revista espírita* de outubro de 1863.

consolar e te ajudar a suportar a prova. A vida será rude para ti, mas com a ideia da eternidade e do amor de Deus plenificando o teu coração, como te serão leves os sofrimentos! Parentes que amparais minha bem-amada companheira, amai-a, respeitai-a; sede para ela irmãos e irmãs. Não vos esqueçais de que na Terra todos vos deveis assistência, se quiserdes entrar na morada do Senhor.

“E vós, espíritas, irmãos amigos, obrigado por terdes vindo dizer-me adeus até esta morada de pó e lama; mas sabeis, sabeis perfeitamente que minha alma vive para a imortalidade e que irá algumas vezes vos pedir preces, que não me serão recusadas, para me ajudar a marchar nesta via magnífica que me abristes durante a vida. Adeus a todos que aqui estais; poderemos nos rever noutro lugar que não neste túmulo. As almas me chamam a conferenciar. Oraí pelos que sofrem. Até mais ver.”

Costeau

Três dias mais tarde, evocado num grupo particular, o Espírito Costeau ditou a seguinte comunicação, por outro médium:

“A morte é a vida. Não faço mais que repetir o que já disseram, mas para vós não há outra expressão senão esta, a despeito do que afirmam os materialistas, os que preferem ficar cegos. Oh! meus amigos, que belo espetáculo sobre a Terra, o de ver tremular os estandartes do Espiritismo! Ciência profunda, imensa, da qual apenas soletrais as primeiras palavras! Quantas claridades ela traz aos homens de boa vontade, aos que romperam as terríveis cadeias do orgulho, para proclamar bem alto a sua crença em Deus! Oraí, homens, rendeí graças por tantos benefícios. Pobre humanidade! Ah! se te fora dado compreender!... Mas não, que o tempo não é chegado ainda, no qual a misericórdia do Senhor deve estender-se por sobre todos os homens, a fim de lhe reconhecerem as vontades e a elas se submeterem.

“É por teus raios luminosos, ciência bendita, que eles lá chegarão e compreenderão. Ao teu calor benéfico aquecerão os corações, tonificando-os no fogo divino, portador de consolações, como de fé. Aos teus raios vivificantes, *o mestre e o operário* virão confundir-se e identificar-se, compenetrados dessa caridade fraterna preconizada pelo divino Messias.

“Oh! meus irmãos, pensai na felicidade imensa que possuíis como primeiros iniciados na obra da regeneração. Honra vos seja feita, amigos!

Prossigui e um dia, como eu, vendo a pátria dos Espíritos, exclamareis: *A morte é a vida*; ou antes um sonho, espécie de pesadelo que dura o espaço de um minuto e do qual despertamos para nos vermos rodeados de amigos que nos felicitam, contentes por nos abraçarem. Tão grande foi a minha ventura, que eu não podia compreender que Deus me destinasse tantas graças em troca do pouco que fiz. Parecia-me sonhar, e como outra me acontecia sonhar que estava morto, temi por instantes ser obrigado a voltar ao infeliz corpo, mas não tardou que me desse conta da realidade e rendesse graças a Deus. Eu bendizia o mestre que tão bem soube inculcar-me os deveres de homem que crê na vida futura. Sim, eu o bendizia e lhe agradecia, pois *O livro dos espíritos* despertara em minha alma os impulsos de amor ao Criador.

“Obrigado, meus bons amigos, porque me atraístes para junto de vós. Dizei aos nossos irmãos que estou muitas vezes com o nosso Sanson. Até outro dia e coragem, porque o triunfo vos espera. Felizes os que houverem tomado parte no combate!”

Daí por diante, o Sr. Costeau manifestou-se constantemente, na Sociedade de Paris e em outras reuniões, dando sempre provas dessa elevação de pensamentos que caracteriza os Espíritos adiantados.

Emma Livry

A Srta. Emma Livry morreu na flor da idade, após cruéis sofrimentos, em consequência de um acidente causado por fogo. Alguém se propusera solicitar a sua evocação na Sociedade Espírita de Paris, quando ela se apresentou espontaneamente a 31 de julho de 1863, pouco tempo depois de haver morrido.

“Eis-me aqui ainda no cenário do mundo, eu que me julgava sepultada para sempre no véu da inocência e da juventude. Na minha fé católica, pensei que o fogo da Terra me salvaria do fogo do inferno e, se não ousava entrever os esplendores do paraíso, minha alma trêmula se refugiava na expiação do purgatório, enquanto eu orava, sofria e chorava. Mas quem dava ao ânimo abatido a força de suportar as angústias? Quem, nas longas noites de insônia e de febre dolorosa, se inclinava sobre o leito de martírios? Quem me refrescava os lábios sedentos? Éreis vós, meu anjo da guarda, cuja auréola branca me cercava; e éreis vós

outros, Espíritos caros e amigos, que vínheis murmurar ao meu ouvido palavras de esperança e de amor.

“A chama que consumia meu pobre corpo também me despojou das suas cadeias e, assim, *morri vivendo já a verdadeira vida*. Não experimentei a perturbação; entrei serena e recolhida no dia radioso que envolve os que, depois de muito terem sofrido, souberam esperar um pouco. Minha mãe, minha querida mãe foi a última vibração terrestre que me repercutiu na alma. Como gostaria que ela se tornasse espírita! Despedi-me da Terra qual fruto maduro que se destacasse da árvore antes do tempo. Eu não tinha sido tocada pelo demônio do orgulho, que fere as almas desditosas, arrasadas pelos sucessos embriagadores e brilhantes da juventude.

“Bendigo, pois, o fogo, o sofrimento, a prova, que não passavam de expiação. Semelhante a esses brancos e leves fios do outono, flutuo na torrente luminosa, e não são mais as estrelas de diamante que brilham na minha frente, mas as estrelas de ouro do bom Deus.”

Emma Livry

No dia 30 de julho de 1863 o mesmo Espírito deu espontaneamente a seguinte comunicação, a partir de outro Centro Espírita do Havre:

“Deus recompensa na outra vida os que sofrem na Terra. Ele é todo justiça e misericórdia para os que sofrem nesse mundo. Concede-lhes uma felicidade tão pura e tão perfeita que não se deveria temer os sofrimentos nem a morte, se fosse possível às pobres criaturas humanas sondar os seus misteriosos desígnios. Mas a Terra é um lugar de provas imensas, quase sempre repletas de dores atrozes. Resignai-vos, se elas vos ferirem; inclinai-vos diante da suprema bondade do Todo-Poderoso, se Ele vos sobrecarregar de pesados fardos. E, quando vos chamar a si, depois de cruéis sofrimentos, vereis na outra vida, que é a vida verdadeira, quão insignificantes eram as provas e dores que sofrestes na Terra. Só então sereis capaz de julgar a recompensa que Deus vos reserva, caso a queixa e o murmúrio não tenham penetrado os vossos corações. Bem jovem ainda deixei a Terra; Deus houve por bem me perdoar e me dar a vida dos que respeitaram suas vontades. Adorai sempre a Deus; amai-o de todo o coração; orai sempre, orai firmemente, Ele é o vosso amparo na Terra, a vossa esperança, a vossa salvação.”

Emma Livry

Dr. Vignal

Antigo membro da Sociedade de Paris, falecido em 27 de março de 1865. Na véspera do enterro, um sonâmbulo lúcido e ótimo vidente, a quem se solicitara que se transportasse para junto dele e narrasse o que visse, respondeu o seguinte:

“Vejo um cadáver no qual se opera um trabalho extraordinário. Dir-se-ia uma massa que se agita e como algo que faz esforços para se libertar dela, mas que tem dificuldade em vencer a resistência. Não distingo forma de Espírito bem determinada.”

Foi evocado na Sociedade de Paris no dia 31 de março.

P. Caro Sr. Vignal, todos os vossos antigos colegas da Sociedade de Paris guardaram de vós a melhor lembrança, e eu, particularmente, a das boas relações, aliás nunca interrompidas. Chamando-vos ao nosso meio, tivemos por objetivo, antes de tudo, dar-vos um testemunho de simpatia. Ficaremos muito felizes se quiserdes ou se puderdes palestrar conosco.

R. Caro amigo e digno mestre, vossa boa lembrança e vossos testemunhos de simpatia me sensibilizam bastante. Se hoje posso vir até vós e assistir, livre e desprendido, a esta reunião de todos os nossos bons amigos e irmãos espíritas, é graças ao vosso bom pensamento e à assistência que vossas preces me trouxeram. Como dizia com justeza o meu jovem secretário, eu estava muito impaciente para me comunicar; desde o começo desta noite empreguei todas as minhas forças espirituais para dominar este desejo. Vossas conversas e as graves questões que discutistes interessaram-me vivamente e tornaram minha espera menos penosa. Perdoai, caro amigo, mas precisava manifestar o meu reconhecimento.

P. Inicialmente, dissei como vos encontrais no mundo dos Espíritos. Ao mesmo tempo, tende a bondade de descrever o trabalho da separação, as sensações desse momento, bem como o tempo necessário para recobardes a razão.

R. Estou tão feliz quanto se pode ser, quando vemos se confirmarem plenamente todos os pensamentos secretos que se pode ter emitido sobre uma doutrina consoladora e reparadora. Sou feliz, sim, porque agora vejo sem qualquer obstáculo desdobrar-se à minha frente o futuro da ciência e da filosofia espíritas.

Afastemos, porém, essas digressões inoportunas. Virei novamente vos entreter a respeito, sabendo que minha presença vos dará tanto prazer

quanto eu mesmo experimento em vos visitar. O desligamento foi muito rápido; mais rápido do que meu pouco mérito permitia esperar. Fui auxiliado poderosamente por vosso concurso, e vosso sonâmbulo vos deu uma ideia muito clara do fenômeno da separação, para que eu insistia na mesma tecla. Era uma sorte de oscilação intermitente, uma espécie de arrebatamento em dois sentidos opostos. O Espírito triunfou, já que estou aqui. Só deixei o corpo completamente quando ele baixou à Terra. Vim convosco.

P. *Que pensais do serviço prestado nos vossos funerais? Julguei um dever estar presente. Naquele momento estáveis bastante desprendido para vê-lo, e as preces que eu disse em vossa intenção (não ostensivas, naturalmente) chegaram até vós?*

R. Sim. Como vos disse, vossa assistência foi de grande importância, e voltei a vós, abandonando completamente minha velha crisálida. Como bem o sabeis, as coisas materiais pouco me tocam. Eu só pensava na alma e em Deus.

P. *Creio que vos lembrais do estudo que fizemos a vosso respeito em 1860, isto é, cinco anos atrás.⁷⁷ Nessa ocasião, quando ainda estáveis entre nós, o vosso Espírito desprendeu-se para vir conversar conosco. Podeis descrever-nos da melhor forma possível a diferença existente entre o vosso desprendimento atual e o de então?*

R. Sim, certamente; eu me lembro. Mas que diferença entre o meu estado de então e o de hoje! Naquele tempo, a matéria ainda me constringia com a sua malha inflexível. Eu queria me desligar de maneira mais absoluta e não podia. Hoje sou livre. Um vasto campo, o do desconhecido, abre-se à minha frente e, com a vossa ajuda e a dos Espíritos bons, aos quais me recomendo, espero avançar e me compenetrar o mais rapidamente possível dos sentimentos que devo experimentar e dos atos que preciso realizar para suportar as provações e merecer a recompensa. Que majestade! Que grandeza! É quase um sentimento de temor que predomina, porquanto, fracos como somos, queremos fixar as sublimes claridades.

P. *Para nós será um prazer continuarmos esta conversa, sempre que o quiserdes.*

R. Respondi sucintamente e sem sequência às vossas diversas perguntas. Não exijais ainda muito do vosso fiel discípulo, pois não estou

⁷⁷ Nota de Allan Kardec: Veja-se a *Revista espírita* de março de 1860.

inteiramente livre. Conversar, conversar ainda seria a minha felicidade; meu guia modera meu entusiasmo e já pude apreciar bastante a sua bondade e a sua justiça, para me submeter inteiramente à decisão dele, por mais pesar que eu sinta em ser interrompido. Consolo-me pensando que poderei vir muitas vezes assistir incógnito às vossas reuniões. Falarei convosco algumas vezes; amo-vos e quero prová-lo. Entretanto, outros Espíritos mais adiantados reclamam prioridade; devo, pois, curvar-me àqueles que me permitiram dar livre curso à torrente das ideias acumuladas.

Deixo-vos, amigos, e devo agradecer duplamente, não só a vós, espíritos, que me chamastes, mas também ao Espírito que permitiu que eu tomasse o seu lugar e que, em vida, usava o ilustre nome de Pascal.

Aquele que foi e será sempre o mais devotado de vossos adeptos.

Dr. Vignal

Victor Lebuffe

Humilde trabalhador do porto do Havre, falecido aos 20 anos. Morava com a mãe, modesta mercadora, a quem prodigalizava os mais ternos e afetuosos cuidados, sustentando-a com o produto do seu rude trabalho. Nunca o viram frequentar cabarés nem se entregar aos excessos tão comuns da sua profissão, por não querer desviar a menor parcela de salário do fim piedoso que lhe destinava. Consagrava à mãe todo o lazer de que dispunha, a fim de poupá-la de fadigas. Afetado há muito tempo de enfermidade da qual sabia que havia de morrer, ocultava-lhe os sofrimentos para não a inquietar e para que ela não quisesse privá-lo da sua parte de labor. Na idade das paixões, eram precisos a esse moço grande cabedal de qualidades morais e poderosa força de vontade para resistir às perniciosas tentações do meio em que vivia. Sinceramente piedoso, a sua morte foi motivo de edificação para muita gente.

Na véspera de morrer, exigiu que sua mãe fosse repousar um pouco, alegando que ele mesmo também precisava dormir. Já no leito, a mãe teve uma visão; achava-se, disse, em *plena escuridão*, quando viu um ponto luminoso que crescia pouco a pouco, até que o quarto ficou iluminado por brilhante claridade, da qual se destacava radiante a figura do filho,

elevando-se no Espaço infinito. Compreendeu, então, que seu fim estava próximo e, de fato, no dia seguinte, aquela alma bem formada deixava a Terra, enquanto seus lábios murmuravam uma prece.

Uma família espírita, conhecedora da sua bela conduta, interessando-se por sua mãe, que ficara sozinha, teve a ideia de o evocar pouco tempo após a morte, mas ele se manifestou espontaneamente, dando a seguinte comunicação:

“Desejais saber como estou agora: feliz, felicíssimo! Devem ser levados em conta os sofrimentos e angústias, que são a fonte das bênçãos e da felicidade de além-túmulo. A felicidade! Ah! não compreendeis o que significa essa palavra. Quão longe estão as venturas terrenas das que experimentamos ao regressar para Jesus, com a consciência pura, com a confiança do servo cumpridor do seu dever e que espera cheio de alegria a aprovação daquele que é tudo!

“Ah! meus amigos, a vida é penosa e difícil, quando não se tem em vista o seu fim; mas eu vos digo, em verdade, que quando vierdes para junto de nós, se seguirdes a Lei de Deus, sereis recompensados além, mas muito além dos sofrimentos e méritos que porventura julgardes ter adquirido para a outra vida. Sede bons e caridosos, dessa caridade tão desconhecida entre os homens, que se chama benevolência. Socorrei os vossos semelhantes; fazei por eles mais que por vós mesmos, uma vez que ignorais a miséria alheia e conheceis a vossa. Socorrei minha pobre mãe, único pesar que me vem da Terra. Ela deve passar por outras provas antes de chegar ao céu. Adeus, vou vê-la.”

Victor

O GUIA DO MÉDIUM – Nem sempre os sofrimentos amargados na Terra constituem uma punição. Os Espíritos que, pela vontade de Deus, baixam à Terra para cumprirem uma missão, são, tal como este, felizes em provar males que para outros seriam uma expiação. O sono os revigora perante o Altíssimo, dando-lhes a força de tudo suportarem para sua maior glória. A missão deste Espírito, em sua última existência, não era das mais importantes, porém, por mais obscura que fosse nem por isso tinha menos mérito, visto que ele não podia ser estimulado pelo orgulho. Aquele jovem tinha, antes de tudo, um dever de gratidão a cumprir para com aquela que foi sua mãe; depois, deveria demonstrar que nos piores ambientes podem

encontrar-se almas puras, de sentimentos nobres e elevados, capazes de resistir a todas as tentações. Isso é uma prova de que as qualidades morais têm causas anteriores, e de que tal exemplo não foi em vão.

Anaïs Gourdon

Jovem mulher, notável pela doçura de caráter e pelas mais eminentes qualidades morais, falecida em novembro de 1860. Pertencia a uma família de trabalhadores das minas de carvão nos arredores de Saint-Étienne, circunstância importante para que melhor se possa apreciar a sua evocação. Evocada a pedido do pai e do marido.

EVOCACÃO – R. Eis-me aqui.

P. *Vosso marido e vosso pai pediram-me que vos chamasse e se sentirão felizes em obter uma comunicação vossa.*

R. Também estou muito feliz em poder dá-la.

P. *Por que fostes arrancada tão cedo ao convívio da família?*

R. Porque as minhas provas terrestres chegaram ao fim.

P. *Ides vê-los algumas vezes?*

R. Oh! Estou incessantemente junto deles.

P. *Sois feliz como Espírito?*

R. Sou feliz. Amo e espero; os céus não constituem terror para mim e aguardo, confiante e com amor, que as brancas asas me conduzam até eles.

P. *Que entendeis por essas asas?*

R. Entendo tornar-me Espírito puro e resplandecer como os mensageiros celestes, que me deslumbram.

As asas dos anjos, arcanjos e serafins, que são Espíritos puros, não passam, evidentemente, de um atributo imaginado pelos homens para descrever a rapidez com a qual se transportam, uma vez que a sua natureza etérea os dispensa de qualquer sustentáculo para percorrer os espaços. Contudo, podem aparecer aos homens com esse acessório e, assim, corresponderem ao pensamento destes, do mesmo modo que outros Espíritos tomam a aparência que tinham na Terra, para se fazerem mais bem conhecidos.

P. *Vossos parentes podem fazer algo que vos seja agradável?*

R. Podem; esses entes queridos não devem mais me entristecer com a visão de seus pesares, pois sabem que não estou perdida para eles.

Que meu pensamento lhes seja suave, leve e perfumado em sua lembrança. Transitei na vida como uma flor, e nada de triste deve subsistir de minha rápida passagem.

P. *Como se explica que a vossa linguagem seja tão poética e tão pouco relacionada com a posição que tínheis na Terra?*

R. Porque é minha alma que fala. Sim, eu tinha conhecimentos adquiridos e, muitas vezes, *Deus permite que Espíritos delicados se encarnem entre os homens mais rudes para lhes fazerem pressentir as delicadezas que atingirão e que mais tarde compreenderão.*

Sem esta explicação, tão lógica e tão conforme à solicitude de Deus para com as suas criaturas, dificilmente nos daríamos conta do que, à primeira vista, poderia parecer uma anomalia. Com efeito, que há de mais gracioso e poético que a linguagem do Espírito dessa jovem senhora, educada em meio aos mais rudes trabalhos? Dá-se o contrário muitas vezes; são Espíritos inferiores, encarnados entre homens mais adiantados, mas com objetivo oposto. É em vista de seu próprio adiantamento que Deus os põe em contato com um mundo esclarecido e, algumas vezes, para servirem também de prova a esse mesmo mundo. Que outra filosofia pode resolver tais problemas?

Maurice Gontran

Maurice Gontran era filho único. Faleceu aos 18 anos, vitimado por uma afecção pulmonar. Inteligência rara, razão precoce, grande amor ao estudo, caráter doce, terno e simpático, possuía todas as qualidades que fazem prever brilhante futuro. Com grande êxito terminara muito cedo os primeiros estudos, matriculando-se em seguida na Escola Politécnica. A sua morte causou aos pais uma dessas dores que deixam traços profundos e dolorosos, visto que, tendo sido sempre de compleição muito delicada, lhe atribuíam o fim prematuro ao trabalho de estudos a que fora submetido. E por isso diziam: “De que lhe serve agora tudo o que aprendeu? Teria sido melhor que se conservasse ignorante, pois não precisava da ciência para viver. Não fossem os estudos e estaria, sem dúvida, entre nós, para consolo da nossa velhice.”

Se houvessem conhecido o Espiritismo, por certo teriam raciocinado de outra forma. Nele encontraram, mais tarde, a verdadeira consolação. O ditado seguinte foi dado pelo rapaz a um dos seus amigos, alguns meses depois da morte:

P. *Meu caro Maurice, a terna afeição que dedicáveis a vossos pais leva-me à convicção de que desejais reconfortar-lhes o ânimo, caso esteja ao vosso alcance fazê-lo. O pesar, para não dizer desespero, em que a vossa morte os mergulhou, altera-lhes visivelmente a saúde, fazendo que encarem a vida com desgosto. Algumas palavras de consolo poderão certamente fazer renascer-lhes a esperança.*

R. Meu velho amigo, esperava com impaciência esta ocasião, que ora me ofereceis, de comunicar-me. A dor de meus pais me aflige, porém, ela se acalmará quando tiverem certeza de que não estou perdido para eles; aproximai-vos deles a fim de os convencer desta verdade, o que certamente conseguireis. Era preciso este acontecimento para infundir-lhes uma crença que lhes trará felicidade, impedindo-os de murmurar contra os desígnios da Providência. Como sabeis, meu pai era muito descrente acerca da vida futura. *Deus concedeu-lhe este desgosto para arrancá-lo do seu erro.* Aqui nos reencontraremos, neste mundo onde não se conhecem desgostos da vida, e no qual os precedi; afirmai-lhes categoricamente que a satisfação de tornarem a ver-me ser-lhes-á recusada como castigo à falta de confiança na bondade do Criador. Até mesmo qualquer comunicação com eles, durante o tempo que ficarem na Terra, me será interdita. O desespero é uma revolta contra a vontade do Todo-Poderoso, sempre punido com *o prolongamento da causa que o produziu*, até que haja completa submissão. O desespero é verdadeiro suicídio por minar as forças do corpo, e quem abrevia os seus dias, no intuito de escapar mais cedo aos tentáculos da dor, faz jus às mais cruéis decepções; deve-se, ao contrário, avigorar o corpo a fim de suportar mais facilmente o peso das provações.

Meus queridos e bondosos pais, é a vós que me dirijo neste momento. Desde que abandonei os despojos mortais jamais deixei de estar ao vosso lado. Aí estou muito mais vezes do que quando estava na Terra. Consolai-vos, pois, porque eu não estou morto; estou mais vivo que vós. Apenas o corpo morreu; o Espírito, porém, vive sempre. Ele é livre, feliz, isento de enfermidades e de dores. Em vez de vos afligirdes, regozijai-vos por saber que estou livre de cuidados e apreensões, em lugar onde o coração se satura de energia puríssima, sem a sombra de um só desgosto.

Oh! meus amigos, não deploreis os que morrem prematuramente, porque isto é uma graça que Deus lhes concede, poupando-os às tribulações da vida terrena. A minha existência na Terra não devia prolongar-se

por muito tempo desta vez, visto ter adquirido o necessário para preencher, no Espaço, uma missão mais importante. Se tivesse vivido por mais tempo, a que perigos e seduções não iria expor-me? E poderias acaso julgar da minha fortaleza para não sucumbir nessa luta que atrasaria a minha evolução de vários séculos? Por que, pois, lastimar o que me é vantajoso? Neste caso, uma dor inconsolável acusaria falta de fé só legitimável pela ideia do nada. Oh! sim, os que assim descreem são dignos de lástima, pois para eles não pode haver consolação possível; os entes caros lhes parecem irremediavelmente perdidos, visto acreditarem que o túmulo lhes leva a última esperança!

P. *Vossa morte foi dolorosa?*

R. Não, meu amigo, apenas sofri, antes da morte, os efeitos da moléstia que me consumiu, mas *esse sofrimento diminuiu à proporção que o último instante se aproximava*. Certo dia tive um sonho delicioso! Sonhei que estava curado, que não mais sofria e respirava a longos haustos, prazerosamente, um ar balsâmico e puro; uma força desconhecida me transportava através do espaço. Brillante luz resplandecia em torno de mim, mas sem cansar-me a vista! Vi meu avô, não mais esquelético e alquebrado, porém com aspecto juvenil e agradável; estendia-me os braços e me estreitava afetuosamente ao coração. Acompanhavam-no inúmeras pessoas, de semblantes risonhos, acolhendo-me todos com benevolência e doçura; parecia reconhecê-los e, feliz por tornar a vê-los, trocávamos felicitações e testemunhos de amizade. Pois bem! o que eu pensava ser um sonho era pura realidade, porque de tal sonho não devia despertar na Terra: só acordaria no mundo espiritual.

P. *A vossa moléstia não foi provocada pela grande assiduidade ao estudo?*

R. Oh! não, fiquei bem certos disso. O tempo que eu deveria passar na Terra estava contado, de modo que coisa alguma poderia aí reter-me. Meu Espírito já o sabia nos momentos de desprendimento e me considerava feliz com a ideia da libertação, que se aproximava. Mas o tempo que passei entre vós não foi inútil, e hoje me felicito de não o ter perdido. Os estudos sérios fortificaram minha alma e aumentaram meus conhecimentos e, se em virtude da minha curta existência não pude dar-lhes aplicação, nem por isso deixarei de o fazer mais tarde e com maior proveito. Adeus, caro amigo: parto para junto de meus pais; vou prepará-los para receberem esta comunicação.

Maurice

CAPÍTULO III



Espíritos em condições medianas

• Joseph Bré • Hélène Michel • Marquês de Saint-Paul
• Dr. Cardon, médico • Eric Stanislas • Anna Belleville

Joseph Bré

(Falecido em 1840, evocado em Bordeaux, por sua neta, em 1862.)

O homem honesto segundo Deus ou segundo os homens.

1. *Caro avô, podeis dizer-me como vos encontráeis entre os Espíritos, dando-me alguns pormenores instrutivos para o nosso progresso?* – R. Tudo que quiseres, minha cara filha. Eu expio a minha falta de fé; porém, grande é a bondade de Deus, que leva em conta as circunstâncias. Sofro, mas não como poderias imaginar: é o desgosto de não ter aproveitado melhor o meu tempo na Terra.

2. *Como? Pois não vivestes sempre honestamente?* – R. Sim, no juízo dos homens; mas há um abismo entre a *honestidade perante os homens e a honestidade perante Deus*. E já que desejas instruir-te, procurarei demonstrar-te a diferença. Aí entre vós, é considerado honesto aquele que respeita as leis do seu país, respeito elástico para muitos. Honesto é aquele que não prejudica o próximo ostensivamente, embora lhe arranque muitas vezes a felicidade e a honra, já que o código penal e a opinião pública não atingem

o culpado hipócrita. Quando se consegue gravar na lápide tumular um epitáfio de virtude, muitos julgam terem pago sua dívida à humanidade! Erro terrível! Para ser honesto perante Deus, não basta ter respeitado as leis dos homens; é preciso antes de tudo ter respeitado as leis divinas. Honesto aos olhos de Deus será aquele que, possuído de abnegação e amor, consagre a existência ao bem, ao progresso de seus semelhantes; aquele que, animado de um zelo sem limites, for ativo na vida; ativo no cumprimento dos deveres materiais que lhe são impostos, ensinando e exemplificando aos outros o amor ao trabalho; ativo nas boas ações, sem esquecer a condição de servo ao qual o Senhor pedirá contas, um dia, do emprego do seu tempo; ativo, finalmente, na prática do amor de Deus e do próximo.

Assim, o homem honesto perante Deus deve evitar com cuidado as palavras mordazes, veneno oculto sob flores, que destrói reputações e acobrunha o homem, muitas vezes cobrindo-o de ridículo. O homem honesto, segundo Deus, deve ter sempre fechado o coração ao mais leve germe de orgulho, de inveja e de ambição; deve ser paciente e benévolo para com os que o agridem; deve perdoar do fundo da alma, sem esforços e sobretudo sem ostentação, a quem quer que o ofenda; deve, enfim, pôr em prática este preceito tão conciso e tão grande dos deveres do homem: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.

Eis aí, querida filha, em termos aproximados, o que deve ser o homem honesto perante Deus. Pois bem: eu o teria sido? Não. Confesso sem corar que faltei a muitos desses deveres; que não tive a atividade necessária; que o esquecimento de Deus impeliu-me a outras faltas, as quais, por não serem alcançadas pelas leis humanas, nem por isso deixam de ser atentatórias à Lei de Deus. Quando compreendi tudo isso sofri bastante, e assim é que hoje espero mais consolado a misericórdia desse Deus de bondade, que vê o meu arrependimento. Transmite, cara filha, repete tudo o que te disse aos que tiverem a consciência sobrecarregada, para que reparem suas faltas à custa de boas obras, a fim de que a Misericórdia Divina se estenda por sobre eles. Seus olhos paternais lhes calcularão as provações e sua mão potente lhes apagará as faltas.

Hélène Michel

Jovem de 25 anos, falecida subitamente no lar, sem sofrimentos, sem causa previamente conhecida. Era rica, um tanto frívola e, em consequência

da leviandade de seu caráter, ocupava-se mais com as futilidades da vida do que com as coisas sérias. Não obstante, possuía um coração bondoso e era dócil, afetuosa e caridosa. Evocada três dias após a morte por pessoas conhecidas, exprimiu-se assim:

“Não sei onde estou... que turbação me cerca!... Chamaste-me, e eu vim. Não compreendo por que não estou em minha casa... lamentam a minha ausência, quando lá estou, sem poder fazer-me reconhecida... Meu corpo não me pertence mais; e, contudo, eu lhe sinto a algidez... Quanto mais quero deixá-lo, mais a ele me sinto presa... Sou como duas personalidades... Oh! quando compreenderei o que se passa comigo? Preciso ir à minha casa novamente... que poderá acontecer a meu outro ‘eu’ na minha ausência? Adeus.”

O sentimento da dualidade que ainda não está destruído por uma completa separação é aqui evidente. Caráter volúvel, permitindo-lhe a posição e a fortuna a satisfação de todos os caprichos, deveria igualmente favorecer suas tendências à leviandade. Não é de admirar, portanto, que o seu desprendimento tenha sido lento, a ponto de, três dias após a morte, sentir-se ainda ligada ao envoltório corpóreo. Mas como não possuísse vícios sérios e fosse de boa índole, essa situação nada tinha de penosa e não deveria prolongar-se por muito tempo. Evocada novamente alguns dias depois, suas ideias já estavam bastante modificadas. Eis o que disse:

“Obrigada por haverdes orado por mim. Reconheço a bondade de Deus, que me poupou dos sofrimentos e apreensões consequentes ao desligamento do meu Espírito. Minha pobre mãe terá muita dificuldade em resignar-se; mas será confortada, e o que a seus olhos constitui terrível desgraça, era indispensável, a fim de que as coisas do céu se lhe tornassem no que devem ser: tudo. Estarei ao seu lado até o fim da sua provação terrena, ajudando-a a suportá-la. Não sou infeliz, porém, muito tenho ainda a fazer para alcançar a mansão dos bem-aventurados. Pedirei a Deus que me permita voltar a essa Terra, a fim de reparar o tempo que aí perdi nesta última existência. Que a fé vos sustente, meus amigos; confiai na sua eficácia, sobretudo quando partida do coração. Deus é bom.”

P. *Levastes muito tempo para reconhecer-vos?* – R. Compreendi a morte no mesmo dia em que orastes por mim.

P. *Era doloroso o estado de perturbação?* – R. Não, eu não sofria; acreditava sonhar e aguardava o despertar. Minha vida não foi isenta de dores,

mas todo ser encarnado nesse mundo deve sofrer. Resignei-me à vontade de Deus e isso me foi levado em conta. Sou grata pelas vossas preces que me auxiliaram no reconhecimento de mim mesma. Obrigado; voltarei sempre com prazer. Adeus.

Hélène

Marquês de Saint-Paul

(Falecido em 1860 e evocado, a pedido de uma irmã sua, membro da Sociedade de Paris, em 16 de maio de 1861.)

1. **EVOCACÃO** – R. Eis-me aqui.

2. *Vossa irmã nos pediu que vos evocássemos, pois, embora seja médium, não se acha ainda bastante segura para tanto.* – R. Tentarei responder da melhor forma possível.

3. *Primeiramente ela deseja saber se sois feliz.* – R. Estou na erraticidade, estado transitório que não proporciona nem felicidade nem castigo absolutos.

4. *Demorastes muito a vos reconhecer?* – R. Estive muito tempo perturbado e só voltei a mim para bendizer da piedade dos que, lembrando-se de mim, por mim oraram.

4-a. *Podeis avaliar o tempo dessa perturbação?* – R. Não.

5. *Quais os parentes que reconhecestes primeiro?* – R. Reconheci minha mãe e meu pai, os quais me receberam ao despertar. Foram eles que me iniciaram na nova vida em que me encontro.

6. *Como explicais as conversas que, nos últimos dias da moléstia que vos acometeu, parecéis manter com pessoas caras que já haviam deixado a Terra?* – R. Pelo conhecimento antecipado da revelação do mundo que viria habitar. Vidente antes de morrer, meus olhos só se turbaram no momento da separação definitiva do corpo, porque os laços carnis eram ainda muito vigorosos.

7. *Como explicar que recordáveis de preferência os acontecimentos da infância?* – R. Ao fato de o princípio se identificar mais com o fim do que com o meio da vida.

7-a. *Que entendeis por isso?* – R. Que os moribundos lembram e veem, *como reflexo consolador*, a pureza infantil dos primeiros anos.

É provavelmente por motivo providencial semelhante, que os idosos, à proporção que se aproximam do termo da vida, têm, por vezes, nítida lembrança dos mais ínfimos episódios da infância.

8. *Por que, quando vos referíeis ao corpo, faláveis sempre na terceira pessoa?* — R. Porque era vidente, como vo-lo disse, e sentia claramente as diferenças entre o físico e o moral. Essas diferenças, mescladas entre si pelo fluido vital, tornam-se muito distintas aos olhos dos moribundos e clarividentes.

Eis aí uma particularidade singular da morte deste senhor. Nos seus últimos momentos, ele dizia sempre: “Ele tem sede, é preciso dar-lhe de beber; ele tem frio, é preciso aquecê-lo; ele sofre em tal ou qual região etc.” E quando lhe diziam: “Mas não sois vós que tendes sede?” — respondia: “Não, é ele.” Aqui se distinguem perfeitamente as duas existências; o *eu* pensante está no Espírito, e não no corpo; o Espírito, já em parte desprendido, considerava o corpo outra individualidade, que a bem dizer não lhe pertencia; era, portanto, ao seu corpo que se devia dar de beber, e não a ele Espírito. Este fenômeno também se nota em alguns sonâmbulos.

9. *O que dissestes sobre a erraticidade do vosso Espírito e sua respectiva perturbação, levaria a duvidar da vossa felicidade, ao contrário do que se poderia esperar das vossas qualidades. Ademais, há Espíritos errantes felizes e infelizes.* — R. Estou num estado transitório; aqui as virtudes humanas passam a ter o seu justo valor. Sem dúvida, meu estado é cem vezes preferível ao da minha encarnação terrena, mas porque sempre alimentei aspirações ao verdadeiro bem e ao belo, minha alma não ficará satisfeita senão quando se elevar aos pés do Criador.

Dr. Cardon, médico

O Dr. Cardon havia passado boa parte da sua vida na marinha mercante, como médico de navio baleeiro, adquirindo em tal ambiente ideias um tanto materialistas. Retirado para o vilarejo de J..., ali exercia a modesta profissão de médico rural. Desde algum tempo adquirira a certeza de que sofria uma hipertrofia do coração e, sabendo que tal doença era incurável, a ideia da morte o mergulhava em sombria melancolia, da qual nada o podia

distrair. Com cerca de dois meses de antecedência, predisse o seu fim em dia fixo; quando se viu perto de morrer, reuniu a família para lhe dar o último adeus. Sua esposa, sua mãe, seus três filhos e outros parentes estavam em volta do leito. No momento em que a esposa tentava erguê-lo, ele se prostrou, tornou-se de um azul lívido, os olhos se fecharam e o deram por morto; a esposa colocou-se à frente para ocultar o espetáculo aos filhos. Após alguns minutos abriu os olhos; seu rosto, por assim dizer iluminado, tomou uma expressão de radiosa beatitude e ele exclamou: “Oh! meus filhos, como é belo! Como é sublime! Oh! a morte! Que benefício! Que coisa suave! Eu estava morto e senti minha alma elevar-se bem alto; mas Deus me permitiu voltar para vos dizer: não temais; a morte é a libertação... Não vos posso descrever a magnificência do que vi e as impressões de que me senti dominado! Mas não o compreenderíeis... Oh! meus filhos, conduzi-vos sempre de maneira a merecer essa inefável felicidade, reservada aos homens de bem; vivei segundo a caridade; se tiverdes alguma coisa, dai àqueles a quem falta o necessário... Querida esposa, deixo-te numa posição nada feliz; devem-nos dinheiro, mas eu te suplico, não atormentes os que nos devem; se estiverem em dificuldades, espera que possam pagar, e aos que não puderem, faze o sacrifício: Deus te recompensará. E tu, meu filho, trabalha para sustentar tua mãe; sê sempre um homem honesto e guarda-te de fazer algo que possa desonrar nossa família. Toma esta cruz que vem de minha mãe; não a deixes e que ela te lembre sempre meus últimos conselhos... Meus filhos, ajudai-vos e sustentai-vos mutuamente; que a boa harmonia reine entre vós; não sede vãos, nem orgulhosos; perdoai aos vossos inimigos, se quiserdes que Deus vos perdoe.” Depois, tendo feito os filhos se aproximarem, estendeu as mãos para eles e acrescentou: “Meus filhos, eu vos abençoo.” E, desta vez, seus olhos se fecharam para sempre, enquanto o rosto conservava uma expressão tão imponente que, até o momento em que foi enterrado, uma multidão o veio contemplar com admiração.

Esses interessantes detalhes nos foram transmitidos por um amigo da família, levando-nos a pensar que uma evocação poderia ser instrutiva para todos e, ao mesmo tempo, para o Espírito há pouco desencarnado.

1. **EVOCAÇÃO** – R. Estou ao vosso lado.

2. *Contaram-nos os vossos últimos instantes, os quais nos encheram de admiração. Teríeis a bondade de descrever, o melhor possível, o que vistes no intervalo do que se poderia chamar vossas duas mortes?* – R. Poderíeis

compreender o que vi? Não sei, pois não encontraria expressões capazes de tornar compreensível o que vi durante os poucos instantes em que me foi possível deixar meus restos mortais.

3. *Sabeis do lugar em que estivestes? É longe da Terra, em outro planeta ou no Espaço?* – R. O Espírito não conhece o valor das distâncias, tal como as considerais. Levado não sei por que agente maravilhoso, vi o esplendor de um céu como só nossos sonhos poderiam realizá-lo. Essa excursão através do infinito se fez de modo tão rápido que não posso precisar os instantes gastos por meu Espírito.

4. *Atualmente desfrutais da felicidade que vislumbrastes?* – R. Não; bem queria poder fruí-la, mas Deus assim não me pode recompensar. Muitas vezes revoltei-me contra os abençoados pensamentos ditados pelo coração, e a morte me parecia uma injustiça. Médico incrédulo, tinha adquirido na arte de curar uma aversão contra a segunda natureza, que é o nosso movimento inteligente, divino; a imortalidade da alma era uma ficção própria para seduzir as naturezas pouco elevadas; a despeito disto, o vazio me aterrorizava, pois maldizia muitas vezes esse agente misterioso que fere sempre e sempre. A filosofia me desviara, sem me dar a compreender toda a grandeza do Eterno, que sabe repartir a dor e a alegria para o ensino da humanidade.

5. *Quando de vossa verdadeira morte, logo vos reconhecestes?* – R. Não; reconheci-me durante a transição feita por meu Espírito para percorrer lugares etéreos; mas após a morte real, não; foram necessários alguns dias para o meu despertar.

Deus me concedera uma graça, em razão do que vos vou explicar. Minha incredulidade inicial não mais existia; antes da morte eu já tinha acreditado, porquanto, depois de ter cientificamente sondado a matéria pesada que me fazia definhar, eu só encontrara razões divinas. Elas me tinham inspirado, consolado, e minha coragem era mais forte que a dor. Eu bendizia o que havia amaldiçoado; o fim me parecia a libertação. O pensamento de Deus é grande como o mundo! Oh! que suprema consolação na prece que dá enternecimentos inefáveis; ela é o elemento mais seguro de nossa natureza imaterial; por ela compreendi, acreditei firmemente, soberanamente, e é por isto que Deus, exagerando minhas abençoadas ações, houve por bem recompensar-me antes que se findasse a minha encarnação.

6. *Poder-se-ia dizer que da primeira vez estáveis morto?* – R. Sim e não. Tendo deixado o corpo, naturalmente a carne se extinguia; mas o Espírito,

ao retomar a posse de minha morada terrena, fez voltasse ao corpo a vida que tinha sofrido uma transição, um sono.

7. *Nesse momento sentíeis os laços que vos prendiam ao corpo?* – R. Sem dúvida. O Espírito tem um laço difícil de desatar, fazendo-se necessário um último estremecimento da carne para que retorne à sua vida natural.

8. *Como se explica, durante a vossa morte aparente e no curso de alguns minutos, que o vosso Espírito pudesse desprender-se instantaneamente e sem dificuldade, ao passo que a morte real foi seguida por uma perturbação de alguns dias? No primeiro caso, subsistindo mais que no segundo os laços entre a alma e o corpo, parece-nos que o desprendimento deveria ser mais lento; e deu-se justamente o contrário.* – R. Muitas vezes fizestes a evocação de um Espírito encarnado e recebestes respostas reais. Eu estava na situação desses Espíritos. Deus me chamava e seus servidores me tinham dito: “Vem...”. Obedeci e agradeço a Ele pela graça especial que se dignou fazer-me. Pude ver a infinitude de sua grandeza e dela me dar conta. Agradeço a vós por me terdes permitido, antes da morte real, ensinar aos meus, a fim de que tenham boas e justas encarnações.

9. *De onde provinham as belas e boas palavras que, por ocasião do vosso retorno à vida, dirigistes à família?* – R. Eram o reflexo do que tinha visto e ouvido. Os Espíritos bons inspiravam-me a voz e davam vida ao meu rosto.

10. *Que impressões julgais que a vossa revelação tenha causado nos assistentes e, de modo especial, nos vossos filhos?* – R. Extraordinária, profunda; a morte não é mentirosa e os filhos, por mais ingratos que possam ser, inclinam-se ante a partida dos que se vão. Se se pudesse perscrutar os seus corações junto a um túmulo entreaberto, só se sentiriam batidas de sentimentos verdadeiros, profundamente tocados pela mão secreta dos Espíritos que a todos ditam os pensamentos. Tremei, se estiverdes em dúvida; a morte é a reparação, a Justiça de Deus; e eu vo-lo asseguro, apesar dos incrédulos, que meus amigos e minha família acreditarão nas palavras que minha boca pronunciou antes de morrer. Eu era o intérprete de um outro mundo.

11. *Dissestes que não desfrutais da felicidade que entrevistastes. Sois infeliz?* – R. Não, pois acreditava antes de morrer, e isto na alma e na consciência. A dor acabrunha nesse mundo, mas fortalece sob o ponto de vista do futuro espiritual. Notai que Deus soube levar em conta as minhas preces e a minha crença absoluta nele; estou no caminho da perfeição e

chegarei ao fim que me foi permitido entrever. Orai, meus amigos, por esse mundo invisível que preside aos vossos destinos; este intercâmbio fraterno é caridade; é uma alavanca poderosa, que põe em comunicação os Espíritos de todos os mundos.

12. *Gostariéis de dirigir algumas palavras à vossa esposa e aos vossos filhos?* – R. Rogo a todos os meus que creiam em Deus, poderoso, justo, imutável; na prece que consola e alivia; na caridade, que é o ato mais puro da encarnação humana; que se lembrem que do pouco também se pode dar, pois o óbolo do pobre é o mais meritório perante Deus, que sabe que um pobre dá muito dando pouco. É preciso que o rico dê bastante para merecer tanto quanto aquele. O futuro é a caridade, a benevolência em todas as ações; é crer que todos os Espíritos são irmãos, jamais se preocupando com as mil e uma vaidades pueris da Terra.

Família bem-amada, tereis rudes provas; mas sabeis suportá-las corajosamente, pensando que Deus vos vê. Dizei sempre esta prece: “Deus de amor e de bondade, que dáis tudo e sempre, concede-nos essa força que não recua ante nenhum sofrimento; torna-nos bons, mansos e caridosos, pequenos pela fortuna, grandes pelo coração. Que nosso Espírito seja espírita na Terra, para melhor te compreender e amar.”

Que teu nome, ó meu Deus, emblema de liberdade, seja o objetivo consolador de todos os oprimidos, de todos os que têm necessidade de amar, de perdoar e crer.

Cardon

Eric Stanislas

(Comunicação espontânea – Sociedade
Espírita de Paris, agosto de 1863.)

“Como nos enchem de felicidade as emoções vivamente sentidas por valorosos corações! Ó suaves pensamentos, que vindes abrir o caminho da salvação a tudo que vive, a tudo que respira material e espiritualmente! Que o vosso bálsamo consolador não deixe de derramar-se profusamente sobre vós e sobre nós! Que expressão escolher para traduzir a felicidade dos irmãos desencarnados, ao contemplarem o amor que une a todos? Ah!

irmãos, quanto bem por toda parte, quantos sentimentos suaves, elevados e simples como vós, como a vossa doutrina, sois chamados a implantar ao longo da estrada a percorrer! Mas também quanto vos será concedido antes mesmo de terdes adquirido direitos!

“Assisti a tudo quanto se passou esta noite; ouvi, compreendi e vou procurar, por minha vez, cumprir o meu dever e instruir a classe dos Espíritos imperfeitos. Ouvi: eu estava longe de ser feliz; mergulhado na imensidade, no infinito, os meus sofrimentos eram tão intensos que difícil me era compreendê-los. Entretanto, bendito seja Deus, que me permitiu vir a um santuário, que não pode ser franqueado aos maus *impunemente*. Amigos, quanto vos sou reconhecido, quantas forças recobrei entre vós!

“Ó homens de bem, reuni-vos constantemente; estudaí, já que não podeis duvidar dos frutos das reuniões sérias. Os Espíritos que têm muito ainda a aprender, os que ficam voluntariamente inativos, preguiçosos e esquecidos dos seus deveres, podem encontrar-se entre vós, em virtude de circunstâncias fortuitas ou não; e então, fortalecidos pelos exemplos que vos derdes, podem ser fortemente tocados, o que quase sempre acontece e, reconhecendo-se, divisarem a meta a alcançar, procurando, ao mesmo tempo, os meios de fugir ao penoso estado em que se encontram.

“É com grande satisfação que me faço intérprete das almas sofredoras, porquanto é a homens de coração que me dirijo, na certeza de não ser repellido. Ainda uma vez aceitai, pois, homens generosos a expressão do meu reconhecimento particular, bem como a gratidão de todos aqueles a quem tanto bem tendes feito, talvez sem o saberdes.”

Eric Stanislas

O GUIA DO MÉDIUM – Este é um Espírito que sofreu por muito tempo, transviado do bom caminho. Agora compreendeu os seus erros, arrependeu-se e, finalmente, voltou os olhos para o Deus que havia negado. Sua posição não é a de um ser feliz, mas ele aspira à felicidade e não sofre mais. Deus permitiu que vos escutasse para que desça depois a uma esfera inferior, a fim de instruir e estimular o progresso de Espíritos que, como ele, transgrediram as Leis do Eterno. É a reparação que lhe compete. Afinal, como tem força de vontade, acabará conquistando a felicidade.

Anna Belleville

Jovem mulher falecida aos 35 anos, após longa e cruel enfermidade. Vivaz, espirituosa, dotada de rara inteligência, grande retidão de julgamento e eminentes qualidades morais, esposa e mãe de família devotada, ela possuía, além disso, uma integridade de caráter pouco comum e uma fecundidade de recursos que jamais a pegavam desprevenida nas circunstâncias mais críticas da vida. Sem guardar ressentimento das pessoas de quem podia queixar-se, estava sempre pronta a prestar-lhes serviço. Intimamente ligados à sua pessoa desde longos anos, pudemos acompanhar todas as fases da sua existência, bem como todas as peripécias do seu fim. Um acidente provocou a moléstia que devia matá-la, depois de retê-la acamada durante três anos, presa dos mais cruéis sofrimentos, que, aliás, suportou até o fim com uma coragem heroica, sem que a graça natural do seu espírito jamais a abandonasse.

Acreditava firmemente na alma e na vida futura, mas pouco se preocupava com isso; todos os seus pensamentos se voltavam para o presente, que tinha em grande conta, embora não tivesse medo da morte e fosse indiferente aos gozos materiais. A sua vida era simples e ela abria mão, sem qualquer sacrifício, do que não podia obter; entretanto, possuía inato o sentimento do bem e do belo, que apreciava até nas coisas mais insignificantes. Queria viver, menos para si que para os filhos, avaliando a falta que lhes faria, e era isso que a prendia à vida. Conhecia o Espiritismo sem o ter estudado a fundo; interessava-se por ele, mas nunca pôde fixar as ideias sobre o futuro; este era para ela uma realidade, conquanto não lhe deixasse no espírito uma impressão profunda. O bem que fazia resultava de um impulso natural, espontâneo, e não inspirado pela ideia de recompensas ou de penas futuras.

Já de algum tempo seu estado era desesperador, sendo iminente o desenlace, circunstância que ela própria não ignorava. Certo dia, achando-se ausente o marido, sentiu-se desfalecer e compreendeu que sua hora havia chegado; a vista se turvou, a perturbação a invadiu e passou a experimentar todas as angústias da separação. Lamentava, porém, ter de morrer antes da volta do esposo. Fazendo supremo esforço sobre si mesma, murmurou: “Não, não quero morrer!” Então sentiu renascer-lhe a vida e recobrou o pleno uso das suas faculdades. Quando o marido voltou, disse-lhe: “Eu ia morrer, mas quis aguardar a tua vinda, visto ter algumas recomendações a

fazer-te.” Assim se prolongou a luta entre a vida e a morte por três meses, tempo que mais não foi que dolorosa agonia.

EVOCÇÃO NO DIA SEGUINTE AO DA MORTE – Meus bons amigos, obrigado por vos preocupardes comigo. Aliás, fostes para mim como bons parentes. Pois bem, regozijai-vos porque sou feliz. Confortai meu pobre marido e velai por meus filhos. Segui para junto deles tão logo desencarnei.

P. *Parece que a vossa perturbação não foi longa, uma vez que nos respondeis com lucidez.* – R. Ah! meus amigos, eu sofri tanto... e vós bem sabeis que sofria com resignação. Pois bem! A minha provação terminou. Não direi que esteja completamente libertada, não; entretanto, não sofro mais, o que para mim é um grande alívio! Desta vez estou radicalmente curada, porém, preciso ainda do concurso das vossas preces para vir mais tarde colaborar convosco.

P. *Qual poderia ter sido a causa dos vossos longos sofrimentos?* – R. Um passado terrível, meu amigo.

P. *Podeis revelar-nos esse passado?* – R. Oh! deixai que o esqueça um pouco... paguei-o tão caro...

Um mês depois da morte – P. *Agora que deveis estar completamente desprendida e que melhor nos reconheceis, gostaríamos de ter convosco uma conversa mais explícita. Poderíeis dizer-nos qual a causa da vossa longa agonia? Estivestes durante três meses entre a vida e a morte.* – R. Obrigado, meus bons amigos, pela vossa lembrança e pelas vossas preces! Como me foram salutares e como contribuíram para a minha libertação! Tenho ainda necessidade de ser confortada; continuei a orar por mim. Compreendeis o valor da prece. Não são fórmulas banais as que dizeis, como as murmuradas por tantos outros que não se dão conta do efeito que uma boa prece produz. Sofri muito, porém os meus sofrimentos foram largamente compensados, sendo-me permitido estar muitas vezes perto dos filhos queridos, que deixei com tanto pesar!

Prolonguei por mim mesma esses sofrimentos. O desejo ardente de viver, por amor aos filhos, fazia com que me agarrasse de alguma sorte à matéria e, ao contrário dos outros, eu não queria abandonar o pobre corpo com o qual era forçoso romper, se bem que ele fosse para mim o instrumento de tantas torturas. Eis aí a verdadeira causa da minha longa agonia. Quanto à moléstia e aos sofrimentos que padei, eram expiação do passado, uma dívida a mais que paguei.

Ah! meus amigos, se eu vos tivesse ouvido, quanta mudança na minha vida atual! Que alívio experimentaria nos últimos momentos, e quão fácil teria sido a separação se, em vez de a contrariar, eu me tivesse abandonado confiantemente à vontade de Deus, à corrente que me arrastava! Mas, em lugar de contemplar o futuro que me aguardava, eu apenas via o presente que ia deixar!

Quando voltar à Terra, garanto que serei espírita. Que ciência sublime! Assisto constantemente às vossas reuniões e aos conselhos que vos são transmitidos. Se os tivesse compreendido quando estava na Terra, meus sofrimentos teriam sido atenuados. Mas a ocasião não havia chegado. Hoje compreendo a bondade de Deus e sua justiça, embora não me encontre suficientemente adiantada para despreocupar-me das coisas da vida; meus filhos principalmente me atraem, não mais para mimá-los, porém para velar por eles, incutindo-lhes o caminho que o Espiritismo traça neste momento. Sim, meus bons amigos, tenho ainda graves preocupações, sobretudo aquela da qual depende o futuro dos meus filhos.

P. Podereis dar-nos algumas explicações sobre o passado que deploraís?

– R. Ah! meus bons amigos, estou pronta a confessar-me. Eu tinha desprezado o sofrimento alheio, vendo sem piedade os sofrimentos da minha mãe, a quem chamava doente imaginária. Por não vê-la acamada, supunha que não sofresse e zombava da sua dor. Eis como Deus castiga.

Seis meses depois da morte – *P. Agora que um tempo bastante longo se passou desde que deixastes o envoltório terreno, tende a bondade de descrever-nos a vossa posição e ocupações no mundo espiritual.* – R. Durante a minha vida na Terra eu era o que vulgarmente se chama uma pessoa boa; antes de tudo, porém, prezava o meu bem-estar; compassiva por natureza, talvez não fosse capaz de um sacrifício penoso para minorar um infortúnio. Hoje, tudo mudou, e embora seja sempre a mesma, o *eu* de outrora se modificou. Ganhei com a modificação e vejo que não há nem categorias nem condições além do mérito pessoal, no mundo dos invisíveis, onde um povo caridoso e bom está acima do rico orgulhoso, que humilhava com a sua esmola. Velo especialmente pelos que se afligem com tormentos familiares, com a perda de parentes ou de fortuna. A minha missão é reanimá-los e consolá-los, pelo que me sinto feliz.

Anna

Importante questão decorre dos fatos mencionados. Ei-la:

Poderá uma pessoa, por esforço da própria vontade, retardar o momento em que a alma se separa do corpo? – Resposta do Espírito São Luís: Se essa questão fosse resolvida afirmativamente, sem restrições, poderia redundar em consequências falsas. Certamente, em dadas condições, um Espírito encarnado pode prolongar a existência corpórea a fim de terminar instruções indispensáveis, ou, ao menos, por ele tidas como tais; isto lhe pode ser permitido, como no caso que examinamos, além de muitos outros exemplos. De qualquer modo, esta dilação da vida não deixa de ser breve, visto não ser permitido ao homem inverter a ordem das leis naturais, nem provocar um retorno real à vida, desde que ela tenha atingido o seu termo. É apenas uma prorrogação momentânea. Entretanto, a despeito da possibilidade do fato, não se deve concluir pela sua generalidade, nem acreditar que dependa de cada qual prolongar por este modo a sua existência. Como *provação para o Espírito* ou no interesse de missão a concluir, os órgãos de pauperados podem receber um suplemento de fluido vital que lhes permita prolongar de alguns instantes a manifestação material do pensamento. Os casos semelhantes constituem antes exceção, e não regra. Tampouco se deve ver nesse fato uma derrogação de Deus à imutabilidade de suas leis, mas apenas uma consequência do livre-arbítrio da alma humana que, no último instante, tem consciência de sua missão e quer, apesar da morte, concluir o que não pôde até então. Às vezes, pode ser também uma espécie de punição infligida ao Espírito que duvida do futuro, esse prolongamento de vitalidade com o qual tem necessariamente de sofrer.

São Luís

Poder-se-ia ainda admirar a rapidez relativa com que se desprende este Espírito, tendo em vista o seu apego à vida corpórea. Deve-se, porém, considerar que tal apego nada tinha de sensual nem material; tinha até mesmo o seu lado moral, já que era motivado pelas necessidades dos filhos ainda pequenos. Era, além disso, um Espírito adiantado em inteligência e moralidade; um grau a mais e se poderia considerá-lo na classe dos Espíritos felizes. Não havia, portanto, nos laços perispiríticos, a tenacidade resultante da identificação com a matéria; pode-se dizer que a vida, debilitada por longa enfermidade, apenas se prendia por um fio, e eram esses fios que ele queria impedir que se rompessem. Contudo, a sua resistência foi

punida com a dilação dos sofrimentos inerentes à própria natureza da doença, e não com a dificuldade do desprendimento. É por isso que, concluído este, a perturbação foi breve.

Um fato igualmente importante decorre desta evocação, bem como da maior parte das que foram feitas em épocas diversas, mais ou menos distantes da morte: é a transformação gradual das ideias do Espírito, cujo progresso se traduz, não por melhores sentimentos, mas por uma apreciação mais justa das coisas. O progresso da alma na vida espiritual é, portanto, um fato demonstrado pela experiência. A vida corpórea é a demonstração prática desse progresso, das suas resoluções, o crisol em que ele se depura. Desde que a alma progride depois da morte, a sua sorte não pode ser irrevogavelmente fixada, visto que a fixação definitiva da sorte é, como já dissemos em outra parte deste livro, a negação do progresso. E, não podendo coexistir simultaneamente as duas coisas, resta a que tem a seu favor a sanção dos fatos e da razão.

CAPÍTULO IV



Espíritos sofredores

• O castigo • Novel • Auguste Michel • Exprobrações de um boêmio • Lisbeth • Príncipe Ouran • Pascal Lavic • Ferdinand Bertin • François Riquier • Claire

O castigo

(Exposição geral do estado dos culpados por ocasião de sua entrada no mundo dos Espíritos, ditada à Sociedade Espírita de Paris, em outubro de 1860.)

Os Espíritos endurecidos, egoístas e maus são atormentados, logo depois da morte, por uma dúvida cruel acerca do seu destino, no presente e no futuro. Olham em torno de si e nada veem que possa aproveitar ao exercício da sua maldade, o que lhes causa desespero, uma vez que o insulamento e a inércia são intoleráveis aos Espíritos maus. Não elevam o olhar aos lugares habitados pelos Espíritos puros. Considerando o ambiente que os cerca, e compreendendo o abatimento dos Espíritos fracos e punidos, agarram-se a eles como a uma presa, servindo-se, para tanto, da lembrança de suas faltas passadas, que eles põem continuamente em ação pelos seus gestos ridículos.

Não lhes bastando essa zombaria, atiram-se à Terra quais abutres famintos, procurando entre os homens uma alma que lhes dê fácil acesso às tentações. Apoderam-se das que encontram, exaltam-lhe a cobiça e

procuram extinguir-lhe a fé em Deus, até que finalmente, senhores de uma consciência e vendo segura a presa, estendem a tudo que se lhe aproxime a fatalidade do seu contágio. O Espírito mau, no exercício da sua cólera, é quase feliz, sofrendo apenas nos momentos em que deixa de agir, ou nos casos em que o bem triunfa do mal.

Os séculos, porém, vão passando e, de repente, o Espírito mau pressente que as trevas acabarão por envolvê-lo; seu círculo de ação se restringe e a consciência, muda até então, faz-lhe sentir os afiados espinhos do remorso. Inerte, arrastado no turbilhão, ele vagueia, como dizem as Escrituras, sentindo a pele arrepiar-se de terror. Não tarda, então, que um grande vácuo se faça nele e em torno dele: chega o momento em que deve expiar; a reencarnação aí se apresenta ameaçadora... e ele vê, como num espelho, as provações terríveis que o aguardam; gostaria de recuar, mas avança e, precipitado no abismo da vida, rola em sobressalto, até que o véu da ignorância lhe recaia sobre os olhos. Vive, age, é ainda culpado, sentindo em si não sei que lembrança inquieta, presentimentos que o fazem tremer, sem, contudo, recuar da senda do mal. Por fim, extenuado de forças e de crimes, vai morrer. Estendido num catre (ou num leito, que importa?!), o homem culpado sente, sob aparente imobilidade, revolver-se e viver dentro de si mesmo um mundo de esquecidas sensações. Sob as pálpebras fechadas, ele vê um clarão que desponta, ouve estranhos sons; a alma, prestes a deixar o corpo, agita-se impaciente, enquanto as mãos crispadas tentam agarrar os lençóis; gostaria de falar, de gritar aos que o cercam: — Retenham-me! Eu vejo o castigo! — Impossível! A morte se estampa em seus lábios esmaecidos, enquanto os assistentes dizem: Descansa em paz!

E, contudo, ele ouve, flutuando em torno do corpo que não queria abandonar. Uma força misteriosa o atrai; vê e reconhece finalmente o que já vira. Desvairado, lança-se no espaço onde desejaria ocultar-se, mas não encontra abrigo nem repouso! Outros Espíritos retribuem-lhe o mal que fez; castigado, confuso e escarnecido, vagueia por sua vez e errará até que a divina luz o penetre e esclareça, mostrando-lhe o Deus vingador, o Deus triunfante de todo o mal, que ele não poderá apaziguar senão à força de expiação e gemidos.

Georges

Nunca se traçou quadro mais terrível e verdadeiro sobre a sorte que aguarda o mau. Depois disto, será ainda necessário lançar mão do recurso da fantasmagoria das chamas e das torturas físicas?

Novel

(O Espírito dirige-se ao médium, que o conhecera em vida.)

“Vou contar-te o meu sofrimento quando morri. Meu Espírito, preso ao corpo por laços materiais, teve grande dificuldade em desembaraçar-se, o que já foi, por si, uma rude angústia. A vida que deixava aos 24 anos era ainda tão vigorosa que eu não podia crer na sua perda. Por isso procurava o corpo, estava espantado, apavorado por me ver perdido num turbilhão de sombras. Por fim, a consciência do meu estado e a revelação das faltas que havia cometido em todas as minhas encarnações, me feriram subitamente, enquanto uma luz implacável iluminava os mais secretos recônditos da alma, que se sentia *desnuda* e logo tomada de acabrunhante vergonha. Procurava fugir a essa influência interessando-me pelos novos objetos que me cercavam, mas que, no entanto, *já conhecia*. Os Espíritos luminosos, flutuando no éter, davam-me a ideia de uma felicidade a que eu não podia aspirar; formas sombrias e desoladas, ora mergulhadas em tedioso desespero, ora irônicas ou furiosas, deslizavam em torno de mim ou por sobre a terra a que me chumbava. Eu via os humanos se agitarem, cuja ignorância invejava; toda uma ordem de sensações desconhecidas, ou, antes, *reencontradas*, invadiram-me simultaneamente. Como que arrastado por força irresistível, procurando fugir à dor intensa que me devastava, franqueava as distâncias, os elementos, os obstáculos materiais, sem que as belezas naturais e tampouco os esplendores celestes pudessem acalmar um instante sequer a dor acerba da consciência, nem o pavor que me causava a revelação da eternidade.

“Um mortal é capaz de pressentir as torturas materiais pelos arrepios da carne, mas as vossas frágeis dores, amenizadas pela esperança, atenuadas por distrações ou mortas pelo esquecimento, não vos darão nunca a ideia das angústias de uma alma que sofre sem tréguas, sem esperança, sem arrependimento. Decorrido um tempo cuja duração não posso apreciar,

invejando os eleitos cujos esplendores entrevia, detestando os Espíritos maus que me perseguiram com as suas zombarias, desprezando os homens cujas torpezas eu via, passei de profundo abatimento a uma revolta insensata. Finalmente me evocaste e, pela primeira vez, um sentimento suave e terno me acalmou; ouvi os ensinamentos que te dão os teus guias, a verdade se me impôs e orei; Deus me ouviu e se me revelou por sua clemência, como já se havia revelado a mim por sua justiça.”

Novel

Auguste Michel

(Le Havre, março de 1863.)

Era um rapaz rico, boêmio, gozando larga e exclusivamente a vida material. Apesar de inteligente, o indiferentismo pelas coisas sérias era-lhe o traço característico. Sem maldade, antes bom que mau, era estimado por seus companheiros de folias, sendo apontado na sociedade por suas qualidades de homem mundano. Não fez o bem, mas também não praticou o mal. Faleceu em consequência de uma queda da carruagem em que passeava. Evocado alguns dias depois da morte por um médium, que indiretamente o conhecia, deu sucessivamente as seguintes comunicações:

8 DE MARÇO DE 1863 – Mal acabo de desprender-me do corpo, de modo que dificilmente vos posso falar. A queda terrível que me ocasionou a morte perturbou profundamente o meu Espírito. Inquieta-me a incerteza cruel sobre o meu futuro. O doloroso sofrimento que meu corpo experimentou nada significa se comparado à perturbação em que me encontro. Orai para que Deus me perdoe. Oh! quanta dor! Misericórdia, meu Deus! Adeus.

18 DE MARÇO – Já estive convosco, mas apenas pude falar com muita dificuldade. Mesmo agora, mal me posso comunicar convosco. Sois o único médium ao qual posso pedir preces para que a bondade de Deus me tire da perturbação em que me encontro. Por que sofrer ainda, quando o corpo não sofre mais? Por que esta dor horrenda, esta angústia terrível? Orai, oh! orai para que Deus me conceda repouso... Oh! que cruel

incerteza! Ainda estou ligado ao corpo. Apenas com dificuldade posso ver onde me encontro; meu corpo lá está, e por que também lá permaneço sempre? Vinde orar *sobre ele* para que eu me livre dessa prisão cruel... Deus me perdoará, espero. Vejo os Espíritos que estão junto de vós e por eles posso vos falar. Orai por mim.

6 DE ABRIL – Sou eu quem vem pedir que oreis por mim. Será preciso irdes *ao lugar em que jaz meu corpo*, a fim de implorar ao Todo-Poderoso que me acalme os sofrimentos! Sofro! Oh! como sofro! Ide a esse lugar e dirigi ao Senhor uma prece para que me perdoe. Vejo que poderei ficar mais tranquilo, mas volto incessantemente ao lugar em que depositaram o que me pertencia.

O médium não deu importância ao pedido que lhe fazia o Espírito, para orar sobre o túmulo em que se achava o seu corpo. Todavia, indo aí, mais tarde, lá mesmo recebeu a seguinte comunicação:

11 DE MAIO – Aqui vos esperava. Aguardava que viésseis ao lugar em que meu Espírito parece preso ao seu envoltório, a fim de implorar ao Deus de misericórdia a bondade de acalmar os meus sofrimentos. Podeis beneficiar-me com as vossas preces, não o esqueçais, eu vo-lo suplico. Vejo quanto a minha vida foi contrária ao que deveria ter sido; vejo as faltas cometidas. Fui no mundo um ser inútil; não fiz uso algum proveitoso das minhas faculdades; a fortuna serviu apenas à satisfação das paixões, aos meus caprichos de luxo e à minha vaidade; não pensei senão nos gozos do corpo, desprezando os da alma e a própria alma. Será que a misericórdia de Deus descerá até mim, pobre Espírito que sofre as consequências das suas faltas terrenas? Orai para que Ele me perdoe, libertando-me das dores que ainda sinto. Agradeço-vos por terdes vindo aqui orar por mim.

8 DE JUNHO – Posso falar e agradeço a Deus, que mo permitiu fazer. Compreendi minhas faltas e espero que Deus me perdoe. Trilhais sempre os caminhos da vida de acordo com a crença que vos anima, porque ela vos reserva no futuro um repouso que ainda não tenho. Obrigado pelas vossas preces. Até logo.

A insistência do Espírito, para que se orasse sobre o seu túmulo, é uma particularidade notável, mas que tinha sua razão de ser se levarmos em conta a tenacidade dos laços que o prendiam ao corpo, e quão longo e difícil era o desprendimento, em consequência da materialidade da sua existência. Compreende-se que, mais

próxima do corpo, a prece pudesse exercer uma espécie de ação magnética mais poderosa no sentido de auxiliar o desprendimento. O costume quase universal de orar junto aos cadáveres não provirá da intuição inconsciente de um tal efeito? Nesse caso, a eficácia da prece teria, ao mesmo tempo, um resultado moral e material.

Exprobrações de um boêmio

(Bordeaux, 19 de abril de 1862.)

30 DE JULHO – Presentemente sou menos infeliz, visto não mais sentir a pesada cadeia que me prendia ao corpo. Estou livre, enfim, mas ainda não expiei e é preciso que repare o tempo perdido se eu não quiser prolongar os sofrimentos. Espero que Deus, tendo em conta a sinceridade do meu arrependimento, me conceda a graça do seu perdão. Pedi ainda por mim, eu vo-lo suplico. Homens, meus irmãos, como vivi só para mim, agora expio e soffro! Que Deus vos conceda a graça de evitarde os espinhos que ora me laceram. Prossegui no caminho largo do Senhor e orai por mim, pois abusei dos bens que Deus *empresta* às suas criaturas!

Quem sacrifica aos instintos brutos a inteligência e os bons sentimentos que Deus lhe dá, assemelha-se ao animal que muitas vezes se maltrata. O homem deve utilizar-se sobriamente dos bens de que é depositário, habituando-se a visar a eternidade que o espera, abrindo mão, por consequência, dos gozos materiais. A sua alimentação deve ter por exclusivo fim a vitalidade; o luxo deve apenas restringir-se às necessidades da sua posição; os gostos, os pendores, mesmo os naturais, devem ser regidos pela mais pura razão, sem o que o homem se materializa em vez de se depurar. As paixões humanas são estreitos grilhões que se enroscam na carne e, assim, não lhes deis abrigo. Vivei, mas não agi como os boêmios, pois não sabeis o seu preço quando regressais à pátria verdadeira! As paixões terrenas vos despojam antes mesmo de vos deixarem, de modo a chegardes nus, completamente nus, ante o Senhor. Ah! cobri-vos de boas obras; elas vos ajudarão a franquear o espaço entre vós e a eternidade. Manto brilhante, elas escondem as vossas torpezas humanas. Envolvei-vos na caridade e no amor, vestes divinas que ninguém pode remover.

INSTRUÇÕES DO GUIA DO MÉDIUM – Este Espírito está no bom caminho, porquanto, além do arrependimento, aduz conselhos tendentes a evitar os perigos da estrada por ele trilhada. Reconhecer os erros já é um mérito e um passo efetivo para o bem; é por isso que a sua situação, embora não seja feliz, tampouco é a de um Espírito sofredor. Está arrependido. Resta-lhe, contudo, a reparação, que ele levará a efeito em outra existência de provações. Mas, antes de lá chegar, sabeis qual a situação desses homens de vida sensual que não deram ao espírito outra atividade além da invenção de novos prazeres? A influência da matéria os segue além do túmulo, sem que a morte lhes ponha termo aos apetites que a sua vista, tão limitada como quando na Terra, procura em vão os meios de os saciar. Por não terem nunca procurado alimento espiritual, a alma erra no vácuo, sem direção, sem esperança, presa dessa ansiedade de quem não tem diante de si mais que um deserto sem limites. A nulidade de suas ocupações intelectuais durante a vida corpórea acarreta naturalmente a nulidade do trabalho espiritual depois da morte; não podendo mais saciar o corpo, nada restará para satisfazer o Espírito. Daí, um tédio mortal cujo termo não preveem e ao qual prefeririam o nada. Mas o nada não existe... Puderam matar o corpo, mas não podem aniquilar o Espírito. É preciso, pois, que vivam nessas torturas morais até que, vencidos pelo cansaço, se decidam a volver os olhos para Deus.

Lisbeth

Um Espírito sofredor se inscreve com o nome de Lisbeth.

1. *Podeis dar-nos algumas informações a respeito da vossa posição, assim como da causa dos vossos sofrimentos?* – R. Sede humilde de coração, submisso à vontade de Deus, paciente na provação, caridoso para com o pobre, consolador do fraco, sensível a todos sofrimentos e não sofrereis as torturas que me consomem.

2. *Pareceis sentir as falhas opostas às qualidades que acabais de assinalar. O arrependimento poderá dar-vos algum alívio?* – R. Não; o arrependimento é inútil, quando resulta apenas do sofrimento. O arrependimento profícuo tem por base a mágoa de haver ofendido a Deus e o conseqüente desejo de reparação. Ainda não sou capaz de tanto, infelizmente. Recomendai-me às preces de quantos se interessem pelos sofrimentos alheios, porque delas tenho necessidade.

Isto é uma grande verdade. Às vezes o sofrimento provoca um brado de arrependimento, mas que não expressa com sinceridade o pesar de haver praticado o mal, porquanto, se o Espírito deixasse de sofrer, reincidiria nas mesmas faltas. É por isso que o arrependimento nem sempre acarreta a imediata libertação do Espírito; apenas o predis põe para ela, eis tudo. É-lhe preciso, além disso, provar a sinceridade e firmeza de suas resoluções, por meio de novas provações reparadoras do mal praticado.

Meditando-se cuidadosamente sobre todos os exemplos que citamos, encontrar-se-á nas palavras dos Espíritos, mesmo dos mais inferiores, profundos ensinamentos, visto que eles nos fornecem os mais íntimos pormenores da vida espiritual. Enquanto o homem superficial só verá nesses exemplos narrativas pitorescas, o homem sério e refletido encontrará neles abundante manancial de estudos.

3. Farei o que desejas. Podereis dar-nos alguns pormenores da vossa última existência corpórea? Daí pode resultar algum ensinamento útil para nós e assim tornareis proveitoso o vosso arrependimento.

O Espírito vacila na resposta, não só desta pergunta, como de algumas das que se seguem.

R. Nasci num meio elevado. Possuía tudo que os homens julgam a fonte da felicidade. Rica, tornei-me egoísta; bela, fui vaidosa, insensível, hipócrita; nobre, era ambiciosa. Esmaguei sob os pés todos os que não se dobravam diante de mim, esquecida de que a cólera do Senhor também esmaga, cedo ou tarde, as mais altivas frentes.

4. Em que época vivestes? – R. Há 150 anos, na Prússia.

5. Desde então não progredistes como Espírito? – R. Não; a matéria se revoltava sempre, e tu não podes avaliar a influência que ela ainda exerce sobre mim, a despeito da separação do corpo. O orgulho me prende a fortes cadeias, cujos anéis comprimem cada vez mais o mísero que lhe hipoteca o coração. O orgulho, hidra de cem cabeças a se renovarem incessantemente, modulando silvos envenenados que chegam a parecer celeste harmonia! Orgulho! Esse demônio multiforme que se amolda a todas as aberrações do Espírito, que se oculta em todos os refolhos do coração, que penetra as veias; que absorve e arrasta às trevas da eterna geena!... Oh! sim... eterna!

Provavelmente, o Espírito diz não ter feito progresso algum, por ser a sua situação sempre penosa; mas a maneira pela qual descreve o orgulho e lhe

deplora as conseqüências é, incontestavelmente, um progresso. Certamente, quando encarnado e mesmo logo após a morte, ele não poderia raciocinar assim. Compreende o mal, o que já é alguma coisa; a coragem e o propósito de evitá-lo lhe sobrevirão mais tarde.

6. *Deus, a bondade por excelência, não condenaria suas criaturas a penas eternas. Confiai na sua misericórdia.* – R. Dizem que isto pode ter um termo, mas onde e quando? Há muito que o procuro e só vejo sofrimento, sempre, sempre, sempre!

7. *Como viestes hoje aqui?* – R. Conduzida por um Espírito que me acompanha muitas vezes.

7-a. *Desde quando vedes esse Espírito?* – R. Não faz muito tempo.

7-b. *E desde quando tendes consciência das faltas que cometestes?* – R. [Depois de longa reflexão.] Sim, tens razão; só então pude vê-lo.

8. *Compreendeis agora a relação existente entre o arrependimento e o auxílio prestado por vosso Espírito protetor? Tomai como origem desse apoio o amor de Deus, cujo objetivo será o seu perdão e misericórdia infinitos.* – R. Oh! como desejaria que assim fosse! Creio poder prometê-lo no nome sacratíssimo daquele que jamais foi surdo à voz dos filhos aflitos.

8-a. *Pedi de coração e sereis ouvida.* – R. Não posso; tenho medo.

9. *Então oremos juntos; Ele nos atenderá.* [Depois da prece] *Ainda estais aí?* – R. Sim. Obrigada! Não me esqueçais.

10. *Vinde aqui vos inscrever todos os dias.* – R. Sim, sim, virei sempre.

O GUIA DO MÉDIUM – Nunca esqueçais os ensinamentos que colheis nos sofrimentos dos vossos protegidos e, sobretudo, nas suas causas, visto serem lição que a todos aproveita, no sentido de se preservarem dos mesmos perigos e de idênticos castigos. Depurai os corações, sede humildes, amai-vos e ajudai-vos sem esquecerdes jamais a fonte de todas as graças, fonte inesgotável na qual podem todos saciar-se à vontade; fonte de água viva que sacia e alimenta igualmente, fonte de vida e felicidade eterna. Ide a ela, meus amigos, e bebei com fé. Mergulhai nela as vossas redes, que sairão de suas ondas carregadas de bênçãos. Adverti vossos irmãos dos perigos em que podem incorrer. Difundi as bênçãos do Senhor, que se reproduzem incessantes; quanto mais as propagardes, tanto mais se multiplicarão. A tarefa está em vossas mãos, porquanto, dizendo aos vossos irmãos: aí estão os perigos, lá os escolhos; vinde conosco a fim de os evitar; imitai a nós que

damos o exemplo, espalharei as bênçãos do Senhor sobre os que vos ouvirem. Que os vossos esforços sejam abençoados. O Senhor ama os corações puros; fazei por merecer o seu amor.

Saint Paulin

Príncipe Ouran

(Bordeaux, 1862.)

Um Espírito sofredor apresentou-se dando o nome de Ouran, príncipe russo de outros tempos:

P. *Quereis dar-nos alguns detalhes sobre a vossa situação?* – R. Oh! bem-aventurados os humildes de coração, porque deles é o reino dos céus! Orai por mim. Bem-aventurados os humildes de coração que escolhem uma posição modesta a fim de cumprirem a provação. Vós todos, a quem devora a inveja, não sabeis o estado a que ficou reduzido um desses que na Terra são considerados felizes; não avaliais o fogo que o abrasa nem os sacrifícios impostos pela riqueza, quando por ela se quer obter a salvação eterna! Que o Senhor me permita, a mim déspota orgulhoso, expiar os crimes oriundos do meu orgulho entre aqueles mesmos a quem oprimi com a tirania! Orgulho! repita-se constantemente a palavra para que não esqueçais nunca que ele é a fonte de todos os sofrimentos que nos acabrunham. Sim, eu abusei do poder e dos favores de que dispunha; fui duro e cruel para com os inferiores, os quais tiveram de curvar-se a todos os meus caprichos, satisfazer a todas as minhas depravações. Quis a nobreza, a fortuna, as honras e sucumbi sob peso superior às próprias forças.

Os Espíritos que sucumbem são geralmente levados a alegar um compromisso superior às próprias forças, o que é ainda um resquício de orgulho e um meio de se desculparem para consigo mesmos, por não se conformarem com a própria fraqueza. Deus não dá a ninguém mais do que possa suportar, nem exige da árvore jovem os frutos dados pelo tronco desenvolvido. Deus dá a liberdade aos Espíritos; o que lhes falta é vontade, e esta depende deles exclusivamente. Com força de vontade não há tendências viciosas que não se possam vencer; mas *quando um*

vício nos apraz, é natural que não façamos esforços para domá-lo. Assim, somente a nós devemos atribuir as respectivas consequências.

P. Tendes consciência das vossas faltas, e isto já é um passo para a regeneração. – R. Esta consciência é ainda um sofrimento. Para muitos Espíritos o sofrimento é um efeito quase material, porquanto, presos à humanidade da sua última existência, não se dão conta das sensações morais. Liberto da matéria, o sentimento moral aumentou-se, para mim, de tudo quanto as cruéis sensações físicas tinham de horrível.

P. Divisais um termo aos vossos sofrimentos? – R. Sei que não serão eternos, mas não lhes entrevejo o fim; é preciso, antes, que eu recomece a provação.

P. Esperais recomeçá-la em breve? – R. Não sei ainda.

P. Lembrai-vos dos vossos antecedentes? Faço-vos esta pergunta no intuito de me instruir. – R. Vossos guias estão aqui e sabem do que precisais. Vivi no tempo de Marco Aurélio. Poderoso então, sucumbi ao orgulho, causa de todas as quedas. Depois de uma erraticidade de séculos, quis experimentar uma existência obscura. Pobre estudante, mendiguei o pão, mas o orgulho possuía-me sempre. O Espírito ganhara em ciência, mas não em virtude. Sábio e ambicioso, vendi a alma a quem pagasse mais, servindo a todas as vinganças, a todos os ódios. Sentia-me culpado, mas a sede das honras e das riquezas abafava os gritos da minha consciência. A expiação foi longa e cruel. Eu quis, enfim, na minha última encarnação, experimentar uma vida de luxo e de poder, no intuito de dominar os tropeços, sem atender a conselhos. Era ainda o orgulho levando-me a confiar mais em mim do que no conselho dos protetores amigos que sempre velam por nós. Ora, já sabeis do resultado desta última tentativa.

Hoje, enfim, compreendo e aguardo a misericórdia do Senhor. Deponho a seus pés o meu arrasado orgulho e peço-lhe que me sobrecarregue com o mais pesado tributo de humildade, pois com o auxílio da sua graça o peso me parecerá mais leve. Orai comigo e por mim; orai também para que esse fogo diabólico não devore os instintos que vos encaminham para Deus. Irmãos de sofrimentos: tomara que o meu exemplo vos possa ser proveitoso e não esqueçais nunca que o orgulho é o inimigo da felicidade. É dele que derivam todos os males que acometem a humanidade e a perseguem até nas regiões celestes.

O GUIA DO MÉDIUM – É natural que alimenteis dúvidas sobre a identidade deste Espírito, por vos parecer a sua linguagem em desacordo

com o estado de sofrimento em que se acha, acusando inferioridade. Não temais, porque recebestes uma comunicação séria. Por mais sofredor que seja, a cultura deste Espírito é tamanha que o leva a exprimir-se de tal maneira. O que lhe faltava era apenas a humildade, sem a qual nenhum Espírito pode chegar a Deus. Só agora ele conquistou essa humildade, e esperamos que, com perseverança, saia triunfante de uma nova provação.

Nosso Pai celestial é justíssimo na sua sabedoria e leva em conta os esforços da criatura para domar os maus instintos. Cada vitória sobre nós mesmos é um degrau franqueado nessa escada que tem uma extremidade na Terra e outra aos pés do Juiz Supremo. Subi por esses degraus resolutamente; a vossa ascensão é tanto mais suave quanto mais firme a vontade. Olhai sempre para cima a fim de vos encorajardes, porque ai daquele que se detém e olha para trás. Depressa o atinge a vertigem, espanta-se com o vácuo que o cerca, desanima e diz: para que mais caminhar, se andei tão pouco e tanto me falta ainda? Não, meus amigos, não olheis para trás. O orgulho está arraigado no homem. Pois bem! aproveitai-o na força e na coragem de terminar a vossa subida. Empregai-o ainda em dominar as fraquezas e galgai o topo da montanha eterna.

Pascal Lavie

(Le Havre, 9 de agosto de 1863.)

Este Espírito manifestou-se espontaneamente, embora o médium não o conhecesse em vida nem mesmo de nome:

“Creio na bondade de Deus, que, na sua misericórdia, se compadecerá do meu Espírito. Tenho sofrido muito, muito. Morri no mar. Meu Espírito, ligado ao corpo, vagou por muito tempo sobre as ondas. Deus...

A comunicação foi interrompida, e no dia seguinte o Espírito prosseguiu.

“...houve por bem permitir que as preces dos que ficaram na Terra me tirassem do estado de perturbação e incerteza em que me achava imerso. Esperaram-me por muito tempo e puderam enfim achar meu corpo. Este repousa atualmente, ao passo que o Espírito, desprendido com dificuldade, vê as faltas cometidas. Consumada a provação, Deus julga com justiça e a sua bondade se estende aos arrependidos.

“Por muito tempo o corpo e o Espírito erraram juntos, sendo essa a minha expiação. Segui o caminho reto, se quiserdes que Deus facilite o desprendimento do vosso Espírito. Vivi no seu amor, orai, e a morte, que tantos temem, vos será suavizada pelo conhecimento da vida que vos espera. Sucumbi no mar, e por muito tempo me esperaram. Não poder desligar-me do corpo era para mim terrível provação; por isso necessito das preces de quem, como vós, possui a crença salvadora e pode pedir por mim ao Deus de justiça. Arrependo-me e espero ser perdoado. O meu corpo foi encontrado no dia 6 de agosto. Eu era um pobre marinheiro e há muito tempo que morri. Orai por mim.”

Pascal Lavie

P. *Onde foi achado o vosso corpo?* – R. Não muito longe de vós.

O *Journal du Havre*, de 11 de agosto de 1863, continha o seguinte artigo, do qual o médium não tinha o menor conhecimento:

“Noticiamos que a 6 do corrente mês se encontrara um resto de cadáver entre Bléville e La Hève. A cabeça, os braços e o busto tinham desaparecido, porém, apesar disso, a sua identidade pôde ser constatada pelos sapatos ainda presos aos pés. Foi reconhecido o corpo do pescador Lavie, arrebatado do navio *L'Alerte* por forte rajada de vento. Lavie tinha 49 anos e era natural de Calais. Foi a viúva que lhe reconheceu a identidade.”

A 12 de agosto, como se tratasse desse acontecimento no Centro em que o Espírito se manifestara pela primeira vez, este houve por bem dar, espontaneamente, a seguinte comunicação:

“Sou realmente Pascal Lavie, que tem necessidade das vossas preces. Podeis beneficiar-me, dado que a provação que experimentei foi terrível. O meu Espírito só conseguiu desligar-se do corpo depois que reconheci as minhas faltas, e mesmo assim de forma parcial, de modo que eu o acompanhava no oceano que o tragara. Orai, pois, para que Deus me perdoe e me conceda repouso. Que este desastrado fim de uma infeliz vida terrena vos sirva de grande ensinamento! Deveis ter sempre em vista a vida futura, não deixando jamais de implorar a Deus a sua misericórdia. É preciso que Ele se compadeça de mim.”

Pascal Lavie

Ferdinand Bertin

Um médium do Havre evocou o Espírito de uma pessoa de suas relações, que respondeu: “Quero comunicar-me, mas não consigo vencer o obstáculo entre nós. Sou forçado a deixar que se aproximem estes infelizes e sofredores.” Logo depois, o médium transmite a seguinte comunicação espontânea:

“Estou num terrível abismo! Ajudai-me... Oh! meu Deus! Quem me tirará desse abismo? Quem socorrerá com mãos piedosas o infeliz tragado pelas ondas? A noite é tão escura que tenho medo. Por toda parte o marulho das vagas, e nem uma palavra amiga que me console e ajude neste momento supremo. Entretanto, esta noite profunda é bem a morte com seus horrores, e eu não quero morrer!... Oh! meu Deus! Não é a morte futura, é a passada!... Estou separado para sempre dos que me são caros... Vejo o meu corpo, e o que há pouco sentia era apenas a lembrança da angustiada separação... Tende piedade de mim, vós que conheceis o meu sofrimento; orai por mim, pois não quero mais sentir as lacerações da agonia, como tem acontecido desde a noite fatal!... É essa, no entanto, a punição, bem a pressinto... Oraí, eu vos suplico!... Oh! o mar... o frio... vou ser tragado pelas ondas... Socorro! Tende piedade; não me repilais!... Nós nos salvaremos os dois sobre esta tábua!... Oh! afogo-me; as águas vão tragar-me, sem que aos parentes reste o consolo de me tornarem a ver... Mas não! Que vejo! Meu corpo a balançar-se pelas ondas... As preces de minha mãe serão ouvidas. Pobre mãe! Se pudesse imaginar o filho tão miserável como de fato o é, pediria mais; acredita, porém, que a causa da morte me santificou o passado e chora-me como mártir, e não como infeliz castigado!... Oh! vós que o sabeis, sereis implacáveis? Não; por certo intercedereis por mim.

*François Bertin*⁷⁸

O médium desconhecia por completo esse nome, não lhe sugerindo nem mesmo uma vaga lembrança, pelo que supôs fosse de algum desditoso naufrago que se viesse manifestar espontaneamente a ele, como sucedia tantas vezes. Mais tarde soube que se tratava, de fato, do nome de uma

⁷⁸ N.T.: No início da comunicação, o Espírito foi designado pelo nome de **Ferdinand**, exatamente como consta no original francês da 4ª edição, de 1869, que serve de base para esta tradução, assim como em outras edições originais que consultamos.

das vítimas da grande catástrofe marítima ocorrida nessas paragens a 2 de dezembro de 1863. A comunicação fora dada a 8 do mesmo mês, seis dias, portanto, depois do sinistro. O indivíduo perecera fazendo tentativas extraordinárias para salvar a equipagem e no momento em que se julgava ao abrigo da morte. Não tendo qualquer parentesco com o médium, nem mesmo conhecimento, por que se teria manifestado a este em vez de o fazer a qualquer membro da família? É que os Espíritos não encontram em todas as pessoas as condições fluídicas imprescindíveis à manifestação. Este, na perturbação em que estava, nem mesmo tinha a liberdade de escolha, sendo conduzido por instinto e por atração para este médium, dotado, ao que parece, de aptidão especial para as comunicações deste gênero. Também é de supor que presentisse uma simpatia particular, como outros a encontraram em idênticas circunstâncias. A família, estranha ao Espiritismo, talvez até mesmo hostil a esta crença, não teria acolhido a manifestação, como o fez esse médium.

Embora a morte tivesse ocorrido há alguns dias, o Espírito experimentava ainda todas as suas angústias. Era evidente, portanto, que não tinha consciência da situação; acreditava-se vivo, lutando contra as ondas, mas ao mesmo tempo se referindo ao corpo como se dele estivesse separado; grita por socorro, diz que não quer morrer e fala logo após da causa da morte, reconhecendo nela um castigo. Toda essa incoerência denota a confusão das ideias, fato comum em quase todas as mortes violentas.

Dois meses mais tarde, a 2 de fevereiro de 1864, o Espírito de novo se comunica espontaneamente pelo mesmo médium, ditando-lhe o que se segue:

“A piedade que tivestes dos meus tão horríveis sofrimentos aliviou-me. Compreendo a *esperança*, entrevejo o perdão, mas só depois da reparação da falta cometida. Sofro continuamente e, se por alguns momentos Deus permite que eu entreveja o fim da minha desventura, devo-o às preces de almas caridosas apiedadas da minha situação. Oh! *esperança*, raio celeste, como és bendita quando te sinto despontar-me na alma!... Mas oh! o abismo se abre, o terror e o sofrimento absorvem o pensamento de misericórdia. A noite, sempre a noite!... a água, o bramir das ondas que me tragaram, não passam de pálida imagem do horror em que se envolve o meu pobre Espírito... Fico mais calmo quando posso permanecer junto de vós, pois assim como a confidência de um segredo

ao peito amigo nos alivia, assim também a vossa piedade, motivada pela confiança da minha penúria, acalma o sofrimento e dá repouso ao meu Espírito... As vossas preces me fazem bem; não mas recuseis. Não quero cair nesse horrendo sonho que se transforma em realidade quando o vejo... Tomai o lápis com mais frequência. Faz-me tanto bem quando me comunico convosco!”

Alguns dias depois, este Espírito foi evocado numa reunião espírita em Paris, sendo-lhe dirigidas as seguintes perguntas, por ele englobadas numa única comunicação e mediante outro médium, na forma abaixo:

P. *Quem vos levou a comunicar espontaneamente pelo outro médium? Há quanto tempo habíeis morrido quando vos manifestastes?*

P. *Quando vos comunicastes parecíeis duvidar ainda do vosso estado, experimentando, ao mesmo tempo, todas as angústias de uma morte terrível. Tendes agora melhor compreensão dessa situação?*

P. *Dissestes positivamente que a vossa morte era uma expiação. Podereis dizer-nos o motivo dessa afirmativa? Isso servirá de ensinamento para nós e de alívio para vós. Por uma confissão sincera atraireis a misericórdia de Deus, a qual solicitaremos em nossas preces.*

R. À primeira vista parece impossível que uma criatura possa sofrer tão cruelmente. Deus! Como é penoso se ver constantemente envolto nas vagas em fúria, provando sem cessar esse suplício, esse frio glacial que sobe ao estômago e constringe! Mas de que serve entreter-vos com tais coisas? Não devo começar por obedecer às leis da gratidão, agradecendo-vos a vós todos que vos interessastes pelos meus tormentos? Perguntastes se me manifestei muito tempo depois da morte?

Não posso responder facilmente. Pensai e avaliái em que horrível situação estou ainda. Creio que fui trazido para junto do médium por força estranha à minha vontade e, coisa impossível, *servia-me do seu braço com a mesma facilidade com que neste momento me sirvo do vosso*, convicto de que ele me pertence. Agora experimento mesmo um grande prazer, como que um alívio particular que, oh! logo vai cessar. Mas meu Deus! terei forças para fazer a confissão que me cumpre? Contudo, depois de ser muito animado, o Espírito acrescentou: eu era muito culpado, e o que mais me tortura é ter sido considerado mártir, quando em verdade não o fui... Na precedente existência eu mandara ensacar várias vítimas ainda vivas e depois as atirei no mar. Orai por mim!

COMENTÁRIO DE SÃO LUÍS SOBRE ESTA COMUNICAÇÃO – Esta confissão trará grande alívio ao Espírito, que realmente foi bem culpado! Honrosa, porém, foi a existência que acaba de deixar; era amado e estimado de seus chefes. Tudo isso era fruto do seu arrependimento e das boas resoluções que tomou antes de voltar à Terra, onde desejara ser humano, tanto quanto fora cruel no passado. O devotamento de que deu provas era uma reparação, sendo-lhe porém preciso resgatar as faltas passadas por uma expiação final: a da morte cruel que padeceu. Ele mesmo quis depurar-se pelo sofrimento das torturas que infligira a outrem; mas reparai que uma ideia o persegue: o pesar de ser tido como mártir. Essa humildade será levada em consideração. Enfim, ele deixou o caminho da expiação para entrar no da reabilitação. Podeis sustentá-lo com as vossas preces, levando-o a trilhar com passo mais firme e resoluto.

François Riquier

François Riquier era um velho celibatário, avarento e muito popular, falecido em C..., em 1857, legando aos parentes colaterais considerável fortuna. Em outros tempos havia sido locador de uma inquilina, que mais tarde o esquecera completamente, ignorando até se ainda vivia ou não. Em 1862, uma filha dessa senhora, sujeita a crises de catalepsia seguidas de sono magnético espontâneo e também excelente médium escrevente, viu, num desses sonos, o Sr. Riquier, o qual, assegurava, pretendia dirigir-se à sua mãe. Alguns dias mais tarde, uma vez que se manifestara espontaneamente confirmando aquela intenção, mantiveram com ele a seguinte comunicação:

P. *Que pretendeis de nós?* – R. Meu dinheiro, do qual os miseráveis se apossaram, a fim de o repartirem! Venderam minhas fazendas, minhas casas, tudo, para se locupletarem. Dilapidaram meus bens, como se não mais me pertencessem. Que me seja feita justiça, já que a mim não me ouvem e não quero presenciar tais infâmias. Dizem que eu era usurário, e guardam meu dinheiro! Por que não restituem o que me pertence? Porventura acharão que foi mal ganho?

P. *Mas estais morto, meu caro senhor, e não tendes necessidade alguma de dinheiro. Pedi a Deus para vos conceder uma nova existência de pobreza, a fim de expiardes a usura desta última.* – R. Não, eu não poderei viver na

pobreza. Preciso do meu dinheiro, sem o qual não posso viver. Além disso, não preciso de outra existência, já que estou vivo atualmente.

P. [Foi-lhe feita a seguinte pergunta, no intuito de chamá-lo à realidade.] *Sofreis?* – R. Oh! sim. Sofro torturas piores que a mais cruel enfermidade, pois é minha alma quem as padece. Tenho sempre presente na mente a iniquidade de uma vida que foi para muitos motivo de escândalo. Sei perfeitamente que sou um miserável, indigno de piedade, mas o meu sofrimento é tão grande que é preciso que me auxiliem a sair desta situação deplorável.

P. *Oraremos por vós.* – R. Obrigado! Oraí para que eu esqueça os meus bens terrenos, sem o que não poderei arrepender-me jamais. Adeus e obrigado.

François Riquier
Rue de la Charité, nº 14

É bastante curioso ver-se este Espírito indicar seu endereço como se ainda estivesse vivo. A senhora, que o ignorava, apressou-se em verificá-lo e ficou muito surpresa por ver que era justamente a última casa que Riquier habitara. Assim, passados cinco anos, ele não se considerava morto, experimentando ainda a ansiedade, bem cruel para um avaro, de ver os bens partilhados pelos herdeiros. A evocação, sem dúvida provocada por algum Espírito bom, teve por fim fazer-lhe compreender o seu estado e predispô-lo ao arrependimento.

Claire

(Sociedade Espírita de Paris, 1861.)

O Espírito que ditou as comunicações seguintes pertenceu a uma senhora que o médium conhecera na Terra, cujo caráter e conduta justificam plenamente os tormentos que lhe sobrevieram. Além do mais, ela era dominada por um sentimento exagerado de orgulho e egoísmo pessoais, sentimento que se evidencia principalmente na terceira das mensagens, ao pretender que o médium apenas se ocupe com ela. Essas comunicações foram obtidas em diferentes épocas, sendo que as três últimas já denotam sensível progresso nas disposições do Espírito, graças ao cuidado do médium, que empreendera a sua educação moral.

I – Eis-me aqui, eu, a infeliz Claire. Que queres tu que te diga? A resignação e a esperança não passam de palavras para os que sabem que, inumeráveis como os calhaus da praia, os sofrimentos lhe perdurarão na sucessão interminável dos séculos. Dizes que posso suavizá-los... Que vaga palavra! Onde encontrar coragem e esperança para tanto? Procura, pois, inteligência obtusa, o que seja um dia que jamais se acaba. Será um dia, um ano ou um século... que sei eu? Se as horas não o dividem, as estações não variam; eterno e lento como a água que brota do rochedo, este dia ex-crável, maldito, pesa sobre mim como avalanche de chumbo... Eu sofro!... Em torno de mim, apenas sombras silenciosas e indiferentes... Eu sofro!

Contudo, sei que acima desta miséria reina o Deus Pai, para o qual tudo se encaminha. Quero pensar nele, quero implorar-lhe misericórdia. Debato-me e me arrasto como o estropiado que rasteja ao longo do caminho. Não sei que poder me atrai para ti; talvez sejas a salvação. Tu me deixas mais calma, mais reanimada, qual anciã enregelada que se aquecesse sob um raio de sol. Gélida, minha alma se reanima à tua aproximação.

II – A minha desgraça aumenta dia a dia, à medida que se desenvolve em mim o conhecimento da eternidade. Ó miséria! Malditas sejam as horas de egoísmo e de esquecimento, nas quais, esquecida de toda a caridade, de todo o afeto, eu só pensava no meu bem-estar! Malditos interesses humanos, inúteis preocupações materiais que me cegaram e perderam! Agora o remorso do tempo perdido. Que te direi, a ti que me ouves? Olha, vela constantemente, ama aos outros mais que a ti mesma, não te retardes nos caminhos da ociosidade nem engordes o corpo em detrimento da alma. Vela, conforme pregava o Salvador a seus discípulos. Não me agradeças estes conselhos, porque se o *meu Espírito os concebe, o coração nunca os ouviu*. Qual o cão escorraçado rastejando de medo, assim me humilho sem conhecer ainda o voluntário amor. A sua divina aurora tarda muito a despontar! Ora por minha alma ressequida e tão miserável!

III – Já que me esqueceste, venho até aqui te procurar. Acreditas que preces isoladas e a simples pronúncia do meu nome bastarão ao apaziguamento das minhas penas? Não, cem vezes não. Errante, sem repouso, sem asilo, sem esperança, eu urro de dor, sentindo o aguilhão eterno do castigo a enterar-me na alma revoltada. Dou risadas quando ouço os vossos lamentos, assim como quando vos vejo abatidos. Que são as vossas pálidas misérias, as vossas lágrimas, os vossos tormentos que o sono interrompe? Será que eu durmo

aqui? Quero, ouviste? quero que, deixando as tuas lucubrações filosóficas, te ocupes de mim, além de fazeres com que outros mais também se ocupem. Não encontro expressões para descrever a angústia desse tempo que se escoou, sem que as horas lhe assinalem períodos. Vejo apenas um tênue raio de esperança, e esta esperança foste tu que ma deste. Não me abandones, pois.

IV – O ESPÍRITO SÃO LUÍS – Este quadro é de todo verdadeiro e em nada exagerado. Perguntar-se-á talvez o que fez essa mulher para ser tão miserável assim. Terá cometido algum crime horrível? Roubou? Assassinou? Não; ela nada fez que afrontasse a justiça dos homens. Ao contrário, divertia-se com o que chamais felicidade terrena; beleza, fortuna, prazeres, adulações, tudo lhe sorria, nada lhe faltava, a ponto de dizerem os que a viam: Que mulher feliz! E lhe invejavam a sorte. Mas o que fez ela? Foi egoísta; possuía tudo, exceto um bom coração. Não violou a lei dos homens, mas a de Deus, visto como esqueceu a primeira das virtudes — a caridade. Não tendo amado senão a si mesma, agora não encontra ninguém que a ame; nada deu, de modo que nada lhe dão; está isolada, abandonada, perdida no espaço, onde ninguém pensa nela nem dela se ocupa. É isto que constitui o seu tormento. Tendo apenas procurado os gozos mundanos que hoje não mais existem, o vácuo se fez em torno dela, e como vê apenas o nada, este lhe parece eterno. Ela não sofre torturas físicas, pois os demônios não vêm atormentá-la, o que aliás é desnecessário, visto que se atormenta a si mesma. Isto faz que sofra ainda mais, pois se os demônios a atormentassem ao menos estariam pensando nela. O egoísmo foi a sua alegria na Terra e a persegue ainda; é o verme que lhe corrói o coração, seu verdadeiro demônio.

São Luís

V – Falar-vos-ei da importante diferença existente entre a moral divina e a moral humana. A primeira assiste a mulher adúltera no seu abandono e diz aos pecadores: “Arrependei-vos e vos será aberto o reino dos céus.” Finalmente, a moral divina aceita todo arrependimento, todas as faltas confessadas, ao passo que a moral humana rejeita aquele e sorri aos pecados ocultos que, diz, são em parte perdoados. A uma cabe a graça do perdão, e a outra a hipocrisia. Escolhei, Espíritos ávidos da verdade! Escolhei entre os céus abertos ao arrependimento e a tolerância que admite o mal, mas que repele as paixões e os soluços das faltas claramente confessadas, só para

não ferir o seu egoísmo e os seus preconceitos. Arrependei-vos todos vós que pecais; renunciái ao mal e principalmente à hipocrisia, que esconde as torpezas, esta máscara risonha e mentirosa das conveniências.

VI – Agora estou calma e resignada à expiação das minhas faltas. O mal não está fora de mim, reside em mim; sou eu, portanto, que me devo transformar, e não as coisas exteriores. Trazemos conosco o nosso céu e o nosso inferno; as nossas faltas, gravadas na consciência, são lidas correntemente no dia da ressurreição. E uma vez que o estado da alma nos abate ou eleva, somos nós os juizes de nós mesmos. Explico-me: um Espírito impuro e *sobrecarregado* de culpas não pode conceber nem desejar uma elevação que não seria capaz de suportar. Crede-o bem: assim como as diferentes espécies de seres vivem, cada qual, na esfera que lhes é própria, assim os Espíritos, segundo o grau de adiantamento, se movem no meio adequado às suas faculdades e não concebem outro meio senão quando o progresso, instrumento de lenta transformação das almas, lhes subtrai as baixas tendências, despojando-os da crisálida do pecado, a fim de que possam voar antes de se lançarem, rápidos como flechas, para o fim único e almejado — Deus! Ah! rastejo ainda, mas não odeio mais, e já concebo a inefável felicidade do amor divino. Orai, pois, sempre por mim, que espero e aguardo.

Na comunicação seguinte, Claire fala de seu marido, que muito a martirizara na Terra, e da posição em que hoje se encontra no mundo espiritual. Esse quadro, que ela por si não pôde completar, foi concluído pelo guia espiritual do médium.

VII – Venho a ti, que por tanto tempo me deixas no esquecimento. Tenho, porém, adquirido paciência e não mais me desespero. Queres saber a situação do pobre Félix? Erra nas trevas, vítima da profunda nudez de sua alma. Superficial e leviano, aviltado pelo prazer, nunca soube o que eram o amor e a amizade. Nem mesmo a paixão esclareceu suas sombrias luzes. Seu estado presente é comparável ao da criança inapta para as funções da vida e privada de todo o amparo dos que a assistem. Félix vaga aterrorizado nesse mundo estranho onde tudo fulgura ao brilho desse Deus que ele negou...

VIII – O GUIA DO MÉDIUM – Claire não pode continuar a análise dos sofrimentos do marido, *sem também compartilhá-los*. Falarei em seu lugar:

Félix — superficial nas ideias como nos sentimentos; violento por fraqueza; devasso por frivolidade — entrou no mundo dos Espíritos tão nu quanto ao moral, como quanto ao físico. *Ao reencarnar nada adquiriu*

e, por conseguinte, tem de recomeçar toda a obra. Qual homem ao despertar de prolongado sonho e que reconhece a profunda agitação dos seus nervos, esse pobre ser, saindo da perturbação, reconhecerá que viveu de quimeras, que lhe desvirtuaram a existência. Então, maldirá do materialismo que lhe dera o vácuo pela realidade; maldirá o positivismo que lhe fizera tomar por desvarios as ideias sobre a vida futura, como por loucura a sua aspiração, e como por fraqueza a crença em Deus. O infeliz, ao despertar, verá que esses nomes que ele escarneceu são a fórmula da verdade, e que, ao contrário da fábula, a caça da presa foi menos proveitosa que a da sombra.

Georges

ESTUDO SOBRE AS COMUNICAÇÕES DE CLAIRE – Estas comunicações são instrutivas por nos mostrarem uma das feições mais comuns da vida — a do egoísmo. Delas não resultam esses grandes crimes que assustam mesmo os homens mais perversos, mas a condição de uma turba enorme que vive neste mundo, honrada e venerada, somente por ter um certo verniz e não cair no opróbrio da repressão das leis sociais. Essa gente não vai encontrar castigos excepcionais no mundo dos Espíritos, mas uma situação simples, natural, consequência da sua maneira de viver e do estado de sua alma. O isolamento, o abandono, o desamparo, eis a punição daquele que só viveu para si. Como vimos, Claire era um Espírito muito inteligente, mas de coração árido. A posição social, a fortuna, os dotes físicos que possuía na Terra, atraíam-lhe homenagens gratas à sua vaidade, o que lhe bastava; hoje, onde se encontra, só vê indiferença e vacuidade em torno de si, punição mais pungente do que a dor que inspira piedade e compaixão: mas é também um meio de obrigá-la a despertar o interesse de outrem a seu respeito, pela sua sorte.

A sexta mensagem encerra uma ideia perfeitamente verdadeira, ao explicar a obstinação de certos Espíritos na prática do mal. É mesmo de admirar como alguns deles são insensíveis à ideia e até ao espetáculo da felicidade de que gozam os Espíritos bons. É exatamente a situação dos homens degradados que se comprazem na depravação e nas práticas grosseiras e sensuais. Esses homens estão, por assim dizer, no seu ambiente; não concebem os prazeres delicados, preferindo farrapos andrajosos a vestes limpas e brilhantes, as festas de Baco aos prazeres das boas companhias, por se acharem assim bem mais à vontade. Esses Espíritos estão de tal modo

identificados com esse gênero de vida, que isso se torna para eles uma segunda natureza; julgam-se mesmo incapazes de se elevarem acima da esfera que lhes é própria, razão por que aí permanecem até que radical transformação do ser lhes abra a inteligência, lhes desenvolva o senso moral e os torne acessíveis a sensações mais sutis.

Esses Espíritos, quando desencarnados, não podem de uma hora para outra adquirir a delicadeza dos sentimentos e, durante um tempo mais ou menos longo, ocuparão as camadas inferiores do mundo espiritual, tal como acontece na Terra; assim permanecerão enquanto se mostrarem rebeldes ao progresso; porém, com o tempo, a experiência e as tribulações e misérias das sucessivas encarnações, chegará o momento de conceberem algo de melhor do que até então possuíam. Suas aspirações se elevam, começam a compreender o que lhes falta e se esforçam por regenerar-se. Uma vez nesse caminho, a marcha é rápida, porque experimentam uma satisfação que lhes parece bem superior, em comparação com as outras, que não passam de grosseiras sensações, acabando por inspirar-lhes repugnância.

P. [A SÃO LUÍS] – *Que devemos entender por trevas em que se acham mergulhadas certas almas sofredoras? Serão aquelas tantas vezes referidas nas Escrituras?* – R. Sim, são as trevas designadas por Jesus e pelos profetas, ao se referirem ao castigo dos maus. Isso, porém, não passava de alegoria destinada a ferir os sentidos materializados dos seus contemporâneos, os quais jamais poderiam compreender a punição de maneira espiritual. Certos Espíritos estão imersos em trevas, devendo-se, contudo, entender por isso uma verdadeira noite da alma comparável à obscuridade intelectual do idiota. Não é uma loucura da alma, porém uma inconsciência de si mesma e do que a rodeia, a qual se produz quer na presença, quer na ausência da luz material. É, principalmente, a punição dos que duvidaram do seu destino. Já que acreditaram no nada, as aparências desse nada os supliciam, até que a alma, caindo em si, quebra as malhas da inervação que a prostrava e envolvia, tal como o homem oprimido por penoso sonhar luta em dado momento, com todo o vigor das suas faculdades, contra os terrores que de começo o dominaram. Esta momentânea redução da alma a um nada fictício e consciente de sua existência é um sofrimento mais cruel do que se pode imaginar, em razão da aparência de repouso que a acomete; é esse repouso forçado, essa nulidade do ser, essa incerteza que lhe fazem o

suplício. O aborrecimento que a invade é o mais terrível dos castigos, visto não perceber coisa alguma em torno de si, nem coisas, nem seres; para ela são verdadeiras trevas.

São Luís

[CLAIRE] – Eis-me aqui. Também posso responder à pergunta relativa às trevas, pois vaguei e sofri por muito tempo nesses limbos onde tudo é soluço e misérias. Sim, existem as trevas visíveis de que falam as Escrituras, e os infelizes que deixam a vida, ignorantes ou culpados, são imersos na fria região, inconscientes de si mesmos e do seu destino. Acreditando na peregrinação dessa situação, a sua linguagem é ainda a da vida que os seduziu, e admiram-se e espantam-se da profunda solidão; são, portanto, lugares de trevas, povoados e ao mesmo tempo desertos, espaços em que erram obscuros Espíritos lastimosos, sem consolo, sem afeições, sem socorro de espécie alguma. A quem se dirigirem, se sentem a eternidade, esmagadora, sobre eles? Tremem e lamentam os interesses mesquinhos que lhes mediam as horas; deploram a ausência das noites que, muitas vezes, lhes traziam num sonho feliz o esquecimento dos pesares. Para o Espírito, as trevas são a ignorância, o vácuo, o horror ao desconhecido... Não posso continuar...

Claire

Ainda sobre este ponto obtivemos a seguinte explicação:

“Por sua natureza, o perispírito possui uma propriedade luminosa que se desenvolve sob o influxo da atividade e das qualidades da alma. Poder-se-ia dizer que essas qualidades estão para o fluido perispirítico como a fricção para o fósforo. A intensidade da luz é diretamente proporcional à pureza do Espírito, de sorte que as menores imperfeições morais a atenuam e enfraquecem. A luz irradiada por um Espírito será tanto mais viva quanto maior for o seu adiantamento. Sendo o Espírito, de algum modo, o seu *próprio farol*, verá mais ou menos segundo a intensidade da luz que produz, de onde se conclui que os Espíritos que não a produzem acham-se na obscuridade.”

Esta teoria é perfeitamente exata quanto à irradiação de fluidos luminosos pelos Espíritos superiores e é confirmada pela observação, embora não pareça ser a verdadeira causa, ou, pelo menos, a única causa do fenômeno; primeiro, porque nem todos os Espíritos inferiores estão em

trevas; segundo porque um mesmo Espírito pode achar-se alternadamente na luz e na obscuridade; e terceiro porque a luz também é castigo para os Espíritos muito imperfeitos. Se a obscuridade em que estão imersos certos Espíritos fosse inerente às suas personalidades, essa obscuridade seria *permanente e geral* para todos os Espíritos maus, o que, aliás, não acontece, visto que Espíritos da mais requintada perversidade veem perfeitamente, ao passo que outros, que assim não podem ser qualificados, jazem, temporariamente, em trevas profundas. Tudo indica, portanto, que além da luz que lhes é própria, os Espíritos recebem uma luz exterior que lhes falta segundo as circunstâncias. Conclusão: a obscuridade depende de uma causa ou de uma vontade estranha, constituindo punição especial da Soberana Justiça, para casos determinados.

P. [A SÃO LUÍS] – *Qual a causa de a educação moral dos Espíritos desencarnados ser mais fácil que a dos encarnados? As relações que o Espiritismo estabelece entre homens e Espíritos levam a crer que estes últimos se corrigem mais rapidamente sob a influência dos conselhos salutares do que os encarnados, como se vê na cura das obsessões.*

R. [SOCIEDADE DE PARIS] – Em virtude de sua própria natureza, o encarnado está numa luta incessante devido aos elementos contrários de que se compõe e que devem conduzi-lo ao seu fim providencial, reagindo um sobre o outro. A matéria sofre facilmente o predomínio de um fluido exterior; se, com todo o poder moral de que é capaz, a alma não reagir, deixar-se-á dominar por intermédio do seu corpo, seguindo o impulso das influências perversas que a rodeiam, e isso com facilidade tanto maior quanto os invisíveis, que a subjugavam, atacam de preferência os pontos mais vulneráveis, as tendências para a paixão dominante.

Não ocorre a mesma coisa com o Espírito desencarnado, porquanto, embora sob a influência semimaterial, não se compara por seu estado ao encarnado. O respeito humano, tão preponderante no homem, não existe para aquele, e só este pensamento é bastante para compeli-lo a não resistir longamente às razões que o próprio interesse lhe aponta como boas. Ele pode lutar, e o faz geralmente com mais violência do que o encarnado, visto ser mais livre. Nenhuma cogitação de interesse material, nem de posição social, se antepõe ao seu raciocínio. Luta por amor do mal, mas cedo adquire a convicção da sua impotência, em face da superioridade moral que o domina. A perspectiva de um futuro melhor lhe é mais acessível, por

se reconhecer na mesma vida em que se deve completar esse futuro; e essa visão não se turva no turbilhão dos prazeres humanos. Em uma palavra, a independência da carne é que facilita a conversão, principalmente quando se tem adquirido certo desenvolvimento pelas provações cumpridas. Um Espírito inteiramente primitivo seria pouco acessível ao raciocínio, o que não se dá com o que já tem experiência da vida. Ademais, no encarnado como no desencarnado, é sobre a alma, é sobre o sentimento que se deve agir. Qualquer ação material pode sustar momentaneamente os sofrimentos do homem vicioso, mas é incapaz de destruir o princípio mórbido que reside na alma. *Todo e qualquer ato que não vise a aperfeiçoar a alma, não poderá desviá-la do mal.*

São Luís

CAPÍTULO V



Suicidas

• O suicida da Samaritana • O pai e o conscrito • François-Simon Louvet • Mãe e filho • Duplo suicídio, por amor e por dever • Luís e a espontadeira de botinas • Um ateu • Félicien • Antoine Bell

O suicida da Samaritana

No dia 7 de abril de 1858, por volta das 7 horas da noite, um homem de cerca de 50 anos e decentemente trajado apresentou-se no estabelecimento da Samaritana, em Paris, e mandou que lhe preparassem um banho. Decorridas cerca de duas horas, o empregado de serviço, admirado do silêncio do freguês, resolveu entrar no seu gabinete, a fim de verificar o que ocorria. Deparou-se, então, com um quadro horrível: o infeliz degolara-se com uma navalha e todo o seu sangue misturava-se à água da banheira. E como a identidade do suicida não pôde ser apurada, o cadáver foi removido para o necrotério.

Evocado na Sociedade de Paris seis dias após a morte, o Espírito desse homem deu as seguintes respostas:

1. **EVOCÇÃO** – [Resposta do guia do médium] – Esperai... ele está aqui.
2. *Onde vos achais agora?* – R. Não sei... dizei-mo.
3. *Estais numa reunião de pessoas que estudam o Espiritismo e que são benévolas para convosco.* – R. Dizei-me se vivo... Este caixão me sufoca.

Embora separada do corpo, sua alma ainda está completamente imersa no que se poderia chamar o turbilhão da matéria corpórea; as ideias terrenas estão ainda vivas, a ponto de se acreditar encarnado.

4. *Quem vos impeliu a vir aqui?* – R. Senti-me aliviado.

5. *Qual o motivo que vos arrastou ao suicídio?* – R. Morto? Eu? Não... pois habito meu corpo... Não sabeis como soffro!... Sufoco-me... Ah! se mão compassiva me aniquilasse de vez!

6. *Por que não deixastes indícios que pudessem tornar-vos reconhecível?* – R. Estou abandonado; fugi ao sofrimento para entregar-me à tortura.

7. *Tendes agora os mesmos motivos para ficar incógnito?* – R. Sim; não revolvais com ferro candente a ferida que sangra.

8. *Podereis dar-nos o vosso nome, idade, profissão e domicílio?* – R. Absolutamente não.

9. *Tínheis família, mulher, filhos?* – R. Estava abandonado, ninguém me amava.

10. *E que fizestes para que ninguém vos amasse?* – R. Quantos o são como eu!... Um homem pode viver abandonado no seio da família, quando ninguém o ama.

11. *No momento de praticardes o suicídio não experimentastes qualquer hesitação?* – R. Ansiava pela morte... Esperava repousar.

12. *Como é que a ideia do futuro não vos fez renunciar a tal projeto?* – R. Já não acreditava nele. Era um desiludido. O futuro é a esperança.

13. *Que reflexões vos ocorreram ao sentirdes a extinção da vida?* – R. Não reflecti, senti... Mas minha vida não se extinguiu... minha alma está ligada ao corpo... *sinto os vermes a me corroerem.*

14. *Que sensação experimentastes no momento decisivo da morte?* – R. Pois ela se completou?

15. *Foi doloroso o momento em que a vida se vos extinguiu?* – R. Menos doloroso que depois. Só o corpo soffreu.

16. [AO ESPÍRITO SÃO LUÍS] – *Que quer dizer o Espírito afirmando que o momento da morte foi menos doloroso que depois?* – R. O Espírito descarregou o fardo que o oprimia; ele ressentia a volúpia da dor.

17. *Tal estado é sempre consequência do suicídio?* – R. Sim. O Espírito do suicida fica ligado ao corpo até o termo dessa vida. A morte natural é a libertação da vida: o suicídio a rompe por completo.

18. *Dar-se-á a mesma coisa nas mortes accidentais, embora involuntárias, mas que abreviam a existência?* – R. Não. Que entendeis por suicídio? O Espírito só responde por seus atos.

Esta dúvida da morte é muito comum nas pessoas recentemente desencarnadas, e principalmente naquelas que, durante a vida, não elevaram a alma acima da matéria. É um fenômeno que parece singular à primeira vista, mas que se explica naturalmente. Se perguntarmos a um indivíduo sonambulizado se ele dorme, ele responderá quase sempre que *não*, e essa resposta é lógica: o interlocutor é que faz mal a pergunta, servindo-se de um termo impróprio. Na linguagem comum, a ideia do sono prende-se à suspensão de todas as faculdades sensitivas. Ora, o sonâmbulo pensa, vê, sente e tem consciência da sua liberdade; logo, não se crê adormecido, e de fato não dorme, na acepção vulgar da palavra. Eis a razão por que responde *não*, até que se familiariza com essa maneira de apreender o fato. O mesmo acontece com o homem que acaba de morrer; para ele a morte era o aniquilamento do ser e, tal como o sonâmbulo, ele vê, sente, fala, e assim não se considera morto, afirmando isto até que adquira a intuição do seu novo estado. Essa ilusão é sempre mais ou menos dolorosa, uma vez que nunca é completa e dá ao Espírito certa ansiedade. No exemplo acima ela constitui verdadeiro suplício pela sensação dos vermes que corroem o corpo, sem falarmos da sua duração, que deverá equivaler ao tempo de vida abreviada. Este estado é comum nos suicidas, posto que nem sempre se apresenta em idênticas condições, variando de duração e intensidade conforme as circunstâncias atenuantes ou agravantes da falta. A sensação dos vermes e da decomposição do corpo não é exclusiva dos suicidas; também é frequente nos que viveram mais da vida material que da vida espiritual. Em princípio, toda falta é passível de penalidades; contudo, não há regra absoluta e uniforme nos meios de punição.

O pai e o conscrito

No começo da guerra da Itália, em 1859, um negociante de Paris, pai de família, gozando da estima geral por parte dos seus vizinhos, tinha um filho que fora sorteado para o serviço militar. Impossibilitado, pela sua posição, de o eximir de tal serviço, ocorreu-lhe a ideia de suicidar-se, a fim de o isentar do mesmo, como filho único de viúva. Um ano mais tarde, foi evocado na Sociedade de Paris, a pedido de pessoa que o conhecera e que desejava certificar-se da sua sorte no mundo espiritual.

[A SÃO LUÍS] – *Podereis dizer-nos se é possível evocar o Espírito a que nos referimos há pouco?* – R. Sim, e ele ficará muito satisfeito, pois se sentirá mais aliviado.

1. **EVOCÇÃO** – R. Oh! obrigado! Sofro muito, mas... é justo. Creio, contudo, que Ele me perdoará.

O Espírito escreve com grande dificuldade; as letras são irregulares e malformadas; depois da palavra *mas*, ele para e, procurando em vão escrever, apenas consegue fazer alguns pontos e traços indecifráveis. É evidente que foi a palavra *Deus* que ele não conseguiu escrever.

2. *Tende a bondade de preencher a lacuna com a palavra que deixastes de escrever.* – R. Sou indigno de escrevê-la.

3. *Dissestes que sofrestes; compreendeis que fizestes muito mal em vos suicidar. Mas o motivo que vos levou a esse ato não mereceu qualquer indulgência?* – R. A punição será menos longa, mas nem por isso a ação deixa de ser má.

4. *Podereis descrever-nos essa punição?* – R. Sofro duplamente, na alma e no corpo; e sofro neste último, embora não o possua mais, como o amputado sofre a falta do membro ausente.

5. *O vosso suicídio teve por causa unicamente a isenção do vosso filho ou concorrem para ele outras razões?* – R. Fui completamente guiado pelo amor paterno, porém mal inspirado. Em atenção a isso, a minha pena será abreviada.

6. *Podéis precisar a duração dos vossos sofrimentos?* – R. Não lhes entrevejo o termo, mas tenho certeza de que ele existe, o que já é um alívio para mim.

7. *Há pouco não vos foi possível escrever a palavra Deus; entretanto, temos visto Espíritos muito sofrendores fazê-lo. Será isso uma consequência da vossa punição?* – R. Poderei fazê-lo com grandes esforços de arrependimento.

8. *Pois bem! Fazei então esses esforços para escrevê-lo, pois estamos certos de que sereis aliviado.* (O Espírito acabou por traçar esta frase com letras grossas, irregulares e trêmulas: “Deus é muito bom”.)

9. *Estamos satisfeitos pela boa vontade com que correspondestes à nossa evocção, e vamos pedir a Deus para que estenda sobre vós a sua misericórdia.* – R. Sim, por favor.

10. [A SÃO LUÍS] – *Podereis dar-nos a vossa apreciação pessoal sobre esse suicídio?* – R. Esse Espírito sofre justamente, pois lhe faltou a confiança em Deus, falta que é sempre punível. A punição seria terrível e mais duradoura, se não tivesse a atenuá-la o motivo louvável de evitar que o filho se expusesse à morte na guerra. Deus, que é justo e vê o fundo dos corações, não o pune senão de acordo com suas obras.

OBSERVAÇÃO – À primeira vista, como ato de abnegação, poder-se-ia considerar desculpável esse suicídio. Efetivamente assim é, mas não de modo absoluto. Como disse o Espírito São Luís, faltou a esse homem confiança em Deus. A sua ação talvez haja impedido a realização dos destinos do filho; além disso, o pai não tinha certeza de que o filho sucumbiria na guerra e a carreira militar talvez lhe fornecesse ocasião de adiantar-se. Sua intenção, sem dúvida, era boa, e por isso lhe será levada em conta; a intenção atenua o mal e merece indulgência, mas o mal é sempre o mal. Se assim não fora, poder-se-ia, com base no raciocínio, desculpar todos os crimes e até matar a pretexto de prestar serviços. A mãe que mata o filho, crente de o enviar ao céu, seria menos culpada por tê-lo feito com boa intenção? Com tal sistema, estariam justificados todos os crimes cometidos pelo fanatismo cego das guerras de religião.

Em princípio, o homem não tem o direito de dispor da vida, porque ela vos foi dada *visando a deveres a cumprir na Terra*, razão por que não deve abreviá-la voluntariamente, sob pretexto algum. Como, porém, o homem dispõe do livre-arbítrio, ninguém pode impedi-lo de cometer o suicídio, embora, se o fizer, terá de arcar com todas as consequências. O suicídio mais severamente punido é o resultante do desespero, com vistas a livrar-se o homem das misérias da vida, misérias que são ao mesmo tempo provas e expiações. Fugir delas é recuar ante a tarefa aceita e, às vezes, ante a missão que se deveria cumprir. O suicídio não consiste apenas no ato voluntário que produz a morte instantânea, mas em tudo quanto se faça conscientemente para apressar a extinção das forças vitais. Não se pode tachar de suicida o devotamento daquele que se expõe a uma morte iminente para salvar o semelhante; primeiro porque no caso não há intenção premeditada de se tirar a vida, e, segundo, porque não há perigo do qual a Providência não nos possa livrar se a hora de partir não houver chegado. A morte em tais circunstâncias é sacrifício meritório, por constituir-se em ato de abnegação em proveito de outrem. (*O evangelho segundo o espiritismo*, capítulo V, itens 53, 65, 66 e 67.)

François-Simon Louvet

(Do Havre.)

A seguinte comunicação foi dada espontaneamente, em uma reunião espírita no Havre, a 12 de fevereiro de 1863:

“Tereis piedade de um pobre miserável que sofre desde muito tempo de cruéis torturas? Oh! o vácuo... o espaço... caio, caio... Socorro!... Meu Deus, eu tive uma existência tão miserável!... Era um pobre coitado; sofri tanta fome na velhice! Foi por isso que me habituei a beber, a ter vergonha e desgosto de tudo... Quis morrer e atirei-me... Oh! meu Deus! Que momento! E para que tal desejo, quando o termo da vida já estava tão próximo? Orai, para que eu não veja incessantemente este *vácuo debaixo de mim*... Vou despedaçar-me de encontro a essas pedras!... Eu vo-lo suplico, a vós que conheceis as misérias dos que não mais pertencem a esse mundo. Não me conheceis, mas eu sofro tanto... Para que mais provas? Sofro! Não será isso o bastante? Se eu tivesse fome, em vez deste sofrimento mais terrível e aliás imperceptível para vós, não vacilaríeis em aliviar-me com uma migalha de pão. Pois eu vos peço que oreis por mim... Não posso permanecer por mais tempo neste estado... Perguntai a qualquer desses felizes que aqui estão e sabereis quem fui. Orai por mim.”

François-Simon Louvet

O GUIA DO MÉDIUM – “Esse que acaba de se dirigir a vós, meu filho, foi um pobre infeliz que teve na Terra a prova da miséria; vencido pelo desgosto, faltou-lhe a coragem e, em vez de olhar para o céu como devia, entregou-se à embriaguez; desceu aos últimos limites do desespero, pondo termo à sua triste provação: atirou-se da Torre Francisco I, no dia 22 de julho de 1857. Tende piedade de sua pobre alma, que não é adiantada, mas que tem conhecimento suficiente da vida futura para sofrer e desejar uma nova provação. Rogai a Deus que lhe conceda essa graça, e com isso tereis feito obra meritória.”

Buscando-se informes a respeito, encontrou-se no *Journal du Havre*, de 23 de julho de 1857, a seguinte notícia local:

“Ontem, às quatro horas da tarde, os transeuntes do cais foram dolorosamente impressionados por um horrível acidente: um homem atirou-se da torre, vindo despedaçar-se sobre as pedras. Era um velho puxador de sirga, cujo pendor à embriaguez o arrastara ao suicídio. Chamava-se François-Victor-Simon Louvet. O corpo foi transportado para a casa de uma de suas filhas. Tinha 67 anos.”

Esse homem morrera há seis anos; entretanto, ele se via ainda a cair da torre, despedaçando-se nas pedras... Aterra-o o vácuo, horroriza-o a perspectiva da

queda... e isso há seis anos! Quanto tempo durará tal estado? Ele não o sabe e essa incerteza lhe aumenta as angústias. Isso não equivale ao inferno com suas chamas? Quem revelou e inventou tais castigos? Pois são as próprias vítimas que os vêm descrever, como outros vêm falar de suas alegrias. E, muitas vezes, o fazem espontaneamente, sem que neles se pense, o que exclui toda hipótese de sermos joguete da própria imaginação.

Mãe e filho

Em março de 1865, o Sr. C..., negociante em pequena cidade dos arredores de Paris, tinha em sua casa, gravemente enfermo, o mais velho de seus filhos, que contava 21 anos. Prevendo a morte, o rapaz chamou sua mãe e teve forças ainda para abraçá-la. Esta, vertendo copiosas lágrimas, disse: “Vai, meu filho, antes de mim, que não tardarei a seguir-te.” Dito isto, retirou-se escondendo o rosto entre as mãos. As pessoas presentes a essa cena desoladora consideravam simples explosão de dor as palavras da Sra. C..., que o tempo se encarregaria de acalmar. Morto o doente, procuraram-na por toda a casa e foram encontrá-la enforcada no celeiro. O enterro da mãe foi realizado com o do filho.

EVOCÇÃO DO FILHO VÁRIOS DIAS DEPOIS DA MORTE – P. *Sabeis do suicídio de vossa mãe, em consequência do desespero que lhe causou a vossa perda?* – R. Sim, e não fosse o pesar causado por essa fatal resolução da parte dela e me julgaria completamente feliz. Pobre, excelente mãe! Não pôde suportar a prova dessa separação momentânea, e tomou, para se unir ao filho, o caminho que dele mais deveria afastá-la. E por quanto tempo! Assim, retardou indefinidamente uma reunião que *tão pronta teria sido* se sua alma se conformasse submissa às vontades do Senhor, se fosse resignada, humilde, arrependida diante da provação que devia sofrer e que haveria de depurá-la! Orai! Oh! orai por ela!... e sobretudo não a imiteis, mães que vos comoveis com a narrativa da sua morte. Não acrediteis que ela amasse mais que as outras mães, a esse filho que era a sua alegria, o seu orgulho; não, ela não amava mais: apenas lhe faltaram coragem e resignação. Mães que me ouvís, quando a agonia embaciou o olhar dos vossos filhos, lembrai-vos de que, como o Cristo, eles sobem ao cimo do Calvário, de onde deverão alçar-se à glória eterna.

Benjamin C...

EVOCÇÃO DA MÃE – Quero ver meu filho! Tendes o poder de mo devolver? Cruéis!... Eles mo tomaram para o levarem à luz, e a mim me deixaram em trevas. Quero-o... quero-o porque me pertence!... De nada vale então o amor materno? Pois quê! Tê-lo carregado no ventre por nove meses; tê-lo amamentado; nutrido a carne da sua carne, sangue do seu sangue; guiado os seus primeiros passos; ensinado a balbuciar o sagrado nome de Deus e o doce nome de mãe; ter feito dele um homem cheio de atividade, de inteligência, de honestidade, de amor filial, para perdê-lo quando realizava as esperanças concebidas a seu respeito, quando brilhante futuro o aguardava! Não, Deus não é justo; não é o Deus das mães, pois não lhes compreende a dor e o desespero... E quando me dava a morte para não me separar de meu filho, eis que novamente mo roubam!... Meu filho! meu filho, onde estás?

EVOCADOR – Pobre mãe, compartilhamos da vossa dor. Buscastes, no entanto, um triste recurso para vos reunirdes ao vosso filho. O suicídio é um crime aos olhos de Deus, e devíeis saber que Ele pune toda infração das suas leis. Não poder ver o vosso filho é a vossa punição.

MÃE – Não; eu julgava Deus melhor que os homens; não acreditava no seu inferno, mas na reunião eterna das almas que se amaram como nós nos amávamos... Enganei-me... Deus não é justo nem bom, pois que não compreendeu a grandeza da minha dor, nem do meu amor!... Oh! quem devolverá meu filho? Tê-lo-ei perdido para sempre? Piedade! Piedade, meu Deus!

EVOCADOR – Vamos, acalmai o vosso desespero; considerai que, se há um meio de rever vosso filho, não é blasfemando de Deus, como ora o fazeis. Com isso, em vez de atrairdes a sua misericórdia, fazeis jus a maior severidade.

MÃE – Disseram-me que não mais o veria, e compreendi que o haviam levado ao paraíso. E eu, estarei acaso no inferno?... no inferno das mães?... Ele existe, vejo-o constantemente.

EVOCADOR – Vosso filho não está perdido para sempre; por certo tornareis a vê-lo, mas é preciso merecê-lo pela submissão à vontade de Deus, ao passo que a revolta poderá retardar indefinidamente esse momento. Ouvi-me: Deus é infinitamente bom, mas é também infinitamente justo. Assim, ninguém é punido sem motivo, e se sobre a Terra Ele vos infligiu grandes dores, é porque as merecestes. A morte

do vosso filho era uma prova à vossa resignação; infelizmente, a ela sucumbistes quando em vida, e eis que após a morte de novo sucumbis. Como pretendes que Deus recompense os filhos rebeldes? Ele, porém, não é inexorável, e o arrependimento do culpado é sempre acolhido. Se tivésseis aceito a provação com humildade; se houvésseis esperado com paciência o momento da vossa desencarnação, ao entrardes no mundo espiritual, onde vos achais, teríeis imediatamente avistado vosso filho, o qual vos receberia de braços abertos. Teríeis tido a satisfação de vê-lo radiante depois da ausência. Mas o que fizestes e ainda agora fazeis, coloca entre vós e ele uma barreira. Não o julgais perdido nas profundezas do espaço; não, ele se encontra mais perto de vós do que supondes; apenas um véu impenetrável o subtrai à vossa vista. Ele vos vê e ama sempre, deplorando a triste condição em que caístes pela falta de confiança em Deus, aguardando ansioso o momento feliz em que se vos poderá tornar visível. De vós, somente, depende abreviar ou retardar esse momento. Orai a Deus e dizei comigo: “Meu Deus, perdoai-me por ter duvidado da vossa justiça e da vossa bondade; se me punistes, reconheço que o mereci. Dignai-vos aceitar meu arrependimento e submissão à vossa santa vontade.”

MÃE – Que luz de esperança acabais de fazer despontar em minha alma! É qual relâmpago na noite escura que me cerca. Obrigada, vou orar... Adeus.

C...

A morte, mesmo pelo suicídio, não produziu neste Espírito a ilusão de se julgar ainda vivo. Ele tem perfeita consciência do seu estado; é que para outros o castigo consiste naquela ilusão, pelos laços que o prendem ao corpo. Esta mulher quis deixar a Terra para seguir o filho na outra vida: era, pois, necessário que soubesse aí estar realmente para ser punida, não revendo o filho, como desejava. Não vê-lo corporalmente era a sua punição, sem falar no conhecimento exato da situação em que se encontrava. Assim é que cada falta é punida de acordo com as circunstâncias que a determinam, de modo que não há punições uniformes e constantes para as faltas do mesmo gênero.

Duplo suicídio, por amor e por dever

É de um jornal de 13 de junho de 1862 a seguinte narrativa:

“A Srta. Palmira, modista, residia com os pais. Era dotada de um físico encantador, ao qual se aliava um caráter muito amável. Por isso, era muito assediada com propostas de casamento. Entre os aspirantes à sua mão, havia preferido o Sr. B..., que por ela nutria viva paixão. Embora o amasse muito, mas premida pelo respeito filial, julgou-se no dever de ceder à vontade dos pais, de desposar o Sr. D..., cuja posição social lhes parecia mais vantajosa que a do rival. O casamento foi celebrado há quatro anos.

Os Srs. B... e D... eram amigos íntimos. Conquanto não tivessem nenhum interesse comum, não deixaram de se ver. O amor recíproco do Sr. B... e de Palmira, transformada na Sra. D..., não havia diminuído e, como se esforçassem por reprimi-lo, ele aumentava cada vez mais, em razão da própria violência que lhe faziam. Para tentar apagá-lo, B... decidiu casar-se. Desposou uma jovem de excelentes qualidades e fez todo o possível para amá-la. Mas não tardou a perceber que esse meio heroico era impotente para o curar. Todavia, durante quatro anos, nem B... nem a Sra. D... faltaram aos seus deveres. Impossível descrever o que eles sofreram, porquanto D..., que estimava verdadeiramente o seu amigo, o atraía sempre para a sua casa e, quando ele queria retirar-se, insistia para que ficasse.

Os dois amantes, aproximados um dia por circunstâncias fortuitas e independentes da própria vontade, deram-se ciência do mal que os torturava e acharam que a morte era, no caso, o único remédio aos males que experimentavam. Combinaram que se suicidariam juntamente, no dia seguinte, em que o Sr. D... estaria ausente de casa por tempo mais prolongado. Feitos os últimos preparativos, escreveram longa e tocante carta, explicando a causa da sua resolução: não faltar a seus deveres conjugais. Essa carta terminava pedindo que lhes perdoassem e, mais, para serem enterrados na mesma sepultura.

De regresso a casa, o Sr. D... encontrou-os asfixiados. Respeitou-lhes os últimos desejos, providenciando para que os corpos não fossem separados no cemitério.”⁷⁹

⁷⁹ N.T.: Para mais detalhes deste caso, veja-se a *Revista espírita*, fascículo de julho de 1862. O artigo

Sendo esta ocorrência submetida à Sociedade de Paris, como assunto de estudo, um Espírito respondeu:

“Os dois amantes que se suicidaram não vos podem responder ainda. Eu os vejo. Estão mergulhados na perturbação e assustados pela perspectiva da eternidade. As consequências morais da falta cometida lhes pesarão por *migrações* sucessivas, durante as quais suas almas separadas se buscarão incessantemente, sofrendo o duplo suplício de se pressentirem e de se desejarem em vão. Terminada a expiação, ficarão reunidos para sempre, no seio do amor eterno. Dentro de oito dias, na próxima sessão, podereis evocá-los. Eles aqui virão sem se avistarem; uma noite profunda os oculta do outro por muito tempo.”

1. *EVOCÇÃO DA MULHER – Vedes o vosso amante, com o qual vos suicidastes?* – R. Nada vejo, nem mesmo os Espíritos que comigo erram neste mundo. Que noite! Que noite! E que espesso véu sobre o meu rosto!

2. *Que sensação experimentastes ao despertar no outro mundo?* – R. Estranha. Tinha frio e queimava; o gelo corria-me nas veias e o fogo estava em meu rosto! Coisa singular! Mistura inaudita! Gelo e fogo parecendo consumir-me! Pensei que ia sucumbir mais uma vez.

3. *Experimentais qualquer dor física?* – R. Todo o meu sofrimento reside *aqui, aqui...*

3-a. *Que quereis dizer por aqui, aqui?* – R. *Aqui* no meu cérebro; *aqui* no meu coração.

Se pudéssemos avistar o Espírito, provavelmente o veríamos levar a mão à cabeça e ao coração.

4. *Credes que ficareis sempre nesta situação?* – R. Oh! sempre, sempre! Ouço às vezes risos infernais, vozes assustadoras que bradam estas palavras: “Sempre assim!”

5. *Pois bem: podemos, com segurança, dizer-vos que nem sempre será assim. Pelo arrependimento obtereis o perdão.* – R. Que dizeis? Não compreendo.

6. *Repito que os vossos sofrimentos terão um termo, que o podereis abreviar pelo vosso arrependimento e nós vos ajudaremos pela prece.* – R. Só ouvi uma palavra e sons vagos. Essa palavra é *graça!* Foi da *graça* que

citado, muito mais completo naquele mensário, contempla outros desdobramentos interessantes, que Allan Kardec julgou por bem não transcrever em *O céu e o inferno*.

quisestes falar? Falastes em graça, mas sem dúvida o fizestes à alma que por aqui passou junto de mim, pobre criança que chora e espera.

Uma dama da sociedade, presente à reunião, declarou que fizera uma prece pela infeliz, o que sem dúvida a comoveu, e que, de fato, mentalmente, havia implorado em seu favor a *graça* de Deus.

7. *Dissestes que estais nas trevas. Não nos vedes?* – R. É-me permitido ouvir algumas palavras que pronunciais, mas só vejo um crepe negro sobre o qual se desenha, em certas horas, um semblante que chora.

8. *Se não vedes o vosso amado, não sentis ao menos a sua presença junto de vós, já que ele está aqui?* – R. Ah! não me faleis dele; por ora devo esquecê-lo, se quiser que do crepe se apague a imagem que aí vejo esboçada.

9. *Que imagem é esta?* – R. A de um homem que sofre, cuja existência moral na Terra aniquilei por muito tempo.

Lendo-se esta narrativa, ficamos logo predispostos a encontrar circunstâncias atenuantes para o suicídio, a encará-lo até como um ato heroico, visto ter sido provocado pelo sentimento do dever. No entanto, vemos que foi julgado diversamente, e que a pena dos culpados será longa e terrível, porque se refugiaram voluntariamente na morte para evitar a luta. A intenção de não faltar ao dever era nobre, sem dúvida, e lhes será levada em conta mais tarde; porém, o verdadeiro mérito teria consistido em vencer o arrastamento, ao passo que eles agiram como o desertor, que se esquia no momento do perigo.

Como se vê, a pena dos dois culpados consistirá em se buscarem por muito tempo sem se encontrarem, *seja no mundo dos Espíritos, seja em outras encarnações terrenas*; pena que ora é agravada pela ideia de que o seu estado atual deve durar sempre. Fazendo parte do castigo um tal pensamento, não lhes foi permitido ouvir as palavras de esperança que lhes dirigimos. Aos que acharem essa pena muito terrível e muito longa, principalmente porque não deve cessar senão depois de várias encarnações, diremos que sua duração não é absoluta e que dependerá da maneira pela qual suportarão as provas futuras, no que poderemos ajudá-los por meio de preces. Como todos os Espíritos culpados, serão os árbitros de seu próprio destino. Isto não é melhor que a condenação eterna, sem esperança, a que são irremediavelmente condenados, segundo a doutrina da Igreja, que os considera de tal modo votados ao inferno que lhes recusou as últimas preces, sem dúvida, por não terem utilidade?

Luís e a pespontadeira de botinas

Havia sete ou oito meses que Luís G..., oficial sapateiro, namorava a jovem Victorine R..., pespontadeira de botinas, com a qual deveria casar-se em breve, já tendo mesmo ocorrido os proclamas do casamento. Estando as coisas neste pé, consideravam-se quase definitivamente ligados e, como medida de economia, o sapateiro vinha diariamente à casa da noiva para almoçar e jantar.

Um dia, ao jantar, sobreveio uma controvérsia a propósito de uma futilidade qualquer e, obstinando-se os dois nas opiniões, foram as coisas a ponto de Luís abandonar a mesa, jurando não mais voltar à casa da noiva.

Não obstante, no dia seguinte veio pedir perdão. Como se sabe, a noite é boa conselheira, mas a moça, prejudgando talvez pela cena da véspera o que poderia acontecer quando não mais tivesse tempo de remediar o mal, recusou-se à reconciliação, de modo que nem protestos, nem lágrimas, nem desesperos puderam demovê-la. Muitos dias ainda se passaram, esperando Luís que a sua amada fosse mais razoável, até que resolveu fazer uma última tentativa: — Chegando à casa da moça, bateu de forma a ser reconhecido, mas a porta permaneceu fechada; recusaram abrir-lha. Novas súplicas do repellido, novos protestos, nada foi capaz de tocar o coração da sua pretendida. “Adeus, pois, cruel!” — exclamou o pobre moço — “Adeus para sempre. Trata de procurar um marido que te ame tanto quanto eu.” Ao mesmo tempo a moça ouvia um gemido abafado e logo após o baque como que de um corpo escorregando pela porta. Pelo silêncio que se seguiu, a moça julgou que Luís se assentara à soleira da porta e prometeu a si mesma não sair enquanto ele ali se conservasse.

Decorrido um quarto de hora um locatário, passando pela calçada e levando luz, soltou um grito de espanto e pediu socorro. Depressa acorre a vizinhança, e Victorine, abrindo então a porta, deu um grito de horror, ao reconhecer o noivo, pálido e inanimado, estendido sobre as lajes da calçada. Cada qual se apressou em socorrê-lo, mas logo se percebeu que tudo seria inútil, já que ele deixara de existir. O desgraçado moço enterrara uma faca na região do coração e a lâmina ficara-lhe cravada na ferida aberta, por onde o sangue se escoou.

(Sociedade Espírita de Paris, agosto de 1858.)

1. [AO ESPÍRITO SÃO LUÍS] – *A moça, causadora involuntária da morte do amante, tem alguma responsabilidade por isso?* – R. Sim, porque não o amava.

2. *Então, para prevenir a desgraça, deveria desposá-lo a despeito da repugnância que lhe causava?* – R. Ela procurava uma ocasião para livrar-se dele, e assim fez no começo da união o que viria a fazer mais tarde.

3. *Neste caso, a sua responsabilidade decorre de haver alimentado sentimentos dos quais não participava e que resultaram no suicídio do rapaz?* – R. Sim, exatamente.

4. *Mas então essa responsabilidade deve ser proporcional à falta, e não tão grande como se houvesse provocado o suicídio consciente e voluntariamente.* – R. É evidente!

5. *O suicídio de Luís encontra desculpa no desvario que lhe acarretou a obstinação de Victorine?* – R. Sim, pois o suicídio oriundo do amor, é menos criminoso aos olhos de Deus do que o suicídio de quem procura libertar-se da vida por motivos de covardia.

Ao Espírito Luís G..., evocado mais tarde, foram feitas as seguintes perguntas:

1. *Que pensais da ação que praticastes?* – R. Victorine era uma ingrata, e eu fiz mal em suicidar-me por sua causa, pois ela não o merecia.

2. *Então ela não vos amava?* – R. Não. A princípio iludia-se, mas a desavença que tivemos abriu-lhe os olhos, e ela até se deu por feliz achando um pretexto para se desembaraçar de mim.

3. *E o vosso amor por ela era sincero?* – R. Paixão somente, creia. Se o amor fosse puro eu me teria poupado de lhe causar um desgosto.

4. *E se acaso ela adivinhasse a vossa intenção, persistiria na sua recusa?* – R. Não sei; creio que não, porque ela não é má. Contudo, ainda assim não seria feliz, e foi melhor para ela que as coisas se passassem de tal forma.

5. *Chegando-lhe à porta, já tínheis a intenção de vos matar, caso ela vos recusasse?* – R. Não; eu não pensava nisso; não contava com a sua obstinação. Foi somente diante da teimosia dela que perdi a razão.

6. *Parece que não deploraís o suicídio senão pelo fato de Victorine não o merecer... É realmente o vosso único pesar?* – R. Neste momento, sim; estou ainda perturbado; parece que ainda estou à sua porta e experimento uma sensação que não posso definir.

7. *Chegareis a compreendê-la mais tarde?* – R. Sim, quando estiver livre desta perturbação. Fiz mal; deveria deixá-la em paz... Fui fraco e sofro as consequências da minha fraqueza. A paixão cega o homem a ponto de praticar loucuras; infelizmente, ele só o compreende tarde demais.

8. *Dizeis que tendes um desgosto... Qual é?* – R. Fiz mal em abreviar a vida. Não deveria fazê-lo. Era preferível suportar tudo aquilo a morrer antes do tempo. Sou, portanto, infeliz; sofro; e é sempre ela que me faz sofrer. Parece-me estar sempre à sua porta; ingrata!... mas... não falemos nem pensemos mais nisso, que me incomoda bastante. Adeus.

Ainda aí se vê a confirmação da justiça que preside à distribuição das penas, conforme o grau de responsabilidade dos culpados. Na circunstância presente, cabe à moça a maior responsabilidade, por haver entretido em Luís, por brincadeira, um amor que não sentia. Quanto ao rapaz, ele já é punido pelo sofrimento de que deu mostras, mas a sua pena é leve, porque apenas cedeu a um impulso irrefletido, em momento de exaltação, e não a fria premeditação dos suicidas que buscam escapar das provas da vida.

Um ateu

O Sr. J.-B. D... era um homem instruído, mas saturado de ideias materialistas, não acreditando em Deus nem na alma. Foi evocado na Sociedade Espírita de Paris, dois anos depois de desencarnado, a pedido de um de seus parentes.

1. *EVOCACÃO* – R. Sofro. Sou um réprobo.

2. *Fomos levados a evocar-vos em nome de parentes que desejam conhecer vossa sorte. Poderíeis dizer-nos se a nossa evocação vos é penosa ou agradável?* – R. Penosa.

3. *A vossa morte foi voluntária?* – R. Sim.

O Espírito escreve com extrema dificuldade. A letra é grossa, irregular, trêmula e quase ilegível. Ao começar a escrever encoleriza-se, quebra o lápis e rasga o papel.

4. *Tende calma, que nós todos pediremos a Deus por vós.* – R. Sou forçado a crer em Deus.

5. *Que motivo poderia ter-vos levado ao suicídio?* – R. O tédio de uma vida *sem esperança*.

Concebe-se o suicídio quando a vida é *sem esperança*; procura-se então lhe fugir a qualquer preço. Com o Espiritismo, ao contrário, o futuro se nos desdobra e a esperança se fortalece. O suicídio deixa de ter objetivo, uma vez que apenas nos isenta do mal para nos arrastar a uma vida cem vezes pior. Eis por que o Espiritismo tem arrancado tanta gente de uma morte voluntária. São grandemente culpados os que se esforçam por acreditar, *por meio de sofismas científicos e a pretexto de uma falsa razão*, nessa ideia desesperadora, fonte de tantos males e crimes, de que tudo acaba com a vida! Serão responsáveis não só pelos próprios erros, como por todos os males a que deram causa.

6. *Quisestes escapar às vicissitudes da vida... Ganhastes alguma coisa com isso? Sois agora mais feliz?* – R. Por que não existe o nada?

7. *Tende a bondade de nos descrever do melhor modo possível a vossa atual situação.* – R. Sofro pelo constrangimento em que estou de crer em tudo quanto negava. Meu Espírito está como num braseiro, horrivelmente atormentado.

8. *De onde provinham as vossas ideias materialistas de outrora?* – R. Em outra existência eu fora mau e por isso condenei-me na presente vida a sofrer os tormentos da incerteza. Foi assim que me suicidei.

Aqui há toda uma ordem de ideias. Muitas vezes nos perguntamos como pode haver materialistas, quando, tendo eles passado pelo mundo espiritual, deveriam ter do mesmo a intuição. Ora, é precisamente essa intuição que é recusada a alguns Espíritos que, conservando o orgulho, não se arrependeram das suas faltas. Para esses tais, a prova consiste na aquisição, durante a vida corpórea e à custa do próprio raciocínio, da prova da existência de Deus e da vida futura que têm, por assim dizer, incessantemente sob os olhos. Muitas vezes, porém, a presunção de nada admitir, acima de si, os empolga e absorve. Assim, sofrem eles a pena até que, domado o orgulho, se rendem à evidência.

9. *Quando vos afogastes, que ideias tínheis das consequências? Que reflexões fizestes nesse momento?* – R. Nenhuma; era o nada para mim.

Depois é que vi que teria de sofrer mais ainda, visto não ter cumprido toda a sentença.

10. *Estais bem convencido agora da existência de Deus, da alma e da vida futura?* – R. Ah! Tudo isso me atormenta bastante!

11. *Tornastes a ver o vosso irmão?* – R. Oh! não.

12. *E por que não?* – R. Para que confundir os nossos tormentos? Oh! a gente se reúne na ventura e se exila na desgraça.

13. *Gostariéis de ver o vosso irmão, que poderíamos atrair para junto de vós?* – R. Não, não; não o mereço.

14. *Por que vos opondes a que o chamemos?* – R. Porque ele também não é feliz.

15. *Receais a sua presença e, no entanto, ela só poderia ser benéfica para vós.* – R. Não; mais tarde...

16. *Desejais mandar um recado para os vossos parentes?* – R. Que orem por mim.

17. *Parece que no círculo das vossas relações há quem partilhe das vossas opiniões. Quereis que lhes digamos algo a respeito?* – R. Oh! os infelizes! O que lhes posso desejar é que eles creiam em outra existência. Se pudessem avaliar a minha triste posição, muito refletiriam.

Evocação de um irmão do precedente, que professava as mesmas teorias, mas que não se suicidou. Apesar de infeliz, apresenta-se mais calmo; a sua escrita é clara e legível.

18. **EVOCACÃO** – R. Que o quadro dos nossos sofrimentos vos possa servir de lição, convencendo-vos da realidade de uma outra existência, na qual se expiam as faltas resultantes da incredulidade.

19. *Vós, e vosso irmão que acabamos de evocar, vos vedes reciprocamente?* – R. Não; ele me foge.

Poder-se-ia perguntar como é que os Espíritos podem fugir um do outro no mundo espiritual, uma vez que aí não existem obstáculos materiais nem refúgios impenetráveis à vista. Tudo é relativo nesse mundo e conforme a natureza fluídica dos seres que o habitam. Só os Espíritos superiores têm percepções indefinidas, que nos inferiores são limitadas. Para estes, os obstáculos fluídicos equivalem a obstáculos materiais. Os Espíritos ocultam-se às vistas uns dos outros por efeito da sua vontade, que atua sobre o envoltório perispirítico e sobre os fluidos ambientes. A Providência, porém, que vela por todos os seus filhos

e por cada um em particular, lhes concede ou nega essa faculdade, conforme as suas disposições morais, o que constitui, segundo as circunstâncias, um castigo ou uma recompensa.

20. *Estais mais calmo do que vosso irmão. Poderíeis dar-nos uma descrição mais precisa dos vossos sofrimentos?* – R. Não sofreis aí na Terra no vosso orgulho, no vosso amor-próprio, quando obrigados a reconhecer os vossos erros? O vosso espírito não se revolta com a ideia de vos humilhades a quem vos demonstre o vosso erro? Pois bem! Julgai quanto deve sofrer o Espírito que, durante toda uma existência, se convenceu de que nada existia além dele, e que a sua razão sempre prevalecia sobre os demais. Encontrando-se de súbito diante da estrondosa verdade, sente-se aniquilado, humilhado. A isso vem ainda juntar-se o remorso de haver esquecido por tanto tempo a existência de um Deus tão bom, tão indulgente. A situação é insuportável; não há calma nem repouso; só se encontra um pouco de tranquilidade no momento em que a graça divina, isto é, o amor de Deus, nos toca, pois o orgulho se apossa de tal modo de nosso pobre espírito que ele fica como que embotado, a ponto de ser preciso ainda muito tempo para que nos despojemos completamente dessa roupagem fatal. Somente a prece dos nossos irmãos pode ajudar-nos nesses tranSES.

21. *Quereis falar dos irmãos encarnados ou dos Espíritos?* – R. De ambos.

22. *Enquanto nos entretínhamos com o vosso irmão, uma das pessoas aqui presentes orou por ele. Essa prece lhe foi proveitosa?* – R. Ela não se perderá. Se ele agora recusa a graça, assim não agirá quando estiver em condições de recorrer a essa divina *panaceia*.⁸⁰

Aqui entrevemos um outro gênero de castigo, mas que não é o mesmo em todos os incrédulos. Para este Espírito, é independente do sofrimento a necessidade de reconhecer as verdades que repudiara quando encarnado. Suas ideias naturais denotam certo progresso, em comparação às de outros Espíritos que persistem na negação de Deus. Já é alguma coisa confessar o próprio erro, porque é premissa de humildade. Na sua próxima encarnação, é mais que provável que a incredulidade ceda lugar ao sentimento *inato* da fé.

⁸⁰ N.E.: Remédio para todos os males.

Transmitimos o resultado destas evocações à pessoa que no-las havia solicitado, recebendo, por nossa vez, a seguinte resposta:

“Não podeis imaginar, meu caro senhor, o grande benefício advindo da evocação de meu sogro e de meu tio. Reconhecemo-los perfeitamente. A letra do primeiro, sobretudo, apresenta notável analogia com a que ele tinha em vida, tanto mais quanto, durante os últimos meses que passou conosco, essa letra era sofreada e indecifrável. Aí se verificam a mesma forma de “pernas”, da rubrica e de certas letras. Quanto às palavras, às expressões e ao estilo, a semelhança é ainda mais frisante; para nós a analogia é perfeita, apenas com maior conhecimento de Deus, da alma e da eternidade que ele tão formalmente negava outrora. Estamos perfeitamente convictos da sua identidade. Deus será glorificado pela maior firmeza das nossas crenças no Espiritismo, e os nossos irmãos encarnados e desencarnados se tornarão melhores. A identidade de seu irmão também não é menos evidente; a despeito da enorme diferença entre o ateu e o crente, reconhecemos-lhe o caráter, o estilo e a forma peculiar das frases. Uma palavra, sobretudo, nos chamou a atenção: *panacea*, por quem tinha predileção e que a todo instante repetia.

Mostrei essas duas evocações a várias pessoas, que também se admiraram da sua veracidade, mas os incrédulos, os que partilham as mesmas opiniões dos meus parentes, desejariam respostas ainda mais categóricas. Queriam, por exemplo, que o Sr. D... indicasse o lugar em que foi enterado, onde se afogou, como foi encontrado etc. A fim de os satisfazer e convencer, não poderíeis fazer nova evocação, perguntando onde e como se suicidou, quanto tempo esteve submerso, em que lugar acharam o cadáver, onde foi inumado, de que modo, se civil ou religiosamente, foi sepultado? Dignai-vos, caro senhor, responder categoricamente a essas perguntas, pois são essenciais para os que ainda duvidam. Estou convencido de que darão, nesse caso, imensos resultados. Dou-me pressa a fim de que esta carta vos seja entregue na sexta-feira de manhã, de modo a poder fazer-se a evocação na sessão da Sociedade desse mesmo dia... etc.”

Reproduzimos esta carta pelo fato da confirmação da identidade e aqui lhe anexamos a nossa resposta para ensino das pessoas não familiarizadas com as comunicações de além-túmulo.

“As perguntas que nos pediram para novamente endereçar ao Espírito de vosso sogro são, incontestavelmente, ditadas por intenção

louvável, qual a de convencer incrédulos, considerando-se que não vos move qualquer sentimento de dúvida ou curiosidade. Todavia, um conhecimento mais aprofundado vos faria julgar supérfluas essas perguntas. Em primeiro lugar, solicitando-me conseguir resposta categórica, mostrais ignorar a circunstância de não podermos governar os Espíritos ao nosso bel-prazer. Eles nos respondem como e quando querem, e também como podem. Sua liberdade de ação é maior ainda do que quando encarnados, possuindo meios mais eficazes de escaparem ao constrangimento moral que por acaso queiramos exercer sobre eles. As melhores provas de identidade são as que eles dão espontaneamente, por si mesmos, ou então as oriundas das próprias circunstâncias, sendo quase sempre inútil provocá-las. Segundo afirmais, o vosso parente provou a sua identidade de modo incontestável; por conseguinte, é mais que provável a sua recusa em responder a perguntas que, com toda razão, podem por ele ser consideradas supérfluas, visando satisfazer à curiosidade de pessoas que lhe são indiferentes. Ele poderia responder como têm feito tantos outros em casos semelhantes: ‘Para que perguntais coisas que já sabeis?’.

A isto acrescentarei que o estado de perturbação e de sofrimentos em que ele se encontra deve agravar-se com as investigações desse gênero. É exatamente como se alguém quisesse constranger um doente, que mal consegue falar, a contar detalhes de sua vida, faltando-se assim às considerações devidas ao seu próprio estado.

Quanto ao resultado que esperais, ficai certo de que seria nulo. As provas de identidade fornecidas são bem mais valiosas por terem sido espontâneas, e não de antemão premeditadas. Ora, se os incrédulos não se deram por satisfeitos, muito menos se contentariam com interrogativas preestabelecidas, de cuja convivência poderiam suspeitar. Há pessoas a quem coisa alguma pode convencer. Mesmo que vissem o vosso parente, com os próprios olhos, continuariam a supor-se vítimas de uma alucinação.

Duas palavras ainda, senhor, quanto ao pedido que me fizestes de promover essa evocação no mesmo dia do recebimento de vossa carta. As evocações não se fazem assim de improviso e a toque de caixa. Os Espíritos nem sempre correspondem ao nosso apelo; é preciso que queiram e, também, que possam fazê-lo. É preciso ainda que encontrem um médium que lhes convenha, com as aptidões especiais necessárias e que

esse médium esteja disponível em dado momento. É preciso, enfim, que o meio lhes seja simpático etc. São circunstâncias que nem sempre podem ser satisfeitas, importando muito conhecê-las quando se quer fazer a coisa com seriedade.”

Félicien

Era um homem rico, instruído, poeta espirituoso, de caráter bom, obsequioso e ameno, e muito honrado. Falsas especulações comprometeram-lhe a fortuna e, não lhe sendo possível repará-la em virtude da idade, cedeu ao desânimo, enforcando-se, em dezembro de 1864, no seu quarto de dormir. Não era materialista nem ateu, mas um homem de gênio um tanto superficial, pouco se importando com a vida futura. Conhecendo-o intimamente, nós o evocamos quatro meses após o suicídio, inspirados pela simpatia que ele nos despertava.

EVOCACÃO – Lamento a Terra, na qual tive decepções, porém menores do que as com que me deparei aqui. Eu, que sonhava maravilhas, estou abaixo da realidade do meu ideal. O mundo dos Espíritos é bastante promíscuo, e para torná-lo suportável haveria necessidade de uma boa triagem. É incrível! Que esboço de costumes espíritas se poderia fazer aqui! O próprio Balzac,⁸¹ se estivesse em ação, não faria tal esboço senão de modo rústico. Não o divisei, porém... Onde estarão esses grandes Espíritos que tão energicamente verberaram os vícios da humanidade? Deveriam, como eu, habitar por aqui antes de se alçarem a regiões mais elevadas. Apraz-me observar este curioso pandemônio, e assim fico por aqui.

Embora o Espírito nos declare que se acha numa sociedade bastante promíscua e, por conseguinte, composta de Espíritos inferiores, a sua linguagem nos surpreendeu, considerando-se o gênero de morte, ao qual, aliás, não faz qualquer referência, o que nos deixava alguma dúvida quanto à sua identidade. A não ser isso, tudo o mais refletiu seu caráter.

P. *Poderíeis dizer-nos como morrestes?* – R. Como morri? Pela morte que escolhi, a que mais me agradou. Por muito tempo meditei nessa

⁸¹ N.E.: Honoré de Balzac (1799-1850): Escritor francês considerado o fundador do Realismo na literatura moderna.

escolha com o intuito de me desembaraçar da vida. Apesar disso, confesso que não ganhei grande coisa; libertei-me dos cuidados materiais, para encontrá-los mais graves e penosos na condição de Espírito, e cujo termo nem sequer prevejo.

P. [AO GUIA DO MÉDIUM] – *Será mesmo o Espírito Félicien que se comunica conosco? Esta linguagem, quase despreocupada, causa admiração em se tratando de um suicida.* – R. Sim. Entretanto, por um sentimento justificável na sua posição, ele não queria revelar ao médium o seu gênero de morte. Foi por isso que dissimulou a frase, acabando, no entanto, por confessá-lo diante da pergunta direta que lhe fizestes, embora não sem angústias. O suicídio o faz sofrer terrivelmente, e por isso desvia, o mais possível, tudo o que lhe recorde o seu fim funesto.

P. [AO ESPÍRITO] – *A vossa desencarnação nos comoveu bastante, em virtude de lhe prevermos as tristes consequências, além da estima e intimidade das nossas relações. Pessoalmente, não me esqueci do quanto éreis obsequioso e bom para comigo. Seria feliz se pudesse testemunhar-vos a minha gratidão, fazendo algo de útil em vosso benefício.* – R. Entretanto, eu não podia livrar-me de outro modo dos embaraços da minha posição material. Agora, só tenho necessidade de preces; orai, principalmente, para que me veja livre desses horríveis companheiros que aqui estão junto de mim, obsidiando-me com gritos, sorrisos e motejos infernais. Chamam-me covarde, e com razão, porque é covardia renunciar à vida. É a quarta vez que sucumbo a essa provação, não obstante a formal promessa de não falir... Fatalidade!... Ah! orai... Que suplício o meu! Quanto sou infeliz! Orando, fazeis por mim mais do que fiz por vós quando estava na Terra; mas a prova, ante a qual fracassei tantas vezes, aí está traçada indelével, diante de mim! É preciso tentá-la novamente dentro de algum tempo... Terei forças? Ah! recomeçar a vida tantas vezes! Lutar por tanto tempo para sucumbir aos acontecimentos, é desesperador, mesmo aqui! É por isso que preciso de força. Dizem que podemos consegui-la pela prece... Orai por mim, que eu quero orar também.

Este caso particular de suicídio, se bem que realizado em circunstâncias vulgares, apresenta uma feição especial. Ele nos mostra um Espírito que sucumbiu várias vezes à provação, que se renova a cada existência e que *se repetirá até que ele tenha forças para resistir*. É a confirmação do fato de não haver proveito no sofrimento,

sempre que deixamos de atingir o fim da encarnação, sendo preciso recomeçá-la até que saíamos vitoriosos da luta.

AO ESPÍRITO FÉLICIEN – Ouvi, eu vo-lo peço, ouvi e meditei sobre o que vos tenho a dizer e refleti sobre as minhas palavras. O que denominais fatalidade é apenas a vossa fraqueza, pois se a fatalidade existisse o homem não seria responsável por seus atos. O homem é sempre livre, e nesta liberdade está o seu maior e mais belo privilégio. Deus não quis fazer dele uma máquina obediente e cega e, se essa liberdade o torna falível, também o torna perfectível, e somente pela perfeição poderá atingir a suprema felicidade. Somente o orgulho pode levar o homem a atribuir ao destino as suas desventuras na Terra, quando, na maioria das vezes, resulta da sua própria incúria. Tendes disso um exemplo bem evidente na vossa última encarnação, pois tínheis tudo o que se fazia preciso à felicidade humana, segundo os valores do mundo: espírito, talento, fortuna, merecida consideração; nada de vícios ruinosos, mas, ao contrário, apreciáveis qualidades... Como, no entanto, a vossa posição ficou tão comprometida? Unicamente pela vossa imprevidência. Haveis de convir que, agindo com mais prudência, contentando-vos com o muito que já vos coubera, em vez de procurar aumentá-lo sem necessidade, não vos teríeis arruinado. Não havia nisso nenhuma fatalidade, já que podíeis ter evitado tal acontecimento.

A vossa provação consistia numa sucessão de circunstâncias que vos deveriam dar, *não a necessidade, mas a tentação* do suicídio. Infelizmente, apesar do vosso talento e instrução, não soubestes dominar essas circunstâncias e sofreis agora as consequências da vossa fraqueza. Essa prova, tal como pressentis com razão, deve repetir-se ainda; na vossa próxima existência tereis de enfrentar acontecimentos que vos sugerirão de novo a ideia do suicídio, e assim acontecerá sempre até que tenhais triunfado completamente.

Longe de acusar a sorte, que é a vossa própria obra, admirai a bondade de Deus, que, em vez de condenar irremissivelmente pela primeira falta, oferece sempre os meios de repará-la. Sofrereis, pois, não eternamente, mas por tanto tempo quanto o exigir a reparação das faltas. Depende de vós, quando no plano espiritual e na condição de Espírito, tomar a resolução bastante enérgica de manifestar a Deus um sincero arrependimento, solicitando com a mesma insistência o apoio dos

Espíritos bons. Voltareis então à Terra, blindado na resistência a todas as tentações. Uma vez alcançada essa vitória, marchareis na via da felicidade com mais rapidez, visto que sob outros aspectos o vosso progresso já é considerável. Como vedes, há ainda um passo a ser dado, para o qual vos auxiliaremos com as nossas preces. Estas, contudo, serão inúteis se não nos secundardes com os vossos esforços.

R. Oh! obrigado! Oh! obrigado por tão belas palavras. Tenho muita necessidade delas, visto que sou mais infeliz *do que queria demonstrar*. Vou aproveitá-las, garanto, no preparo da próxima encarnação, durante a qual farei todo o possível para não sucumbir. Espero sair logo do ignóbil meio a que fui relegado.

Félicien

Antoine Bell

Era caixa de uma casa bancária do Canadá e suicidou-se no dia 28 de fevereiro de 1865. Um dos nossos correspondentes, médico e farmacêutico residente na mesma cidade, nos deu a propósito as seguintes informações:

“Conhecia-o havia perto de 20 anos, como homem pacato e chefe de numerosa família. De algum tempo para cá imaginou ter comprado um tóxico na minha farmácia, servindo-se dele para envenenar alguém. Muitas vezes vinha suplicar-me para lhe dizer a época de tal compra, tomado então de alucinações terríveis. Perdia o sono, lamentava-se, batia no peito. A família vivia em constante ansiedade, sobretudo no período em que dava expediente no banco, onde, aliás, escriturava os seus livros com muita regularidade, sem que jamais cometesse um só erro. Habitualmente dizia sentir dentro de si um ser que o fazia desempenhar com acerto e ordem a sua contabilidade. Quando parecia convencer-se da extravagância das suas ideias, exclamava: “Não, não, quereis enganar-me... *lembro-me...* é a verdade.”

Antoine Bell foi evocado em Paris no dia 17 de abril de 1865, a pedido do amigo.

1. **EVOCACÃO** – R. Que quereis de mim? Submeter-me a um interrogatório? É inútil, confessarei tudo.

2. *Bem longe de nós a ideia de vos atormentar com perguntas indiscretas. Desejamos saber apenas a vossa posição nesse mundo, bem como se poderemos vos ser útil em alguma coisa.* – R. Ah! se for possível, ser-vos-ei extremamente grato. Tenho horror ao meu crime e sou muito infeliz!

3. *Temos a esperança de que as nossas preces atenuarão as vossas penas. Tudo indica que vos achais em boas condições, uma vez que o arrependimento assedia o vosso coração, o que constitui um começo de reabilitação. Deus, que é infinitamente misericordioso, sempre se compadece do pecador arrependido. Orai conosco.* [Faz-se a prece pelos suicidas, a qual se encontra em *O evangelho segundo o espiritismo.*] *Agora, tende a bondade de nos dizer de quais crimes vos reconheceis culpado. Ser-vos-á levada em conta essa confissão, se a fizerdes com humildade.* – R. Deixai primeiro que vos agradeça a esperança que fizestes raiar no meu coração. Oh! já faz bastante tempo que vivia numa cidade à beira do Mediterrâneo, cujas águas lambiam as suas muralhas. Amava, então, uma bela moça que me correspondia ao afeto; contudo, pelo fato de ser pobre, fui repellido por sua família. Certo dia ela me participou que desposaria o filho de um negociante, cujas transações se estendiam para além de dois mares, e assim fui repudiado. Louco de dor, resolvi acabar com a própria vida, não sem antes assassinar o detestado rival, saciando assim o meu desejo de vingança. Entretanto, os meios violentos me repugnavam, de modo que eu tremia à só ideia de praticar esse crime, porém o meu ciúme foi mais forte do que eu. Na véspera do casamento, o meu rival morria envenenado, pelo meio que me pareceu mais fácil. Eis como se explicam as reminiscências do passado... Sim, eu já reencarnei, e é preciso que reencarne ainda... Oh! meu Deus, tende piedade da minha fraqueza e das minhas lágrimas.

4. *Deploramos essa infelicidade que retardou vosso progresso e sinceramente vos lamentamos. Contudo, se vos arrependerdes, Deus se compadecerá de vós. Dizei-nos se chegastes a executar o vosso projeto de suicídio.* – R. Não; e confesso, para vergonha minha, que a esperança despontou novamente no meu coração, com o desejo de me aproveitar do crime já cometido. Mas os remorsos me traíram e acabei por expiar, no último suplício, aquele meu desvario: enforquei-me.

5. *Na vossa última encarnação tínheis consciência do mal praticado na existência anterior?* – R. Somente nos últimos anos, e eis como. Eu era bom por natureza, e depois de submetido, como todos os homicidas,

ao tormento da visão contínua da vítima, que me perseguia qual vivo remorso, dela me libertei depois de muitos anos, pelo arrependimento e pela prece. Recomecei outra existência — a última — que atravessasse calmo e tímido. Tinha em mim como que vaga intuição da minha inata fraqueza, bem como da falta anterior, cuja lembrança guardava em estado latente. Mas um Espírito obsessivo e vingativo, que não era outro senão o pai da minha vítima, facilmente se apoderou de mim, fazendo reviver em meu coração, como se fosse num espelho mágico, as terríveis lembranças do passado.

Ora influenciado por ele, ora por meu guia, que me protegia, eu era o envenenador e ao mesmo tempo o pai de família a ganhar pelo trabalho o sustento dos filhos. Fascinado por esse demônio obsessivo, deixei-me arrastar ao suicídio. Sou muito culpado, é verdade, porém menos do que se o tivesse deliberado por mim mesmo. Os suicidas da minha categoria, incapazes por sua fraqueza de resistir aos Espíritos obsessivos, são menos culpados e menos punidos do que os que tiram a vida por efeito exclusivo da própria vontade. Oraí comigo para que o Espírito que tão fatalmente me influenciou renuncie à sua vingança, e oraí por mim para que adquira a energia, a força necessária para não ceder à prova do suicídio voluntário *a que serei submetido, dizem-me, na próxima encarnação.*

6. AO GUIA DO MÉDIUM – *Um Espírito obsessivo pode, realmente, levar o obsidiado ao suicídio?* – R. Certamente, pois a obsessão, que por si mesma já é um gênero de provação, pode manifestar-se de todas as formas. Mas isto não quer dizer isenção de culpabilidade. O homem dispõe sempre do seu livre-arbítrio e, por conseguinte, é livre para ceder ou resistir às sugestões a que o submetem. Quando sucumbe, o faz sempre por assentimento da sua vontade. Ademais, o Espírito tem razão ao dizer que a ação instigada por outro é menos repreensível e menos punível do que quando cometida voluntariamente. Contudo, nem por isso se inocenta de culpa, visto como, afastando-se do caminho reto, mostra que o bem ainda não está fortemente enraizado nele.

7. *Apesar da prece e do arrependimento terem libertado esse Espírito da visão tormentosa da sua vítima, nem por isso ele deixou de ser perseguido pela vingança de um obsessivo na sua última encarnação. Como se explica esse fato?* – R. Como sabeis, o arrependimento não passa de uma *preliminar indispensável à reabilitação*, mas não basta para libertar o culpado

de todas as penas. Deus não se contenta com promessas, sendo preciso a prova, por atos, do retorno ao bom caminho. É por isso que o Espírito é submetido a novas provações que o fortalecem, resultando-lhe um merecimento ainda maior quando delas sai triunfante. Os Espíritos maus só o perseguem *enquanto não o encontram bastante forte para resistir-lhes*. Encontrando resistência, eles o abandonam, certos da inutilidade dos seus esforços.

Estes dois últimos exemplos mostram a repetição da mesma prova em sucessivas encarnações e por tanto tempo quanto forem necessárias. Antoine Bell personifica o homem perseguido pela lembrança de um crime cometido em existência anterior, qual um remorso e um aviso. Por aí já se vê que todas as existências são solidárias entre si; que a justiça e a bondade divinas se ostentam na faculdade conferida ao homem de progredir gradualmente, sem jamais privá-lo do resgate das faltas; que o culpado é punido pela própria falta, sendo essa punição, em vez de uma vingança de Deus, o meio empregado para fazê-lo progredir.

CAPÍTULO VI



Criminosos arrependidos

• Verger • Lemaire • Benoist • O Espírito de
Castelnaudary • Jacques Latour

Verger

(Assassino do Arcebispo de Paris.)

No dia 3 de janeiro de 1857, monsenhor Sibour, arcebispo de Paris, ao sair da igreja de Saint-Étienne-du-Mont, foi mortalmente ferido por um jovem padre chamado Verger. O culpado foi condenado à morte e executado no dia 30 de janeiro. Até o último instante não demonstrou qualquer sentimento de pesar, de arrependimento ou de sensibilidade. Evocado no mesmo dia da execução, deu as seguintes respostas:

1. *EVOCÇÃO* – R. Ainda estou preso ao corpo.

2. *Então a vossa alma ainda não se desligou completamente do corpo?*
– R. Não... tenho medo... não sei... Esperai que me reconheça. Não estou morto, não é mesmo?

3. *Estais arrependido do que fizestes?* – R. Fiz mal em matar, mas a isso fui levado pelo meu caráter, que não podia tolerar humilhações... Evocar-me-eis de outra vez.

4. *Por que vos retirais?* – R. Ficaria aterrorizado se o visse, pelo receio de que me fizesse a mesma coisa.

5. *Mas nada tendes a temer, uma vez que a vossa alma está separada do corpo. Afastai toda inquietação, que não é razoável agora.* – R. Que quereis? Acaso sois senhor de vossas impressões? Não sei onde estou... estarei louco?

6. *Tratai de vos acalmar.* – R. Não posso, porque estou louco... Esperai!... Vou recobrar toda a minha lucidez.

7. *Se orásseis, talvez pudésseis concentrar os vossos pensamentos.* – R. Tenho medo... não me atrevo a orar.

8. *Orai, pois é grande a misericórdia de Deus! Oraremos convosco.* – R. Sim, a misericórdia de Deus é infinita; sempre acreditei nela.

9. *Compreendeis melhor, agora, a vossa situação?* – R. Ela é tão extraordinária que ainda não posso compreendê-la.

10. *Vedes a vossa vítima?* – R. Parece-me ouvir uma voz semelhante à sua, dizendo-me: “Não mais te quero.” Será, talvez, efeito da minha imaginação? Estou louco, vo-lo asseguro, pois vejo meu corpo de um lado e a cabeça de outro... e, contudo, vejo-me no Espaço, entre a Terra e o que denominais céu... Sinto como o frio de uma faca, prestes a me decepar o pescoço... mas isso é o medo da morte... Também me parece ver uma multidão de Espíritos à minha volta, olhando-me compadecidos... *falam* comigo, mas não os compreendo.

11. *Haverá, entretanto, entre esses Espíritos, um cuja presença vos humilhe por causa do vosso crime?* – R. Apenas um me apavora: o daquele a quem matei.

12. *Lembraí-vos das existências anteriores?* – R. Não; tudo é vago... creio sonhar. Ainda uma vez, preciso tornar a mim.

13. [TRÊS DIAS DEPOIS] – *Reconhecei-vos melhor agora?* – R. Sei que já não pertença a esse mundo, e não o deploro. Lamento o que fiz, porém meu Espírito está mais livre. Sei, além disso, que há uma série de existências que nos dão conhecimentos úteis, a fim de nos tornarmos tão perfeitos quanto possível à criatura humana.

14. *Sois punido pelo crime que cometestes?* – R. Sim; é lamentável o que fiz e isso me faz sofrer.

15. *De que maneira sois punido?* – R. Sou punido porque tenho consciência da minha falta, e para ela peço perdão a Deus; sou punido porque reconheço a minha descrença em Deus, e porque sei que não devemos abreviar os dias de vida de nossos irmãos; sou punido pelo remorso de ter adiado o meu progresso, enveredando por caminho errado, sem ouvir

o grito da própria consciência que me dizia não ser pelo assassinio que alcançaria o meu objetivo. Deixei-me dominar pela inveja e pelo orgulho; enganei-me e me arrependo, pois o homem deve esforçar-se sempre por dominar as más paixões, o que deixei de fazer.

16. *Que sensação experimentais quando vos evocamos?* – R. De prazer e de temor, visto que não sou mau.

17. *Em que consiste esse prazer e esse temor?* – R. Prazer de conversar com os homens e poder em parte reparar minhas faltas, confessando-as; e temor que não posso definir, uma espécie de vergonha por ter sido assassino.

18. *Desejais reencarnar na Terra?* – R. Sim, eu o peço; desejo achar-me constantemente exposto ao assassinio, provando-lhe o temor.

Monsenhor Sibour foi evocado e disse que perdoava ao assassino e orava para que ele se arrependesse. Disse ainda que, se estivesse presente à evocação de Verger, não se lhe teria mostrado para não lhe aumentar os sofrimentos. O temor de vê-lo, que o assassino experimentava, já era um castigo para o ex-padre.

P. *O homem que mata sabe que, ao escolher nova existência, nela se tornará um assassino?* – R. Não; ele sabe que, escolhendo uma vida de luta, tem *probabilidade* de matar um semelhante, ignorando porém se o fará, pois está quase sempre em luta consigo mesmo.

A situação de Verger, ao morrer, é a de quase todos que perecem de morte violenta. Como a separação da alma não se opera de maneira brusca, eles ficam como que aturdidos, sem saber se estão mortos ou vivos. A visão do arcebispo foi-lhe poupada, por não ser necessária ao seu remorso, ao passo que outros, em circunstâncias idênticas, são constantemente atormentados pelo olhar das suas vítimas.

Como se não bastasse a enormidade do crime, Verger acrescentava a agravante de não se ter arrependido ainda em vida e, portanto, nas condições exigidas para a eterna condenação. Entretanto, tão logo deixou a Terra, o arrependimento invadiu-lhe a alma e, repudiando o passado, deseja sinceramente repará-lo. A isso não o impele o excesso de sofrimento, até porque nem mesmo teve tempo para sofrer, mas o grito dessa consciência que desprezou em vida, e que ora se lhe faz ouvir. Por que, então, não lhe levar em conta esse arrependimento? Por que estaria salvo do inferno, caso se arrependesse alguns dias antes, e não depois da morte? E por que Deus, misericordioso para com

o penitente antes da morte, seria impiedoso depois, só porque se passaram algumas horas?

Causa admiração a rápida mudança algumas vezes operada nas ideias de um criminoso que, impenitente e endurecido até o momento de deixar a vida, compreende a iniquidade de sua conduta e se arrepende, tão logo se veja no outro mundo. Contudo, esse resultado está longe de ser geral, pois se a regra fosse esta, não haveria Espíritos maus. Como quase sempre o arrependimento é tardio, o castigo se prolonga por tempo muito mais dilatado.

A obstinação no mal, durante a vida, provém às vezes do orgulho de quem recusa submeter-se e confessar os próprios erros, visto que o homem está sujeito à influência da matéria e fascinado pelo véu que lhe é lançado sobre as percepções espirituais. Roto esse véu, súbita luz o ilumina e ele volta à realidade. O pronto retorno a melhores sentimentos é sempre o indício de um progresso moral realizado, que apenas aguarda uma circunstância favorável para se revelar, ao passo que a persistência mais ou menos longa do mal, depois da morte, é, incontestavelmente, a prova de atraso do Espírito, no qual os instintos materiais sufocam o germe do bem, de modo a lhe serem precisas novas provações para se corrigir.

Lemaire

(Condenado à pena de morte pelo júri do Aisne, e executado a 31 de dezembro de 1857. Evocado em 29 de janeiro de 1858.)

1. **EVOCÇÃO** – R. Aqui estou.

2. *Vendo-nos, que sensação experimentais?* – R. A vergonha.

3. *Guardastes a consciência até o último momento?* – R. Sim.

4. *Após a execução tivestes imediata noção dessa nova existência?* – R. Eu estava imerso em grande perturbação, da qual, aliás, ainda não me libertei. Senti uma dor imensa, parecendo-me ser o coração quem a sofria. Vi rolar não sei quê aos pés da guilhotina; vi o sangue que corria e mais pungente se tornou a minha dor.

4-a. *Era uma dor puramente física, análoga à que resultaria de um grave ferimento, da amputação de um membro, por exemplo?* – R. Não; imaginai antes um remorso, uma grande dor moral.

4-b. *Quando começastes a sentir essa dor?* – R. Desde que fiquei livre.

5. *Quem sentia a dor física do suplício: o corpo ou o Espírito?* – R. A dor moral estava em meu Espírito; o corpo sentia a dor física; *mas o Espírito desligado ainda se ressentia da dor física.*

6. *Vistes o corpo mutilado?* – R. Vi qualquer coisa disforme, à qual me parecia integrado; entretanto, reconhecia-me intacto, ou seja, eu era eu mesmo.

6-a. *Que impressão vos causou essa visão?* – R. Eu sentia muito a minha dor; *eu estava perdido nela.*

7. *Será verdade que o corpo vive ainda alguns instantes depois da decapitação, e que o supliciado tem consciência das suas ideias?* – R. O Espírito retira-se pouco a pouco; quanto mais o retêm os laços materiais, menos rápida é a separação.

8. *Dizem que se há notado movimentos e expressão de cólera na fisionomia de alguns supliciados, como se eles quisessem falar; será isso efeito de contrações nervosas ou um ato da vontade?* – R. Da vontade, pois que o Espírito ainda não se retirou do corpo.

9. *Qual o primeiro sentimento que experimentastes ao entrar na vossa nova existência?* – R. Um sofrimento intolerável, uma espécie de remorso pungente cuja causa ignorava.

10. *Acaso vos achastes reunido aos vossos cúmplices, executados convosco?* – R. Infelizmente, sim, para desgraça nossa, pois essa visão recíproca é um suplício contínuo, censurando-nos uns aos outros os crimes cometidos.

11. *Tendes encontrado as vossas vítimas?* – R. Vejo-as... são felizes... seus olhares me perseguem... sinto que penetram todo o meu ser e em vão tento fugir-lhes.

11-a. *Que impressão vos causam esses olhares?* – R. Vergonha e remorso. *Eu os provoquei voluntariamente e ainda os abomino.*

11-b. *E qual a impressão que causais a eles?* – R. Piedade.

12. *Terão ódio e desejo de vingança?* – R. Não; seus olhares lembram-me a minha expiação. *Não podeis avaliar o suplício terrível de tudo devermos àqueles a quem odiamos.*

13. *Lamentais a perda da vida terrena?* – R. Só lamento os meus crimes. Se o fato ainda dependesse de mim, não mais sucumbiria.

14. *O pendor para o mal estava na vossa natureza, ou fostes ainda influenciado pelo meio em que vivestes?* – R. Sim, estava na minha

própria natureza, visto ser eu um Espírito inferior. Quis elevar-me rapidamente, mas pedi mais do que podiam comportar as minhas forças. Acreditando-me forte, escolhi uma rude prova e acabei por ceder às tentações do mal.

15. *Se tivésseis recebido bons princípios de educação, ter-vos-íeis desviado da senda criminosa?* – R. Sim; mas eu havia escolhido a condição em que nasci.

15-a. *Acaso não vos teríeis tornado um homem de bem?* – R. Um homem fraco é incapaz, tanto para o bem como para o mal. Talvez pudesse corrigir na vida o mal peculiar à minha natureza, mas nunca me elevar à prática do bem.

16. *Quando encarnado, acreditáveis em Deus?* – R. Não.

16-a. *Mas dizem que à ultima hora vos arrependestes. É verdade?* – R. Porque acreditei num Deus vingativo, era natural que temesse a sua justiça.

16-b. *E agora o vosso arrependimento é mais sincero?* – R. Oh! eu vejo o que fiz.

16-c. *Que pensais de Deus neste momento?* – R. Sinto-o, mas não o compreendo.

17. *Achais justo o castigo que vos aplicaram na Terra?* – R. Sim.

18. *Esperais obter o perdão dos vossos crimes?* – R. Não sei.

18-a. *Como esperais repará-los?* – R. Mediante novas provas, embora me pareça que existe uma eternidade entre elas e mim.

19. *Onde vos achais agora?* – R. Carpindo o meu sofrimento.

19-a. *Perguntamos qual o lugar em que vos encontrais.* – R. Perto do médium.

20. *Já que estais aqui, sob que forma seríeis visto, se nos pudésseis aparecer?* – R. Ver-me-íeis sob a minha forma corpórea: a cabeça separada do tronco.

20-a. *Poderíeis aparecer-nos?* – R. Não; deixai-me.

21. *Poderíeis dizer-nos como fugistes da prisão de Montdidier?* – R. Nada mais sei... é tão grande o meu sofrimento, que apenas guardo a lembrança do crime... Deixai-me.

22. *Poderíamos concorrer para vos aliviar esse sofrimento?* – R. Fazei votos para que a expiação sobrevenha sem demora.

Benoist

(Bordeaux, março de 1862.)

Um Espírito apresenta-se espontaneamente ao médium, sob o nome de *Benoist*, dizendo ter morrido em 1704 e padecer horríveis sofrimentos.

1. *Que fostes na Terra?* – R. Frade sem fé.

2. *A descrença foi a vossa única falta?* – R. Basta ela para arrastar as outras.

3. *Podereis dar-nos alguns pormenores sobre a vossa vida? Ser-vos-á levada em conta a sinceridade da confissão.* – R. Pobre e indolente, ordenei-me, não por vocação, mas para ter uma boa posição na vida. Inteligente, consegui essa posição; influente, abusei do poder; vicioso, corrompi aqueles que tinha por missão salvar; cruel, persegui os que me pareciam querer censurar os meus excessos; os pacíficos foram por mim inquietados. A fome torturou muitas vítimas e amiúde seus gritos eram extintos pela violência. Agora, sofro todas as torturas do inferno; minhas vítimas ateiam o fogo que me devora. A luxúria e a fome insaciáveis me perseguem; a sede me queima os lábios escaldantes, sem que uma gota d'água lhes caia em refrigério. Tudo se volta contra mim. Oh! orai... Orai pelo meu Espírito.

4. *As preces feitas pelos finados deverão ser-vos atribuídas como aos outros?* – R. Acreditais que sejam edificantes, e, no entanto, *elas têm para mim o valor das que eu fingia fazer.* Como receber o salário, se não executei meu trabalho?

5. *Nunca vos arrependestes?* – R. Há muito tempo; mas *ele só veio pelo sofrimento.* E como fui surdo ao clamor de vítimas inocentes, o Senhor também é surdo aos meus clamores. Justiça!

6. *Já que reconheceis a Justiça do Senhor, confiai na sua bondade e clamai pelo seu auxílio.* – R. Os demônios berram mais forte do que eu; seus gritos sufocam-me; encham-me a boca de piche fervente!... Eu o fiz, grande... (O Espírito não conseguiu escrever a palavra Deus.)

7. *Não estais suficientemente liberto das ideias terrenas de modo a compreender que essas torturas são todas morais?* – R. Sofro-as... sinto-as... vejo os meus carrascos, que têm todos uma cara conhecida, um nome que repercute em meu cérebro.

8. *Mas que poderia impelir-vos à prática de tantas infâmias?* – R. Os vícios de que me achava saturado, a brutalidade das paixões.

9. *Nunca implorastes a assistência dos Espíritos bons para vos ajudarem a sair dessa situação?* – R. Apenas vejo os demônios do inferno.

10. *Quando encarnado, temíeis esses demônios?* – R. Não, absolutamente; só acreditava no nada. Os prazeres constituíam o meu culto, não importa a que preço. As divindades do inferno não me abandonaram. Como lhes consagrei a vida, elas não me deixarão mais!

11. *Não vislumbrais um termo para esses sofrimentos?* – R. O infinito não tem termo.

12. *Mas Deus é infinito na sua misericórdia, e tudo pode ter um fim, desde que Ele o queira.* – R. Ah! se Ele o quisesse!

13. *Por que viestes inscrever-vos aqui?* – R. Nem eu mesmo sei, mas queria falar e gritar para que me aliviassem.

14. *E esses demônios não vos impedem de escrever?* – R. Não; mas se conservam à minha frente e esperam-me. Também por isso, eu desejaria não terminar.

15. *É a primeira vez que escreveis desse modo?* – R. Sim.

15-a. *E sabíeis que os Espíritos podiam assim aproximar-se dos homens?* – Não.

15-b. *Como, pois, o percebestes?* – R. Não sei.

16. *Que sensações experimentastes ao aproximar-vos de mim?* – R. Uma espécie de entorpecimento dos meus terrores.

17. *Como vos destes conta de que estáveis aqui?* – R. Como quando se acorda.

18. *Como procedestes para comunicar comigo?* – R. Não posso compreender, mas tu também não sentiste?

19. *Não se trata de mim, mas de vós. Procurai assegurar-vos do que fazeis enquanto eu escrevo.* – R. És o meu pensamento, eis tudo.

20. *Não tivestes, pois, o desejo de me fazer escrever?* – R. Não, sou eu quem escreve, e tu pensas por mim.

21. *Procurai assegurar-vos do vosso estado, porque os Espíritos bons que nos cercam vos ajudarão.* – R. Não, pois os anjos não vêm ao inferno. Tu não estás só?

21-a. *Vede em torno.* – R. Sinto que me auxiliam a atuar sobre ti... a tua mão me obedece... não te toco, aliás, e seguro-te... Como? Não compreendo...

22. *Implorai a assistência dos vossos protetores. Vamos rogar juntos.* – R. Queres deixar-me? Fica comigo, porque eles se reapossarão de mim. Por favor... fica! Não te vás!

23. *Não posso demorar-me por mais tempo. Voltai diariamente para orarmos juntos e os Espíritos bons vos auxiliarão.* – R. Sim, desejo o perdão. Oraí por mim, que não posso fazê-lo.

O GUIA DO MÉDIUM – Coragem, meu filho, porque lhe será concedido o que pedes, embora esteja ainda longe o termo da expiação. As atrocidades que ele cometeu não têm número nem conta, e maior é a sua culpa porque possuía inteligência, instrução e luzes para guiar-se. Faliu, portanto, com conhecimento de causa, razão por que os sofrimentos lhe são muito mais terríveis; não obstante, com o auxílio e o concurso da prece, suas dores serão amenizadas, de modo a que lhes veja o termo, confortado pela esperança. Deus o vê no caminho do arrependimento, e já lhe concedeu a graça de *poder comunicar-se, a fim de ser encorajado e confortado*. Pensa sempre nele, pois nós to entregamos para fortalecer-se nas boas resoluções que lhe poderão advir dos teus conselhos. Ao arrependimento sucederá o desejo da reparação, e então ele pedirá uma nova existência para praticar o bem como compensação do mal que fez. Quando Deus estiver satisfeito a seu respeito e o vir resolutivo e firme, far-lhe-á entrever as divinas claridades que o haverão de conduzir à salvação, recebendo-o no seu seio qual pai ao filho pródigo. Tem confiança, e nós te ajudaremos a realizar a tua obra.

Paulin

Colocamos este Espírito entre os criminosos, embora não atingido pela justiça humana, porque o crime se contém nos atos, e não no castigo aplicado pelos homens.

O mesmo se dá com o seguinte.

O Espírito de Castelnauary

Numa pequena casa perto de Castelnauary ocorriam barulhos estranhos e manifestações diversas que levaram a considerá-la como assombrada por algum gênio mau. Por conta disso, foi exorcizada em 1848 e nela colocaram grande número de imagens de santos. Então, querendo habitá-la, o Sr. D... mandou fazer reparos e retirar as imagens. Depois de

alguns anos, ali morreu subitamente. Seu filho, que a ocupa atualmente, ou pelo menos a ocupava até pouco tempo, recebeu certo dia, ao entrar num aposento, forte bofetada de mão invisível. Como estivesse completamente só, não duvidou que proviesse de uma fonte oculta. Agora não quer mais ficar lá e vai deixá-la definitivamente. Há, na região, a tradição segundo a qual um grande crime fora cometido naquela casa. O Espírito que deu a bofetada foi evocado na Sociedade de Paris, em 1859, e se manifestou por sinais de tal violência que foram inúteis todos os esforços para acalmá-lo. Interrogado a respeito, São Luís respondeu: “É um Espírito da pior espécie, verdadeiro monstro: fizemo-lo comparecer, mas a despeito de tudo quanto lhe dissemos não foi possível obrigá-lo a escrever. Ele tem o seu livre-arbítrio, do qual o infeliz tem feito triste uso.”

P. *Este Espírito é suscetível de melhora?* – R. E por que não? *Não o são todos*, este como os outros? É possível, no entanto, que haja alguma dificuldade nisso, porém a permuta do bem pelo mal acabará por sensibilizá-lo. Orai em primeiro lugar e, se o evocardes daqui a um mês, vereis a transformação operada.

Novamente evocado mais tarde, o Espírito mostrou-se mais brando e, pouco a pouco, submisso e arrependido. Explicações posteriores, dadas por ele e por outros Espíritos, permitiram saber-se que em 1608, quando habitava aquela casa, assassinara um irmão por motivos de terrível ciúme, degolando-o durante o sono. Alguns anos mais tarde, também havia assassinado a esposa. Morreu em 1659, com 80 anos, sem que houvesse respondido por estes crimes, que pouca atenção despertavam naquela época de confusões. Depois da morte, jamais cessara de praticar o mal, provocando vários acidentes naquela casa. Um médium vidente que assistiu à primeira evocação o viu no momento em que pretendiam forçá-lo a escrever, sacudindo violentamente o braço do médium. Seu aspecto era terrível; trajava uma camisa ensanguentada e tinha na mão um punhal.

1. P. [A SÃO LUÍS] – *Tende a bondade de nos descrever o gênero de suplício deste Espírito.* – R. É atroz, porque está condenado a habitar a casa em que cometeu o crime, sem poder fixar o pensamento em outra coisa que não no crime, tendo-o sempre diante dos olhos e acreditando na eternidade de tal tortura. Vê-se constantemente no momento em que cometeu o crime; qualquer outra recordação lhe foi retirada e interdita toda comunicação com qualquer outro Espírito. Na Terra, só pode permanecer naquela casa, e no Espaço só lhe restam solidão e trevas.

2. *Haveria um meio de o desalojar dessa casa? Qual seria esse meio?* – R. Há um meio muito fácil para nos livrarmos das obsessões de semelhantes Espíritos: orar por eles. Contudo, é precisamente isso que se deixa de fazer quase sempre, preferindo-se intimidá-los com exorcismos que, aliás, os divertem bastante.

3. *Incutindo nas pessoas interessadas a ideia de orar pelo obsidiado, e fazendo-o também nós, conseguiríamos desalojar o Espírito obsessor?* – R. Sim, mas notai que eu disse para orar, e não para mandar orar.

4. *O Espírito já se encontra em tal situação há dois séculos. Como apreciará todo esse tempo? Como se ainda fosse encarnado? Nesse caso, o tempo lhe parecerá tão longo, mais longo ou menos longo do que quando estava na Terra?* – R. Mais longo: o sono não existe para ele.

5. *Disseram-nos que o tempo não existe para os Espíritos e que um século, para eles, não passa de um ponto na eternidade. Então esse fato não se dá com todos os Espíritos?* – R. Não, por certo. Isto só acontece com os Espíritos que já atingiram um grau de adiantamento muito elevado; para os inferiores, porém, o tempo pode ser muito longo, sobretudo quando sofrem.

6. *De onde vinha esse Espírito antes da sua encarnação?* – R. Tivera uma existência entre tribos das mais ferozes e selvagens e, precedentemente, vinha de um planeta inferior à Terra.

7. *Esse Espírito é punido agora com toda severidade pelo crime que cometeu. Se porventura os tivesse cometido, como é de supor, quando vivia entre os selvagens, seria punido com o mesmo rigor?* – R. Com menos rigor, pois, sendo mais ignorante, não tinha alcance da extensão do delito.

8. *O estado em que se vê esse Espírito é o dos seres vulgarmente designados por danados?* – R. De modo algum, pois há condições ainda mais horrosas. Os sofrimentos estão longe de ser os mesmos para todos, mesmo para crimes semelhantes, variando conforme seja o culpado mais ou menos acessível ao arrependimento. Para este, a casa em que cometeu aquele crime é o seu inferno; outros trazem esse inferno em si mesmos, pelas paixões que os atormentam e que eles não podem saciar.

9. *Apesar da sua inferioridade, este Espírito é sensível aos efeitos da prece; já verificamos a mesma coisa em relação a outros Espíritos igualmente perversos e da mais grosseira natureza. Como é possível a existência de Espíritos mais esclarecidos, de inteligência mais desenvolvida, que demonstram completa ausência de bons sentimentos e até se riem de tudo o que há de mais sagrado,*

não se comovendo com coisa alguma nem dando tréguas ao seu cinismo? – R. A prece só é eficaz para o Espírito que se arrepende; para aqueles que, levados pelo orgulho, se revoltam contra Deus e persistem no erro, exagerando-os mesmo, tal como procedem os infelizes, para esses a prece nada adianta, nem adiantará, senão quando uma fagulha de arrependimento começar a germinar-lhes na consciência. A ineficácia da prece é também para eles um castigo; só alivia os que não se acham de todo endurecidos.

10. *Quando se vê um Espírito insensível à ação da prece, será motivo para que se deixe de orar por ele?* – R. Não, certamente, pois cedo ou tarde a prece poderá vencer o seu endurecimento, fazendo que nele brote pensamentos salutareis.

O mesmo sucede com certos doentes nos quais a ação medicamentosa só se torna efetiva depois de muito tempo e vice-versa. Compenetrando-se bem de que todos os Espíritos são perfectíveis, isto é, aptos ao progresso, e que nenhum é fatal e eternamente votado ao mal, fácil nos será conceber a eficácia da prece em qualquer circunstância. Por mais ineficaz que ela possa parecer-nos à primeira vista, o certo é que possui germens em si mesma, bastante benéficos, para bem predispor o Espírito, quando não o afetam imediatamente. Seria, pois, erro desanimarmos por não colher dela imediato resultado.

11. *Quando este Espírito reencarnar, qual será a sua categoria?* – R. Depende dele e do arrependimento que então tiver.

Muitos colóquios com este Espírito deram como resultado notável transformação do seu moral. Eis aqui algumas das suas respostas:

12. [AO ESPÍRITO] – *Por que não pudestes escrever da primeira vez que vos evocamos?* – R. Porque não queria.

12-a. *Mas por quê?* – R. Ignorância e embrutecimento.

13. *Agora podeis deixar, a vosso bel-prazer, a casa de Castelnaudary?* – R. Tenho essa permissão porque aproveito os vossos bons conselhos.

13-a. *Sentis algum alívio?* – R. Começo a ter esperança.

14. *Se fosse possível vos vermos, qual seria a vossa aparência?* – R. Ver-me-íeis com a camisa, mas sem o punhal.

14-a. *Por que não mais com o punhal? Que fim lhe destes?* – R. Eu o maldigo agora; por isso, *Deus poupou-me da sua visão.*

15. *Se o filho do Sr. D... (o que recebeu a bofetada) voltasse àquela casa, que lhe faríeis? Algum mal?* – R. Não, porque estou arrependido.

15-a. *E se ele pretendesse ainda desafiar-vos?* – R. Oh! não me façais essa pergunta! Eu não me dominaria, isso está acima das minhas forças, visto que não passo de um miserável.

16. *Divisais um termo aos vossos sofrimentos?* – R. Oh! ainda não. Contudo, já é muito saber, graças à vossa intercessão, que eles não durarão eternamente.

17. *Tende a bondade de nos descrever a vossa situação antes de vos evocarmos pela primeira vez. Haveis de compreender que este pedido tem por fim sabermos como vos poderemos ser úteis, e não por mera curiosidade.* – R. Como já vos disse, eu não tinha consciência de coisa alguma, além do meu crime, e não podia abandonar a casa em que o cometi, a não ser para vagar no Espaço, onde só havia à minha volta solidão e obscuridade; disso eu não poderia vos dar uma ideia, porque nunca logrei compreender o que se passava. Desde que me alçava ao Espaço, tudo era negro e vazio; nem mesmo sei o que era... Hoje o meu remorso é muito maior e, no entanto, não sou constrangido a permanecer naquela casa fatal, sendo-me permitido vagar na Terra e orientar-me pela observação de quanto aí vejo, compreendendo melhor, assim, a enormidade dos meus crimes; e se menos sofro por um lado, por outro aumentam as torturas do remorso... Mas... ainda bem que tenho esperança.

18. *Se tivésseis de reencarnar agora, que existência escolheríeis?* – R. Ainda não meditei suficientemente sobre isso.

19. *Durante o vosso longo insulamento, e quase podemos dizer cativo, experimentastes algum remorso?* – R. Nenhum, e por isso sofri tão longamente. Só quando o senti foi que ele provocou, sem que disso me desse conta, as circunstâncias determinantes da vossa evocação, à qual devo o começo da minha libertação. Obrigado, pois, a vós, que tivestes piedade de mim e me esclarecestes.

Realmente, temos visto avaros sofrerem à vista do ouro, que para eles não passava de verdadeira quimera; orgulhosos, atormentados pelo ciúme das honrarias prestadas a outros que não a eles; homens que dominavam na Terra, humilhados pela potência invisível, constrangidos à obediência, em presença de subordinados, que não mais se curvavam diante deles; ateus atônitos pela dúvida, em face da imensidade, no mais absoluto insulamento, sem um ser que os esclareça. No mundo dos Espíritos há compensações para todas as virtudes, mas há também penalidades

para todas as faltas, de modo que os que escaparam às leis dos homens são atingidos pela Lei de Deus.

Devemos ainda notar que as mesmas faltas, embora cometidas em circunstâncias idênticas, são diversamente punidas, conforme o grau de adiantamento intelectual do Espírito que as cometeu. Aos Espíritos mais atrasados, de natureza mais grosseira, tal como este de que acabamos de tratar, são infligidos castigos de alguma sorte mais materiais que morais, ao passo que se dá exatamente o contrário para com aqueles cuja inteligência e sensibilidade estejam mais desenvolvidas. Aos primeiros impõe-se o castigo apropriado à rudeza do seu discernimento, para compreenderem o erro e dele se libertarem. É assim que a vergonha, por exemplo, causando pouca ou nenhuma impressão sobre eles, será intolerável para os outros.

Neste código penal divino, a sabedoria, a bondade e a providência de Deus para com as suas criaturas revelam-se até nas mínimas particularidades; tudo é proporcionado e combinado com admirável solicitude para facilitar aos culpados os meios de reabilitação. São levadas em consideração as mínimas aspirações da alma. Pelos dogmas das penas eternas, ao contrário, no inferno são confundidos os grandes e os pequenos criminosos, os culpados de momento e os reincidentes obstinados, os endurecidos e os arrependidos. Tudo é calculado para os manter no fundo do abismo. Não se lhes oferece nenhuma tábua de salvação; uma única falta pode precipitar-lhes para sempre nesse abismo, não lhes sendo de nenhum proveito qualquer benefício que hajam feito. De que lado, pois, se encontra a verdadeira justiça, a verdadeira bondade?

Esta evocação nada tem de casual; e como deveria ser útil a esse infeliz, visto que ele já começava a compreender a enormidade do seu crime, os Espíritos que velavam por ele julgaram oportuno que chegara o momento de dar-lhe esse socorro eficaz, facilitando-lhe então as circunstâncias propícias. É um fato que temos visto reproduzir-se com muita frequência.

Perguntar-se-á que seria deste Espírito se não fosse evocado, bem como de todos os sofrendores que não o podem ser, assim como daqueles em que não se pensa. Poderíamos responder que os meios de que Deus dispõe para salvar as criaturas são inumeráveis, sendo a evocação um dentre esses meios, porém, não o único, certamente, visto que Ele não esquece nenhuma de suas criaturas. Além disso, as

preces coletivas devem exercer a sua cota de influência sobre os Espíritos acessíveis ao arrependimento.

Deus não poderia subordinar a sorte dos Espíritos sofredores à boa vontade e aos conhecimentos dos homens. Desde que estes conseguiram estabelecer relações regulares com o mundo invisível, uma das primeiras consequências do Espiritismo foi o ensino dos serviços que por meio dessas relações podem prestar aos seus irmãos desencarnados. Quis Deus, por esse meio, provar a solidariedade existente entre todos os seres do universo e dar uma Lei da natureza como base ao princípio da fraternidade. Ao abrir esse novo campo ao exercício da caridade, Deus mostra aos homens o lado verdadeiramente útil e sério das evocações, até então desvirtuadas do seu fim providencial pela ignorância e pela superstição. Aos Espíritos sofredores jamais faltaram socorros em qualquer época, e se as evocações lhes proporcionam uma nova via de salvação, talvez aproveitem mais ainda aos encarnados, por lhes proporcionar novos meios de fazer o bem, instruindo-se ao mesmo tempo sobre as verdadeiras condições da vida futura.

Jacques Latour

(Assassino condenado pelo júri de Foix e executado em setembro de 1864.)

Numa reunião íntima de cerca de oito pessoas, ocorrida em Bruxelas no dia 13 de setembro de 1864, e à qual estávamos presente, foi pedido a um médium que tomasse do lápis para escrever. Logo em seguida, e sem que houvésemos feito qualquer evocação especial, o médium foi tomado de extraordinária agitação e começou a traçar caracteres muito grossos, após o que rasgou o papel e exclamou: “Arrependo-me! arrependo-me! Latour.”

Surpreendidos com a inesperada comunicação, de modo algum provocada, já que ninguém havia pensado nesse infeliz, cuja morte até então era ignorada por boa parte dos assistentes, dirigimos ao Espírito palavras de conforto e comiseração, fazendo-lhe em seguida esta pergunta: “Que motivo vos levou a manifestar-se aqui, e não em outro lugar, uma vez que não vos evocamos?” O medianeiro, que também era excelente médium psicofônico, respondeu de viva voz o que lhe transmitia o Espírito:

“Vi que, almas compassivas que sois, teríeis piedade de mim, ao passo que outros me evocavam mais por curiosidade que por caridade, ou de mim se afastavam horrorizados.” Depois começou por uma cena indescritível, que não durou menos de meia hora. O médium, associando os gestos e a expressão da fisionomia à palavra, deixava patente a identificação do Espírito com a sua pessoa; às vezes, esses gestos de desespero mostravam tanta aflição, que desenhavam vivamente o seu sofrimento; o tom da voz era tão compungido, as súplicas tão veementes, que ficávamos profundamente comovidos. Alguns estavam mesmo aterrorizados com a superexcitação do médium, mas nós sabíamos que a manifestação de um ente arrependido, que implora piedade, não poderia oferecer nenhum perigo. Se ele buscou os órgãos do médium, é que melhor desejava tornar clara a sua situação, a fim de que mais nos interessássemos pela sua sorte, e não como os Espíritos obsessores e possesores, que visam apoderar-se dos médiuns para os dominarem. Tal manifestação lhe fora talvez permitida não só em benefício próprio, como também para edificação dos circunstantes.

Ei-lo a exclamar: “Oh! sim, piedade... muito necessito dela, pois não sabeis o que sofro!... Não o sabeis, e não podereis compreendê-lo... é horrível!... A guilhotina!... Que vale a guilhotina, comparada a este sofrimento de agora? Nada! É um instante. Este fogo que me devora, sim, é pior, porque é uma morte contínua, sem tréguas nem repouso... sem-fim!... E as minhas vítimas ali estão ao redor, a mostrar-me suas feridas, a perseguir-me com seus olhares... Aí estão e vejo-as todas... todas... sem poder fugir-lhes! E este mar de sangue?! E este ouro manchado de sangue?! Tudo aí está... tudo... e sempre ante meus olhos. Não sentis o cheiro de sangue? Sangue, sempre sangue! E as pobres vítimas a implorar, e eu a feri-las sempre... sempre... impiedosamente!... O sangue inebria-me... Acreditava que depois da morte tudo estaria terminado, e assim foi que afrontei o suplício e o próprio Deus, renegando-o!... Entretanto, quando me julgava aniquilado para sempre, que terrível despertar... Eu me via cercado de cadáveres, de espectros ameaçadores, os pés atolados em sangue!... Acreditava-me morto e estou vivo!... Horrendo! horrendo! Mais horrendo que todos os suplícios da Terra!

“Ah! se todos os homens pudessem saber o que há para além da vida, saberiam também quanto custam as consequências do mal! Por certo não haveria mais assassínios, nem criminosos, nem malfeitores! Quisera

que todos os assassinos pudessem ver o que eu vejo e soffro... Oh! então deixariam de sê-lo, porque é horrível este soffrimento! Bem sei que o mereci, oh! meu Deus, porque também eu não tive compaixão das minhas vítimas; repelia as suas mãos suplicantes quando imploravam que as poupasse... Sim, fui cruel, matando-as covardemente para roubá-las! Fui ímpio e fui blasfemo também, renegando o vosso sagrado nome... *Quis enganar-me, porque queria convencer-me de que não existíeis...* Meu Deus, eu sou grande criminoso! Agora o compreendo. Mas... não tereis piedade, Senhor! Piedade! Eu vo-lo peço, não sejais inexorável; libertai-me destes olhares odiosos, destes espectros horríveis... deste sangue... das minhas vítimas, *cujos olhares, quais punhaladas, me varam o coração.*

“Vós outros que estais aqui, que me ouvis, sede bondosos, almas caritativas. Sim, eu o vejo, sei que tendes piedade de mim, não é verdade? Haveis de orar por mim... Oh! eu vo-lo suplico, não me repilais. Pedireis a Deus que me tire este horrível espetáculo de ante os olhos, e Ele vos ouvirá porque sois bons... Eu vos imploro, não me repilais, não me repilais como fiz outrora com os outros. Orai por mim.”

Os assistentes, sensibilizados diante de tanto soffrimento, dirigiram-lhe palavras de conforto e consolação. Deus, disseram-lhe, não é inflexível; apenas exige do culpado um arrependimento sincero, assim como o desejo de reparar o mal praticado. Uma vez que o vosso coração não está petrificado e que lhe pedis o perdão dos vossos crimes, a sua misericórdia baixará sobre vós. É preciso, pois, que persevereis na boa resolução de reparar o mal que fizestes. Naturalmente não podeis restituir a vida que arrancastes às vossas vítimas, no entanto, se o implorardes com fervor, Deus permitirá que as encontreis em uma nova existência, na qual lhes podereis demonstrar tanto devotamento quanto o mal que lhes fizestes. E quando a reparação lhe parecer sufficiente, entrareis na sua santa graça. Assim, a duração do vosso castigo está nas vossas mãos, dependendo de vós abreviá-la. Comprometemo-nos a vos auxiliar com as nossas preces e invocar para vós a assistência dos Espíritos bons. Vamos pronunciar em vossa intenção a prece que se contém em *O evangelho segundo o espiritismo*, referente aos Espíritos soffredores e arrependidos. Não proferiremos a que se refere aos Espíritos maus, porquanto, desde que vos arrependeis, que implorais a Deus, que renunciái ao mal, não passais para nós de um Espírito infeliz, e não mau.

Feita essa prece, o Espírito continua, depois de alguns instantes de calma: “Obrigado, meu Deus!... Oh! Obrigado! Tivestes piedade de mim... Eis que se afastam os espectros... Não me abandonéis, enviai-me os vossos Espíritos bons para me sustentarem... Obrigado.”

Depois desta cena o médium fica alquebrado, abatido, os membros fatigados por algum tempo. A princípio, apenas tem vaga ideia do que se passou, mas pouco a pouco vai se lembrando de algumas das palavras que pronunciou sem querer, reconhecendo que não era ele quem falara.

No dia seguinte, em nova reunião, o Espírito tornou a manifestar-se, recomeçando a cena da véspera, porém, por minutos apenas, e isso com a mesma gesticulação e a mesma expressão, embora menos violenta. Depois, tomado de agitação febril e pelo mesmo médium, escreveu as seguintes palavras:

“Obrigado pelas vossas preces. Já experimento sensível melhora. Foi tal o fervor com que orei, que Deus me concedeu um momentâneo alívio; não obstante, terei ainda de ver as minhas vítimas... Ei-las! Ei-las!... Vedes este sangue?” (Repetiu-se a prece da véspera. O Espírito continua dirigindo-se ao médium.)

“Perdoai por ter-me apossado de vós. Obrigado pelo alívio que proporcionais aos meus sofrimentos. Perdoai o mal que vos causei, mas tenho necessidade de me comunicar, e só vós o podeis... Obrigado! Obrigado! Já sinto algum alívio, embora não tenha atingido o fim das provações. Logo as minhas vítimas voltarão. Eis a punição a que fiz jus, mas meu Deus, sede indulgente. Orai todos vós por mim, por piedade.”

Latour

Um membro da Sociedade Espírita de Paris, que tinha orado por este infeliz, evocando-o, obteve as seguintes comunicações, em diferentes ocasiões:

I

Fui evocado quase imediatamente depois da minha morte, porém, não pude manifestar-me logo, de modo que muitos Espíritos levianos tomaram-me o nome e a vez. Aproveitei a estada em Bruxelas do presidente da Sociedade de Paris e, com a permissão dos Espíritos superiores, pude então dar a minha comunicação.

Voltarei a manifestar-me naquela Sociedade, a fim de fazer revelações que serão um começo de reparação das minhas faltas, podendo também servir de ensinamento a todos os criminosos que me lerem e meditarem na exposição dos meus sofrimentos.

É somente sobre o Espírito dos homens fracos e das crianças que a narrativa de penas infernais pode causar pavor. Ora, um grande malfeitor não é um Espírito pusilânime, e o temor de um policial é para ele mais real que a descrição dos tormentos do inferno. Eis por que todos os que me lerem serão tocados pelas minhas palavras e pelos meus sofrimentos, que não são ficções. Não há um só padre que possa dizer que viu o que tenho visto, porque tenho assistido às torturas dos danados. Mas quando eu disser: “Eis o que se passou após a minha morte, a morte do corpo; eis a minha enorme decepção ao reconhecer-me vivo, ao contrário do que supunha e tinha tomado pelo termo dos meus suplícios, quando era o começo de outras torturas, aliás indescritíveis!”, então, mais de um ser se deterá à borda do abismo em que ia precipitar-se, e cada um dos criminosos, desviados por mim da senda criminosa, concorrerá para o resgate das minhas faltas. É assim que do mal sai o bem e que a bondade de Deus se manifesta por toda a parte, na Terra como no Espaço.

Foi-me permitido libertar-me do olhar das minhas vítimas, que se transformaram nos meus carrascos, a fim de comunicar convosco. Entretanto, quando vos deixar tornarei a vê-las e só esta ideia me causa tal sofrimento que eu não poderia descrevê-lo. Sou feliz quando me evocam, porque assim deixo o meu inferno por alguns instantes. Oraí sempre ao Senhor, para que Ele me liberte do olhar das minhas vítimas. Sim, oremos juntos, a prece faz tanto bem! Estou mais aliviado; não sinto tão pesado o fardo que me acabrunha. Vejo um clarão de esperança luzindo-me aos olhos e, contrito, exclamo: Bendita seja a mão do Senhor e seja feita a sua vontade!

II

O MÉDIUM – Em vez de pedir a Deus para vos livrar do olhar das vossas vítimas, eu vos convido a pedir comigo para que vos dê a força necessária a fim de suportardes essa tortura expiatória.

LATOUR – Preferia livrar-me de tais olhares. Se soubésseis quanto soffro... O homem mais insensível acabaria se comovendo ao ver impressos na

minha fisionomia, como que a fogo, os sofrimentos de minha alma. Farei, todavia, o que me aconselhais, pois vejo ser esse um meio de expiar mais rapidamente as minhas faltas. É qual dolorosa operação que viesse curar um corpo gravemente adoentado.

Ah! se os culpados da Terra pudessem ver-me! Como ficariam apavorados com as consequências de seus crimes, desses crimes que, ignorados dos homens, são vistos pelos Espíritos! Como a ignorância é fatal para tantas pessoas! Que responsabilidade assumem os que recusam instrução às classes pobres da sociedade! Acreditam que com polícia e soldados se previnem crimes... Que grande erro!

III

Os sofrimentos que padeço são terríveis, porém, desde que por mim orais, sinto-me confortado pelos Espíritos bons, os quais me dizem para ter esperança. Compreendo a eficácia do remédio heroico que me aconselhastes e peço ao Senhor que me dê forças para suportar esta dura expiação, igual, aliás, eu vo-lo garanto, ao mal que pratiquei na Terra. Não quero me desculpar das minhas atrocidades, mas para nenhuma de minhas vítimas, salvo alguns instantes que precediam a morte, a dor não existia, e as que tinham terminado a provação terrena foram receber a recompensa que as aguardava. Para mim, entretanto, ao voltar ao mundo dos Espíritos, só houve sofrimentos infernais, excetuados os curtos instantes em que me manifestava.

A despeito dos seus quadros terroristas, os padres só têm uma pálida noção dos verdadeiros sofrimentos que a Justiça divina reserva aos infratores da lei de amor e de caridade. Como insinuar a pessoas sensatas que uma alma, isto é, uma coisa imaterial, possa sofrer ao contato do fogo material? É absurdo, e por isso tantos e tantos criminosos se riem desses painéis fantásticos do inferno. O mesmo, porém, não se dá quanto à dor moral do condenado, após a morte física. Ora para que o desespero não se aposse de mim.

IV

Sou muito grato pela perspectiva do futuro glorioso que me fazeis entrever, o qual alcançarei quando estiver depurado. Sofro muito, mas

parece que os sofrimentos diminuam. Não posso acreditar que, no mundo dos Espíritos, a dor diminua pouco a pouco à força do hábito. O que compreendo é que as vossas preces salutares me aumentaram as forças: *embora minhas dores sejam as mesmas, sofro menos, visto que a força de que disponho é maior.*

Meu pensamento se reporta à minha última existência, sobre as faltas que poderia ter evitado se soubesse orar. Hoje compreendo a eficácia da prece; compreendo o valor dessas mulheres honestas e piedosas, fracas pela carne, porém fortes pela fé; compreendo, enfim, esse mistério ignorado pelos pretensos sábios da Terra. Prece! Palavra que por si só provoca o riso dos Espíritos fortes. Aqui os espero no mundo espiritual e, quando o véu que lhes encobre a verdade se romper para eles, então, por sua vez, se prosternarão aos pés do Eterno, a quem desprezaram, e serão felizes em se humilhar para que seus pecados e crimes sejam revelados! Só então haverão de compreender a virtude da prece.

Orar é amar, e amar é orar! E eles amarão o Senhor e lhe dirigirão preces de reconhecimento e de amor, regenerados pelo sofrimento. E, visto que devem sofrer, pedirão como eu peço a força necessária ao sofrimento e à expiação. Quando deixarem de sofrer, hão de orar ainda para agradecer o perdão merecido por sua submissão e resignação. Oremos, irmão, para que mais me fortaleça...

Oh! obrigado, irmão, à tua caridade, pois que estou perdoado. Deus me liberta do olhar das minhas vítimas. Oh! meu Deus! Bendito sejais vós por toda a eternidade, pela graça que me concedeis! Oh! meu Deus! Sinto a enormidade dos meus crimes e curvo-me ante a vossa onipotência. Senhor! Eu vos amo de todo o meu coração e vos suplico a graça de me permitirdes, quando for da vossa vontade, sofrer novas provações na Terra; voltar a ela como missionário da paz e da caridade, ensinando as crianças a pronunciar com respeito o vosso nome. Peço-vos que me seja possível ensinar que vos amem, a vós, que sois Pai de todas as criaturas. Oh! obrigado, meu Deus. Sou um Espírito arrependido, e o meu arrependimento é sincero.

Eu vos amo, tanto quanto meu impuro coração pode comportá-lo, com esse pensamento que é pura emanção da vossa divindade. Oremos, irmão, pois meu coração transborda de reconhecimento. Estou livre, quebrei os grilhões, não sou mais um réprobo. Sou um Espírito sofredor, mas arrependido, e gostaria que o meu exemplo pudesse conter

nos umbrais do crime todas as mãos criminosas que vejo prestes a se levantarem. Oh! para trás, irmãos, recuai, pois as torturas que preparais para vós mesmos são atrocidades! Não acrediteis que o Senhor se deixará tão prontamente submeter à prece dos seus filhos. São séculos de torturas que vos esperam.

O GUIA DO MÉDIUM – Dizes que não compreendes as palavras do Espírito. Procura ter uma ideia da sua emoção e do seu reconhecimento para com o Senhor, coisa que ele não acredita poder testemunhar melhor do que tentando demover todos esses criminosos por ele vistos, mas que tu não podes ver. Ele gostaria que as suas palavras chegassem aos ouvidos deles; mas o que ele não te disse, porque o ignora ainda, é que lhe será permitido iniciar missões reparadoras. Irá para junto dos que lhe foram cúmplices, procurando inspirar-lhes arrependimento, implantando em seus corações o germe do remorso.

Frequentemente se veem na Terra pessoas tidas por honestas se lançarem aos pés de um sacerdote para se acusarem de um crime. É o remorso quem lhes dita a confissão da culpa. E se o véu que te encobre o mundo invisível se desfizesse, verias muitas vezes o Espírito cúmplice ou instigador de um crime, tal como o fará Jacques Latour, inspirando o remorso ao Espírito encarnado, na ânsia de reparar a própria falta.

Teu guia protetor

Mais tarde, o médium de Bruxelas, o mesmo que recebera o primeiro ditado, obteve o seguinte:

“Nada mais receeis de mim. Estou mais tranquilo, embora ainda sofra. Vendo o meu arrependimento, Deus teve compaixão de mim. Agora *sofro por causa desse arrependimento, a revelar a enormidade dos meus crimes*. Bem aconselhado na vida, eu não teria jamais praticado todo esse mal, porém, sem repressão, sem nenhum freio a tolher-me, obedeci cegamente aos meus instintos. Se todos os homens pensassem mais em Deus, ou se ao menos nele acreditassem, tais faltas não seriam cometidas. A justiça dos homens, porém, é falha; por uma falta muitas vezes passageira o homem é lançado no cárcere, que não deixa de ser um foco de perdição e de perversão. Daí ele sai completamente corrompido pelos maus exemplos recebidos. Mesmo que a sua índole seja boa e forte para não se deixar corromper, ao sair da prisão vai encontrar fechadas

todas as portas, retraídas todas as mãos, indiferentes todos os corações. Que lhe resta, pois? O desgosto, a miséria, o abandono e o desespero, se é que o assistem boas resoluções de se corrigir. Então a miséria o leva a extremos e ele passa também a desprezar os semelhantes, a odiá-los, já que perde a noção do bem e do mal, por se ver repelido, a despeito das boas intenções que o animam. Para angariar o necessário, rouba, às vezes mata, e depois... a guilhotina!

“Meu Deus, ao ser presa novamente das minhas alucinações, sinto que a vossa mão se estende por sobre mim; sinto que a vossa bondade me envolve e protege. Obrigado, meu Deus! Na próxima existência empregarei toda a minha inteligência no socorro aos infelizes que sucumbiram, a fim de os preservar da queda. E obrigado a vós, que não desdenhais de comunicar comigo; nada receeis, pois bem vedes que não sou mau. Quando pensardes em mim, não figureis o meu retrato pelo que vistes de mim, mas o de uma alma angustiada que agradece a vossa indulgência. Adeus; evocai-me ainda e orai a Deus por mim.”

Latour

ESTUDO SOBRE O ESPÍRITO JACQUES LATOUR – Não se pode desconhecer a profundidade e a alta significação de algumas das frases encerradas nesta comunicação. Além disso, ela oferece um dos aspectos do mundo dos Espíritos em castigo, pairando ainda assim sobre ele a Misericórdia divina. A alegoria mitológica das Eumênides não é tão ridícula como parece, e os demônios, carrascos oficiais do mundo invisível, que as substituem perante as modernas crenças, são menos racionais, com seus chifres e forcados, do que estas vítimas que servem elas próprias ao castigo do culpado.

Admitindo-se a identidade deste Espírito, talvez se estranhe tão rápida mudança do seu moral. É o caso da ponderação já feita em outra ocasião, de que pode um Espírito brutalmente mau ter em si melhores predicados do que o dominado pelo orgulho, que oculta seus vícios sob o véu da hipocrisia. Esse pronto retorno a melhores sentimentos indica uma natureza mais selvagem do que perversa, à qual apenas faltava boa direção. Comparando a sua linguagem com a de outro criminoso, mencionado logo a seguir, sob a epígrafe *castigo pela luz*, é fácil concluir qual dos dois está mais adiantado moralmente, apesar da diferença de instrução e

posição social; um obedece ao natural instinto de ferocidade, a uma espécie de superexcitação, ao passo que o outro imprime na perpetração dos seus crimes a calma e o sangue-frio peculiares às lentas e obstinadas combinações, afrontando ainda depois de morto o castigo, por orgulho. Este sofre e não o confessa, ao passo que aquele prontamente se submete. Também por aí podemos prever qual deles sofrerá por mais tempo.

Diz o Espírito Latour: “Sofro por causa desse arrependimento, a revelar-me a enormidade dos meus crimes.” Aí está um pensamento profundo. O Espírito só compreende a gravidade dos seus malefícios depois que se arrepende. O arrependimento acarreta o pesar, o remorso, o sentimento doloroso, que é a transição do mal para o bem, da doença moral para a saúde moral. É para fugirem a isso que os Espíritos perversos se revoltam contra a voz da consciência, quais doentes a repelirem o remédio que os há de curar. E assim procuram iludir-se, aturdir-se e persistir no mal. Latour chegou a esse período em que o endurecimento acaba por ceder. Entra-lhe o remorso pelo coração, o arrependimento o assedia e compreende a extensão do mal que fez, vê a sua degradação e sofre dela. Eis por que ele diz: “Sofro por causa desse arrependimento.” Na precedente encarnação, ele devia ter sido pior que na última, visto que, se se tivesse arrependido como agora, a vida subsequente lhe teria sido melhor. As resoluções que agora toma influirão sobre a sua vida terrestre no futuro; e a encarnação que acaba de deixar, por mais criminosa que tenha sido, marcou para ele uma etapa de progresso. É mais que provável que antes de iniciá-la ele fosse, na erraticidade, um desses muitos Espíritos rebeldes, obstinados no mal.

Muitas pessoas têm perguntado qual será o proveito dessas existências passadas, já que delas não nos lembramos e nem temos ideia do que fomos ou do que fizemos. Ora, esta questão já está resolvida; se o mal que cometemos fosse apagado da nossa memória, se não nos restasse nenhum traço dele no coração, tal lembrança seria inútil e com ele não nos devemos preocupar. Quanto aos vícios de que porventura não estejamos inteiramente despojados, nós os conhecemos pelas nossas tendências atuais, e para elas é que devemos voltar todas as atenções. Basta saber o que somos, sem que seja necessário saber o que fomos.

Se considerarmos as dificuldades que há na existência para a reabilitação do culpado, por maiores que sejam o seu arrependimento e

as reprovações de que se torna objeto, devemos louvar a Deus por ter lançado um véu sobre o passado. Mesmo que fosse condenado a tempo ou absolvido, os antecedentes de Latour fariam com que fosse rejeitado pela sociedade. Quem o acolheria na intimidade, apesar do seu arrependimento? Entretanto, os sentimentos que ora manifesta como Espírito nos dão a esperança de que venha a ser na próxima encarnação um homem honesto e estimado. Suponhamos que soubessem que esse homem honesto fora Latour, e a reprovação continuaria a persegui-lo. Esse véu sobre o passado é que lhe franqueia a porta da reabilitação, porque pode sem receio e sem pudor ombrear-se com os mais honestos. Quantos Espíritos não desejariam poder apagar da memória dos homens certas fases da própria vida?

Qual a doutrina que melhor se concilia com a bondade e a Justiça de Deus? Ademais, esta doutrina não é uma teoria, mas o resultado de observações. Não foram os espíritas que a imaginaram, porém eles viram e observaram as diferentes situações em que muitos Espíritos se apresentam; procuraram explicá-las, e dessa explicação saiu então a Doutrina Espírita. Se eles a aceitaram, é porque ela resulta dos fatos, e ainda por lhes parecer mais racional do que todas as emitidas até hoje sobre o futuro da alma.

Não se pode recusar a estas comunicações um grande fundo moral. O Espírito poderia ter sido auxiliado nesses raciocínios e, sobretudo, na escolha das suas expressões, por outros mais adiantados; mas o fato é que estes apenas influem na forma, e não na essência, e jamais fazem que o Espírito inferior esteja em contradição consigo mesmo. Poderiam, assim, ter poetizado em Latour a forma do arrependimento, mas não lhe insinuariam tal arrependimento contra sua vontade, porque o Espírito tem o seu livre-arbítrio. Em Latour vislumbraram o germe dos bons sentimentos e por isso o auxiliaram a exprimir-se, contribuindo assim para desenvolvê-lo e implorando, ao mesmo tempo, comiseração em seu favor.

Que há de mais digno, mais moralizador, capaz de impressionar mais vivamente, do que o espetáculo deste grande criminoso, censurando-se a si mesmo o desespero e os remorsos? Desse criminoso que, perseguido e torturado pelo olhar incessante de suas vítimas, eleva a Deus o pensamento implorando misericórdia? Não será isso um exemplo

salutar para os culpados? Compreende-se a natureza de suas angústias; embora simples, elas são racionais, terríveis, desprovidas de encenações fantasmagóricas.

Poder-se-ia estranhar tão grande transformação num homem como Latour... Mas por que havia de ser inacessível ao arrependimento? Por que não possuir também ele a sua corda sensível? O pecador seria, pois, votado ao mal eternamente? Não lhe chegaria, por fim, um momento em que a luz se fizesse em sua alma? Era justamente essa hora que chegara para Latour; e ali está precisamente o lado moral dos seus ditados; é a compreensão que ele tem do seu estado, são os seus pesares, os seus planos de reparação, que tornam tais mensagens eminentemente instrutivas. Que haveria de extraordinário se Latour confessasse um arrependimento sincero antes de morrer, se dissesse antes da morte o que veio dizer depois? Não há, quanto a isso, inúmeros exemplos? Aos olhos de muita gente, uma regeneração antes da morte teria passado por fraqueza; mas essa voz de além-túmulo é a revelação daquilo mesmo que os aguarda. Latour está absolutamente com a verdade quando afirma que o seu exemplo é mais eficaz para conduzir os culpados ao bom caminho do que a perspectiva das chamas do inferno, e até da guilhotina.

Por que não lhes ministrar no cárcere esses sentimentos? Isso levaria muitos criminosos a refletirem com sensatez, do que aliás já temos alguns exemplos. Mas como crer na eficácia das palavras de um morto, quando se julga que tudo termina com a morte? Entretanto, dia virá em que será conhecida esta verdade: os mortos podem vir instruir os vivos.

Há várias outras instruções importantes a tirar dessas comunicações; uma delas vem confirmar o princípio de eterna Justiça, segundo o qual não basta que o culpado se arrependa para fazer jus à classe dos eleitos. O arrependimento é o primeiro passo para a reabilitação que atrai a misericórdia divina; é o prelúdio do perdão, o alívio dos sofrimentos. Deus, porém, não absolve incondicionalmente; cumpre ao culpado expiar e, sobretudo, reparar suas faltas. Assim o entende Latour, e para tanto se predispõe. Se, por outro lado, compararmos este criminoso ao de Castelnauary, veremos ainda uma diferença nos castigos. Neste último o arrependimento foi tardio e, por conseguinte, mais longa a pena. Além disso, essa pena era quase material, ao passo que para Latour o

sofrimento foi antes moral, porque, como acima dissemos, havia grande diferença intelectual entre eles. Ao outro, impunha-se alguma coisa que pudesse ferir-lhe os sentidos obliterados; mas é preciso notar que as penas morais não serão menos pungentes para quantos estejam em condições de compreendê-las. Podemos deduzir tudo isso dos clamores do próprio Latour, que não são de cólera, mas antes a expressão dos remorsos, seguidos de perto pelo arrependimento e pelo desejo de reparação, com vistas ao seu progresso.

CAPÍTULO VII



Espíritos endurecidos

- Lapommeray • Angèle, nulidade sobre a Terra • Um Espírito aborrecido • A rainha de Oude • Xumène

Lapommeray

(Castigo pela luz.)

Em uma das sessões da Sociedade Espírita de Paris, em que se havia discutido a perturbação que geralmente acompanha a morte, um Espírito, ao qual ninguém fizera alusão e muito menos se pretendia evocar, manifestou-se espontaneamente por meio da seguinte comunicação, que, embora não assinada, logo se reconheceu como sendo de um grande criminoso que a justiça humana acabava de castigar:

“Que entendeis por perturbação? Para que essas palavras sem sentido? Sois sonhadores e utopistas. Ignorais por completo o assunto de que vos ocupais. Não senhores, a perturbação não existe, a não ser nos vossos cérebros. Estou bem morto, tão morto quanto possível e vejo claro em mim, em derredor de mim, por toda parte!... A vida é uma lúgubre comédia! Insensatos os que se retiram da cena antes que o pano caia. A morte é terror, aspiração ou castigo, conforme a fraqueza ou a força dos que a temem, afrontam ou imploram. Mas é também para todos amarga irrisão. *A luz ofusca e penetra, qual flecha aguda, a sutileza do meu ser...* Castigaram-me com as trevas do cárcere e acreditavam castigar-me ainda

com as trevas do túmulo, isto é, as sonhadas pelas superstições católicas. Pois bem! Sois vós que padeceis da obscuridade, enquanto eu, degredado social, me coloco em plano superior. Eu quero ser o que sou... Forte pelo pensamento, desdenhando dos conselhos que zumbem aos meus ouvidos... Vejo claro... Um crime! Não passa de uma palavra! O crime existe em toda parte. Quando executado pelas massas, glorificam-no; quando praticado individualmente, consideram-no infâmia. Absurdo! Não quero que me deplorem... nada peço... lutarei por mim mesmo, lutarei só contra *esta luz odiosa.*”

Aquele que ontem era um homem

Esta comunicação foi analisada na assembleia seguinte, reconhecendo-se no próprio cinismo da linguagem um grande ensinamento, depreendendo-se na situação desse infeliz uma nova fase do castigo que espera o culpado. Efetivamente, enquanto alguns são imersos em trevas ou num absoluto insulamento, outros sofrem por longos anos as angústias da extrema hora ou se acreditam ainda encarnados. Para este, a luz brilha e o Espírito goza plenamente das suas faculdades, sabendo perfeitamente que está morto e não se lastimando, antes repelindo qualquer assistência e afrontando ainda as leis humanas e divinas. Significa dizer que escapará à punição? De modo algum; é que a Justiça de Deus se cumpre de todas as formas, e o que causa alegria a uns, é tormento para outros. A luz faz o suplício desse Espírito, e é ele próprio que o confessa, a despeito do seu orgulho, quando diz que lutará por si mesmo, só, contra essa luz odiosa. E ainda nesta frase: “a luz ofusca e penetra, qual flecha aguda, a sutileza do meu ser”. Essas palavras: *sutileza do meu ser* são características; reconhece, assim, que o seu corpo é fluídico e penetrável à luz, à qual não pode escapar, e essa luz o atravessa qual se fora aguda flecha.

Este Espírito aqui está colocado entre os endurecidos, em razão do muito tempo que levou antes de manifestar arrependimento. É um exemplo a mais para provar que o progresso moral nem sempre acompanha o progresso intelectual. Entretanto, pouco a pouco se foi corrigindo, dando mais tarde comunicações instrutivas e sensatas. Hoje, ele poderá ser colocado entre os Espíritos arrependidos. Convidados a emitirem a sua apreciação a respeito, os nossos guias espirituais ditaram as três seguintes comunicações, dignas, aliás, da mais séria atenção:

I

Sob o ponto de vista das existências, os Espíritos na erraticidade podem considerar-se inativos e na expectativa; mas, ainda assim, podem expiar, desde que o orgulho e a tenacidade formidável dos seus erros não os tolham no momento da progressiva ascensão. Tivestes disso um exemplo terrível na última comunicação desse criminoso impenitente, debatendo-se contra a Justiça divina que o alcança depois da dos homens. Neste caso a expiação, ou melhor, o sofrimento fatal que os oprime, em vez de lhes ser útil, inculcando-lhes a profunda significação de suas penas, exacerba-os na rebeldia e dá origem às murmurações que a Escritura, em sua poética linguagem, denomina *ranger de dentes*. Imagem por excelência é o sinal do sofredor abatido, porém insubmisso, perdido na própria dor, cuja revolta é ainda bastante forte para recusar a verdade do castigo e da recompensa.

Os grandes erros perduram no mundo espiritual quase sempre, assim como as consciências grandemente criminosas. Lutar, apesar de tudo, e desafiar o infinito, pode comparar-se à cegueira do homem que, contemplando as estrelas, as tomasse por arabescos de um teto, tal como acreditavam os gauleses do tempo de Alexandre.⁸² O infinito moral existe! E miserável e mesquinho é quem, a pretexto de continuar as lutas e imposturas abjetas da Terra, não vê mais longe no outro mundo do que neste. Para esse a cegueira, o desprezo alheio, o egoístico sentimento da personalidade são empecilhos ao seu progresso. Homem! É bem verdade que existe um acordo secreto entre a imortalidade de um nome puro, legado à Terra, e a imortalidade realmente conservada pelos Espíritos nas suas sucessivas provações.

Lamennais

II

Precipitar um homem nas trevas ou em ondas de luz não dará o mesmo resultado? Tanto num caso como em outro, esse homem nada vê do que o cerca e habituar-se-à mesmo mais facilmente do que a monótona

⁸² N.E.: Alexandre, o Grande: Filho de Filipe II e de Olímpida, teve Aristóteles como preceptor. Alexandre contribuiu para a difusão da cultura grega no Oriente.

claridade elétrica, na qual pode estar submerso. Assim, o Espírito que se manifestou na última sessão exprime bem a verdade quando diz: “Oh! eu saberei libertar-me dessa odiosa luz.” De fato, essa luz é tanto mais terrível, horrorosa, quanto ela o penetra completamente e lhe devassa os pensamentos mais íntimos. Aí está uma das circunstâncias mais rudes de tal castigo espiritual. O Espírito se encontra, por assim dizer, enclausurado na casa de vidro pedida por Sócrates. Disso decorre ainda um ensinamento, visto como o que seria alegria e consolo para o sábio, transforma-se em punição infamante e contínua para o perverso, para o criminoso, para o parricida, sobressaltado em sua própria personalidade.

Meus filhos, calculai o sofrimento, o terror daquele que se comprazia em toda uma existência sinistra a combinar, a maquinar os mais hediondos crimes no seu foro íntimo, no qual se refugiava qual um animal na sua caverna, e que hoje, expulso desse covil íntimo, não pode fugir à investigação dos seus contemporâneos. Agora que lhe foi arrancada a máscara da impassibilidade, todos os pensamentos se estampam na sua frente! Sim, e além de tudo nenhum repouso, nada de asilo para esse terrível criminoso. Todo pensamento mau — e só Deus sabe se sua alma o exprime — se lhe trai por fora e por dentro, como que impellido por choque elétrico irresistível. Procura esquivar-se à multidão, mas a luz odiosa o devassa continuamente. Quer fugir, e desanda numa carreira infrene, desesperada, através dos espaços incomensuráveis, e por toda a parte a luz, olhares que o observam! E corre, e voa novamente em busca da sombra, em busca da noite, e sombra e noite não mais existem para ele! Chama pela morte... mas a morte não é mais que palavra sem sentido. E o infeliz foge sempre, a *caminho da loucura espiritual* — castigo tremendo, dor horrível, a debater-se consigo para se desembaraçar de si mesmo, porque tal é a lei suprema para além da Terra, isto é, o culpado busca por si mesmo o seu mais inexorável castigo.

Quanto tempo durará esse estado? Até o momento em que a sua vontade, por fim vencida, se curve constrangida pelo remorso, humilhada a frente ativa ante os Espíritos de justiça e ante as suas vítimas apaziguadas. Notai, pois, a lógica profunda das leis imutáveis; com isso o Espírito realizará o que escrevia nessa ativa comunicação, tão clara, tão lúcida e tão tristemente egoística, comunicação que ele vos deu na sexta-feira passada, redigindo-a por um ato da sua própria vontade.

Erasto

III

A justiça humana não faz distinção de individualidades, quanto aos seres que castiga. Medindo o crime pelo próprio crime, fere indistintamente os infratores, e a mesma pena atinge o culpado sem distinção de sexo, qualquer que seja a sua educação. A Justiça divina, no entanto, procede de outro modo; *suas punições correspondem ao grau de progresso dos seres aos quais elas são aplicadas*. A igualdade de crimes não implica igualdade entre os indivíduos; dois homens culpados, sob o mesmo ponto de vista, podem estar separados pela falta de semelhança das provações, imergindo um deles na opacidade intelectual dos primeiros círculos iniciadores, enquanto o outro dispõe, por haver ultrapassado esses círculos, da lucidez que isenta o Espírito da perturbação. Nesse caso, não são mais as trevas a puni-lo, mas a agudeza da luz espiritual que vara a inteligência terrena e lhe faz sentir as dores de uma chaga viva.

Os seres desencarnados que persistem na representação material dos seus crimes sofrem o choque da eletricidade física: padecem pelos sentidos. E aqueles que pelo Espírito já estejam desmaterializados sofrem uma dor muito superior que lhes aniquila, por assim dizer, em seus amargores, a lembrança dos fatos, subsistindo tão só a noção de suas respectivas causas. Assim, pode o homem, a despeito da sua criminalidade, possuir um progresso interno e elevar-se acima da espessa atmosfera das baixas camadas, embora tivesse, sob o jugo das paixões, procedido como um bruto. A ausência de ponderação e o desequilíbrio entre o progresso moral e o intelectual produzem essas anomalias tão frequentes em épocas de materialismo e transição.

Por conseguinte, a luz que tortura o Espírito culpado é precisamente o raio espiritual inundando de claridades os secretos recessos do seu orgulho e descobrindo-lhe a vacuidade do seu ser fragmentário. Aí estão os primeiros sintomas, as primeiras angústias da agonia espiritual, e que prenunciam a dissolução dos elementos intelectuais e materiais que compõem a primitiva dualidade humana, e que devem desaparecer na unidade grandiosa do ser acabado.

Jean Reynaud

Obtidas simultaneamente, estas três comunicações se complementam reciprocamente. Apresentam o castigo sob um novo prisma, eminentemente filosófico e racional.

É provável que os Espíritos, querendo tratar do assunto de acordo com um exemplo, tivessem provocado, com esse objetivo, a manifestação do Espírito culpado.

A par deste quadro vivo, baseado sobre um fato, eis, para estabelecer um paralelo, o painel que um pregador de Montreuil-sur-Mer traçou sobre o inferno, por ocasião da quaresma de 1864:

“O fogo do inferno é milhões de vezes mais intenso que o da Terra, e se acaso um dos corpos que lá se queimam, sem se consumirem, fosse lançado ao nosso planeta, empestá-lo-ia de um extremo a outro! O inferno é vasta e sombria caverna, erichada de agudas pontas de lâminas de espadas aceradas, de lâminas de navalhas afiadíssimas, nas quais são precipitadas as almas dos condenados.” (Veja-se a *Revista espírita* do mês de julho de 1864.)

Angèle, nulidade sobre a Terra

(Bordeaux, 1862.)

Com este nome, um Espírito se apresentou espontaneamente ao médium.

1. *Arrependei-vos das vossas faltas?* – R. Não.

1-a. *Então por que me procurais?* – R. Para experimentar.

1-b. *Porventura não sois feliz?* – R. Não.

1-c. *Sofreis?* – R. Não.

1-d. *Que vos falta, pois?* – R. A paz.

Alguns Espíritos só consideram sofrimento o que lhes lembra suas dores físicas, embora admitam ser intolerável o seu estado moral.

2. *Como pode faltar-vos a paz na vida espiritual?* – R. Uma mágoa do passado.

2-a. *A mágoa do passado é remorso. Estareis, porventura, arrependida?*
– R. Não; é o temor do futuro que me preocupa.

2-b. *Que temeis?* – R. O desconhecido.

3. *Estais disposta a dizer-me o que fizestes na última encarnação? Isto talvez me auxilie na vossa orientação.* – R. Nada.

4. *Qual a vossa posição social?* – R. Mediana.

4-a. *Fostes casada?* – R. Sim; fui esposa e mãe.

4-b. *E cumpristes com zelo os deveres decorrentes desse duplo encargo?*
– R. Não; meu marido e meus filhos me entediavam.

5. *E de que modo preenchestes a existência?* – R. Divertindo-me quando solteira e enfadando-me como mulher.

5-a. *Quais eram as vossas ocupações?* – R. Nenhuma.

5-b. *E quem cuidava da vossa casa?* – R. A empregada.

6. *Não se deve atribuir a essa inércia a causa dos vossos pesares e temores?*
– R. Talvez tenhais razão.

6-a. *Não basta, porém, concordar. Quereis reparar a inutilidade dessa existência e auxiliar os Espíritos sofredores que vos cercam?* – R. Como?

6-b. *Ajudando-os a se melhorarem pelos vossos conselhos e pelas vossas preces.* – R. Eu não sei orar.

6-c. *Oraremos juntos e aprenderéis. Sim?* – R. Não.

6-d. *Mas por quê?* – R. Cansa muito.

INSTRUÇÕES DO GUIA DO MÉDIUM – Damos-te instrução, facultando-te o conhecimento prático dos diversos estados de sofrimento, bem como da situação dos Espíritos condenados à expiação em consequência das suas faltas.

Angèle era uma dessas criaturas sem iniciativa, cuja existência é tão inútil aos outros quanto a si mesma. Amando apenas o prazer, incapaz de procurar no estudo, no cumprimento dos deveres domésticos e sociais essas satisfações do coração, que fazem o encanto da vida, porque são de todas as épocas, empregou a juventude tão só em frívolas distrações; e quando deveres mais sérios se lhe impuseram, *o mundo já se lhe havia feito um vácuo, porque vazio também estava o seu coração.* Sem defeitos sérios, mas também sem qualidades, ela fez a infelicidade do marido, comprometendo pela incúria e desleixo o futuro dos próprios filhos. Deturpou-lhes o coração e os sentimentos, quer pelo seu exemplo, quer pelo abandono em que os deixou, entregues a criados que ela nem sequer se dava ao trabalho de escolher. A sua existência foi improdutiva e, por isso mesmo, culposa, visto que *o mal procede da negligência do bem.* Ficai, pois, bem certos de que não basta abster-vos de faltas: é preciso praticar as virtudes que lhes são opostas.

Estudai os ensinamentos do Senhor; meditai-os e compenetrar-vos de que eles, se vos fazem estacar na senda do mal, também vos impõem voltar atrás, a fim de tomardes o caminho oposto que conduz ao bem. O mal é a antítese do bem; logo, quem quiser evitar o primeiro deve seguir o segundo, sem o qual a vida se torna nula, mortas as suas obras, e Deus, nosso Pai, não é o Deus dos mortos, mas dos vivos.

P. *Posso saber qual teria sido a penúltima existência de Angèle? A última deveria ter sido consequência dela.* – R. Ela viveu na indolência beatífica, na inutilidade da vida monástica. Preguiçosa e egoísta por vocação, quis experimentar a vida doméstica, mas seu Espírito pouco progrediu. Sempre repeliu a voz íntima que lhe apontava o perigo; e, como a propensão era suave, preferiu abandonar-se a ela, a fazer um esforço para sustá-la no começo. Hoje, ainda compreende o perigo dessa neutralidade, mas não se sente com forças para tentar o menor esforço para superá-la. Orai por ela, procurai despertá-la e fazer que seus olhos se abram à luz. É um dever, e dever algum se despreza.

O homem foi criado para a atividade; a atividade do Espírito é da sua própria essência; já a atividade do corpo é uma necessidade. Cumpri, portanto, as prescrições da existência, como Espírito votado à paz eterna. O vosso corpo, destinado ao serviço do Espírito, não passa de uma máquina submissa à inteligência; trabalhai, cultivai, pois, a inteligência, para que dê salutar impulso ao instrumento que deve auxiliá-lo no cumprimento de sua missão. Não lhe concedais tréguas nem repouso, e lembrai-vos de que essa paz a que aspirais só vos será concedida pelo trabalho. Assim, quanto mais protelardes o trabalho, tanto mais durará para vós a ansiedade de espera.

Trabalhai, trabalhai incessantemente; cumpri todos os deveres sem exceção, com zelo, coragem e perseverança. A fé vos sustentará. Todo aquele que desempenha conscientemente o papel mais ingrato e vil da nossa sociedade é cem vezes mais elevado aos olhos do Altíssimo do que aquele que, impondo esse papel aos outros, despreza o seu. Tudo é degrau que dá acesso ao céu: não quebreis a lápide sob os pés e contai com o auxílio de amigos que vos estendem a mão, verdadeiros sustentáculos de quantos vão haurir suas forças na crença do Senhor.

Monod

Um Espírito aborrecido

(Bordeaux, 1862.)

Este Espírito apresenta-se espontaneamente ao médium, reclamando preces.

1. *O que vos leva a pedir preces?* – R. Estou farto de vagar sem objetivo.

1-a. *Estais há muito tempo em tal posição?* – R. Há mais ou menos 180 anos.

1-b. *Que fizestes na Terra?* – R. Nada de bom.

2. *Qual a vossa posição entre os Espíritos?* – R. Estou entre os entediados.

2-a. *Mas isso não forma categoria...* – R. Entre nós tudo forma categoria. Cada sensação encontra suas semelhanças ou suas simpatias que se reúnem.

3. *Por que permanecestes tanto tempo estacionário, sem que fôsseis condenado a sofrer?* – R. É que eu estava condenado ao tédio, que entre nós é um sofrimento. Tudo o que não é alegria, é dor.

3-a. *Fostes, pois, forçado à erraticidade contra a vontade?* – R. São coisas demasiado sutis para a vossa inteligência material.

3-b. *Procurai explicar-me essas coisas; talvez comeceis a beneficiar-vos a vós mesmos.* – R. Eu não conseguiria, por faltar-me termos de comparação. Uma vida sem proveito na Terra lega ao Espírito que a encarnou a mesma coisa que o fogo deixa ao papel que consumiu: fagulhas, que lembram às cinzas ainda compactas a sua proveniência, a causa do seu nascimento, ou, se o quiseres, da destruição do papel. Essas fagulhas são a lembrança dos laços terrestres que vinculam o Espírito, até que este disperse as cinzas do seu corpo. Só então, essência eterizada, o Espírito tem o conhecimento de si mesmo, desejando o progresso.

4. *Qual poderia ter sido a causa desse aborrecimento de que vos queixais?* – R. Consequência da existência. O tédio é filho da inação. Como eu não soube utilizar o longo tempo de encarnação, as consequências vieram refletir-se neste mundo.

5. *Os Espíritos errantes que, como vós, foram tomados de tédio não podem libertar-se de tal situação, desde que o queiram?* – R. Não, nem sempre, porque o tédio lhes paralisa a vontade. Sofrem as consequências da vida que levaram; foram inúteis, não tiveram nenhuma iniciativa e assim não encontram entre si concurso algum. Entregues a si mesmos, nesse estado permanecem, até que o cansaço, decorrente de tal neutralidade, os agite em sentido contrário, momento no qual a sua menor vontade vai encontrar apoio e bons conselhos e secundar-lhes o esforço e a perseverança.

6. *Podeis dizer-me algo da vossa existência terrena?* – R. Oh! Deveis compreender que pouco me é dado dizer. O tédio, a inutilidade e a inação provêm da preguiça que, por sua vez, é mãe da ignorância.

7. *Vossas existências anteriores não aproveitaram ao vosso progresso?* – R. Sim, todas, mas muito pouco, visto serem reflexos umas das outras. O progresso existe sempre, porém tão insensível que não chegamos a apreciá-lo.

8. *Enquanto esperais uma nova encarnação, poderíeis comparecer mais algumas vezes entre nós?* – R. Evocai-me para me obrigardes a vir, pois com isso me prestareis um benefício.

9. *Podéis dizer-nos por que a vossa caligrafia muda com tanta frequência?* – R. Porque questionas muito, e isso me fatiga, quando, na verdade, preciso de auxílio.

O GUIA DO MÉDIUM – É o trabalho intelectual que o fatiga, obrigando-nos a prestar-lhe o nosso concurso, a fim de que possa responder às tuas perguntas. É um ocioso no mundo espiritual, assim como o foi na Terra. Trouxemo-lo a ti para que tentasses arrancá-lo dessa apatia, desse tédio que constitui verdadeiro sofrimento, às vezes mais doloroso que os sofrimentos agudos, por se poder prolongar indefinidamente. Imagina a perspectiva de um tédio sem-fim. Na maior parte das vezes são os Espíritos dessa categoria que *buscam as vidas terrestres apenas como passatempo* e para interromper a insuportável monotonia da vida espiritual. É por isso que aí chegam tantas vezes sem resoluções definidas para o bem, obrigados a recomeçarem sucessivamente, até atingirem a compreensão do verdadeiro progresso.

A rainha de Oude

(Falecida em 1858, na França.)

1. *Quais as vossas sensações ao deixardes o mundo terrestre?* – R. É difícil dizer, pois ainda me encontro perturbada.

1-a. *Sois feliz?* – R. Tenho saudades da vida... não sei... experimento acerba dor, da qual a vida me libertaria... quisera que o corpo se levantasse do sepulcro.

2. *Lamentais o fato de ter sido sepultada entre cristãos, e não no vosso país?* – R. Sim, a terra indiana pesaria menos sobre o meu corpo.

2-a. *Que pensais das honras fúnebres prestadas aos vossos despojos?* – R. Não foram grande coisa, pois eu era rainha e nem todos se curvaram diante de mim... Deixai-me... forcem-me a falar... não quero que saibais o que ora sou... Ficai sabendo que eu era rainha...

3. *Respeitamos a vossa hierarquia e, se insistimos para que nos respondais, é com o propósito de nos instruírmos. Acreditais que vosso filho recupere mais tarde os Estados de seu pai?* – R. Certamente. Meu sangue reinará, visto que é digno disso.

3-a. *Atribuíis a essa reintegração de vosso filho a mesma importância que dáveis quando encarnada?* – R. Meu sangue não pode misturar-se com o do povo.

4. *Não foi possível consignar na vossa certidão de óbito o lugar do vosso nascimento; podereis no-lo dizer agora?* – R. Sou oriunda dos mais nobres dos sangues da Índia. Penso que nasci em Delhi.

5. *Vós, que vivestes nos esplendores do luxo, cercada de honras, que pensais hoje de tudo isso?* – R. Que tenho direito.

5-a. *A vossa hierarquia terrestre concorreu para que tivésseis outra mais elevada nesse mundo em que ora estais?* – R. Continuo a ser rainha... que me enviem escravas para me servirem!... Mas... não sei... parece-me que pouco se preocupam comigo aqui... e contudo eu... sou sempre a mesma.

6. *Professáveis a religião muçulmana ou a hindu?* – R. Muçulmana; eu, porém, era bastante poderosa para que me ocupasse de Deus.

6-a. *Do ponto de vista da felicidade humana, quais as diferenças que assinalais entre a vossa religião e o Cristianismo?* – R. A religião cristã é absurda; diz que todos somos irmãos.

6-b. *Qual a vossa opinião a respeito de Maomé?* – R. Não era filho de rei.

6-c. *Acreditais que ele houvesse tido uma missão divina?* – R. Que me importa?

6-d. *Qual a vossa opinião sobre o Cristo?* – R. O filho do carpinteiro não é digno de ocupar meus pensamentos.

7. *Que pensais do uso pelo qual as mulheres muçulmanas se subtraem aos olhares masculinos?* – R. Penso que as mulheres nasceram para dominar: eu era mulher.

7-a. *Alguma vez invejastes a liberdade de que gozam as europeias?* – R. Não. Que poderia importar-me tal liberdade? Servem-nas, acaso, de joelhos?

8. *Lembraí-vos de ter tido outras existências na Terra, anteriores a esta que acabais de deixar?* – R. Devo ter sido sempre rainha.

9. *Por que atendestes tão prontamente ao nosso apelo?* – R. Eu não queria vir, mas forçaram-me. Acaso pensarás que eu me dignaria responder-te? Que és tu a meu lado?

9-a. *E quem vos forçou a vir?* – R. Nem eu mesma sei... posto que não deva existir ninguém mais poderoso do que eu.

10. *Sob que forma vos apresentais aqui?* – R. Sou sempre rainha... Pensas, porventura, que eu tenha deixado de o ser? És pouco respeitoso... fica sabendo que não é desse modo que se fala a rainhas.

11. *Se nos fosse possível enxergar-vos, nós vos veríamos com os vossos ornatos e pedrarias?* – R. Certamente.

11-a. *E como se explica o fato de o vosso Espírito conservar tais aparatos, sobretudo os ornamentos, visto que já se despojou de tudo isso?* – R. É que eles não me deixaram. Sou tão bela quanto era e não compreendo o juízo que fazeis de mim! Se bem que nunca me vistes, é verdade.

12. *Qual a impressão que vos causa o fato de vos achardes entre nós?* – R. Se dependesse de mim, eu não estaria aqui. Tratam-me com tão pouco respeito...

SÃO LUÍS – Deixai-a, pobre perturbada. Tende compaixão da sua cegueira. Tomara que ela vos sirva de exemplo. Não sabeis quanto padece do seu orgulho.

Evocando esta grandeza decaída, agora no túmulo, não esperávamos resposta de tão grande profundidade, considerando-se o gênero da educação feminina naquele país. Julgávamos, porém, encontrar nesse Espírito, não diremos filosofia, mas pelo menos uma noção mais aproximada da realidade e ideias mais sensatas sobre as vaidades e grandezas terrenas. Longe disso, vimos que o Espírito conservava todos os preconceitos terrestres na plenitude da sua força; que o orgulho nada perdeu das suas ilusões; que lutava contra a própria fraqueza e, finalmente, que muito devia sofrer pela sua impotência.

Xumène

(Bordeaux, 1862.)

Sob este nome, um Espírito se apresenta espontaneamente ao médium, habituado a este gênero de manifestações, pois sua missão parece ser a de assistir os Espíritos inferiores que o seu guia espiritual lhe conduz, no duplo propósito da sua própria instrução e do progresso daqueles.

P. *Quem sois? Este nome é de homem ou de mulher?* – R. De homem, e tão infeliz quanto possível. Sofro todos os tormentos do inferno.

P. *Mas se o inferno não existe, como podeis sofrer-lhes as torturas?* – R. Pergunta inútil.

P. *Compreendo, mas outros precisam de explicações.* – R. Isso pouco me incomoda.

P. *O egoísmo não será uma das causas do vosso sofrimento?* – R. Talvez.

P. *Se quiserdes ser aliviado, começai repudiando as más tendências.* – R. Não te incomodes com o que não é da tua conta; começa orando por mim, como fazes com os outros, e depois veremos.

P. *Se não me auxiliardes com o vosso arrependimento, a prece será de pouca eficácia.* – R. Mas falando, em vez de orares, menos ainda me adiantarás.

P. *Então desejais adiantar-vos?* – R. Talvez... não sei. Vejamos o essencial, isto é, se a prece alivia os sofrimentos.

P. *Unamos então os nossos pensamentos com a firme vontade de obter o vosso alívio.* – R. Tudo bem.

P. [Depois da prece do médium] – *Estais satisfeito?* – R. Não como gostaria.

P. *Mas o remédio, aplicado pela primeira vez, não pode curar instantaneamente um mal antigo.* – R. É possível...

P. *Quereis voltar?* – R. Se me chamares.

O GUIA DA MÉDIUM – “Minha filha, terás muito trabalho com este Espírito endurecido; entretanto, quase que não há mérito em salvar os que não estão perdidos. Coragem, perseverança, e acabarás triunfando. Não há culpados que não se possam regenerar por meio da persuasão e do exemplo, uma vez que os Espíritos mais perversos terminam por corrigir-se com o tempo. Mesmo que nem sempre se consiga regenerá-los prontamente, nosso trabalho não se perde. As ideias que lhes transmitimos acabam por levá-los à reflexão. São como sementes que, cedo ou tarde, haverão de frutificar. Não se arrebenta a rocha com a primeira marretada.

“Isto que te digo pode aplicar-se também aos encarnados e tu deves compreender por que o Espiritismo, mesmo entre os adeptos mais crentes, não faz imediatamente homens perfeitos. A crença é o primeiro passo; a fé vem em seguida e a transformação acabará por operar-se. Entretanto, para que assim suceda, muitos terão que se retemperar no mundo espiritual.”

Entre os Espíritos endurecidos, não há só perversos e maus, sendo grande o número dos que, sem fazer o mal, estacionam por orgulho, indiferença ou apatia. Nem por isso estes são menos infelizes, pois tanto mais os aflige a inércia quanto mais se veem privados das distrações do mundo. A perspectiva do infinito torna intolerável a posição deles, porém não têm nem força nem vontade para romper com essa situação. Referimo-nos aos que, no curso das encarnações, levam uma existência ociosa, inútil a si e ao próximo, acabando muita vez no suicídio, sem motivos sérios, por desgosto da vida.

Em regra, tais Espíritos são mais difíceis de serem reconduzidos ao bem do que os francamente maus, visto como estes ao menos dispõem de energia e, uma vez doutrinados, votam-se ao bem com o mesmo ardor que lhes inspirava o mal. Muitas encarnações, sem dúvida, são necessárias aos outros, a fim de que progridam sensivelmente. Então, pouco a pouco, vencidos pelo tédio, como os outros o serão pelo sofrimento, procurarão, para se distraírem, uma ocupação qualquer, que mais tarde venha transformar-se em necessidade.

CAPÍTULO VIII



Expições terrestres

• Marcel, o menino do nº 4 • Szymel Slizgol • Julienne-Marie, a mendiga • Max, o mendigo • História de um criado • Antonio B... • Letil • Um cientista ambicioso • Charles de Saint-G..., deficiente mental • Adélaïde-Marguerite Gosse • Clara Rivier • Françoise Vernhes • Anna Bitter • Joseph Maître, o cego

Marcel, o menino do nº 4

Havia num hospital do interior um menino de 8 a 10 anos, cujo estado era difícil descrever. Designavam-no pelo nº 4. Totalmente contorcido, seja pela deformidade congênita, seja pela doença, suas pernas, de tão arqueadas, tocavam-lhe o pescoço, e sua magreza era tal que se percebia os ossos sob a pele. O corpo era uma chaga só e terríveis os sofrimentos. Pertencia a uma família israelita de poucos recursos, e sua moléstia já durava quatro anos. Não obstante, o enfermo demonstrava uma inteligência notável, além de candura, paciência e resignação edificantes. O médico que o assistia, cheio de compaixão pelo pobre quase abandonado, visto que os parentes pouco o visitavam, tomou por ele certo interesse. Gostava de conversar com ele, encantado com a sua razão precoce. Não só o tratava com bondade, como lia para ele quando as ocupações lho permitiam, admirando-se da justeza do seu critério na apreciação de coisas que, em sua opinião, pareciam estar acima do discernimento do doente, considerando-se a sua pouca idade.

Um dia o menino lhe disse: “Doutor, tenha a bondade de me dar mais uma vez aquelas pílulas ultimamente receitadas.” “Para quê?”, replicou-lhe o médico, “se já te ministrei o suficiente, e maior quantidade pode fazer-te mal.” “É que eu sofro tanto, que dificilmente posso orar a Deus para que me dê forças, e não quero incomodar os outros enfermos que estão ao meu lado. Essas pílulas fazem-me dormir e, ao menos quando durmo, não incomodo a ninguém.”

Bastam estas palavras para demonstrar a elevação dessa alma encerrada num corpo disforme. Onde essa criança teria colhido tais sentimentos? Certamente não foi no meio em que se educou; além disso, na idade em que começou a sofrer, não possuía sequer o raciocínio. Tais sentimentos lhe eram inatos. Mas então com tão nobres instintos, por que Deus o condenava a uma vida tão miserável e dolorosa, admitindo-se que tivesse criado a alma ao mesmo tempo que o corpo, instrumento de tão cruéis sofrimentos? É preciso negar a bondade de Deus, ou admitir a anterioridade da causa, isto é, a preexistência da alma e a pluralidade das existências. Os últimos pensamentos desta criança, ao desencarnar, foram para Deus e para o médico caridoso que dela se condeou. Decorrido algum tempo, o seu Espírito foi evocado na Sociedade de Paris, onde deu a seguinte comunicação (1863):

“A vosso chamado, vim fazer que a minha voz se estenda para além deste círculo, tocando todos os corações. Que seu eco se faça ouvir na solidão, lembrando-lhes que as agonias da Terra preparam as alegrias do céu; que o martírio não é mais do que a casca de um fruto delicioso, dando coragem e resignação. Essa voz lhes dirá que, sobre o catre da miséria, estão os enviados do Senhor, cuja missão consiste na exemplificação de que não há dor insuperável, desde que tenhamos o auxílio do Todo-Poderoso e dos Espíritos bons. Essa voz lhes fará ainda ouvir lamentações de mistura com preces, para que lhes compreendam a harmonia piedosa, tão diferente da de coros de lamentações mescladas com blasfêmias.

“Um dos vossos Espíritos bons, grande apóstolo do Espiritismo, cedeu-me o seu lugar por esta noite.⁸³ Por minha vez, também me compete dizer algo sobre o progresso da vossa Doutrina, que deve auxiliar em sua missão os que encarnam entre vós para aprender a sofrer.

⁸³ Nota de Allan Kardec: Santo Agostinho, pelo médium com o qual habitualmente se comunica na Sociedade de Paris.

O Espiritismo será a pedra de toque; os padecentes terão o exemplo e a palavra, e então as imprecações se transformarão em gritos de alegria e lágrimas de contentamento.”

P. Pelo que afirmais, parece que os vossos sofrimentos não eram expiações de faltas anteriores.

R. Não seriam uma expiação direta, mas asseguro-vos que todo sofrimento tem uma causa justa. Aquele que conhecestes tão miserável foi belo, grande, rico e invejado. Tive bajuladores e cortesãos, fui frívolo e orgulhoso. Outrora fui bem culpado; reneguei Deus e prejudiquei o próximo, mas expiei cruelmente, primeiro no mundo espiritual e depois na Terra. Os meus sofrimentos de alguns anos apenas, nesta última encarnação, já os havia suportado anteriormente por toda uma existência que se prolongou até a velhice. Por meu arrependimento, encontrei graça diante do Senhor, o qual me confiou muitas missões, inclusive a última, que bem conheceis. E fui eu quem as solicitou, para terminar a minha depuração.

Adeus, amigos, voltarei algumas vezes. A minha missão é de consolar, e não de instruir. Há, porém, aqui muitas pessoas cujas feridas jazem ocultas, e essas sentirão prazer com a minha presença.

Marcel

INSTRUÇÃO DO GUIA DO MÉDIUM – Pobrezinho sofredor, definhado, ulceroso e disforme! Quantos gemidos exalou nesse asilo de misérias e lágrimas! E como era resignado... sua alma já entrevia o termo dos sofrimentos, apesar da tenra idade! No além-túmulo pressentia a recompensa de tantos gemidos abafados, e esperava! E como orava também por aqueles que não tinham resignação no sofrimento, pelos que trocavam preces por blasfêmias!

Sua agonia foi lenta, mas a hora da passagem nada apresentou de terrível. Por certo os membros convulsos se contorciam, oferecendo aos assistentes o espetáculo de um corpo disforme a revoltar-se contra a morte, nessa lei da carne que a todo o custo quer viver. Mas um anjo bom pairava acima do leito do moribundo, cicatrizando-lhe o coração. Depois, esse anjo arrebatou nas suas asas brancas essa alma tão bela, a escapar-se de tão horripilante corpo, e foram estas as palavras pronunciadas: “Glória a vós, Senhor meu Deus!” E a alma subiu ao Todo-Poderoso, feliz, e exclamou: “Eis-me aqui, Senhor; destes-me por missão exemplificar o sofrimento; terei suportado dignamente a provação?”

Hoje, o Espírito da pobre criança recobrou as suas proporções habituais, paira no espaço, vai do fraco ao humilde, e a todos diz: “Esperança e coragem.” Liberto de todas as impurezas da matéria, ele aí está junto de vós, a falar-vos, a dizer-vos não mais com essa voz fraca e lastimosa, porém agora firme: “Todos que me observaram, viram que a criança não murmurava; hauriam nesse exemplo a calma para os seus males e seus corações se tonificaram na doce confiança em Deus. Eis o fim da minha curta passagem na Terra.”

Santo Agostinho

Szymel Slizgol

Era um pobre israelita de Vilna, falecido em maio de 1865. Durante 30 anos mendigou com uma bandeja à mão. Por toda a cidade era bem conhecida aquela voz que dizia: “Lembrai-vos dos pobres, das viúvas e dos órfãos!” Durante essa longa peregrinação, Slizgol havia juntado 90.000 rublos, não guardando para si um só centavo. Aliviava e curava os enfermos; pagava o ensino de crianças pobres; distribuía aos necessitados a comida que lhe davam. A noite era destinada ao preparo do rapé, que vendia a fim de prover às suas necessidades, destinando aos pobres o que sobrava. Viveu só, no mundo, e, no entanto, o seu enterro foi acompanhado de grande parte da população de Vilna, cujos armazéns cerraram as portas.

(Sociedade Espírita de Paris, 15 de junho de 1865.)

EVOCACÃO – Felicíssimo, chegando, enfim, à plenitude do que mais ambicionava e que me custou muito caro. Aqui estou, entre vós, desde o início da noite. Muito grato pelo interesse que vos desperta o Espírito do pobre mendigo que, com satisfação, vai procurar responder às vossas perguntas.

P. Uma carta de Vilna nos deu conhecimento das particularidades mais notáveis da vossa existência. Movido pela simpatia que elas nos inspiram, surgiu o desejo de nos comunicar convosco. Agradecemos a vossa presença e, uma vez que quereis responder-nos, gostaríamos desde já de vos assegurar que nos sentiremos muito felizes se, para a nossa instrução, pudermos conhecer a vossa

posição espiritual, bem como as causas que determinaram o gênero de vida que tivestes na última encarnação.

R. Em primeiro lugar, concedei ao meu Espírito, cômico da sua verdadeira posição, o favor de vos transmitir a sua opinião, com respeito a um pensamento que vos ocorreu quanto à minha personalidade. E reclamo previamente os vossos conselhos, para o caso de ser falsa essa minha opinião.

Parece-vos singular que as manifestações públicas tomassem tanto vulto, para homenagear a memória do homem insignificante que soube por seu Espírito caridoso atrair tal simpatia. Não me refiro a vós, caro mestre, nem a ti prezado médium, nem a vós outros, verdadeiros e sinceros espíritas, e sim às pessoas indiferentes à crença, pois nisso nada houve de extraordinário. A pressão moral exercida pela prática do bem, sobre a humanidade, é tal que, por mais materializada que esta seja, inclina-se sempre, venera o bem, a despeito da sua tendência para o mal.

Agora, vamos às perguntas que, da vossa parte, não são ditadas pela curiosidade, mas simplesmente formuladas no intuito da instrução geral. Visto que disponho de liberdade, vou dizer-vos, com a maior brevidade possível, quais as causas determinantes da minha última existência.

Há muitos séculos, eu vivia com o título de rei, ou, pelo menos, de príncipe soberano. Dentro da esfera do meu poder relativamente limitado, em confronto com os Estados da atualidade, eu era o senhor absoluto dos meus vassalos e os governava tiranicamente ou, para falar a palavra certa, como carrasco. Dotado de caráter impetuoso, violento, além de avaro e sensual, podeis avaliar qual deveria ter sido a sorte dos pobres seres que viviam sob o meu jugo. Abusei do poder para oprimir o fraco e subordinei empregos, trabalhos e dores ao serviço da própria paixão. Assim, impunha um dízimo ao produto da mendicidade, e ninguém poderia acumular sem que eu antecipadamente lhe tomasse uma cota avultada dessas sobras que a piedade humana deixava cair nas sacolas da miséria. Ainda mais: a fim de que não diminuísse o número de mendigos entre os meus súditos, proibía aos infelizes darem aos amigos e parentes necessitados a parte insignificante do que ainda lhes restava. Numa palavra, fui tudo quanto se pode imaginar de mais cruel, em relação ao sofrimento e à miséria alheia. Enfim, acabei por perder o que chamais vida, cercado de tormentos e horríveis sofrimentos. Minha morte foi um modelo de terror

a quantos, como eu, posto que em menor escala, partilhavam a minha maneira de ver.

Como Espírito, permaneci na erraticidade durante três séculos e meio, e quando compreendi, decorrido esse tempo, que o objetivo da reencarnação era totalmente diverso do que os meus sentidos grosseiros e obtusos imaginavam, obtive, à força de preces, de resignação e de pesares, a permissão de suportar materialmente os mesmos sofrimentos que infligira aos outros, e mais terríveis ainda do que os por mim ocasionados. Obtida a permissão, Deus concedeu que pelo meu livre-arbítrio eu aumentasse os meus sofrimentos físicos e morais. Graças à assistência dos Espíritos bons, persisti na prática do bem, e sou-lhes agradecido por me terem impedido de sucumbir sob o fardo que tomara. Finalmente, preenchi uma existência de abnegação e caridade, que por si resgatou as faltas de outra, cruel e injusta.

Nasci de pais pobres e cedo me tornei órfão. Aprendi a ganhar o pão numa idade em que muitos consideram incapaz o raciocínio. Vivi sozinho, sem amor, sem afeições, e desde o começo suportei as mesmas brutalidades que havia exercido para com os outros. Dizem que as somas por mim esmoladas foram todas destinadas ao alívio dos meus semelhantes; é um fato incontestável, ao qual, sem orgulho nem afetação, devo acrescentar que muitíssimas vezes, com sacrifício de privações relativamente imperiosas, aumentava o benefício que me permitia fazer a caridade pública. Morri calmamente, confiando no valor da minha reparação, e sou premiado muito mais do que poderiam ter cogitado as minhas secretas aspirações. Hoje sou feliz, muito feliz por poder afirmar-vos que todos quantos se elevam serão humilhados, e todos quantos se humilham serão elevados.

P. Tende a bondade de dizer-nos em que consistiu a vossa expiação no mundo espiritual, e quanto tempo durou, a contar da vossa morte até o momento da atenuação por efeito do arrependimento e das boas resoluções que tomastes. Dizei-nos também o que foi que provocou a mudança das vossas ideias, no estado espiritual.

R. Essa pergunta desperta-me muitas recordações dolorosas! Quanto sofri!... Mas não me queixo, apenas recorro!... Quereis saber a natureza da minha expiação? Ei-la na sua terrível hediondez: Carrasco que fui de todos os bons sentimentos, fiquei por muito tempo, por longo tempo preso pelo perispírito ao corpo em decomposição. Até que essa

se completasse, vi-me corroído pelos vermes, o que muito me torturava. Quando me libertei dos laços que me prendiam ao instrumento do meu suplício, passei a sofrer mais cruelmente ainda... Depois dos tormentos físicos, o sofrimento moral muito mais longo. Fui colocado em presença de todas as minhas vítimas. Periodicamente, constrangido por uma força superior, eu era levado a rever o quadro vivo dos meus crimes. E via fisicamente, moralmente todas as dores que fizera sofrer aos outros. Oh! meus amigos, como é terrível a visão constante daqueles a quem fizemos mal! Entre vós, tendes apenas um fraco exemplo no confronto do acusado com a sua vítima. Aí tendes, em resumo, o que sofri durante três séculos e meio, até que Deus, compadecido da minha dor e tocado pelo meu arrependimento, solicitado pelos guias que me assistiam, permitisse a vida de expiação que conheceis.

P. Algum motivo particular vos induziu a escolher a última encarnação no âmbito da religião israelita?

R. Não escolhi por mim só, mas ouvi o conselho dos meus guias. A religião de Israel era uma pequena humilhação a mais na minha prova, posto que em certos países a maioria dos encarnados menospreza os judeus, e principalmente os judeus que vivem à custa da mendicância.

P. Com que idade começastes na Terra a vossa obra de expiação? Como vos ocorreu o pensamento de vos desobrigar das resoluções previamente tomadas? Ao exercerdes tão abnegadamente a caridade, já tínheis a intuição das causas que vos predispunham a agir assim?

R. Meus pais eram pobres, mas inteligentes e avarentos. Moço ainda, fui privado da afeição e dos carinhos de minha mãe. Sua perda me causou fundo pesar, sobretudo porque meu pai, dominado pela avidez de ganhos, me abandonava por completo. Quanto aos meus irmãos, todos mais velhos do que eu, não pareciam se dar conta das minhas mágoas. Foi um outro judeu quem, movido por sentimento mais egoístico do que caridoso, me recolheu em sua casa e me ensinou a trabalhar. O que isso lhe custara era largamente compensado pelo meu trabalho, que muitas vezes excedia às minhas forças. Mais tarde, liberto desse jugo, trabalhei por minha conta. Entretanto, em toda parte, no trabalho como no repouso, a saudade de minha mãe me perseguia e, à medida que avançava em idade, a lembrança desse ser se me gravava cada vez mais profundamente

na memória, lamentando em demasia a perda do seu amor e dos seus cuidados. Mas não tardou que ficasse completamente só; em alguns meses a morte ceifou toda a minha família. Então, começou a manifestar-se o modo pelo qual eu havia de passar o resto da vida. Dois dos meus irmãos deixaram órfãos, e eu, comovido pela recordação do que como órfão havia sofrido, quis preservar os pobrezinhos de uma juventude semelhante à minha. E como o meu trabalho não produzisse o suficiente para sustentá-los a todos, comecei a pedir esmola, não para mim, mas para os outros. Deus, porém, houve por bem não permitir que eu visse o resultado, a consolação dos meus esforços, e foi assim que os pobrezinhos também me deixaram para sempre.

Eu bem via o que lhes faltava — era a mãe. Resolvi, pois, recorrer à caridade em prol das viúvas infelizes que, sem poderem trabalhar para si e seus filhinhos, se impunham privações fatais, que acabavam por conduzi-las ao túmulo, legando ao mundo pobres órfãos abandonados e votados aos tormentos que eu mesmo suportara. Eu tinha 30 anos quando, cheio de saúde e de vigor, viram-me pedir para a viúva e para o órfão. Os primeiros passos foram muito penosos, cheios de humilhações; quando, porém, se certificaram de que eu realmente distribuía aos pobres tudo o que recebia; quando souberam que, além de distribuir, ainda ajuntava para eles as sobras do meu trabalho, adquiri certo conceito que não deixava de me ser gratificante.

Durante os 60 e poucos anos dessa peregrinação, nunca deixei de atender à tarefa que me impusera. Também jamais a consciência me fez sentir que causas anteriores à existência constituíssem a razão do meu proceder. Um dia somente, e antes de começar a pedir, ouvi estas palavras: “Não façais a outrem o que não quiserdes que vos façam.” Surpreendido pelos princípios gerais de moralidade contidos nessas poucas palavras, muitas vezes parecia-me ouvi-las acrescidas com estas outras: “Mas fazei, ao contrário, o que quiserdes que vos façam.” Amparado pela lembrança de minha mãe e pelos meus próprios sofrimentos, continuei a trilhar uma senda que a minha consciência dizia ser boa.

Vou terminar esta longa comunicação, dizendo: Obrigado! Embora imperfeito ainda, sei, contudo, que o mal só acarreta o mal, e de novo, como já o fiz, dedicar-me-ei ao bem para alcançar a felicidade.

Szymel Slizgol

Julienne-Marie, a mendiga

Na comuna de Villate, perto de Nozai, (Loire-Inférieure), havia uma pobre mulher chamada Julienne-Marie, velha, enferma e que vivia da caridade pública. Um dia caiu num charco, de onde foi retirada pelo Sr. A..., morador da região, que habitualmente lhe prestava socorro. Transportada ao seu domicílio, morreu pouco depois, em consequência do acidente. Era opinião geral que ela quisera suicidar-se. No mesmo dia de seu falecimento o Sr. A..., que é espírita e médium, sentiu como que um leve contato de pessoa que estivesse próxima, sem que procurasse explicar-se a causa desse fenômeno. Quando soube da morte de Julienne-Marie, veio-lhe o pensamento de que talvez o seu Espírito tivesse vindo visitá-lo. Seguindo o conselho de um de seus amigos, membro da Sociedade Espírita de Paris, ao qual havia contado o que se passara, fez a evocação dessa mulher, com o objetivo de lhe ser útil, não sem antes se aconselhar com os seus guias protetores, dos quais recebeu a seguinte resposta:

“Sim, poderás evocá-la, e isto lhe dará prazer, embora seja inútil o serviço que te propões prestar. Ela é feliz e inteiramente devotada aos que lhe foram compassivos. És um de seus bons amigos; ela quase não te deixa e, sem que o percebas, muitas vezes se entretém contigo. Mais cedo ou mais tarde os serviços prestados serão recompensados, e quando não o sejam pelo próprio favorecido, sê-lo-ão pelos que por ele se interessam, antes e depois de sua morte. Quando o Espírito não teve tempo de se reconhecer, outros Espíritos simpáticos, em seu nome, testemunham todo o seu reconhecimento. Eis o que explica o que sentiste no dia de sua morte. Agora é ela quem te ajuda no bem que queres fazer. Lembra-te do que disse Jesus: ‘Aquele que se humilhar será exaltado.’ Terás a medida do serviço que ela te pode prestar, se, contudo, só lhe pedires assistência para ser útil a teu próximo.”

EVOCACÃO – *Bondosa Julienne-Marie, sois feliz; eis tudo quanto eu queria saber. Isto não me impedirá de pensar em vós muitas vezes e de jamais vos esquecer em minhas preces.*

R. Tem confiança em Deus; inspira aos teus doentes uma fé sincera e triunfarás quase sempre. Não te ocupes jamais com a recompensa que disso virá, pois ela ultrapassará a tua expectativa. Deus sabe sempre recompensar como merece aquele que se dedica ao alívio dos semelhantes *e vota*

às suas ações um completo desinteresse. Sem isto, tudo não passa de ilusão e quimera. Antes de tudo é preciso ter fé, do contrário, nada. Lembra-te desta máxima e ficarás admirado dos resultados que obterás. Os dois doentes que curaste, disso são a prova; nas circunstâncias em que se encontravam, com os remédios simples terias falhado.

Quando pedires a Deus permissão para que os Espíritos bons derramem sobre ti seus fluidos benfazejos, se o pedido não te fizer sentir um sobressalto involuntário, é que tua prece não foi bastante fervorosa para ser ouvida; ela só o será nas condições que te assinalo. É o que tens experimentado quando dizes do fundo do coração: “Deus Todo-Poderoso, Deus misericordioso, Deus de bondade sem limites, acolhei a minha prece e permiti que os Espíritos bons me assistam na cura de...; tende piedade dele, meu Deus, e restitui-lhe a saúde; sem vós nada posso. Que se faça a vossa vontade.” Fizestes bem em não desprezar os humildes. A voz do que sofreu e suportou com resignação as misérias deste mundo é sempre ouvida; e, como vês, um serviço prestado sempre recebe a sua recompensa.

Agora, uma palavra a meu respeito; isto te confirmará o que foi dito acima. O Espiritismo te explica minha linguagem como Espírito. Não preciso entrar em detalhes a respeito. Também creio ser inútil dar-te a conhecer a minha existência anterior. A posição em que me conhecestes na Terra deve fazer-te compreender e apreciar minhas outras existências, que nem sempre foram irrepreensíveis. Votada a uma vida de miséria, enferma e não podendo trabalhar, mendiguei a vida toda. Não entesourei; na velhice minhas pequenas economias limitavam-se a uma centena de francos, que reservava para quando as pernas não me pudessem transportar. Deus julgou suficiente a minha provação e expiação, e lhes pôs um termo, livrando-me, sem sofrimento, da vida terrena; porque eu não me suicidei, como a princípio pensaram. Caí fulminada à beira do charco, no momento em que dirigia minha última prece a Deus. O declive do terreno foi a causa da presença do meu corpo na água. Não sofri; estou feliz por ter podido cumprir minha missão sem entraves e com resignação. Tornei-me útil, na medida de minhas forças e possibilidades, evitando sempre prejudicar os meus semelhantes. Hoje recebo a recompensa e dou graças a Deus, nosso divino Senhor, que, no castigo que inflige, suaviza a amargura fazendo-nos esquecer, durante a vida, as nossas antigas existências, e pondo em

nosso caminho almas caridosas, para nos ajudarem a suportar o fardo de nossos erros passados. Persevera também e, como eu, serás recompensado. Agradeço-te as boas preces e o serviço que me prestaste; jamais o esquecerei. Um dia nos reveremos e muitas coisas te serão explicadas, coisas que, no momento, seriam supérfluas. Basta saberes que te sou muito devotada, estou junto de ti muitas vezes e sempre que necessitares de mim, para o alívio dos que sofrem.

A pobrezinha Julienne-Marie

Tendo sido evocado na Sociedade de Paris, a 10 de junho de 1864, o Espírito Julienne-Marie ditou a seguinte comunicação:

“Obrigado porque me admitistes em vosso meio, caro presidente; sentistes bem que minhas existências anteriores foram mais elevadas do ponto de vista social; e, se voltei para sofrer a prova da pobreza, era para me punir de um vão orgulho, que me fazia repelir quem fosse pobre e miserável. Então sofri essa lei justa de talião, que me tornou a mais horrenda mendiga desta região; porém, como que para me provar a bondade de Deus, eu não era repelida por todos; isto era todo o meu receio. Suportei minha prova sem murmurar, pressentindo uma vida melhor, de onde não devia mais voltar a esta Terra de exílio e de calamidade. Que felicidade o dia em que nossa alma, ainda jovem, puder entrar na vida espiritual para rever os seres amados! Porque eu também amei e sou feliz por ter encontrado os que me precederam. Obrigado a esse bom Sr. A...; ele me facultou a expressão do reconhecimento; sem a sua mediunidade eu não lhe poderia agradecer e provar-lhe que minha alma não esquece as felizes influências do seu bom coração e recomendar-lhe que propague sua divina crença. Ele é chamado a recolher as almas transviadas; que se convença bem do meu apoio. Sim, eu lhe posso retribuir ao cêntuplo o que ele me fez, instruindo-o na via que seguis. Agradecei ao Senhor por haver permitido que os Espíritos vos possam dar instruções para encorajar o pobre em suas penas e deter o rico em seu orgulho. Tratai de compreender a vergonha que há em repelir um infeliz; que eu vos sirva de exemplo, a fim de que eviteis, como eu, de ter de expiar as vossas faltas nessas dolorosas posições sociais, que vos colocam tão baixo a ponto de serdes considerado escória da sociedade.”

Julienne-Marie

Transmitida esta comunicação ao Sr. A..., ele obteve, por sua vez, a que se segue, que vem confirmar a anterior:

P. *Boa Julienne-Marie, já que quereis ajudar-me com os vossos bons conselhos, a fim de que eu progrida na senda da nossa divina Doutrina, tende a bondade de vos comunicardes comigo. Envidarei todos os esforços para tirar proveito dos vossos ensinamentos.*

R. Lembra-te da recomendação que te vou fazer e dela jamais te afastes. Sê sempre caridoso, na medida de tuas possibilidades; compreendes a caridade suficientemente tal qual deve ser praticada em todas as posições da vida terrena. Não preciso, pois, vir dar-te um ensinamento a respeito; serás tu mesmo o melhor juiz, seguindo, contudo, a voz da consciência, que jamais te enganará, quando a escutares sinceramente.

Não te iludas quanto às missões que tens a cumprir na Terra; pequenos e grandes têm a sua; a minha foi muito penosa, mas eu merecia semelhante punição, por minhas existências precedentes, conforme o confessei ao bom presidente da Sociedade-mãe de Paris, à qual todos vos congregareis um dia. Esse dia não está tão longe quanto pensas; o Espiritismo marcha a passos de gigante, a despeito de tudo quanto se tem feito para o entrar. Marchai, pois, todos sem medo, fervorosos adeptos da Doutrina, e vossos esforços serão coroados de sucesso. Pouco vos importe o que disserem de vós. Colocai-vos acima de uma crítica irrisória, que cairá sobre os adversários do Espiritismo.

Os orgulhosos! Eles se julgam fortes e pensam abater-vos facilmente. Vós, meus bons amigos, ficai tranquilos e não temais vos medir com eles, pois são mais fáceis de vencer do que imaginais. Muitos dentre eles têm medo e temem que a verdade, enfim, lhes venha ofuscar os olhos. Esperai; eles virão, por sua vez, ajudar no coroamento do edifício.

Julienne-Marie

Este caso está cheio de ensinamentos para quem quer que medite as palavras deste Espírito nestas duas comunicações. Todos os grandes princípios do Espiritismo aí se acham reunidos. Desde a primeira, o Espírito revela a sua superioridade pela linguagem; como fada benfeitora, vem proteger aquele que não a rejeitou em seus farrapos de miséria. É uma aplicação destas máximas do Evangelho: “Os grandes serão humilhados e os pequenos serão exaltados; bem-aventurados os humildes;

bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados; não desprezeis os pequenos, pois quem é pequeno neste mundo talvez seja maior do que julgais.”

Max, o mendigo

Num vilarejo da Baviera, lá pelo ano de 1850, morreu um velho quase centenário conhecido pelo nome de pai Max. Ninguém conhecia ao certo a sua origem, pois não tinha família. Desde quase meio século, acobrunhado por enfermidades que o impossibilitavam de ganhar a vida pelo trabalho, não tinha outros recursos senão a caridade pública, que dissimulava indo vender nas fazendas e nos castelos, almanaques e objetos miúdos. Tinham-lhe dado a alcunha de conde Max e as crianças só o chamavam senhor conde, com o que sorria sem se melindrar. Por que esse título? Ninguém saberia dizer; já era hábito. Talvez fosse por causa de sua fisionomia e de suas maneiras, cuja distinção contrastava com seus andrajos. Vários anos depois de sua morte, apareceu em sonho à filha do proprietário de um dos castelos, onde era hospedado na cavalaria, pois não tinha domicílio. Ele lhe disse: “Obrigado por vos terdes lembrado do pobre Max em vossas preces, pois foram ouvidas pelo Senhor. Desejais saber quem sou eu, alma caridosa que vos interessais pelo infeliz mendigo. Vou satisfazer-vos; será para todos uma grande instrução.” Relatou-lhe, então, o seguinte, mais ou menos nestes termos:

“Há um século e meio, aproximadamente, eu era um rico e poderoso senhor desta região, mas frívolo, orgulhoso e envaidecido de minha nobreza. Minha imensa fortuna só servia aos meus prazeres e mal dava para os meus gastos, porque eu era jogador, debochado, e passava a vida em orgias. Meus vassallos, que julgava criados para meu uso como animais de fazenda, eram oprimidos e maltratados para subvencionar as minhas prodigalidades. Eu ficava surdo às suas lamentações, como às de todos os infelizes e, em minha opinião, deviam sentir-se muito honrados de servir aos meus caprichos. Morri em idade pouco avançada, esgotado pelos excessos, mas sem ter passado por nenhuma infelicidade verdadeira. Ao contrário, tudo parecia sorrir-me, de sorte que, aos olhos de todos, eu era um dos felizardos do mundo. Minha posição me valeu funerais suntuosos; os estroinas lamentaram em mim o faustoso senhor, mas nem uma lágrima caiu em minha tumba, nem uma prece do coração foi dirigida a

Deus em meu benefício e minha memória foi maldita por todos aqueles cuja miséria eu tinha agravado. Ah! Como é terrível a maldição daqueles que tornamos infelizes! Ela não cessou de retinir em meus ouvidos durante longos anos, que me pareciam uma eternidade! E, à morte de cada uma de minhas vítimas, era uma nova figura ameaçadora ou irônica que surgia diante de mim, a me perseguir sem trégua e sem que eu pudesse encontrar um canto escuro para me subtrair à sua vista. Nem um olhar amigo! Meus antigos companheiros de devassidão, infelizes como eu, me fugiam e pareciam dizer com desdém: ‘Não podes mais pagar os nossos prazeres’. Oh! como eu teria pago caro um instante de repouso, um copo de água para estancar a sede causticante que me devorava! Mas eu não possuía mais nada e *todo o ouro que havia semeado a mancheias na Terra não havia produzido uma única bênção!* Nem uma só, entendeis, minha filha?

“Enfim, acabrunhado pela fadiga, esgotado como um viajor extenuado que não vê o termo de sua rota, exclamei: ‘Meu Deus, tende piedade de mim! Quando terminará esta horrível situação?’ Então uma voz, a primeira que ouvia desde que deixei a Terra, me disse: ‘*Quando quiseres.*’ ‘Que devo fazer, grande Deus?’ respondi. ‘Dizei, eu me submeto a tudo.’ ‘É preciso que te arrependas; *que te humilhes ante aqueles a quem humilhaste;* pedir-lhes que intercedam por ti, porque a *prece do ofendido que perdoa é sempre agradável ao Senhor*’. Humilhei-me, pedi aos meus vassallos, aos meus servos, que estavam à minha frente, cujas fisionomias, cada vez mais benevolentes, acabaram por desaparecer. Foi então para mim como uma nova vida; a esperança substituiu o desespero e agradeci a Deus com todas as forças de minha alma. Em seguida a voz me disse: ‘Príncipe!’ e eu respondi: ‘Não há aqui outro príncipe, senão o Deus Todo-Poderoso, que humilha os soberbos. Perdoai-me, Senhor, porque pequei; fazei de mim o servo de meus servos, se tal for a vossa vontade’.

“Alguns anos mais tarde nasci de novo, mas desta vez numa família de pobres aldeões. Meus pais morreram quando eu ainda era criança e fiquei só no mundo sem apoio. Ganhei a vida como pude, ora como trabalhador braçal, ora como servente de fazenda, mas sempre honestamente, porque desta vez acreditava em Deus. Com a idade de 40 anos, uma moléstia me paralisou todos os membros e vi-me forçado a mendigar durante mais de 50 anos nestas mesmas terras que outrora tinham sido

minhas e onde, por amarga ironia, me tinham apelidado de senhor conde; feliz muitas vezes por encontrar um abrigo na estrebaria do castelo que fora meu. E no sonho eu me deleitava em percorrer este mesmo castelo, onde reinara como déspota. Quantas vezes, em meus sonhos, me revi em meio a minha antiga fortuna! Tais visões me deixavam, ao despertar, um indefinível sentimento de amargura e de pesar; mas jamais um lamento escapou de minha boca. E, quando Deus se dignou chamar-me, eu o louvei por ter-me dado coragem de sofrer sem murmurar essa longa e penosa prova, cuja recompensa hoje recebo. E vós, minha filha, eu vos abençoo por terdes orado por mim.”

Recomendamos este caso aos que advogam que os homens não teriam mais freio se não tivessem diante de si o espantinho das penas eternas. E perguntamos se a perspectiva de um castigo como o do pai Max é menos eficaz para deter na via do mal que as torturas sem-fim, nas quais ninguém mais acredita.

História de um criado

Numa família de alta posição, havia um jovem criado cuja figura inteligente e fina surpreendia por sua distinção. Nada em suas maneiras denotava inferioridade; sua dedicação ao serviço dos patrões não tinha essa obsequiosidade servil, própria das pessoas de tal condição. Voltando àquela família no ano seguinte, e não mais vendo o rapaz, perguntamos se o haviam despedido. “Não”, responderam-me, “foi passar alguns dias em sua terra e lá morreu. Lamentamos muito, pois era um excelente sujeito e tinha sentimentos *realmente acima de sua posição*. Era muito ligado a nós, tendo nos dado provas de grande afeição e devotamento”.

Mais tarde, veio-nos a ideia de evocar o rapaz. Eis o que ele nos disse: “Em minha última encarnação eu era, como se diz na Terra, de boa família, embora arruinada pela prodigalidade de meu pai. Fiquei órfão e sem recursos ainda muito jovem. O Sr. G... foi o meu benfeitor; educou-me como filho e deu-me uma boa instrução que muito me enaideceu. Na última existência quis expiar meu orgulho, nascendo em condição servil e aqui encontrei ocasião de provar dedicação ao meu benfeitor. Até lhe salvei a vida, sem que ele jamais desconfiasse. Era ao mesmo tempo uma prova, da qual tirei partido, pois tive bastante força para não me deixar

corromper pelo contato com um meio quase sempre vicioso. Apesar dos maus exemplos, fiquei puro, pelo que dou graças a Deus por ter sido recompensado pela felicidade de que desfruto.”

P. *Em que circunstâncias salvastes a vida do Sr. G...?*

R. Num passeio a cavalo, em que eu o seguia só, percebi uma grande árvore que caía ao seu lado, sem que ele a visse. Adverti-o com um grito terrível; ele recuou bruscamente, enquanto a árvore tombava aos seus pés. Sem o movimento que pratiquei, por certo ele teria sido esmagado.

O fato foi relatado ao Sr. G..., que dele se lembrou perfeitamente.

P. *Por que morrestes tão jovem?*

R. Deus tinha julgado suficiente a minha prova.

P. *Como pudestes aproveitar a prova, se não guardáveis lembrança de vossa precedente existência e da causa que a motivara?*

R. Em minha humilde posição, restava-me um instinto de orgulho, que tive a felicidade de dominar. Isto tornou a prova muito proveitosa, sem o que teria de recomeçá-la. Em seus momentos de liberdade, o meu Espírito se lembrava e, ao despertar, ficava um desejo intuitivo de resistir às minhas tendências, que eu sentia serem más. Assim, tive mais mérito em lutar do que se me recordasse claramente do passado. A lembrança perturbadora de minha antiga posição teria exaltado o meu orgulho, enquanto tive apenas de combater os arrastamentos da nova posição.

P. *Recebestes uma educação brilhante. Para que vos serviu na última existência, uma vez que não vos recordáveis dos conhecimentos adquiridos?*

R. Tais conhecimentos teriam sido inúteis, mesmo um contrassenso em minha nova situação. Ficaram latentes e hoje os recupero. Contudo, não me foram inúteis, pois me desenvolveram a inteligência; instintivamente eu tinha o gosto pelas coisas elevadas, o que me inspirava repulsa pelos exemplos baixos e ignóbeis que tinha sob os olhos. Sem tal educação eu não teria passado de simples criado.

P. *Os exemplos de empregados domésticos que se dedicam aos patrões até a abnegação têm por causa anteriores relações?*

R. Não o duvideis; é, pelo menos, o caso mais comum. Por vezes, tais empregados são membros da família, ou, como eu, seres agradecidos que pagam uma dívida de reconhecimento, cuja dedicação lhes auxiliava o progresso. Não sabeis de todos os efeitos das simpatias e antipatias que

essas relações anteriores produzem no mundo. Não, a morte não interrompe tais relações, que, muitas vezes, se perpetuam de um século a outro.

P. *Por que tais exemplos de dedicação dos criados são hoje tão raros?*

R. Deve-se incriminar o espírito de egoísmo e de orgulho do vosso século, desenvolvido pela incredulidade e pelas ideias materialistas. A verdadeira fé desaparece pela cupidez e pelo desejo de ganho e, com ela, a dedicação. Reconduzindo os homens ao sentimento da verdade, o Espiritismo fará renascer as virtudes esquecidas.

Nada melhor que este exemplo para ressaltar o benefício do esquecimento das existências anteriores. Se o Sr. G... se tivesse lembrado de quem fora seu jovem criado, por certo ficaria muito constringido e nem mesmo o teria conservado naquela condição, entretendo, assim, a prova, que a ambos foi proveitosa.

Antonio B...

(Enterrado vivo – A pena de talião.)

O Sr. Antonio B..., escritor de mérito, estimado por seus concidadãos, tendo desempenhado com distinção e integridade funções públicas na Lombardia, caiu, pelo ano de 1850, em consequência de um ataque de apoplexia, num estado de morte aparente que, infelizmente, como algumas vezes sucede em casos tais, a sua morte foi considerada real, concorrendo ainda mais para o engano os vestígios da decomposição assinalados no corpo. Quinze dias depois do enterro, uma circunstância fortuita levou a família a determinar a exumação. Tratava-se de um medalhão, por acaso esquecido no caixão. Qual não foi, porém, o espanto dos assistentes quando, ao abrir o esquife, notaram que o corpo mudara de posição, voltando-se de bruços e, coisa horrível! uma das mãos havido sido comida em parte pelo defunto. Ficou, então, patente que o infeliz Antonio B... fora enterrado vivo, e deveria ter sucumbido sob a ação do desespero e da fome.

Tendo sido evocado na Sociedade Espírita de Paris, em agosto de 1861, a pedido de um parente, o Espírito Antonio B... deu as seguintes explicações:

1. *EVOCACÃO – Que quereis?*

2. *A pedido de um vosso parente, nós vos evocamos com prazer e ficaremos contentes se quiserdes responder-nos. – R. Sim, desejo fazê-lo.*

3. *Lembraí-vos dos incidentes da vossa morte?* – R. Ah! Certamente que me lembro. Mas por que me avivar essa lembrança do castigo?

4. *É verdade que fostes enterrado vivo por descuido?* – R. Assim deveria ser, visto que a morte aparente se reveste de todas as características da morte real; eu estava quase exangue.⁸⁴ Não se deve, porém, imputar a ninguém um acontecimento que me estava predestinado desde que nasci.

5. *Estas perguntas vos incomodam? Neste caso, podemos interrompê-las.* – R. Não. Podeis continuar.

6. *Esperávamos que fôsseis feliz, já que deixastes a reputação de um homem de bem.* – R. Eu vos agradeço, pois sei que intercedereis por mim. Vou fazer o possível para vos responder e, se não puder fazê-lo, um dos vossos guias o fará por mim.

7. *Podeis descrever-nos as vossas sensações naquele momento terrível?* – R. Oh! Que dolorosa provação o fato de sentir-me encerrado entre quatro tábuas, tolhido, absolutamente tolhido. Impossível gritar! A voz, por falta de ar, não tinha eco! Ah! Que tortura a do infeliz que em vão se esforça para respirar num ambiente limitado! Eu era qual condenado à boca de um forno, abstração feita do calor. A ninguém desejo semelhantes torturas. Não, não desejo a ninguém um fim como o que tive. Oh! cruel punição de cruel e feroz existência! Não saberia dizer no que então pensava; apenas revendo o passado, vagamente entrevia o futuro.

8. *Dissestes: cruel punição de feroz existência... Como se pode conciliar esta afirmativa com a vossa reputação ilibada?* – R. Que vale uma existência em face da eternidade? Certamente procurei ser honesto e bom na minha última encarnação, mas eu aceitara um tal fim antes de reencarnar. Ah! Por que me interrogar sobre esse passado doloroso que só eu e os Espíritos do Senhor conhecíamos? Mas visto que assim é preciso, dir-vos-ei que, numa existência anterior, eu enterrara viva uma mulher, a minha própria esposa, e por sinal num jazigo subterrâneo. A pena de talião devia ser-me aplicada. Olho por olho, dente por dente.

9. *Agradecemos essas respostas e pedimos a Deus que vos perdoe o passado, em atenção ao mérito da vossa última existência.* – R. Voltarei mais tarde. Aliás, o Espírito Erasto completará esta minha comunicação.

⁸⁴ Nota de Allan Kardec: Privado de sangue. Descoloração da pele devido à privação de sangue.

INSTRUÇÕES DO GUIA DO MÉDIUM – O que deveis concluir dessa comunicação é que todas as vossas existências são solidárias entre si; as tribulações, as vicissitudes e as grandes dores que se abatem sobre os homens são sempre as consequências de uma vida anterior criminosa ou mal-empregada. Entretanto, cumpre-me dizer-vos que desfechos semelhantes como este de Antonio B... são raros, e se esse homem, cuja última existência foi isenta de censura, acabou morrendo dessa maneira, foi por tê-lo solicitado ele próprio, a fim de abreviar a sua erraticidade e alcançar mais rapidamente as esferas superiores. Com efeito, depois de um período de perturbação e sofrimento moral, com vistas à expiação do seu crime hediondo, ser-lhe-á perdoado este, e ele se alçará a um mundo melhor, onde o espera a vítima, que há muito tempo lhe perdoou. Aproveitai este exemplo cruel, queridos espíritos, a fim de suportardes com paciência os sofrimentos físicos e morais, bem como todas as pequenas misérias da Terra.

P. *Que proveito a humanidade pode auferir de semelhantes punições?*

– R. Os castigos não são aplicados para desenvolver a humanidade, mas para a punição dos culpados. De fato, a humanidade não tem interesse algum no sofrimento de um de seus membros. Aqui, a punição foi apropriada à falta. Por que há loucos, idiotas, paralíticos? Por que alguns morrem queimados? Por que outros padecem as torturas de longa agonia entre a vida e a morte? Ah! crede-me; respeitai a vontade soberana e não procureis sondar a razão dos decretos da Providência. Deus é justo e só faz o bem.

Erasto

Este fato não encerra um ensinamento terrível? Assim, a Justiça de Deus alcança sempre o culpado e, pelo fato de tardar algumas vezes, nem por isso deixa de atingi-lo. Não é altamente moralizador saber que, se grandes culpados acabam pacificamente a existência na abundância dos bens terrestres, cedo ou tarde a hora da expiação chegará para eles? Penas de tal natureza são compreensíveis, não só por estarem mais ou menos ao alcance das nossas vistas, mas por serem lógicas. Cremos, porque a razão admite. Uma existência honrosa não exclui, portanto, as provações da vida, pois que são escolhidas e aceitas como complemento de expiação; é o restante do pagamento de uma dívida saldada antes de receber o preço do progresso realizado.

Considerando-se como eram frequentes nos séculos que passaram, mesmo nas classes mais elevadas e esclarecidas, os atos de barbaria que hoje nos revoltam, quantos assassínios eram cometidos nesses tempos de menosprezo pela vida do semelhante, e como os fracos eram esmagados pelos poderosos sem escrúpulo, então compreenderemos que muitos dos nossos contemporâneos terão de apagar máculas passadas e tampouco nos admiraremos do número considerável de pessoas que sucumbem vitimadas por acidentes isolados ou por catástrofes coletivas. O despotismo, o fanatismo, a ignorância e os preconceitos da Idade Média e dos séculos que se seguiram, legaram às gerações futuras uma dívida imensa, que ainda não foi liquidada. Muitas desgraças só nos parecem imerecidas porque apenas vemos a hora presente.

Letil

Este industrial, que residiu nos arredores de Paris, morreu em abril de 1864, de modo impressionante. Incendiando-se uma caldeira de verniz fervente, foi num abrir e fechar de olhos que o seu corpo se cobriu de matéria candente, compreendendo logo que estava perdido. Achando-se na oficina apenas com um jovem aprendiz, ainda teve ânimo de dirigir-se à sua casa, distante mais de 200 metros. Quando se lhe pôde prestar os primeiros socorros, já as carnes dilaceradas caíam aos pedaços, sendo visíveis os ossos de uma parte do corpo e da face. Ainda assim, sobreviveu 12 horas a terríveis sofrimentos, mas conservando toda a presença de espírito até o último momento, regulando os seus negócios com perfeita lucidez.

Em toda esta cruel agonia não se lhe ouviu um só gemido, um só queixume, e morreu orando a Deus. Era um homem muito honrado, de caráter meigo e afetuoso, estimado por quantos o conheciam. Havia abraçado as ideias espíritas com entusiasmo, porém pouco refletidamente, e assim foi que, médium, não lhe faltaram inúmeras mistificações, que, no entanto, em nada lhe abalaram a crença. A confiança no que os Espíritos lhe diziam, em certas circunstâncias, beirava a ingenuidade.

Evocado na Sociedade de Paris, a 29 de abril de 1864, poucos dias após a morte e ainda sob a impressão da cena terrível que o vitimou, deu a seguinte comunicação:

“Profunda tristeza me acabrunha! Aterrado ainda pela minha trágica morte, julgo-me sob os ferros de um algoz. Quanto sofri! Oh! quanto

sofri! Estou trêmulo, como que sentindo o cheiro nauseante de carnes queimadas. Agonia de 12 horas, essa que padeceste, ó Espírito culpado! Mas ele sofreu sem murmurações e por isso vai receber de Deus o seu perdão. Ó minha bem-amada, não chores, que em breve estas dores se acalmarão. Na realidade, eu não sofro mais, porém a lembrança neste caso vale pela realidade. A noção do Espiritismo me auxilia bastante, e agora vejo que, sem essa crença consoladora, teria permanecido no delírio da morte horrível que padeci.

“Há, porém, um Espírito consolador que não me deixa, desde que exalei o último suspiro. Eu ainda estava vivo e já o tinha a meu lado... Parecia-me ser um reflexo das minhas dores, a produzir em mim vertigens, que me fizessem ver fantasmas... Mas não; era o meu anjo da guarda que, silencioso e mudo, me consolava pelo coração. Logo que me despedi da Terra, disse-me ele: ‘Vem, meu filho, torna a ver o dia’. Então respirei mais livremente, julgando sair de medonho pesadelo; perguntei pela esposa amada, pelo filho corajoso que por mim se devotara, e ele me disse: ‘Estão todos na Terra, e tu, filho, estás entre nós’. Eu procurava o lar, onde, sempre em companhia do anjo, vi todos banhados de pranto. A tristeza e o luto haviam invadido aquela habitação outrora tão sossegada. Não pude tolerar o espetáculo por mais tempo e, muito comovido, disse ao meu guia: ‘Ó meu anjo bom, saiamos daqui!’. ‘Sim, saiamos’, respondeu-me, ‘e procuremos repouso.’ Daí para cá tenho sofrido menos e, não fora a visão da esposa inconsolável e a tristeza dos amigos, seria quase feliz.

“O meu bom guia fez-me ver a causa da morte tão dolorosa que tive, e eu, a fim de vos instruir, vou confessá-la:

“Há cerca de dois séculos mandei queimar uma jovem donzela, inocente como se pode ser na sua idade — 12 a 14 anos. Qual a acusação que lhe pesava? A cumplicidade em uma conspiração contra a política clerical. Eu era então italiano e juiz inquisidor; como os algozes não ousassem tocar o corpo da pobre criança, fui eu mesmo o juiz e o carrasco. Oh! quanto és grande, Justiça de Deus! A ti submetido, prometi a mim mesmo não vacilar no dia do combate, e ainda bem que tive força para manter o compromisso. Não murmurei, e vós me perdoastes, oh! Senhor. Quando, porém, se apagará da minha memória a lembrança da pobre vítima inocente? Essa lembrança é que me faz sofrer! É preciso, portanto, que ela me perdoe.

“Oh! vós, adeptos da nova doutrina, que frequentemente dizeis não poder evitar os males aos quais nos expomos em razão do esquecimento do passado!... Oh! irmãos meus! Bendizei antes a Deus, porque se tal lembrança vos acompanhasse na Terra, não mais encontraríeis repouso em vossos corações. Como poderíeis vós, constantemente assediados pela vergonha e pelo remorso, fruir um só momento de paz? O esquecimento aí é um benefício, porque a lembrança aqui é uma tortura. Mais alguns dias e, como recompensa à resignação com que suportei as minhas dores, Deus me concederá o esquecimento da falta. Eis a promessa que acaba de fazer-me o meu anjo bom.”

O caráter do Sr. Letil, na última encarnação, prova quanto o seu Espírito se aperfeiçoou. A conduta que teve seria o resultado do arrependimento e das boas resoluções previamente tomadas, mas isso por si só não bastava. Era preciso consolidar essas resoluções com uma grande expiação; era mister que suportasse como homem o suplício que infligira a outrem e mais ainda: a resignação que, felizmente, não o abandonou nessa terrível contingência. Por certo o conhecimento do Espiritismo contribuiu grandemente para sustentar-lhe a coragem, pela fé sincera que tal conhecimento lhe dera do futuro. Ciente de que as dores físicas são provas e expiações, submeteu-se a elas com resignação, dizendo: “Deus é justo; logo, é que eu as mereci.”

Um cientista ambicioso

Embora nunca tivesse provado as pungentes angústias da miséria, a Sra. B..., de Bordeaux, teve uma vida de martírios físicos, em consequência das incontáveis doenças graves que a acometeram desde a idade de cinco meses. Vivendo 70 anos, quase que anualmente batia às portas do túmulo. Três vezes envenenada pela terapêutica de uma ciência experimental e duvidosa, em ensaios feitos sobre o seu organismo e temperamento, arruinada tanto pelos remédios quanto pelas doenças, assim viveu entregue a sofrimentos intoleráveis, que nada podia acalmar. Sua filha, espírita-cristã e médium, pedia a Deus em suas preces para suavizar-lhe as cruéis provações. Foi porém aconselhada pelo seu guia espiritual a pedir simplesmente a fortaleza, a calma, a resignação para as suportar, fazendo acompanhar esse conselho das seguintes instruções:

“Nessa vida tudo tem a sua razão de ser: *não há um só dos nossos sofrimentos que não corresponda aos sofrimentos por nós causados aos outros*; não há um só dos vossos excessos que não tenha por consequência uma privação; não há uma só lágrima que caia dos vossos olhos, que não seja destinada a lavar uma falta, um crime qualquer. Suportai, portanto, com confiança e resignação as vossas dores físicas e morais, por mais cruéis que vos pareçam, e pensai no trabalhador cuja fadiga afeta os membros, mas que prossegue no trabalho sem se deter, porque tem diante de si a dourada espiga, outros tantos frutos da sua perseverança. Assim é a sorte do infeliz que sofre nesse mundo; a aspiração da felicidade, que deve constituir-se em fruto de sua paciência, torna-lo-á resistente às dores efêmeras da humanidade. Eis o que se dá com a tua mãe. Cada dor que ela aceita como expiação corresponde à extinção de uma nódoa do seu passado, e quanto mais cedo essas nódoas se extinguirem, tanto mais breve ela será feliz. *A falta de resignação esteriliza o sofrimento*, porque então as provas teriam de recomeçar. O de que ela mais precisa é coragem e resignação, e é justamente o que por ela se deve pedir a Deus e aos Espíritos bons.

Tua mãe foi outrora uma excelente médica, vivendo num meio em que se lhe tornava fácil o bem-estar, e no qual foi cumulada de homenagens. Ambicionando glória e riquezas, e querendo alcançar o apogeu da Ciência, não por filantropia ou por amor aos semelhantes, mas para aumentar a reputação e a clientela, não mediu esforços para levar a bom termo os seus estudos. Porque previa um estudo nas convulsões que provocava, sua genitora era martirizada no leito de sofrimentos, enquanto o próprio filho era submetido a experiências que deviam dar-lhe a solução de certos fenômenos; aos velhos abreviava os dias e aos homens vigorosos enfraquecia com ensaios tendentes a comprovar a ação de tal ou qual medicamento. E todas essas experiências eram tentadas sem que o infeliz paciente delas soubesse ou sequer desconfiasse. A satisfação da cupidez e do orgulho, a sede de ouro e de celebridade foram os móveis de tal conduta. Séculos e séculos de provações terríveis foram necessários para domar esse Espírito ambicioso e cheio de orgulho, até que o arrependimento iniciasse a obra de regeneração, que deveria preceder a reparação que agora termina, visto como as provas dessa última encarnação podem dizer-se suaves em relação às que já suportou. Coragem, pois, porque se o castigo foi longo e cruel, grande será a recompensa à resignação, à paciência e à humildade.

Coragem, a todos vós que sofreis; considerai a brevidade da existência material e pensai nas alegrias da eternidade. Invocai a esperança, a dedicada amiga dos sofredores; implorai pela fé, irmã da esperança, fé que vos mostra o céu, no qual a esperança vos faz penetrar bem antes do tempo. Atraí também a vós esses amigos que o Senhor vos concede, que estão ao vosso lado, que vos sustentam e amam, cuja solicitude constante vos reconduz para junto daquele a quem havíeis ofendido, transgredindo as suas leis.”

Depois de haver desencarnado, a Sra. B... veio dar, tanto por sua filha como na Sociedade Espírita de Paris, muitas comunicações, nas quais se refletem as mais elevadas qualidades, confirmando os seus antecedentes.

Charles de Saint-G..., deficiente mental

(Sociedade Espírita de Paris, 1860.)

Charles de Saint-G... é um deficiente mental de 13 anos, vivo, cujas faculdades intelectuais são de tal nulidade que nem mesmo reconhece os pais e apenas é capaz de alimentar-se. Há nele uma supressão completa do desenvolvimento em todo o sistema orgânico.

1. [A SÃO LUÍS] – *Poderíeis dizer-nos se podemos evocar o Espírito dessa criança?* – R. Podeis fazê-lo como se evocásseis um morto.

2. *Vossa resposta faz-nos supor que a evocação poderia ser feita em qualquer momento.* – R. Sim; sua alma está atada ao corpo por laços materiais, mas não espirituais; ela pode sempre se desprender.

3. *EVOCÇÃO DE CHARLES DE SAINT-G...* – R. Sou um pobre Espírito, preso à Terra como uma ave pelo pé.

4. *Em vosso estado atual, como Espírito, tendes consciência de vossa nulidade neste mundo?* – R. Certamente; sinto bem o meu cativeiro.

5. *Quando vosso corpo dorme e vosso Espírito se desprende, tendes as ideias tão lúcidas quanto se estivésseis em estado normal?* – R. Quando meu corpo infeliz repousa, estou um pouco mais livre para me elevar ao céu, a que aspiro.

6. *Como Espírito, experimentais um pensamento penoso de vosso estado corpóreo?* – R. Sim, pois é uma punição.

7. *Recordai-vos da vossa precedente existência?* – R. Oh, sim! Ela é a causa de meu exílio atual.

8. *Qual foi essa existência?* – R. Um jovem libertino ao tempo de Henrique III.⁸⁵

9. *Dissistes que vossa condição atual é uma punição; então não a escolhestes?* – R. Não.

10. *Como pode a vossa existência atual servir ao vosso progresso, considerando-se o estado de nulidade em que vos encontrais?* – R. Ela não me é nula perante Deus, que ma impôs.

11. *Prevedes a duração da vossa existência atual?* – R. Não; mais alguns anos e retornarei à minha pátria.

12. *Desde vossa precedente existência até a encarnação atual, que fizestes como Espírito?* – R. Porque eu era um Espírito leviano, Deus me aprisionou.

13. *No estado de vigília tendes consciência do que se passa ao vosso redor, apesar da imperfeição dos vossos órgãos?* – R. Vejo e ouço, mas meu corpo nada vê nem percebe.

14. *Podemos fazer algo que vos seja útil?* – R. Nada.

15. [A SÃO LUÍS] – *As preces por um Espírito reencarnado podem ter a mesma eficácia que a dirigida a um errante?* – R. As preces são sempre boas e agradáveis a Deus. Na posição deste pobre Espírito, elas em nada lhe poderão servir; servirão mais tarde, pois Deus as deixa de reserva.

Esta evocação confirma o que sempre se disse dos deficientes mentais. A nulidade moral não implica nulidade do Espírito, que, abstração feita dos órgãos, goza de todas as suas faculdades. A imperfeição dos órgãos é apenas um *obstáculo* à livre manifestação dos pensamentos: não os aniquila. É o caso de um homem vigoroso, cujos membros fossem momentaneamente amarrados.

Instrução de um Espírito sobre os deficientes mentais e os cretinos, dada na Sociedade de Paris – Os cretinos são seres punidos na Terra pelo mau uso que fizeram de poderosas faculdades. Sua alma está aprisionada num corpo, cujos órgãos impotentes não podem exprimir seu pensamento. Esse mutismo moral e físico é uma das mais cruéis punições terrestres, muitas vezes escolhidas pelos Espíritos arrependidos que querem resgatar

⁸⁵ N.E.: Henrique III (1551–1589): Neto de Francisco I e filho de Henrique II e Catarina de Médicis, reinou na França num dos períodos mais turbulentos da sua história (1574–1589), caracterizados pela intolerância religiosa e pelas chamadas guerras de religião que tanto ensanguentaram o país.

suas faltas. Tal prova não é estéril, porque o Espírito não fica estacionário na sua prisão de carne: os olhos hebetados veem, o cérebro deprimido compreende, mas nada pode ser traduzido, nem pela palavra, nem pelo olhar e, salvo o movimento, estão moralmente no estado dos letárgicos e dos catalépticos, que veem e ouvem o que se passa ao seu redor sem poderem exprimi-lo. Quando, em sonho, tendes esses terríveis pesadelos, nos quais quereis fugir de um perigo, quando gritais para pedir socorro, enquanto a língua fica presa à abóbada palatina e os pés ao solo, experimentais por alguns instantes o que o cretino experimenta sempre: *paralisia do corpo ligada à vida do Espírito*.

Quase todas as enfermidades têm, assim, sua razão de ser; nada se faz sem causa, e o que chamais injustiça da sorte é a aplicação da mais alta justiça. A loucura também é uma punição pelo abuso de elevadas faculdades; o louco tem duas personalidades, a delirante e a que retém a consciência de seus atos, sem os poder dirigir. Quanto aos cretinos, a vida contemplativa e isolada de suas almas, sem as distrações do corpo, também pode ser tão agitada como as existências mais complicadas pelos acontecimentos; alguns se revoltam contra seu suplício voluntário; lamentam tê-lo escolhido e sentem um desejo furioso de voltar a uma outra vida, desejo que lhes faz esquecer a resignação na vida presente e o remorso da vida passada, que albergam na consciência, porquanto os cretinos e os loucos sabem mais que vós, ocultando-se na sua incapacidade física uma força moral da qual não fazeis a menor ideia. Os atos de furor ou de imbecilidade a que seus corpos se entregam são julgados pelo ser interior, que sofre e se envergonha. Assim, ridicularizá-los, injuriá-los, mesmo maltratá-los, como às vezes se faz com eles, é aumentar-lhes os sofrimentos, porque os faz sentir mais duramente sua fraqueza e sua abjeção; se pudessem, acusariam de covardia os que assim agem, pois sabem que suas vítimas não podem se defender.

O cretinismo não é uma Lei de Deus e a Ciência pode fazê-lo desaparecer, porque é o resultado material da ignorância, da miséria e da imundície. Os novos meios de higiene, que a Ciência, tornada mais prática, pôs ao alcance de todos, tendem a destruí-lo. Sendo o progresso condição expressa da humanidade, as provas impostas se modificarão e seguirão a marcha dos séculos; tornar-se-ão todas morais; e quando a vossa Terra, ainda jovem, tiver realizado todas as fases de sua existência, tornar-se-á uma morada de felicidade, como outros planetas mais adiantados.

Pierre Jouty, pai do médium

Houve um tempo em que se pusera em dúvida a alma dos cretinos e se perguntava se eles, realmente, pertenciam à espécie humana. A maneira por que o Espiritismo os encara não é de alta moralidade e de grande ensinamento? Não há matéria para sérias reflexões, ao pensar que esses corpos desgraçados encerram almas que talvez tenham brilhado no mundo, que são tão lúcidas e tão pensantes quanto as nossas, sob o espesso envoltório que lhes sufoca as manifestações e que, um dia, o mesmo pode acontecer conosco, se abusarmos das faculdades que nos concedeu a Providência?

De outro modo, como poderíamos explicar o cretinismo? Como fazê-lo concordar com a justiça e a bondade de Deus, sem admitir a pluralidade das existências, isto é, a reencarnação? Se a alma ainda não viveu, é que foi criada ao mesmo tempo que o corpo. Nesta hipótese, como justificar a criação de almas tão desperdadas quanto a dos cretinos, por parte de um Deus justo e bom? Porque aqui não se trata absolutamente de um desses acidentes — a loucura, por exemplo — que se pode prevenir ou curar. Esses seres nascem e morrem no mesmo estado. Não possuindo nenhuma noção do bem e do mal, qual a sua sorte na eternidade? Serão felizes como os homens inteligentes e trabalhadores? Mas por que este favor, se nada fizeram de bom? Estarão naquilo a que chamam limbo, isto é, num estado misto, que nem é felicidade nem infelicidade? Mas por que esta inferioridade eterna? É sua culpa se Deus os criou cretinos? Desafiamos todos os que repelem a doutrina da reencarnação a saírem desse impasse. Com a reencarnação, ao contrário, o que parece uma injustiça torna-se admirável justiça; o que é inexplicável explica-se da maneira mais racional.

Aliás, não sabemos se os que repelem esta doutrina a tenham combatido com argumentos mais convincentes que o de sua repugnância pessoal em voltar à Terra. Respondemos-lhe: para que volteis, Deus não vos pede permissão, assim como o juiz, que não consulta a vontade do réu para enviá-lo à prisão. Todos têm a possibilidade de não reencarnar, desde que se aperfeiçoem bastante para fazerem jus a uma esfera mais elevada. O orgulho e o egoísmo não se compadecem, porém, com essas esferas felizes, e daí a necessidade de todos se despojarem dessas enfermidades morais, para o que é preciso trabalhar se quiserem alcançar essa meta.

Sabe-se que, em certos países, longe de serem objeto de desprezo, os deficientes mentais são cercados de todos os cuidados. Tal sentimento não resultará de uma intuição do verdadeiro estado desses infortunados, tanto mais dignos de atenção quanto, por se verem repudiados na sociedade, seus Espíritos compreendem tal contingência? Considera-se mesmo como favor e verdadeira bênção a presença de um desses seres no seio da família.

Seria isso superstição? Talvez, porque nos ignorantes a superstição se confunde com as ideias mais santas, por não lhe compreenderem o alcance. Em todos os casos, porém, é para os parentes ocasião de exercerem a caridade, tanto mais meritória quanto mais pesado lhes seja esse encargo, de nenhuma compensação material. Há maior mérito em cercar de afetuosos cuidados uma criança infeliz do que cuidar de um filho cujas qualidades ofereçam qualquer compensação. Sendo a caridade desinteressada uma das virtudes mais agradáveis a Deus, atrai sempre a sua bênção sobre os que a praticam. Esse sentimento inato e espontâneo vale por esta prece: “Obrigado, meu Deus, por nos terdes dado como prova um ser fraco a sustentar, um aflito a consolar.”

Adélaïde-Marguerite Gosse

Era uma humilde e pobre criada que vivia perto de Harfleur, na Normandia. Aos 11 anos entrou para o serviço de ricos horticultores da região. Poucos anos depois, uma inundação do rio Sena afogou todos os animais! Em virtude de outras desgraças que sobrevieram, os patrões da mocinha caíram na miséria! Solidária com a sorte que os atingira, Adélaïde abafou a voz do egoísmo e, só ouvindo o generoso coração, obrigou-os a aceitarem quinhentos francos de suas economias, continuando a servi-los independentemente de salário. Depois da morte dos patrões, passou a dedicar-se a uma filha que deixaram, viúva e sem recursos. Trabalhava nos campos, recolhia o produto e, casando-se, reuniu os seus esforços aos do marido, para manterem juntos a pobre mulher, a quem continuou a chamar “sua patroa!”. Esta abnegação sublime durou cerca de meio século. A Sociedade de Emulação de Rouen não deixou no esquecimento essa mulher digna de tanto respeito e admiração, outorgando-lhe uma medalha de honra e uma recompensa em dinheiro; a este testemunho de estima associaram-se as lojas maçônicas do Havre, oferecendo-lhe uma

pequena soma destinada ao seu bem-estar. Finalmente, a administração local também se interessou por ela, delicadamente, de modo a não lhe ferir a suscetibilidade.

Um ataque de paralisia arrebatou da Terra esse anjo de bondade, instantânea e suavemente. Singelas, porém decentes, foram as últimas homenagens prestadas à sua memória. O secretário da municipalidade foi à frente do cortejo fúnebre.

(Sociedade de Paris, 27 de dezembro de 1861.)

EVOCÇÃO – Rogamos a Deus Todo-Poderoso que permita ao Espírito Marguerite Gosse a graça de comunicar-se conosco. – R. Sim, Deus me concederá essa graça.

P. *Estamos felizes por vos poder testemunhar a nossa admiração pela vossa conduta na Terra, e esperamos que tanta abnegação tenha recebido a sua recompensa.* – R. Sim, Deus foi bom e misericordioso para com a sua serva. Tudo quanto fiz e vos parece louvável era natural.

P. *Podereis dizer-nos, para edificação nossa, qual a causa da humilde condição que ocupastes na Terra?* – R. Em duas encarnações sucessivas ocupei posição bastante elevada, sendo-me fácil a prática do bem, que realizava sem sacrifício, pois que era rica. Pareceu-me, porém, que me adiantava lentamente, e por isso pedi para voltar nas condições mais humildes possíveis, nas quais houvesse mesmo de lutar com as privações. Para isso me preparei durante longo tempo, e Deus manteve-me a coragem, de modo a poder atingir o fim a que me propusera.

P. *Já tornastes a ver os antigos patrões? Dizei-nos qual a vossa posição perante eles, e se ainda vos considerais subalterna daquela família.* – R. Sim, eu os reví, pois quando cheguei a este mundo eles já me aguardavam. Humildemente vos confesso que me consideram como lhes sendo muito superior.

P. *Tínheis algum motivo particular para vos afeiçoardes a eles, de preferência a outras pessoas?* – R. Nenhum motivo obrigatório, visto que em qualquer parte teria alcançado o meu objetivo. Escolhi-os, no entanto, para retribuir uma dívida de reconhecimento. É que outrora haviam sido bons para comigo, prestando-me serviços.

P. *Que futuro julgais que vos aguarde?* – R. Espero a reencarnação num orbe em que a dor seja desconhecida. Talvez me julgeis muito presunçosa, porém eu vos falo com a vivacidade própria do meu caráter. Além disso, submeto-me à vontade de Deus.

P. *Gratos por terdes correspondido ao nosso apelo. Estamos certos de que Deus vos cumulará de benefícios.* – R. Obrigada. Que Deus vos abençoe a todos, a fim de que possais, quando desencarnados, gozar das alegrias tão puras que me foram concedidas.

Clara Rivier

Clara Rivier era uma menina de dez anos, filha de uma família de camponeses que residia num vilarejo do sul da França. Havia já quatro anos que se achava profundamente enferma. Durante toda a sua vida jamais soltou um único lamento, nem demonstrou o mais leve sinal de impaciência. Embora sem instrução, consolava a família aflita, discorrendo sobre a vida futura e a felicidade que ali devia encontrar. Morreu em setembro de 1862, após quatro dias de torturas e convulsões, durante as quais não deixou de orar a Deus. Dizia ela: “Não temo a morte, porque depois uma vida de felicidade me está reservada.” A seu pai, que chorava, dizia: “Consola-te; virei te visitar. Minha hora está próxima, eu o sinto; contudo, quando chegar, saberei e te prevenirei antes.” Com efeito, quando o momento fatal estava a ponto de realizar-se, chamou todos os seus e disse: “Não tenho mais que cinco minutos de vida; dai-me as vossas mãos.” E expirou, conforme anunciara.

Desde então, um Espírito batedor veio visitar a casa dos Rivier: quebra tudo, bate na mesa como se tivesse uma clava; agita os lençóis e as cortinas, mexe na louça... Este Espírito apareceu sob a forma de Clara à irmãzinha desta, que tem apenas cinco anos. Segundo a criança, sua irmã lhe falou muitas vezes, levando-a a soltar gritos de alegria e dizer: “Mas vede como Clara está linda!”

1. *EVOCÇÃO DE CLARA RIVIER* – R. Estou junto a vós, disposta a responder.

2. *De onde vos vem, embora tão jovem e sem instrução, as ideias elevadas que exprimíeis sobre a vida futura, antes de vossa morte?* – R. Do pouco tempo que devia passar no vosso globo e de minha precedente encarnação.

Eu era médium quando deixei a Terra e médium ao voltar entre vós. Era uma predestinação; eu sentia e via o que dizia.

3. *Como se explica que uma criança de vossa idade não desse um só gemido durante quatro anos de sofrimentos?* – R. Porque o sofrimento físico era dominado por uma força maior, a do meu anjo da guarda, que eu via continuamente perto de mim. Ele sabia aliviar tudo o que eu sentia; tornava minha vontade mais forte que a dor.

4. *Como fostes prevenida do instante da morte?* – R. Meu anjo da guarda mo dizia; ele jamais me enganou.

5. *Dissestes ao vosso pai: “Consola-te; virei te visitar.” Como é possível que, animada de tão bons sentimentos para com os familiares, vínheis atormentá-los após a morte, fazendo barulho em sua casa?* – R. Sem dúvida eu tive uma prova, ou, antes, uma missão a cumprir. Se venho rever meus pais, credes que seja por nada? Esses ruídos, essa perturbação, essas lutas ocasionadas pela minha presença são um aviso. Sou auxiliada por outros Espíritos, cuja turbulência tem um alcance, como tenho o meu aparecendo à minha irmã. Graças a nós, muitas convicções vão surgir. Meus pais tinham uma prova a sofrer; ela logo cessará, mas somente depois de haver levado a convicção a uma multidão de Espíritos.

6. *Assim, não sois vós pessoalmente que causais essa perturbação?* – R. Sou auxiliada por outros Espíritos que servem à prova reservada a meus queridos pais.

7. *Como se explica que vossa irmã vos tenha reconhecido, se não sois vós que produzis as manifestações?* – R. Minha irmã só viu a mim. Ela dispõe agora de segunda vista e não será a última vez que minha presença virá consolá-la e encorajá-la.

8. *Por que, tão jovem ainda, fostes afligida por tantas enfermidades?* – R. Eu tinha faltas anteriores a expiar; tinha abusado da saúde e da brilhante posição que desfrutava na precedente encarnação. Então Deus me disse: “Gozaste intensamente, excessivamente: sofrerás do mesmo modo; eras orgulhosa: serás humilde; eras vaidosa da tua beleza: serás reduzida a nada; em vez da vaidade, esforçar-te-ás por adquirir a caridade e a bondade.” Fiz segundo a vontade de Deus e meu anjo da guarda me ajudou.

9. *Gostariéis de dizer algo aos vossos pais?* – R. A pedido de um médium, meus pais fizeram muita caridade; estavam certos em nem sempre orar apenas com os lábios: é preciso fazê-lo com a mão e o coração. Dar aos

que sofrem é orar; é ser espírita. O livre-arbítrio foi dado por Deus a todas as almas, isto é, a faculdade de progredir; a todos deu a mesma aspiração e é por isso que o *sofrimento atinge mais de perto os felizardos da Terra do que geralmente se pensa*. Assim, aproximai as distâncias pela caridade; introduzi o pobre em vossa casa, encorajai-o, levantai-o, não o humilheis. Se em toda a parte se soubesse praticar essa grande lei da consciência, não se teria, em determinadas épocas, essas grandes misérias que desonram os povos civilizados, e que Deus envia para os castigar e lhes abrir os olhos.

Caros pais, orai a Deus; amai-vos; praticai a lei do Cristo: não fazer aos outros o que não gostaríeis que vos fosse feito. Implorai a Deus que vos prove, mostrando que a sua vontade é santa e grande como Ele. Preparai-vos para o futuro, armados de coragem e perseverança, porquanto ainda sois chamados a sofrer. É preciso saber merecer uma boa posição num mundo melhor, onde a compreensão da Justiça divina se transforma na punição dos Espíritos maus. Estarei sempre ao vosso lado, caros pais. Adeus, ou melhor, até logo. Tende resignação, praticai a caridade e o amor aos semelhantes e um dia sereis felizes.

Clara

Eis um belo pensamento: “O sofrimento atinge mais de perto os felizardos da Terra do que geralmente se pensa.” É uma alusão aos Espíritos que, de uma existência a outra, passam de uma posição brilhante a outra humilde e miserável, pois muitas vezes expiam, num meio ínfimo, o abuso dos dons que Deus lhes concedera. É uma justiça que todos compreendem.

Outro pensamento não menos profundo é o que atribui as calamidades dos povos à infração da Lei de Deus, porque Deus castiga os povos como castiga os indivíduos. É certo que se praticassem a lei de caridade, não haveria guerras, nem grandes misérias. É à prática dessa lei que conduz o Espiritismo. Será por isso que encontra inimigos tão obstinados? Porventura as palavras dessa mocinha a seus pais serão as de um demônio?

Françoise Vernhes

Cega de nascença, filha de um caseiro das cercanias de Toulouse, faleceu em 1855, aos 45 anos. Ocupava-se constantemente com o ensino do catecismo às crianças, a fim de prepará-las para a primeira comunhão.

Mudado o catecismo, nenhuma dificuldade lhe sobreveio em ensinar o novo, por conhecê-los ambos de cor. Certa noite de inverno, ao regressar de longa excursão em companhia de uma tia, era-lhe preciso atravessar sombria floresta por caminhos precários e lamacentos. Precisavam andar com cuidado para não se despenharem nos fossos. Querendo a tia conduzi-la pela mão, ela disse: “Não vos incomodeis comigo, não corro risco algum, visto como tenho aos ombros uma luz que me guia. Segui-me, pois, que serei eu a conduzir-vos.” Assim terminaram a jornada sem incidentes: a cega, que nada via, conduzia a tia, que tinha bons olhos.

(Evocação em Paris, em maio de 1865.)

P. *Quereis dizer-nos que luz seria essa a vos guiar naquela noite escura e só vista por vós?* – R. O quê! Então as pessoas como vós, em contínuas relações com os Espíritos, precisam de explicação sobre tal fato? Quem me guiava era o meu anjo da guarda.

P. *Essa era também a nossa opinião, mas desejávamos vê-la confirmada. Mas sabíeis naquela ocasião que era o vosso anjo da guarda quem vos conduzia?* – R. Confesso que não, embora acreditasse numa intervenção do céu. Eu orara por tanto tempo para que o Pai celestial se apiedasse de mim... É tão cruel a cegueira... Sim, ela é bem cruel, mas também reconheço ser justa. Aqueles que pecam pelos olhos, por eles devem ser punidos, assim como todas as outras faculdades do homem, que o levam ao abuso. Não procureis, portanto, nos inúmeros sofrimentos que afligem a humanidade, outra causa que não lhes seja a própria e natural: a expiação. Esta, contudo, só é meritória quando suportada com humildade, podendo ser suavizada por meio da prece, pela atração de influências espirituais que, protegendo os réus da *penitenciária humana*, lhes infundem esperança e conforto.

P. *Dedicada ao ensino das crianças pobres, tivestes dificuldade em adquirir os conhecimentos do catecismo, quando o mudaram?* – R. Em geral, os cegos têm outros sentidos duplos, se assim se pode dizer. A observação não é uma das menores faculdades da natureza. A memória lhes é qual armário onde se colocam, ordenados e para sempre, os ensinamentos referentes às suas aptidões e tendências. E porque nada do exterior pode perturbar esta faculdade, o seu desenvolvimento pode ser notável, pela educação. Tal não era o

meu caso, pois eu não havia recebido educação. Quanto a mim, agradeço a Deus a concessão de tal faculdade, por me permitir preencher a missão que levava, junto dessas crianças, e que constituía também uma reparação do mau exemplo que lhes dera em existência anterior. Tudo é assunto sério para os espíritas; eles não têm senão que olhar ao derredor deles. Os meus ensinamentos lhes seriam mais úteis do que se se deixassem levar pelas sutilezas filosóficas de certos Espíritos, que se divertem em lisonjear-lhes o orgulho por meio de frases tão bombásticas quanto vazias de sentido.

P. Pela vossa conduta terrena, tivemos uma prova do vosso adiantamento moral, e agora, pela vossa linguagem, temos a de que esse adiantamento também é intelectual. – R. Muito me resta por adquirir. Há, porém, muita gente que na Terra passa por ignorante, só porque tem a inteligência embotada pela expiação. Com a morte se rasga o véu, e frequentemente os ignorantes são mais instruídos do que os desdenhosos da sua ignorância. Crede que o orgulho é a pedra de toque para o reconhecimento dos homens. Todos os que possuem coração acessível à lisonja, e demasiada confiança na sua ciência, estão no mau caminho; em geral são hipócritas e, portanto, desconfiai deles. Sede humildes tal qual o foi o Cristo e, como Ele, carregai com amor a vossa cruz, a fim de subirdes ao reino dos céus.

Françoise Vernhes

Anna Bitter

A perda de um filho adorado é motivo de cruciante pesar; ver, porém, o filho único, alvo de todas as esperanças, depositário de *todas* as afeições, definhar a olhos vistos e sem sofrimentos, por causas desconhecidas, por um desses caprichos da natureza que zombam da Ciência e, depois de esgotar todos os recursos, não haver por compensação uma esperança sequer; suportar essa angústia de todos os momentos, por longos anos, sem lhe prever o termo, é um suplício cruel que a fortuna agrava em vez de suavizar, dada a impossibilidade de vê-la fruída pelo ente adorado.

Esta era a situação do pai de Anna Bitter, que por isso se entregou a um íntimo desespero. Seu caráter se exasperava cada vez mais diante de tal espetáculo, cujo desfecho só poderia ser fatal, ainda que indeterminado.

Um amigo da família, adepto do Espiritismo, julgou dever interrogar a respeito o seu protetor espiritual, obtendo a seguinte resposta:

“Muito desejo explicar-te o estranho fenômeno que ora te preocupa, porque sei que a mim não recorres por curiosidade indiscreta, mas pelo interesse que te merece aquela pobre criança, e ainda porque, crente na Justiça divina, só terás a ganhar com isso. Aqueles que são alcançados pela justiça do Senhor devem curvar a fronte sem maldições nem revoltas, porque não há castigo sem causa. A pobre criança, cuja sentença de morte fora suspensa por Deus, em breve deverá regressar ao nosso meio, visto como mereceu a divina compaixão; quanto ao seu pai, esse homem infeliz, tem de ser punido na sua única afeição mundana, visto haver zombado da confiança e dos sentimentos de quantos o rodeiam. Por momentos o seu sofrimento tocou o Todo-Poderoso e a morte sustou o golpe sobre o ente que lhe é tão caro; mas para logo veio a revolta, e o castigo sempre acompanha a revolta. Felizes os que são punidos nesse mundo! Orai, meus amigos, por essa pobre criança, cuja juventude vai dificultar-lhe os últimos momentos. A seiva é tão abundante nesse pobre ser que, apesar do seu enfraquecimento orgânico, sua alma terá dificuldade em se desprender. Oh! Orai... Mais tarde ela também vos auxiliará e consolará, visto que o seu Espírito é mais adiantado do que o das pessoas que a rodeiam. Para que o seu desprendimento seja auxiliado, coube-me, como graça especial do Senhor, o poder de orientar-vos a respeito.”

Depois de haver expiado o vácuo do insulamento, provocado pela perda da filha, morreu também o pai de Anna Bitter. A seguir, damos de cada um deles as primeiras comunicações imediatas às respectivas desencarnações:

A filha – “Obrigado, meu amigo, por vos interessardes por esta pobre criança, bem como por terdes seguido os conselhos do vosso bom guia. Sim, graças às vossas preces pude deixar mais facilmente o meu envoltório terreno, porque meu pai... Ah! esse não orava, maldizia! Entretanto, não lhe quero mal por isso, pois tudo resultava da grande ternura que nutria por mim. Rogo a Deus que lhe conceda luzes antes de morrer; e quanto a mim, o incito e animo; minha missão é suavizar os seus últimos momentos. Por vezes um raio de luz divina parece baixar até ele e o comove, não passando, contudo, de fugaz clarão, que para logo o deixa entregue às primeiras ideias. Ele tem consigo um germe de fé, mas tão abafado pelos

interesses mundanos, que só poderá vingar por meio de novas e mais cruéis provações. Pelo que me dizia respeito, apenas devia suportar um resto de prova, de expiação, e assim é que ela não foi nem muito dolorosa, nem muito difícil. A minha singular enfermidade não acarretava sofrimentos; eu era antes um instrumento da provação de meu pai, o qual, por me ver em tal estado, sofria mais do que eu mesma. Além disso, eu tinha resignação, e ele não. Hoje sou recompensada. Deus concedeu-me a graça de abreviar minha estada na Terra, pelo que muito lhe agradeço. Feliz entre os Espíritos bons que me cercam, cumprimos satisfeitos as nossas obrigações, mesmo porque a inatividade seria um suplício bastante cruel.”

O pai [um mês depois da morte] – P. *Evocando-vos, temos por fim nos informarmos da vossa situação no mundo dos Espíritos e vos ser úteis na medida das nossas forças.* – R. O mundo dos Espíritos? Não o vejo... O que vejo são homens conhecidos, que comigo não se preocupam e tampouco me deploram a sorte, antes me parecendo contentes de se verem livres de mim.

P. *Tendes consciência da situação em que vos encontrais?* – R. Perfeitamente. Por algum tempo julguei-me ainda no vosso mundo, mas hoje sei muito bem que já não lhe pertencço.

P. *Por que, então, não podeis divisar outros Espíritos que vos rodeiam?* – R. Ignoro-o, embora tudo esteja bem claro em torno de mim.

P. *Ainda não vistes a vossa filha?* – R. Não, ela está morta; procuro-a, chamo por ela inutilmente. Que vácuo horrível a sua morte me deixou na Terra! Morrendo, julgava encontrá-la, mas nada! Sempre isolado! Ninguém me dirige uma palavra de consolação e de esperança. Adeus; vou procurar minha filha.

O GUIA DO MÉDIUM – Este homem não era ateu nem materialista, mas daqueles que creem vagamente, sem se preocuparem com Deus e com o futuro, visto que se deixam absorver pelos interesses terrenos. Profundamente egoísta, sacrificaria tudo para salvar a filha, mas também sem o mínimo escrúpulo sacrificaria os interesses de terceiros em seu proveito pessoal. Não se interessava por ninguém, além da filha. Deus o puniu da forma como o vistes, arrebatando-lhe da Terra a única consolação; e como ele não se arrependesse, o sequestro subsiste no mundo espiritual. Não se interessando por ninguém no planeta, também aqui ninguém se interessa por ele. Permanece só, abandonado, e nisso consiste a sua punição. Sua filha, entretanto, está junto dele, embora não a veja; se a visse não seria

punido. Mas que faz ele em tais conjunturas? Dirige-se a Deus? Arrepende-se? Não; murmura sempre, blasfema até, fazendo, em síntese, o que fazia na Terra. Ajudai-o, pois, pela prece e por meio de bons conselhos, a fim de que se liberte da sua cegueira.

Joseph Maître, o cego

Joseph Maître pertencia à classe média da sociedade e gozava de modesta abastança, ao abrigo de quaisquer privações. Os pais o destinavam à indústria e lhe deram boa educação, porém, aos 20 anos, ele perdia a visão. Morreu em 1845, com cerca de 50 anos. Dez anos antes fora acometido por outra enfermidade que o deixou completamente surdo, de modo que só com o tato mantinha relações com o mundo dos encarnados. Não ver, já é um suplício; não ver e não ouvir é duplo suplício, principalmente para quem, depois de fruir as faculdades de tais sentidos, tiver de suportar essa dupla privação. Qual a razão de sorte tão cruel? Por certo não era a sua última existência, cuja conduta fora sempre exemplar. Sempre foi bom filho, possuidor de caráter meigo e benévolo e, quando por cúmulo de infelicidade, se viu privado da audição, aceitou a nova prova com resignação, sem que ninguém jamais o visse queixar-se de tal situação. Sua conversação denotava perfeita lucidez de espírito e uma inteligência pouco comum. Uma pessoa que o conhecera, na presunção de que poderia receber instruções úteis, evocou-lhe o Espírito e obteve a seguinte mensagem, em resposta às perguntas que lhe dirigira:

(Paris, 1863.)

“Agradeço, meus amigos, por vos terdes lembrado de mim, embora talvez nem sequer pensásseis em evocar-me, se motivos sérios não vos animassem, de modo que atendo ao chamado com prazer, feliz por poder servir à vossa instrução. Assim, possa o meu exemplo contribuir para tornar mais patentes as provas, já por si tão numerosas, que os Espíritos vos dão da Justiça de Deus. Cego e surdo me conhecestes e para logo vos propusestes saber a causa de tal destino. Eu vo-lo digo: antes de tudo, importa dizer que era a segunda vez que eu expiava a privação da vista. Na minha precedente existência, em princípios do século XVIII, fiquei cego aos 30 anos, em decorrência

de excessos de todo o gênero que, arruinando-me a saúde, me enfraqueceram o organismo. Já era uma punição por abuso dos dons providenciais de que fora largamente cumulado. Em lugar, porém, de me reconhecer como causador original dessa enfermidade, julguei por bem acusar a Providência, na qual, aliás, pouco acreditava. Blasfemei contra Deus, reneguei-o, acusei-o, acrescentando que, se acaso Ele existisse, devia ser injusto e mau, visto deixar assim sofrer as criaturas. Entretanto, eu deveria dar-me ainda por feliz, isento que estava de mendigar o pão, como tantos outros míseros cegos como eu. Mas eu só pensava em mim, na privação de gozos que me impunham. Dominado por tais ideias e pela falta de fé, tornei-me rabugento, exigente, insuportável aos que comigo privavam. Além disso, a vida já não tinha qualquer objetivo para mim. Não pensava no futuro, que considerava uma quimera. Depois de esgotar inutilmente todos os recursos da Ciência, e certificando-me de que a cura era impossível, resolvi antecipar a morte: suicidei-me. Quando despertei, achava-me imerso nas mesmas trevas da vida! Não tardei, contudo, a reconhecer que não pertencia mais ao mundo corpóreo. Era um Espírito, sim, mas cego! A vida de além-túmulo era, pois, uma realidade! Em vão tentei fugir-lhe para lançar-me no nada. Envolvia-me o vácuo. Se essa vida deveria ser eterna, pelo que ouvia dizer, eu deveria ficar eternamente nessa situação? Sempre cego? Ideia horrível! Eu não sofria, mas é impossível descrever os tormentos e as angústias que tomaram conta do meu Espírito. Quanto tempo eles teriam durado? Ignoro-o... Mas como esse tempo me pareceu longo!

“Extenuado, fatigado, pude finalmente analisar-me e compreendi o ascendente de um poder superior que atuava sobre mim, considerando que se essa potência podia oprimir-me, também poderia aliviar-me, e implorei piedade. À medida que orava e meu fervor aumentava, alguém me dizia que a minha cruel situação teria um termo. Por fim se fez a luz e extremo foi o meu arroubamento ao entrever as claridades celestes, distinguindo os Espíritos que me rodeavam, sorrindo, benévolos, bem como os que, radio-sos, flutuavam no espaço. Quis seguir-lhes os passos, mas força invisível me reteve. Foi então que um deles me disse: ‘O Deus que negaste se compadeceu do teu arrependimento e permitiu-nos que te déssemos a luz, mas tu só cedeste pelo sofrimento, pelo cansaço. Se de agora em diante quiseres participar desta felicidade aqui fruída, é preciso provares a sinceridade do teu arrependimento e dos teus bons sentimentos, recomeçando a prova terrestre *em condições que te predisponham* às mesmas faltas, porque esta nova

provação deverá ser mais rude ainda que a primeira'. Aceitei pressuroso, prometendo não mais falir.

“Assim voltei à Terra na existência que conheceis. Não me foi difícil ser bom, visto que não era mau por natureza. Revoltara-me contra Deus, e Deus me puniu. Reencarnei trazendo *a fé inata*, razão por que não murmurei, antes aceitei a dupla enfermidade, resignado, como expiação que era, cuja fonte emanava da Soberana Justiça. O insulamento dos meus derradeiros anos nada tinha de desesperador, porque acreditava no futuro e confiava na misericórdia de Deus. Ademais, esse isolamento me foi proveitoso, porque durante a longa noite silenciosa a minha alma mais livremente se alçava ao Eterno, entrevendo o infinito pelo pensamento. Quando, por fim, terminou o exílio, o mundo espiritual só me proporcionou esplendores, inefáveis gozos.

“Hoje, analisando o meu passado, julgo-me relativamente muito feliz, pelo que dou graças a Deus; quando, porém, olho para o futuro, vejo a grande distância que ainda me separa da completa felicidade. Expiei, mas *ainda me faltava reparar. A última encarnação só foi proveitosa para mim*. Espero recomeçar brevemente uma existência em que possa ser útil aos semelhantes, reparando por esse meio a inutilidade anterior. Somente então me adiantarei no bom caminho, aberto a todos os Espíritos de boa vontade. Eis a minha história, amigos; e se o meu exemplo puder esclarecer alguns dos meus irmãos encarnados, de modo a evitar o atoleiro em que caí, terei por iniciado o resgate da minha falta.”

Joseph

NOTA EXPLICATIVA⁸⁶

Hoje creem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...] Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1868. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que é o Espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da *Revista Espírita* (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo metucioso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso

⁸⁶ N.E.: Esta *Nota Explicativa*, publicada em face de acordo com o Ministério Público Federal, tem por objetivo demonstrar a ausência de qualquer discriminação ou preconceito em alguns trechos das obras de Allan Kardec, caracterizadas, todas, pela sustentação dos princípios de fraternidade e solidariedade cristãs, contidos na Doutrina Espírita.

ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do Planeta, e que, em contato com outros polos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração de sua pele.

Na época de Allan Kardec, as ideias frenológicas de Gall, e as da fisiognomia de Lavater, eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 — dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* — do livro sobre a *Evolução das Espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais etc.” (*Revista Espírita*, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas permite a Allan Kardec afirmar que:

O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consanguinidade. (*O Livro dos Espíritos*, item 207, p. 176.)

[...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor. (*Revista Espírita*, 1861, p. 432.)

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebeia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são consequentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chega-se à consequência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiais o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes. (*Revista Espírita*, 1867, p. 231.)

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade. (*A Gênese*, cap. I, item 36, p. 42-43. Vide também *Revista Espírita*, 1867, p. 373.)

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada creem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1863 – 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. – janeiro de 1863.)

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XVII, item 3, p. 348.)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Allan Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinamentos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. Em Nota ao capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

Quando, na *Revista Espírita* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a “interpretação da doutrina dos anjos decaídos”, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversável,

porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica. (*A Gênese*, cap. XI, item 43, Nota, p. 292.)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações. (*Revista Espírita*, 1862, p. 38.)

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente (“benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas”), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A EDITORA

ÍNDICE GERAL⁸⁷

A

A..., Sr., médium

Julienne-Marie, a mendiga, e – 339, 341

Abadon(Apolion)

demônio do homicídio e – 58

Adão

imortalidade e – 59

Agonia

convulsões da * e luta do Espírito – 158

Agostinho, Santo

apóstolo do Espiritismo e – 332, nota

comunicação de – 334

inferno e – 55

sofrimentos físicos e – 55

visão do céu e – 80

Além-túmulo

população de – 28

Alexandre

considerações sobre – 319, nota

Alma(s)

anjos e demônios, seres distintos das – 130

características das * ao tempo de Jesus – 71

castigo ou prêmio e – 89

combate às más paixões e perfeição da – 77

Concílio de Latrão e destino da – 104

condição para a felicidade da – 77

conhecimentos adquiridos pela *

após a morte do corpo – 106

contemplação consciente do

desprendimento e – 157

crença na imortalidade da – 25

criação da – 77, 108

desenvolvimento da * e Espírito puro – 108

desnecessidade da união da *

com o corpo – 107

despertar da * na outra vida – 93

desprendimento da – 93, 158

Doutrina da absorção do Todo Universal

e dessemelhança entre as – 20

estado de perturbação da – 93

estado feliz ou infeliz da – 88

estado moral da * e desprendimento – 157

extinção da vida orgânica e separação

da * do corpo – 156

felicidade eterna e imortalidade da – 77

fluido perispiritico e atuação da

* sobre o corpo – 156

fluido perispiritico, veículo das

sensações físicas da – 156

fonte das sensações da – 156

gênero de morte e sensação da – 158

Igreja e incomunicabilidade entre as – 28

incrédulo e conceito de – 27

individualidade da *, base das religiões – 21

infância, adolescência e virilidade

da – 111, 112

⁸⁷ Remete ao número da página.

- inteligências ocultas que viveram
 na Terra e – 128
 intensidade e duração do
 sofrimento da – 157
 livre-arbítrio e – 22
 misérias da vida terrena e
 imperfeições da – 64
 morte e angústias da – 93
 oportunidade de evolução e – 64
 penas e gozos futuros e – 22
 perispírito e separação da * do corpo – 156
 perispírito, envoltório fluídico da – 156
 pluralidade das existências e – 79
 primeiras fases da existência da – 108
 progresso da * depois da morte – 79, 106
 progresso da * na vida espiritual – 107, 233
 qualidades da * e propriedade
 do perispírito – 258
 qualidades morais e intelectuais
 da * e educação – 20
 qualidades pessoais e sorte da – 22
 repercussão da desagregação
 da matéria na – 155
 responsabilidade e – 22
 retirada das * dos lugares baixos – 45
 seitas cristãs e situações extremas das – 46
 sensação dolorosa da * na morte – 156
 sensações de dor e prazer e – 155
 separação da * e do corpo – 155
 situação da * à proporção
 que se liberta – 157
 situação da * no purgatório – 46
 suicídio e repercussão das
 sensações na – 159
 tolerância religiosa e sorte futura das – 23
 torpor da * e perturbação – 157
 último suspiro e – 157
 unicidade das existências e – 79
 vicissitudes e revigoração da – 64
- Amenti**
 considerações sobre – 57, nota
 demônios em forma humana e – 57
- Amor**
 motor de poderosa atração e – 193
- Angèle, nulidade sobre a Terra**
 comunicação do Espírito – 322
 deveres e – 324
 Espírito endurecido e – 322
 guia do médium do Espírito – 323
 indolência beatífica e – 324
 inércia e – 323
 Monod, guia do médium do Espírito – 324
 negligência no bem e – 323
 paz e – 322
 remorso, arrependimento e – 322
- Anjo da guarda**
 interferência oculta do – 92
 terceira hierarquia dos anjos e – 103, 130
 transformação do * em demônio – 130
- Anjo(s)**
 Antigo Testamento e – 100
 banimento da mansão celestial e – 119
 cadeia ininterrupta do embrião do
 ser inteligente ao – 124
 causa da rebelião dos * contra Deus – 116
 classificação do materialismo e – 99
 comunicação dos * com Deus
 e entre si – 102
 concessão de igual poder aos
 * bons e maus – 130
 condenação dos * à maldição eterna – 118
 criação do – 105
 curas e aparições, obras dos – 136
 definição da Igreja e – 99, nota
 dogma da Igreja e – 99
 Espírito puro e – 101, 108, 136
 Espírito superior e – 136
 existência de * desde toda a
 eternidade – 109
 falibilidade dos – 118
 forma visível e palpável e – 101
 governo do mundo físico e da
 humanidade e – 105
 hierarquia dos – 102
 hierarquia dos * decaídos – 118, 130
 incorporeidade e – 101
 intuição clara e profunda e – 101
 localização da morada dos – 45

Índice Geral

- Novo Testamento e – 100
ocupação de espaço no vácuo e – 101
ocupação dos – 119
onipresença e – 101
pais da Igreja, teólogos e – 102
precipitação no abismo e – 119
refutação da doutrina dos – 103
religiões e – 99
- Antigo Testamento
anjos e – 100
- Arimane
princípio do bem e do mal
entre os persas e – 113
- Arrependimento
abreviação do sofrimento e – 161, nota
aspiração à felicidade e – 77
compreensão da gravidade dos erros e – 312
eficácia do * e perdão – 72, 75
esperança e primeiros clarões do – 92
evocação e estímulo ao – 161, nota
inutilidade do – 123
prelúdio do perdão e – 314
primeiro passo à regeneração e – 91, 314
quitação das faltas pelo – 92, nota
remorso, precursor do – 123
subordinação da pena temporária ao – 95
tempo para realização do – 91
- Asa branca
significado da expressão – 215
- Astarot
príncipe dos demônios e – 58
- Ateu
admiração pela existência do – 124
Atos, 2:17 e 18
mediunidade e – 13, 132
- B**
- B..., Antonio, Sr., escritor
abreviação da erraticidade e – 349
atos de barbaria e – 350
evocação do Espírito – 347
exumação e – 347
instruções do guia do médium e – 348
morte aparente e – 347, nota
pena de talião e – 348
sensações dentro do caixão e – 348
vicissitudes e – 349
- B..., Sr., suicida
amante da Sra. D..., suicida – 270
amigo íntimo do Sr. D... – 270
árbitro do próprio destino e – 272
consequências morais da falta de – 271
Espírito suicida e – 270, nota
motivo do suicídio de – 270
pena no mundo espiritual e corpóreo – 272
- B..., Sra.
cupidez, orgulho e – 353
esperança e – 354
existência anterior e – 353
reparação e – 353
resignação e – 353
sofrimentos e – 353
- Baalgad
príncipe dos demônios e – 58
- Babilônia, rei da
orgulho e queda do – 117, nota
- Balzac
biografia de – 281, nota
- Batismo
reflexões sobre – 28
selvagem e – 47
- Belerofonte
considerações sobre – 52, nota
- Belfegor
demônio da luxúria e – 58
- Belial
príncipe dos demônios e – 58
- Bell, Antoine, suicida
arrependimento e – 285
assassinato do rival e – 285
enforcamento e – 285
Espírito obsessivo e vingativo e – 286
evocação do Espírito – 284

- guia do médium do Espírito – 286
 pedido de oração e – 286
 prece pelos suicidas e – 285
 vingança e – 285
 visão contínua da vítima e – 286
- Belleville, Anna, Espírito em condição mediana**
 causa da agonia de – 230
 causa do sofrimento do passado e – 230
 crença espírita ao retornar à Terra e – 231
 crença na vida futura e – 229
 derrogação de Deus e – 232
 desprendimento e – 230, 232
 desprezo pelo sofrimento alheio e – 231
 dilação da vida e – 229, 232
 evocação do Espírito – 230
 importância da oração e – 230
 Luís, São, Espírito, e – 232
 ocupação no mundo espiritual e – 231
 perturbação e – 230
 prática do bem – 229
 sofrimento e – 229-230
 suplemento de fluido vital e – 232
 tenacidade dos laços perispiríticos e – 232
- Belzebu**
 demônio dos desejos impuros e – 58
- Bem**
 conceito de – 75, 108
 felicidade, prêmio do – 77
 fim supremo da Criação e – 77
 nascimento das noções do – 87
 prática voluntária e facultativa e – 96
 pressão moral pela prática do – 335
 sofrimento do Espírito pela ausência do – 89
- Bem-estar**
 significado da expressão – 197
- Benoist, frade**
 arrependimento e – 295, 297
 comunicação do Espírito – 295
 criminoso arrependido e – 295
 demônios e – 295
 desejo de perdão e – 297
- Espíritos bons e – 296
 guia do médium do Espírito – 297
 luxúria e – 295
 Paulin, guia do médium de – 297
 pedido de oração e – 297
 reparação e – 297
 sofrimento e – 296
 valor da prece e – 295
- Bernard, Espírito**
 exéquias do Sr. Sanson e – 172, nota
- Bernardin, Espírito feliz**
 comunicação do Espírito – 199
 evocação e – 199
 existência como missionário da fé e – 199
 felicidade e – 199
 inatividade dos Espíritos e – 199
 missão no centro espírita e – 199
- Bertin, Ferdinand, Espírito sofredor**
 afogamento e – 248
 arrependimento e – 251
 comentários de São Luís, Espírito, e – 251
 comunicação do Espírito – 248, nota; 249
 escolha do médium e – 249
 evocação do Espírito – 248, 250
 expiação e – 250
 François Bertin e – 248, nota
 horrores da morte e – 248
 humildade e – 251
 importância da oração e – 249
 motivo de culpa e – 250
 orações da mãe de – 248
 punição e – 248
 sofrimento e – 248
- Bitter, Anna**
 comunicação do Espírito – 365
 desprendimento e – 365
 evocação do pai de – 366
 guia do médium do Espírito do pai de – 366
 instrumento da provação do pai e – 366
 missão e – 365
 pedido de oração e – 365
 resignação e – 366

Bré, Joseph, Espírito em
 condição mediana
 arrependimento e – 220
 conceito de honestidade e – 219
 evocação do Espírito – 219
 expiação, falta de fé e – 219

C

C..., Benjamin

C..., Sra., suicida, e seu filho – 267
 evocação do Espírito – 267

C..., Sra., suicida

arrependimento e – 269
 evocação do Espírito – 268
 falta de coragem e resignação e – 267
 inferno das mães e – 268
 injustiça de Deus e – 268
 mãe de Benjamin C..., e – 267
 prova à resignação e – 269

Calceteiro

significado do termo – 206

Callet, Auguste

Inferno, O, obra de – 54, nota

Campos Elíseos

considerações sobre – 44, nota

Canu, Sr.

alocução do * no túmulo de
 Antoine Costeau – 206
 secretário da Sociedade Espírita
 de Paris e – 206

Cardon, Dr., Espírito em

condição mediana
 caridade e – 227
 conceito de morte e – 224
 desprendimento e – 226
 evocação do Espírito – 224
 felicidade do homem de bem e – 224
 futuro, caridade e – 224
 hipertrofia do coração e – 223
 ideias materialistas e – 223
 imortalidade da alma e – 225
 importância da oração e – 225

inspiração e – 226
 libertação e – 225
 perispírito e – 226
 perturbação e – 226
 revelações de – 226
 visão da morte e – 224

Caridade

conceito de – 375
 motor de poderosa atração e – 193

Carne fraca

Espírito e desenvolvimento do
 corpo e – 85, nota
 Espírito fraco e – 87

Caronte

considerações sobre – 48, nota

Casta

preconceitos de – 374

Castelnaudary, O Espírito de

aparência do Espírito de – 298, 300
 arrependimento e – 300
 criminosos arrependido e – 297
 eficácia da oração e – 300
 encarnação anterior e – 299
 evocação do Espírito de – 300, 302
 exorcismo e – 297, 299
 gênero de suplício do – 298
 inferno e – 299
 Luís, São, Espírito, e – 297
 noção de tempo e – 299
 remorso e – 301
 saída da casa de Castelnaudary e – 300
 sensibilidade aos efeitos da oração e – 299
 sofrimento e – 301
 suplício do Espírito de – 288

Castigo

artigo de fé dos cristãos e – 46
 compreensão do erro e * temporário – 119
 dogma das penas eternas e * infinito – 74
 duração do – 66, 90
 enfraquecimento do temor
 do * e do dever – 71
 eternidade do – 91, nota

- local do – 66
 natureza e duração do – 90
 pedagogia do * temporário – 93
 referências de Jesus ao – 46
 temor e aceitação do – 77, 78
 troca do * pelo perdão do culpado – 72, 73
 visão filosófica e racional do – 321
- Cérbero
 considerações sobre – 52, nota
- Cérebro
 Espírito e desenvolvimento do – 85, nota
- Céu
 agonias da Terra, alegrias do – 332
 Agostinho, Santo, e visão do – 80
 conceito de * segundo a
 Escritura Sagrada – 117
 conceito de * segundo a tradição – 117
 considerações sobre a palavra – 31
 Empíreo e – 31, nota
 Espiritismo e ideia do – 40
 expressão da perfeita felicidade e – 31
 indulgências e – 63, nota
 localização do – 39, 89
 muçulmanos e – 31, nota
 Paulo e visão do – 80
 Ptolomeu, astrônomo, e – 31, nota
 teologia cristã e – 31
 visão beatífica de – 118
- Céu e o inferno, O
 compreensão do alcance de – 10
 omissão dos nomes dos médiuns e – 12
 primeira parte da obra – 11
 segunda parte da obra – 11
- Charlatanismo
 comunicação espírita e – 133
- Charles de Saint-G..., deficiente mental
 causa do estado atual de – 354
 desprendimento do Espírito e – 354
 evocação do Espírito – 354
 expiação terrestre e – 355
 Luís, São, Espírito, e – 354
 obstáculo à manifestação dos
 pensamentos e – 355
- Ciclopes
 considerações sobre – 52, nota
- Ciência
 cronologia bíblica e
 anatematização da – 104
 equívocos da Igreja em relação à – 117
 Espiritismo, traço de união
 entre Religião e – 155
 obra do gênio e – 134
- Cientista ambicioso, Um
 expiação terrestre e – 342
- Circuncisão
 conservação da – 147
- Claire, Espírito sofredor
 aborrecimento e – 257
 aguilhão eterno do castigo e – 253
 arrependimento e – 254
 caridade e – 253
 comunicação do Espírito – 253, 258
 conhecimento da eternidade e – 253
 demônios e – 254
 educação moral dos Espíritos
 desencarnados e – 259
 estudo das comunicações do Espírito – 256
 existência das trevas e – 257, 258
 expiação e – 255
 felicidade dos bons e – 256
 Georges, guia do médium de – 255
 guia do médium do Espírito – 255
 Luís, São, Espírito, e – 254, 257, 259
 mal e – 255
 moral divina e moral humana e – 254
 nada fictício da alma e – 257
 orgulho, egoísmo e – 252, 254
 pedido de oração e – 253
 progresso e – 255, 257
 propriedade luminosa do perispírito e – 258
 resignação, esperança e – 253
 salvação e – 253
 situação de Félix, marido de – 255
 sofrimento e – 253, 257
- Cloaca
 significado do termo – 56, nota

- Código penal divino
reabilitação dos culpados e – 302
- Comoção moral
desordens orgânicas e – 86
- Comunicação espírita
Agostinho, Santo, e – 334
charlatanismo e – 133
condições para estabelecimento da – 133
consequências da interdição da – 151
Costeau, Antoine, Espírito feliz, e – 206
crítica malévola e – 133
Demeure, Antoine, Dr.,
 Espírito feliz, e – 185
Erasto, Espírito, e – 320, 349
Espírito aborrecido, Um, e – 324
fim moral, consolador e religioso da – 146
Foulon, viúva, Espírito feliz, e – 190, 194
Georges e – 171, 172, nota
Igreja e admissão da – 143
Jean Reynaud, Espírito, e – 321
Jobard, Espírito feliz, e – 172
Julienne-Marie, Espírito, e – 341
Lamennais, Espírito, e – 319
Letil, Espírito, e – 350
motivo do medo da – 150
pensamento e – 133
progresso do culpado e – 151
proibição de Moisés e – 146
suposta proibição de Moisés e – 143
Szymel Slizgol e – 338
Van Durst, Espírito feliz, e – 180
- Concílio de Latrão
anjos e – 99, nota
Bíblia, criação do universo e – 104
destino essencial da alma e – 104
distinção entre anjos e homens e – 100
formação das criaturas espirituais
 e corpóreas e – 104
união da alma com o corpo e – 104
- Consanguinidade
raças e – 373
- Consciência
inscrição da lei de Deus e – 96
revolta contra a voz da – 312
- Conversão
independência da carne e – 260
- Corpo espiritual *ver* Perispírito
- Corpo etéreo *ver* Perispírito
- Corpo físico
apego à matéria e afinidade entre
 * e perispírito – 157
desnecessidade da união da
 alma com o – 107
entreve às faculdades espirituais e – 205
Espírito e desenvolvimento do – 86
extinção da vida orgânica e
 separação da alma do – 156
fluido perispirítico e atuação
 da alma sobre o – 156
instrumento da – 155
instrumento de manifestação das
 faculdades da alma e – 107
lástima pela perda do – 26
morte do – 33
necessidade da união da alma com o – 107
penetração do fluido perispirítico no – 156
perispírito e separação da alma do – 156
- Costeau, Antoine, Espírito feliz
alocução do Sr. Canu no túmulo
 de – 206, 207, nota
comunicação do Espírito – 206
conceito de morte e – 207-209
crença na vida futura e – 209
estandartes do Espiritismo e – 208
felicidade e – 208
Livro dos espíritos, O, e – 209
membro da Sociedade Espírita
 de Paris e – 206
Sociedade Espírita de Paris e
 sepultura particular de – 206
- Crença
ato de entendimento e – 80
base de toda * religiosa – 113
requisitos para a * espírita – 206

- Crença no nada
 estimulante do egoísmo e – 18
 homem e – 17
 incrédulo e – 18
- Cretinismo
 Ciência e – 356
 escolha dos Espíritos arrependidos e – 355
 reencarnação e – 357
- Cretino
 alma do – 355, 357
 características do – 356, 357
 Espiritismo e – 357
 faculdades do – 355
- Criação
 bem, fim supremo da – 77
 Justiça de Deus e unidade na – 125
 necessidade da * de seres privilegiados – 106
- Crimes
 justificativa para todos os – 265
- Criminoso arrependido
 Benoist, frade – 295
 Espírito de Castelnauary, O – 297
 Jacques Latour – 303
 Lemaire – 292
 Verger – 289
- Cristão
 anjo, demônio, herança dos
 hebreus, e – 113
 entrega dos hereges às torturas e – 73
 traços de antigos hábitos bárbaros e – 73
- Cristo *ver* Jesus
- Cura
 boa ação do diabo e – 136, nota
 importância da arte da * do corpo – 87
- Cura d’Ars da Medicina
 Demeure, Dr., e – 184
- D
- D..., Sr.
 amigo íntimo do Sr. B..., e – 270
 marido da Sra. C..., e – 270
- D..., Sra., suicida
 amante do Sr. B..., e – 270
 árbitro do próprio destino e – 272
 arrependimento e – 271
 circunstâncias atenuantes e – 272
 consequências morais da falta de – 271
 Espírito suicida – 270, nota
 esposa do Sr. D..., e – 270
 evocação do Espírito – 271
 migrações sucessivas e – 271
 motivo do suicídio de – 270
 Palmira, Srta., e – 270
 pena no mundo espiritual e
 corpóreo e – 272
 sensação ao despertar no outro
 mundo e – 271
 sofrimento e – 271
 trevas e – 272
- Danaides
 considerações sobre – 44, nota
- Darwin, Charles
 Evolução das Espécies, livro, e – 372
- Dejanira
 considerações sobre – 60, nota
- Demeure, Antoine, Dr., Espírito feliz
 Allan Kardec e – 185
 aspecto do Espírito e – 185
 comunicação do Espírito e – 185
 Cura d’Ars da Medicina e – 184
 cura da Sra. G..., médium vidente, e – 187
 doença de Allan Kardec e – 185
 Espírito de Verdade e – 185
 Espírito feliz – 184, nota
 felicidade e – 188
 G..., Sra., médium vidente, e – 187
 intervenção do * no acidente
 de Allan Kardec – 186
 letargia e – 185
 médico homeopata e – 183
 necessidade da atividade espiritual e – 188
 ordem dos Espíritos muito
 adiantados e – 188
 situação do Espírito e – 188

Demônio

- atribuição de benéfica propaganda ao – 131
- causa do erro, instrumento
 - do castigo e – 120
- criação do * segundo a Igreja – 124
- criação perfeita desde a origem e – 116
- docilidade, obediência,
 - submissão e – 58, nota
- doutrina do * esquecimento de Deus – 127
- efeito da comunicação do – 140
- Espírito puro e – 54
- faculdades transcendentes do – 130
- formas do – 57
- Igreja e doutrina do – 114, nota
- intervenção do * segundo a Igreja – 128
- objeções à doutrina do – 116
- objetivo do – 131
- ocupação dos – 119
- origem da doutrina do – 113
- poderes de Deus dispensados ao – 140
- prática do mal na Terra e – 58, nota
- pretensas revelações de além-túmulo e – 128
- recrutamento de almas para
 - o inferno e – 120
- significado do termo – 124
- submissão do * à lei do progresso – 125

Desprendimento

- adiantamento moral do Espírito e – 159
- alma depurada e * antecipado – 159
- complementação do * pouco
 - antes da morte – 158
- desmaterialização da alma e – 158
- Espiritismo e facilitação do – 160
- estado moral da alma e – 157
- extinção da vida orgânica e *
 - do perispírito – 156
- fluido perispirítico e – 156
- homem sensual e – 158
- lentidão e rapidez do – 158
- morte natural e * gradual – 158
- sensações da alma e – 156-157
- sofrimento maior, * lento – 159
- suicídio e – 159

Destruição

- ideia da * absoluta – 17

Deus

- atributos de – 74, 114
- auxílio dos Espíritos puros e – 109
- causa da rebelião dos anjos contra – 116
- comunicação dos demônios sem
 - a permissão de – 138
- condenação dos anjos à maldição
 - eterna e – 118
- critério das religiões e atributos de – 114
- doutrina do demônio e
 - esquecimento de – 127
- ensino da verdade e mensageiros de – 141
- ensinos de Jesus e essência íntima de – 114
- filósofos e profanação de – 73
- Igreja e falibilidade de – 116, nota
- intervenção de * após a ressurreição
 - dos corpos – 59
- leis de Moisés ditada em nome de – 147
- panteísmo e – 20
- poderes de * dispensados ao demônio – 140
- privilégios e justiça de – 80
- redução de * às mesquinhas proporções
 - da humanidade – 107
- transformação de * em algoz
 - do inferno – 60
- unidade na criação e justiça de – 125

Deuteronômio, 18:10 a 12

- comunicação com os Espíritos e – 143

Diabo

- cura, boa ação do – 136, nota
- cura do * e desligamento da
 - Igreja – 136, nota

Doença

- causa da – 97

Dor

- alma, sensações de prazer e – 155
- corpo físico, instrumento da – 155

Doutrina da absorção do Todo Universal

- consequência morais e – 20
- considerações sobre – 19
- dessemelhança entre as almas e – 20
- estímulo ao egoísmo e – 20
- materialismo e – 19

objeção e – 20
 panteísmo e – 20
 progresso alcançado pela alma e – 20

Doutrina dos privilégios
 incompatibilidade da * com a
 Justiça de Deus – 80

Doutrina Espírita *ver* Espiritismo

Durst, Van, Espírito feliz
 comunicação do Espírito – 180
 comunicação pelo pensamento e – 181
 iniciação na vida espiritual e – 181
 perturbação e – 180

E

Educação
 desenvolvimento da memória pela – 363
 qualidades morais e intelectuais
 da alma e – 20

Egito
 Isaías e evocação no – 144

Egoísmo
 crença no nada e estimulante do – 18
 empecilho ao progresso e – 319
 enfermidade moral e – 357
 maior obstáculo ao progresso e – 65
 materialismo e – 20
 mundos superiores e – 36
 reino do * na Terra – 40

Embrião
 cadeia ininterrupta do * do
 ser inteligente ao
 anjo – 124

Empíreo
 Ptolomeu e – 31, nota

Encarnação
 necessidade da – 35
 progresso intelectual e moral e – 34

Erasto
 castigo e – 320
 comunicação de – 320, 349
 efeito da luz e – 320

loucura espiritual e – 320
 sofrimento e – 320

Erraticidade

Antonio B..., e – 349
 conceito de – 206, 222, 319
 considerações sobre – 35, nota
 Espírito aborrecido, Um, e – 325
 felicidade e – 223
 Jean Reynaud, Espírito feliz, e – 206
 Ouran, príncipe, e – 245
 progresso na – 36
 Szymel Slizgol e – 336

Escritura Sagrada

conceito de céu segundo a – 117

Esperança

penas irremissíveis e ideia de – 93
 primeiros clarões do arrependimento e – 92

Espírita

comportamento do * diante da morte – 30
 conceito de alma e – 30
 dever do – 375
 enfraquecimento dos laços fluídicos e – 160
 estado de perturbação e – 160
 racionalidade do * sério – 160
 realidade da vida futura e – 160
 resignação nas vicissitudes e – 160

Espiritismo

abuso da evocação e condenação do – 139
 advento do – 10
 analogia entre princípios do * e
 hábito dos hebreus – 146
 arte espírita e – 190
 autoridade do – 87
 causa das misérias terrenas e – 66
 confirmação das penas futuras e – 66
 cretinos e – 357
 criação única dos seres inteligentes e – 124
 demônio, Espírito imperfeito e – 125
 destruição do inferno localizado e – 66
 escopo principal do – 375
 esquecimento completo do eu e – 170
 evocação dos Espíritos e – 132
 facilitação do desprendimento e – 160

- facilitação do processo de salvação e – 160
 ideia do céu e – 40
 inaplicabilidade da lei de Moisés ao – 148
 independência da alma e do corpo e – 107
 lógica do raciocínio, sansão dos fatos e – 23
 magia e – 132
 milagre e – 135
 mistificações e – 135
 oposição do * à incredulidade – 19
 oposição do judaísmo ao – 148
 plenitude do mundo espiritual e – 29
 preces pelos mortos e – 66
 purgatório e – 66
 racionalidade do – 313
 renascimento das virtudes
 esquecidas e – 347
 respeito à diversidade humana e – 375
 significado do termo demônio e – 124
 surgimento do – 10
 traço de união entre Ciência
 e Religião e – 155
 transparência nos princípios do – 136
 universalidade do – 88
 verdadeiro destino do homem e – 32
 vida futura e – 29
- Espírito aborrecido, Um**
 comunicação do Espírito – 324
 erraticidade e – 325
 fagulhas e – 325
 guia do médium do – 326
 passatempo na Terra e – 326
 pedido de oração e – 324
 preguiça e – 325
 progresso e – 326
 sofrimento e – 325
 tédio e – 325
- Espírito batedor**
 manifestação física ou material e – 137
- Espírito bem-aventurado**
 ociosidade contemplativa e – 37
- Espírito bom**
 encarnação de * e término da
 expição na Terra – 66
- identificação do evocador com – 133
 linguagem do – 137
- Espírito de Verdade**
 Antoine Demeure, Dr.,
 Espírito feliz, e – 185
 esclarecimento dos homens e – 72
 Foulon, viúva, Espírito feliz, e – 193
 Jobard, Espírito feliz, e – 174
 predição de Jesus e – 72
- Espírito delicado**
 encarnação de * entre homens rudes – 216
- Espírito desmaterializado**
 calma moral, resignação e – 159
 confiança no futuro e – 159
 Perispirito e – 159
 reação dolorosa após a morte e – 159
- Espírito egoísta**
 dúvida do * depois da morte – 235
- Espírito em condição mediana**
 Anna Belleville – 229
 Cardon, Dr., médico – 223
 Eric Stanislas – 227
 Hélène Michel – 220
 Joseph Bré – 219
 Saint-Paul, marquês de – 222
- Espírito endurecido**
 Angèle, nulidade sobre a Terra, e – 322
 comunicação de Erasto, Espírito, e – 320
 comunicação de Jean Reynaud,
 Espírito, e – 321
 comunicação de Lamennais,
 Espírito, e – 319
 dúvida do * depois da morte – 235
 Espírito aborrecido, Um, e – 324
 Lapommeray – 317
 Oude, rainha de – 326
 Xumène – 328
- Espírito feliz**
 Anaïs Gourdon – 215
 Antoine Costeau – 206
 Bernardin – 199
 características do – 39

- Demeure, Dr. – 184, nota
 Emma Livry – 209
 famílias homogêneas – 39
 Foulon, viúva – 188
 Jean Reynaud – 203
 Jobard – 172
 Maurice Gontran – 216
 P..., Sr., médico russo – 196
 Paula, condessa – 200
 Samuel Philippe – 176
 Sanson – 163
 Sixdeniers – 181
 Van Durst – 180
 Victor Lebuflé – 213
 Vignal, Dr. – 211
- Espírito imperfeito
 demônio, * segundo o Espiritismo – 125
 encarnação de * entre homens
 adiantados – 216
 exclusão do * dos mundos felizes – 92
 luz e castigo para – 259
 submissão do * à lei do progresso – 125
- Espírito inferior
 linguagem do – 137
 manifestação física ou material e – 137
 obstáculos fluídicos e materiais e – 277
 sinais característicos do – 137
- Espírito mau
 abrigo, repouso e – 235
 dúvida do * depois da morte – 235
 estado do – 235
 felicidade e – 235
- Espírito perfeito *ver* Espírito puro
- Espírito puro
 anjo e – 101, 108
 asas brancas e – 215
 características do – 37
 demônio e – 54
 desenvolvimento da alma e – 108
 existência de * desde toda a
 eternidade – 109
 felicidade suprema e – 34
- Espírito sofredor
 Auguste Michel – 238
 castigo, O, e – 235
 Claire – 252
 exprobrações de um boêmio e – 240
 Ferdinand Bertin – 248
 François Riquier – 251
 guia do médium e – 243
 Lisbeth – 241
 Novel – 237
 oração pelo – 295
 Ouran, príncipe – 244
 Pascal Lavic – 246
- Espírito superior
 anjo e – 136
 irradiação de fluidos luminosos e – 258
 linguagem do – 137
 missão do – 38
 ocupação do – 137
- Espírito vulgar
 coisas vulgares e – 142
- Espírito zombeteiro
 descoberta de tesouros e – 135
- Espírito(s)
 alternativas para os – 66
 apego do * à vida corpórea – 158
 atribuições dos – 37
 clarividência do * na morte – 168
 conservação da forma humana do – 169
 convulsões da agonia e luta do – 158
 criação dos – 33, 77, 108, 124
 descobertas, pesquisas científicas e – 134
 desenvolvimento dos órgãos
 cerebrais e – 85, nota
 desprendimento rápido e evolução do – 159
 Deuteronômio e comunicação
 com os – 143
 dilapidação do ouro e * avarento – 94
 dissimulação do * hipócrita – 94
 dissipação do véu material e
 evolução do – 70
 diversos graus de adiantamento dos – 128
 doentes de hospital e * em prova – 95

- dúvida quanto ao progresso do – 78
 educação moral dos * desencarnados – 259
 escala do progresso e – 124
 estado definitivo do – 35
 estado do * por ocasião da morte – 159
 evocação e transformação das
 ideias dos – 233
 influência do estado patológico
 do indivíduo no – 86
 Espiritismo e evocação dos – 132
 estados do – 36
 felicidade do – 33, 35-38, 108
 infelicidade do – 35
 intensidade da luz e visão do – 258
 isolamento do * egoísta – 94
 laços fluídicos e * desmaterializado – 159
 lei mosaica e comunicação com os – 143
 Levítico e comunicação com os – 143
 livre-arbítrio e comunicação dos – 138
 livre-arbítrio e progresso lento do – 92, 108
 lucidez do * após a morte – 158
 luz irradiada pelo – 258
 missão dos – 37
 natureza, origem e destino dos – 128
 necessidade da encarnação do – 35
 objetivo do * do homem – 35
 origem dos * mais adiantadas – 79
 palavra de Jesus e missão dos – 142
 pluralidade das existências e – 35
 progresso do * aproveitando o
 próprio passado – 91, nota
 progresso do * pela própria vontade – 92
 progresso dos – 34, 35, nota
 recepção de luz exterior e – 259
 reconhecimento da qualidade do – 137
 reencarnação do – 36
 regulamentação dos ensinamentos dos – 11
 reprodução dos Espíritos e – 170
 resposta dos * aos impacientes – 11
 retorno do * ao mundo espiritual – 35
 revelação da sabedoria dos – 11
 Revista espírita e felicidade dos – 161, nota
 ser pensante, dotado de vontade e – 87
 sexo do – 170
 sofrimento e modificação da
 teimosia do – 92
 suplício do * orgulhoso – 94
 tentações e desejos do * sensual – 94
 transitoriedade do estado corpóreo do – 35
 unicidade das existências e – 35
 vida corpórea, demonstração
 do progresso do – 233
- Espiritualidade
 homem e compreensão imperfeita da – 43
- Esquecimento
 benefício do * das existências
 anteriores – 347, 352
- Estige
 considerações sobre – 49, nota
- Eternidade
 castigo e – 91, nota
 criação dos anjos desde toda – 105
 imposto pago pelo temor da – 81
- Eternidade das penas
 extinção do dogma da – 129
- Evangelho segundo o espiritismo, O
 ação da prece e – 66, nota
 Allan Kardec e – 41, nota
 omissão dos nomes dos médiuns e – 12
 prece pelos suicidas e – 285
- Evocação espírita
 abuso da * e condenação do
 Espiritismo – 139
 acusação da Igreja contra a – 139
 Anna Belleville e – 230
 Anaís Gourdon, Espírito feliz, e – 215
 apresentação espontânea dos
 Espíritos e – 149
 condição essencial para – 133
 D..., Sra., suicida, e – 271
 Espiritismo e – 132
 estímulo ao arrependimento e – 161, nota
 falta de respeito pelos mortos e – 149
 finalidade da – 145
 Foulon, Sra., e – 192
 Hélène Michel e – 221
 ideia falsa da – 135

- Isaías e * no Egito – 144
 J.-B. D..., ateu, suicida, e – 275
 Jobard, Espírito feliz, e – 173
 Joseph Bré e – 219
 Lisbeth, Espírito sofredor, e – 241
 magia e – 132, nota
 Ouran, príncipe, Espírito sofredor, e 244
 Pascal Lavic, Espírito sofredor, e 247
 recusa do Espírito no chamado de – 138
 Saint-Paul, marquês de, e – 222
 Sanson, Espírito feliz, e – 164
 significado da * entre os hebreus – 148
 Sixdeniers, Espírito feliz, e – 181
 superstições e – 133
 talismãs, fórmulas sacramentais,
 lugares lúgubres e – 133
 transformação das ideias dos
 Espíritos e – 233
- Exangue
 significado do termo e – 348, nota
- Êxodo, 21:28
 lei de Moisés e – 147
- Expição
 duração da – 66
 inteligência embotada pela – 364
 mérito da – 363
 natureza e gravidade da falta e – 90
 possibilidades de * para o Espírito – 65
 segundo passo à regeneração e – 91
 sofrimentos físicos e morais e – 91
 sofrimentos que afligem a
 humanidade e – 363
 verdadeira * terrena – 66
- Evolução das Espécies, livro
 Charles Darwin e – 372
- Expição terrestre
 Adélaïde-Marguerite Gosse e – 358
 Anna Bitter e – 364
 Antonio B..., e – 347
 Charles de Saint-G..., e – 354
 cientista ambicioso, Um, e – 352
 Clara Rivier e – 360
 Françoise Vernhes e – 362
- história de um criado e – 345
 Joseph Maître, cego, e – 367
 Julienne-Marie, a mendiga, e – 339
 Letil e – 350
 Marcel, o menino do nº 4, e – 331
 Max, o mendigo, e – 343
 objetivo da – 65
 Szymel Slizgol e – 334
- Exprobrações de um boêmio
 arrependimento e – 240
 instruções do guia do médium e – 241
 materialização do homem e – 240
 nulidade de ocupações intelectuais e – 241
 nulidade do trabalho espiritual e – 241
 paixões humanas e – 240
 pedido de oração e – 240
 reparação e – 241
 torturas morais e – 241
 utilização sóbria dos bens e – 240
- Êxtase
 revelação insegura e – 61, nota
- Ezequiel
 dogma das apenas eternas e –
 82, nota; 119, nota
 pecado original e – 82, nota; 119, nota
- F
- Família humana
 grau de adiantamento dos Espíritos e – 128
 selvagem bárbaro, homem
 civilizado e – 128
- Fariseus
 linguagem dos * em relação a Jesus – 141
 resposta de Jesus aos – 141
- Fatalidade
 livre-arbítrio e – 22
 responsabilidade e – 22
- Fé
 aquisição de * ardente na vida futura – 177
 artigo de * dos cristãos – 46
 criação do universo e artigo de – 104
 cupidez e desaparecimento da – 347

ensino da * espírita – 165
Espiritismo e * inabalável – 160
evocação de Espíritos superiores e – 133
pontos de * contraditórios – 22
sociedade cristã e * católica – 130
submissão do homem à * cega – 121

Felicidade

arrependimento e aspiração à – 77
condição para a * da alma – 77
conquista da * futura – 28
Espírito e * relativa – 36, 38, 108
Espírito e * suprema – 37
ideia da * no outro mundo – 28
ideia da * suprema – 43
ideia instintiva de progresso
e * absoluta – 28
imortalidade da alma e * eterna – 77
perfeição e * perfeita – 88
prêmio do bem e – 77
prêmio pelo trabalho e – 96
religião e * da alma após a morte – 22

Félicien, suicida

evocação do Espírito – 281
fatalidade e – 283
gênero de morte e – 281
homem de gênio e – 281
linguagem do Espírito – 282
obsessão e – 282
orgulho e – 283
pedido de oração e – 282
sociedade promíscua e – 281

Fénelon, escritor

Aventuras de Telêmaco, As,
livro, e – 47, nota; 48
biografia de – 47, nota
inferno pagão e – 47

Fenômeno espírita

intervenção de inteligências ocultas e – 127
sobrenatural, superstições, crenças e – 127

Filósofo

dogma das penas eternas e – 82
vácuo das fórmulas exteriores e – 22

Filtro

significado do termo – 132, nota

Fluido perispirítico

atuação da alma sobre o corpo e – 156
desprendimento do – 156
penetração do * no corpo – 156
separação completa e absoluta do – 156
veículo das sensações físicas da alma e – 156

Fluido(s)

agentes e meios de ação do
mundo espiritual e – 135
mundo espiritual e propriedade dos – 135
revelação de lei desconhecida e – 135

Fogo de betume

considerações sobre – 45

Fogo eterno

crianças falecidas em tenra idade e – 46
freio às paixões humanas e – 72
suplício do – 119

Fórmula sacramental

evocação de Espíritos e – 133

Foulon, viúva, Espírito feliz

abandono da Terra e – 193
Allan Kardec, Sr., e – 191
Allan Kardec, Sra., e – 191
arte espírita e – 190
comunicação do Espírito – 190, 194
deslumbramento, fascinação e – 194
desprendimento do Espírito – 192
estudo do Espiritismo e – 189
evocação e – 192
fé inabalável no futuro e – 189
felicidade perfeita e – 192
fortalecimento pela oração e – 195
influência do Espiritismo na vida e – 189
intuição da arte e – 190
perturbação e – 190
pranto pelos mortos e – 191
propagação do Espiritismo e – 193
sentimento do bem, abnegação e – 189
sofrimento material e – 192

- trabalhos de Allan Kardec no
Espiritismo e – 193
último suspiro e – 192
- Fraternidade
mundos superiores e – 36
nilismo e rompimento dos laços de – 18
- Fúrias
considerações sobre – 51, nota
espelho de – 51
visão de pagão fanatizado e – 61
- Futuro
homem e crença no – 23
revelação do – 134
- G**
- G..., Luís, suicida
desculpa no suicídio de – 274
Espírito suicida e – 273
evocação do Espírito – 274
Luís, São, Espírito, e – 273
paixão e – 274
pedido de perdão e – 273
perda da razão e – 274
perturbação e – 275
sofrimento e – 275
Victorine R..., pespontadeira, e – 27
- G..., Sr., benfeitor
esquecimento de existência anterior e – 347
história de um criado e – 345
salvamento da vida de – 346
- G..., Sra., médium vidente
Demeure, Dr., médico homeopata, e – 187
- Gall
ideias frenológicas de – 372
- Geena
significado do termo – 71
- Gênesis
criação do mundo físico e da
humanidade e – 105
- Geocentrismo
Ciência e – 32
homem e – 45
- Georges, Espírito
castigo, O, e – 235
Claire, Espírito sofredor, e – 255
comunicação de – 171, 172, nota
morte do justo, A, e – 171, nota
- Gontran, Maurice, Espírito feliz
conceito de desespero e – 217
desgosto dos pais de – 217
doença, assiduidade aos estudos e – 218
diminuição do sofrimento e – 218
evocação do Espírito – 217
felicidade com a ideia da libertação e – 218
missão no Espaço e – 218
morte prematura e – 216, 217
situação do Espírito e – 217
- Gosse, Adélaïde-Marguerite
abnegação e – 358
egoísmo e – 358
encontro com os antigos patrões e – 359
escolha das privações e – 359
evocação do Espírito – 359
Sociedade de Emulação do Rouen e – 358
- Gourdon, Anaïs, Espírito feliz
asas dos anjos e – 215
evocação do Espírito – 215
felicidade e – 215
linguagem poética e – 216
término das provas e – 215
- Grande Arquiteto *ver Deus*
- H**
- Há muitas moradas na casa
de meu Pai – 46, nota
Jesus e – 46, nota
- Hebreus
analogia entre princípios do
Espiritismo e hábito dos – 146
Jeová dos * e exterminação
dos inimigos – 73
significado das evocações entre os – 148
- Henrique III, rei
biografia de – 355, nota

Herege

cristãos e entrega dos * às torturas – 73

Hidra de Lerna

considerações sobre – 52, nota

História de um criado

causa da dedicação aos patrões e – 346

educação brilhante e – 346

egoísmo, orgulho e – 347

evocação do Espírito e – 345

exaltação do orgulho e – 346

existência anterior e – 345

G..., Sr., benfeitor, e – 345

prova e – 345

salvamento da vida do Sr. G..., e – 346

tendências más e – 346

Homem

Allan Kardec e * de bem – 374

causa da infelicidade do – 64

composição do – 33, 101

compreensão imperfeita da
espiritualidade e – 43

conceito de Deus e * primitivo – 70

consequências da Doutrina da absorção
do Todo Universal e – 20

consequências da doutrina
materialista e – 20

consequências das vicissitudes do – 64

conservação do eu para o – 20

crença no futuro e – 23

desenvolvimento do senso moral e – 70

desprendimento e * sensual – 158

destino do – 9

domínio da matéria, fórmulas
exteriores e – 22

escravização do * ao instinto – 111

Espiritismo e verdadeiro destino do – 32

estreitamento dos laços materiais e – 159

ideia vaga da vida futura e – 70

melhor compreensão da vida futura e – 25

mérito do * nas descobertas – 134

moldagem do futuro e *
primitivo – 43, nota

morte e intuição do – 25

motivo do sofrimento do * na Terra – 95

necessidade de crença e – 22

recompensa e castigo do – 80

religião compatível ao estado
rústico do – 70

sensibilidade do * para o mal – 112

seres decaídos e * depois da morte – 121

submissão do * à fé cega – 121

três alternativas para o – 21

Homem primitivo

compreensão do mundo espiritual e – 44

quadro idealizado das penas

futuras e – 43, 44

Homem de bem

Allan Kardec e – 374

Antonio B..., e – 348

móvel de tudo que constitui o – 34

Samuel Philippe e – 176

Sixdeniers e – 181

Homem perverso

móvel de tudo que constitui o – 34

Homero, poeta

considerações sobre – 47, nota

inferno pagão e – 47

Humanidade

anjos anteriores e superiores à – 103

constituição da – 124

criação da – 109

doutrina que circunscreve a * a

um ponto no Espaço – 39

período do raciocínio e – 80

processo de gestação da – 10

restrição da * à Terra – 109

utilidade da revelação parcial e – 41

revelação limitada e progresso da – 40

revelações da Ciência e – 40

I

Idade Média

dívidas da – 350

Ideia prematura

malogro da – 10

Igreja

- acusação da * contra a evocação – 139
- admissão das comunicações espíritas e – 143
- admissão do purgatório e – 63, 67
- anjos e dogma da – 99
- anjos, definição da – 99, nota
- comunicação dos demônios sem a
permissão de Deus e – 138
- crença da * sobre os demônios – 128
- criação dos demônios segundo a – 124
- cura do diabo e desligamento
da – 136, nota
- doutrina do demônio e – 114, nota
- equívocos da * em relação à Ciência – 117
- falibilidade de Deus e – 116, nota
- incomunicabilidade entre as almas e – 28
- intervenção dos demônios segundo a – 128
- invocação da assistência dos santos e – 150
- milagre dos santos e – 150

Imperfeição

- consequências funestas e inevitáveis e – 88
- sofrimento, privação de gozo e – 88, 97

Incredulidade

- apresentação da vida futura e – 27
- ideia falsa do mundo espiritual e – 166
- oposição do Espiritismo à – 19
- religião e – 19

Incrédulo

- admiração pela existência do – 124
- arrepentimento e – 27
- bravata do – 18
- conceito de alma e – 27
- descrição da morte de um – 167
- dogma das penas eternas e – 82
- formação do – 22
- negação da manifestação das almas e – 150
- transformação do * em mônada – 27

Infelicidade

- causa da * do homem – 64
- perseverança no mal e – 93
- religião e * da alma após a morte – 22

Inferno

- Agostinho, Santo, e – 55
- analogia entre * pagão e inferno cristão – 45
- descida de Jesus ao – 45
- dramatização dos poetas e * pagão – 44
- Espiritismo e destruição do
* localizado – 66
- fogo da Terra e fogo do – 322
- imaginação de * de fogo e de gelo – 44
- localização do – 55, 89
- poetas, cantores e * cristão – 44
- reflexo da Terra e – 57
- Satã, rei do * cristão – 45
- tábua de salvação e – 302
- torturas físicas e – 43
- teólogos e – 55

Inferno cristão

- analogia entre * e inferno pagão – 45
- comparação entre inferno pagão e – 44
- contorções dos condenados e – 44, nota
- descrição do – 54
- inferno pagão superado pelo – 44, 60
- torturas e – 61

Inferno material

- artigo de fé da Igreja e – 61

Inferno pagão

- Campos Elíseos e – 45
- comparação entre inferno cristão e – 44
- Fénelon, escritor, e – 47, nota
- fogo material e – 72
- Homero, poeta, e – 47, nota
- perpetuação das ideias do – 46
- quadro do – 47
- Tártaro e – 45
- Virgílio, poeta, e – 47, nota

Instinto

- escravização do homem ao – 111
- penas e recompensas e * predominante – 43

Intuição

- felicidade ou infelicidade na
vida futura e – 43

Isaías, 19:3

evocação no Egito e – 144

Íxion, roda de

considerações sobre – 44, nota

J

J.-B. D..., ateu, suicida

benefício e veracidade da evocação de – 279

evocação do Espírito – 275

evocação do irmão de – 277

intuição do mundo espiritual e – 276

motivo do suicídio e – 276

origem das ideias materialistas e – 276

provas de identidade e – 280

sofrimento do irmão de – 278

sofrimento e – 276

Jeová

Hebreus, exterminação dos inimigos e – 73

princípio do bem e do mal entre

os hebreus e – 113

Jesus

arrependimento e – 72

caminho da salvação e – 141

circuncisão e – 147

descida de * aos infernos – 45

destruir crenças arraigadas e – 45

enfraquecimento do temor do

castigo e do dever e – 71

essência íntima de Deus e ensinamentos de – 114

explicitação de * quanto à moral – 71

figura do fogo eterno e – 71, 72

geena e – 71

guia e modelo e – 375

Há muitas moradas na casa de

meu Pai e – 46, nota

linguagem dos fariseus em relação a – 141

palavra de * e missão dos Espíritos – 142

palavra de *, palavra da verdade – 142

parábolas e – 71

proibição de evocar os mortos e – 148

propagação da palavra divina de – 141

purgatório e – 67

rapidez da difusão do ensino de – 142

resposta de * aos fariseus – 141

sanção da lei do Sinai e – 148

Jobard, Espírito feliz

aparecimento do gênero humano

na Terra e – 175

cataplexia e – 175

comunicação de – 172

evocação de – 173

forma do Espírito e – 173

influências terrestres e – 174

lembrança da penúltima encarnação e – 174

operários de Lyon e doação de – 175

opinião sobre a formação da Terra e – 175

presença do Espírito entre nós e – 173

presidente honorário da Sociedade

Espírita de Paris e – 172

recordação de existências anteriores e – 174

visão de Lázaro, Erasto e Espírito

de Verdade e – 174

visibilidade do Espírito e – 173

Jouty, Pierre, Espírito

instrução do * sobre deficientes

mentais e cretinos – 355

Judaísmo

oposição do * ao Espiritismo – 148

Judeus

abolição dos sacrifícios humanos e – 73

Juízo final

ressuscitação e – 54

Julienne-Marie, a mendiga

A..., Sr., médium, e – 339, 341

caridade e – 342

comunicação do Espírito – 341, 342

evocação do Espírito – 339

expição e – 339, 340

lei de talião e – 341

linguagem e – 340, 342

missão e – 340

motivo da morte de – 340

orgulho e – 341

princípios do Espiritismo e – 342

prova da pobreza e – 341

Júpiter

visão de pagão fanatizado e
* no Olimpo – 61

Justiça divina

consideração do bem e do mal e – 89
igualdade absoluta na criação e – 96
Jean Reynaud e – 321

Justiça humana

Jean Reynaud e – 321

K

Kardec, Allan

Foulon, viúva, e trabalhos de – 193
intervenção do Dr. Demeure
no acidente de – 186
homem de bem e – 374
homicídio voluntário e – 186
nilismo e – 18, nota
obras básicas e – 371
Obras póstumas e – 371
preconceito racial e – 374
Revista espírita e – 374
selvagens africanos e – 374
sistematização da Doutrina Espírita e – 371
teoria espírita e – 18, nota

L

Laço fluídico *ver* Perispírito

Lamennais

comunicação de – 319
erraticidade e – 319
ranger dos dentes e – 319

Lapommeray, Espírito endurecido

arrependimento e – 318
castigo e – 321
cinismo da linguagem e – 318
comunicação do Espírito – 317
corpo fluídico e – 318
efeito da luz e – 317, 318, 320, 321
perturbação e – 317

Latour, Jacques

alegoria mitológica das Eumênides e – 311

arrependimento e – 303,
305, 309, 312, 314

bons sentimentos e – 311, 313
comunicação do Espírito – 303, 306-311

criminoso arrependido – 303

decepção após a morte e – 307

desejo de rearação e – 315

duração do castigo e – 305

eficácia da oração e – 309

Espírito infeliz e – 305

estudo sobre o Espírito e – 311-315

felicidade na evocação e – 307

guia do médium do Espírito – 310

guilhotina e – 304, 311, 314

identificação do Espírito com
o médium – 304

inspiração do remorso e – 310

justiça dos homens e – 310

lado moral dos ditados de – 314

libertação dos olhares das vítimas e – 307

linguagem de – 311

missões reparadoras e – 310

mudança moral e – 311

pedido de oração e – 306

reações do médium do Espírito – 304

retrato de – 311

revolta contra a voz da consciência e – 312

sofrimento e – 304-306, 308

véu do passado e – 313

Lavater

ideias da fisiognomonia de – 372

Lavic, Pascal, Espírito sofredor

arrependimento e – 247

comunicação do Espírito – 246, 247

consciência da morte e – 246

desprendimento e – 247

evocação do Espírito – 247

expição e – 247

pedido de oração e – 247

pedido de perdão e – 247

perturbação e – 246

Lebuffle, Victor, Espírito feliz

caridade e – 214

comunicação do Espírito – 214

Índice Geral

- felicidade e – 214
- guia do médium do Espírito – 214
- missão e – 214
- visão da mãe de – 213
- Legislação draconiana
 - considerações sobre – 70, nota
 - Moisés e – 70
- Lei da natureza *ver* Lei divina
- Lei divina
 - compreensão da – 373
 - lei do progresso e – 79
- Lei do progresso
 - abertura do futuro e – 88
 - estímulo à perseverança no mal e – 93
 - Lei divina e – 79
 - natureza dos anjos, dos demônios e das almas humanas e – 125
- Lei humana
 - alcance da – 18
- Lei mosaica
 - caducidade da – 144
 - comunicação com os Espíritos e – 143
- Lemaire
 - arrependimento e – 294
 - censura recíproca e – 293
 - condenação à pena de morte e – 292
 - criminosos arrependido e – 292
 - decapitação e – 293
 - dor moral e – 293
 - evocação do Espírito – 292
 - pendor para o mal e – 293
 - perturbação e – 292
 - princípios de educação e – 294
 - remorso e – 292
 - reparação e – 294
 - sentimento de Deus e – 294
 - tentações do mal e – 294
 - visão da forma corpórea e – 294
 - visão do corpo mutilado e – 293
- Letil
 - anjo da guarda e – 351
 - auxílio do Espiritismo e – 351
 - causa da morte e – 351
 - comunicação do Espírito – 350
 - Espírito consolador e – 351
 - expição e – 352
- Levítico, 19:31; 20:27
 - comunicação com os Espíritos e – 143
- Liberdade
 - mundos superiores e – 36
 - revelação do futuro e – 134
- Lídia
 - considerações sobre – 53, nota
- Limbos
 - considerações sobre – 46, nota
 - crianças falecidas em tenra idade e – 46
- Lisbeth, Espírito sofredor
 - arrependimento e – 241
 - compreensão do mal e – 243
 - desejo de reparação e – 241
 - Espírito protetor e – 243
 - evocação do Espírito – 241
 - guia do médium do Espírito – 243
 - orgulho e – 242
 - Paulin, Saint, guia do médium – 243
 - pedido de oração e – 241
 - penas eternas e – 243
 - sofrimento e – 241
- Livre-arbítrio
 - ação boa ou má e – 92
 - alma e – 22
 - faculdade de progredir e – 362
 - fatalidade e – 22
 - progresso lento do Espírito e – 92
 - suicídio e – 265
- Livro dos espíritos, O
 - bases fundamentais do Espiritismo e – 9
- Livry, Emma, Srta., Espírito feliz
 - anjo da guarda e – 209
 - comunicação do Espírito – 209
 - expição e – 210
 - fé católica – 209
 - felicidade e – 210
 - fogo do inferno e – 209

- orgulho e – 210
 paraíso e – 209
 perturbação e – 210
 purgatório e – 209
 temor da morte e – 210
- Louvet, François-Simon, suicida
 comunicação do Espírito suicida – 266
 guia do médium do Espírito – 266
 hábito da bebida e – 266
 pedido de oração e – 266
 sofrimento e – 266
- Lúcifer
 chefe dos demônios no céu – 58
 inveja, orgulho e – 115
 palavras de – 116, 117, nota
- Lugar lúgubre
 evocação de Espíritos e – 133
- Luís, São, Espírito
 Anna Belleville e – 232
 Castelnaudary, O Espírito de, e – 297
 Charles de Saint-G..., deficiente
 mental, e – 354
 Claire, Espírito sofredor, e – 254, 257, 259
 Ferdinand Bertin e comentários de – 251
 Oude, rainha de, Espírito
 endurecido, e – 328
 presidente da Sociedade Espírita
 de Paris e – 164
 significado do termo trevas e – 257
- Luz
 adiantamento do Espírito e
 * irradiada – 258
 castigo para Espírito imperfeito e – 259
 Espírito e recepção de * exterior e – 259
 intensidade da * e pureza do Espírito – 258
 intensidade da * e visão do Espírito – 258
- M
- Magia
 elementos essenciais da – 136
 Espiritismo e – 132, 136
 evocação dos Espíritos e – 132, nota
- Magnetismo
 fenômenos do – 129
 revelação de lei desconhecida e – 135
- Maître, Joseph, o cego
 aceitação da provação e – 369
 arrependimento e – 368
 blasfêmia contra Deus e – 368
 causa da enfermidade de – 367
 comunicação do Espírito – 367
 fé inata e – 369
 mundo espiritual e – 369
 oração e – 368
 precedente existência e – 367
 reparação e – 369
 suicídio e – 368
- Mal
 antítese do bem e – 323
 compreensão da extensão do – 312
 compreensão do bem que pode
 resultar do – 113
 conceito de – 108
 criação do – 108
 desvio do * pelo aperfeiçoamento
 da alma – 260
 estado transitório do – 113
 infelicidade e perseverança no – 93
 intenção, atenuante do – 265
 lei do progresso e estímulo à
 perseverança no – 93
 nascimento das noções do – 87
 obstinação do * durante a vida – 292
 perdão das ofensas, atenuantes do – 198
 persistência no * depois da morte – 292
 prática voluntária e facultativa e – 96
 predominância do * na Terra – 36
 sensibilidade do homem para o – 112
 sofrimento do Espírito pela prática do – 89
 sofrimento e * moral – 90, nota
- Mamon
 demônio da avareza e – 58
- Manifestação espírita *ver*
 Comunicação espírita
- Marcel, o menino do nº 4

Índice Geral

- Agostinho, Santo, Espírito, e – 332, nota
aparência física e – 331
arrependimento e – 333
comunicação do Espírito – 332, nota
criação da alma e – 332
deformidade congênita e – 331
elevação da alma e – 332
Espiritismo e – 332
exercício da oração e – 333
expição no mundo espiritual e – 333
expição terrestre e – 333
instrução do guia do médium – 333
missão de – 333
preexistência da alma e – 332
reencarnação e – 332
resignação e – 333
sofrimentos e – 332, 333
virtudes e – 331
- Matéria**
apego à * e afinidade entre corpo
e perispírito – 157
predomínio de um fluido
exterior sobre a – 259
repercussão da desagregação
da * na alma – 155
- Materialismo**
classificação dos anjos e – 99
Doutrina da absorção do Todo
Universal e – 19
estímulo ao egoísmo e – 20
racionalidade e – 22
repúdio ao – 23
- Materialista**
recuo do Espírito do – 167
sofrimento do * diante da morte – 167
- Max, o mendigo**
agradecimento a Deus e – 345
arrependimento e – 344
caridade pública e – 343
comunicação do Espírito – 343
existência anterior e – 343
maldição e – 344
oração do ofendido e – 344
- Médium**
felicidade do * sincero – 12
- Mediunidade**
apóstolos e – 132
Atos, 2:17 e 18, e – 13, 132
considerações sobre – 12
- Medo**
cessação dos efeitos fisiológicos do – 87
- Memória**
desenvolvimento da * pela educação – 363
- Mercurio**
considerações sobre – 48, nota
- Mérito**
descobertas e * do homem – 134
obrigatoriedade do progresso e – 125
- Mesas falantes**
fenômenos da – 129
- Michel, Auguste, Espírito sofredor**
auxílio para o desprendimento e – 240
benefício da oração e – 239
comunicação do Espírito – 238
comunicação do Espírito *
no túmulo – 239
incerteza sobre o futuro e – 238
ligação com o corpo e – 239
pedido de oração e – 238, 239
pedido de perdão e – 238, 239
perturbação e – 238
- Michel, Hélène, Espírito em
condição mediana**
desprendimento lento e – 221
evocação do Espírito – 221
leviandade e – 221
personalidade dupla e – 221
perturbação e – 221
reparação e – 221
sofrimento e – 220
- Miguel, São**
exclamação de – 116
- Milagre**
efeito de lei desconhecida e – 135

- Espiritismo e – 135
 ressurreição dos corpos e – 59
 subsistência dos corpos à fornalha e – 59
 tese do santo e – 137
- Minerva
 considerações sobre – 49, nota
- Mínos
 considerações sobre – 50, nota
- Mitologia
 crença nos anjos e – 100
- Moisés
 aversão de * aos costumes do inimigo – 144
 comunicação espírita e suposta
 proibição de – 143, 146
 equidade na lei de – 144
 falibilidade de Deus e – 116, nota
 legislação draconiana e – 70, nota
 leis de – 147
 motivos que justificavam a
 proibição de – 144-146
 pena de morte e – 146
 verdadeiro sentido das palavras de – 143
- Moloc
 príncipe dos demônios e – 58
- Monod
 guia do médium do Espírito Angèle – 324
- Monte Etna
 considerações sobre – 52, nota
- Montreuil-sur-Mer, pregador de
 fogo do inferno e – 322
- Morte
 angústias da alma na – 93
 antecipação da perturbação à – 158
 calma do Espírito preparado
 diante da – 167
 cerimônias lúgubres e – 28
 clarividência do Espírito na – 168
 complementação do desprendimento
 pouco antes da – 158
 comportamento do espírita diante da – 30
 compreensão da vida futura e temor da – 25
 continuação da perturbação após a – 158
 descrição da * de um incrédulo – 167
 diminuição do temor da – 25, 26
 estado do Espírito por ocasião da – 159
 fatores predisponentes ao terror da – 28
 gênero de * e sensação da alma – 158
 instinto de conservação e temor da – 25
 interrupção das relações e – 347
 intuição do homem e – 25
 libertação do temor da – 26
 lucidez do Espírito após a – 158
 Moisés e pena de – 146
 motivo do temor da – 26
 necessidade do temor da – 25
 nulidade do trabalho espiritual
 depois da – 241
 perispírito, inseparável da alma
 antes e depois da – 156
 persistência no mal depois da – 292
 sabedoria da Providência e temor da – 25
 sensação dolorosa da alma na – 156
 sensações experimentadas no
 momento da – 155
 sofrimento do materialista diante da – 167
 subordinação do sofrimento que
 acompanha a – 156
 temor da – 155
- Morte aparente
 Antonio B..., escritor, e – 347
 Cardon, médico, e – 226
- Morte natural
 característica da – 158
 desprendimento gradual e – 158
 libertação da vida e – 262
- Morte violenta
 Espírito aturdido e – 159
 ilusão do perispírito material e – 159
 início do desprendimento e – 159
 sensações da vida orgânica na – 159
 separação antecipada entre corpo
 e perispírito e – 159

Índice Geral

- Muçulmanos
 anjo, demônio, herança dos
 hebreus, e – 113
 céu e – 31, nota
- Mundo corpóreo
 características do – 33
 sofrimento do Espírito no – 90
 solidariedade entre o * e o espiritual – 38
- Mundo de expiação
 lugar circunscrito de castigo e – 92
 Terra e – 66
- Mundo dos Espíritos *ver* Mundo espiritual
- Mundo espiritual
 Anna Belleville e ocupação no – 231
 características do – 33
 constituição do – 124
 escala espírita e – 30
 Espiritismo e – 29
 esplendores, harmonias, sensações e – 34
 fluidos, agentes e meios de ação do – 135
 intuição do – 276
 noções incertas e sistemáticas do – 127
 ociosidade no – 326
 permanência dos erros no – 319
 possibilidade de expiação do Espírito e – 65
 propriedade dos fluidos e – 135
 prova da existência do – 142
 retorno do Espírito ao – 35
 situação do Dr. Vignal no – 211
 sofrimento do Espírito no – 90
 solidariedade entre o * e o corpóreo – 38
- Mundo inferior
 estabilidade da população no – 39
- Mundo invisível *ver* Mundo espiritual
- Mundo material
 fim do – 13
- Mundo superior
 caminho para o estado definitivo e – 36
 características do – 36
 encarnação de Espíritos do * nos
 mundos inferiores – 39
 exclusão dos Espíritos maus no – 36
 flutuação da população no – 39
 passagem da Terra para – 195
- ## N
- Nabofarzan
 rei da Babilônia e – 48
- Nihilismo
 Allan Kardec e – 18, nota
 consequência lógica do – 18, nota
 doutrina insensata e antissocial e – 18
 realização diária individual e – 18
- Nota explicativa
 Allan Kardec e – 371
 aspectos do Espiritismo e – 371
 conclusões básicas das obras de
 Allan Kardec e – 371
 fé dos espíritas e – 371
 objetivo da – 371, nota
 obras básicas do Espiritismo e – 371
 Que é o espiritismo, O, e – 371
 Revista espírita e – 371
 Notívago mocho
 considerações sobre – 53, nota
- Novel, Espírito sofredor
 angústia da alma e – 237
 comunicação do Espírito – 237
 consciência do estado atual e – 237
 Espíritos maus e – 238
 sofrimento e – 237
- Novo Testamento
 anjos e – 100
- ## O
- Olimpo
 localização do – 45
- Oração
 aumento das forças por meio da – 309
 desagregação do fluido perispirítico e – 161
 eficácia da * pelos mortos – 66
 fortalecimento pela – 195

magnetização espiritual e – 160
 pensamento e – 66

Oráculo
 formação de – 129, 131

Orfeu
 considerações sobre – 56, nota

Orgulho
 enfermidade moral e – 357
 hidra de cem cabeças e – 242
 inimigo da felicidade e – 245
 maior obstáculo ao progresso e – 65
 mundos superiores e – 36

Oromase
 princípio do bem e do mal
 entres os persas e – 113

Oude, rainha de, Espírito endurecido
 certidão de óbito e – 327
 Cristianismo e – 327
 Deus e – 327
 evocação do Espírito – 326
 Jesus e – 327
 Luís, São, Espírito, e – 328
 Maomé e – 327
 mulheres muçulmanas e – 327
 orgulho e – 328
 religião e – 327
 sepultamento, honras fúnebres e – 326

Ouran, príncipe, Espírito sofredor
 déspota orgulhoso e – 244
 erraticidade e – 245
 evocação do Espírito – 244
 expiação e – 245
 força de vontade e – 244
 guia do médium do Espírito – 245
 humildade e – 246
 orgulho, fonte dos sofrimentos e – 244-246
 preconceitos terrestres e – 328
 regeneração e – 245
 sacrifícios impostos pela riqueza e – 244
 sofrimento e – 245
 vício e – 245
 virtude e – 245

P

P..., Sr., Espírito feliz
 ajuda nos desfalecimentos e – 197
 bem-estar e – 197
 desprendimento e – 196
 escada de Jacó e – 196
 evocação e – 196
 fatores atenuantes da maldade e – 198
 felicidade e – 197
 médico russo e – 196
 preço da libertação e – 196
 terror da morte e – 196

Pai e o conscrito, O
 confiança em Deus e – 265
 evocação e – 264
 Luís, São, Espírito, e – 263-264
 motivo do suicídio e – 264
 sofrimento e – 264

Palmira, Srta.
 D..., Sra., e – 270

Panaceia
 significado do termo – 278, nota

Panteísmo
 conseqüências morais e – 21
 considerações sobre – 20
 Deus e – 20
 objeções e – 21
 racionalidade e – 22
 religião e condução ao – 074
 repúdio ao – 23

Parábola
 Jesus e – 71

Passado
 agradecimento pelo véu do – 313
 misérias e vicissitudes mundanas,
 fruto do – 95, 96, nota

Paula, condessa, Espírito feliz
 caridade e – 200
 comunicação do Espírito – 201, nota
 deveres da – 201, nota

- Evangelho segundo o espiritismo,
 O, e – 201, nota
 felicidade material e espiritual e – 201
 inveja, ciúme e – 201
 missão e – 202
 necrológio e – 200
 posição na vida espiritual e – 202
 prova da fortuna e – 202
 verdadeira fortuna e – 202
- Paulin, Saint
 guia do médium do Espírito Benoist – 297
 guia do médium do Espírito Lisbeth – 243
- Paulo
 terceiro céu e – 32
 visão do céu e – 80
- Pecado original
 extinção do dogma do – 129
- Pena de morte
 Moisés e – 146
 pensamento do condenado à – 167
- Pena de talião
 Antonio B..., escritor, e – 348
 Julienne-Marie, mendiga, e – 341
- Pena moral
 reação do homem diante da ideia da – 70
- Pena temporária
 subordinação da * ao arrependimento – 95
- Penas e gozos futuros
 doutrina do céu e do inferno e – 22
 quadro idealizado pelo homem
 primitivo das – 43, 44
- Penas eternas
 argumentos invocados pelo
 dogma das – 74, 77
 ateus, materialistas e dogma das – 81
 atributos de Deus e dogma das – 74
 castigo infinito e – 74
 compreensão do poder moral e – 80
 dogma das – 11, 81
 doutrina das * e negação dos
 atributos de Deus – 76
 extinção da doutrina das – 69, 76
 Ezequiel, 18:1 a 5; 7 a 10; 13 e 14;
 17 a 23, 33:11, e – 82, nota; 83
 impossibilidade material das – 78
 inferno e – 302
 malefícios à religião e – 81
 progresso e incompatibilidade das – 63, 79
 razão de ser da doutrina das – 69, 78
 refutação e – 74, 77
 sorte da alma depois da morte e – 78
 temor, freio das – 77
- Penas futuras
 Espiritismo e confirmação das – 66
 intuição das – 43
- Pensamento
 condenado à pena de morte e – 167
 influência da sensibilidade
 do Espírito e – 86
 oração e – 66
 perfeita simpatia e expressão do – 174
 transmissão do – 170
- Perdão
 arrependimento, prelúdio do – 271, 314
 atenuante do mal e – 198
 condição absoluta para o – 72
 dispensa da reparação e – 95
 eficácia do arrependimento e – 72
 reparação da falta cometida e – 249
- Perfeição
 felicidade perfeita e – 88
- Perispírito
 alma e desprendimento completo do – 156
 apego à matéria e afinidade
 entre * e corpo – 157
 chave dos fenômenos mediúnicos e – 155
 envoltório fluídico da alma e – 156
 Espírito desmaterializado e – 159
 extinção da vida orgânica e
 ruptura do – 156
 inseparável da alma antes e
 depois da morte e – 156
 morte violenta e ilusão do * material – 159
 propriedade luminosa do – 258

- qualidades da alma e propriedade do – 258
separação da alma do corpo físico e – 156
- Perpétuo
sinônimo do termo – 91, nota
- Perturbação
antecipação da * à morte – 158
continuação da * após a morte – 158
espírita e estado de – 160
Espiritismo e duração do estado de – 160
estado de * da alma – 93
estado normal no instante da morte e – 157
sono calmo e – 158
torpor da alma e – 157
- Philippe, Samuel, Espírito feliz
agradecimentos pelos padecimentos e – 177
caráter provisório das provações e – 179
desprendimento sem dor e – 178
esquecimento dos entes queridos e – 179
evocação de – 177
fé ardente na vida futura e – 177
ideia de um sonho e – 178
lembança dos últimos instantes
na Terra e – 177
situação no mundo espiritual e – 177
sofrimento moral e – 179
sofrimento relativo e – 179
transmissão do pensamento e – 179
visão dos despojos mortais e – 178
- Pitonisa
profecias em delírio e – 129
- Pluralidade das existências
ver Reencarnação
- Plutão
considerações sobre – 45, nota
- Politeísmo
crença nos anjos e – 100
- Povo
noção de futuro no * primitivo – 25
suposição do aniquilamento de um – 18
- Ptolomeu, astrônomo
céu e – 31, nota
- Prece *ver* Oração
- Preces pagas
purgatório e – 63, nota
Prefácio – 9, nota
- Primeira hierarquia dos anjos
querubins – 102, 130
serafins – 102, 130
tronos – 102, 130
- Princípio do bem e do mal
Jeová e Satã entre os hebreus e – 113
Oromase e Arimane entre os persas e – 113
- Progresso
aproveitamento do passado para
* do Espírito – 91, nota
dúvida quanto ao * da alma – 78
egoísmo, empecilho ao – 319
facilitação do * pela expiação – 65
negação do – 233
obrigatoriedade do * e mérito – 125
- Progresso intelectual
encarnação e – 34
marcha do – 34
progresso moral e – 318, 321
- Progresso moral
encarnação e – 34
indício de – 292
marcha do – 34
progresso intelectual e – 318, 321
- Provação
existência honrosa e * da vida – 349
- Purgatório
Espiritismo e – 66
ideia de lugar circunscrito e – 66
Igreja e admissão do – 63, 67
Jesus e – 67
localização do – 64
menção do * no Evangelho – 63
natureza das penas no – 64
preces pagas e – 63, nota
princípio do – 63
realidade do – 66
situação da alma no – 46
Terra e – 64, 66

Q

Quimera

considerações sobre – 52, nota

R

R..., Victorine, pespontadeira

noiva de Luís G..., sapateiro, e – 273

recusa de reconciliação e – 273

responsabilidade e – 274

Raça adâmica

Revista espírita e – 375

Raça humana

perfeição da – 81

privilégios e – 359

Raças

consanguinidade e – 373

preconceitos de – 374

privilégios de – 373

Ranger de dentes

significado da expressão – 319

Razão

conciliação das crenças religiosas com a – 74

Rebelião

causa da * dos anjos contra Deus – 116

Redenção

caminho aberto para a * do culpado – 95

Reencarnação

causas das misérias da vida terrena e – 64

cretinismo e – 357

lei da natureza e – 374

local de – 36

meio semelhante em que

praticou o mal e – 65

preconceitos de raças e de castas e – 374

relação com pessoas a quem ofendeu e – 65

situação oposta à vida precedente e – 65

Szymel Slizgol, e objetivo da – 336

temor da – 195

Regeneração

hábito do mal e dificuldade de – 125

triade necessária à – 91

Reino da felicidade

localização do – 45

Reino de Deus

abreviação do advento do – 141

Religião(ões)

anjos e – 99

atributos de Deus, critério de todas as – 114

ceticismo, dúvida e indiferença e – 19

condução da * à incredulidade absoluta – 74

condução da * ao deísmo – 74

condução da * ao panteísmo – 74

deuses guerreiros e * primitivas – 73

Espiritismo, traço de união

entre Ciência e – 155

estado rústico do homem e

* compatível – 70

felicidade ou infelicidade da alma e – 22

gênios bons e maus e – 113

incredulidade e – 19

individualidade da alma e base das – 21

selvagem e luzes da – 47

suicídio da – 141

Remorso

precursor do arrependimento e – 123

seres decaídos e – 123

Reparação

condições necessárias para

atenuação da – 94

consequências da ausência da – 91

lei de reabilitação moral do

Espírito e – 92, nota

pedido de * do mal praticado – 76

perdão e dispensa da – 95

prática do bem a quem se fez o mal e – 91

terceiro passo à regeneração e – 91

Resignação

espírita e * nas vicissitudes – 160

Responsabilidade

fatalidade e – 22

Ressurreição

intervenção de Deus após a

* dos corpos – 59

milagre da * dos corpos – 59

restabelecimento nas condições físicas e – 59

Ressurreição do corpo
extinção do dogma da – 129

Reunião espírita
caráter essencialmente moral e grave da – 148

Revista espírita
Bernard, Espírito, e – 172, nota
Canu, Sr., – 207, nota
D..., Sr., e – 270, nota
Demeure, Dr., Espírito, e – 184
doutrina dos anjos decaídos e – 374
efeitos fisiológicos do medo e – 87
fé dos espíritas e – 371
felicidade e infelicidade dos Espíritos e – 161, nota
fogo do inferno e – 322
morte do Dr. Demeure e – 184, nota
pregador de Montreuil-sur-Mer e – 322
Vignal, Dr., Espírito feliz, e – 212, nota

Reynaud, Jean, Espírito feliz
agonia espiritual e – 321
caminho da fé espírita e – 204
causa da salvação e – 203
comunicação de – 321
comunicação do Espírito – 203
crença espírita e – 206
dúvida, desconfiança e – 205
erraticidade e – 206
evocação e – 204
influência da luz e – 321
Justiça divina e – 321
justiça humana e – 321
perturbação espiritual e – 204
prática do Espiritismo e – 205
progresso do Espírito e – 206
regeneração da espécie humana e – 204
separação do Espírito e do corpo e – 205

Riquier, François, Espírito sofrendor
confirmação do endereço de – 252
descrença na morte do corpo e – 252
evocação do Espírito – 251, 244

existência de pobreza e – 251
objetivo da evocação e – 252
pedido de oração e – 252
simpatia e – 205
sofrimento e – 252

Rivier, Clara, médium
anjo da guarda e – 361
caridade e – 361
causa da perturbação e – 361
causas das enfermidades e – 361
Espírito batedor e – 360
evocação do Espírito – 360
linguagem e – 364
livre-arbítrio e – 362
missão de – 361
segunda vista e – 361
sofrimento físico e – 361
vida de felicidade e – 360

S

Sacerdote
proibição de posse de bens terrenos e – 146

Saint-Paul, Espírito em condição mediana
distinção entre corpo e Espírito e – 223
erraticidade e – 222, 223
evocação do Espírito – 222
lembrança dos moribundos e – 223
perturbação e – 222
recordações da infância e – 222
virtudes humanas e – 223

Salvação
alcance da * pelas próprias obras – 81
Espiritismo e facilitação da – 160
Jesus e caminho da – 141

Samaritana, suicida da
corrosão dos vermes e – 262, 263
decomposição do corpo e – 263
descrença no futuro e – 262
dúvida da morte e – 263
evocação do Espírito do – 261
identidade do suicida e – 261
Luís, São, Espírito, e suicida da – 262
motivo do suicídio e – 262

Índice Geral

- Sociedade Espírita de Paris e – 261
- sofrimento, tortura e – 262
- turbilhão da matéria corpórea e – 261
- Sanson, Espírito feliz
 - agradecimento pelo sofrimento e – 165
 - assistência dos bons Espíritos e – 164
 - autorização para autópsia espiritual e – 163
 - características da linguagem e – 169
 - carta de – 163
 - clarezas do mundo espiritual e – 168
 - conservação das faculdades e – 165
 - convicção das verdades espíritas e – 164
 - descrição do instante da transição e – 164
 - ensino da fé espírita e – 165
 - escolha de nova encarnação e – 164
 - espaço ocupado pelo Espírito e – 169
 - estado do Espírito e – 164
 - extinção da vista do Espírito e – 165
 - felicidade inefável e – 165
 - ficção da felicidade e – 168
 - forma do Espírito e – 169
 - função do corpo e – 165
 - leitura do pensamento e – 169, 170
 - leitura sobre o túmulo de – 166
 - lucidez das ideias e – 165
 - mal moral e – 166
 - membro da Sociedade Espírita de Paris e – 163
 - palavras de * na cerimônia do cemitério – 166
 - pátria do Espírito e – 165
 - pedido de evocação e – 163
 - recuperação das faculdades e – 168
 - reprodução dos Espíritos e – 170
 - sensações do Espírito e – 169
 - sexo dos Espíritos e – 170
 - sofrimento moral e – 167
 - último suspiro e – 165, 167
 - visão do corpo e – 165
 - vista do Espírito e – 169
- Santos
 - curas e aparições, obras dos – 136
 - Igreja e invocação da assistência dos – 150
- Igreja e milagre dos – 150
- localização da morada dos – 45
- Satã
 - arcanjo e – 115
 - cristãos e *, rei dos infernos – 45
 - objeções à doutrina dos demônios e – 116
 - princípio do bem e do mal entre os hebreus e – 113
 - rei dos demônios segundo a Igreja e – 114
- Satanás
 - chefe dos demônios no inferno e – 58
 - existência de * de toda a eternidade – 114
- Segunda hierarquia dos anjos
 - dominações – 102, 130
 - potências – 102, 130
 - virtudes – 102, 130
- Seita cristã
 - situações extremas das almas e – 46
- Seres decaídos
 - armas favoritas dos – 122
 - características dos – 121
 - castigo e – 122
 - felicidade moral e – 122
 - homens depois da morte e * depois do pecado – 123
 - liberdade e – 122
 - remorso e – 123
- Ser inteligente
 - cadeia ininterrupta do embrião do * ao anjo – 124
 - Espiritismo e criação única do – 124
 - união do * a corpos materiais – 124
- Sexo
 - contradições a respeito do * dos Espíritos – 170
 - inutilidade do * para os Espíritos – 170
- Sibour, monsenhor, arcebispo de Paris
 - evocação e – 291
 - perdão de – 291
- Sísifo, rochedo de
 - considerações sobre – 44, nota

- Sixdeniers, Espírito feliz
 afogamento de – 181
 evocação da filha de – 183
 evocação e – 181
 felicidade depois da morte do corpo e – 182
 missão da filha na Terra e – 183
 pagamento da dívida humana e – 182
 sensações depois da morte e – 181
- Soberana Sabedoria *ver* Deus
- Slizgol, Szymel, mendigo
 aumento dos sofrimentos físicos
 e morais e – 336
 caridade e – 334, 336-338
 escolha da religião israelita e – 337
 evocação do Espírito – 334
 expiação no mundo espiritual e – 336
 expiação terrestre e – 334
 felicidade e – 334
 mendicidade e – 335
 objetivo da reencarnação e – 336
 permanência na erraticidade e – 336
 prisão ao corpo em decomposição e – 336
 reparação e – 336
 sofrimento moral e – 337
 última encarnação e – 335
- Sociedade
 germes de perturbação e dissolução na – 19
- Sociedade de Paris *ver* Sociedade
 Espírita de Paris
- Sociedade Espírita de Paris
 Antoine Cousteau, membro da – 206
 comunicação de Julienne-Marie e – 341
 evocação de Antonio B..., escritor, e – 347
 evocação de J.-B. D..., ateu, suicida, e – 275
 evocação de Marcel, o menino
 do nº 4, e – 332
 Georges, Espírito, e – 235
 Jacques Latour e – 306
 Jobard, Espírito feliz, e – 172
 Lapommeray, Espírito endurecido, e – 317
 Luís, São, Espírito, presidente
 espiritual da – 164
- Sanson, antigo membro da – 163
 suicida da Samaritana e – 261
 Vignal, Dr., e – 211
- Sofrimento
 Anna Belleville e desprezo
 pelo * alheio – 231
 arrependimento e abreviação do – 161
 arrependimento, único meio de
 abreviar o – 161, nota
 ausência de bem e – 89
 brado de arrependimento e – 241
 causa de inutilidade do * para a alma – 64
 causa do – 65, 90
 desprendimento lento, * maior – 159
 erros alheios e – 93
 imperfeição e – 97
 intensidade e duração do * da alma – 157
 modificação da teimosia do Espírito e – 92
 motivo do * do homem na Terra – 95
 previsão para o termo do – 65, 90
 subordinação do * que acompanha
 a morte – 156
 suicida e – 93
- Solidariedade
 nilismo e rompimento dos laços de – 18
 pagamento de dívida e * entre
 existências – 89
- Sonâmbulo
 considerações sobre – 263
- Sono
 ideia do – 263
- Stanislas, Eric, Espírito em
 condição mediana
 comunicação do Espírito – 227
 felicidade e – 227
 guia do médium do Espírito – 228
 sofrimento e – 228
- Suicida
 Antoine Bell – 284
 B..., Sr. – 270, nota
 C..., Sra. – 267
 evocação do * da Samaritana – 261

Índice Geral

- Félicien – 281
François-Simon Louvet – 265
J.-B. D..., Sr. – 275
Luís G... – 273
pai * e o conscrito, O – 263
Palmira, Srta. – 270, nota
prece pelo – 285
remorso e – 278, 285
retardamento de reunião e – 267
sofrimento e – 93, 275
- Suicídio
circunstâncias atenuantes para o – 272
conceito de – 265
crime aos olhos de Deus e – 268
desprendimento e – 159
livre-arbítrio e – 265
repercussão das sensações na alma e – 159
sacrifício meritório e – 265
sofrimento daquele que induz ao – 93
- Suplício
localização do lugar do – 45
artigo de fé dos cristãos e * corporal – 46
referências de Jesus ao * corporal – 46
- T
- Talismãs
evocação de Espíritos e – 133
- Tártaro
considerações sobre – 44, nota; 49, nota
demônios em forma humana e – 57
visão de pagão fanatizado e – 61
- Tédio
ociosidade e – 97
- Telêmaco
considerações sobre – 48, nota
- Temperamento
esforços para modificação do – 87
natureza do Espírito e – 86
- Teologia cristã
céu e – 31
- Teoria
condição para aceitação da * verdadeira – 21
- Teoria espírita
Allan Kardec e – 18, nota
- Terceira hierarquia dos anjos
anjos da guarda – 103, 130
arcanjos – 103, 130
principados – 103, 130
- Teresa, Santa
considerações sobre – 56, nota
pesadelo e – 61
visão do inferno e – 56, nota; 61
- Terra
agonias da *, alegrias do céu – 332
centro da *, lugar dos suplícios – 45
felicidade relativa do Espírito na – 36
insignificância das provas na – 210
mundo atrasado e – 39
opinião de Jobard sobre a
formação da – 175
passagem da * para mundo superior – 195
possibilidade de expiação do Espírito e – 65
predominância do mal na – 36
purgatório e – 64
reino do egoísmo na – 40
término da expiação na – 66
terra de exílio e – 181
- Terra preparada
significado da expressão – 9
- Tolerância religiosa
unificação e sorte futura das almas e – 23
- U
- Ulisses
considerações sobre – 56, nota
- Universo
criação do * e artigo de fé da Igreja – 104
grande canteiro e – 10
solidariedade entre todos os seres do – 303

V

Verdade

- consulta à consciência e busca da – 40
- mensageiros de Deus e ensino da – 141
- palavra de Jesus, palavra da – 142
- revelação divina e – 40

Verger

- adiamento do progresso e – 290
- arrependimento e – 289, 291
- condenado à morte e – 289
- consciência da falta e – 290
- criminoso arrependido e – 289
- desejo de reencarnar na Terra e – 291
- evocação do Espírito – 289
- grito da consciência e – 291
- motivo da punição de – 289
- mudança rápida nas ideias de – 292
- sensação na evocação e – 291
- situação de – 291
- Sibour, monsenhor, arcebispo de Paris, e – 289

Vernhes, Françoise

- anjo da guarda e – 363
- cega de nascença e – 362
- evocação do Espírito – 362

Vestimenta carnal *ver* Corpo físico

Vício

- conhecimento do * pelas tendências – 312

Vida

- direito de dispor da – 26
- existência honrosa e provações da – 349
- obstinação do mal durante a – 292

Vida de além-túmulo

- desdobramento da – 12

Vida corpórea

- apagamento da * diante da vida espiritual – 160
- apego do Espírito à – 158
- causas das penas do Espírito na – 95
- concessão da * como meio de reparação – 65

demonstração do progresso do Espírito e – 233

reparação do mal praticado em vidas passadas e – 95

Vida espiritual

- apagamento da vida corpórea diante da – 160
- consequências das imperfeições da alma na – 88
- felicidade dos Espíritos na – 161, nota
- influência do Espiritismo e identificação com a – 160
- limitação das existências corpóreas e – 107
- posição da condessa Paula na – 202
- prêmio pela vitória da alma e – 64
- progresso da alma na – 233
- sofrimento de Samuel Philippe no – 179
- Van Durst e iniciação na – 181

Vida futura

- Anna Belleville e crença na – 188
- Antoine Costeau e crença na – 209
- aspecto consolador da – 188
- código penal da – 88, 97
- comida e bebida na – 43
- compreensão da * e coragem na adversidade – 179
- confiança na – 155
- espírita e realidade da – 160
- Espiritismo e – 29
- homem e melhor compreensão da – 25
- incredulidade e apresentação da – 27
- iniciação nos mistérios da – 88
- quadro inventado pela religião e – 27
- senso moral e ideia da – 43
- solidariedade e – 26
- temor da morte e noção insuficiente da – 26

Vida material

prevalência da * sobre a vida espiritual – 26

Vida orgânica

- extinção da * e desprendimento completo do perispírito – 156
- extinção da * e ruptura do perispírito – 156
- extinção da * e separação da alma do corpo – 156

Índice Geral

Vida social

pedra de toque das boas ou
más qualidades e – 34

Vício

vida do homem isolado e – 35
Vignal, Dr., Espírito feliz – 211
agradecimento a Pascal, Espírito, e – 212
Allan Kardec e estudo a respeito
do – 212, nota
antigo membro da Sociedade
de Paris e – 211
desligamento do corpo e – 212
desprendimento encarnado e
desencarnado e – 212, nota
evocação do Espírito – 211
situação no mundo espiritual e – 211

Virgílio, poeta

biografia de – 47, nota
inferno pagão e – 47

Virtude

vida do homem isolado e – 35

Visão extática

revelação e – 88, nota

Vontade

dependência do arrependimento e da
reparação à * humana e – 95
progresso do Espírito pela própria – 92

Vulcano

considerações sobre – 52, nota

X

Xumène, Espírito endurecido

arrependimento e – 329
comunicação do Espírito – 328
egoísmo e – 329
estacionamento do Espírito – 330
guia da médium do Espírito – 329
missão e – 328
orgulho e – 330
regeneração e – 329
sofrimento e – 329
suicídio e – 330

Literatura espírita

EM QUALQUER PARTE DO MUNDO, é comum encontrar pessoas que se interessem por assuntos como imortalidade, comunicação com Espíritos, vida após a morte e reencarnação. A crescente popularidade desses temas pode ser avaliada com o sucesso de vários filmes, seriados, novelas e peças teatrais que incluem em seus roteiros conceitos ligados à espiritualidade e à alma.

Cada vez mais, a imprensa evidencia a literatura espírita, cujas obras impressionam até mesmo grandes veículos de comunicação devido ao seu grande número de vendas. O principal motivo pela busca dos filmes e livros do gênero é simples: o Espiritismo consegue responder, de forma clara, perguntas que pairam sobre a humanidade desde o princípio dos tempos. Quem somos nós? De onde viemos? Para onde vamos?

A literatura espírita apresenta argumentos fundamentados na razão, que acabam

atraindo leitores de todas as idades. Os textos são trabalhados com afinco, apresentam boas histórias e informações coerentes, pois se baseiam em fatos reais.

Os ensinamentos espíritas trazem a mensagem consoladora de que existe vida após a morte, e essa é uma das melhores notícias que podemos receber quando temos entes queridos que já não habitam mais a Terra. As conquistas e os aprendizados adquiridos em vida sempre farão parte do nosso futuro e prosseguirão de forma ininterrupta por toda a jornada pessoal de cada um.

Divulgar o Espiritismo por meio da literatura é a principal missão da FEB, que, há mais de cem anos, seleciona conteúdos doutrinários de qualidade para espalhar a palavra e o ideal do Cristo por todo o mundo, rumo ao caminho da felicidade e plenitude.





O que é Espiritismo?

O ESPIRITISMO É O CONJUNTO DE PRINCÍPIOS E LEIS revelados pelos Espíritos superiores ao educador francês Allan Kardec, que compilou o material em cinco obras que ficariam conhecidas posteriormente como a Codificação: O livro dos espíritos, O livro dos médiuns, O evangelho segundo o espiritismo, O céu e o inferno e A gênese.

Como uma nova ciência, o Espiritismo veio apresentar à humanidade, com provas indiscutíveis, a existência e a natureza do mundo espiritual, além de suas relações com o mundo físico. A partir dessas evidências, o mundo espiritual deixa de ser algo sobrenatural e passa a ser considerado como inesgotável força da natureza, fonte viva de inúmeros fenômenos

até hoje incompreendidos e, por esse motivo, são tidos como fantasiosos e extraordinários.

Jesus Cristo ressaltou a relação entre homem e Espírito por várias vezes durante sua jornada na Terra, e talvez alguns de seus ensinamentos pareçam incompreensíveis ou sejam erroneamente interpretados por não se perceber essa associação. O Espiritismo surge então como uma chave, que esclarece e explica as palavras do Mestre.

A Doutrina Espírita revela novos e profundos conceitos sobre Deus, o universo, a humanidade, os Espíritos e as leis que regem a vida. Ela merece ser estudada, analisada e praticada todos os dias de nossa existência, pois o seu valioso conteúdo servirá de grande impulso a nossa evolução.



Como funciona?

Utilize o aplicativo QR Code no seu aparelho celular ou *tablet*, posicione o leitor sobre a figura demonstrada acima, a imagem será captada através da câmera do seu aparelho e serão decodificadas as informações que levarão você para o *site* da Editora.

Conselho Editorial:

Antonio Cesar Perri de Carvalho – Presidente

Coordenação Editorial:

Geraldo Campetti Sobrinho

Produção Editorial:

Fernando Cesar Quaglia

Coordenação de Revisão:

Mônica dos Santos

Revisão:

Denise Giusti

Mônica dos Santos

Capa:

Wallace Carvalho da Silva

Evelyn Yuri Furuta

Projeto Gráfico:

Rones Lima

Diagramação:

Evelyn Yuri Furuta

Paulo Márcio Moreira

Normalização Técnica:

Biblioteca de Obras Raras e Patrimônio do Livro

Esta edição foi impressa pela Ediouro Gráfica e Editora Ltda., Bonsucesso, RJ, com tiragem de 30 mil exemplares, todas em formato fechado de 150x230 mm e com mancha de 120x190 mm. Os papéis utilizados foram o Offset 70 g/m² para o miolo e o cartão Supremo 250 g/m² para a capa. O texto principal foi composto em fonte Adobe Garamond 12/15 e as títulos em Adobe Garamond 28/34.



Allan Kardec

“É por isso que Deus, que é soberanamente justo e bom, concede ao Espírito do homem tantas existências quantas forem necessárias para atingir o seu objetivo, que é a perfeição.”

Parte do conjunto de cinco obras que formam a Codificação Espírita, *O céu e o inferno* foi compilado por Allan Kardec e publicado pela primeira vez em 1865. Dividido em duas partes, o livro apresenta a ação da Justiça divina e a jornada que aguarda o Espírito assim que ele deixa o plano terrestre.

A primeira parte da obra apresenta as diferentes crenças sobre céu e inferno, anjos e demônios, punições e recompensas depois da morte, além de análises dos conceitos sob o ponto de vista das próprias Leis da Natureza. Já a segunda parte aborda a real situação da alma, tanto durante o processo de desencarnação quanto após a morte, baseada em exemplos e depoimentos de inúmeros Espíritos, bem-sucedidos ou não em suas experiências. *O céu e o inferno* ajuda a esclarecer mais uma face da vida além-túmulo, com suas recompensas e adversidades, de acordo com o mérito de cada um.

ISBN 978-85-7328-755-4



9 788573 287554